MAXIMIANO LEMOS

HISTORIA

DA

MEDICINA EM PORTUGAL

DOUTRINAS E INSTITUIÇÕES

VOLUME I

LISBOA

MANOEL GOMES, EDITOR

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

MDCCCXCIX

HISTORIA

DA

MEDICINA EM PORTUGAL

VOLUME I

MAXIMIANO LEMOS

HISTORIA

DA

MEDICINA EM PORTUGAL

DOUTRINAS E INSTITUIÇÕES

VOLUME I

LISBOA

MANOEL GOMES, EDITOR

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

MDCCCXCIX

Tr. R.

AO ILLUSTRE PROFESSOR

DR. JOSÉ CARLOS LOPES

SEU MESTRE E AMIGO

off.

O auctor.

O livro que vai lêr-se tem como objectivo expôr a maneira como as sciencias medicas foram cultivadas entre nós. Preoccupados com reconhecer as influencias que actuaram sobre o desenvolvimento d'essa cultura, não nos limitamos a estudar os monumentos que nos deixaram da sua passagem os medicos portuguezes, mas examinamos tambem os dos extrangeiros que foram chamados para as nossas escólas e entre nós crearam discipulos e tradição. É claro que, adoptando este plano, nada tinhamos que vêr com aquelles dos nossos conterraneos que foram educados em extranhos paizes e n'elles gravaram vestigios da sua actividade e saber.

Percorrendo caminho ainda hoje cheio de difficuldades, não nos resta a convicção de termos feito obra completa. Para isso, seria preciso accumular muitos materiaes hoje impossiveis de reunir. Os archivos pouco menos estão de inexplorados e

até de muitos livros impressos não obtivemos um unico exemplar. Isto servirá de justificação ao desenvolvimento, que poderá parecer excessivo a muitos leitores, das noticias que apresentamos a proposito de alguns livros que consultamos, quando a sua importancia o não justifique. Quizemos furtar, aos que após nós vierem, trabalho de pesquiza e salvar para os estudiosos documentos que ámanhã ainda serão mais difficeis de encontrar, se de todo não desapparecerem.

Para não alongarmos em demasia este livro, apenas fica notada a espaços a relacionação da historia da medicina nacional com o desenvolvimento geral das sciencias medicas. Facil será, porém, a tarefa a quem seja medianamente versado n'estes estudos.

Não é crivel que d'este livro se venha a fazer nova edição. Se todavia nos enganarmos n'este prognostico, e a importancia do assumpto, mais que a valia da obra, a reclamar, muitas lacunas poderão ser preenchidas, sobretudo se não nos faltar o auxilio dos que algum apreço manifestam pelos estudos historicos.

PRIMEIRO PERIODO

DA CREAÇÃO DOS ESTUDOS EM SANTA CRUZ AO ESTABELECIMENTO DA UNIVERSIDADE

(1130 — 1290)

CAPITULO I

Constituição da monarchia portugueza. — Primeiros estudos: Seminario de S. Paterno; Mosteiro de Santa Cruz; Escólas das Collegiadas. — Influencia das universidades estrangeiras na creação da nossa. — Universidade de Coimbra.

A designação de condado ou districto portugalense apparece pela primeira vez em meados do seculo IX. Era grande a sua prosperidade, e do mesmo modo que Coimbra se tornou a povoação mais notavel sobre o Mondego, assim Portucale veiu a ser no seculo XI, pela sua situação perto da foz do Douro e pela sua antiguidade, a principal cabeça d'um vasto territorio que ao norte comprehendia uma parte da moderna provincia do Minho e ao sul as terras que haviam sido conquistadas até ao Vouga [1].

Quando, pela morte de Fernando Magno, a monarchia que elle tanto engrandecera foi dividida por seus tres filhos, a Galliza, comprehendendo Portugal, coube em sorte a Garcia.

Sisnando, rico mosarabe, que, por circumstancias desconhecidas dos historiadores, se havia passado ao serviço de Fernando Magno, governava, com o titulo de consul, o districto conimbricense, como Nuno Menendes, segundo todas as probabilidades, governava o portucalense.

Discordias entre os filhos de Fernando fizeram passar a

---

[1] Herculano, *Historia de Portugal*. Lisboa, 1846, I, pag. 193.

*

corôa da Galliza para Sancho, rei de Castella, e d'este para Affonso VI, de Leão, que reuniu todos os estados de seu pae, dilatando muito as suas conquistas nos territorios occupados pelos arabes.

Nas suas proezas de guerra foi elle auxiliado por diversos capitães estrangeiros que espontaneamente lhe tinham vindo offerecer os seus serviços, e, entre outros, por Henrique de Borgonha, de uma ascendencia brilhante, que pelos seus feitos conseguiu a mão de Tareja, filha bastarda de Affonso VI, recebendo, como dote ou remuneração dos serviços prestados, a provincia portugalense que passou a constituir bens proprios e hereditarios dos dois consortes.

D'este modo, no anno de 1097, o conde D. Henrique dominava todo o territorio comprehendido entre o Minho e o Tejo.

Os primeiros esforços para desenvolver a instrucção na provincia portucalense foram anteriores á doação feita a Henrique de Borgonha. Datam do consul do territorio de Coimbra Sisnando que, além de valoroso na guerra, zelava o bem estar physico e intellectual dos povos que administrava. O bispado de Coimbra era então governado por D. Paterno, de origem franceza, que primeiro havia sido prelado de Tortosa e viera para as margens do Mondego em 1082. Obtido o assentimento do consul, o bispo de Coimbra fundou, pouco depois de investido no exercicio das suas funcções, um collegio ou seminario onde se recebiam moços de bons costumes, para serem doutrinados nas letras sagradas e se habilitarem a receber as ordens de presbytero. Estes clerigos deveriam habitar em commum e viver sob a regra de Santo Agostinho [1].

---

[1] «Simul cum Consule prædicto pueros nutriuit et eos docuit in Séde Episcopali Sanctae Mariae prædictæ ciuitatis, atque ad ordinem præsbiterij applicavit, et ordenavit eos communiter habitare secundam regulam Sancti Augustini».

Doc. publicado por Fr. Antonio Brandão — *Monarchia Luzitana*, 3.ª parte, pag. 12 v. da ed. de 1632.

O instituto de D. Paterno floresceu junto da sé de Coimbra até 1130. Separaram-se então os conegos, e apenas tres ficaram que, tendo obtido licença do respectivo prelado, fundaram nos arrabaldes d'aquella cidade o mosteiro de Santa Cruz, onde teve começo a ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

Desde a instituição d'este estabelecimento se forneceram n'elle conhecimentos nas artes e sciencias aos que o desejavam, havendo d'entre os seus conegos muitos que a terras extranhas iam buscar o que depois ensinavam no mosteiro.

Foram-se desenvolvendo os estudos, para o que concorreu muito D. Sancho I, mandando applicar uma quantia importante ás despezas que os conegos faziam, estudando em paizes extrangeiros [1]. No reinado d'este soberano D. Gonçalo Dias, prior do Mosteiro e valido do rei, ordenou que um dos conegos que iam estudar a Pariz cursasse medicina para a lêr em Santa Cruz, estabelecendo a primeira aula publica d'esta sciencia no paiz, ao mesmo tempo que creava um hospital junto do mosteiro. D. Mendo Dias, sobrinho do prior D. Gonçalo, então estudante de theologia em Pariz, satisfez as instrucções que de seu tio recebera, e, segundo affirma o chronista, foi o primeiro que leu publicamente a medicina em Portugal [2].

As duvidas chronologicas que a tal respeito se suscitam [3] não parecem grandemente justificadas. A medicina, como to-

---

[1] Em nome de Christo saibão todos os que esta Carta de doação ouuirem lêr que eu D. Sancho, Rey de Portugal e do Algarue, de minha propria vontade, dou e concedo ao mosteiro de Santa Cruz quatrocentos morabitinos de minha fazenda, pera sustentação dos Conegos do dito Mosteiro, que estudão em as partes de França (qui in partibus Galliæ studiorum causa commorantur). Foi feita esta Carta em Coimbra a 14 de setembro de 1199. Padre Nicolau de Santa Maria, *Chronica da ordem dos Conegos Regrantes*. Lisboa, 1668, part. II, liv. VII, cap. XV, pag. 58.

[2] Id., 2.ª parte, liv. VII, cap. XV, pag. 59 e seg.

[3] Ayres de Gouvêa, *Oração inaugural*, recitada na sessão solemne do anno lectivo de 1860-1861 na Escóla Medico-Cirurgica do Porto, in *Gazeta medica do Porto*, I, pag. 289.

das as sciencias, estudava-se nos conventos, cujo remanso era o unico meio favoravel para o seu desenvolvimento, n'um periodo de luctas continuadas.

Os conhecimentos que os ecclesiasticos possuiam, uns aos outros os communicavam, sem que seja necessario explicar esta transmissão pela existencia de escólas regulares [1]. O que é certo, é que anteriormente á creação de estudos medicos no mosteiro de Santa Cruz alguns clerigos tinham feito convergir a sua attenção para este ramo dos conhecimentos humanos e entre outros citaremos D. Pedro Amarello, prior da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, que foi medico do conde D. Henrique e de seu filho [2], e D. Martinho, bispo da Guarda, que foi medico de D. Sancho I e de D. Affonso II [3]. Certamente, que a alta posição que taes medicos occupavam é testemunho da consideração em que era tida a profissão que exerciam.

Ao lado dos estudos de Santa Cruz, floresciam, junto d'outros mosteiros e collegiadas, institutos de ensino que, visando ao principio apenas á disciplina ecclesiastica, abriram ao diante as suas portas aos que as demandavam. Assim, o abbade de Alcobaça, fr. Estevão Martins funda em 1269 no mosteiro da Congregação de Santa Maria aulas publicas de grammatica, de logica e theologia para utilidade commum dos monges da ordem de Cister [4]; o hospital de S. Paulo converte-se em 1266 no collegio de S. Paulo, S. Eloy e S. Clemente, onde

---

[1] Sprengel, *Histoire de la Médecine depuis son origine jusqu'au dix-neuvième siècle.* Paris, 1815, I, pag. 345.

[2] Fr. Agostinho de Santa Maria, *Santuario Mariano,* IV. Lisboa, 1712, pag. 50. — Padre Antonio Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza,* I. Lisboa, 1706, pag. 26. — Padre Torquato Peixoto d'Azevedo, *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães,* escriptas em 1692, impressas em 1845, pag. 244. — Martins Bastos, *Nobiliarchia Medica.* Lisboa, 1858, pag. 6.

[3] Dr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana,* 4.ª parte, pag. 49. — D. Rodrigo da Cunha, *Historia ecclesiastica da egreja de Lisboa.* Lisboa, 1642, pag. 116. — Martins Bastos, op. cit., pag. 7.

[4] Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobaça.* Lisboa, 1827, pag. 55.

o bispo de Evora e Lisboa D. Domingos Jardo admitte dez capellães, vinte mercieiros e seis escolares aos estudos de latim, grego, theologia e canones [1]. Na escóla da collegiada de Guimarães abriu-se igualmente uma aula de grammatica durante o reinado de D. Sancho II [2].

Os esforços feitos pelo clero portuguez para o desenvolvimento da instrucção não deviam ficar n'isto. Já n'esta época em differentes paizes se haviam fundado escólas de sciencias ou universidades por influencia directa ou indirecta de dignitarios ecclesiasticos; mas sobretudo já se achavam estabelecidas tres que deviam ter influencia importantissima no nosso progresso intellectual: Montpellier, Pariz e Salamanca.

A escóla de medicina de Montpellier achava-se já organisada em principios do seculo XII e o seu rapido progredir devera-se especialmente aos arabes e aos judeus. A bulla de 15 de agosto de 1220 dada pelo cardeal Conrart marcava a sua definitiva confirmação, e Nicolau IV em 1289 estendia as suas prerogativas e ampliava o quadro das sciencias professadas, elevando-a á categoria de universidade [3].

A Montpellier acudiam numerosos alumnos de todas as nações, tal era o esplendor que adquirira o seu ensino. Pelo que diz respeito ao nosso paiz, encontra-se no *Cancioneiro da Vaticana* mais do que uma referencia aos usos e trajes d'aquella cidade, o que prova quanto era frequentada pelos nossos conterraneos [4].

A universidade de Pariz, onde aliás o ensino medico se

---

[1] Th. Braga, *Historia da Universidade de Coimbra*, I. Lisboa, 1892, pag. 29.

[2] Padre Torquato Peixoto d'Azevedo, *Mem. resuscit.* já cit. pag. 229.

[3] Astruc, *Mémoires pour servir à l'histoire de la Faculté de médecine de Montpellier*. Paris, 1767, pag. 17 e seg.

[4] . . . .

e trajal uso bem de Monpiller

. . . .

E direy-vos eu doutra maestria
Que aprendeu ogan' em Mompiler.

(Cit. por Th. Braga, op. cit., pag. 73 e 74).

não desenvolveu de principio tanto como na sua rival, não é tão antiga. Só em 1215 houve n'ella cursos regulares de theologia e artes; mas em 1274 já as suas lições de medicina eram muito frequentadas [1]. Vimos que o primeiro que professou esta sciencia entre nós ahi fôra beber os conhecimentos que possuia, e affirmam documentos fidedignos que os conegos do mosteiro de Santa Cruz iam estudar frequentemente *em as partes de França*.

Comquanto se não tenha encontrado documento que o confirme, a creação da universidade de Salamanca é attribuida a Affonso IX de Leão, que aproveitou para esse fim os estudos que já encontrou fundados junto da sé cathedral. Mas o que não soffre contestação alguma é que, em 1243, Fernando III, rei de Castella e Leão, confirmou os privilegios das escólas de Salamanca que seu pae engrandecera. Como, porém, a sancção papal se julgava indispensavel, Affonso X solicitou e obteve de Alexandre IV a bulla de confirmação do Estudo e universidade de Salamanca, expedida de Napoles em 25 de março de 1254. N'esse documento se declara que era este um dos quatro estudos geraes do orbe, equiparando-o aos de Pariz, Oxford e Bolonha [2].

A Salamanca affluia grande numero de estudantes portuguezes. Diz Vidal y Diaz que a universidade se constituira «n'um grande centro scientifico aonde acudia anciosa a mais distincta juventude de Hespanha e Portugal».

Se tantos estudantes andavam pelas universidades e escólas estranhas, procurando conhecimentos que no paiz não podiam adquirir, não é de admirar que se fizessem esforços no sentido de crear entre nós um estudo geral onde se professassem artes e sciencias, e menos é ainda motivo de reparo que

---

[1] L. Thomas, Art. *Ecoles de médecine* in *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences médicales* de Dechambre, XXXII da 1.ª serie, pag. 360.

[2] D. Manuel Hermenegildo Avila, D. Sebastiano Ruiz y D. Santiago Diogo Madrazo, *Reseña historica de la universidad de Salamanca*. Salamanca, 1849, pag. 19. — D. Alejandro Vidal y Diaz, *Memoria historica de la universidad de Salamanca*. Salamanca, 1869, pag. 20.

esses esforços partissem do clero, desejoso de conservar o seu predominio, para assim se oppôr ao espirito secularisador da época.

Aos incommodos e difficuldades das jornadas ao transportarem-se os estudantes para as universidades extrangeiras refere-se a supplica que os ecclesiasticos mandaram, em 12 de novembro de 1288, ao papa Nicolau IV: « por vermos que á falta d'elle, muitos desejosos de estudar e entrar no estado clerical, atalhados com a falta de despezas e descommodos dos caminhos largos, e ainda dos perigos da vida, não ousam, e temem ir estudar a outras partes remotas, receando estas incommodidades, de que resulta apartar-se de seu bom proposito, e ficar no estado secular contra vontade » [1].

Tambem a transformação da escóla de Montpellier em universidade estimularia clerigos e seculares a pedirem a Nicolau IV, que reformára a escóla franceza, que creasse em Lisboa um estudo geral.

Por outro lado, D. Diniz, vendo que o seu paiz era intellectualmente feudatario de extranhos e sobretudo da Hespanha, promoveria a creação d'uma universidade portugueza, aproveitando-se do auxilio que para isso encontrou no clero menor.

O que é certo é que diversos prelados, abbades e reitores e ainda alguns seculares se dirigiram a D. Diniz para se fundar um estudo geral na cidade de Lisboa, o que o rei não poderia deixar de receber de bom grado, se attendermos a que tinha um espirito cultivado e dado ás letras. Animados por este acolhimento, os prelados e parochos conferenciaram sobre o modo de provêr ás despezas, ficando assente desde logo que fossem pagas das rendas dos mesmos mosteiros e egrejas [2].

Assim resolvidas as coisas, os ecclesiasticos trataram de se dirigir ao papa, pedindo-lhe a confirmação d'esta universi-

---

[1] Trad. in *Monarchia Lusitana,* part. v, liv. xvi, pag. 132 v.

[2] Fr. Francisco Brandão, op. cit., part. v, liv. xvi, cap. lxxii, pag. 163 e seguintes.

dade, baseando-se especialmente no proveito que adviria ao ensino clerical da creação de taes estudos. Reunidos em Montemór-o-Novo em 12 de novembro de 1288, o abbade de Alcobaça e os priores de Santa Cruz de Coimbra, S. Vicente de Lisboa, D. Prior de Guimarães, prior da Alcaçova de Santarem e mais vinte e dois reitores de diversas egrejas, d'ahi enviaram a sua supplica ao supremo pontifice, não sendo assignada pelos bispos, naturalmente por andarem litigando com o rei sobre jurisdicções, em tempo em que ainda estava interdito o reino [1].

Esse motivo seria tambem o que levou o rei a não solicitar directamente e em seu nome a creação de taes estudos, emquanto se não decidia a contenda e estabelecia a concordia, o que só aconteceu em fevereiro de 1289 [2]. Não ha duvida, porém, de que fez sentir em Roma quaes eram os seus desejos de que se fundasse a universidade. Assim o dá a entender a propria bulla de Nicolau IV.

Adoptando esta versão relativa á creação do estudo geral, fazemol-o porque é de todas as que se apresentam a unica que se baseia em sólido alicerce, como é a supplica dirigida a Nicolau IV pelos ecclesiasticos. Como, porém, são varias as opiniões sobre o assumpto, não se nos leve a mal que as apresentemos e lhes façamos a verdadeira justiça, apesar de já estarem criticadas ha muito tempo.

Leitão Ferreira [3] julga que D. Diniz, tendo sido educado por D. Americo, bispo de naturalidade franceza, que depois occupou a sé de Coimbra, e devendo-lhe a cultura que tinha de sciencias e artes, havia sido por elle inspirado ao crear aquelle estudo geral que a falta de letrados justificava.

Não repugna admittir tal opinião, mas julgamos, como ficou dito, que D. Diniz não solicitou directamente a creação

[1] Fr. Francisco Brandão, op. cit., liv. XVI, pag. 133.

[2] J. M. d'Abreu, *Memorias historicas da universidade de Coimbra*, in *Instituto*, I. Coimbra, 1853, pag. 202.

[3] *Noticias chronologicas da universidade de Coimbra*. Lisboa, 1729, pag. 5 e seg.

da universidade pelas más relações em que estava com a côrte de Roma.

Fr. Agostinho da Purificação [1] assevera que o rei, vendo a falta de ministros quer ecclesiasticos quer profanos que então se notava, solicitou de Martinho IV, em 1284, o estabelecimento d'uma universidade, o que então se não realisou pela morte d'aquelle pontifice e por embaraços na consignação das rendas que havia de ter o estudo geral, e se não pôde igualmente conseguir emquanto foi vivo o pontifice que lhe succedeu.

Não é conhecido documento algum que sirva de confirmação a este asserto, que tambem se não encontra em auctor algum anterior. Além d'isto, é para extranhar que, tratando-se d'um requerimento real, não se refira a elle Nicolau IV na bulla que confirmou a creação da universidade.

D. Rodrigo da Cunha [2] julga que D. Diniz, guiado pelo bispo D. Domingos Jardo e por outros prelados, instituiu em 1291 a universidade de Lisboa, onde se liam todas as sciencias que os curiosos, por falta de escólas, iam estudar no extrangeiro. Ha aqui duas asserções a examinar: a primeira relativa á influencia de D. Domingos Jardo na creação da universidade, e a outra referente á data em que este facto se realisou.

Quanto á primeira, tudo quanto se póde conjecturar é que um prelado a quem se devia a instituição do collegio de SS. Paulo, Eloy e Clemente, onde se estudava o latim, o grego, a theologia e canones, não podia ser indifferente á creação do estudo geral. Crêmos que não tem outro fundamento a asserção de Theophilo Braga ao fallar no patrocinio que o bispo de Evora dispensou á universidade [3].

No que diz respeito á segunda, ha evidente confusão, fa-

---

[1] *Chronica da antiquissima provincia de Portugal da ordem dos eremitas*, 2.ª parte, 1656, pag. 213 e 213 v.

[2] *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, 1642, pag. 213.

[3] Th. Braga, op. cit., pag. 37.

cilmente explicavel. D. Rodrigo da Cunha não conhecia a supplica dos prelados e foi guiado por erradas informações. É tanto mais plausivel esta conjectura que a *Monarchia Lusitana*, onde pela primeira vez veio á luz aquelle documento, publicou-se em 1650 e a *Historia Ecclesiastica* oito annos antes.

A influencia de D. Domingos Jardo no estabelecimento do estudo geral é tambem affirmada por Francisco da Fonseca [1], sem mais fundamentar a sua asserção do que o fizera D. Rodrigo da Cunha.

Opinião curiosa é a de Antonio de Sousa de Macedo [2], o qual affirma que o estudo geral teve por fundador, além de D. Diniz, sua mulher D. Isabel, «*que como las Reynas en aquellos tiempos antigos entendian mas en las cosas del Reyno, intervino en su fundacion*». As razões são de tal ordem, que nos dispensaremos de as apreciar.

Ás asserções mencionadas cumpre accrescentar a opinião apresentada por Bluteau [3]; que afiança que el-rei, juntamente com os prelados do reino, fez uma supplica ao papa Nicolau IV, em 1288, pedindo a creação da universidade. Esta asserção, menos bem fundamentada, deve perder o valor que a auctoridade do nome que a apadrinha lhe poderia dar, confrontando-se com a supplica dirigida pelos prelados que vem inserta na *Monarchia Lusitana*.

Finalmente, e para concluir, o padre Francisco de Santa Maria [4] falla d'um congresso de todos os prelados e ricos homens do reino, que em 11 de fevereiro de 1288 instituiu a universidade de *Coimbra*, convidando para ella com grandes partidos os homens mais sabios da Europa, obtendo dois annos mais tarde a confirmação de Nicolau IV.

Quem lêr a supplica dos prelados faz a justiça devida a

---

[1] *Evora Gloriosa*. Roma, 1728, pag. 416.

[2] *Flôres de España*. Coimbra, 1737, pag. 69.

[3] Padre Raphael Bluteau, *Vocabulario Portuguez Latino*. Lisboa, 1721, pag. 557.

[4] *Anno Historico*. Lisboa, 1744, I, pag. 248.

esta asserção, e vê que a universidade não teve por primeira séde Coimbra, mas Lisboa.

É por estas razões que julgamos a opinião de Francisco Brandão como verdadeira, visto que se baseia n'um documento authentico, e julgamos mais, com Leitão Ferreira [1], que a parte que a D. Diniz cabe na creação d'aquelle estabelecimento se limita a ter feito sentir em Roma quanto lhe seria agradavel um despacho favoravel á supplica dos prelados do reino, o que até certo ponto se póde inferir das proprias palavras da bulla.

Só dois annos mais tarde, veio a bulla de Nicolau IV confirmar a creação d'estes estudos, e deve attribuir-se a demora ao mau estado das negociações com aquella côrte, como o seu texto o dá a entender, quando diz *sublatis quibusdam obstaculis*, o que com certeza se refere ás controversias entre o rei e o clero [2].

Anteriormente, porém, á chegada da bulla a Lisboa, a universidade estava creada, como se deprehende d'esse mesmo documento. Contaremos todavia o anno em que Nicolau IV confirmou o estudo geral como o do seu começo, no que não fazemos mais do que seguir o exemplo de Leitão Ferreira, o curioso investigador das antiguidades universitarias.

---

[1] Op. cit., pag. 49.

[2] Silvestre Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos Litterarios e Scientificos*, I. Lisboa, 1871, pag. 420.

CAPITULO II

Feição da medicina. — A medicina entre os arabes. — Os ecclesiasticos. — Caracter supersticioso do exercicio da medicina: Fr. Gil de Santarem. — Doutrinas medicas: Pedro Hispano. — O Codigo wisigothico.

Determinar qual a fórma peculiar que teve a medicina entre nós durante os seculos XII e XIII não é tarefa de facil execução. Faltam os documentos, escasseiam os dados, e portanto é em grande parte conjectural o que se affirme.

Durante a época que consideramos, o reinado das doutrinas arabigo-galenicas era indisputado. Quer no ensino, quer na pratica, as opiniões do medico de Pergamo, coadas atravez das longas obras arabistas, preponderaram. E se esta caracteristica é assignalada pelos historiadores ao estado da medicina na idade média, mais se deveria accentuar este facto entre nós que occupavamos um territorio ganho palmo a palmo aos arabes que nos influenciariam pelo conhecimento das letras e das sciencias, elevadas entre elles a uma altura que, nos portuguezes, dados ás guerras contínuas que se travavam nas nossas fronteiras, nunca poderiam attingir.

A civilisação dos arabes na Hespanha havia chegado a um elevado gráo de prosperidade. Se devemos acreditar tudo quanto os historiadores a tal respeito nos referem [1], Cordova,

---

[1] Casiri, cit. por Sprengel, op. cit., II, pag. 255.

desde o VIII até ao X seculo, excedeu em esplendor tudo quanto se póde sonhar.

No kalifado de Abder-rhaman III, diz Alexandre Herculano, a côrte « era frequentada pelos homens mais illustres nas sciencias e nas letras que possuia o islamismo, e a fama da sua grandeza e poder obrigava os mais poderosos principes da Europa a enviarem-lhe embaixadas e a propôrem-lhe allianças » [1]. El-hakem estabeleceu n'aquella cidade uma academia que, durante muitos seculos, foi a mais celebre do mundo e teve como filhos sabios distinctissimos.

De Almansor, diz o principe dos nossos historiadores, que, no seu caminhar de batalha em batalha, costumava trazer comsigo no exercito poetas que celebrassem as suas victorias, e, voltando á capital, o seu palacio convertia-se em uma especie de academia onde eram recebidos e festejados todos os sujeitos notaveis por engenho ou saber. «Visitava as escólas e collegios, e, assentando-se entre os escolares, não consentia que os professores interrompessem o ensino ou mostrassem o menor signal de respeito para com elle. Não poupava dinheiro em recompensar os talentos extraordinarios e assim a fama da sciencia, litteratura e civilisação da Hespanha, e especialmente da capital, attrahia para esta cidade não só as pessoas estudiosas da Africa, mas as dos paizes christãos da Europa; e até os sabios mais illustres do Oriente não duvidavam de vir exercer o ministerio de professores na academia de Cordova » [2].

A bibliotheca de Cordova possuia no X seculo duzentos e vinte e quatro mil volumes. Em Sevilha, em Toledo, em Murcia havia escólas de sciencias que conservaram até ao fim do dominio dos arabes grande reputação. No seculo XII havia setenta bibliothecas na parte da Hespanha sujeita aos mouros.

Apezar de tão notavel apparato scientifico, cumpre dizer que o estado dos conhecimentos medicos não era prospero.

---

[1] *Historia de Portugal*, I, pag. 99.

[2] Herculano, *Historia de Portugal*, I, pag. 108.

Não temos o proposito de traçar aqui a historia da medicina entre os arabes, mas apenas apontar os seus lineamentos geraes; esta simples resenha bastará ainda assim para mostrar que não é infundada a nossa affirmação.

De todos os ramos da medicina aquelle que foi menos cultivado foi a anatomia. Os dogmas da religião mahometana prohibiam a dissecção dos cadaveres, de modo que os conhecimentos, que a este respeito possuiam os arabes, eram colhidos nos livros de Galeno, sem qualquer outra verificação. A unica parte da anatomia regularmente possuida era a osteologia, porquanto não desprezavam as occasiões de a estudarem nos cemiterios. Assim puderam reconhecer alguns erros de Galeno, commettidos na descripção dos ossos do corpo humano [1].

A cirurgia estava longe dos bellos tempos da Grecia e de Roma. Era exercida geralmente por individuos de categoria inferior, e aquelles que mais são apregoados pelos seus conhecimentos cirurgicos limitavam-se a prescrever o tratamento cuja pratica deixavam aos barbeiros e charlatães [2]. Nas obras de Rhasis, onde se encontram alguns subsidios para a historia da cirurgia n'esta época, occupa logar importante o que foi copiado de Galeno e Paulo Egineta. Deve dizer-se, porém, que se encontra ahi a primeira descripção da *spina ventosa,* algumas considerações importantes relativas ás hernias e a descripção exacta d'uma de que o auctor soffria. De resto menciona alguns casos observados por elle, que refere a proposito da revista da maior parte das doenças cirurgicas, classificadas segundo a séde.

Avenzoar mais testemunha a decadencia profunda da cirurgia entre os arabes. Os medicos, diz elle, não praticam a sangria, não tratam das fracturas, das luxações, nem se occupam da medicina operatoria, tudo isso é objecto de desprezo

---

[1] Sprengel, op. cit., II, pag. 263.

[2] L. Boyer, *Histoire de la chirurgie* in *Dictionnaire encyclopédique* de Dechambre, XVI da 1.ª serie, pag. 299.

e abandonado a mãos subalternas (*servitoribus suis*). Nos seus escriptos, vê-se que era um dos poucos que não seguiam o mesmo procedimento, tratando de todas as affecções externas e praticando todas as operações, á excepção da lithotomia que, *por ser offensiva do pudor, não póde pertencer ao medico* [1]. Enganar-se-ha, porém, quem suppuzer encontrar nos seus trabalhos coisas novas e importantes. Diz ter praticado uma hysterectomia, e cita um caso de disphagia, no qual, por meio de uma sonda de estanho, introduziu substancias alimenticias no estomago. Propõe a destruição dos calculos, quando introduzidos na urethra, por meio d'um estylete, na extremidade do qual estava engastado um diamante. Cura a fistula lacrymal pela compressão e pelos adstringentes. N'uma hernia pulmonar excisou a porção herniada com bom resultado. Tendo contrahido um abcesso do pericardio e do mediastino, viu estancar-se a suppuração pouco a pouco, cooperando para esse resultado repetidas sangrias.

Outro arabe conhecido por ter dado grande impulso á cirurgia foi Albucazis. A sua cirurgia que alguns auctores, e entre elles o nosso Sá Mattos [2], consideram muito apreciavel, é hoje tida, porém, como uma simples cópia de Paulo Egineta, depois dos estudos minuciosos de Daremberg. Historiadores ha, porém, que ainda a têm em consideração.

A materia medica alguma coisa adiantou ao que os gregos conheceram. A paixão pela alchimia, que depois continuou a ser um dos principaes fautores do desenvolvimento da chimica, determinou a descoberta de algumas preparações mercuriaes, taes como o sublimado e o precipitado rubro, e de alguns acidos (nitrico, chlorhydrico, etc.).

D'entre as descobertas que mais importancia tiveram n'este ramo da medicina, merece menção especial a dos purgantes eccoproticos, como a cassia, os tamarindos, o senne

---

[1] Boyer, op. cit., pag. 300.

[2] *Bibliotheca elementar cirurgico-anatomica.* Porto, 1788, pag. 48.

e outros que substituiram os drasticos usados pelos gregos [1].

Á pharmacia póde dizer-se que deram feição inteiramente nova. Além da introducção de grande numero de combinações pharmaceuticas, em parte imitadas da polypharmacia de Galeno, adoptaram o uso de formulas approvadas pelo governo e uma certa inspecção ás pharmacias, como o prova, entre outros factos, o do general Afschin visitar em pessoa as do seu exercito, para se certificar de que continham todos os medicamentos designados nas pharmacopêas, e conhecer se essas substancias estavam ou não alteradas [2].

Mas onde a medicina arabe mais demonstra a sua decadencia é na medicina pratica. O amor pelo maravilhoso levou os medicos a não pouparem meio algum de se impôrem ao vulgo. «Não se encontra n'elles, diz Sprengel, a reserva, a circumspecção, a simplicidade, o espirito de observação e o amor da verdade que distinguem o verdadeiro medico do charlatão».

A astrologia e a uroscopia eram os seus conhecimentos mais essenciaes. Isa-Abou-Koreisch fez uma brilhante fortuna por ter previsto, pela observação da urina da favorita d'um kalifa, que estava gravida e daria á luz uma creança do sexo masculino. E o que nem a astrologia nem a uroscopia indicavam, lá estava a sphygmomancia, a observação do pulso, para o reconhecer. Thabeth-Ebn-Ibrahim adivinhava, pela exploração da radial, os alimentos que haviam sido ingeridos.

Os corypheus da medicina arabe são Rhasis, Avenzoar, Albucazis e Avicena. Averrhoes tem mais de ser encarado como philosopho do que como medico.

Nos dois primeiros, sobre os quaes já dissemos alguma coisa a respeito dos seus conhecimentos cirurgicos, ha pre-

---

[1] Soares, *Memorias para a historia da medicina lusitana.* Lisboa, 1821, pag. 72.

[2] Sprengel, op. cit., II, pag. 264.

ceitos aproveitaveis, especialmente no segundo que acceitou em grande parte as doutrinas de Hippocrates. Mas ao tratar-se da medicina arabe, o nome que immediatamente lembra é o de Avicena. «Depois de Aristoteles e de Galeno, diz Sprengel, tantas vezes citado, difficilmente se encontrará um homem que reinasse mais tempo e mais despoticamente sobre as sciencias».

O seu immenso *Canon* não justifica hoje, aos olhos dos modernos historiadores, esse imperio dominador. Profundo sectario da philosophia aristotelica, foi elle quem introduziu na medicina as quatro causas da escóla peripatetica. Convicto admirador de Galeno, a doutrina do medico de Pergamo vasa-se inteiramente nas suas obras, por vezes adulterada. Da larga exposição que se encontra das opiniões de Avicena em todos os livros de historia de medicina, fica uma dolorosa impressão. E justificada é a opinião d'um dos nossos medicos que se exprime nas seguintes palavras: «Não adiantou, pois, Avicena a medicina, que pouco lhe deveu, a não ser o uso dos purgantes eccoproticos. . .; ao contrario, mostrando em seus escriptos ser mui superficial em Anatomia e Historia Natural, perpetuou na Physiologia e Pathologia subtilezas escolasticas inuteis na pratica, e prejudiciaes aos progressos da boa clinica, sobre a qual pouco se afastou do que tinham dito Galeno, Rhasis e outros» [1].

Outro critico accrescenta: «Avicena distingue, disserta, discute muito, mas observa pouco; estende as hypotheses, e mostra pouca originalidade, seguindo sempre no encalço dos seus guias, Galeno, Aristoteles, Aecio e Rhasis e combinando uns com os outros. Tem-se-lhe citado algumas observações interessantes, mas a maior parte não lhe pertencem» [2].

Tal foi a medicina arabe. Cumpre ainda assim dizer que algumas doenças eruptivas, bexigas, sarampo, etc., foram des-

---

[1] Soares, op. cit., pag. 78.

[2] L. Boyer, *Hist. de la médecine* in *Dictionnaire Encyclopédique*, VI da 2.ª serie, pag. 85.

*

criptas pela primeira vez por elles, e que o seu desejo de prognosticar os levou a adiantar sobremaneira o estudo da semeiotica.

No curto espaço que medeia entre a civilisação arabe e a época que consideramos, deu-se como que uma brusca interrupção no caminhar da sciencia. No meio das luctas, á custa das quaes fômos conquistando o nosso territorio, as sciencias eram unicamente estudadas pelos ecclesiasticos. A medicina por elles foi exercida, e nos nossos chronistas podem descobrir-se os nomes de alguns clerigos que se tornaram notaveis no seu exercicio e mereceram a honra de ser nomeados physicos dos nossos primeiros reis. Taes foram D. Pedro Amarello, prior da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, medico do conde D. Henrique [1] e de D. Affonso Henriques [2]; D. Martinho, bispo da Guarda, physico de D. Sancho I e de D. Affonso II [3]; mestre Mendo, chantre da sé de Lamego, e outro Mendo, conego da mesma sé, ambos physicos d'este ultimo rei [4]; mestre Pedro, conego de Evora [5]; mestre Bartholomeu, capellão e medico de D. Affonso III e bispo de Silves; mestre Martinho, conego de Braga; mestre Pedro, conego de Lisboa; mestre Thomé, conego de Santa Maria da Alcaçova de Santarem, todos medicos de D. Diniz, etc. [6]

---

[1] Fr. Agostinho de Santa Maria, *Sanctuario Mariano,* IV. Lisboa, 1712, pag. 50.—Padre Antonio Carvalho da Costa, *Corographia portugueza,* I. Lisboa, 1706, pag. 26.—Martins Bastos, *Nobiliarchia medica.* Lisboa, 1858, pag. 6.

[2] Padre Torquato Peixoto de Azevedo, *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães,* pag. 244.—Martins Bastos, op. cit., pag. 6.

[3] Fr. Brandão, *Quarta parte da Monarchia Lusitana,* pag. 49.—D. Rodrigo da Cunha, *Historia ecclesiastica de Lisboa.* Lisboa, 1642, pag. 116. —Martins Bastos, op. cit., pag. 7.

[4] Herculano, *Hist. de Portugal,* II, pag. 249.

[5] Foral de Villa Viçosa, in *Portugaliæ Monumenta Historica—Leges & Consuetudines,* pag. 719.

[6] Amaral, *Memorias para a hist. da leg. e cost. de Portugal,* nas *Mem. da Academia,* VI, pag. 109.

A instituição do seminario de D. Paterno, e mais tarde a do mosteiro de Santa Cruz, onde só recebiam instrucção individuos que se destinavam á carreira sacerdotal, mais reforça a affirmação de que só n'elles residia o conhecimento das sciencias e mais particularmente da medicina.

Bem diz a este respeito um esclarecido homem de letras, o snr. D. Antonio da Costa: «Nenhuma razão plausivel nos mostra que de tal ensino participasse o publico secular, á excepção dos individuos que tinham em mira a carreira ecclesiastica. Até a propria medicina, de si toda secular, não só era aprendida pelos ecclesiasticos, mas só por elles exercida durante o primeiro periodo dos reis Affonsinos, entreluzindo entre os medicos de maior fama D. Martinho, bispo da Guarda, na qualidade de facultativo de el-rei D. Diniz, e antes d'elle Pedro Julião (papa João XXI) e outros» [1].

Esta influencia do clero na instrucção nacional torna-se bem evidente n'este primeiro periodo da nossa historia da medicina. A creação da universidade foi devida especialmente aos esforços do clero portuguez. A organisação d'este estabelecimento e a sua feição caracteristica eram, como veremos, profundamente ecclesiasticas.

Este exercicio da medicina pelo clero não é facto peculiar apenas ao nosso paiz. Sprengel diz que desde o sexto seculo os monges, entre os christãos do occidente, exerciam quasi exclusivamente a medicina como uma obra de piedade e caridade, como um dever inherente á profissão religiosa [2]. Os demais historiadores assignalam igualmente este facto como o mais importante da medicina n'esta época.

Qual foi a sua influencia?

Tivera a medicina entre os arabes um caracter maravilhoso e sobrenatural. Os ecclesiasticos não lhe imprimiram cunho mais scientifico, e concorreram até para lhe conservar a primitiva feição, deixando de recorrer aos medicamentos or-

---

[1] *Historia da instrucção popular*. Lisboa, 1871, pag. 17.

[2] Op. cit., II, pag. 345.

dinariamente empregados na cura das enfermidades, para invocarem as reliquias dos martyres, e soccorrerem-se da agua benta, da communhão e dos santos oleos.

Seria fastidioso contar as curas que os monges da idade média operaram nos tumulos dos martyres, ou com o auxilio das reliquias. As curas realisadas no tumulo de Santa Ida, mulher de Egberto, no seculo IX, no de S. Martinho de Tours e no de João, bispo de Hagustald; a efficacia miraculosa das cinzas de S. Deusdedito em Benevente, contra todas as especies de febres intermittentes, e tantas outras narrações não passam d'um pequeno numero de exemplos dos que se podem referir para provar a grosseira superstição e a piedade fanatica d'aquelles tempos [1].

Estas miraculosas operações realisavam-se tambem entre nós. Na epidemia que se desenvolveu em 1202, no reinado de D. Sancho I, diz o chronista que os conegos de Santa Cruz acudiam a curar os inficcionados *«não só com temporaes medicinas, mas com as espirituaes dos sacramentos da confissão e sagrada communhão»* [2]. Havia objectos diversos, reliquias de santos, etc., dotados de prodigiosas virtudes. A infanta D. Mafalda possuia um espelho de admiravel efficacia contra a paralysia [3]. Eram levadas aos enfermos imagens que n'elles determinavam extraordinarias melhoras [4].

---

[1] Sprengel, op. cit., II, pag. 346.

[2] Fr. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos conegos regrantes*, 2.ª parte, pag. 64.

[3] «Et unum speculum optimum et habet virtutem contra paralisim». (Testamento da infanta D. Mafalda nas *Provas da Hist. Genealogica*, I, pag. 33).

[4] Existe na Bibliotheca de Evora um ms. em que ha tratados medicos do seculo XIII e a que nos havemos de referir. Como demonstração do que fica escripto, extrahimos d'elle as seguintes receitas:

« Esta mezinha pera nom crecerem as mamas toma o sangue quando crastarem o porco e hunta as tetas com leite e dize destrom destrom sinistrom sinistrom (fol. 155 v.).

«Pera a gota dos lombos toma hua carta e espreve em ella estes nomes e ata no braço in nomine patris et fili et sprituy sancti amen (cruz) sana me

Mas onde podemos encontrar bem marcado este caracter sobrenatural e maravilhoso da medicina portugueza é na vida de fr. Gil de Santarem, aquelle a quem Garrett deu o nome de Fausto Portuguez.

Vamos extrahir, dos numerosos chronistas da vida do santo, material bastante para se ajuizar se era ou não fundamente arreigada a superstição entre nós no seculo XII, e se ella se reflectia ou não sobre a medicina.

Gil Rodrigues, natural de Vouzella, descendia de fidalgos. Seu pae, Ruy Pires de Valladares, era do conselho de D. Sancho I, mordomo-mór da sua casa e alcaide do castello e cidade de Coimbra. Collocado, pois, em posição social elevada, n'uma época de isenções e privilegios, levou uma mocidade cheia de desvarios, o que o não impediu de estudar philosophia e medicina no mosteiro de Santa Cruz «para mais a seu salvo dar á execução os sensuaes pensamentos que o traziam atropellado», diz Jorge Cardoso. Como saísse do mosteiro bastante conhecedor das duas sciencias, foi mandado por D. Sancho I a Pariz para se applicar mais áquelles estudos.

No transito, cedendo a inspirações diabolicas, dirigiu-se a Toledo «onde havia umas tenebrosas e horriveis grutas, nas quaes se ensinava a infernal sciencia (da nigromancia), sendo os leitores e ouvintes discipulos do principe das trevas». Alli esteve sete annos entregando-se á pratica das sciencias occultas, terminados os quaes se foi a Pariz, onde fez pasmosos actos de medicina «ajudado da diabolica sciencia».

Vivia o nosso Gil Rodrigues n'este «pélago de abominação» quando foi tocado de graça, tornando-se então de monstro de vicios em thesouro de virtudes. Tomou em Palencia o

---

domine sanabor salvum me fac et salvus ero quonyam laus uia tu es (cruz) zera (cruz) zera. phi. (cruz) zeebeel (cruz) zelguch + et antany + + + e tres sinos saimões (fol. 162 v.).

«Pera o homem que he quebrado esprevey este evangelho In principio erat verbum et verbum erat em hum uasso de prata e lavao e dallo por tres manhãs a beber (fol. 163 v.), etc., etc., etc.»

habito dos prégadores, e, voltando a Portugal, recolhido á casa de Santarem, ahi viveu santamente, atormentado sempre por allucinações horriveis, durante as quaes o diabo lhe apparecia a solicitar uma alma que lhe fôra promettida.

Não prova a curta resenha que fazemos da vida de S. Gil quanta superstição reinava no exercicio da medicina? A reunião d'esta com a nigromancia não demonstra que o espirito do povo estava sempre disposto a vêr o sobrenatural em tudo aquillo que não podia bem comprehender?

Ouçamos um momento ainda Jorge Cardoso e veremos ainda mais frisado o caracter maravilhoso da medicina do seculo XII. É a narração d'uma cura de gotta praticada em D. Affonso III, de quem o prelado scalabitano era medico. «Indo um dia visitar a el-rei D. Affonso III, que estava opprimido de gotta, com dôres excessivas, achando-se ambos de bordão, um por velho e outro por doente, ao despedir, disse-lhe el-rei com dissimulação: «Troquemos, padre, os bordões, que me parece o vosso melhor que o meu». Não alcançou o lanço a humildade do santo, pois, no instante que trocaram, deixaram as dôres a el-rei, sarando repentinamente, e assim usava d'elle em suas enfermidades, experimentando sempre grande allivio» [1].

Se compararmos estas noticias com aquellas que acima referimos, parece-nos que deve ficar bem assente o caracter maravilhoso e sobrenatural da medicina entre nós. Unicos depositarios da sciencia, os ecclesiasticos faziam uso d'ella, mais como justificação do seu predominio do que como elemento de prosperidade e civilisação [2].

---

[1] Jorge Cardoso, *Agiologio Lvsitano*, III. Lisboa, 1666, pag. 239 e seg. — Fr. Brandão, op. cit., V, pag. 163 v. — Fr. Nicolau de Santa Maria, op. cit., II, pag. 59. — Fr. Luiz de Sousa, *Chronica de S. Domingos*, I. Lisboa, 1623, pag. 83 e seg.

[2] Do ms. atraz citado, extrahimos o trecho seguinte:

«Aquy sse começa huũ liuro de naturas pello quall obraua o muy nobre fissyco ffrey gill da ordem dos pregadores o qual livro ffoy tirado de latim ẽ romançio pera saaberẽ muytos o que em elle jazia || pera tirrar a neuoa

A cirurgia foi quasi totalmente abandonada, porquanto a egreja prohibia-lhes a menor effusão de sangue. Repetidos concilios reunidos em Reims, em Tours, em Pariz, etc., desde 1131 até 1298, interdisseram-lhe terminantemente e sob penas severas a pratica das operações cirurgicas.

Das decisões d'esses concilios encontram-se entre nós vestigios evidentes nas Constituições de alguns bispados que, comquanto muito posteriores em data, consignam disposições de ha muito tempo estabelecidas. Assim, por exemplo, nas do bispado de Leiria, determina-se que nenhum clerigo « exercite

---

dos olhos pera o proido toma duas partes de leite de cabras e a terça deleborom e alcofora os olhos || pera tyrar a neuoa dos olhos toma o ffell deleborom e ho ffell daguea e ho ffell do galo e mestura todo com mell estrumado e alcoffora os olhos esto prouou Ipocras || pera tolher a leepra coze as çimas das maluas em agoa e laua os olhos || pera olhos lagrimossos toma ho çumo do treuo e mesturao com mel estrumado e poino nos olhos || pera tirar a neuoa dos olhos toma o çumo darruda e o çumo da ceredonia e o açefer e o cacotre e alcoffora os olhos || pera esto toma o mel estrumado e mesturao com ffell de cabras e alcoffora os olhos || pera o Inchaço do olho toma a ffarinha das lintilhas e a ffarinha do rio e mesturao com o çumo dos poros e com uynho branco e poilho || pera tirar a neuoa do olho toma o çumo darruda e o çumo da losna e o çumo dos gomos do ffruncho e o çumo do orjavãao e o çumo dos gomos das ssyluas e o leite da molher que ouuer ffilho barom tanto de huũ como do outro e mestura todo com mell e alcoffora os olhos com elle || pera os olhos sangorentos e lagrimossos toma arruda sseca e ffaze della poo e mesturao com mell e poyno em nos olhos e ssararas || pera esto toma o çumo da arruda e mesturao com ssemẽtes do lirio branco || e poylho || pera os olhos ssangoentos toma o çumo da ceradonia e poylha || pera tirar a mazella do olho toma o çumo darruda e o ffell do cabrom e poylho || pera os olhos ssangorentos pissa ho orjavãao e poy-lho ||

« Aquy sse começam os ssinaees dos enffermos quaes ssom mortaes e quaes ssom vidaes pellos qães obraua o muy nobre ffisyco ffrei gill ẽ nos enffermos. s. ẽ esta que mostra (ou mostrou) ẽ este liu.º ||

« Se o ẽffermo ouuer dor em no rrost.º e ouuer ynchado e teuer a mãao ssestra ssobre os peitos e tocar os narizes ameude demostra maao ssynal que acabo de xb. ds morrera ||

« Se o ẽffermo ouuer dor ẽ na cabeça he que aja perdido o ssysso e catalhe anbos os gyolhos e sse os tiuer jnchados e duros que nõ aja ssabor dĩz a canpo he ssynal mortall que a cabo. ix ds morera », etc.

officio de Medico ou Cirurgião, nem mande purgar, ou sangrar alguem, nem mande cortar membro, ou parte d'elle, nem per si o córte ou sangre». Esta disposição modificava-se quando o clerigo exercitasse gratuitamente a medicina, mas ainda n'esses casos era-lhe totalmente vedado sangrar, purgar ou cortar algum membro.

A omissão que se dá n'outros documentos analogos de disposições similhantes não nos quer parecer que queira traduzir a auctorisação d'essa pratica, mas simplesmente que julgam incluida a prohibição nas constituições que vedam o uso de qualquer arma, não devendo ter o clerigo em sua casa outros instrumentos cortantes, que não sejam «uma faca ou duas, as quaes sejam estreitas e curtas e taes que pareçam para serventia do seu comer ou casa» [1].

Deve todavia ter-se como certo, desde o momento que attendamos ás repetidas disposições dos concilios, que os ecclesiasticos ainda continuavam a manejar o ferro, com fim therapeutico, e com fins menos humanitarios, como tambem lh'o queriam prohibir os mesmos concilios [2].

Levamos provado que a medicina entre nós, no primeiro periodo que estabelecemos, foi exclusivamente exercida por ecclesiasticos, e que estes lhe deram um caracter pouco scientifico. Vamos agora vêr se effectivamente eram as doutrinas arabigo-galenicas as que predominavam.

Já dissemos atraz que essa foi a caracteristica da medicina na idade média. Podemos afferir essa asserção pelos documentos que possuimos em relação ao nosso paiz. Vêm em primeiro logar as obras de um medico portuguez, Pedro Julião ou Pedro Hispano, mais conhecido por João XXI, pelo facto de ter sido elevado á dignidade pontificia com esse nome.

Pedro Julião nasceu em Lisboa, na freguezia de S. Julião, pelos annos de 1216 a 1218, e era filho d'um medico, Julião

---

[1] *Const. do bispado do Porto.* Coimbra, 1585, pag. 63 v.

[2] Sprengel, op. cit., II, pag. 351. — J. Theotonio da Silva, *Discurso de abertura no «Jornal da Sociedade das sciencias medicas»*, XXX, 1866, pag. 303.

Rebello, e de Thereza Gil. Depois de estudar em Lisboa, seguiu para Pariz, onde se consagrou á medicina, e voltando á patria recebeu ordens sacras, sendo-lhe confiada a egreja de Santo André em Mafra. Protegido pelo bispo de Lisboa D. Matheus, e, a rogo d'este, por D. Affonso III, em pouco tempo se viu elevado ás maiores dignidades ecclesiasticas.

Nomeado thesoureiro-mór da sé do Porto, successivamente arcediago de Vermoim na sé de Braga e D. Prior de Guimarães; accumulando este cargo com o de deão da sé de Lisboa, foi eleito prelado de Braga, pelo fallecimento de D. Martinho Geraldes. Chamado como tal ao Concilio Lugdunense, convocado pelo papa Gregorio X em 27 de março de 1272, foi feito cardeal e em 13 de setembro de 1276 coroado com a thiara pontificia, tomando o nome de João XXI. É geralmente conhecida a morte desastrada que teve, pouco tempo depois da sua elevação ao throno papal [1].

Além da medicina, era versado na mathematica e na philosophia, sendo certo que, pelo que diz respeito a esta ultima sciencia, teve uma importancia decidida na vulgarisação das doutrinas de Aristoteles.

A seu respeito diz o snr. Th. Braga: «D'este pontifice portuguez, cujo nome figura como bispo de Braga confirmando os documentos do reinado de D. Affonso III, diz Martinho de Fulva: «*Fuit magnus medicus, et scripsit librum de Medicina, qui Thesaurus pauperum vocatur*». Porém a sua grande influencia nas escólas medievaes foi com a logica, as *Summulas*, ás quaes ainda alludia Kant, quando para dizer de um individuo que não tinha juizo, empregava a periphrase: *Falta-lhe a segunda de Pedro*» [2].

Pelo que respeita á medicina, conseguimos vêr todas as suas obras impressas. É a primeira o *Thesaurus pauperum*, livro

[1] Veja-se I. Vilhena Barbosa — *Pedro Julião*, no *Commercio do Porto* de 1873, n.os 56, 62, 79, 88, 96 e 97.

[2] Th. Braga, *Hist. da univ. de Coimbra*, I, pag. 91. Em 1250, acha-se nas Côrtes de Guimarães como deão de Lisboa e arcediago de Braga (*Portugaliæ Monumenta Historica: Leges & Consuetudines*, pag. 185).

de therapeutica verdadeiramente infantil, em que, ao lado das doenças, enumeradas segundo a séde, desde o tegumento externo da cabeça até aos pés, vêm indicadas as substancias a empregar.

A primeira conclusão a tirar da leitura d'este livro é que as obras de Hippocrates eram quasi totalmente desconhecidas então. Abonando-se muitos dos indicados com a opinião dos mais illustres medicos da antiguidade, o nome do velho de Cós em parte alguma apparece. Em compensação, Galeno, Dioscorides, e os arabes Isaac e Avicena são repetidamente citados, sobretudo o primeiro e o ultimo, que em cada pagina mais do que uma vez reforçam a indicação apontada.

Outra circumstancia que immediatamente nos fere é o estado cahotico e informe da therapeutica. A sangria era a base do tratamento de algumas doenças (pleuresia, etc.). Alguns medicamentos de importancia tinham applicação a determinados estados morbidos (o aloes, o opio, a camphora, o meimendro). Mas, ao passo que se fazia uso d'estas substancias, encontram-se no livro a que nos referimos indicados verdadeiramente extraordinarios. Contra o lethargo, a pelle de lebre *com orelhas e unhas,* reduzida a cinzas, dava mirificos resultados. A urina e os excrementos, tanto do homem como dos animaes, tinham frequentes applicações (angina, doenças oculares). Um meio preservativo contra estas era trazer comsigo olhos de lobo. Uma das doenças mais frequentes na idade média foi a lepra. Um decocto feito em vinho de serpente que vivesse em monte arido e escalvado, tomado internamente, curava-a. A estopa embebida em oleo, em que fosse cozida uma vibora, era um adjuvante precioso. Apesar de condemnar os versos e cantos supersticiosos, affirma que quem trouxer comsigo os nomes dos tres reis magos não é accommettido de epilepsia. Não iremos mais longe nas nossas citações. Bastará apenas accrescentar que as demais substancias empregadas eram decoctos de plantas indigenas, a cicuta, o tithymalo, etc. [1]

---

[1] *Thesaurus pauperum* — Petri Hispani pontificis romani, philosophi ac medici doctissimi, de medendis morbis humani corporis Liber: Experi-

Os *Commentarios sobre os livros das dietas universaes* de Isaac não encerram ideias originaes pelas quaes se recommendem á consideração do historiador medico. Mas, como documento, reforçam o que dizemos sobre o *Thesaurus pauperum*. Nas longas dissertações sobre o valor e qualidades dos alimentos, Pedro Hispano auctorisa-se principalmente com as obras arabistas. Este illustre medico conhecia os Aphorismos de Hippocrates, alguns dos livros de Galeno e nomeadamente o Tegni (*Ars parva*), e ainda Oribasio e Ruffo (de Epheso).

São, porém, os arabes os auctores mais versados. Joannicio (Ebn Izhac); Rhasis (Ebn-Secharjah Abou Beke Arrasi); Haly-Abbas (Ali-ben el-Abbas); Serapião (Jahiah Ebn-Serapion); Avicena (Ebn-Sina); Al-Gazali a cada passo abonam as asserções do nosso compatriota. Posterior a elles, é-lhe familiar Constantino Africano (1015-1087), cuja traducção do *Malcki* de Haly-Abbas e o livro *De gradibus simplicium* são citados com muita frequencia. N'esta obra, Pedro Julião apparece-nos, como aliás nas outras, um continuador da tradição arabista.

No *Commentario sobre o livro das dietas particulares*, onde cada uma das substancias alimentares é objecto de explanações sobre a sua importancia nutritiva, gráu de calor e de frio, etc., não se nos deparam igualmente considerações originaes ou sequer vestigios da sua observação pessoal. Os auctores citados são os mesmos, accrescentando-lhes apenas Dioscorides, Philareto e Gerardo. Philareto é um compilador de Galeno, e Gerardo de Salerno é o auctor de um commentario *super Viaticum Constantini*. Ainda aqui encontramos confirmação da predominancia das doutrinas arabigo-galenicas.

---

menta particularia per simplicia Medicamenta ex probatissimis Autoribus & proprijs obseruationibus collecta, continens. Francof, apud hæred. Chr. Egen, 1576. — Existe este livro na Bibliotheca publica do Porto.

Segundo diz fr. Fortunato de S. Boaventura, nos *Litteratos Portuguezes em Italia*, ms. de que por diligencia do snr. A. A. Fonseca Pinto se publicaram alguns excerptos no *Instituto* de Coimbra, XXV, a primeira edição é de Maguncia 1462 ou de Antuerpia 1476, por Theodoro Martini.

Uma das caracteristicas da medicina arabe é a exagerada importancia concedida ao exame das urinas. Pedro Julião tambem publicou um commentario sobre o *Liber urinarum* de Isaac. Não merece analyse demorada, porque não consigna factos de observação propria. Todas as propriedades physicas da urina, a quantidade, a côr, a fluidez, o cheiro, o sabor, etc., são elementos de que o medico póde tirar proveito para o diagnostico e prognostico das doenças. O deposito, a sua côr, e a rapidez da sua formação são tambem para considerar. Na apreciação d'estas qualidades são citados os mesmos escriptores que nos outros commentarios, e apenas encontramos menção pela primeira vez d'outro commentador de Galeno, Theophilo.

As obras de Pedro Julião não são mais, portanto, do que a compilação dos textos arabistas e dos seus commentadores. Motivos ha para acreditar que sejam o reflexo do ensino medico na capital da França, onde estudára [1].

Existe na Bibliotheca de Evora, com o n.º $\frac{\text{CXXI}}{\text{2-19}}$, um manuscripto incompleto, contendo tratados medicos, alguns dos quaes, affirma o snr. Gabriel Pereira [2], serem «em parte de uma redacção portugueza do seculo XIII».

Assim nos parece tambem. O manuscripto é uma compi-

---

[1] As obras de Pedro Hispano que acabamos de analysar contêm-se n'um volume existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa com o titulo de *Omnia opera Ysaac*. Não tem data de impressão, mas collige-se dos prologos que deve ter vindo á luz em Lyon em 1515.

Os commentarios de Pedro Julião têm os titulos seguintes:

1.º *Commentarium singulare doctissimĩ viri Petri hispani olim põtificis maximi Johãnis vicesimi primi super librum dietarum universalium Isaac.*

2.º *Apollinee artis monarche Ysaac filii adoptiui Salomonis regis Arabum: diete particulares: cum vberrimis excellentissimi viri Petri hispani: cõmentariis.*

3.º *Liber vrinarum eiusdem; cum non modice frugis doctissimi viri Petri hispani commentarijs.*

[2] *Documentos historicos da cidade de Evora*, 3.ª parte, pag. 80.

lação desordenada de noções de anatomia, de formulas, de rezas, de signaes prognosticos, e é destituido por completo de valor, a não ser como indicativo das tendencias da medicina nacional n'essa época.

Por alguns trechos precedentemente publicados já se avaliou do fundo de superstição em que assentava o exercicio medico. As rezas e benzeduras, de mistura com algumas plantas indigenas, constituiam toda a therapeutica, quando não era chamada a intervir a sangria que se recommendava igualmente com fim hygienico. Cinco vezes por anno se devia proceder á extracção de sangue: em março, abril, maio, setembro e outubro. Fins diversos se tinham em vista; assim a sangria de março «presta pera o lume dos olhos e alimpa a reima da cabeça»; a de maio levava em vista combater a febre; e a de setembro era excellente para os humores maus e para a postema.

Destaca igualmente, na leitura do manuscripto, a crença na astrologia, que n'outros paizes é assignalada como corrente na pratica da medicina. Não só é affirmada a influencia que as phases da lua têm no proveito da sangria, como se apresenta uma lista de dias *infelizes* que modificavam profundamente a marcha das doenças. Não eram estes os unicos, porém, que prejudicavam o homem; além dos infelizes, havia os caniculares e os aziagos.

«Dias quaniculares querem dizer dias destemperados e dias infelis querem dizer dias que a nelles acidentes que som todos maaos e dias azinhagos querem dizer dias que a em elles pontos maaos de sangue e os dias quaniculares som cento e os dias infelis som XXXII e os dias azinhagos som XXIIII»[1].

A confiança na uroscopia era outra caracteristica da medicina de então. Não menos de vinte côres assignala na urina o manuscripto e nada menos tambem de vinte propriedades se deviam procurar n'ella, e entre ellas «a escuma e o podrimento e a grosura e o humor e o sangue e a area e os pellos e lafurfulla

---

1 Pag. 188 v.

e as escamas e os atomos e a esprema e a cinza e a espensura em cima e em meo e em fundo e em no ypostadi e o esterco e da digestio do estamago asy he o suor e o ypostasi da terceira distençom em todolos membros».

Relativamente ás doutrinas sustentadas, a sua base é o galenismo e o arabismo, mas o auctor anonymo do manuscripto conhecia Hippocrates. Os medicos mais citados são Galeno e Alexandre Tralliano; os arabes Avicena, Joannicio e Isaac; e a escóla de Salerno, com Constantino e Rogerio. Encontram-se, além d'isto, referencias a fr. Gil e a outros medicos portuguezes que não podem ser identificados com certeza.

Independentemente dos esclarecimentos que, sobre a medicina d'aquelle tempo, nos fornecem as obras de que demos conta, ha documentos que nos indicam a grande importancia que era dada á sangria. E não era só com fim therapeutico que se empregava, mas como meio preventivo de enfermidades, ligadas talvez á vida sedentaria.

Nas constituições de Pombeiro mandavam-se sangrar todos os monges de dois em dois mezes, e o fundador do mosteiro de Tojal, no bispado de Vizeu, determinou que os religiosos que n'elle vivessem fossem igualmente sangrados, ainda quando em saude, de seis em seis mezes. Um documento de Pendorada attesta o mesmo costume n'outros mosteiros [1].

Acabamos de vêr quaes eram as doutrinas que reinaram na medicina na época não muito extensa que vae desde a instituição da nossa monarchia á creação da universidade. Falta-nos, para terminar, dizer ainda alguma coisa do seu exercicio. O codigo wisigothico tinha em pouca consideração os que exerciam a medicina. As disposições ignaras d'essa legislação, diz Sprengel que foram seguidas até ao seculo XI n'uma grande parte do occidente; posteriormente a 1085, podemos afiançar, sem receio de errar, que já haviam sido de todo abandonadas entre nós.

Segundo o codigo wisigothico, nenhum medico deveria

---

[1] Viterbo, *Elucidario*, Sanguelexia e Sanguileissia.

sangrar uma mulher ou filha de nobre, sem que um parente ou creado estivesse presente á operação, e, no caso de contravenção á lei, pagaria uma multa de dez soldos, *quia difficilimum non est, ut in tali occasioni ludibrium interdum adærescat.* Quando um medico era chamado para tratar d'uma doença ou pensar uma ferida, necessario se tornava que, logo depois de ter visto o doente, désse uma caução e combinasse o preço por que deviam ser pagos os seus cuidados, mas que não poderia exigir no caso que o doente viesse a morrer. Pela cura da cataracta, receberia cinco soldos; se ferisse um nobre pagaria uma multa de cem soldos, e se elle morresse das consequencias da operação, seria entregue o cirurgião aos parentes do morto, que poderiam tratal-o como lhes parecesse melhor; e, se de qualquer modo estropiasse um servo ou lhe causasse a morte, seria obrigado a restituir outro ao senhor. Quando um medico se encarregasse d'um discipulo deveria este dar-lhe doze soldos pelo seu aprendizado [1].

Estas disposições não nos consta que tivessem correspondentes entre nós, e dizemos isto porque o codigo wisigothico pouco influenciou a nossa primitiva legislação. É certo que por vezes se invocam as leis godas, n'alguns documentos, mas mais parece que como luxo de erudição do que como outra coisa.

Os verdadeiros codigos da nossa legislação foram os foraes, e variavam de terra para terra, conforme usos e costumes d'essas localidades, de modo que cada villa, cada povoação se regia por disposições peculiares. Ora entre ellas não se encontra alguma que faça lembrar as disposições barbaras do codigo dos godos.

Em segundo logar, tambem não ha noticia de que fossem considerados entre nós os *physicos* pelo modo por que aquelles estatutos referem. Pelo contrario, eram bem recebidos, o que é provado pelo grande numero dos que andavam na côrte dos nossos primeiros reis, e que, além de outras distincções,

---

Sprengel, op. cit., II, pag. 349.

tinham a de por vezes serem testemunhas de doações e outros actos importantes da parte do chefe do Estado.

Ainda vem em reforço d'estas considerações a circumstancia de que, sendo em geral ecclesiasticos os que se entregavam ao exercicio da medicina e sendo essa classe a mais privilegiada de todas, difficilmente poderiam caír sobre ella disposições tão vexatorias. E mais é de crêr, que se caíssem, elles se queixassem de taes offensas, o que não ha entre nós documento algum que o possa fazer acreditar.

Em conclusão, fique assente que, se algumas leis portuguezas tiveram por fonte o direito dos godos, o que só para um limitadissimo numero se póde aventurar, não succedeu assim para as que diziam respeito ao exercicio e pratica da medicina que não deixaram entre nós vestigios. As que as substituiram, se algumas houve, não são conhecidas igualmente, e toda a conjectura que a tal respeito se faça é destituida de base.

CAPITULO III

As cruzadas. — Sua influencia na medicina patria. — Albergarias e hospitaes: Congregações religiosas que n'elles serviram. — A lepra e as gafarias.

As cruzadas, que tamanha importancia tiveram no desenvolvimento commercial dos povos e determinaram importantes modificações no seu regime politico, não exerceram na medicina a mesma influencia benefica.

Antes de entrarmos no desenvolvimento d'esta proposição seja-nos permittido mencionar rapidamente quaes foram as nossas relações com a Syria e outros paizes orientaes.

Frequentes vezes fomos visitados pelos cruzados. Lisboa, pela sua posição e pela excellencia do seu porto de mar, era por elles procurada, para obterem mantimentos e refrescos, quer na ida quer na volta das suas expedições ao Oriente.

Nas conquistas que os nossos primeiros reis obtiveram sobre os sarracenos da peninsula, os cruzados, menos por zelo religioso que por amor da rapina, foram-nos de importante auxilio, sendo rara a proeza de guerra a que se não ache vinculada a passagem ou permanencia entre nós d'alguma expedição de soldados da cruz.

A primeira de que temos noticia appareceu entre nós em 1140. Era uma armada franceza de setenta vélas que surgiu junto ao porto de Gaya, e, acossada pelos temporaes, ou por

outro qualquer motivo. veiu fundear dentro do rio. Navegavam para a terra santa, talvez porque os principes christãos da Syria pediam instantes soccorros. Combinou com elles D. Affonso Henriques acommetterem os sarracenos pelo districto de Santarem. A frota desceu ao longo da costa e entrou na bahia do Tejo, emquanto um exercito, marchando por terra, se aproximava de Lisboa. O logar era forte e bem defendido, as forças do rei de Portugal, juntas ás dos cruzados, insufficientes para conquistal-o. Devastados os arredores, a armada velejou para o estreito [1].

Repetiu-se a investida contra Lisboa em 1147. Deu logar a isto outra armada de cruzados que veiu fundear no Douro. Era ella capitaneada pelo conde Arnulfo de Areschot e compunha-se de duzentas vélas que transportavam treze mil homens. Havendo partido de Dartmouth, navegou para as costas de Hespanha, onde foi surprehendida por uma tempestade furiosa que espalhou os seus pequenos baixeis. Estes, depois de buscarem successivamente abrigo em dois ou tres portos das costas das Asturias e Galliza, vieram juntar-se na ria de Noya. Visitaram o celebre santuario de Compostella, e em seguida vieram a entrar no Douro em 16 de junho de 1147. Durante esta demora no Porto, Affonso Henriques resolveu-os a favorecerem os seus designios em relação a Lisboa. Reunida a armada, partiu de novo toda para aquella cidade, subindo pelo Tejo no penultimo dia do mez.

Lisboa caíu então em poder dos christãos. Alguns dos cruzados permaneceram entre nós; e foram elles que ajudaram a conquista de Almada, se não executaram sósinhos essa empreza [2].

Em 1151, planeou Affonso Henriques proseguir na guerra contra os sarracenos. Falto de tropas, procurou engrossar o seu exercito com levas de Inglaterra. Partiu o bispo de Lisboa Gilberto para a Gran-Bretanha a preparar uma cruzada con-

---

[1] Herculano, *Historia de Portugal,* I, pag. 339.

[2] Id., I, pag. 373.

tra Sevilha. Deram as suas diligencias bom resultado e uma armada partiu de Inglaterra para Portugal. Junto com os seus auxiliares, Affonso I foi sitiar Alcacer ainda n'esse anno ou no seguinte. A empreza falhou, e a armada voltou para Inglaterra [1].

Renovou-se a empreza contra Alcacer no anno de 1157. Motivou este facto a vinda de uma nova expedição que navegava para a Syria e que com grande probabilidade se póde acreditar que era a do conde de Flandres, Thierry ou Theodorico de Alsacia. Ainda d'essa vez a tentativa foi mallograda. Alcacer só devia succumbir no anno seguinte, aos esforços dos sós portuguezes que a sitiavam [2].

Em 1189, reinando já D. Sancho, veiu buscar abrigo no Tejo uma nova frota de cruzados. Compunha-se de cincoenta ou sessenta vélas e transportava dez ou doze mil homens da Frisia e da Dinamarca, tendo entre os seus chefes um sobrinho de Knud, rei d'este ultimo paiz. O soberano portuguez conseguiu interessal-os n'uma expedição ao Algarve, tendo então caído em nosso poder o castello de Alvor. Os cruzados depressa se fizeram de véla para o Mediterraneo [3].

Ainda no mesmo anno, entrou em Lisboa uma armada que se havia reunido em Sandwich e se compunha de trinta e sete navios, vindos da Allemanha e de Flandres. Eram soldados que demandavam a Palestina. Capitaneava os allemães Ludwig, landgrave da Thuringia, vindo entre os chefes o conde de Bar Henrique, Airard ou Ailrad, conde de Braine, e varios outros cavalleiros mais ou menos illustres. Ao todo eram tres mil e quinhentos homens de peleja, e auxiliaram D. Sancho na conquista de Silves [4].

Pouco tempo depois, em 1190, outra frota de dez navios, saídos de Dartmouth e pertencentes á expedição organisada

---

[1] Herculano, *Historia de Portugal*, I, pag. 390.
[2] Id., I, pag. 391.
[3] Id., II, pag. 26.
[4] Id., II, pag. 30.

por Ricardo I de Inglaterra e Philippe Augusto de França, demandava Lisboa quando, colhida por uma tempestade, os seus navios se dispersaram, vindo a entrar nove no Tejo e um na bahia de Silves. Os sarracenos ameaçavam então recuperar parte do terreno que lhes havia sido conquistado, e os cruzados prestaram valiosos serviços a D. Sancho na sua repressão [1].

Quasi no fim do seculo XII, pelos annos de 1197, abordava a Lisboa uma armada em que vinham embarcados varios principes e prelados da Allemanha que se dirigiam á Palestina, entre os quaes se notavam o duque da Lorena inferior (Lothier) e Hartwic, arcebispo de Bremen. Acolheu-os ahi com toda a distincção o bispo D. Soeiro. Ouvindo relatar que Silves havia voltado ao poder dos mouros, dirigiram-se áquella cidade, entraram-n'a inesperadamente, mas contentaram-se com desmantelal-a, persuadidos de que D. Sancho não tinha meios para a sustentar [2].

Depois d'esta expedição, só em 1217 é que temos noticia de que entrassem nos nossos portos navios conduzindo cruzados. Era uma frota de duzentas vélas, capitaneada por diversos chefes, entre os quaes se contavam o conde de Withe, e o condestavel da gente de guerra Guilherme, conde de Hollanda. Surprehendidos por uma tempestade, vieram entrar no Douro, d'onde, serenado o mar, velejaram até ao Tejo. Foram estes cruzados que auxiliaram as forças portuguezas na tomada de Alcacer que voltára ao dominio sarraceno [3].

Estas foram as principaes migrações de cruzados que demandaram o nosso paiz. A influencia, porém, que do convivio com tão desvairadas gentes pudesse resultar parece á primeira vista que mais se devia accentuar entre nós, desde o momento que nos recordemos de que muitos se deixaram seduzir pela amenidade do clima e pela fertilidade do sólo, es-

---

[1] Herculano, *Historia de Portugal*, II, pag. 52.

[2] Id., II, pag. 78.

[3] Id., II, pag. 196.

tabelecendo aqui definitiva residencia. Diz a este respeito o mais illustre dos nossos historiadores, referindo-se á expedição de Arnulfo de Areschot: «Muitos, attrahidos pela brandura do clima e pelas outras vantagens que o paiz lhes offerecia, trocaram por elle as ingratas regiões onde tinham nascido, estabelecendo colonias no territorio de Belatha, rapidamente subjugado depois de perdidas para os sarracenos as duas cidades importantes d'este districto» [1].

E adiante accrescenta: «As frotas dos cruzados, ajudando á conquista de cidades importantes, taes como Lisboa e Silves, deixaram ahi sacerdotes, que foram elevados ás primeiras dignidades das restauradas egrejas. D'estes individuos fallam os monumentos; mas devemos crêr que muitos outros tomaram a resolução de ficar n'este paiz, tão superior em tudo ao duro clima da sua terra natal. Effectivamente restam-nos documentos em que figuram nomes obscuros estrangeiros. Espalhados entre os naturaes, o seu numero seria difficil de apreciar já então, e hoje impossivel de avaliar; mas bastará lembrarmo-nos de quanto predominou, ao menos no reinado de Sancho I, o pensamento de povoar o sul do reino, onde escasseavam em demasia os habitantes, mandando-se vir expressamente colonos de fóra do reino; e se além d'isso nos recordarmos do grande numero de povoações fundadas por estes, bem como dos motivos que ha para suppôr que os primeiros colonos attrahiam successivamente outros novos, conheceremos que a influencia do elemento franco na povoação das nossas provincias, especialmente na da Estremadura e do Alemtejo, foi muito mais importante do que em Leão, porque se associou ao povo e contribuiu para augmentar a extensão e a força dos gremios municipaes» [2].

Outro historiador, e dos mais distinctos que possuimos, Pinheiro Chagas, diz igualmente a este respeito: «... as migrações que verdadeira influencia tinham na população do

---

[1] Herculano, *Historia de Portugal,* I, pag. 380.

[2] Id., III, pag. 215.

reino eram as dos cruzados, que paravam aqui para ajudarem os nossos reis n'algumas das suas conquistas. Quando estas expedições religiosas continuavam caminho da Palestina, sempre deixavam atraz de si um grande numero d'esses romeiros militares, seduzidos pela amenidade do clima, e pelas vantagens que os monarchas lhes offereciam. Foi o que succedeu principalmente na conquista de Lisboa, depois da qual a hoste de Arnulfo de Areschot parece que toda ou quasi toda se disseminou pelas provincias marginaes do Tejo, povoando exclusivamente os municipios de Athouguia, da Lourinhã, de Villa Verde, da Azambuja, de Cezimbra e de Ponte de Sôr» [1].

D'estas considerações relativas ao modo como se effectuou a colonisação de Portugal poderia inferir-se que qualquer influencia que os cruzados tivessem sobre a medicina, mais se deveria fazer sentir entre nós. Não se trataria d'uma impressão transitoria e passageira, como a que se traduzisse na curta demora que as expedições tinham nos nossos portos, mas a acção permanente e duradoura da disseminação dos cruzados na massa da população portugueza, o cruzamento da raça, a transmissão de vicios adquiridos ou herdados.

Mas, se pensarmos por um momento em que, durante a organisação, digamos assim, da nossa patria, cada palmo de terra arrancado aos infieis custou muitas vidas e muito sangue, e que n'essas condições não era necessario irmos buscar a longes terras inimigos da fé para combatermos; se nos lembrarmos de que algumas expedições de cruzados, ao dirigirem-se para a Palestina, obtiveram dos papas indulgencias analogas ás que se davam aos peregrinos da Syria, para pelejarem contra os sarracenos da peninsula; se tivermos presente que Paschoal II, tendo em vista o mal que poderia resultar á christandade de se enfraquecer o baluarte occidental contra os mouros, duas vezes prohibiu que os habitantes da peninsula se cruzassem; se attendermos ainda a que a maior parte

---

[1] P. Chagas, *Historia de Portugal*, I, pag. 197.

dos soldados da fé que se amalgamaram com a população portugueza se dirigiam para a Palestina, e, ficando entre nós, se subtraíam ao contagio da lepra nos paizes orientaes, a influencia das cruzadas fica entre nós bastante reduzida.

Por outro lado, e concordando com o que acabamos de dizer, não registam os monumentos historicos grande numero de portuguezes que demandassem as terras orientaes. Á excepção do conde D. Henrique, de Gualdim Paes, mestre do Templo, de Affonso de Portugal, filho illegitimo de D. Affonso Henriques, e D. Soeiro Raymundes, rara noticia se encontra de portuguezes illustres que deixassem os combates com os mouros do occidente pelas guerras com os do oriente [1]. Acaso se póde aventurar que os freires das ordens militares e poucos mais o fizessem, o que de modo algum poderia affectar notavelmente a população portugueza.

As migrações successivas e contínuas que se demoravam na peninsula, ou n'ella se vinham estabelecer definitivamente, alguma influencia tiveram sobre a medicina, havendo até quem a supponha da maxima importancia.

Sprengel [2] e Chinchilla, [3] ou melhor o primeiro apenas, visto que o segundo não faz n'esta parte mais do que copial-o textualmente, assignalam, como traducção da influencia das cruzadas, os seguintes factos:

1.º O systema feudal recebeu um abalo violento. Graças ás immunidades concedidas aos defensores da fé, augmentou o numero dos homens livres, havendo maior numero de medicos que não foram monges;

2.º A superstição augmentou extraordinariamente, visto

---

[1] Canaes de Figueiredo, *Apontamentos sobre as relações de Portugal com a Syria no seculo XII*, in *Memorias da Academia*, classe de sciencias moraes, politicas e bellas letras, nova serie, I, pag. 48 e seg.

[2] Sprengel, *Histoire de la médecine depuis son origine jusqu'au dixneuvième siècle*, II, pag. 366 e seg.

[3] Chinchilla, *Annales historicos de la medicina en general*. Valencia, 1841, I, pag. 293 e seg.

como se encontrava no Oriente occasião de satisfazer o gosto pelo maravilhoso e pelas aventuras cavalheirescas;

3.º O numero dos hospitaes elevou-se tambem, quer porque se quizessem imitar os costumes orientaes, quer porque, propagando-se a lepra, se tornassem mais necessarias estas instituições;

4.º A lepra generalisou-se em todo o occidente;

5.º Manifestaram-se depois das cruzadas uma multidão de doenças impuras;

6.º As cruzadas desenvolveram o commercio, affluindo então ao occidente mercadorias e medicamentos dos paizes orientaes.

Escasseiam os elementos para se resolver se se davam entre nós todas estas condições. Vamos vêr ainda assim que uma grande parte d'ellas se podem applicar á medicina portugueza d'essa época.

Não restam duvidas algumas de que o systema feudal recebeu por toda a parte um abalo fortissimo com o desenvolvimento das peregrinações religiosas, e d'este modo é possivel que passasse maior numero de pessoas leigas a entregar-se á pratica da medicina. Entre nós, porém, suppomos que se não deu coisa similhante, em primeiro logar porque nunca houve no nosso paiz verdadeiro systema feudal e em segundo logar porque tudo nos auctorisa a acreditar que a medicina era exclusivamente exercida pelos ecclesiasticos.

Este facto torna para nós mais verdadeira ainda a segunda conclusão de Sprengel, relativa ao augmento da superstição. Já atraz fizemos conhecer factos que demonstram á saciedade o quanto esta asserção é verdadeira. Como consequencia d'estas peregrinações religiosas, manifestou-se grande incremento na creação de hospitaes e albergarias, que tinham mais por fim acolher os romeiros do que o tratamento dos doentes.

Os primeiros hospitaes que possuimos foram as *albergarias*. Esta palavra não corresponde bem á ideia que fazemos hoje de um hospital, e effectivamente esses estabelecimentos afastavam-se por mais d'um ponto de vista das nossas casas de

tratamento de doentes. Eram as albergarias destinadas a recolher os pobres, e talvez, mais do que isso, a traduzir na pratica o preceito christão de dar pousada aos peregrinos.

Confirma esta supposição o testamento de D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques. Referindo-se ao seu hospital de Canavezes diz a devota princeza: «... hospital de Canavezes se repairaró sempre bem e cumpridamente o paço, que pera ello leixo ordenado, o qual estará sempre liure e bem repairado de telha e madeira, e com boas portas fechadas, por que os peregrinos que albergarem não recebam algum desaguisado e sejam hi camas boas e limpas em que se possão bem albergar noue d'esses peregrinz aos quaes serão dadas raçoins de entrada e saida e lume, agua e sal quanto lhe fizer mister. E finando-se algum d'esses peregrinz seja enterrado com tres missas de sobrealtar e com panno e cera...» [1]

O mesmo se conclue d'uma antiga chronica de Santa Cruz. Referindo-se á creação do hospital de Jerusalem, em Evora, diz que D. Affonso Henriques «deu pera comprarem em beens de raiz oyteenta mil dinheiros douro. E os pobres de christo fossem hy recebidos com caridade, aos quaes dessem a cada huum senhos paães de trigo e senhos vasos de vinho, e que o metam em sua oraçom» [2].

Infere-se ainda o mesmo de documentos posteriores a esta época e a que adiante teremos de referir-nos. Fazendo obra por elles, as albergarias eram especies de recolhimentos, onde recebiam agasalho os pobres e passageiros, sendo tratados aquelles que adoeciam e que para esse fim eram apartados dos restantes.

Esses estabelecimentos estavam muita vez annexos aos mosteiros, e, sympathica como era a instituição, serviam de pretexto para a obtenção de riquissimos donativos que iam

---

[1] Fr. Antonio Brandão, *Mon. Lusitana*, 3.ª parte, pag. 190 v.

[2] *Portugaliæ Monumenta Historica — Scriptores,* I. Olisipone, 1856, pag. 24.

engrossar as rendas d'essas corporações. Não era, porém, só junto dos mosteiros que se erguiam essas casas; todas as terras d'alguma importancia e as estradas tinham as suas albergarias. Em geral póde dizer-se que os rudes barões dos primeiros tempos da nossa monarchia estabeleciam junto dos seus castellos, que serviam de nucleos a importantes povoações, casas destinadas ao agasalho de peregrinos [1].

As primeiras de que temos noticias datam do governo do conde D. Henrique e D. Tareja. Em 1097 comprou o presbytero Pedro umas casas em Pena-Cova para crear uma albergaria [2]. A rainha coutava depois a Gonçalo Eriz a quinta de Oseloa, estabelecendo de mão commum outra albergaria em Mezão Frio [3]. A ella são devidas com toda a probabilidade, as de Moledo, Amarante e Canavezes.

Desde então, começam a vulgarisar-se entre nós os edificios d'esta natureza. Successivamente, apparecem mencionadas as albergarias de S. Bartholomeu em Lisboa; de S. Antonio do Cantaro; do Mondego ou de Cabadoudi, e da Ponte de Lavradio.

Não é preciso compulsar grande numero de documentos para encontrar a noticia das que se foram estendendo por todo o Portugal. Nós, folheando as *Chorographias,* pudemos achar vestigios das seguintes, que com certeza são uma pequena parte das que existiam:

Albergaria das Cabras, proximo de Arouca, e da Serra da Freita, junto de Roças, fundadas por D. Mafalda em 1280; outra no sitio onde hoje é Albergaria-a-Velha, creada em 1120 por D. Thereza; outra nas Caldas d'Aregos, estabelecida por D. Mafalda, filha de D. Sancho; as de Cepellos e de Chaves, fundadas por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I; uma albergaria em Leiria, já existente em 1222 com o nome de Nossa Senhora de Todos os Santos; outra em Loulé, que já se achava estabelecida no reinado de D. Affonso III. Além d'estas, as

---

[1] Herculano, *Historia de Portugal,* II, pag. 241.

[2] Doc. de Lorvão, cit. por Viterbo, *Elucidario,* verb. *Albergaria.*

[3] Doc. das Bentas do Porto, in ibid.

seguintes de cujos fundadores temos insufficiente noticia: albergaria de S. Roque, em Guimarães; as nove do Porto, entre as quaes a de Santa Maria de Roca Amador; da Ucanha, proximo a Lamego; de Santa Maria e S. Braz, em Tavira; Albergaria dos Fusos; uma em Almalaquer, outra em Alter do Chão, outra na Ameixoeira; as do arrabalde da Ponte, em Leiria; as de Campo Maior, de Celorico de Basto, de Chileiros, da Insua, de Turcifal; as de Lisboa, dos Olivaes, d'Ourem, de Padroz; as de S. Roque e S. Miguel em Guimarães, a de Odivellas, a de Poiares, etc.

Além d'estas albergarias e de muitas outras que é ocioso enumerar, estabelecimentos havia com a designação clara de hospitaes. Julgamos, porém, que não passavam de instituições analogas ás albergarias, por quanto ha documentos em que são indifferentemente designadas por hospitaes e por albergarias determinados estabelecimentos. Seja como fôr, pertencem a este grupo o hospital dos pobres em Santa Cruz, o dos captivos em Santarem, o de Santo Eloy em Lisboa, fundado por Domingos Jardo em 1293, o hospital do Espirito Santo em Torres Vedras, o de Lisboa, creado por Tareja Annes, o de Guimarães, junto á Torre Velha; o hospital de Jerusalem, d'Evora, creado por D. Affonso Henriques; os hospitaes de S. Thiago e de Santa Catharina, no Porto, etc., etc.

D'entre estes estabelecimentos ha dois que merecem menção especial. Queremos referir-nos aos hospitaes de meninos engeitados de Lisboa e Santarem. A creação d'este ultimo foi, ao que parece, devida a um medico portuguez, D. Martinho, bispo da Guarda, o qual obteve para elle o poderoso auxilio de D. Diniz e de sua mulher, a rainha Santa Isabel. Tambem não eram destinados ao tratamento das creanças, sendo antes uma especie de recolhimento ou creche. O primeiro testamento de D. Diniz assim o parece indicar quando diz: «pera criarem hi meninos engeitados, e pera lhes manter amas ataá que sejam despesas» [1].

---

[1] Nas *Provas da Hist. Genealogica* de Sousa, I, pag. 101.

Os hospitaes e albergarias, de que nos temos occupado, tiveram dentro em pouco ao seu serviço mais do que uma congregação religiosa. A primeira d'ellas foi a de *Santa Maria de Roca-Amador.*

Santo Amador, ao que nos diz Viterbo, floresceu em Narbonna, na França, passando o ultimo quartel da vida, separado de todo o contacto dos mortaes, só em altissimo rochedo. D'ahi o nome. Começando a produzir-se grandes maravilhas na sua sepultura, erigiu-se alli uma egreja com o nome de *Santa Maria de Roca-Amador,* e junto d'ella um hospital para soccorro dos pobres enfermos que eram n'elle assistidos por individuos cheios de caridade. Começaram então a chover valiosos donativos sobre o novo instituto que se foi estendendo por varios paizes, com o nome de Eremitas de Santa Maria de Roca-Amador. Consagravam-se ao tratamento dos doentes nos hospitaes.

Entrou esta religião em Portugal com os cruzados que em 1189 vieram buscar abrigo no Tejo, e que auxiliaram o nosso D. Sancho I na conquista de Silves. Este fez-lhe doação da villa de Sóza, que se acha hoje coberta de areias, e fica proximo da cidade de Aveiro.

Estabeleceram ahi a sua séde e foram-se logo diffundindo pelas albergarias e hospitaes de Lisboa, Porto, Coimbra, Santarem, etc. Grande numero de dons e offertas tornaram desde logo rica a nascente instituição. Affonso II, no seu testamento de 1221, contempla Santa Maria de Rocamador, deixando-lhe dois mil morabitinos [1]. Nas inquirições de Affonso III vem mencionadas, segundo diz Viterbo, grande numero de terras que pertenciam a Rocamador. Santa Isabel, no seu testamento de 1327, deixa tambem uma elevada quantia a esta religião [2]. Mais tarde, entrando a corrupção n'este instituto,

---

[1] «Sanctæ Mariæ de Rocamador ij morab. pro meo anniversario». Test. de 1221 de Affonso II, in *Prov. da Hist. Geneal.*, I, pag. 35.

[2] «Item, mando a santa Maria de Recamador trezentas libras». Test. de Santa Isabel in *Provas da Hist. Geneal.*, I, pag. 119.

como era vulgar em todas as congregações religiosas, Affonso V, com auctorisação de Pio II, fez commenda da ordem de Santiago a villa de Sóza, que tinha por nome *Santa Maria de Rocamador,* extinguindo-se esta ordem hospitaleira. Os outros bens que possuia é de crêr que se incorporassem nos rendimentos dos hospitaes que então foram reformados [1].

Outra congregação que cumpre seja rememorada igualmente é a dos religiosos de *Santo Antão.* Estes religiosos tiveram o seu principio tambem em França, no anno de 1095, e licito é conjecturar que entrassem no nosso paiz com os cruzados. Tinham por fito especial o tratamento d'um mal horrivel que então assolava differentes pontos da Europa.

A doença chamada *fogo de Santo Antão* e *fogo sagrado* pertence ao numero das que hoje estão extinctas, mas é de crêr que este nome se désse a mais do que uma das muitas variedades de dermatoses pruriginosas. O documento mais antigo existente em França a este respeito é a chronica de Frodoart relativa ao anno de 945, e uma passagem d'ella diz que n'esse anno morreram em Pariz muitos individuos de fogo de Santo Antão.

A doença queimava os pacientes pouco a pouco, até que se consumiam sem remedio. Para evital-a, os habitantes de Pariz abandonavam a cidade em direcção ao campo. Outros documentos referem-se a um ardor insupportavel, seguindo-se-lhe por vezes o esphacelo de braços e pernas. Tornavam-se estes negros como o carvão, e os individuos que sobreviviam ficavam privados do seu uso. Estes caracteres têm feito crêr ao geral dos auctores que o *fogo de Santo Antão* era uma especie de ergotismo gangrenoso, mas Anglada suppõe, e quer-nos parecer que com razão, que a doença desappareceu de todo hoje, apezar de algumas analogias que apresenta com aquella molestia. Finalmente julgamos tambem que as doenças de pelle que se acompanhavam de grande prurido eram

---

[1] As noticias que aqui apresentamos são na sua maior parte extrahidas do *Elucidario* de Viterbo, palavra *Rocamador.*

igualmente designadas com este nome [1]. Um chronista moderno diz que pelo nome de *fogo de Santo Antão* era entre nós designada a erysipela.

Não se encontra nos nossos historiadores noticia alguma de epidemia d'esta doença. Este facto, que á primeira vista surprehende, não póde servir para negar o seu desenvolvimento entre nós, e, antes é de crêr que nos variados contagios que se designaram nos antigos documentos com o nome de *peste* entrasse o mencionado *fogo de Santo Antão*, ou que fosse confundido com alguma especie de lepra. Deve, porém, dizer-se que, ainda quando assim succedesse, essa doença não tomou entre nós grandes proporções. Se da mesma sorte que a lepra, acompanhava as immigrações dos cruzados, razões que produzimos e produziremos levam á conclusão de que a terrivel doença não tomou entre nós o incremento que n'outros paizes attingiu.

Entrados em Portugal, tiveram os religiosos de Santo Antão cinco mosteiros. O primeiro ficava em Benespera, no bispado da Guarda, junto á ribeira do Teixeira, e era o cabeça de todos os outros que esta religião possuia; o segundo era o de Santo Antão o Velho, em Lisboa, no sitio a que hoje se chama Annunciada; o terceiro foi instituido em Santarem, fóra da villa, onde mais tarde esteve a ermida de Santo Antão; o quarto era o de Santo Antão da Aveleira; o quinto e o ultimo foi o de S. Domingos de Besteiros, no bispado de Vizeu.

Diz fr. Nicolau de Santa Maria que o motivo principal da extincção d'estes conegos foi o caír a ordem em poder de commandatarios. Reduziram-se então os mosteiros a uma commenda que D. Manoel deu em 1510 a Ruy Lopes, o qual pela sua parte mais tratou de lhe aproveitar as rendas do que de zelar dos religiosos. Essa commenda achava-se vaga no

---

[1] Arnould, art. *France* in *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Médicales*, v da 4.ª serie, pag. 599. — Laveran, art. *Feu sacré*, in ibid., II da 2.ª serie, pag. 1.

tempo de D. João III, que fez d'ella mercê aos padres da Companhia [1].

Um dos factos por que se traduziu a influencia das cruzadas na Europa foi o grande desenvolvimento da lepra. Esta doença era já conhecida na Europa, observando-se com bastante frequencia na França e na Italia, mas depois das migrações religiosas tomou um incremento que nunca tinha apresentado até alli.

Julgam os historiadores diversamente o facto, tornando-o dependente do contagio, facilitado pelas fadigas, pela mudança de clima, pelas privações de toda a ordem, pelos cuidados dispensados aos leprosos, pelo uso das roupas de lã e pela frequencia extraordinaria dos banhos publicos.

Seja como fôr, é certo que só em França se contavam no seculo XIII dois mil leprosorios e que a Europa possuia dezenove mil estabelecimentos d'esta natureza. Havia cidades na Inglaterra, na Escossia e na Irlanda que tinham dezoito e vinte.

Os leprosos adquiriram por vezes tantas riquezas, que Filippe V, rei de França, os accusou de fomentarem uma revolta e quiz fazel-os queimar para lhes confiscar os bens [2].

Em Portugal desenvolveu-se tambem a lepra posteriormente ás cruzadas, sem que fosse totalmente desconhecida antes d'ellas; mas as circumstancias que lá fóra lhe deram notavel incremento faltavam no nosso paiz. Envolvidos como estavamos em rude peleja contra os musulmanos, todo o esforço de nobres e villões era requerido para livrar o territorio das hostes agarenas. Não faltava entre nós incentivo de gloria ás ambições guerreiras, nem riquezas de mouros para saciar a cubiça dos christãos. Não podiamos nem precisavamos de ir combater ou peregrinar á Palestina, estando por esse facto livres até certo ponto das causas a que em geral se suppõe devida a lepra. Diz um escriptor nosso que em

[1] Nicolau de Santa Maria, op. cit., 1.ª parte, pag. 231.

[2] Sprengel, op. cit., II, pag. 374. — Arnould, art. *France* in *Dictionnaire Encyclopédique des sciences médicales,* V da 4.ª serie, pag. 588. — Brassac, art. *Elephantiasis* in ibidem, XXXIII da 1.ª serie, pag. 415.

Portugal nunca houve alistamentos para expedições de cruzados, antes estes vieram por vezes, como atraz ficou dito, auxiliar-nos na tomada de Lisboa, Silves e Alcacer [1].

O mesmo pensam, em relação á Hespanha, Davila, Ruiz y Madrazo:

«El furor de las Cruzadas no tuvo en España ese caracter de universalidad ni de facil fanatismo que en las demas regiones de Europa: estábamos aqui en una cruzada continua, intensa, incesante, no sostenida solo por motivos religiosos, sino por la diferencia de razas y por la posesion del suelo y del hogar: circunstancia muy reparable que puede esplicar la profunda tenacidad del pensamiento español, eminentemente religioso mas adelante y que no podia menos de imprimir un profundo sello á la instruccion nacional» [2].

Estas considerações levam a suppôr que a doença não teve entre nós o mesmo desenvolvimento que tomou em outros paizes, comquanto haja noticia ainda assim de grande numero de leprosos. São documento bastante do que affirmamos os testamentos dos nossos primeiros reis, em muitos dos quaes se consignam importantes donativos que lhes são feitos. Se pela valia d'esses legados se pudesse concluir alguma coisa, teriamos que a propagação da doença foi rapida, porque as sommas vão augmentando consideravelmente. O primeiro documento que se refere aos leprosos do reino, d'entre os que vieram ao nosso conhecimento, é o testamento de D. Sancho I [3]; d'ahi em diante, raras são as ultimas disposições d'alguma pessoa d'elevada jerarchia que não attendam á sua sorte. O rei *gafo* Affonso II, Sancho II, Affonso III, D. Diniz,

---

[1] J. Maria Nogueira, *Duas palavras sobre hospitaes*, no *Panorama*, IX, 1846-1852, pag. 335.

[2] *Reseña historica de la universidad de Salamanca*. Salamanca, 1849, pag. 20.

[3] «Cætera omnia de meo reposito dentur leprosis Colimbriae.... Præterea dedi pro anima mea Abbate Alcūp. de arca mea x morabitinos, de quibus faciat unam Gafariam in Colimbria». (*Testamento de D. Sancho I*, de 1209).

Santa Isabel, etc., todos tiveram em vista minorar a desventura dos morpheicos [1]. No tempo do rei lavrador, a doença chegára, crêmos nós, ao auge da sua intensidade, não só porque o legado é bastante avultado, como porque d'alli em diante nenhum dos documentos d'igual natureza consigna a mais remota lembrança dos leprosos. Bem se deixa perceber d'aqui que a causa do maior desenvolvimento estava nas peregrinações religiosas, visto que, quando ellas terminaram, a doença foi em via de declinação.

O numero de *gafarias*, especie de lazaretos em que eram encerrados os leprosos, não attinge no nosso paiz cifra que se aproxime, sequer de longe, do espantoso algarismo que lá fóra o representa. Já atraz deixamos notado que havia cidades da Escossia e Irlanda que possuiam dezoito e vinte leprosorios. Pois, em todo o Portugal, não alcançamos noticia de numero muito maior, tendo portanto o paiz pouco mais gafarias do que possuia qualquer d'aquellas cidades, a menos que muitas escapassem ás nossas persistentes diligencias. As de que obtivemos noticia são as seguintes:

No districto de Braga, as de Braga, Guimarães, Fafe e Gafes, concelho de Cabeceiras de Basto; no de Vianna, a de Ponte do Lima, a de Valença do Minho e a de Gafarim, con-

---

[1] «Et de illo quod remanserit de ista mea tertia, mando quod dent Ecclesiis pauperibus de Regno meo, & pontibus, & Leprosis sicut ipsi vederint pro guisato». (*Testamento de D. Affonso II*, de 1221).

«Mando etiam omnibus domibus Leprosorum de meo Regno D. morab. & dividantur inter illos sicut viderint pro guisato illi, qui meam mandam tenuerint». (*Testamento de D. Sancho II*).

«Item omnibus Leprosis de Regno meo mille libras». (*Testamento de D. Affonso III*, de 1271).

«Item mando a todolos gafos dos meos Regnos duas mil libras, apartamnas meus testamenteiros, como virem por bem». (*Testamento de D. Diniz*, de 1322).

«Item aos gaffos d'essas mesmas villas (Lisboa, Santarem, Leyria, Obidos e Coimbra) cem liberas». (*1.º Testamento de Santa Isabel*, de 1314). No segundo, de 1327, dobra a importancia do legado.

celho de Ponte do Lima; no de Bragança, a d'esta cidade; no de Villa Real, a de Mesão Frio; no de Coimbra, a d'esta cidade; no de Aveiro, a de Gafanha, concelho de Ilhavo, e a d'igual nome, no concelho de Vagos; no do Porto, as d'Alfena, concelho de Vallongo, a d'Amarante, a de Gaya e as do Porto; no de Vizeu, a de Lamego, a de Lafões, a de Gafanhão, concelho de Castro Daire, e a de Gafanhoeira, concelho de Rezende; no da Guarda, a de Pinhel; no de Lisboa, as de Alcacer do Sal, Alemquer, Torres Vedras, Sacavem, Cascaes, Setubal, as duas de Lisboa, a de Almada e a da villa de Póvos; no de Santarem, a d'esta cidade; no de Leiria, a de Leiria, a de Carpalhosa junto d'esta cidade, a de Porto de Moz, a de Obidos e a de Vermoil, concelho de Pombal; no de Evora, a d'esta cidade, a de Montemór-o-Novo, a de Portel, a de Gafanhoeira, concelho d'Arrayollos; no de Portalegre, a de Gafete, concelho do Crato, e no de Faro, as de Tavira e Serpa.

As gafarias estavam situadas fóra das povoações e em local geralmente elevado. A existencia dos seus habitantes passava-se fóra do convivio dos seus similhantes, não podendo comer ou dormir com pessoa alguma. Certamente entre nós se dava o mesmo; era-lhes completamente vedado entregarem-se á profissão ecclesiastica [1].

---

[1] *Constituições do bispado do Porto*, cit. pag. 33.

CAPITULO IV

A hydrologia medica. — Banhos e aguas mineraes

Ficou provado o caracter supersticioso do exercicio da medicina entre nós. Ás mais variadas substancias se attribuiam poderes sobrenaturaes, e as imagens, os santos oleos, etc., tinham mais credito, como therapeutica, do que os medicamentos de mais provada efficacia. Era natural que a agua fosse comprehendida n'este culto fervente do maravilhoso, porquanto a crença nas suas virtudes beneficas é de todos os paizes e de todos os tempos.

A esta tendencia attribuimos nós um facto que representa apparentemente para o nosso paiz uma grande superioridade sobre os outros. Referimo-nos ás praticas balneares e ao uso das aguas medicinaes.

É geralmente sabido que ao desenvolvimento espantoso que os banhos tiveram no tempo dos romanos succedeu uma época de descredito notavel, em razão das scenas de devassidão de que as thermas foram theatro.

Os dominadores do mundo em toda a parte introduziram os banhos, e na peninsula encontram-se frequentes vestigios de edificios balneares construidos por elles. Substituindo-se a civilisação romana pela civilisação arabe, conservou esta, nas regiões a que se estendia a influencia do Islam, as praticas

existentes, algumas das quaes eram até ligadas a ceremonias religiosas. Mudaram as coisas com a dominação christã, e ninguem ignora que os abusos commettidos e mais que tudo a apprehensão de que a frequencia dos banhos diminuia o vigor das tropas, levaram o rei de Castella Affonso VI, no seculo XI, a destruir todos os edificios thermaes que se encontravam no territorio submettido á sua jurisdicção [1].

A influencia do christianismo sobre a balneação é evidenciada excellentemente pelo prof. Ricardo Jorge quando diz: «Expressão d'um cuidado meticuloso pelo bem estar corporeo e incentivo facil de desregramento de costumes, o banho teve o seu inimigo capital no christianismo, que terminantemente prohibira as thermas e os hammans como incompativeis com a sua moral severa. Os mais illustres doutores da egreja, S. Clemente e S. Cypriano, fulminaram a invenção balnear pagã, e o concilio de Laodicea notificou este anathema de proscripção.

«Assim pereceram ás mãos da excommunhão catholica aquellas celeberrimas instituições. Os primeiros bispos de Roma de mãos dadas com os vandalos, reduziram a cinzas os edificios thermaes...» [2]

Enganar-se-ha, porém, quem suppuzer que em Portugal se deram em tão larga escala os factos que assignalaram a Hespanha, e fizeram dizer a um dos seus mais illustres hygienistas que os banhos desappareceram completamente dos habitos da nação, e que ha regiões em que a propria palavra banho é completamente desconhecida [3].

---

[1] Morejon, *Historia bibliografica de la medicina española*. Madrid, 1842. I, pag. 199. — Beaugrand, art. *Bains publics*, in *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, VIII da 1.ª série, pag. 208.

[2] Ricardo Jorge, *A balneação antiga* in *Ensaios scientificos e criticos*. Porto, 1886, pag. 112.

[3] Monlau, *Elementos de hygiene publica*, 2.ª edição. Madrid, 1862, I, pag. 462.

São as Caldas de Lafões, ou de S. Pedro do Sul, as primeiras de cuja exploração ha noticia entre nós. Conhecidas já no tempo dos romanos, que da sua passagem deixaram vestigios evidentes, cahiram em decadencia, não apparecendo memoria que leve á crença de que os arabes ou godos tentassem restaurar as antigas thermas. No seculo XI, de novo começaram a tornar-se conhecidas, mercê das propriedades que se lhes attribuiam no tratamento da lepra. Dos diversos pontos da peninsula, reuniam-se em S. Pedro do Sul os infectados do terrivel morbo, e d'ahi passavam em turmas para uma gafaria situada a 500 passos do banho, de modo que era necessario recolherem uns para que os outros pudessem por sua vez fazer uso das caldas [1].

Se a isto apenas se limitasse a frequencia das aguas, se ainda se lhe juntasse a dos povos circumvisinhos, certamente não attingiriam as Caldas de Lafões grande desenvolvimento. Uma circumstancia fortuita lhe ia dar grande nomeada, e ser fautora de notavel incremento.

É geralmente sabido que D. Affonso Henriques, «n'aquella perfida e infeliz arrancada de Badajoz» cahiu do cavallo e fracturou a perna esquerda [2].

Feito prisioneiro, conseguiu a liberdade a troco da restituição d'algumas terras que havia tomado aos leonezes, mas não recuperou com a liberdade a saude. De tempos a tempos, o femur esquerdo era séde de dôres atrozes, e o monarcha portuguez tornou-se «insoffrivel, insoffrido e enraivado».

«Um dia, diz o snr. Oliveira Mascarenhas, fez reunir nos paços de Coimbra todos os physicos de nomeada dispersos pelo reino e «ordenou-lhes» que lhe dessem allivio ao mal que o torturava.

---

[1] Oliveira Mascarenhas, *Memoria da antiga villa do Banho e Caldas de S. Pedro do Sul.* Vizeu, 1885, pag. 10.

[2] «E não se podendo o cavallo ter caío com ElRei, ficando-lhe a perna de baixo q̃ nunca mais se pôde erguer». (Ms. n.º 367 da Bibliotheca publica do Porto).

«É curiosissima a lista dos medicamentos.

«Entre o receituario d'alguns frades cultores de medicina, abundam as rezas «feitas em jejum» depois d'algumas fricções applicadas á perna enferma do monarcha com azeite das alampadas «de muitos santos milagrosos».

«No meio dos physicos appareceu um residente em terras de Lafões «que aconselhou el-rei a fazer uso das efficacissimas aguas do «Banho», com as quaes já havia curado centenares de pessoas queixosas de lesões differentes, e, entre ellas, D. Fafes Luz, que fôra alferes-mór da hoste do conde D. Henrique e residiu por algum tempo «n'uma casa que armára dentro da terra das Caldas» [1].

Resolveu-se então D. Affonso Henriques a frequentar as Caldas, o que é attestado por uma escriptura da «Leitura Nova» de Santa Cruz de Coimbra, que fixa essa data na éra de 1207, o que corresponde aos annos de Christo de 1169 [2]. D'outro documento consta que o rei se fizera acompanhar de seu filho D. Sancho e de suas filhas Urraca e Thereza, que padeciam do estomago e de rheumatismo [3].

Grato aos beneficios que obteve do uso das aguas, e para remediar a penuria em que jaziam, o rei portuguez edificou um mosteiro no Banho [4] e dotou a villa com casa de banhos, gafaria, albergaria e estáos, concedendo-lhe um foral cheio de privilegios. Ainda ha bem pouco tempo existia a piscina que

---

[1] Mascarenhas, op. cit., pag. 9. O snr. Mascarenhas baseia a sua narrativa n'um manuscripto da Bibliotheca do Porto, intitulado *Relação da Vida e Obras dos Senhores Reis de Portugal,* que nos não foi possivel encontrar.

[2] Pires da Sylva, *Chronographia médicinal das Caldas de Alafoens.* Lisboa, 1696, pag. 8. — Joaquim Baptista de Sousa, *Primeira memoria sobre as Caldas de S. Pedro do Sul,* in *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas,* XI, 1840, pag. 277.

[3] Sousa, op. cit., pag. 277. — Oliveira Mascarenhas, op. cit., pag. 9.

[4] «Elrey dom affonso anriquez fez o moesteiro de sam christouam que he em terra dalafoões». *Chronicas de Santa Cruz* in *Portugaliæ Monumenta Historica — Scriptores,* pag. 24.

D. Affonso Henriques mandou construir, devendo ter desapparecido com as recentes installações balneares [1].

Desde então, as Caldas do Banho tomaram um certo desenvolvimento, para o que concorreu muito o favor que lhe dispensaram alguns reis, que as frequentaram [2]. D. Manoel, que n'ellas se curou de padecimentos herpeticos, dotou a villa com um hospital que foi levantado no mesmo sitio onde D. Affonso Henriques edificára a gafaria.

É de notar todavia que a primitiva frequencia dos banhos pelos leprosos se fez sentir mais do que a passagem dos monarchas. A cifra dos infectados de morpheia era no principio d'este seculo muito consideravel no termo do Banho, e ainda que se reduzam ao minimo exageros possiveis, persiste como assente este facto, qualquer que seja a explicação que se lhe dê [3].

Não foram tão bem fadadas as *Caldas d'Aregos;* não tiveram visitas de monarchas nem de grandes do reino a favorecel-as e engrandecel-as. O pouco que foram deveram-n'o á piedade d'uma princeza condoida da desventura dos pobres. Santa Mafalda instituiu nas Caldas uma albergaria com um tanque dentro, onde havia sempre duas camas para os pobres. Cardoso diz no *Diccionario Geographico* que alli houvera um hospital até 1644, de cujas rendas se dispuzera a favor de um particular. Seja como fôr, a albergaria ainda existia no principio d'este seculo, nas mesmas condições em que havia

---

[1] Ricardo Jorge, *As Caldas do Gerez*. Porto, 1888, pag. 17.

[2] D. Diniz, D. Manoel e o infante D. Pedro. — Oliveira Mascarenhas, op. cit., pag. 10.

[3] Joaquim Baptista de Sousa, na *Memoria sobre a morpheia de Lafões*, publicada no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, VII, pag. 261, calcula em tres mil o numero de leprosos espalhados pelas quatrocentas e setenta e uma aldeias que tem Lafões. J. Pinheiro d'Almeida, n'umas *Reflexões* á memoria precedente publicadas no mesmo jornal, VIII, pag. 82, julga exagerada a cifra, e computa em trezentos os mesmos leprosos.

sido instituida e junto d'ella uma capella da invocação de Santa Maria Magdalena [1].

Hoje, porém, da albergaria e do banho, restam apenas ruinas [2].

A historia de Canavezes deve ser proximamente a das Caldas d'Aregos, como a de Moledo deve ser analoga á de Canavezes. As albergarias fundadas n'estas localidades tiveram em vista fornecer meios d'aproveitar as aguas sulfurosas que n'ellas existem.

Em parte dos foraes dados ás povoações que se acham estendidas pela nossa costa occidental encontra-se com regularidade que espanta a menção de banhos, sujeitos á jurisdicção real: as localidades a que pertencem são Setubal, Loulé, Faro, Tavira e Castro Marim [3]. A circumstancia de ficarem estas povoações proximas do mar, ou nas embocaduras de rios, a uma distancia em que provavelmente se faz sentir a influencia das marés, levaria a suppôr que os banhos a que taes documentos se referem fossem a simples immersão na agua salgada. Mas o facto não se póde dar como assente, visto como fica sem explicação que, em toda a costa, para norte de Setubal, não haja uma só localidade cujo foral se refira a banhos analogos.

Mais é de crêr que n'estas localidades houvesse aguas que tivessem, ou a que se attribuissem, virtudes therapeuti-

---

[1] Francisco Tavares, *Instrucções e cautelas practicas sobre a natureza, differentes especies, virtudes em geral e uso legitimo das aguas mineraes, principalmente das Caldas...* Coimbra, 1810, pag. 65.

[2] Joaquim Pinto Valente, *Aguas sulfuro-medicinaes de Aregos.* Porto, 1886, pag. 42.

[3] *Et nos debemus habere balnea in Setuual* (Foral de Setubal, de 1249); *balnea de villa et de termino de Castro Marim* (Foral de Castro-Marim, de 1277); *Item retineo mihi... balnea de Loulé* (Foral de Loulé, sem data). O mesmo para Faro e Tavira.

Estes documentos veem publicados nos *Portugaliæ Monumenta Historica — Leges & Consuetudines*, respectivamente a pag. 634, 734, 736, 737 e 738.

cas; e não poderá ser argumento em contrario não se conhecerem hoje, visto que a supposição de effeitos maravilhosos em aguas communs ainda havia de dar-se seculos depois, se é que ainda hoje se não dá em grande parte.

Em favor d'este modo de vêr milita a circumstancia de nos terem sido conservadas noticias d'aguas mineraes nas povoações apontadas, comquanto a efficacia d'algumas seja mais que problematica. Em Setubal, no castello de S. Filippe, havia um poço a cuja agua, cinco seculos depois, ainda se attribuiam propriedades diureticas [1]; a 3 kilometros ao N. de Loulé, existem ainda hoje aguas ferreas [2]; em Tavira, jorra uma abundante nascente d'agua mineral, rica em chloretos e sulfatos, que abastece um pequeno estabelecimento hydrotherapico. Restam-nos Faro e Castro-Marim, mas ainda, a respeito d'esta ultima villa, é possivel que a visinhança de minas em exploração communicasse a alguma nascente propriedades quaesquer de que derivassem applicações therapeuticas [3].

A supposição de que os foraes se refiram a nascentes hoje abandonadas é tanto mais plausivel quanto é certo que outros documentos nos fallam terminantemente de banhos em regiões onde não se exploram aguas mineraes. Nos costumes e fóros de Castello-Bom, de 1188 a 1230, estabelecem-se as prescripções a que devem estar sujeitos os banhos. Havia dias destinados a um e outro sexo, e consignam-se penalidades para os homens ou mulheres que entrassem nos banhos em dias que lhes não competissem. Além d'isto, marcam-se os pre-

---

[1] Francisco da Fonseca Henriques, *Aquilegio medicinal.* Lisboa Occidental, 1726, pag. 258.

[2] Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa, 1874, IV, pag. 446.

[3] Fonseca Henriques, op. cit., pag. 71. — F. Tavares, *Instrucções e cautelas praticas sobre... aguas mineraes,* parte I. Coimbra, 1810, pag. 175.

ços que o banheiro devia cobrar, além d'outras determinações de menos importancia [1].

Não é isto facto unico: disposições analogas se estabeleceram para Alfayates, Castello-Melhor e Castello-Rodrigo [2]. Para que melhor se faça ideia d'estes regimentos, seja-nos permittido transcrever na integra um d'elles:

«Las mulleres deuen entrar en baño en domingo e en martes e en jueves: e barones entren en otros dias. Todo ome que entrare en baño en dia de las mugeres de sol a sol peyte I morabitino a los alcaldes: e eso mismo fagan las mugeres: e si el bañador los omes metier en bano en dia de mulleres peyte I morabitino, ó mulleres si entrarem en dia de barones peyte II morabitinos a los alcaldes.

«*Precio de baño.* Ningud ome non dê precio en bano por escudero, o ome que non ouier escudero leue por escudero ome de su pan, e mulleres eso mismo fagan».

Ora succede que, das quatro localidades em que não ha duvida terem existido banhos, apenas em duas apuramos a existencia d'aguas com suppostas ou reaes virtudes therapeuticas. Em Alfayates, diz Pinho Leal, que existe dentro da egreja uma cisterna a cuja agua se attribuem curas maravilhosas [3]; e proximo a Castello-Rodrigo existe outra cisterna, com sessenta e tres degráus, á qual não escasseavam certamente virtudes analogas [4].

Esta cisterna está situada no sitio d'Alvacar, e á sua agua se referem documentos muito antigos. No foral de Germanello (Germello) falla-se na fonte d'Alfafar [5]; e poderia suppôr-se que a agua d'Alfaxara, ou d'Alfagara em que morreu a in-

---

[1] *Portugaliæ Monumenta Historica — Leges & consuetudines*, pag. 758.

[2] Op. cit., pag. 804, 875 e 920.

[3] Fonseca Henriques, *Aquilegio medicinal*, pag. 286. — Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, I, pag. 112.

[4] Pinho Leal, op. cit., II, pag. 187.

[5] *Portugaliæ Monumenta Historica — Leges & Consuetudines*, pag. 433.

fanta D. Branca, filha de Sancho I, fosse a cisterna referida [1], se todas as razões não militassem para crêr que a princeza morreu em Guadalajara. Mas ainda que se admittisse a primeira opinião, esse facto não a póde salvar do olvido em que justa ou injustamente caíu [2].

---

[1] «Iffamte dona Branca que morreo em Agua d'Alfagara que era sua, e mandousse soterrar em Coimbra, demtro em Samta Cruz». (*Portugaliæ Mon. Hist. — Scriptores,* pag. 255). «Iffanta dona Branca que morreo em a auga dalfaxara». (Id., pag. 31).

[2] No valioso livro do snr. Alfredo Luiz Lopes, *Aguas minero-medicinaes de Portugal,* Lisboa, 1892, não se encontra menção de muitas das aguas apontadas. Não poderá isto ser argumento contra nós, visto que muitas d'essas aguas ou não tinham virtudes therapeuticas, ou deixaram de ser aproveitadas.

CAPITULO V

Epidemologia [1]

Os nossos historiadores e chronistas registam, com o nome de pestes, todas as epidemias mais ou menos mortiferas e por vezes até as fomes que assolaram o nosso paiz. Vieira de Meirelles conseguiu destrinçar aquellas a que não compete similhante designação e será esse o nosso guia em todo este trabalho.

Em 1188 a 1192 marcam os chronistas uma primeira peste em Portugal. Referem-se a ella Acenheiro, Ruy de Pina, Duarte Nunes de Leão, fr. Antonio Brandão, etc. A

---

[1] O estudo da epidemologia portugueza foi feito por José Rodrigues d'Abreu (*Historiologia Medica,* I, Lisboa Occidental, 1733) — Bernardino Antonio Gomes (*Apontamentos para a historia epidemiologica portugueza, na Gazeta medica de Lisboa,* 1.ª serie, VI, pag. 81) — Macedo Pinto (*Medicina administrativa e legislativa,* 2.ª parte, Coimbra, 1863, pag. 371) e Vieira de Meirelles (*Memorias de epidemologia portugueza,* Coimbra, 1866). As nossas diligencias apenas lograram accrescentar ao trabalho d'este ultimo os documentos existentes no Archivo da Camara Municipal do Porto, e os publicados pelo snr. Eduardo Freire d'Oliveira nos seus *Elementos para a historia do municipio de Lisboa,* além d'um ou outro esclarecimento colhido na leitura dos nossos escriptores medicos. Os documentos cuja proveniencia é indicada em nota não foram conhecidos de Vieira de Meirelles; todos os outros o foram.

descripção que da epidemia faz Duarte Nunes de Leão é a seguinte:

«Alem d'estas aduersidades de entradas de imigos, houue outras muitas, que derão a el Rei Dom Sancho muito descontentamento. Porque houue tam grandes inuernadas alguns annos, e tam desacostumadas chuvas, assi pola perseuerancia dellas, como pela multidão das agoas, q̃ se perderão as nouidades de pam, vinho, azeite, e fruttas de todo. Porque o pouco que ficaua, o comeo a grande multidão de bichos, que nascião como praga do ceo. Após isto succedeo tamanha secca e quentura, em tempos de Autumno e Inuerno, que não podião os homẽes cultiuar as terras. Com estas trocas de tempos contra o curso natural, sobreueo grande peste, principalmente na terra de Sancta Maria do Bispado do Porto, de que morreo tanta gente, que pouoações grandes houue, onde não ficaram viuas tres pessoas. Na terra de Braga adoecião homẽes e molheres de doenças de tam terriuel ardor, e raiuosa quentura, q̃ lhes parecia, q̃ lhes ardião as entranhas, e cõ raiua se comião a si mesmos, e morrião sem remedio. Alem disso houue muitos annos tanta falta de mantimentos, que muita gente morria, e os q̃ viuião se sostentauão de heruas do campo, quando as achauão».

Da descripção transcripta nada permitte inferir que se tratasse de verdadeira peste. Antes é de suppôr que a calamidade a que o douto jurisconsulto se refere seja a fome, com todo o seu cortejo de horrores, sem que se torne necessario soccorrermo-nos d'aquelle termo que na idade média servia para designar grande numero de doenças.

Ao anno de 1202 deve reportar-se outro flagello que por toda a parte ficou assignalado por grande numero de vidas. Fr. Antonio Brandão, o severo chronista de Alcobaça, descreveu-o nos termos seguintes: «Não só em Portugal mas em muita parte do mundo, parece que foy géral a calamidade de fome, e peste por aquelle tempo; porque em o livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra se diz, que houve grande fome por todo o mundo, qual senão tinha visto desde seu principio, e que houve tambem grande pranto em toda a gente, e mortes

vehementes que abrangião assim a homens, como a animaes, e que isto aconteceo na Era de 1240 que he anno de 1202. Parece que estas miserias se anteciparão no Reyno de Portugal, e durarão mais tempo, e assim referem uns Autores que ficou despovoada grande parte do Reyno, e que andavão os homens como atonitos, vendo sobre si tantos castigos do céo».

Tambem não é licito dar como peste a calamidade a que se refere fr. Antonio Brandão, apesar d'ella se ter declarado em 1200 no Egypto e de se poder suppôr que a temerosa epidemia se estendera ao nosso paiz. O *Chronicon Cassinense* é bastante explicito, quando diz: «Fames valida per Regnum exorta est, unde nonnulli hac inopia coerctati mortui sunt».

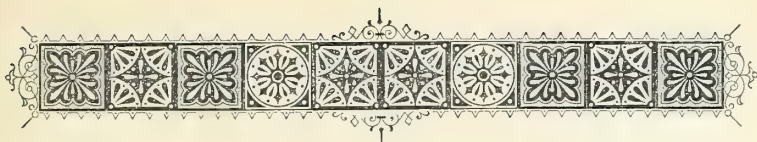
Consideraremos portanto a *peste* de 1202 como uma fome devastadora, e não como uma epidemia mortifera.

SEGUNDO PERIODO

DO ESTABELECIMENTO DA UNIVERSIDADE Á CREAÇÃO DO HOSPITAL DE TODOS OS SANTOS

(1290 — 1504) [1]

---

[1] A data que fixamos é a do regimento do Hospital Real de Todos os Santos, marcada por J. M. L. Nogueira em 19 de fevereiro de 1504. O geral dos auctores indicam 1498, mas esta data não póde admittir-se, porque a *Carta de D. Manuel a seu boticario para o ser do Hospital de Todos os Santos*, de 18 de fevereiro de 1502, diz: « *como todas estas cousas mais compridamente serão declaradas no regimento que ao dito boticario ha-de ser dado* », o que certamente se refere ao regimento do hospital.

CAPITULO I

Organisação do ensino medico na Universidade e fóra d'ella

A creação da Universidade de Lisboa marca uma época nova na historia da instrucção em Portugal. Faltam, infelizmente, os documentos necessarios para se julgar da organisação d'este estabelecimento, e os nossos chronistas, que enchem paginas e paginas sobre a verificação das datas do nascimento e morte dos principes, são em geral d'um laconismo notavel no que diz respeito a factos da maxima importancia para se ajuizar do desenvolvimento intellectual dos povos e das suas instituições de ensino.

Guiados por aquelles que têm conseguido fazer alguma luz nas densissimas trevas que envolvem as origens da Universidade, procuremos dar uma ideia da organisação d'este estabelecimento, reservando para mais tarde apreciar a influencia por ella exercida nos progressos da medicina.

Adopte-se com respeito á sua creação qualquer das opiniões apresentadas anteriormente, o que é certo é que, em 1290, Nicolau IV confirmou, por meio d'uma bulla, a creação do estudo geral em Lisboa, e é por este documento que temos de fazer obra no que se refere á sua organisação, visto que faltam as provisões feitas por esse tempo á Universidade,

e ha suspeitas legitimas de não terem existido estatutos propriamente ditos [1].

Ficamos sabendo por este documento que, no começo, a Universidade apenas tinha cinco cadeiras: Leis, Canones, Medicina, Grammatica e Logica, ignorando-se qual o tempo que era necessario estudar para obter perante o bispo ou vigario capitular de Lisboa o gráu de licenciado, que a mesma bulla estabelece, e sendo para crêr que não houvesse praso fixo, ficando á superintendencia dos lentes determinar quando os estudantes estavam habilitados para receber esse gráu [2].

Feito este exame, o licenciado em qualquer faculdade, exceptuando a de Theologia, ficava habilitado legalmente para ensinar em qualquer parte, sem necessidade de novo exame [3].

A bulla consigna, além d'isto, privilegios tanto para os estudantes como para os lentes. O preço das casas para os primeiros seria taxado por dois clerigos e dois leigos prudentes, escolhidos pelos estudantes e cidadãos de Lisboa, e os ministros, bailios e officiaes do rei prometteriam com juramento segurança e immunidade para as pessoas, bens e mensageiros dos alumnos.

Os lentes podiam receber os rendimentos dos seus beneficios, e professores e alumnos estavam sujeitos ao fôro ecclesiastico [4].

---

[1] Leitão Ferreira, op. cit., pag. 103. — J. Silvestre Ribeiro, op. cit, I, pag. 423.

[2] «Quodque Scholares in Artibus et Jure Canonico, ac Civili, ac Medicinâ, quos Magistri reputabunt idoneos, possint per Ulixbon. Episcopum, qui pro tempore fuerit, vel, Ulixbon. Sede Vacante, per Vicarium ab Ulixbon. Capitulo in spiritualibus constitutum in Studio Licentiari prædicto». (*Bulla de Nicolau IV*).

[3] «Et quicumque Magister in Civitate præfacta per Episcopum, vel Vicarium supradictos examinatus, et approbatus fuerit in facultate quâcumque, Theologicâ dumtaxat excepta, ubique sine alia examinatione, regendi liberam habeat potestatem». (*Bulla de Nicolau IV*).

[4] A bulla vem publicada no Appendice das Escripturas da 5.ª parte da *Monarchia Lusitana*. Vem traduzida no mesmo livro, e em Leitão Ferreira, op. cit., pag. 41.

Se, por estas disposições, e ainda pela creação de certas cadeiras, se infere que D. Diniz se quiz aproximar das estabelecidas por Affonso o Sabio, em relação á Universidade de Salamanca, é todavia bem evidente a inferioridade em que o nosso estabelecimento d'instrucção ficava para com aquelle. Nas dotações dos cathedraticos, de 9 de novembro de 1252 [1] vê-se que o numero das cadeiras era, em Salamanca, muito superior ao que havia entre nós, o que certamente indica maior desenvolvimento do ensino. Em relação á medicina, Affonso X estabelecia que houvesse dois professores, ao passo que em Lisboa houve apenas um lente, que, durante muito tempo, não teve companheiro.

Nada mais se apura até á trasladação da Universidade de Lisboa para Coimbra, sobre cuja data ha divergencias, sendo mais provavel a opinião de Silvestre Ribeiro que julga ter-se realisado essa transferencia em 1307 ou fins de 1306 [2]. Não pretendendo fazer a historia da Universidade, e apenas vêr qual o desenvolvimento que o ensino medico alli tomou, mencionaremos simplesmente que continuava a haver uma só cadeira de medicina, como até então.

Em 1309, uma provisão de D. Diniz, á qual impropriamente se dá o nome d'estatutos, estabelece privilegios para a Universidade, ordenando que os cargos de reitor, bedeis, etc., sejam de eleição pelos estudantes, o que tambem se verificava em Salamanca, e apresenta uma disposição relativamente aos estudos medicos em que se estatue que haja sempre n'aquelle estabelecimento um mestre de medicina [3].

---

[1] Vidal y Diaz, *Memoria historica de la Universidad de Salamanca*, pag. 18. — Theophilo Braga, op. cit, I, pag. 76.

[2] Silvestre Ribeiro, op. cit., I, pag. 425.

[3] «Præterea, ordinamus in prædicto nostro studio Magistrum in Medicinâ in posterum habeatur, ut nunc, et in futurum, subditorum nostrorum regantur corpore, sub debito regimine sanitatis». (Provisão de D. Diniz de 15 de fevereiro de 1309, in Antonio d'Almeida, *Collecção da maior parte dos Estatutos, Leis, Alvarás e Ordens relativas á medicina*, no *Jornal de Coimbra*, II, 1812 e seg.).

Um documento datado de 1323, além de confirmar o que acima dizemos, dá noticia dos honorarios que por então desfructavam os lentes do estudo geral. Assim, o mestre de Leis recebia seiscentas libras, o de Canones quinhentas, os de Medicina e Grammatica duzentas, o de Logica cem, e finalmente o de Musica sessenta e cinco [1]. A comparação dos ordenados leva a acreditar que a medicina e os medicos começavam a caír da elevada consideração de que haviam gozado.

Com D. Affonso IV os privilegios da Universidade são conservados e augmentados, mas nada de importante para nós ha que mencionar durante este reinado.

No seu decurso, foi transferida a Universidade duas vezes: em 1338 de Coimbra para Lisboa, e em 1354 de Lisboa outra vez para Coimbra; e os motivos apresentados para explicar estas mudanças, certamente incommodas, são demasiado futeis para honrarem a memoria d'este monarcha, se bem que o pequeno numero de cadeiras e professores tornasse essas transferencias muito mais faceis do que hoje [2].

Novos privilegios são concedidos por D. Pedro I, em cujo reinado se manifesta uma forte corrente centralisadora do ensino. O rei determina que os reitores e conservadores não consintam que alguem ensine fóra das escólas [3]. Infere-se d'esta disposição que havia na nossa, como n'outras universidades, lições ordinarias e extraordinarias, sendo estas ultimas ministradas pelos graduados nas diversas faculdades. Esta instituição, analoga á dos *privata docentes* das universidades

---

[1] «... e saya aos outros encarregos del, asi como o Nós atá aqui fezemos, convem a saber, que o ditto Mestre dê em cada hum anno ao Mestre das Leys sexcentas libras, e ao Mestre das Degretaes quinhentas libras, e ao Mestre da Fisica duzentas libras», etc. (Escriptura de doação das egrejas de Pombal e Soure de 18 de janeiro de 1323, publicada em Leitão Ferreira, *Not. chronologicas,* pag. 115).

[2] J. A. Abreu, op. cit. in *Instituto,* II, pag. 28.

[3] Carta de 22 d'outubro de 1357, in Leitão Ferreira, op. cit., pag. 148. — Th. Braga, *Hist. da Univ.*, I, pag. 117.

da Allemanha, foi decahindo, á medida que se augmentou o numero das cadeiras [1].

Em 1377, no reinado de D. Fernando, torna o nosso primeiro estabelecimento litterario a ser transferido de Coimbra para Lisboa. O rei concedeu-lhe tambem privilegios e isenções, e o facto da trasladação é attribuido a ter mandado vir lentes extrangeiros que só queriam lêr em Lisboa [2]. Quem fossem esses lentes é o que não se sabe, tal é a obscuridade que reina sobre estes primeiros annos da historia da Universidade. Anteriormente á mudança d'este estabelecimento, D. Fernando havia solicitado e obtido de Gregorio XI uma bulla que estabeleceu os gráus de bacharel e doutor, similhantemente ao que se fazia nas universidades extrangeiras.

No reinado de D. João I, continua a Universidade a receber privilegios, e prosegue o movimento centralisador do ensino. N'este intuito, estabelece o Mestre d'Aviz em 1384 penalidades aos que lêrem fóra das escólas, penalidades que consistem no pagamento de dez libras pela primeira vez que o fizerem, vinte pela segunda e pela terceira a expulsão. Dentro dos geraes permittem-se, porém, leituras sobre qualquer disciplina a bachareis e escolares examinados e approvados por um doutor ou mestre da faculdade [3].

Havia ainda, como anteriormente, uma só cadeira de medicina, apesar de terem augmentado muito as outras [4], e sabe-se que em 1416 era occupada por mestre João, sacerdote, um dos primeiros fundadores da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista [5].

---

[1] J. M. d'Abreu, *Mem. historicas da Universidade*, no *Instituto*, II, pag. 29.

[2] Figueiroa, citado por Leitão Ferreira, *Memorias chronologicas*, pag. 193.

[3] Th. Braga, op. cit., pag. 119.

[4] *Livro verde*, cit. por Th. Braga, op. cit., pag. 134.

[5] Padre Francisco de Santa Maria, *Ceu aberto na terra*. Lisboa, 1697, pag. 209.

Em 1431, e ainda no reinado de D. João I, a Universidade fez, de sua propria iniciativa, os primeiros estatutos de que ha memoria depois da provisão de D. Diniz; e n'elles se estabelece que o anno lectivo se componha de oito mezes pelo menos e que o gráu de bacharel apenas seja dado aos que cursarem as aulas por tres annos, fazendo um acto de conclusões magnas perante os mestres e doutores; se, porém, estes o não julgassem sufficientemente habilitado, tinha de estudar mais tempo e fazer novo exame. Ao gráu de licenciado apenas eram admittidos os bachareis que estudassem quatro annos, fazendo um acto de conclusões magnas perante os estudantes e mestres da sua faculdade [1].

Data d'este anno a intervenção do infante D. Henrique nos estudos universitarios, influencia que foi accentuadamente benefica. Não temos de a estudar, porque na medicina foi que ella menos se fez sentir, mas sabemos por um documento d'esse tempo que continuava a haver uma só cadeira de medicina, para a qual D. Henrique, ao distribuir umas casas que comprára na freguezia de S. Thomé para serem paços dos estudos, destinava uma sala em que se pintaria um Galeno [2].

Continua a haver na Universidade uma só cadeira de medicina, que em 1481, no anno da acclamação de D. João II, era occupada por mestre Joanne [3]; mas uma carta d'este mesmo rei, datada de 1493, eleva o numero a duas, de Prima e de Vespera [4].

Em harmonia com esta disposição, um documento de 10 de março de 1499 attesta que a cadeira de Prima era occu-

---

[1] Leitão Ferreira, *Memorias chronologicas*, pag. 270.

[2] Escriptura de 12 d'outubro de 1431, in Leitão Ferreira, op. cit., pag. 271, e no *Livro verde da Universidade*, de Gabriel Pereira, no *Boletim de Bibliographia portugueza*, II, pag. 242.

[3] Eduardo Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I. Lisboa, 1882, pag. 339.

[4] Gabriel Pereira, *Catalogo dos pergaminhos do Cartorio da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 1881, pag. 22.

pada pelo dr. João do Rego e a de Vespera por mestre Affonso, que depois havia de ser physico-mór do reino [1].

Este documento é certamente interessantissimo para a historia da Universidade, e todavia é tão mal conhecido que não é mencionado pelo snr. Theophilo Braga, na sua recente *Historia da Universidade*. Consta d'elle que se reuniram o reitor, lentes e conselheiros para fazerem eleição do lente de Vespera de medicina, vago pela passagem do dr. João do Rego á cadeira de Prima. N'essa reunião, compareceu mestre Affonso, physico do rei, e apresentou uma carta real de 5 de janeiro de 1499, em que o monarcha rogava que por aquella vez apenas lhe fizesse o conselho mercê da cadeira de Vespera para o apresentante da carta, *que pera isso é mui douto, como sabeis.* E assim se resolveu.

D. Manuel deu á Universidade uns estatutos sem data, mas que póde fixar-se entre 18 de janeiro de 1503 e 5 de janeiro de 1504 [2]. Este documento, altamente importante para a historia do ensino no nosso paiz e revelador da posse absoluta que o poder real tomou dos destinos da instrucção superior, tem igual importancia para o historiador medico.

No quadro dos estudos figura a medicina com duas cadeiras, afóra uma de philosophia natural. Os salarios dos professores são augmentados, dando-se ao de Prima vinte mil reis e ao de Vespera quinze mil reis; o professor de Philosophia natural vencia os mesmos vinte mil reis que recebia o cathedratico de Prima de medicina.

Judiciosamente observa Theophilo Braga que se prescrevem n'estes estatutos praxes que até hoje se conservaram.

---

[1] Pedro José da Silva, *Historia da pharmacia portugueza*, 3.ª memoria, pag. 3.

[2] Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 294, e *Annuario da Univ. de Coimbra*, 1892-1893, pag. 197. O snr. Serra de Mirabeau suppõe que o documento produzido por Theophilo Braga deve ser de 1496. *Medicina Administrativa e Legislativa*, por José Ferreira de Macedo Pinto, segunda parte. Coimbra, 1863, pag. 702.

As insignias doutoraes das faculdades são as mesmas proximamente; já n'esse tempo a faculdade de medicina tinha por emblema a borla amarella. As precedencias das diversas faculdades mantiveram-se até nossos dias; os doutores medicos occupam o quarto logar, sendo precedidos pelos theologos, pelos canonistas e pelos legistas [1].

Os professores de Prima deviam lêr hora e meia, nos dias que lhes competiam, e os outros uma hora, «*e em fim de sua lição, decendo da cadeira estarão hum pouco de tempo para responder a as duvidas e perguntas dos Eschollares*».

O quadro das disciplinas escolares era constituido por gráus de Bacharel, Licenciado e Doutor, aos quaes correspondiam certas frequencias e exames. Todo o individuo que quizesse ser recebido como bacharel em medicina havia d'estudar cinco annos, devendo, antes de tomar o gráu, ser bacharel em Artes.

Para isso, frequentaria tres cursos, a saber: um de logica e dois de philosophia natural «os quaes trez cursos se fará em trez annos ouvindo por a maior parte de cada hum anno, e provando os cursos per testemunhas juradas perante o scrivão do studo e o Rector ou mestre que ho hade graduar». Mas o tempo de frequencia podia ser encurtado; bastava que o mestre jurasse que o alumno era sufficiente para que recebesse o gráu de bacharel em Artes «lendo primeiro trez liçoens disputadas, apontadas de hum dia pera ho outro».

Os que desejavam ser licenciados eram argumentados pelos lentes da faculdade, em theses publicadas dois dias antes e escolhidas livremente pelos candidatos. Os pontos deviam ser, em medicina, tirados de Avicena e da *Arte de curar* de Galeno. O exame era feito na sé, á porta fechada, e começava pouco antes do sol posto. O bacharel lia as suas lições por espaço de tempo não superior a duas horas, seguindo-se os argumentos. Durante e depois d'estes actos, havia ceremo-

---

[1] Op. cit., pag. 297.

nias curiosas, imitadas das outras universidades, que não mencionamos por brevidade.

Finalmente, o doutoramento era conferido em seguida a ceremonias não menos interessantes. O doutorando ia, em companhia de mestres e doutores, ouvir missa á sé, em seguida á qual se reuniam todos no edificio do estudo. Depois de lêr uma breve lição, seria arguido rapidamente pelo reitor e por alguns mestres ou doutores da sua faculdade, dando em seguida luvas aos mestres, doutores e fidalgos, padrinho e officiaes da Universidade que assistiam. Terminando isto, um homem honrado louvava então letras e costumes do graduando «*e em linguagem per palavras honestas diraa alguns defectos graciosos pera folguar que nom sejam muito de sentir*». O escrivão deferia juramento ao doutorando, e depois d'um breve discurso, em que este pedia lhe concedessem as insignias doutoraes, o padrinho dava-lhe o gráu, recebendo o novo doutor de joelhos o barrete com sua borla e o annel. Em seguida, iam-se mestres, doutores e toda a Universidade a um banquete pago pelo novo doutor.

As disposições d'este estatuto trahem a influencia das universidades hespanholas, onde parte d'ellas havia entrado, por imitação do que succedia em França [1].

Os estatutos manuelinos consignam ainda providencias para a substituição dos lentes quando doentes e para o provimento das cadeiras. Mandam que, n'este caso, se abra concurso por vinte dias e que, passados elles, façam os candidatos tres lições cada um, argumentando-lhes em seguida os lentes [2].

Resumindo, temos:

1.º Que desde a creação da Universidade, n'ella foi estabelecida uma cadeira de medicina, sendo em 1493, no reinado de D. João II, creada outra.

---

[1] Th. Braga, op. cit., pag. 299 e seguintes.

[2] Serra de Mirabeau, op. cit., pag. 703.

2.º Que, nos primeiros tempos da Universidade, para se obter o gráu de licenciado era necessario cursar por tempo indeterminado, e sujeito á determinação dos lentes, a aula de medicina existente, mas que, posteriormente, a D. João I, era necessario frequental-a por espaço de quatro annos, durando as aulas oito mezes cada anno [1].

3.º Que na Universidade se davam, posteriormente a D. Fernando, gráus de bacharel e de doutor, sendo necessario frequentar as aulas por três annos para obter o primeiro d'estes gráus.

4.º Que, no principio, aquelle que houvesse terminado o curso ficava *ipso facto* habilitado para exercer a medicina, mas tal disposição foi posteriormente objecto de contestação.

5.º Finalmente que, segundo os estatutos manuelinos, se conseguia o gráu de bacharel, frequentando por cinco annos as aulas de medicina, e obtendo antes o gráu de bacharel em Artes. A licenciatura era precedida de theses e argumentos em pontos tirados de Galeno e Avicena; o gráu de doutor era precedido d'uma breve lição e d'um rapido argumento.

A simples apresentação d'este resumo faz vêr quanto foi por muito tempo rudimentar a organisação do ensino.

A existencia d'uma só cadeira era insufficientissima para o ensino d'uma sciencia tão complexa, e o tempo pelo qual era obrigada a sua frequencia para obter o gráu de licenciado ou de bacharel curtissimo para se ficar tendo uma certa sufficiencia sobre taes assumptos. Se a isto se juntar a nenhuma preparação dos alumnos, e a pequena cultura intellectual dos nossos antepassados, mais dados ás armas do que ás letras, fica-se convencido de que a medicina não podia ter largo desenvolvimento. E concorreriam ainda para isto outros motivos que em occasião opportuna serão apontados.

---

[1] Veremos que, posteriormente a D. João I, para se exercer a medicina era necessario um exame perante o physico-mór.

Não se póde dizer precisamente o mesmo da reforma de D. Manuel. É acanhadissima no numero de cadeiras, não ha duvida alguma; mas exige como preparatorio o bacharelato em Artes, e estabelece que o curso medico dure cinco annos. Esta duração do curso é sobretudo para attender, e explica mais que satisfatoriamente a frequencia consideravel de alumnos portuguezes em Salamanca, a contrapôr-se ao abandono das nossas aulas. Constitue vicio pedagogico grave a maneira como n'uma mesma cadeira se fornecia ensino a cinco cursos; todos os alumnos ouviam ao mesmo tempo as mesmas lições, não havia precedencia nem distribuição methodica nas disciplinas cursadas, e estas formavam uma especie de circulo que todos vinham a percorrer, mas partindo de pontos muito diversos. Não succedia isso tambem na universidade hespanhola, cuja grandeza tanto se avoluma para depreciar a nossa?

A bulla de Martinho V, de 1422, estabelece que todo aquelle que, em Salamanca, pretender o titulo de bacharel de medicina, tem de ser bacharel em Artes e de ouvir quatro annos as lições da sua faculdade; mas se, em vez de bacharel, fôr mestre em Artes, bastará que curse tres annos as aulas de medicina [1]. Ora, entre nós, pela reforma de D. Manuel, exigia-se a preparação da licenciatura em artes, como em Salamanca, e a duração do curso medico era maior um ou dois annos do que lá [2].

---

[1] Vidal y Diaz, *Memoria historica de la Universidad de Salamanca*, pag. 43.

[2] Com o titulo de *Tabula Legentium*, publíca o snr. Theophilo Braga a lista que se tem podido apurar dos professores da Universidade. D'ella copiamos os nomes dos seguintes lentes de medicina:

Mestre Mendo, leu Physica (1387);

Fernão Martins, licenciado, lente de Physica (1415);

Gonçalo Leão, lente de Medicina, depois bispo de Lamego (1416);

Mestre Alvaro, lente de Physica de Prima (1443);

Mestre Joanne, lente de Physica (1481).

A esta lista, ha a accrescentar:

Mestre João do Rego, lente de Prima (1499);

Mestre Affonso, lente de Vespera (1499).

O ensino da medicina fóra da faculdade não attingiu grande desenvolvimento. Sabemos que os bachareis em medicina e n'outras faculdades estavam legalmente habilitados para ensinar e certamente o fariam. Os estatutos de 1384 permittiam até nas aulas da Universidade leituras sobre qualquer disciplina a bachareis e escolares examinados e approvados por um doutor ou mestre da faculdade [1], o que estabelecia concorrencia entre os professores ordinarios e os leitores extraordinarios, concorrencia que deveria ser muito proveitosa para o ensino.

Apezar, porém, d'estas disposições, tudo leva a affirmar que não conseguiram favorecel-o, como convinha. Prova-o o grande numero de individuos que em tempo de D. João I exerciam a medicina, sem d'ella terem conhecimento cabal. O abuso datava d'época remota, e póde suppôr-se que tinha sido objecto de providencias nos reinados anteriores.

Uma carta real de 28 de junho de 1392 estabelece a primeira disposição legislativa em relação ao exercicio da medicina, e ordena que ninguem possa entregar-se á clinica sem que primeiro seja examinado e approvado por mestre Martinho, physico d'el-rei, que lhe passaria uma carta sellada com o sello real [2]. Caíam graves penalidades sobre os que não cumprissem estas determinações: eram presos e ficavam privados dos bens que possuiam.

Continua esta disposição em vigor durante muito tempo, como se prova d'alguns documentos dos reinados seguintes.

---

[1] Th. Braga, op. cit., pag. 119.

[2] «... E porém mandamos e defendemos que nom seja nenhum tão ousado homem, nem molher, Christãao nem Mouro, nem Judeu que use nem obre d'aqui em diante de Fisica no nosso Senhorio até que primeiramente nom seja examinado e aprovado per Mestre Martinho nosso Fisico, a que desto damos encarrego e que aja nossa carta assinada per o dito Mestre Martinho, e Seellada de nosso sello», etc. (Carta d'el-rei D. João I, de 28 de junho de 1392, na *Collecção da maior parte dos Estatutos, Leis, Alvarás e Ordens relativas á Medicina*, por Antonio d'Almeida, in *Jornal de Coimbra*, II, 1812 e seg.).

D'um artigo das côrtes celebradas em 1436, no reinado de D. Duarte [1], conclue-se que continuavam a ser examinados pelo physico-mór os individuos que desejavam exercer a medicina; e no reinado do seu successor foi renovada a disposição legislativa de D. João I, passando el-rei a Fernando Alvares Cardoso, seu physico e deão d'Evora, licença para examinar os que quizessem entregar-se á pratica da medicina [2].

Não via o povo isto bem, e tinha em sympathia os velhos que curavam com hervas e palavras santas, por amor de Deus. Em favor d'elles reclamou ás côrtes celebradas em Coimbra em 1472, mas o rei vagamente ordena que o physico-mór não faça coisa indevida no exercicio do seu cargo [3].

Mantinham-se as disposições anteriores, e o regimento do physico-mór de 15 d'outubro de 1476, dado por D. João II, como regente, concede ao physico-mór o direito de examinar todos os que desejem exercer a medicina, parecendo pelo caracter generico da disposição, que nem os que tinham cursado a Universidade estavam dispensados d'este exame [4].

Este regimento do physico-mór é confirmado em 18 de junho de 1496 pelo mesmo principe que já então governava como rei. Taes disposições, como vamos vêr, não eram as mais proprias para que se desenvolvesse a medicina entre nós.

Deve notar-se que, á similhança do que existia em relação ao exercicio da pharmacia, os municipios tinham qualquer jurisdicção sobre o da medicina. Assim o parece provar uma carta regia de 21 d'agosto de 1493 em que D. João

---

[1] Cap. XXIII, in Pedro José da Silva, *Historia da pharmacia portugueza*, 3.ª memoria, pag. 6.

[2] Alvará de 12 de setembro de 1454, in Pedro José da Silva, op. cit., 3.ª memoria, pag. 7.

[3] Cap. CI dos Misticos in Antonio d'Almeida, *Collecção de Estatutos*, cit. no *Jornal de Coimbra*, III.

[4] «... qualquer pessoa que se metesse a curar e hussar de fysiqua ssem sseer examinado pello sseu fysiquo moor e aveer sua lycença pagasse da cada trinta dobras de banda», etc. (Almeida, *Collecção citada*).

II pede á camara de Lisboa permitta a entrada e o exercicio clinico a D. Samuel, judeu castelhano «bôo hômê de seu ofiçio» [1].

Pelo que diz respeito á cirurgia, é preciso chegarmos a 1448 para vêrmos a primeira disposição relativa ao seu exercicio. É então que apparece o Regimento do cirurgião-mór, ao qual se ordena que examine aquelles que desejem exercer a cirurgia e lhes passe cartas, se por seus merecimentos scientificos por elle forem julgados aptos para isso [2]. Colligese d'este documento que algumas provisões anteriores havia sobre o caso, mas não foi possivel até hoje encontral-as. Seja como fôr, o regimento foi confirmado por D. João II, n'uma sentença de 17 de março de 1486, a respeito de duvidas suscitadas na observancia d'algumas das suas disposições [3].

Tal era o modo como estava organisado o ensino cirurgico. Deu-se, porém, um facto importante. Fundava D. João II em 15 de maio de 1492 o grandioso Hospital de Todos os Santos de Lisboa. Annos depois, D. Manuel dava ao hospital um regimento [4] em que se incluia uma condição em si pouco importante, mas que havia de ser o ponto de partida para o renascimento ou melhor para a creação dos estudos cirurgicos em Portugal. Ordenava-se n'ella que o cirurgião interno

---

[1] Ed. Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I, pag. 368.

[2] «... temos por bem fazelo nosso Cirurgião Mór dos nossos Reinos e Senhorios, ao qual damos poder e authoridade, que possa examinar e dar cartas áquelles que achar aptos, e pertencentes para a dita Arte de Cirurgia». (*Regimento do Cirurgião Mór*, de 25 d'outubro de 1448. — Almeida, *Collecção citada*).

[3] «... e que nenhuu nom podia husar da dita arte de Celorgia, sem primeiro serem examinados per elle». (Sentença de D. João II, de 17 de março de 1486, in Almeida, *Collecção citada*).

[4] Este regimento não tem data. O snr. Alfredo Luiz Lopes, no seu livro o *Hospital de Todos os Santos*, Lisboa, 1890, pag. 10, fixa-a em 1498, mas, a despeito do cuidado com que esta memoria foi elaborada, as razões apresentadas na nota de pag. 65 não nos permittem acceitar essa data, que deverá ser de 1504.

do hospital todos os dias desse a *dois moços,* que teria para o ajudarem, uma lição de theoria e pratica, com o fim de os habilitar a servirem no mesmo hospital [1] e esta disposição, apparentemente de pouco valor, devia, depois de convenientemente modificada, dar novo impulso á cirurgia portugueza.

As leis que regulavam o exercicio da medicina e da cirurgia, assim como as que respeitavam ao ensino, eram, como acaba de vêr-se, defeituosas.

A frequencia da clinica de qualquer medico ou cirurgião, seguida d'um exame perante o physico ou cirurgião-mór, sem que os alumnos tivessem outras habilitações, dava direito á pratica d'uma arte tão complexa, o que era insufficiente e vicioso, dando logar a violentos abusos que despertaram queixas que subiram por vezes á consideração do poder central [2].

---

[1] «... e que o dito celorgião que ha de viver no esprital leia cada dia uma lição aos seus dois mossos que ha de ter e que hão de ser pagos das rendas do esprital, para aprenderem a theorica e a pratica e poderão ficar servindo o serviço do dito esprital e assy cumprirá o dito Celorgião». Cit. por Bernardino Antonio Gomes, *Instrucção medica em Portugal* in *Gazeta medica de Lisboa,* IX, pag. 193.

O snr. Alfredo Luiz Lopes diz que essa lição era de anatomia. (Op. cit., pag. 10).

[2] Artigo de Cortes de Coimbra de 1472, na *Collecção* de Antonio d'Almeida.

CAPITULO II

Feição da medicina durante este periodo. — Doutrinas correntes. — Os judeus. — Valesco de Tharanta. — D. Duarte. — O Regimento de Frei Luiz de Raz.

A creação da Universidade representa de certo uma grande conquista, mas não deu os resultados que se lhe poderiam suppôr, pelo menos no que respeita ao ensino medico. Havia apenas uma cadeira de medicina, e bastaria isto para que assignalassemos como insufficiente a nova fundação. Mas outros obices viriam do caracter ecclesiastico e monachal que este estabelecimento teve no seu principio.

Tanto Coelho da Rocha [1] como José Silvestre Ribeiro insistem sobre este cunho fundamental da Universidade. O ultimo chega a dizer: « A natureza das coisas demandava que ella tivesse as feições e caracter ecclesiasticos, visto como foi solicitada pelo clero, dotada com pensões impostas sobre os mosteiros e egrejas, e confirmada pelo pontifice que a amparou com o escudo das immunidades. N'este presupposto, não só a Universidade foi essencialmente *ecclesiastica,* mas até lhe quadra a denominação de *pontificia.*

« Foi concedido aos mestres, aos estudantes e aos seus creados o fôro ecclesiastico.

---

[1] *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal.* Coimbra, 1841, pag. 94.

« O gráu de licenciado devia ser conferido pelo bispo de Lisboa, ou pelo vigario que, *séde vacante*, fosse eleito pelo cabido, aos estudantes que os mestres reputassem idoneos.

« O mesmo caracter ecclesiastico ou antes pontificio tem a disposição relativa á taxa de aluguer de casas para residencia dos estudantes, bem como a immunidade votada ao beneficio das pessoas, bens e mensageiros dos mesmos estudantes » [1].

Comquanto pareça ser este o espirito de todos os documentos que possuimos sobre as origens da Universidade, não se accorda com esta opinião o snr. Theophilo Braga. Levando em vista demonstrar que o estudo geral foi sobretudo desenvolvido pelas diligencias do poder real, affirma que « a historia economica da Universidade de Coimbra, tão interessante como a litteraria, mostra claramente que bem pouco deveu esta instituição á iniciativa e impulso ecclesiastico » [2].

Não querendo pôr em duvida por fórma alguma que o poder real tivesse feito todos os esforços para se apoderar do ensino como meio de assegurar o seu predominio, julgamos que o snr. Theophilo Braga foi além do que legitimamente se deve inferir. Basta a enumeração dos privilegios do estudo e dos escolares que propositadamente transcrevemos de J. Silvestre Ribeiro para que bem se evidencie este caracter clerical. Melhor avisado andou, em nossa opinião, o grande escriptor quando figurou os dois poderes espiritual e temporal dando as mãos um ao outro para o estabelecimento das universidades, embora com tendencias divergentes, que depois procuraram fazer prevalecer. Ora a de Lisboa foi seguramente um exemplo d'esta concordancia para a fundação, e da lucta ulterior para a manutenção do espirito que cada um dos dois poderes lhe queria imprimir. Com o progresso das idades, logrou vencimento a auctoridade real, mas de principio o

---

[1] J. Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos litterarios e scientificos*, I, pag. 423.

[2] Th. Braga, *Historia da Universidade*, I, pag. 115.

*

predominio pertenceu aos ecclesiasticos. O proprio snr. Theophilo Braga diz que no ensino universitario se conservou a feição clerical com a tradição das Sete Artes [1], e que essa feição permaneceu até hoje [2]. Não quer dizer esta ultima asserção quanto foi indelevel o seu caracter originario?

Resultariam outros prejuizos dos abusos que se introduziram constantemente no regimen universitario. Assim, logo em seguida á fundação, se sabe que na Universidade se não faziam actos, e que bastava a qualidade de estudante para a nomeação para cargos publicos de importancia, e até para o professorado [3]. No reinado de D. Affonso V, nomearam-se para lentes individuos de tão pouca sufficiencia que, muitos dos que aprendiam pagavam a quem particularmente os ensinava [4]. Outros abusos havia, mas bastarão os que ficam indicados para se poder ajuizar quaes deviam ser os prejuizos que advinham ao ensino. O que é certo é que sempre ficamos feudatarios das universidades extrangeiras, e tanto que o poder central se viu obrigado a tomar disposições que restringissem ao menos o numero dos que iam estudar fóra do reino.

Vemos que, em 28 de agosto de 1440 [5], D. Pedro, regente do reino, lança um imposto de vinte corôas em favor da Universidade áquelles que tomem gráu em escólas extranhas; e, comquanto esta procura de distincções academicas fóra da patria possa ter mais do que uma causa, sempre nos vemos forçados a admittir que uma era a deficiencia do ensino universitario.

Se da organisação do ensino passarmos ao exame das doutrinas professadas, não temos tambem com que se orgulhe o sentimento nacional, mas, sequer n'esse ponto, não iamos

---

1 Op. cit., pag. 45.
2 Idem, pag. 37.
3 Leitão Ferreira, *Mem. chron.*, pag. 52.
4 Idem, pag. 372.
5 J. Silvestre Ribeiro, op. cit., I, pag. 42.

nem mais nem menos adiantados que os outros paizes: o que entre nós se passava era um reflexo do que se passava por toda a parte. Quer no ensino, quer na pratica, eram Avicena e Galeno os directores do espirito dos nossos medicos. Já vimos que na terminação do periodo que estamos estudando, os textos lidos na Universidade eram ainda livros d'aquelles dois coripheus da medicina [1]. Mas o predominio dos arabes e das doutrinas que professavam é ainda attestado por outra ordem de documentos.

Referimo-nos aos catalogos das livrarias que se puderam organisar pelas memorias do tempo; na de D. Diniz, existiam textos de Aristoteles; na de D. Duarte, encontrava-se a compilação que fez Constantino Africano das doutrinas dos gregos e dos arabes e a que deu o nome de *Viatico,* a dialectica de Aristoteles, e a dialectica de Avicena; na do infante D. Fernando, havia uma obra de Isaac, traduzida em portuguez; e na do Condestavel de Portugal, filho do infante D. Pedro, via-se um tratado de Avicena [2]. Como se vê, ha aqui prova bastante de que as doutrinas arabigo-galenicas continuavam a dominar, como no primeiro periodo que determinamos.

Se houvesse necessidade de mais demonstração, ainda poderiamos reforçar o que fica escripto com a enumeração dos textos lidos nas universidades que mais eram concorridas pelos nossos estudantes.

Na universidade de Pariz, muito frequentada por elles, conservou-se a lista dos textos seguidos desde o principio do seculo XIII. Eram os seguintes:

Hippocrates — os *Aphorismos,* o livro da *Dieta,* o tratado das *Doenças agudas,* o livro dos *Prognosticos.*

Joannicio (Ben Ishaq) — *Introducção á arte abreviada de Galeno.*

Philareto — *Livro sobre o pulso.*

---

[1] Theophilo Braga, *Historia da Universidade,* I, pag. 300.

[2] Os catalogos d'estas livrarias reconstruidas podem lêr-se na *Historia da Universidade* de Theophilo Braga.

Isaac — o *Viatico*, o *livro das Febres*, as *Dietas universaes*, as *Dietas particulares*, o *Tratado das urinas*.

Theophilo — *Tratado do pulso e das urinas*.

Egidio de Corbeil — *Tratado sobre as urinas e differenças do pulso*.

Taes eram os livros que se explicavam nos cursos, e fazia-se prestar aos bachareis juramento de não explicarem outros, e, além d'estes, de se servirem apenas das explicações e commentarios approvados e permittidos pela faculdade. Os textos conservaram-se os mesmos até 1350 [1].

Se attentarmos bem n'esta lista, reconheceremos que effectivamente no ensino da universidade de Pariz predominavam as doutrinas arabigo-galenicas. Liam-se, é verdade, textos de Hippocrates, mas Isaac e Joannicio são arabes, Philareto e Theophilo são meros compiladores das obras de Galeno e o galenismo é a base do arabismo. O proprio Gil ou Egidio de Corbeil, que professára na celebre escóla de Salerno, tão diversamente julgada pelos historiadores medicos, sacrificára ao arabismo na importancia excessiva ligada ao exame das urinas para o diagnostico das doenças. Era exactamente essa a obra adoptada em Pariz.

Em Montpellier, não obtivemos noticia dos textos explicados, mas Daremberg affirma que as lições dos seus professores se pareciam com as dos professores de Salerno, *sauf quelques noms arabes de plus* [2]. Ora, segundo lêmos em Sprengel e em Bouchut, todo o estudante de medicina que quizesse exercer esta profissão no reino de Napoles tinha de ser examinado pelo collegio medico de Salerno. Devia provar que era fructo d'um casamento legitimo, que tinha vinte e um annos de idade, e que havia consagrado sete ao estudo da arte. As provas por que passava consistiam em explicar publicamente a *articella* de Galeno, o primeiro livro de Avicena, ou uma passa-

[1] Chomel, cit. por Malgaigne, *Histoire de la chirurgie en Occident*, pag. XLII.

[2] Daremberg, *Histoire des sciences médicales*. Paris, 1870, I, pag. 282.

gem dos aphorismos de Hippocrates [1]. Como se vê, em Salerno, tambem predominavam as doutrinas arabigo-galenicas, e em Montpellier succedia o mesmo, *sauf quelques noms arabes de plus.*

Bolonha era séde d'uma universidade tambem frequentada por alumnos portuguezes. Ahi tambem os mestres ensinavam as obras de Galeno, mas ao menos eram compulsados os textos de Hippocrates.

Nada podemos apurar em relação á universidade de Salamanca no que respeita a este ponto, mas é de crêr que seguisse as tradições das outras universidades.

Esta ordem de inducções confirma portanto o que havia sido indicado por outros documentos examinados, no que se refere ao predominio das doutrinas arabigo-galenicas. Mas a demonstração capital está em que, segundo os estatutos manuelinos de 1504, ainda na Universidade os textos que serviam nos exames eram de Avicena e de Galeno. Não póde portanto restar duvida a tal respeito [2].

Para a persistencia d'estas doutrinas na pratica e no ensino concorreria a circumstancia de ser n'esta época a medicina exercida quasi exclusivamente pelos judeus, a quem era familiar a lingua arabe; mas vimos que na época anterior haviam dominado as mesmas doutrinas.

Perde-se na noite dos tempos a entrada dos judeus na peninsula. Os historiadores israelitas attribuem-n'a á mais remota antiguidade, mas as suas asserções são pelo menos infundamentadas. A partir do seculo III nenhuma duvida existe a respeito da sua existencia, e seguidamente grande numero de documentos attestam o rapido crescimento da colonia nas Hespanhas. O concilio d'Elvira (305 ou 306) adoptou disposições destinadas a reprimir-lhes a acção, o que mostra que alguma importancia haviam adquirido. Analogo procedimento foi o do concilio III de Toledo, mas Sisebuto (612-617) levou a perse-

---

[1] Sprengel, op. cit., II, pag. 362.

[2] Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 300.

guição até expulsal-os e obrigal-os ao baptismo. Desde então, ora tratados com brandura, ora repellidos como dureza, os judeus foram-se desenvolvendo e estendendo por toda a peninsula [1].

Forçados a viver no meio de povos que lhes não escondiam os sentimentos de hostilidade de que estavam animados, só um meio havia de se sustentarem, tornarem-se necessarios. Tal é o segredo da sua pullulação nos pontos onde perseguições violentas e repetidas tendiam a anniquilal-os.

O commercio, as artes, as sciencias deveram-lhes notaveis progressos, e a medicina um culto particular. As escólas arabes estabelecidas em Granada, em Cordova, em Toledo tinham entre os seus professores muitos judeus, e, no seculo IX, os principaes medicos de França e da Italia eram de origem hebraica. As escólas de Narbonna e de Lunel, no seculo X, deram á medicina brilho notavel, e foi em parte aos esforços dos sabios judeus que affluiam a estas cidades que, alguns seculos mais tarde, Montpellier deveu a fundação da sua celebre escóla. A de Salerno, que pôde rivalisar em gloria com a anterior, teve por primeiros mestres arabes e judeus que a ella chamaram grande numero de alumnos de origens diversissimas, motivo pelo qual o ensino era fornecido em varias linguas. O mesmo veio a succeder no seculo seguinte em Montpellier e pelo mesmo motivo. Salysburi, bispo de Chartres, que vivia no seculo XII, dizia que os discipulos d'esta escóla saíam d'ella carregados de nomes barbaros [2].

Por esta época, na Hespanha, elevava-se a litteratura judaica á maior altura que podia attingir. « A medicina não deixára de ser cultivada e os judeus continuavam a conservar a sua reputação que só os arabes lhes disputavam ». Como, porém, o dominio d'estes estava a terminar, os hebreus ficariam unicos depositarios das sciencias medicas.

---

[1] Mendes dos Remedios, *Os judeus em Portugal*. Coimbra, 1895, pag. 63 e seg.

[2] Astruc, *Histoire de la Faculté de Montpellier*, pag. 8.

De facto, citam-se no seculo XII medicos judeus de reconhecido merito, alguns dos quaes deixaram obras de valor. O credito que haviam adquirido era tal, que todo o doente se considerava feliz em ter ao seu lado um medico judeu.

As qualidades que distinguiam a raça hebraica e os serviços relevantes que prestava não podiam deixar de assegurar-lhe um certo predominio. A despeito das perseguições que soffria, foi-se acclimando nas Hespanhas, e por um lado as riquezas que possuia, por outro os talentos e instrucção de que era dotada, abriu-lhe larga estrada para o seu engrandecimento. Os differentes reis da peninsula, encontrando n'ella os conselhos e soccorros pecuniarios que não encontravam n'outras classes da sociedade, encarregaram-n'os dos principaes cargos do Estado, apezar do odio que sabiam lhes era votado pelos seus fanaticos vassallos.

O valimento que encontraram na Hespanha tambem o obtiveram em Portugal. N'uma decretal de Gregorio IX. é reprehendido D. Sancho II por favorecer os judeus, e ao mesmo tempo ordena-se aos bispos d'Astorga e Lugo que o admoestem para emendar este abuso. No reinado de D. Diniz, os judeus foram por igual favorecidos; n'uns artigos de queixa feitos pelos ecclesiasticos contra este principe é censurado por dar os logares de fazenda aos judeus, permittindo-lhes andarem sem divisas nem signaes e isentando-os das dizimas ecclesiasticas.

A população judaica foi assim crescendo no nosso paiz. Apezar das leis severas que sobre ella pesavam [1], foi-se desenvolvendo e assenhoreando de todos os ramos da activi-

---

[1] Como exemplo, citamos as palavras de Ferreira Gordo na sua *Memoria sobre os judeus de Portugal:*

«Era-lhes vedado (aos judeus) com grandes penas a entrada em casas de mulheres solteiras ou viuvas, e ainda nas das casadas quando seus maridos eram ausentes. Havia, porém, alguns a quem a necessidade de seus misteres e officios fazia tolerada a sua communicação, como eram os medicos, cirurgiões e officiaes mecanicos, os quaes podiam entrar solitarios». (*Memorias da Academia,* VIII, parte II, pag. 11).

dade nacional. Conhecedores, pelas suas frequentes viagens e pelas relações que entretinham com os paizes extrangeiros, de todos os segredos da sciencia, os judeus foram-se acreditando lentamente no conceito dos povos que os odiavam, sem lhes negarem a admiração devida, e a medicina foi uma das sciencias que mais estudaram e a que deram maior desenvolvimento [1].

No reinado de D. João I encontramos documentos que indicam a existencia de grande numero de medicos judeus no nosso paiz [2], e é para notar-se que o physico d'aquelle monarcha fosse mestre Moysés, de origem hebraica, o que indica a elevada consideração em que eram tidos. Nos reinados seguintes continuam a ser medicos dos reis portuguezes, e pudemos apurar os nomes de Abrahão Guedelha, physico de D. Duarte e D. Affonso V, do dr. Thomaz da Veiga e seu filho Rodrigo da Veiga, physicos de D. Affonso V, de mestre Leão, physico de D. João II, de mestre Antonio, cirurgião-mór d'estes reinos no tempo do mesmo rei, e finalmente, de mestre Diogo de Alfaro [3], mestre Rodrigo e mestre José, que faziam parte da

---

[1] «E por fallar dos judeus portuguezes.... em mui grande obrigação lhes estamos pelo muito que concorrerão para o estabelecimento dos estudos em Portugal; porque em verdade lhes devemos em muita parte os primeiros conhecimentos da filosophia, da botanica, da medicina, da astronomia e da cosmographia; os primeiros rudimentos da grammatica da lingua santa, e quasi todos os estudos da litteratura sagrada, que entre nós houve antes do seculo XVI, e o que muito contribuiu para se espalharem e adiantarem os novos conhecimentos, a introducção, ou polimento da typographia portugueza, maiormente hebraica, com que n'aquelles tempos começamos de competir com as mais adiantadas nações de Italia e da Allemanha». (Antonio Ribeiro dos Santos, *Memorias da Litteratura Sagrada dos judeus portuguezes, desde os primeiros tempos da monarchia até os fins do seculo XV*, nas *Memorias de Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, II. Lisboa, 1792).

[2] Na carta de D. João I, de 28 de junho de 1392, já citada, diz-se: «fazemos saber que a nos he dito que alguas pessoas do nosso Senhorio, assy Christãos como Judeos e Mouros, se trabalham d'husar de Fisica...» A concordia do mesmo rei com os prelados em 1427 refere-se tambem a trazer o rei em sua casa medicos e cirurgiões judeus.

[3] Francisco Antonio Martins Bastos, *Nobiliarchia Medica*, 1868.

Junta dos mathematicos [1], todos de origem judaica. Entre os que exerceram a clinica geral durante o periodo cuja historia intentamos, notam-se Gedaliah Ben David Jachiia, de Lisboa, que floresceu nos fins do seculo XIV e principio do seculo XV [2], e Jehudah ben Ischag Abarbanel, natural da mesma cidade, que viveu nos fins do seculo XV [3].

No periodo seguinte, a medicina hebreia attingiu, no seculo XVI, o seu maximo esplendor, e póde dizer-se que a esta raça, tão perseguida como desventurada, devemos os medicos mais illustres que tivemos.

Não é licito affirmar que os judeus imprimissem feição especial á medicina, mas os seus conhecimentos, certamente mais adiantados que os dos ecclesiasticos, elevaram a medicina arabe a uma altura notavel, despindo-a das superstições grosseiras que aquelles lhe haviam accrescentado e que a estes em nada aproveitavam. Deve dizer-se, todavia, que algumas lhe conservaram, e entre ellas a crença na astrologia, como o demonstra ter Abrahão Guedelha, baseando-se na observação dos astros, tentado persuadir D. Duarte de que não devia deixar-se acclamar no dia que para isso escolhera.

O que n'elles ha mais a censurar é terem talvez abusado da profissão medica, tornando-a uma especie de commercio [4], no que afinal não fizeram mais do que imitar os seus competidores, os ecclesiasticos. Se mesmo quizermos dar credito ás queixas contra elles levantadas, poderiamos acreditar que os conhecimentos medicos lhes serviam para o conseguimento de

---

[1] Vieira de Meirelles, *Apontamentos para a historia da physica em Portugal*, no *Instituto*, XV, pag. 59.

[2] Antonio Ribeiro dos Santos, op. cit., pag. 285. — Morejon, op. cit., I, pag. 94. — Chinchilla, op. cit., pag. 75.

[3] Morejon, op. cit., I, pag. 99. — Chinchilla, op. cit., I, pag. 55. — *Memorias da Litteratura dos judeus portuguezes*, no seculo XVI, por Antonio Ribeiro dos Santos, nas *Memorias de Litteratura Portugueza*, II, pag. 388. — Rodriguez de Castro, *Bibliotheca Española*, I, pag. 371.

[4] Bordeu, cit. por Morejon, op. cit., I, pag. 73.

fins criminosos. Ouçamos a este respeito a palavra auctorisada do nosso primeiro historiador:

« Os medicos, cirurgiões e boticarios judeus, na opinião do vulgo, abusavam frequentemente da sua profissão para conduzir á sepultura grande numero de christãos. O atrazo da therapeutica e da pharmacia e a imperfeição dos methodos cirurgicos deviam, na realidade, subministrar, frequentemente, factos que tornassem plausivel esta ultima accusação, ao passo que tambem é crivel que, maltratados e perseguidos, os judeus mais d'uma vez abusassem da medicina, a que especialmente se dedicavam, para exercerem vinganças que reputariam legitimas » [1].

Ainda quando admittissemos taes clamores, o que nos repugna, porquanto nos parecem o reflexo da espantosa superstição que tantos crimes e desatinos causou, não se póde negar que os judeus prestassem relevantes serviços á medicina.

Não nos restam, infelizmente, as obras dos medicos, cujo nome apontamos e por esse lado não podemos corroborar com o seu estudo individuado a apreciação geral que d'elles fizemos, baseando-nos em auctores dignos de toda a consideração.

Além dos judeus, houve n'esta época medicos e cirurgiões distinctos, e a *Nobiliarchia Medica* de Martins Bastos especifica os nomes dos que estiveram ao serviço dos nossos reis, naturalmente os mais afamados que então havia em Portugal. Não os reproduzimos aqui, porque não é possivel calcular a influencia que exerceram nas doutrinas e pratica da medicina.

Cumpre, todavia, assignalar um medico muito notavel, Valesco de Tharanta [2], que viveu nos fins do seculo XIV e co-

---

[1] Herculano, *Historia da Inquisição*, 3.ª ed., I, pag. 79 e 80.

[2] As razões que militam para considerar portuguez este medico são as seguintes: 1.º Escrever adiante do seu nome a abreviatura *lz*. (pag. 1.ª do *Philonium*) que verosimilmente indica a sua qualidade de portuguez; 2.º Dizer no prologo do seu livro que o escrevera no reinado de diversos soberanos, mencionando o rei de Portugal D. João I em primeiro logar; 3.º Escrever a pag. 332 do mesmo livro o seguinte: *quia ego tempore pueritie mee dum addiscerem artes liberales ulixbone vidi q̃ quedam Judea... et hoc per totam ci-*

meço do XV. Valesco estudou artes liberaes em Lisboa e começou a exercer a medicina em 1382 [1], provavelmente na sua patria. Graduou-se em 1387 em Montpellier, aos seus conhecimentos deveu occupar uma cadeira n'aquella universidade, então uma das mais afamadas do mundo, e n'ella foi, diz Malgaigne, o professor mais celebre da sua época.

Em 1401, escreveu o seu *Tratado das epidemias* [2]; em 1418 o seu tratado de medicina que se intitula *Philonium pharmaceuticum et chirurgicum;* e emfim, sem data, um livro de cirurgia [3].

---

vitatem ulixbone et per totum studium fuit divulgatum; 4.º Affirmar Ranchin, chanceller e juiz da faculdade de Montpellier, que elle costumava passar as ferias em Portugal. De resto, Astruc (*Histoire de la Faculté de Montpellier,* pag. 208); Malgaigne (*Histoire de la Chirurgie en Occident,* pag. LXXI); Sprengel (*Histoire de la médecine,* traduite par Jourdan, II, pag. 469); Morejon (*Historia de la Medicina Española,* I, pag. 302); Hahn (*Dictionnaire Encyclopédique des sciences médicales,* 5.ª serie, II, pag. 376), etc., consideram-n'o todos como portuguez.

[1] «Inceptus est autem liber iste cum auxilio magni & æterni Dei post praticam usualem 36 annorum per me Valescus, anno Domini 1418, in vigilia Sancti Barnabe Apostoli». (*Philonium, prologus*).

[2] *Tractatus de epidimia et | peste domini Valasti de Taranta artiū & medicine do | ctoris excellentissimi.*

Este livro rarissimo, de que só vimos um exemplar na bibliotheca da Escóla Medico-Cirurgica do Porto, por offerta do dr. José Carlos Lopes, tem no fim a seguinte subscripção: *Tractatulus de epidimia et peste excellentissimi artiū | et medicine doctoris Valasti de Taranta impressus in | imperiali oppido Hagennaw per Henricu Gran An | no a natiuitate domini necnon saluti nostre millesimo | quaterqꝫ centesimo nonagesimo septimo feria qnta ante | festum sancte katherine finiuit feliciter.*

Sobre a época em que foi escripto este opusculo lê-se a fl. 2: «XXV octobris anni millesimi quatercentesimi primi quando iste tractatus fuit compilatus». Esta data de 1401 não confere com a que apresenta a pag. 382 v. a edição do *Philonium* que vimos; mas a pag. 387 d'esse mesmo livro restabelece-se a data de 1401, devendo suppôr-se que a de 1410 indicada na passagem precedente é devida á transposição de dois algarismos.

[3] A enumeração das obras de Valesco é feita segundo Malgaigne. De facto nunca vimos o *Tratado de Cirurgia* em edição separada, achando-se reunido com o *Tratado das epidemias* na edição do *Philonium* que existe na Es-

O *Philonium pharmaceuticum et chirurgicum,* como se deprehende do titulo, occupa-se de doenças medicas e cirurgicas. Acha-se dividido em sete partes, por causa das sete chagas de Jesus-Christo, dos sete dons do Espirito Santo, das sete alegrias da Virgem, dos sete Sacramentos da Egreja, das sete Virtudes contra os peccados mortaes, etc., etc.

O primeiro capitulo é consagrado ao estudo das doenças nervosas e mentaes; o segundo ao das enfermidades dos olhos, dos ouvidos, do nariz e da lingua; o terceiro tem por objecto principal as doenças dos pulmões e do coração; o quarto estuda as doenças dos orgãos digestivos; o quinto occupa-se das enfermidades do figado, do baço e dos rins; o sexto dedica-se ás doenças dos orgãos genitaes d'um e outro sexo, e finalmente o ultimo tem por objecto o estudo das febres. Completam o livro um tratado das epidemias e uma exposição dos diversos apostemas.

Como se vê, o *Philonium* é um tratado de pathologia medica e cirurgica, em que o auctor algumas vezes se abona com observações colhidas na sua pratica, e em que se acham consignados factos interessantes. Assim, Valesco, por exemplo, considera a bocca espumante e a respiração estertorosa como sendo de mau prognostico na apoplexia [1]; curou espasmos geraes e violentos com aflusões d'agua fria, seguidas d'uncções com diversos oleos [2]; refere ter curado procidencias das partes internas do olho, unicamente pelo repouso e pela applicação dos adstringentes [3]; não abre cirurgicamente o hypo-

---

cóla Medico-Cirurgica do Porto e cujo titulo é: *Practica Valesci de tharã | ta: que alias philonius | dicitur: vna cum do | mini Joannis de | tornamira in | troducto | rio.* Esta edição não tem indicação de data, que talvez se lesse na ultima folha que falta, mas suppomos pela incorrecção do texto e grande numero de abreviaturas que a edição é anterior á do tratado de epidemias que pertenceu ao dr. José Carlos Lopes. Do *Philonium* existem na Bibliotheca Nacional de Lisboa edições de 1599 e de 1680.

[1] Lib. I, cap. XIX — De apoplexia, pag. 35.

[2] Lib. I, cap. XXI — De spasmo, pag. 43 v.

[3] Lib. II, cap. XIX — De ruptura cornee, pag. 62 v.

pion, sendo a operação difficil e pouco usada [1]; não pratíca a operação da cataracta [2]; apresenta uma observação de suor sanguinolento [3]; observou uma epidemia de grippe, certamente a primeira que se acha registada na sciencia [4]; na extracção da ranula aconselha o ferro em braza, visto que a applicação do cauterio potencial é seguida frequentemente de maus resultados [5]; no tratamento das odontalgias aconselha que se obturem os dentes cariados e prescreve diversas substancias aromaticas, que em caso d'improficuidade cederão o logar aos narcoticos, ao arsenio, e ao cauterio actual [6]; os abcessos da uvula abre-os, mas recommenda que se não faça a ablação d'este orgão senão em ultimo extremo e se limite o córte ao indispensavel, porquanto viu fallecer dentro de tres dias um presbytero a quem se fizera a ablação total [7]; aconselha os vomitivos e as cataplasmas para determinar a ruptura do empyema, antes de recorrer ao ferro em braza, e affirma haver curado um homem que tinha uma fistula resultante da abertura espontanea [8]; encarece o valor do tratamento dietetico na tysica pulmonar [9]; viu um caso de tympanite uterina, com extraordinario desenvolvimento do ventre, de modo a suppôr-se que a paciente estava gravida [10], etc., etc.

---

[1] Lib. II, cap. XXVI — De sanie retro corneam, pag. 64 v.

[2] Lib. II, cap. XXIX — De cataracta, pag. 66 v.

[3] Lib. II, cap. LIII — De sanie et de ulceribus aurium, pag. 85 v.

[4] Lib. II, cap. LXVI — De catarrho. «Et ego vidi in Montepessulano anno quo recepi licentiam 1387 quod fuit catarrhus quasi generalis ita quod vix 10 pars gentium preter infantes evasit catarrum cum febre et fere omnes decrepite moriebant propter causam dictam. Et postea vidi 2 inundationes cum similis reumatis», pag. 93.

[5] Lib. II, cap. LXVIII — De ranula sub-lingua, pag. 102.

[6] Lib. II, cap. LXXII — De passionibus dentium et primo de dolore, pag. 106.

[7] Lib. III, cap. III — De passionibus uvule, pag. 119 v.

[8] Lib. III, cap. VII — De empimate, pag. 133 v.

[9] Lib. III, cap. XI — De phthisi, pag. 146.

[10] Lib. VI, cap. XV — De mola matricis, pag. 332.

O *Tratado das epidemias* é uma reduzida compilação do que os arabes haviam escripto sobre o assumpto, a que Valesco muitissimo pouco accrescenta do que tinha visto na sua pratica.

O *Tratado de cirurgia* foi examinado detidamente por Malgaigne, que o considera como tendo pouco interesse. É certo que Valesco pouco relata do que praticou, antes refere o que viu fazer, e tambem não é muito o que viu. Um cirurgião, Guilherme Sagarriga, extirpava os tumores escrofulosos, modo de tratamento que depois se generalisou muito [1]; outro applicava o arsenio na cura dos cancros, das ulceras e das hemorrhagias, mas era necessario proceder com toda a prudencia [2]; na lepra, depois de ter dito que só a mãe, e nunca o pae, póde transmittir a doença ao filho, aconselha a castração como muito efficaz [3]; rejeita o uso das preparações d'arsenio na tinha, porque vira morrer rapidamente uma creança de doze annos submettida a este tratamento [4]; parece ter sido o primeiro que aconselhou contra os parasitas a pomada mercurial [5].

Os auctores citados por Valesco são principalmente arabes e galenistas, mas é de notar que os auctores mais modernos (Guilherme de Saliceto, Gordon, e o proprio Guido de Chauliac) eram versados por elle.

Sobre o valor do professor de Montpellier, os diversos historiadores concordam em o julgar um dos medicos mais illustres do seu tempo, se bem que Daremberg [6] diga que formigam no seu livro as superstições, e Malgaigne supponha já em decadencia a faculdade em que ensinou e em que illustrou o seu nome e o do seu paiz.

---

[1] Lib. VII, cap. XII — De scrofulis, pag. 395.
[2] Lib. VII, cap. XV — De cancro, pag. 397.
[3] Lib. VII, cap. XXI — De lepra, pag. 406 e 407.
[4] Lib. VII, cap. XXXV — De favo, pag. 418 v.
[5] Liv. VII, cap. XXXVI — De pediculis, pag. 419.
[6] *Histoire des sciences médicales*, I, 1870, pag. 317.

Não concluiremos este capitulo sem nos referirmos a dois livros que, apezar de não serem devidos á penna de medicos, têm direito incontestavel a ser mencionados n'uma historia da medicina patria, pelos subsidios que fornecem para o conhecimento da hygiene na época em que foram escriptos.

É o primeiro o *Leal Conselheiro* [1] do mallogrado rei D. Duarte.

Este livro singular, que, se tivesse datas, seria um diario completo da melancholica existencia do seu auctor, tem importancia para o hygienista, como a tem para o philosopho e para o historiador.

O que é o *Leal Conselheiro?* Responde Oliveira Martins no seu excellente estudo sobre este livro: «É uma compilação confusa de todas as ideias moraes e philosophicas do tempo. Nunca um livro denominou melhor o seu auctor. O *Leal Conselheiro* é D. Duarte, com o seu espirito fundamentalmente bom, feito de virtude e lealdade; com a sua intelligencia confusamente pratica, necessitando da escripta para se affirmar, e de aconselhar para illudir a sua indecisão de homem de governo» [2].

Começa o livro por uma dissertação psychologica. O homem moral tem duas faculdades: entendimento e vontade. O entendimento tem sete partes: apprehensiva, pela qual percebemos o que nos dizem ou demonstram; memorativa, pela qual facilmente recordamos o que sabemos; judicativa, pela qual damos bom e direito juizo no que pensamos; inventiva, pela qual achamos «nos feitos... novos caminhos»; declarativa, pela qual ensinamos oralmente ou por escripto; executiva, pela qual damos cumprimento; e perseverante, pela qual temos firmeza nos bons propositos.

---

[1] *Leal Conselheiro, o qual fez D. Duarte, pela graça de Deos Rei de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta.* Paris, 1842. Ha outra edição de Lisboa, 1843. Suppõe-se que este livro foi escripto entre 1428 e 1437.

[2] Oliveira Martins, *Os filhos de D. João I*, na *Revista de Portugal*, I, pag. 705.

Já n'esta parte se encontram ideias aproveitaveis para o hygienista. Occupa-se o rei da divisão das idades, e, depois de ter mencionado uma classificação corrente no seu tempo, propõe outra que julga mais acceitavel e que as divide em periodos de sete annos.

O entender tem por instrumento a memoria que comporta duas *differenças,* uma que pertence á alma racional e outra á sensualidade.

A vontade admitte quatro divisões: carnal; espiritual; tibia e prazenteira; perfeita e virtuosa. As duas primeiras continuamente se degladiam dentro em nós, e do seu conflicto nasce a tibia e prazenteira. A vontade virtuosa é a que não segue as determinações das outras, guiando-se apenas pelo entendimento.

O homem virtuoso, para desamparar as tres primeiras vontades e seguir a quarta, é levado pelo temor das penas do inferno, pelo desejo de galardão e pelo amor de Deus.

Voltando a occupar-se da vontade, faz d'ella outra *repartição geral* em quatro partes: negativa, sensitiva, racional e do livre arbitrio. A primeira é similhante á que têm as arvores, demanda saude e mantimento. A sensitiva é como a dos animaes, e manifesta-se por doze paixões: amor, desejo, deleite, odio, aborrecimento, tristeza, mansidão, esperança, atrevimento, sanha, desespero e medo. Esta vontade tem dois poderes, desejador e irascivel, pertencendo ao primeiro as seis primeiras paixões, e ao segundo as seis restantes. A parte racional da vontade partilham-n'a os homens com os anjos, e aconselha e manda o que pertence á guarda das virtudes. O livre arbitrio, como senhor entre as demais partes da vontade, «manda comnosco o que se faça em todas as cousas, que por nosso escolhimento fazemos».

Vontade e entendimento formam o homem moral, governado pelo livre arbitrio. Da relação entre aquellas faculdades resulta a natureza dos homens que são geralmente de quatro *maneiras.* Uns são de pequeno entender e saber, de más e revesadas vontades. Outros são os que têm grande entendimento e saber, com maliciosas vontades, fóra da justiça direita.

Outros são os de curto entender e saber, mas que têm todas as vontades justas e direitas. Os ultimos são os que têm grande e subtil entender, com vontades chãs, justas e direitas.

Depois d'esta analyse psychologica, o livro é constituido por tratados moraes sobre os diversos peccados e virtudes, em harmonia com as doutrinas christãs. N'esta exposição, como diz o snr. Lopes Praça [1], o livro de D. Duarte «procura mais a boa disposição da vontade dos leitores do que a resolução dos graves problemas da sciencia... O que no auctor se descobre é prudencia e bom senso na escolha das opiniões e na resolução das difficuldades». Passando de relance pelos capitulos em que são expostas estas questões, notamos que em certas fórmas de nevrasthenia melancholica aconselha que se atenham os doentes ao regimento da medicina em comer, beber e todas as mais coisas que sem peccado se podem fazer, deixando jejuns e outras ceremonias de devoção que o corpo e a vontade não queiram supportar, mas não desamparando a firmeza da fé [2].

Ao tratar da gula, encarece as vantagens d'um bom regimen alimentar, considerando quantas mulheres e mouros bebem agua em esta terra e com ella passam dôres e chegam a muita velhice, em geral tanto e mais sãos do que os que bebem vinho, e estabelece prescripções a que tem de satisfazer uma alimentação bem dirigida [3].

Avulta a importancia da astronomia, comquanto não dê credito a agouros, sonhos, signaes do céo e da terra [4].

É de valia para o hygienista o capitulo XXXIX em que se mostram as partes por que se dá e muda a nossa condição. D. Duarte desejava que este assumpto ficasse bem em memoria, attento que dá fórma rithmada ás causas modificadoras do organismo, a saber: da terra compleição; do leite e vian-

---

[1] *Historia da philosophia em Portugal.* Coimbra, 1868, pag. 42.

[2] Cap. XXII, pag. 72, ed. de 1843.

[3] Cap. XXXII, pag. 106.

[4] Cap. XXXVII, pag. 126.

*

das creação; dos parentes nação; das doenças e acontecimentos occasião; dos planetas constellação; dos senhores e amigos conversação; do nosso senhor condição e discrição.

Quanto á influencia da naturalidade, lembra que os portuguezes são geralmente leaes e de bom coração, e os inglezes valentes homens d'armas. Sobre a influencia da alimentação, sejam perguntados os medicos e a experiencia geral. Das qualidades e vicios que se recebem por herança fallam claramente algumas linhagens. É sabida por todos a modificação que determina qualquer doença no moral dos individuos; ha sisudos que se tornam sandeus, e os temperados bebedos e sem boa governança, e os ardidos de fraco coração, e os mansos e humildes soberbos. Novamente affirma a influencia dos astros sobre o homem, comquanto essa influencia não seja invencivel, o que levaria a negar o livre arbitrio. Sobre a importancia do exemplo de virtudes, que outra coisa não vem a ser o que chama conversação do senhor e amigos, mostra o que succedera em tempo de seus paes: todos os moradores d'estes reinos «avançarem em grandes corações, bom regimento de suas vidas e outras manhas e virtudes, mais do que antes eram. E as mulheres de sua creação quanta lealdade guardaram todas a seus maridos, d'onde as mais dos reynos filharam tal exemplo que entre todas as do mundo, de que informação havemos, em geral merecem grande louvor».

Da mudança que em nós se effectua por influencia divina, são exemplo o salvamento do bom ladrão e a conversão de S. Paulo.

Uma das virtudes mais recommendadas por D. Duarte é a prudencia que elle toma para base das acções humanas e considera como indispensavel a quem desempenha cargos elevados. É prudente fugir da peste, diz elle, e consagra um capitulo á demonstração d'este preceito, combatendo as razões em contrario.

Fugindo-se da peste, não se foge ao poder de Deus, antes se usa do entendimento que elle nos deu para nos guiar. Tão pouco deixaremos de nos acautelar, sob pretexto de que se não vê ao que se foge: todos os dias se retiravam homens dos

sitios onde grassavam sezões, e a peste é peor enfermidade que aquella. Não vale a razão de que, fugindo todos, se perderia o mundo, porque ha conselhos bons e de louvar que estrictamente cumpridos trazem empecimento, como é o preceito da castidade que, sendo guardado á risca, traria o fim do mundo em menos de cem annos. Tambem não é razão que, fugindo todos, não haveria quem visitasse os enfermos, enterrasse os mortos e consolasse os desconsolados, porque D. Duarte não comprehende no seu conselho os confessores e os que têm curas das almas, e outras pessoas que «taes são que devem aguardar» [1].

N'este capitulo enumera o *Leal Conselheiro* as causas da peste, porquanto se não deve crêr «que sempre vem a pestellença por especial sentença do senhor Deus». Essa é uma das causas; mas póde vir por influencia dos astros, como se vira na *peste grande* que fôra prognosticada pelos astrologos; por corrupção das aguas, como succedia em Roma e Veneza, no verão; e por contagio, como se via geralmente entre nós. Esta ultima causa bem indicava o afastamento como de proveito, e bem o mostrava tambem a experiencia da côrte portugueza, «porque muitas vezes serão n'ella tres mil pessoas, e que a pestellença seja um anno por meus reinos, não morrerão d'ella tres homens, por ter costume de lhe fugir sem tardança».

Passemos em claro muitas paginas e cheguemos quasi ao fim do livro, onde o rei se occupa do regimento do estomago. Não ha circumstancia alguma relativa ao regimen alimentar de que se não occupe. Os alimentos, as horas das refeições, o exercicio depois d'ellas, n'uma palavra o que se chamava as seis coisas não naturaes são objecto de prescripções numerosas e minuciosas.

Tal é o *Leal Conselheiro,* no que mais directamente inte-

---

[1] Cap. LIV, pag. 194.

ressa á medicina. Sobre a sua importancia debaixo do ponto de vista pelo qual o consideramos, tudo quanto se póde dizer é que compendiava e vulgarisava um certo numero de preceitos hygienicos, colhidos nos livros dos arabes. D. Duarte conhecia Avicena e certamente foi essa a fonte onde buscou os conhecimentos de medicina e hygiene que no seu livro se encontram [1].

O outro subsidio para a historia da hygiene que vamos estudar é o *Regimento proveytoso contra ha pestellença,* attribuido a fr. Luiz de Ras. Se não fosse a raridade extrema d'este opusculo, de ha muito se saberia, logo da leitura da primeira pagina, que o seu auctor é D. Raminto, bispo Arusiense, e que a fr. Luiz de Ras apenas pertence a traducção do latim em linguagem. O bispo tinha alguns conhecimentos de medicina, era certamente um d'estes ecclesiasticos que se haviam consagrado ao seu estudo e pratica, porque diz algures que em Montpellier «andava de casa em casa curando enfermos por causa da minha pobreza» [2].

O *Regimento* é curioso por mais d'um titulo. Occupa-se em primeiro logar dos signaes da peste e considera como taes: as mudanças frequentes de tempo, o escurecer o céo no estio, parecendo que vai chover, o apparecimento de moscas em grande quantidade, a passagem de algum cometa, a formação de trovoadas sobretudo para o sul, assim como as tempestades de vento partindo do mesmo ponto.

Segue-se o estudo das causas da peste. «Tres são as cau-

---

[1] No catalogo da livraria de D. Duarte, existente n'um livro antigo da Cartuxa d'Evora, menciona-se um livro de Avicena e um tratado da lepra.

[2] O unico exemplar que conseguimos vêr é o da Bibliotheca publica de Evora. Tem o titulo seguinte:

(Umas armas portuguezas com sete castellos) *Regimento proveytoso contra ha pestellença.*

Subscripção: Feyto em Lisboa p. Valẽtino de Morauia.

4.º gothico de 20 folhas innumeradas.

sas da pestilencia, porque ás vezes vem e procede a pestilencia da raiz superior e ás vezes da raiz inferior, emtanto que sensualmente parece aos homens mudança do ar e ás vezes vem d'ambos de dois, s. da raiz superior e da raiz inferior juntamente ».

Entende-se por causas da raiz inferior as emanações das latrinas e canos e ainda as dos cadaveres em putrefacção. Á raiz superior pertence a influencia dos corpos celestiaes e da atmosphera. As duas juntas produzem « a impressão celestial corrompente do ar e podridão dos corpos mortos ».

Occupa-se o *Regimento* em seguida da prophylaxia, com o titulo de *Remedios da peste*. Primeiro que tudo, é indispensavel confessar os peccados e, lavada assim a alma, trata-se do corpo, fugindo do logar empestado, evitando o coito e a luxuria, guardando-o do vento meridional, dos effluvios mal cheirosos e das aguas de má qualidade, sendo conveniente fazer fogueiras, « com fumo de boas hervas: baga de louro, junipero, uberiorgano, losna, hysopo, arruda, artemisia e lenho d'aloes ». Convém tambem não encher demasiado o ventre, fugir de banhos diarios, e evitar os ajuntamentos. Para as pessoas que, em virtude da sua profissão, não podem subtrahir-se a este ultimo influxo, aconselha que comam arruda com sal e noz moscada, ou uma sopa molhada em vinagre. Os que se sequestrassem ao convivio dos seus similhantes deveriam lavar frequentemente os aposentos e as mãos com agua e vinagre.

Intitula-se o capitulo seguinte *Das conformidades do coraçom e dos outros membros*. São novos preceitos de prophylaxia. Coisas confortativas são o açafrão, a cassia-fistula, etc., cujo uso aconselha em tempo de epidemia. Admitte o contagio pelo ar expirado, preceituando que se evite; prescreve novamente as lavagens da bocca, olhos e mãos com agua rosada, misturada com vinagre; aconselha que se mantenha o ventre livre, por meio de clysteres e pillulas purgativas; applaude o uso da triaga, duas vezes ao dia, dissolvida em vinho claro e aguado; recommenda uma alimentação substancial e de boa qualidade, acompanhada de vinho puro; manda guardar de condi-

mentos irritantes, admittindo apenas para temperar a comida o gengibre, a canella, os cominhos, flôres de hervas cheirosas, açafrão, salsa e perexil. Ao mesmo tempo, faz vêr a importancia de trazer o animo despreoccupado em occasião de epidemia.

Trata igualmente da sangria e recommenda que se faça mensalmente. As unicas contra-indicações bem marcadas para ella são a prenhez e a debilidade extrema. A operação deve seguir-se do uso do bom vinho ou da cerveja.

O livro termina com uma enumeração dos symptomas pelos quaes se traduz a peste, e que se vê claramente quanto eram insufficientes: falta de appetite, tendencia para o somno, preguiça, calefrios e febre.

Como se vê, a par de abusões, ha muito de aproveitavel n'este livro, em attenção sobretudo ao tempo em que foi escripto.

Não são estes dois livros a unica demonstração de que começava a praticar-se uma hygiene rudimentar. Sem fallarmos por agora nas providencias tomadas por occasião das numerosas epidemias que se desenvolveram entre nós, as municipalidades e o governo central adoptaram medidas tendentes a modificar as condições hygienicas do paiz. Haja vista o que dispõem as Ordenações Affonsinas, terminadas em 1446, no que respeita á remoção dos cadaveres por occasião das batalhas, e em que se manda que sejam enterrados a grande distancia, por se ter reconhecido que a sua putrefacção traz comsigo o desenvolvimento da peste [1]; e as disposições numerosas que, em relação a limpeza e outros ramos de hygiene municipal, contêm os archivos dos differentes municipios do reino.

Em Lisboa, desde o fim do seculo XIV, as meretrizes eram apartadas n'um bairro especial, e tinham um traje que

[1] Liv. LI, tit. LI, §. 39.

as distinguia das outras mulheres [1]; os moradores de Lisboa eram obrigados a varrer as suas testadas desde a Paschoa ao S. Miguel [2]; tomavam-se providencias sobre limpeza de canalisação [3], etc.

No Porto, os livros das vereações consignam providencias sobre limpeza publica, muito limitadas e insufficientes [4].

---

[1] Cartas regias de 29 de maio de 1395, in Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I, pag. 297.

[2] Postura da camara, de 1410, no mesmo livro e vol., pag. 402.

[3] Regimento sobre ordenados e mantimentos dos officiaes da cidade, de 12 de fevereiro de 1471, in ibid., pag. 548.

[4] Ricardo Jorge, *Saneamento do Porto*, 1888, pag. 87 e seg.

CAPITULO III

Creação das pharmacias. — Constituição dos grandes hospitaes. — As Misericordias. — A diminuição da lepra.

Nos primeiros tempos da nossa historia, os clinicos preparavam os medicamentos de que se serviam. Com o progresso das idades, deu-se a separação da medicina dogmatica da medicina ministrante, mas não tem sido possivel até hoje averiguar desde quando começou a haver pharmaceuticos entre nós. É certo que, na carta dada por D. João I ao seu physico em 1392, nada se determina a respeito de tão prestantes auxiliares da medicina, mas a unica illação que justamente se póde tirar d'este documento é que não estavam sujeitos a exames, e seria forçar a interpretação suppôr que os não havia entre nós.

N'um documento posterior ao citado, n'um capitulo das côrtes que D. Duarte reuniu em Evora em 1436, vê-se que ainda não havia disposições legislativas que regulassem o exercicio da pharmacia. A villa de Santarem pedia que os alveitares, como os physicos e cirurgiões, fossem examinados, o que assim foi resolvido; ora, é claro que, se já n'essa occasião se houvessem estabelecido prescripções analogas para os pharmaceuticos, seriam mencionados n'este documento [1].

---

[1] Vem publicado em Pedro José da Silva, *Historia da pharmacia portugueza*, 3.ª memoria. Lisboa, 1868, pag. 6.

Ainda no regimento dado ao physico-mór em 1454 se não falla em taes funccionarios, que ficavam fóra da alçada do poder central.

Mas os municipios exerciam uma certa tutela sobre as pharmacias, como o demonstra a lei de 9 de março de 1450, em que se estatue que os rendeiros e recebedores da siza visitem as lojas dos especieiros, boticarios e mercieiros [1]. O mesmo se conclue do regimento de preços de 1497, feito pelo physico-mór mestre Rodrigo em Evora, com consentimento dos vereadores [2], e veremos que mais tarde, quando o poder central legislou sobre exames de habilitação para os pharmaceuticos, ainda, pelo menos na côrte, estes funccionarios ficaram mais ou menos dependentes do municipio.

Se estes documentos não deixam duvida sobre tal dependencia, não nos deixam entrevêr em que consistiam as relações que entre elles havia. Fal-o o regimento dado aos boticarios em 26 d'agosto de 1497 pela municipalidade de Lisboa, documento interessantissimo que escapou á persistente indagação do historiador da nossa pharmacia, Pedro José da Silva.

Aos 26 d'agosto de 1497, na camara de Lisboa, estando presentes Filippe de Castro, Alvaro Vaz e Diogo Dias, vereadores, João de Barros, procurador, Mestre Antonio de Lucena, physico-mór d'el-rei, e mestre João, physico da cidade, além de quatro procuradores dos misteres, depois de terem ponderado os inconvenientes que resultavam de não terem os pharmaceuticos um regimento pelo qual se regulassem no exercicio da sua profissão, accordaram no seguinte:

«It. Primeiramente mandarom que todo buticairo tenha em sua butica cinquo liuros, s: hũua *pandeta* [3], e hũu *me-*

---

[1] *Jornal da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa,* I, 1.ª serie, pag. 533.

[2] Vid. pag. 19.

[3] O titulo de *Pandectas* é muito vulgar entre as compilações medicas dos arabes; mas, provavelmente, aquellas a que se refere o texto são as de Matheus Sylvatico, que floresceu pelos annos de 1317.

sue [1], e huũ *nicolaão* [2] e huu *seruidor de serapiam* [3] e huũ *quynto daviçena* [4].

«It. Mandarom que todo buticairo tenha ẽ sua butica tres medidas de onça, s: huũa com q̃ meça em xaropes, e out^a com que meça as agoas, e out^a com que meça os olyos; cada hũa destas medidas leue tanto pesso como hũa onça. E tambem terã pessos de mediçina, seguindo ordẽ de nicolaão, q̃ he vinte graãos de trigo p.^r escurpolo e sasemta p.^r drama, e noue dramas p.^r onça, e 12 onças p.^r liura.

«It. Mandarom que nom dispense nemhuã meezinha, s: confeçoões opiadas, leitoairos, pirollas, troçiscos, sẽ primeiro ser uista a dita despẽseçã p.^r huũ destes fisicos que se segũe, s: o doutor Johã do rrego, ou mestre fisico da dita çidade, ou o L^do p^o Lopes, ou mestre françisquo ou alu^o gentill ou jorge

---

[1] Deviam ser as duas primeiras partes do livro do celebre Mesue, medico arabe fallecido em 1015. A obra d'este illustre medico comprehende tres divisões. A primeira tem por titulo *Canones universales divi Johannis Mesue, de consolatione medicinarum simplicium et correctione operationum earum,* e é uma collecção de preceitos de pratica pharmaceutica, tanto no que respeita á escolha dos simplices, como ás operações para os transformar em medicamentos.

A segunda tem por titulo *Grabadin, est agregatio vel antidotarium et confectionum, et aliarum medicinarum compositarum,* e é uma especie de formulario ou pharmacopêa propriamente dita.

A terceira tem por epigraphe *Liber medicinarum particularium sive Practica medicinalis particularium ægritudinum,* e trata d'assumptos propriamente medicos. A mais antiga edição d'este livro é de Veneza, 1471, in folio.

[2] É o *Antidotarium* de Nicolau Myrepso (1222 a 1235). Este livro trata da composição e acção dos medicamentos e não contém menos de 2:656 formulas.

[3] É o *Liber servitoris,* de Serapião, o Moço. Este livro é dividido em duas partes, na primeira das quaes se trata das propriedades geraes dos medicamentos e na segunda da historia particular de cada um d'elles. Classificados segundo a origem, vegetal, mineral ou animal, os medicamentos são quatrocentos e sessenta e dois. A segunda parte, que é a mais extensa, é uma pura compilação de Dioscorides e Galeno.

[4] O livro quinto do *Canon* d'Avicena occupa-se exclusivamente da therapeutica.

lopes, os quaaes, despois de verẽ os materyuaes e os pessos delles, mesturẽ tudo, e o dito buticairo as mande pissar, e despois as ministre seg[do] dee sua conciẽcia, como mandam os doutores; e q̃ nom demenuyẽ nẽhuãs receptas das q̃ os fisicos ẽ suas buticas hordenã, ou como q[r] q̃ a a sua butica venhã.

«It Mandarom que nenhuũ buticairo nom ponha *quyt pro quo* ẽ nẽnhuũa meezinha, sem autoridade d'alguũ dos ditos fisicos acima nomeados; e mais que guardẽ as ydades aas meezinhas, seg.[do] hordẽ dos doutores; e mais que a drogueria nom tenhã misturada, saluo ho semelhante com seu semelhante.

«It. Mandarom que nenhuũa out[a] pessoa, casso que fisico seja, nom venda meezinha sinpres nẽ composta, se buticairo nom for; e mais que nẽhuũ buticairo nom dee nẽhuã meezinha das ẽ çima nomeadas, nẽ purgatiua, sẽ Recepta de fisico.

«It. Mandarom que cada buticairo faça cadano huũ liuro branco, em que escrepua todas as Reçeitas que a sua butica vierẽ, poendo no dito liuro ho nome daquelle que hordenou a rreçeita e ho nome daquelle p.[a] quem he» [1].

D'este documento conclue-se que a pharmacia portugueza tivera e continuava a ter uma feição arabigo-galenica, e que o seu exercicio estava, pelo menos na côrte, sujeito a prescripções rigorosissimas, como era a de não poderem entregar-se os medicamentos sem previo exame de determinados medicos.

Por isso mesmo, é certo que no seculo XV o numero de pharmaceuticos estava em manifesta desproporção com as necessidades publicas. N'uma epidemia de 1438 havia-se tornado muito sensivel a falta de medicamentos, e, cedendo ás instancias de seu tio D. Affonso, duque de Bragança e conde de Barcellos, o rei D. Affonso V concedeu privilegios aos pharmaceuticos, convidando-os a virem estabelecer-se no nosso paiz. Os primeiros a aproveitar-se d'estas vantagens foram mestre Ananias que viera de Ceuta e alguns collegas que o

---

[1] Ed. Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I, pag. 570 e seg.

haviam acompanhado a Portugal por occasião da temerosa epidemia, attrahidos por vagas promessas que onze annos depois ainda se não haviam realisado.

Eram importantes os privilegios e isenções e exactamente iguaes áquelles que desfructavam os physicos. Gozavam honras devidas aos cavalleiros; se tinham de pagar custas, eram-lhe contadas como aos nobres; presos, era-lhes concedida homenagem, nos casos que a lei a permittia; podiam usar armas offensivas e defensivas; ás mulheres e ás filhas não se tolhia o uso de sedas e custosos trajes; não eram constrangidos a ser curadores, tutores ou quadrilheiros, nem a prestarem serviço no exercito de terra ou mar; não eram obrigados a dar aposentadoria a ninguem, ainda que fosse ao rei, e não pagavam fintas ou talhas que os concelhos lançassem [1].

Ao mesmo tempo que se concediam tão largos beneficios aos pharmaceuticos, sujeitavam-se os seus estabelecimentos a uma inspecção medica, sobre a qual o documento em questão não é sufficientemente explicito. Diz elle que a fiscalisação competia aos *fysicos dos nossos reinos,* que eram ajuramentados para esse fim, mas não se apura sobre quaes d'elles devia recaír a nomeação.

Na lei de 23 d'abril de 1461 pela primeira vez fica esclarecido o modo de se fiscalisarem, pelo menos, alguns dos medicamentos. Consta d'este documento que alguns mèdicos e cirurgiões ainda preparavam e vendiam mézinhas, como por outro lado os pharmaceuticos se intromettiam no exercicio da cirurgia e da medicina, e os mercieiros e especieiros no commercio das drogas e substancias medicinaes. Prohibia-o terminantemente a lei, e mandava que os vendedores de triaga submettessem a sua mercadoria a exame d'um medico chris-

---

[1] É o que consta da Carta de privilegios dos Boticarios, dada em Alvito a 22 d'abril de 1449. Vem publicada em Antonio d'Almeida, *Collecção citada* no *Jornal de Coimbra,* e mais correcta em Pedro José da Silva, op. cit., pag. 8.

tão que lhe passaria um certificado, sem a apresentação do qual a não podiam entregar ao commercio [1].

Tal era até aos fins do seculo XV o regimen do exercicio da pharmacia que dentro em pouco ia ficar subordinado unicamente á physicatura-mór do reino.

Não terminaremos este paragrapho sem mencionar um documento interessante para a historia da therapeutica e da pharmacia portugueza. É o regimento passado em 1497 pelo physico-mór mestre Rodrigo aos pharmaceuticos d'Evora, com consentimento dos vereadores [2]. Vê-se por elle que os medicamentos então usados tinham na sua maior parte por base as plantas indigenas, comquanto se fizesse uso de algumas substancias exoticas, taes como os tamarindos, o senne, o espiquenardo, etc. A triaga que, segundo parece, era considerada como verdadeira panaceia para toda a casta d'enfermidades, é tambem mencionada n'este regimento, e tinha certamente largas applicações, porque em muitos documentos se falla em triagueiros, individuos que tinham como profissão preparar e vender aquelle medicamento. Estes triagueiros, segundo todas as probabilidades, eram judeus que, errantes de cidade em cidade, de paiz em paiz, vendiam, de mistura com outros artigos, pós, remedios e elixires que a sua experiencia lhes mostrára de efficacia [3].

Os primeiros hospitaes que possuimos, já o dissemos na primeira parte d'este livro, eram mais asylos para pobres do que recolhimentos para doentes. Se para o demonstrar produzimos por essa occasião documento bastante, mais o encontramos agora no testamento d'Affonso IV, que vem confirmar ter-

---

[1] Antonio d'Almeida, *Collecção citada*, e Pedro José da Silva, op. cit., pag. 12.

[2] Preços que pos o doutor mestre Rodrigo aas mezinhas nesta deuora, sendo fisico mór, com consentimento dos uereadores: o anno de x.º noso senhor de mill iiijcLRij, in Pedro José da Silva, op. cit., 3.ª memoria, pag. 82. Vem tambem publicado no *Jornal da Sociedade das Sciencias medicas, 2.ª* serie, III, pag. 124.

[3] Pedro J. da Silva, op. cit., pag. 108.

minantemente o que dissemos. Entre outras disposições, estabelece-se n'elle a creação d'um hospital onde possam caber vinte e quatro pobres e determina-se que, adoecendo algum d'elles, se separe dos restantes até que se cure de todo.

Para se ajuizar da organisação d'estes estabelecimentos, o melhor será transcrever esta parte do documento a que nos referimos: «E outro sim mandamos, e ordenhamos q̃ nas casas q̃ nos compramos na freguezia da See se faça hum hospital a serviço de Deus, no qual se mantenhão para sempre vinte e quatro pobres; convem a saber, doze homens bons, e doze boas mulheres pellos bens da Rainha, de bons costumes, e de boa fama, e vergonha, e assinadamente filhem para esto homẽs bons e mulheres q̃ houverem honra e houverem algo de seu, e boa vivenda, e cairão della, non por maos feitos que fizessem, nem por más manhas, nem por maos costumes q̃ houvessem: e esses homens e mulheres pobres non sejão de menor idade de cincoenta annos, salvo se forem aleijados, ou em outra guiza doentes de tal dor que non seja esperança de guarida. Aos quaes vinte e quatro pobres mandamos, e ordenhamos que dem a cada hum delles tres soldos em cada hum dia para mantimentos; e outro sim lhe dem a cada hum para vestir treze covados de volentina, de dezoyto em dezoyto mezes, aos homens para pelotes, e cajas e copinetes, e dous pares de calças, e as mulheres para vestir o q̃ lhe cumprir lhe dem tres livras a cada hũa em cada hum anno, e outro sim lhe dem para pano de linho, e para camizas, e para o al que lhe comprir a cada hum quarenta e cinco soldos em cada hum anno. E outro sim mandamos que a cada hum desses pobres lhe dem sendos leitos e roupa aguizadamente em q̃ durmão sendas colchas, almadragues sendas almuellas e sendas cabeçãos com penna; e dous pares de Camões, e hum alfabar e huã cuberta de bavel; e desq̃ a esta roupa, e lleytos permussados em maneyra que non possom escuzadamente escusar outros, demlhes o nosso Provedor, e a guiza que haja para sempre esse leyto, e camas em q̃ durmão aguizadamente, como dito he, e *quando alguns desses pobres forem doentes dem-lhes medico que pense delles, e casa apartada em q̃ se acolhão esses doentes athé q̃ guare-*

ção». E adiante ainda accrescenta: «E estes pobres em quanto forem sãos, ou puderem mandar seus corpos, devem ser prezentes a todas as missas que dizem nas nossas Cappellas» [1].

Creadas pela piedade christã, em época de zelo religioso, as albergarias e hospitaes multiplicaram-se, e além dos que apontamos e foram creados antes do fim do seculo XIII, muitos encontrariam logar n'esta altura do nosso trabalho se valesse a pena e fosse possivel inquirir da sua fundação. Citaremos, ainda assim, o hospital d'Alemquer, annexo á capella do Espirito Santo, creado pela rainha Santa Isabel em 1320; o hospital d'Almada, fundado por Maria Annes; o hospital d'Arronches, fundado em 1372, por Ruy Gonçalves; o hospital dos Tecelões de Leiria, fundado em 1367; o hospital de Loulé, que se instituiu n'uma albergaria já existente e onde foram recolhidos, em 1471, os soldados feridos em Tanger; o hospital do Machial, em Torres Vedras, fundado em 1472; o hospital de Chão de Tavares, na Beira Alta, instituido em 1349 por Gonçalo Esteves de Tavares; o hospital de S. Braz, em Evora, feito de madeira, para albergar os infeccionados por uma epidemia que grassou em 1479, etc., etc. [2] No Porto, anteriormente á constituição da Misericordia, havia a albergaria de Santa Maria de Roca Amador, a albergaria nova, a albergaria d'Antanhol, o hospital de Rocido Vallis, as albergarias de S. Lourenço, S. Domingos e Redemoinhos, o hospital de S. Chrispim, o hospital do Espirito Santo, já existente em 1443, a albergaria de S. Salvador, o hospital de Santa Clara, o hospital de S. Thiago, o hospital de Santa Catharina, que ficava perto da egreja de S. Nicolau e depois mudou para a rua dos Caldeireiros, com o nome de hospital da Senhora da Silva, o hospital d'Entrevados, em Cima de Villa, o hospital de Santo Ildefonso, o hospital de S. João Baptista, com frente para a Fer-

---

[1] Sousa, *Provas da hist. genealogica*, I, pag. 222.

[2] Foram obtidos no *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, a maior parte dos dados aproveitados n'esta noticia.

raria de Cima, o albergue do Vaz, o hospital das mulheres pobres, na Biquinha, e o hospital da Tareja [1].

Em Lisboa e suburbios, quando se creou o Hospital de Todos os Santos, foram n'elle incorporados os seguintes hospitaes: de Affonso Martins Albernaz, situado á Porta de Alfama, freguezia de S. João da Praça; dos Alfaiates, da invocação de Santa Maria, situado no Monturo da Orça, freguezia de S. João da Praça; dos Almoinheiros e Hortelões, da invocação de Santa Maria dos Francos, situado na rua do Chafariz dos Cavallos, freguezia de S. Pedro d'Alfama; de Alverca; da Ameixoeira; dos Armeiros, Caldeireiros e Barbeiros, da invocação de S. Jorge, situado na rua da Bitesga, freguezia de Santa Justa; de Bemfica, da invocação do Santo Espirito: de Bucellas, com a mesma invocação; dos Carniceiros, situado na travessa da Sombreiraria, ao Poço do Chão, freguezia de S. Nicolau; dos Carpinteiros, Correeiros, Odreiros e Pedreiros, da invocação de Santa Maria da Mercê, situado ás Pedras Negras, freguezia de S. Nicolau; dos Carpinteiros da Ribeira, da invocação de S. Vicente do Corvo, situado na rua do Castello Picão, bairro dos Escolares, freguezia do Salvador; da Charneca, da invocação do Santo Espirito; dos Clerigos Pobres, situado na rua da Bitesga, freguezia de Santa Justa; do Conde D. Pedro, situado na freguezia da Sé; do Corpo Santo; dos Corretores, da invocação de S. Pedro Martyr, situado na rua do mesmo santo, freguezia de Santa Justa; de D. Diniz de Odivellas; dos Escolares, da invocação de Santo André, situado na rua que ia de Santo André para S. Thomé; do Santo Espirito de Alcaçova, situado na freguezia de Santa Cruz do Castello; dos Ganha-dinheiros, situado na rua do Anjo, freguezia de S. Nicolau; de Gonçalo Vaz, situado em Sacavem; dos

---

[1] Camillo Castello Branco, *Os hospitaes do Porto* in *Cousas leves e pesadas*, 2.ª edição, 1867, pag. 189 e seg. — F. J. Patricio, *Os hospitaes do Porto*, no *Commercio Portuguez*, de 30 de novembro de 1884. — Sousa Viterbo, *Noticia de mais hospitaes em Lisboa e Porto* nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, VI, 1896, pag. 97. — Pinho Leal, op. cit.

Homens e Banho, situado na Judiaria Grande; de Santa Iria; de João Affonso, situado na freguezia dos Martyres; de João de Braga, da invocação de Santa Maria da Pomba, situado na rua que ia do Salvador para o Chafariz dos Cavallos, freguezia do Salvador; do Lumiar, da invocação do Santo Espirito; de D. Maria de Aboim, situado ás Portas de Santo Antão, freguezia de Santa Justa; de D. Maria Arminho [1], situado na rua que ia de Santo Estevão para a Porta da Cruz, freguezia de Santo Estevão; de Santa Maria do Paraiso, situado na rua que ia da egreja d'esta invocação para o Chafariz dos Cavallos, freguezia do Salvador; de Santa Maria do Reclamador, situado na rua Nova d'El-rei, freguezia de S. Julião; dos Meninos, situado na rua que ia da Porta de S. Vicente para a Cutelaria, freguezia de Santa Justa; de Oeiras; de Nossa Senhora dos Olivaes; dos Ourives, situado na rua do Arco do Rocio, freguezia de S. Nicolau; dos Pelliteiros, da invocação de Santa Maria dos Martyres, situado na rua Nova d'El-rei, freguezia de S. Nicolau; dos Pescadores, da invocação do Santo Espirito de Alfama, situado no Chafariz dos Cavallos, freguezia de S. Miguel; dos Pescadores de Cataquefarás, situado na rua da Amoreira, junto ao Tronco, freguezia de S. Julião; de Sacavem; de Salomão Negro, judeu; da Sapataria, da invocação do Santo Espirito; dos Tanoeiros, da invocação de Sant'Anna, situado ás Fangas das Farinhas; dos Tecelões, situado na rua da Mangalaça, por detraz de Santa Justa, indo para S. Christovão, freguezia de Santa Justa; e de S. Vicente dos Romeiros, situado junto á Sé d'esta cidade [2].

Tinham, porém, existido anteriormente, ou existiam ainda a albergaria de Paio Delgado, o hospital dos Palmeiros, o de

---

[1] Armenha, segundo J. M. Luiz Nogueira.

[2] Alfredo Luiz Lopes, *Contribuições para a historia das sciencias medicas em Portugal — O Hospital de Todos os Santos*, pag. 152. Sobre estes hospitaes veja-se *Algumas noticias ácerca dos hospitaes de Lisboa e suas proximidades, antes da fundação do Hospital de Todos os Santos*, por J. M. Luiz Nogueira, no *Jornal do Commercio*, de 1865, e nos *Archivos da historia de medicina portugueza*, IV e V, 1894 e 1895.

*

S. Matheus e S. Eutropio, o de Bartholomeu Joannes, o do conego João Vicente, o de Maria Esteves, o dos membros, o de Santa Barbara, o de Rosas Valles, as albergarias de Santo André e do Corpo de Deus, o hospital de Santo Estacio e o de Sancha Dias [1].

Em Evora, doze hospitaes, o de S. João de Jerusalem, o do Corpo de Deus, o de Santo Antão, o de S. Bartholomeu, o de S. Gião, o de S. João, o do Salvador, o do Espirito Santo, o de S. Bento, o de S. Francisco, o da SS. Trindade e o de S. Braz, foram em 1515 transformados n'um só por D. Manuel, auctorisado por uma bulla pontificia [2].

O mesmo se deu em Coimbra, em cujo hospital (1504-1508) se incluiram os de Santa Isabel d'Hungria (*Paços de Santa Clara*); de Nossa Senhora da Victoria (*rua do Corpo de Deus*); dos Mirléos (*defronte da porta principal da egreja de S. Pedro, junto ao paço das Alcaçovas*); de S. Lourenço (*proximo da capella do Senhor do Mundo*); de S. Marcos (*no cimo do becco de S. Marcos*); de Santa Maria de S. Bartholomeu (*na freguezia de S. Bartholomeu*); de Mont'Arroyo (*em Mont'Arroyo*) e as albergarias e hospitaes de S. Gião (*rua dos Azeiteiros*); de Santa Maria de Vera Cruz (*proximo da egreja de S. João*); de S. Christovam (*perto da egreja de S. Christovam*); de S. Nicolau; de Santa Maria da Graça; da Mercê; e de Santa Luzia [3].

Não seria difficil juntar mais noticias sobre hospitaes do reino se o risco de sermos fastidioso nos não detivesse; bastam-nos os mencionados para se ajuizar da extensão que tinham tomado por todo o paiz estas instituições.

A sua multiplicidade, porém, estava longe de ser proveitosa, visto como por um lado lhes escasseavam os rendimentos e por outro tinham um serviço clinico e administrativo deficientissimos. Crêmos, ainda assim, que com o tempo se ti-

---

1 J. M. Luiz Nogueira, op. cit.

2 Francisco da Fonseca, *Evora Gloriosa,* pag. 228 a 230.

3 A. A. Costa Simões, *Noticia historica dos hospitaes da Universidade de Coimbra.* Coimbra, 1882, pag. 19.

nham dado n'estas instituições modificações importantes, em harmonia com novos modos de ser da actividade nacional. As peregrinações religiosas foram acabando, não havia gasalhado a dar aos romeiros, e portanto os primitivos recolhimentos foram de facto hospitaes para tratamento de doentes. Isto mesmo é indicado pela mudança de designação que alguns d'estes estabelecimentos soffreram; denominados primitivamente albergarias, com o tempo passaram a chamar-se invariavelmente hospitaes.

Para atalhar os inconvenientes que apontamos no regimen hospitalar de tão remotas eras, um só remedio havia: reunir os rendimentos dos pequenos hospitaes e construir casas espaçosas onde pudessem os doentes ser recolhidos e tratados convenientemente. Foi o que D. João II fez para os hospitaes de Lisboa, previamente auctorisado pela bulla pontificia de Xisto IV, que tem a data de 13 de agosto de 1479, e o que se fez ulteriormente para as outras cidades do reino.

A centralisação hospitalar foi favorecida por uma instituição que vinha realisar um dos mais nobres pensamentos que a caridade christã podia inspirar. Referimo-nos ás *Misericordias,* creadas por diligencias de um religioso trinitario, hespanhol de nação, fr. Miguel de Contreiras, que, tendo vindo para Portugal em 1481, começou a prégar o soccorro á pobreza e o allivio e tratamento dos doentes, como as manifestações mais levantadas da piedade. Elevado á posição de confessor da rainha D. Leonor, actuou poderosamente no seu espirito para que voltasse todos os extremos do seu coração para esta obra santa, e, quando, pela partida de D. Manuel e sua mulher para Toledo a serem jurados herdeiros e successores da corôa de Castella, a viuva de D. João II foi encarregada da regencia, fr. Miguel Contreiras facilmente obteve d'ella a protecção de que carecia para a realisação da grande ideia que lentamente amadurecera.

No dia 15 de agosto de 1498 foi instituida com solemnidade no claustro da Sé de Lisboa a confraria de Nossa Senhora da Misericordia, e o senado concedeu para se alberga-

rem os enfermos sem amparo umas casas perto de Santo Antonio.

«A confraria, cujo compromisso havia sido modelado em parte pela instituição analoga, que desde 1350 existia em Florença, afiançava sob os auspicios da rainha todas as promessas da Misericordia Divina aos desgraçados, porque tornava iguaes e irmãos diante do Evangelho todos os homens. Os mais afortunados uniam-se nos laços do amor do proximo para trazerem consolação e allivio aos que padeciam. O proprietario repartia com o mendigo, o rico estendia a mão ao indigente, o fidalgo lavava os pés ao mendigo, o pae de familia cortava ao orphão uma fatia do pão de seus filhos, levava os remedios do corpo e a esperança da alma ao alvergue dos desditosos, acompanhava os culpados sem defensores aos tribunaes e ao estrado do throno, e subia com elles, condemnados, os degraus do patibulo para lhes adoçar a affronta dos ultimos momentos. A «Misericordia», como fr. Miguel a concebeu e soube creal-a, não desmentiu nenhum dos grandes designios do instituidor. As donzellas infelizes receberam dotes para casar, as viuvas pobres auxilio opportuno, os expostos recolhimento e educação, os enfermos agasalho e curativo, os peregrinos necessitados pousada e ajuda, os captivos resgate e transporte para a patria. Os presos, além do sustento nas cadeias, tinham advogado para os tribunaes, e protectores para o derradeiro recurso á corôa. Os padecentes achavam conforto no oratorio e no transito para o supplicio. Finalmente os mortos sem meios de se enterrarem preces e sepultura». Tal é o quadro resumido que dos fins das Misericordias traça um dos nossos mais illustres historiadores [1].

No seu regresso, D. Manuel quiz associar o seu nome ao da irmã e promoveu por todos os meios o desenvolvimento da nova instituição, creando em 1516 uma dotação especial, chamada da obra pia, e levantando o templo magestoso a que es-

---

[1] Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, v. Lisboa, 1871, pag. 483.

tava ligada a confraria da Misericordia, e a cuja terminação não assistiu.

Rapidamente se instituiram pelo paiz as Misericordias, cujos compromissos eram pouco mais ou menos os da instituição lisbonense que lhes servia de modelo. Nos seus hospitaes congregaram-se as rendas da maior parte das instituições insufficientes que vinham substituir, e não tinham d'ora em diante razão d'existir.

A elephantiase ou lepra foi doença vulgar nos primeiros tempos da nossa existencia politica, comquanto nunca attingisse o desenvolvimento que tomou n'outros paizes, como dissemos. A sua generalisação era rapida e não respeitava condições nem jerarchias. Ao rei *gafo,* D. Affonso II, indica a historia por companheiros nobres pertencentes ás familias mais notaveis do reino. Gonçalo Correia, filho de Gonçalo Correia e D. Mór Martins, da familia dos Taveiras; Rodrigo Affonso, filho de Affonso Rodrigues e D. Tareja Pires, da mesma familia; Fernão Ayres ou Hueris, filho de Suer Nunes e D. Tareja Gil, ainda da mesma familia; Dona Urraca Abril e D. Pero Abril, filhos de Abril Peres e D. Sancha Nunes de Barbosa, da linhagem de Egas Moniz, de Riba-Douro; Payo Barreto, filho de Estevão Fernandes e D. Joanna Esteves, da descendencia dos Valladares; D. Sancha Affonso, filha do rei de Leão e de D. Tareja Gil; Ruy Gomes, filho de Gomes Gonçalves, oriundo dos senhores de Lara; Affonso Fernandes Alcoforado, filho de Fernando Affonso Alcoforado e d'uma barregã, Clara Vicente, da linhagem de Riba-Douro; Martim Annes, filho de João Peres de Portocarreiro e D. Mór Eannes, da descendencia dos Portocarreiros foram acommettidos pela terrivel doença, e estes individuos pertenciam á mais alta nobreza d'estes reinos [1].

No periodo da historia da medicina portugueza que inten-

---

[1] Colhemos estas informações nos quatro *Nobiliarios* reunidos nos *Portugaliæ Monumenta Historica, Scriptores,* pag. 131 a 389.

tamos traçar, a doença foi declinando. Já se não encontram, nos testamentos dos reis, legados avultados para elles, sendo os ultimos que se apuram, os de D. Diniz e de sua mulher. Este facto confirma o que se póde inferir das causas de disseminação e propagação da doença. Dependente principalmente das peregrinações religiosas da idade média, a doença devia declinar quando ellas terminassem.

Mas, se o numero dos gafos ia diminuindo, tomaram-se providencias relativamente aos estabelecimentos em que estavam recolhidos e regulava-se a administração dos seus bens.

Colheu o snr. Martins de Carvalho curiosos documentos para a historia do hospital de S. Lazaro de Coimbra. No tempo de Affonso IV haviam-se introduzido grandes abusos na administração dos bens d'estes desventurados. Por carta de 30 de março de 1326, ordenava-se ao maioral e ao escrivão da gafaria de Coimbra que se não dessem rações a pessoas de fóra que, além de sãs, tivessem com que se sustentar.

Esta resolução de D. Affonso IV dava satisfação a queixas que lhe haviam feito os gafos de que lhes não entregavam as rações como deviam ser, applicando-se tambem a pessoas ricas, que pretendiam igualmente ter parte nas esmolas, fóros e offertas da egreja, o que era exclusivamente dos leprosos. Citaram até o facto d'uma mulher do mundo, Mafalda Paes, que andava vestida de bons pannos, e se tratava á larga, receber uma ração, por ter promettido dar ao hospital rendas importantes, o que não cumprira.

Como, porém, os abusos continuassem, D. Affonso IV deu em 1329 um regimento á gafaria de Coimbra, em que se determinou a quantidade de rações e pitanças que se haviam de dar aos gafos e gafas, e se tomaram providencias relativas á administração de seus bens. Este regimento foi modificado mais d'uma vez, mas as alterações incidem principalmente sobre a parte administrativa. Interessa-nos saber que na gafaria de Coimbra havia leprosos internos e externos; que não tinham tratamento nem mesa em commum; que os lazaros não usavam uniforme especial, antes vestiam e calçavam á vontade; e que não iam ao povoado sem licença do administrador do

hospital (vedor), mas este não lh'a devia negar, sempre que se tratasse da satisfação d'algum dever religioso e até quando procurassem adquirir algum objecto indispensavel [1]. Como se vê sobretudo d'esta ultima clausula, os lazaros de Coimbra não estavam sujeitos a tão severa disciplina como n'outros paizes, o que é tanto mais de extranhar quanto é certo que a doutrina do contagio da lepra estava radicada no espirito publico, como o prova, por exemplo, o *Leal Conselheiro* quando affirma que convem «... assy mandar fastar os gafos por seer doença contagiosa que dhuũ a outro se pega, pois qual mais que esta door que cada huũ dia veemos tam claros exemplos?» [2]

Da adopção de providencias no sentido d'acautelar os rendimentos dos gafos e d'obstar a abusos manifestos, é demonstração o documento que se encontra no Livro Grande da Camara do Porto com o nome de *Privilegios confirmados aos Gafos de Cima de Villa, de Mijavelhas,* datado de 28 de setembro de 1385. Nada, porém, se contém n'elle que interesse á historia da medicina e por isso o não extractamos [3].

Não seria difficil reunir documentos de natureza similhante, mas nenhuma importancia teria esse trabalho. O que importa assignalar é que a lepra ia diminuindo consideravelmente no paiz, assignando o snr. Rodrigues de Gusmão como causas d'este facto o desapparecimento do gosto das peregrinações á Syria, a expulsão dos judeus e mouros para o Levante e costas da Barberia, e ainda a descoberta do novo caminho das Indias [4].

Ninguem desconhece, porém, que a doença não desappa-

---

[1] Este regimento vem publicado na *Noticia historica dos hospitaes da universidade de Coimbra,* de A. A. Costa Simões, onde se poderão colher muitas noticias sobre as providencias relativas á gafaria de Coimbra.

[2] Pag. 195 da edição de 1843.

[3] Livro Grande, fl. 45 v.

[4] F. A. Rodrigues de Gusmão, *Mal de S. Lazaro,* in *Coimbra Medica,* 1.º anno, 1881, pag. 122.

receu do nosso territorio. Já as investigações de Bernardino Antonio Gomes (pae) demonstraram que, no principio d'este seculo, havia em Portugal muitos individuos affectados d'elephantiase, e estamos certos de que o inquerito em que anda recentemente empenhada a Sociedade das Sciencias Medicas terá por conclusão o reconhecimento de que a doença tem alastrado consideravelmente, mercê, quanto a nós, da importação brazileira e do contagio.

CAPITULO IV

A hydrologia medica. — Banhos e aguas mineraes

O favor concedido ás aguas mineraes pelos nossos monarchas, que não faziam mais do que acompanhar na sua ingenua confiança o povo supersticioso, continuou entre nós no periodo que termina com o alvorecer da Renascença. Ás mais insignificantes nascentes, ás proprias aguas communs eram attribuidas virtudes maravilhosas; mas, a par d'isso, alguns mananciaes de proveito reconhecido, hoje justificado pela analyse chimica e pela experiencia clinica, começaram a ser procurados e explorados regularmente.

Entre estes, lembram logo as *Caldas da Rainha,* nome que recorda o d'uma princeza que excedeu certamente o zelo da sua avoenga D. Mafalda em promover o allivio dos pobres. D. Leonor, mulher de D. João II, foi pasmosa de dedicação pelo estabelecimento balnear que alli fundou, despojando-se das suas joias e bens dotaes em beneficio d'elle.

As Caldas da Rainha já tinham sido exploradas, e d'isso havia vestigio n'umas ruinas provavelmente romanas. O tempo fizera desapparecer as thermas e até a memoria da sua applicação, até que nos fins do seculo XV uma circumstancia accidental as veiu levantar do olvido em que jaziam.

Estando a rainha D. Leonor em Obidos no anno de 1484, e partindo para a Batalha, onde a estava aguardando D. João II, passou, em agosto, no sitio onde brotam as aguas sulfurosas tão conhecidas em todo o paiz.

Apresentou-se-lhe aos olhos um espectaculo que a surprehendeu: em covas abertas no chão alguns doentes procuravam allivio aos seus achaques [1]. Inquiriu do facto, e soube que no verão era o sitio procurado pelos pobres, que se louvavam do emprego das aguas que alli brotavam. Soffria a rainha d'um peito [2], e decidiu-se a experimentar em si a efficacia das aguas, colhendo bom resultado da sua applicação. Participando-se o facto a D. João II, que se achava no logar da Tornada, voltou atraz e em memoria do facto levantou um padrão que ainda hoje existe [3]. No anno seguinte (1485) a rainha outra vez procurou allivio nas Caldas, e, como reconhecimento e por caridade, deu começo a um hospital, para o qual tinha obtido o beneplacito do marido. Este deu privilegios e isenções aos moradores das Caldas n'uma provisão regia de 4 de dezembro de 1488, d'onde se colhe evidentemente o papel que coube á rainha na reedificação do edificio thermal. «A Rainha muito minha presada mulher nos disse, que esguardando ella como Nosso Senhor dava saude a muitos enfermos, que se iam curar aos banhos das aguas das Caldas que são no termo d'Obidos, os quaes por não serem corrigidos, nem as casas dos aposentamentos d'elles serem taes como para boa saude e proveito dos enfermos pertenciam, Ella mandára fazer tudo de novo», etc. [4] O mesmo vem expresso

---

[1] Fr. Francisco de Santa Maria, *Céo aberto na terra*. Lisboa, 1697, pag. 546.

[2] Alguns historiadores dizem que a doença era uma chaga no braço esquerdo e outros uma paralysia consecutiva a um parto.

[3] *Noticia do Hospital Real das Caldas da Rainha*, in *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, IV, 1836, pag. 9. — Alfredo Luiz Lopes, *Aguas minero-medicinaes de Portugal*, pag. 169.

[4] Fr. Tavares, *Instrucções e cautellas praticas*, parte I. Coimbra, 1810, pag. 95. Tavares soccorreu-se para a sua noticia d'um importante manuscripto existente no cartorio do hospital.

n'um breve de Alexandre VI, a quem a rainha pedira graças e indulgencias para o novo hospital. N'este documento, que tem a data de 1 de junho de 1497 diz-se, conforme a traducção do nuncio, que a «Rainha D. Leonor fizera repairar e reedificar os banhos de Caldas... que estão no termo da Villa de Obidos... os quaes banhos, que quasi de todo eram destruidos, fez reparar de seus proprios bens»[1].

O hospital das Caldas só ficou concluido em 1512. Para conseguir a sua terminação e assegurar a sua existencia, a rainha despojou-se, como ficou dito, das proprias joias e bens dotaes. Mas a narração do mais que se refere a este estabelecimento será a seu tempo produzida[2].

A lenda da fundação das Caldas já se encarregaram de a escrever dois poetas; nem outro assumpto podia inspirar mais a musa popular do que este d'uma rainha que sacrifica bens e commodidades para dar allivio aos enfermos. Seja-nos permittida a transcripção d'esse trecho para amenisar um pouco as paginas d'este livro:

Á Piedosa *Leonor,*
De João Segundo Esposa,
De seus annos no melhor,
Em parte assaz melindrosa,
Accommetteu um tumor.

Em sua Quinta vivia,
Valle de Flores chamada,
Aonde se divertia,
Junto d'*Obidos* plantada
De quem era a Senhoria.

Pois que ir a peior se vê,
As melhoras preciosas
Procura encontrar na *Fé,*
Posta nas Mãos milagrosas
Da *Virgem* de *Nazareth.*

---

[1] Tavares, op. cit., pag. 96.
[2] Veja-se Ricardo Jorge, *As Caldas do Gerez,* pag. 19.

Ao *Sitio* se encaminhava,
Em pouco acompanhamento,
Mas viu, quando aqui passava,
De *Pobres* ajuntamento,
Que n'uns *charcos* se banhava.

Apenas, para recato,
Haviam poucas choupanas,
Tecidas de palha, e mato,
Outras de verga, e de canas,
Só de abrigo ao tempo ingrato.

A Magestade estranhou
A novidade do caso,
Á gente; as choças notou,
E de um *Velho,* vindo a caso,
Do que isto era se informou.

Tendo-a o *Velho* cortejado,
D'aquelle modo grosseiro,
De homem só aos campos dado,
Beijando-lhe a *Mão* primeiro
Lhe disse em tom acanhado:

Rainha, aquelle logar
Ha tempos a cá se tem
Começado a frequentar
Por gente muita, que vem
Alli seus corpos banhar.

Tal agua sára nascidas,
Muitas chagas, e tumores,
E ha mil historias sabidas
D'alguns, que tendo torpores
Salvaram com ella a vida.

Passaram por 'qui uns taes,
Homens de Reino Estrangeiro,
Que no seu dizer iguaes,
Disseram ao *Curadeiro*
Que são Aguas mineraes.

Não sei d'isso : ao meu *João*
Nasceu-lhe um tumor tamanho
Na costa d'esquerda mão,
Que era mesmo como um tanho!
Usou d'ella, ficou são.

Leonor, que attenta ouvia,
D'um fino lenço tirou;
O Camarista do dia
Com elle ao logar mandou,
Servindo o *Velho* de guia.

Ordenou-lhe, quando o deu,
Nas Aguas molhar o fosse;
E apenas o recebeu,
Da comitiva afastou-se
E no seu seio o metteu.

Por 'hi lhe vinha a ruina
Á preciosa saude;
Mas como desde menina
Foi modelo de Virtude,
Achou n'ella a Medicina.

Para o Templo destinado
Sua derrota seguiu;
Mas, tendo uma legua andado,
O niveo peito sentiu
De todo desaffrontado.

Retirando-se dos mais,
Se foi consultar sósinha :
Achou seus *Peitos* iguaes,
E onde ha pouco o tumor tinha
Nem pôde encontrar signaes!

Mas bem conhecendo a graça,
Que a *Mãe* de *Deus* lhe fizera,
Mais adiante não passa;
Pois outra pompa pondera
Com que a Romagem se faça.

Disse *Tornemos*. Tornaram;
E já meia legua andada,
Em outro logar pararam:
Por isso um se diz *Tornada;*
Outro *Parada* chamaram.

O favor reconheceu
Ser obra da Mão Divina,
Mas d'Agua não se esqueceu,
Lembrada co'as da *Piscina*
Milagres fazia o Céo.

Então pôz em seu mental,
Transbordando em piedade,
Para o bem de tanto mal,
Em soccorro á humanidade,
Erigir um *Hospital.*

Na sua alma se redobra
Tanto zelo; e quiz o Céo,
Que aquelle peito, onde sobra
Virtude, o que concebeu
Não tardou a pôr por obra.

Mas era o sitio deserto,
Difficil de povoar-se;
Visto que as gentes de perto,
De suas terras tirar-se
Tomavam por desacerto.

Além d'isto, muito fraco
Se lhes mostrava o terreno
Aos dons de *Ceres,* e *Baccho,*
E o lavrador, se quer feno,
Tambem quer ter grão no sacco.

Mas a Summa *Providencia,*
O mundo benigna olhando,
Mostrou a sua clemencia
Com *Leonor, Manuel* criando
N'uma igual beneficencia.

Repartiu, com Mão potente,
A elle alta heroicidade,
Forçando ao *Deus* do *Tridente*,
Conduzindo a *Christandade*
Ás Regiões d'Oriente.

A *Ella* espiritos nobres,
Caridade nunca ouvida,
(Bem que em poucos peitos sobres)
Porque em toda a sua vida
Foi a riqueza dos pobres.

Um, e outro de mãos dadas,
Da casa o fundo augmentaram;
E ás mais rendas já dotadas,
Na venda se concertaram
Do Tributo das *Jugadas*.

Tomando vistas maiores
Aquelle espirito afouto,
Para progressos melhores,
Fez do sitio um *Velhacouto*
Para trinta *Malfeitores*.

Qualquer homem criminoso,
Bem que o crime fosse horrendo
Tinha descanço, e repouso
Em ligeiro se acolhendo
A este logar famoso.

É esta a origem que tem
A Villa agora afamada:
Nasceu d'esta arte...... [1]

---

[1] *Verão nas Caldas feito de inverno em Obidos, por mãos de* Antonio José da Silva o *Piana,* e por Francino Obidense. Lisboa, 1806, pag. 7 e seg.

Outras Caldas que tiveram reputação de resultados maravilhosos foram as de Monchique. Ha razões para suppôr que tambem houvessem sido exploradas pelos romanos, mas, a sêl-o, a ausencia de estradas e de quaesquer vestigios de installações thermaes leva a crêr que não attingiram grande nomeada. Durante muito tempo não ha noticia alguma a seu respeito, e é preciso chegarmos ao seculo XV para encontrarmos menção da sua applicação. Cedamos a palavra por algum tempo a um dos nossos mais illustres historiadores, o snr. Pinheiro Chagas:

«Em maio de 1494 adoeceu gravemente a rainha D. Leonor, e esteve em perigo de vida; por isso el-rei, apezar da discordia que tivera com ella, por causa de D. Jorge, seu bastardo, foi logo d'Alcochete a Setubal onde sua mulher residia, esquecendo as suas proprias enfermidades para a tratar com todo o carinho e amor. Restabeleceu-se comtudo a rainha, e foi pelo contrario el-rei quem peorou cada vez mais, mostrando todos e claros symptomas de hydropisia. O desfallecimento, a tristeza profunda augmentavam a cada instante, vendo-se obrigado, elle tão altivo e que tanto queria vêr tudo por seus olhos e decidir por si, a entregar em parte o governo a officiaes de despacho. Era tão intensa a sua melancholia, que o incommodava vêr gente, e não desejava senão estar só.

«Os medicos afflictos com estes symptomas graves, entenderam que o uso das Caldas lhe podia ser util [1], mas hesitaram entre Monchique e Obidos. Para tomarem uma decisão, usaram d'um meio caracteristico do despotismo; procuraram por todo o reino hydropicos que enviaram, uns ás Caldas de Monchique e outros ás d'Obidos. Eram experiencias *in anima vili*. O resultado das experiencias foi aconselharem a D. João II os banhos do Algarve» [2].

---

[1] Estes medicos eram Rodrigo e José (*Noticia das Caldas de Monchique*, por Alexandre Augusto d'Oliveira Soares, no *Jornal das Sciencias Medicas*, VI, 1837, pag. 87).

[2] Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, III, pag. 189.

Judiciosamente conjectura o snr. Bentes Castel-Branco que o facto da vinda do rei ao Banho de Monchique prova que ahi existiam, ou se fizeram, construcções d'uma certa importancia [1].

Nada aproveitaram as Caldas na doença do rei que alguns suppõem ter sido criminosa intoxicação [2]. De Alcaçovas, onde estava no principio de 1495, partiu elle a 15 de outubro de 1495 e foi dormir a Ferreira, por Messejana, Panoyas e Cellas, chegando a 18 a Monchique e indo dormir em 20 ás Caldas. Apenas tomou dois ou tres banhos, ao cabo dos quaes lhe sobreveiu uma gastralgia, acompanhada de violento calefrio, motivo pelo qual recolheu a Alvor, onde morreu em 25 de outubro [3].

As Caldas de Monchique voltaram em seguida e por quasi dois seculos a completo esquecimento.

Terminam aqui as noticias que pudemos colher sobre as applicações das aguas mineraes n'este periodo da historia de medicina patria. Mas não ficam esgotadas as que se referem a praticas balneares entre nós. Quando Ricardo Jorge nos descreve as formosas castellãs da idade média, repellindo o olfacto «pelas emanações acres de pelle impolluta d'agua» e nol-as pinta como «lyrios immaculados que não tinham certamente a fragrancia suave das flôres», não póde referir-se de modo algum ás suas conterraneas do Porto, em primeiro logar porque não podia haver castellãs n'um burgo que

---

[1] João Bentes Castel-Branco, *Estabelecimento thermal de Monchique*. Porto, 1885, pag. 21.

[2] «Quatro leguas d'esta villa (Alvor) estão uns banhos de aguas medicinaes, aonde se foi curar D. João o segundo, por causa do veneno que lhe deram». Padre A. Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, III, 1712, pag. 4. Veja-se Camillo Castello Branco, *Narcoticos*, I, pag. 30, e as duas cartas de Manoel Bento de Sousa no *Principe Perfeito* de Oliveira Martins. Lisboa, 1896, pag. 174 e seg.

[3] Ms. de D. José Gascon, cit. na memoria acima indicada de Bentes Castel-Branco, a pag. 174 e seg.

*

repelliu os fidalgos do ambito dos seus muros, em segundo porque as burguezinhas do Porto eram aceadas.

As luctas havidas entre o bispo e o burgo do Porto, tão bellamente descriptas por José Caldas [1], terminaram por uma composição de 13 de abril de 1406, em que o bispo teve de capitular perante a indomavel obstinação na defeza das suas franquias que distinguiu sempre os burguezes do Porto. Do livro em que se acham transcriptos os *Autos e sentença* d'esse processo celebre, averigua-se que em 1335 havia no Porto um estabelecimento de banhos, cujos lucros eram divididos entre a mitra e o concelho. Esse estabelecimento que ficava na Ribeira, n'um local que ainda ha bem pouco tempo se chamava dos Banhos, andou arrendado nos annos que foram de 1335 a 1337 a Gomes Giraldes por cem libras em cada anno, passando em 1338 para um tal Affonso, que apenas deu por elles sessenta libras [2].

Por occasião de se lançarem as bases d'uma avença entre os dois litigantes na éra de 1377, e portanto em 1339, entraram na composição os rendimentos dos banhos, levantando-se para estes mais rasgada fabrica e dotando-se de caldeiras e mais coisas pertencentes a um bom estabelecimento balnear. O Concelho obrigava-se a fazer a casa dentro de cinco annos, e o rendimento seria partilhado entre elle e a mitra [3].

Suscita-se a duvida se foi por diante esta resolução. Cumpriu-se effectivamente, e encontra-se noticia de que os banhos rendiam em 1450 para a cidade trezentos e oito reaes brancos e seis pretos, além de igual quinhão que pertencia á mitra [4].

---

[1] *Corpvs Codicvm latinorvm et portvgalensivm eorvm qvi in Archivo Mvnicipali portvcalensi asservantvr antiqvissimorvm.* Portvcale, Typis Portugalensibvs, 1891.

[2] *Avtos e Sentença de dvvidas e jvrisdicção entre o Bispo e a Cidade.* Ms. fl. 229 e 230.

[3] *Autos e Sentenças,* cit. fl. 240.

[4] Liv. 1 do *Cofre dos Bens do Concelho,* fl. 9.

Do que fica escripto deduz-se que as praticas balneares tinham tomado na cidade grande extensão. Nem de outro modo se póde comprehender que fossem objecto de litigio e que a sua sustentação interessasse tanto como interessava ás duas partes contractantes, do que é documento bastante a avença a que nos referimos, em que todas as hypotheses, mesmo as mais improvaveis, eram previstas e acauteladas.

Em Lisboa, igualmente haviam tomado desenvolvimento essas praticas. Na Judearia Grande, proximo á egreja da Conceição Velha, existiu o hospital dos homens e banho. Ainda quando se julgue que só era destinado aos judeus, este facto é certamente da maior importancia [1].

---

[1] J. M. Luiz Nogueira, op. cit.

CAPITULO V

Epidemologia [1]

É de 1310 uma epidemia a que se refere uma memoria extrahida do convento de Ceiça pelo academico Soares de Barros. Diz assim: «no anno do Senhor de 1310 foi a pestilencia grande, e morrerom entom em dous mezes 150 Religiosos, segundo se achou em hum livro bem authentico». O silencio dos escriptores contemporaneos afasta a ideia de peste, e tudo leva a crêr que se tratasse d'uma endemia mortifera, originada na fome d'esse anno.

Ao anno de 1333 é reportada outra epidemia a que se refere nos termos seguintes o Chronicon Conimbricense: «e neste anno (1333) morreron muitas gentes de fame quanta nunca os homes virom morrer por esta razom, nem viron nin nem ouviron dizer o omes antigoos dante si que tal cosa vissem, ni ouvissem: è tantos fueron os passados, que fueron soterrados em os adros das Egrejas, que non cabian en elles, e a nes os soterraban fora dos adros è deitavanos nas covas

---

[1] Veja-se a nota a pag. 62.

quatro à quatro, è seis à seis, assi como os achavan mortos por nas ruas, è por fora. E esto foi asi todo do compezo do anno ata ò outro renuevo do anno seguinte».

Bem se deixa vêr que a symptomatologia não quadra com a da peste, e outros documentos levam a suppôr que ainda d'esta vez se tratava d'uma epidemia ligada á fome que reinava.

A primeira vez que a peste nos visitou foi em 1348. Gela de horror a sua descripção, tão rapido foi o seu desenvolvimento e tamanha a sua mortandade. «Morria-se quasi em saude, diz Guilherme de Nangis, e, os que hoje estavam sãos, iam ámanhã caminho da sepultura».

A symptomatologia consistia em febre ardente, delirio, golfadas de sangue, coma, insensibilidade e morte. Se esta não sobrevinha com brevidade, os doentes apresentavam a lingua ennegrecida, o halito excessivamente fetido e manchas negras pela pelle. Ao mesmo tempo, ou com pequeno intervallo, surgiam abcessos nas axillas ou virilhas que depois se generalisavam, formando ulceras de difficil cicatrização.

Como o contagio era vivissimo, não havia extremos d'amor de familia que vencessem o terror que a peste espalhava, e os desgraçados agonisavam sem auxilio de ninguem.

Não ficaram n'isto as calamidades. Tendo corrido voz de que os judeus haviam aprazado reunião em Hespanha e, juntos ahi, preparado venenos subtilissimos que lançaram nos poços e fontes e disseminaram no ar, a multidão investiu com os judeus, ferindo, degolando e atirando ás chammas milhares de victimas innocentes, em que se incluiram mulheres e creanças.

Acudiu a taes violencias o papa Clemente VI, que de Avinhão fulminou anathema aos que se atrevessem a roubar, ferir ou matar os judeus ou os obrigassem a receber o baptismo. Antes, concedera muitas indulgencias aos sacerdotes que lhes assistissem e indulgencia plenaria aos que se finassem do mal.

Parece que o contagio viera do Egypto, estendendo-se por toda a Africa, irrompendo na Asia, abrazando o Levan-

te inteiro, a Mesopotamia, a Syria, a Chaldea, passando a Chypre e a Creta e declarando-se nas ilhas do Archipelago grego. Estavam ancoradas oito galés genovezas em diversos logares já infestados e resolvem fugir. Aproando á Italia, abicam ás praias da Sicilia, communicam com os camponezes e a epidemia apparece em Messina, assolando toda a ilha. D'ahi navegam para Pisa e Genova, onde chegam em tal miseria, que se conta por metade o numero dos navios e estes cheios de enfermos.

Em 1348, a peste açoutára toda a Italia, e invadira a França, caminhando pela Provença, Saboya, Delfinado e Borgonha. Nos primeiros dias de janeiro, devastava Avinhão, onde a tratou o celebre Guido de Chauliac, que na sua *Cirurgia* a descreve primorosamente. Galgando os Pyreneus, em meado de junho, manifestava-se em Valencia, onde morriam trezentas pessoas por dia, e, no decurso d'outubro, surgia em Saragoça, onde no mesmo praso falleciam cem individuos.

No fim de setembro, cae sobre Portugal a temerosa epidemia. Omittem os historiadores as particularidades do acontecimento, mas dos seus curtos dizeres bem se deixa vêr a fereza do mal. Na sua symptomatologia, avultam os tumores nas virilhas e nas axillas, acompanhados de dôres intensas. Chamavam-lhe *dôr de levadigas,* e, contagiando quasi todos, matava muitos. Onde surgia, demorava-se por espaço não inferior a tres mezes. Ignora-se quanto tempo permaneceu no reino; sabe-se que em 1350 ainda existia na Hespanha e na Italia.

Em 1356 menciona D. Nicolau de S. Maria outra epidemia, citando uma memoria antiga de Santa Cruz, em que se lê: «Era 1394. tanta fuit in Portugallia gentium strages causa magnæ sterilitatis, et prouentuum penuriæ, quod ex tribus gentium partibus, duæ perierunt, tam breui temporis interuallo, vt jam cœmeteria tot mortuorum cadauera minimè capere potuissent».

Não é possivel por estes elementos, e ainda por outros produzidos por Vieira de Meirelles averiguar a natureza d'esta epidemia, que verosimilmente deve ser attribuida á fome que reinava.

Em 1384, quando o rei de Castella veiu pôr cerco a Lisboa, desenvolveu-se entre nós pavorosa epidemia. Eis o que a tal respeito diz o nosso historiador Fernão Lopes: « E depois que el Rei entrou pello reyno e se veo chegamdo contra Lisboa, pousando per esas alldeas a duas e tres legoas, começarão de morrer de peste allgũus do arrayall da gente de pequena condição. E quando allgũu caualleyro ou escudeyro, que ho merecia, acertaua de se finar, leuavão-no os seus a Cyntra ou Alanquer ou a algũu dos outros logares, que por Castella tinhão voz, e ally os abrião e sallgauão e punhão em ataudes ao ar, ou os cozião e goardavão os ossos pera os depois leuarem pera donde erão. E por esta rezão se mudaua ellRey de hũa alldea pera outra com suas gentes, ata que veo a frota e se lançou sobre a cidade, como jaa he dito, e temdo assi seu cerquo sobre ella começarão de morrer na frota e yso mesmo dos do arrayall, de guysa que hũs e outros erão mui anojados damdo per uezes a ellRey conselho que se partise dally por entonce, e depois teria tempo per a ho uir cerquar cada vez que quisese ». E continua adiante: « e não embargando que dantes asaaz morresem começou de se atear a peste tão brauamente em elles assy per mar como per terra, que dias avia hi que morrião cemto e çemto e cyncoenta, e dozentos e asy mais ou menos como se acertaua, de guisa que o mais do dia erão os do arrayall occupados em soterrar seus mortos. Assy que era espanto de uer aos que ho padecião, e estranho de ouuir aos que eram cerquados, porque, do dia que se finou de trama ho mestre de São Tiago Dom Pero Fernandes cabeça de uaqua ataa esta sazão, morrerão mais de dous mill homẽes darmas dos milhores que ellRei de Castella tinha, afora muitos capitaẽes, que nomear não podemos, porem dallguũs diremos seus nomes... Era grão maravilha per juizo a nos não conhecido, que em feruor de tamanha pestilemça, nenhuũ dos fidallgos portuguezes, que hi andauão, nem prisioneiros ou doutra quallquer guissa, que nenhuu morria de trama, nem era tocado de tall dor. E os castellãos por vingança e menemcoria, que lhe não prestaua, lançauão os prisioneyros portugueses que trazião com os que erão doemtes de tramas, por tall que morre-

sem pestenemçiados, e morrião os castellãos doentes e dos portuguezes nenhũu perecia, nem demtro na cidade que era tão perto do arrayal, nem fora no termo, que forte cousa parece de crer ser huũ Rey asy acompanhado e seruido de tãttos e tão nobres fidallgos, como consigo ally trouxera e ver sem nenhuũ proveyto tantos delles morrer ante si, afora ho grande numero doutros do pouo miudo, e não mudar seu desejo do que começado tinha com quantos conselhos lhe erão prepostos, como se acyntemente lhe prouuese de os offerecer á morte».

Esclarecendo o mais caracteristico symptoma da molestia, fr. Raphael de Jesus diz «que nascião huns inchaços, a que chamarão *tramas*. Nas partes mais delicadas do corpo, como na garganta, debaixo dos braços, ou dos joelhos, e em nascendo, não havia remedio senão morrer».

Julga Vieira de Meirelles que a epidemia era de typho dos exercitos, n'uma das suas variadas fórmas, e na realidade é este o diagnostico que melhor assenta aos symptomas e á etiologia que se podem estabelecer pela leitura dos dois chronistas [1].

Quando se aprestava a armada que devia levar a Ceuta D. João I e seus filhos, de subito a peste acommetteu Lisboa, e depois o Porto, em fins de 1414 ou principios de 1415. Refere uma testemunha contemporanea: «tal pestellença era que poucos dias passauom que me não fallassem ẽ pessoas conhecidas que de tramas adoeciam e morriam» [2]. Propagou-se logo a epidemia e por tal modo devastou Lisboa que D. João I transportou-se com toda a sua côrte para Sacavem, onde esteve fevereiro, março e abril d'este ultimo anno.

---

[1] Refere-se á epidemia de 1384 fr. Claudio da Conceição, *Gabinete historico*, II, pag. 47. — Oliveira Martins, n*A Vida de Nun'Alvares*, Lisboa 1893, pag. 191, diz que esta epidemia era de peste bubonica, mas nada confirma esta asserção.

[2] *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, pag. 60 da ed. de 1843.

Tendo-se estendido a doença a esta villa, D. João passou a Odivellas, onde se lhe foi reunir a rainha, já contaminada do mal. Chamaram-se os physicos, mas, como a doença se aggravasse, preparou-se com os sacramentos para morrer como boa christã.

A narração da doença da rainha feita por Azurara permitte-nos fazer ideia da symptomatologia da peste de 1415. Depois d'ungida a rainha, foi vista pelos physicos « assi honestamente, como era rezam, acharão que tinha hum carbunculo, o qual foy bem conhecido, que era cousa noua, por que até li não lhe sentiram mais dor, que huma leuaçam, e posto que sentisse, que com nenhum remedio podia receber saude, mandaram porém, que lhe furassem aquelle carbunculo dizendo logo, q̃ não podia mais durar por determinação da fisica que até o outro dia ».

Foi a peste importada por navios estrangeiros que vinham para tomar parte na empreza de Ceuta, e tornou-se este flagello companheiro inseparavel da expedição. Assim o refere Azurara, mas a esse respeito tem valor indiscutivel o testemunho d'um dos expedicionarios, o futuro rei D. Duarte. Fallando na conveniencia de fugir aos logares empestados, excepto nos casos em que o serviço de Deus manda permanecer, diz que assim fez « elrrey nosso senhor, quando el sofreo e quys que eu e meus yrmaãos o jfante dom pedro e dom henrrique e o conde de barcellos sofrermos na fylhada de cepta assaz muy grande pestellença o qual sempre mujto costumava de lhe fugir... » [1] N'outra parte havia-se referido a que na frota havia grande pestilencia [2].

Já apresentamos a etiologia da peste, tal como a encara D. Duarte.

A prophylaxia usada colhe-se das palavras seguintes: « E os que teem regimento das cidades, e villas, por scusar quanto

---

[1] *Leal Conselheiro*, ed. 1843, pag. 196.
[2] Idem, pag. 44.

mal della se recrece, grande bem he, mandar alguũs curar fóra dellas, e assy os enterrar quando della morrerem fechando as casas por XV ou XX dias, ca ueemos cortar ou queymar huũ membro mal desposto por nom se perder perssa contagiom o corpo todo» [1].

Referem-se a 1423 duas epidemias. Uma, indicada por fr. Manoel da Esperança e fr. Francisco de Santa Maria, é apresentada como tendo abrazado Coimbra, «com todos os seus contornos, leuãdo não só as casas, senão lugares inteiros». Outra, descripta por fr. João Baptista de Santo Antonio, ateou-se na villa de Alcaçovas e foi «um contagio de bostelas, que sahião pelos corpos, com tal malignidade, que dellas fallecião todos os enfermos em breves dias». Basta o testemunho d'estes chronistas para excluir a ideia de peste; as doenças mencionadas eram provavelmente endemias locaes, cuja natureza não é possivel determinar, por falta de elementos.

Em 1432, diz fr. Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos,* houve por todo o reino uma corrupção pestilencial que em Lisboa e seus termos fez estragos crueis. «Entre tanto, diz elle, crecia o dano da contagião com furia terribel, não avia casa, nem homem seguro: mais fero, e mais pernicioso contra os mais robustos, era tiro de fogo, que apontava, e derribava, e feria, e matava tudo junto. Mas o que não tinha reparo, e que só com o medo tirava vidas, era que o ar corruto, e venenoso despois de enterrar hum, e muitos, não se enterrava nem acabava com elles: vivo, e inteiro ficava em qualquer peça de vestido, e em qualquer dobra de pano por pequena que fosse, daly como de emboscada acometia de novo a quem se atrevia a tocallo, e com a mesma violencia o matava, que fizera ao que já estava tornado cinza». A epidemia acabou em fins de dezembro d'esse anno.

---

[1] *Leal Conselheiro,* pag. 194. D'esta epidemia occupa-se Joseph Rodrigues d'Abreu, *Historiologia medica.* Lisboa Occidental, 1733, I, pag. 614. — Fr. Claudio da Conceição, op. cit., II, pag. 62.

Da descripção apresentada por fr. Luiz de Sousa não se collige de modo algum que fosse peste a doença que grassou em 1432, nem ha elementos para assentar diagnostico. O de febre typhoide, proposto por Vieira de Meirelles, não se compadece com tão intenso contagio.

Tres annos depois, em 1435, ateava-se uma nova epidemia. A ella se refere fr. Martinho do Amor de Deus nos termos seguintes: «foy tão grande o inverno, e continuação das chuvas, por tres mezes continos, e mais, que cahirão infindas casas por todas estas terras, e o campo de Santarem abondou mais de hum mez, que esteve cheo, que andavão barcos por montes, e por cima das casas, e se perdeo muito gado, pão e cahirão muitos moinhos. E o moinho do Refugidos nosso visinho, que então se fazia de novo, todo o levou a agua a sob este mosteiro: dizião os vivos, que nunca tal inverno virão n'esta terra com mingoa de trigo em Alemquer, e por toda a parte era muita fame, e muita prestinencia, que havia muitos annos que durava». A leitura d'esta narrativa deixa vêr que era uma epidemia filiada na fome que reinava.

No meado do estio de 1437 começaram a dar-se em Lisboa numerosos obitos. D. Duarte mandou a mulher para Lisboa e os filhos para Cintra e elle foi para uma quinta do Monte Olivete, d'onde se transferiu para Santarem. A epidemia estendeu-se a Evora em 1438, e n'esse anno encontramos o rei e seus filhos em Aviz, por motivo do contagio que reinava. Como ao depois se generalisasse a todo o reino, D. Duarte entendeu que o melhor seria separar-se a côrte, indo cada um para onde quizesse. N'esta conformidade, saíu d'Aviz e, encaminhando-se pela Ponte de Sôr, jornadeou para Thomar. Agora ouçamos Ruy de Pina: Aqui «pousou nos Paços da Ribeyra, onde loguo adoeceo de febre mortal, que doze dias nunqua o leixou: e entrando nos treze, que eram nove dias de Setembro, anno de mil quatrocentos trinta e oyto, em que grande parte do sol foy criz, deu sua alma a Deus».

«E na causa de sua morte assy arrebatada, escreve ainda o historiador do rei, em sette muy singulares Fisicos seus e dos Ifantes, que hi foram juntos, ouve muitas openiooẽs;

huns disseram, que, quando passara pela Ponte de Soor mostrando rijamente com a maaom direyta a altura de hum Cubelo que hi mandava faser, se desencaixara o braço, a que depois correra humor com que se apostemou, de que sua fim se causára: outros tynham, que fõra febre muy aguda: e outros, que fôra pestenença». Accrescenta Duarte Nunes de Leão que «a mais commum opiniaõ foi, que na ponte de Soro lhe derão huma carta, de que se lhe pegou a peste, com que foi a Thomar».

As divergencias que reinaram entre os physicos e a obscuridade da symptomatologia põe de parte a ideia de que se tratasse de verdadeira peste. Parece tinham razão os que opinaram ser uma febre muito aguda; pelo menos, assim o insinua a marcha da molestia, n'aquillo que é possivel averiguar dos escassos esclarecimentos que possuimos [1].

No anno de 1448 ha noticia de nova epidemia. A ella faz referencia fr. Fernando da Soledade, affirmando que Portugal se vira muito afflicto n'este anno «como quem sentia os golpes da peste, flagello rigoroso da Justiça Divina; sendo que não foi geral em todo o Reyno». Suppõe Vieira de Meirelles que se tratasse d'uma epidemia que n'esse anno correu a Europa e era caracterisada por febre maligna, catarrho, tosse, angina, pleuriz ou pneumonia.

Data de 1458 outra epidemia, «a qual, diz o padre Francisco de Santa Maria, foi tão terribel, que diz d'ella o padre Paulo, que fugia a gente de Lisboa com grande espanto, e q̃ na que ficou fora a mortandade tanta, que a Cidade parecia ermo». Em Barcelona tambem n'esse anno se manifestou a peste; mas, apesar d'isso, o snr. Vieira de Meirelles julga que não ha provas para asseverar que essa fosse a doença que entre nós grassou.

De 1464 a 1469 encontram-se noticias referentes a epide-

---

[1] A esta epidemia refere-se Joseph Rodrigues d'Abreu, *Historiologia medica*, I, pag. 615. — Fr. Claudio da Conceição, op. cit., II, pag. 106.

mias. A primeira, devida a fr. Fernando da Soledade, diz que no anno de 1464 «padecia o Reyno o contagio da peste, que sem respeytar o illustre, nem se cõpadecer do pobre, a todos igualava na fortuna, e fazia companheiros na desgraça». Documentos extrahidos dos livros dos Accordos do Cabido de Coimbra, datados de 1465, 1467 e 1469 referem-se a epidemias que passaram n'esta cidade. O ultimo affirma que, n'uma sexta-feira 28 de maio d'este anno, reunindo-se em cabido todos os beneficiados, que no mesmo cabido eram presentes, «os sobreditos cõsirando como ho aar pestinencial he muito de temer, E alguũs som de tal compreysom e temerosos, q̃ soomente de verem outros morrer em ello maginarõ ser-lhes ha causa mortis, E todos movidos com o zello por aos tais arredar e tirar de tam grande priguo, E movidos de fraternall amisade e cuidado Estabelecerõ e ordenarñ q̃ aqueecendo, o q̃ deus nõ queira, de ẽ esta cidade morrerem de pestilencia, E polla dita causa alguũs della se quiserem partir, que sejam contados inteiramente na meetade de todo aquillo que sooe daver quando presentes servẽ». O snr. Vieira de Meirelles attribue estas epidemias á penuria que reinava, e eram devidas em grande parte ás guerras d'além-mar que levavam ás praias da Africa milhares de braços, afastando-os da agricultura [1].

No anno de 1477, diz fr. Fernando da Soledade, «a peste tambem andava por muytas partes executãdo suas tyrannias irreparaveis: e insistindo na destruição dos visinhos de Coimbra... Depois se foy ateãdo por outras terras com tanta vehemencia e contumacia, que entrando em Lisboa no anno de 1479, não se apartou d'ella, senão no de 1497». A epidemia devastou Coimbra pelo menos até 1479.

Assustaram-se justamente os vereadores do Porto com esta noticia. Reunidos o juiz do povo, os vereadores e os procuradores dos mesteres em 14 de julho d'este anno occupa-

---

[1] Refere-se á epidemia de 1464 fr. Claudio da Conceição, op. cit., II, pag. 124.

ram-se em promover que o contagio se não estendesse á cidade. «Os quaes sendo a sy juntos vierom a fallar em como a todos era notorio que em Coimbra e nas suas comarquas morriom de pestelença e que era cousa santa e proueitosa de se poer garda nesta cidade como se poem nas outras cidades e villas destes Regnos e que por todos foy acordado que se pozesse garda na dita cidade e que todolos vezinhos e moradores della de qualquer estado e condiçom que sejom gardem per giro a Porta da Ribeira e a area e Barcas de villa noua e nom leixem passar nem entrar na dita cidade nemhuu homem sem lhe ser dado juramento sobre os santos Evangelhos se vem da dita Cidade de Coimbra ou d'outro algum lugar donde morerem e se dos ditos Lugares vierem que os nom leixem passar nem entrar na dita Cidade nem apousentar no dito Logo de villa noua». Estas medidas rigorosas e tão conformes com o espirito d'aquellas éras não se limitaram á cidade. «E per esta mesma guiza se gardara a barca de Gaya a qual gardarom os moradores de Miragaya e que se deitasse pregom na dita Cidade e arrabaldes e logo de villa noua que nenhuns nom sejom taaes nem tão ousados que em suas casas colham nem agazalhem nenhuns homees que dos ditos logares vierem sob pena de ser lançado da dita Cidade e que pera esto os officiaes dem ordem a como se logo as ditas portas e barcas sem mais delonga gardem» [1].

A despeito de tão rigorosas providencias o flagello entrou na cidade. Em 5 de julho de 1481 realisou-se na egreja de Azurara a eleição dos officiaes da camara por procuradores «porquanto a cidade estaua trabalhada e enfferma destes aares corrutos que Deos por sua piedade levante» [2]. O bispo e parte do seu collegio haviam saído do Porto, assim como grande numero de cavalleiros; por esse motivo não se puderam realisar em tempo opportuno as exequias de D. Affonso

---

[1] Archivo municipal do Porto — Livro das Vereações de 1475 a 1487, fl. 83 e 83 v.

[2] Livro das Vereações de 1475 a 1487, fl. 155 v.

v [1]. A gente da cidade tinha-se na maior parte retirado para fóra [2].

A epidemia teve declinação rapida e durante tres annos gozou o Porto saude, e se entregou á sua faina habitual; mas nos fins de 1484 começam a chegar noticias de que em Aveiro e Barcellos morria muita gente. Ahi se reunem os vereadores e resolvem submetter a cidade á mesma ordem de providencias que tinham estabelecido em 1479 [3].

A cidade não logrou resistir ao contagio. Em janeiro de 1486 haviam morrido de peste alguns individuos na Porta do Olival. Alarma-se novamente a cidade, reunem-se os vereadores em 14 d'esse mez. «E seendo asy todos juntos por Joham de França Procurador da dita Cidade ffoy dito aos ditos Juizes e oficiaaes e homeẽs boos que elles sabiam bem como auya certos dyas que na rua do Oliuall começarom de morrer de pestelença pollo qual taiparom parte da quella rua por arredarem os taaes aares e que depois adoecerom abaixo do dito taipamento naquella rua e morrerom certas pessoas que todos visem o cazo quejando era e dessem em ello aquella melhor hordem que vissem como se arredassem os taaes inconvenientes e que ally estaua a torre de Pero do Sem onde elles poderyam mandar allguas pesoas se adoeçessem e posessem hy huu ffisyco que as curasse e huu sangrador que as sangrase e duas molheres que as seruissem» [4].... Assim se resolveu e com estas medidas se conseguiu dominar o mal; mas, continuando a circular noticias de que a doença não estava extincta no paiz, tornou-

[1] «... porem que se nom podera mays fazer pollo bispo aqui nom ser nem a moor parte de seu colegio e isso mesmo a moor parte dos caualeiros e cidadaos que daqui som absentes por causa da pestelença». (Id., fl. 13 v.).

[2] «... a gente da Cidade era daquy a moor parte hida e fugida». (Id., fl. 9).

[3] Livro das Vereações de 1475 a 1484. Accordão de 23 de dezembro de 1484, fl. 246 v.

[4] Livro das Vereações de 1485 a 1487, fl. 26 v. e 27.

se necessario persistir na defesa sanitaria. D'ahi resultou estabelecerem-se novas providencias tão rigorosas como as que se seguem:

«Outro si acordaram que todo homee que venha de logares donde morem que nom entrem em a cidade do dia que a ella chegar a trinta dias esto por proua sob juramento ou per escriptura, e bem asy acordaram que todo morador da dita cidade e arrabaldes que acolher em ssa casa alguua pesoa que vier donde morrerem de ar pestençeall e lhe fosse prouado seja lançado fora com seu domeçilio per seis mezes e mais pagar dous marcos de prata pera a çidade e catiuos» [1].

Uma das medidas adoptadas foi o estabelecimento d'uma especie de hospital destinado ao isolamento dos doentes, situado na outra margem do Douro, no Senhor d'Além: «E acordarom todos juntamente que se hordenasse huua cassa em que se rrecolhessem todos os doentes e enfermos da tall dor, que em a dita cidade adoeçessem, a qual cassa se achou e hordenou ser em Sanycollarinho honde logo se hordenou huu Pedro Vaaz barqueiro com sua molher, que aja de ter cuidado dos ditos doentes e enfermos, de os curar, em todo que lhes fizer mister, e os passará e leuará á dita cassa quando adoeçerem e por este trabalho averá cada mez quatrocentos reis os quaaes lhe seram dados da cidade e asy lhe hordenara duas camas pera os ditos doentes, e o dito Pedro Vaaz barqueiro nom passar em a dita sua barqua outra nenhũa pessoa saluo os ditos doentes e aquelles que neceçareos forem pera elles, e que outra pasagem nom fara» [2].

Com a adopção de taes medidas livrou-se a cidade da peste, para o que muito concorreu o zelo de Gonçalo Affonso, cidadão a quem fôra encarregada a guarda da cidade [3]; mas

---

[1] Livro das Vereações de 1485 a 1487, fl. 143.

[2] Livro das Vereações de 1488 a 1498, fl. 4.

[3] Idem, fl. 19 e 20.

em 1494 novamente houve rebates d'epidemia que felizmente parece não haverem tido grande importancia [1].

Deixando o Porto, para vêrmos a distribuição da epidemia pelo paiz, a doença é assignalada em 1478 e nos annos immediatos em Evora, morrendo quarenta e cincoenta pessoas por dia; em Coimbra pela mesma época; em Aveiro em 1479; em 1480 em Lisboa; em 1482 em Evora; em 1485 novamente em Coimbra; em 1487 outra vez em Evora; em 1489 em Guimarães [2]; em 1490 ateia-se novamente em Lisboa e Evora, quando D. João II estava n'esta cidade para celebrar os desposorios do filho com a infanta de Castella. É muito curioso, por apontar as providencias tomadas em Evora, o testemunho de Garcia de Rezende. E d'esta peste de Evora «el Rey foy muyto triste, porque se mais mal fosse as festas senão poderiam fazer com aquella perfeição que elle tinha ordenado. E por ver se poderia atalhar isto com que a todos tanto pesaua, acordou com conselho dos fisicos, que antes do antrelunho de Setembro, em que os ares corruptos tinhão mais força, toda a gente da cidade e da corte se sahisse della, como logo sahio por espaço de quinze dias... E a cidade foy chea de infindo gado vacum sem conto, que de toda a comarca veyo, e per mandado del Rey ahy foy trazido, e nella dormia de noite, e o metião ao sol posto, e ja bem de dia o leuauam seus donos a comer fora... E acabado aos quinze dias o gado todo se leuou, e a cidade foy toda muyto limpa, e todalas ruas e casas defumadas, e caiadas antes del Rey entrar nella. E assi no entrelunho de Outubro, depois da gente estar dentro, el Rey mandou, que todolos escrauos e negros, que na cidade auia, se sahissem fora por dez dias, sob pena de se perderem, e assi

[1] Livro das Vereações de 1488 a 1498, fl. 77 v. e 78. Estes documentos do Archivo municipal do Porto foram publicados nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, v, 1895, pag. 88 e seg.

[2] Além do testemunho de Torquato Peixoto d'Azevedo, invocado por Vieira de Meirelles, occupa-se detidamente d'esta epidemia o padre Antonio Carvalho da Costa, *Corographia portugueza*, I, pag. 71.

*

se fez. E por estas grandes deligencias, e principalmente pella piedade de Deos, a quem se fizeram juntamente com isso muytas deuações e esmolas, a cidade ficou de todo saã, de que el Rey, e todos forão muyto alegres por se poder fazer nella o que estaua ordenado».

Sobreveiu a epidemia em Evora no fim de 1490 e principio de 1491, pelo que D. João II teve de retirar-se da cidade. Garcia de Rezende ainda assignala a sua existencia em 1492, 1493 e 95, e ha testemunhos que d'ella dão noticia em 1496. Tal é em resumo a distribuição da epidemia de 1477-1496. Vejamos mais detidamente o que se passou em Lisboa.

Dissemos que em 1479 reinava a doença n'esta cidade. Assim era, porquanto n'uma carta regia de 6 de janeiro de 1484 se diz que a doença andava havia muito tempo na cidade. Attribuia-o o rei ao desrespeito das boas praticas hygienicas, e mandava que se limpasse a canalisação e os monturos e esterqueiras, assim como se não consentisse em que se vasassem as immundicies a não ser em determinados logares [1]. Comquanto os archivos municipaes sejam mudos a respeito da epidemia nos annos que immediatamente seguem ao de 1484, D. João II não se descuidava em promover o saneamento da cidade. N'uma carta de 22 de janeiro de 1486, diz-se que o rei havia combinado com Gonçalo de Mattos, cavalleiro da sua casa, e João Leal as medidas a adoptar e que deviam ser as seguintes:

«primeiramente q̃ aja hy huũ çidadãao, que tenha carreguo de o olhar polla çidade que este linpa, e q̃ mande eixecutar as penas em os q̃ errarem; com ho q.[ll] andara huũ escripuam que escreua todas as ditas penas, e tambem teera carreguo de eixecutar as ditas penas dos q̃ forem obriguados a alinpar, e asy as fara paguar.

«Item. Que deue dauer hy homẽes pollas freeguesias, que sejam obriguados a averem dallinpar a dita çidade, aos quaees sse dê de cada cassa morada çerta coussa.

---

[1] Ed. Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I, pag. 347.

« Item. Que sse deue fazer por algũas Ruas prinçipaaes canos mui grandes, e por as outras Ruas outros mais pequenos, que vaão ter a elles; e de cada casa cano q̃ vaa teer aos ssobre ditos, p.r onde possam deytar suas agoas çujas e vir a elles.

« Item. Que os vezinhos deuem de dar p.a estas obras toda seruentia, e a cidade deue ssomente pagar as maoos dos meestres, ou preço delles » [1].

Seis annos depois preoccupava-se o rei com a importação de doenças contagiosas, o que leva a suppôr que se tivesse averiguado alguma coisa a este respeito da epidemia que reinava pelo paiz. Como ha motivos para acreditar que é o primeiro documento existente sobre quarentenas, transcrevemos a carta regia de 5 de setembro de 1492:

« Por que nos pareçe que he huũa cousa muy perigosa p.a boõa guarda desa cidade alguũas naos, assy de nosos naturaes como estrangeiros, que vem de lugares perigosos em que morrem de pestenença, do que se as vezes Recreçe muyto dapno dello e periguo, nos pareçe que seria hũua cousa muyto boõa, e folgariamos de se fazer, huũ alpendere no topo de huũs pardieiros que estam alẽ huĩ pouco de santa maria de belem, E huũa cruz de pedra grande em huũa ponta que esta alem dos moynhos de fernam lourenço, pera as naõs que vierẽ de lugares perigossos nõ pasarem da marqua da cruz, E pera asoelharem suas mercadorias e se rrecolherẽ neste alpendere, que se asy fezerem nestes pardyeiros; e, porque nom sabemos se estes pardyeiros sam dallguũs ereos, folgariamos de vos conçertardes com elles pello que fosse bem, E de hordenardes huũa boa pena, cõ os do noso consselho, pa as naos e nauyos que asy vierem de lugarees perigossos nom pasarem das ditas marcas, do dia que aly chegarẽ a çertos dias nõ entrarem na dita çidade: encomendamosuos que creaes andre guaguo de todo o que vos de nosa parte açerca dello disser [2].

---

[1] Freire d'Oliveira, op. cit., I, pag. 463.

[2] Idem, pag. 363 e 364.

Pouco depois, ordenava medidas hygienicas severas para combater a peste. A quem adoecesse d'esta doença tirar-se-lhe-ia o fato que seria lavado «e asy as pesoas», e do mesmo modo seria tratada a casa com vinagre, defumando-se tanto esta como as que lhe ficassem visinhas com alecrim. A casa ficaria deshabitada até passado um mez, depois da terminação da doença. Pelas portas e ruas da cidade accender-se-iam grandes fogueiras d'alecrim, e a camara devia fazer grande provisão d'esta planta, não só para esse fim, mas para a vender, pelo preço do custo, a quem a quizesse [1].

A epidemia devia ter recrudescido havia pouco tempo, porquanto, em 25 de setembro, D. João II dizia estar informado de que n'alguns logares da Beira e outros por onde haviam entrado os judeus de Castella se fallecia de peste e mandava á cidade que não os deixasse entrar sem averiguar se vinham de logares sãos [2].

A epidemia declinou em Lisboa no anno de 1493. N'esse anno, tendo um physico, mestre Josep, afiançado que havia peste na cidade, a camara degradou-o [3]. Ora parece que o medico alguma razão tinha para essa affirmação; pelo menos uma carta regia de 1496, datada em 31 de julho, refere-se á existencia d'uma pestilencia recente em Lisboa e ao impedimento de Aldeia Gallega por esse motivo [4]. Seriam talvez estes os ultimos rebates da doença.

É tempo de procurar determinar a natureza de tão longa epidemia, se uma só era. Julga Vieira de Meirelles que a doença em principio viesse da Italia e fosse uma terrivel febre

---

[1] Carta regia de 16 d'outubro de 1492, in Oliveira, op. cit., I, pag. 461.

[2] Carta de D. João II, de 25 de setembro de 1492, in Oliveira, op. cit., pag. 461.

[3] Carta de D. João II, de 3 de setembro de 1493, in Oliveira, op. cit., I, pag. 460.

[4] *Livro antigo de cartas e provisões*, I, fl. 74, do Archivo da Camara Municipal do Porto.

pestilencial e contagiosa que ali se desenvolveu em 1478 ou fosse uma exacerbação da epidemia que anteriormente devastára o reino, aggravada agora pela fome que reinava. Mas depois a doença deve ter sido o tabardilho ou febre punticular que grassára temerosamente em Hespanha e que os judeus trouxeram quando entraram no nosso paiz.

TERCEIRO PERIODO

DA CREAÇÃO DOS ESTUDOS CIRURGICOS NO HOSPITAL DE TODOS OS SANTOS Á REFORMA DA UNIVERSIDADE

(1504 — 1772)

CAPITULO I

O Hospital de Todos os Santos

Marcamos para começo d'este periodo da historia da medicina patria a creação dos estudos cirurgicos no Hospital de Todos os Santos. Justo é, portanto, que nos occupemos d'este estabelecimento justamente celebre.

A mais antiga das noticias que pudemos colligir a respeito d'este hospital deve-se a Ruy Diaz d'Ysla, escriptor a quem teremos de consagrar um paragrapho especial na historia da pathologia cirurgica. O livro do escriptor andaluz é de 1539, mas o seu testemunho refere-se a uma época muito anterior, visto que diz algures que viveu com D. Manuel, o qual falleceu, como é geralmente sabido, em 1521. Devemos ter a sua descripção, portanto, como quasi coeva da fundação do hospital.

Em varios pontos do seu livro se refere Diaz d'Ysla á sumptuosidade do edificio que diz levar em muitas cousas vantagem a todos os hospitaes da Europa. Tinha tres enfermarias collocadas de modo que todos os doentes podiam ouvir missa do leito. Por baixo d'ellas, estendiam-se outras duas, muito espaçosas, onde se acolhiam os peregrinos e os pobres

que andavam esmolando pela cidade. Annexos ao hospital, construira-se um forno, atafonas, capoeira, pombal, lavadouro e casa de lenha, tudo installado com largueza e magnificencia.

Funccionava dentro do hospital um recolhimento para creanças engeitadas. Os doentes que se tornavam incuraveis eram transferidos para dois hospitaes cuja administração andava ligada á do Hospital Real de Todos os Santos.

O pessoal medico comprehendia dois medicos e dois cirurgiões, afóra um *mestre que curava o morbo serpentino* e era o auctor do livro que extractamos.

Era enormissima a affluencia de doentes, e por todos os meios se procurava tirar do hospital o maximo partido para allivio da humanidade enferma. Refere Diaz d'Ysla que mais d'uma vez foi em companhia do provedor Gonçalo de Miranda pelas portas das egrejas e mosteiros, á procura dos infectados de syphilis para os trazer para o hospital, coisa que o curioso andaluz não viu praticar em parte alguma, e para elle demonstrava a grandeza da instituição [1].

Outra descripção tambem quasi contemporanea da creação do Hospital Real, comquanto não tanto como a de Diaz d'Ysla, é a do dr. Francisco de Monçon que n'elle residiu e mais tarde foi professor de theologia na Universidade de Coimbra.

---

[1] *Con priuilegio imperial | y del rey de Portugal. |*

Tractado cõtra el mal | serpentino: que vulgarmen | te en España es llamado | bubas q̃ fue ordenado | en el ospital de todos | los santos d Lisbo | na: fecho por ruy | diaz de ysla.

No fim lê-se: *Fue impresso en la | muy noble y muy leal ciudad de Se | uilla, en casa de Domenico de | Robertis impressor de li | bros. Acabo se a ve | ynte y siete de | setiẽbre año | de MD | XXXIX.*

O exemplar unico d'este livro que existe em Portugal pertence-me, por offerta do meu collega e amigo Eduardo Abreu. Não o viu o snr. Alfredo Luiz Lopes ao escrever o seu livro sobre o *Hospital de Todos os Santos,* mas publicam trechos extensos da obra do cirurgião andaluz os historiadores da medicina hespanhola, Morejon e Chinchilla. N'ella buscamos os materiaes para a noticia que sobre o *Hospital de Todos os Santos* publicamos nos *Archivos de historia da medicina portugueza,* III, 1888-89, pag. 144 e 179.

Monçon diz que o Hospital de Todos os Santos não era inferior aos mais famosos hospitaes que havia na christandade, como eram o dos hespanhoes em Roma, o do Espirito Santo em Sena, o de S. Thiago na Galliza e o do Cardeal em Toledo.

Estava situado n'uma enorme praça, como outra se não encontraria facilmente, e a sua fabrica era tamanha que a fachada a tomava de lado a lado. Na frontaria avultava a porta da egreja que era toda de jaspe, e para a qual levava uma escadaria que lhe dava grande magestade.

No interior havia quatro pateos, rodeados de varandas, em que se cultivavam arvores de fructo e uma horta de tão grande extensão que dava hortaliça bastante para consumo do hospital, além de grande porção de fructa d'espinho.

As enfermarias tinham grande largueza e amplidão e, segundo Monçon, não eram mais bem edificadas as salas reaes. O seu numero era o mesmo que no tempo de Diaz d'Ysla. Uma d'ellas era destinada aos doentes que reclamavam soccorros de cirurgia; outra continha os doentes de medicina; e outra albergava as mulheres, quaesquer que fossem os soccorros que reclamassem. Apartada d'estas, havia outra enfermaria onde, em aposentos separados, se tratavam as mulheres e homens que apresentavam doenças syphiliticas ou venereas.

Estas eram as enfermarias ordinarias; mas excepcionalmente, e, quando ellas não podiam conter a grande quantidade de doentes que affluia ao hospital, abriam-se outras tres.

Em quartos, eram tratadas pessoas da mais elevada condição que se acolhiam áquella santa casa.

A disposição das enfermarias é muito elogiada por Monçon que n'ella encontra de notar que cada cama tinha por cima um cubiculo para guardar a roupa dos doentes e que era possivel por meio de portas falsas retirar os cadaveres dos que falleciam sem que dessem por tal os seus visinhos. Vêr-se-ha adiante como isto se conseguia.

Além das dependencias a que se refere Diaz d'Ysla, e da botica que, do mesmo modo que todas as officinas publicas, era de *gran magestad,* conta o illustre professor de theologia que havia um aposento para o tratamento dos loucos.

O numero de medicos era o mesmo que vimos anteriormente. Logo de manhã juntavam-se todos com o provedor e, abrindo-se as portas do hospital, examinavam os doentes que solicitavam a entrada, não se recusando a ninguem que carecesse de soccorros.

Além d'isso, davam-se consultas e esclarecimentos sobre as suas doenças a quem os reclamava, para o que pessoas muito honradas, mas sem recursos, remettiam ao hospital as urinas que eram examinadas pelos physicos.

O governo do hospital andava em mão d'um provedor tirado da confraria de Santo Eloy, acompanhado por dois ou tres padres da mesma ordem [1].

Ministra esclarecimentos de maior valor o *Summario de noticias de Lisboa*, de Christovam Rodrigues d'Oliveira, publicado em 1551. Em todo o caso, no principal, concorda com as descripções de Diaz d'Ysla e do dr. Francisco de Monçon.

O hospital tinha então tres enfermarias muito extensas, e duas um pouco mais pequenas. Das tres primeiras, uma destinava-se aos feridos e outros doentes que reclamavam soccorros cirurgicos; outra aos febricitantes do sexo masculino, sendo a terceira para os do sexo feminino. As duas enfermarias mais pequenas estavam reservadas para os doentes affectados de males contagiosos. Em todas estas enfermarias havia noventa e oito leitos.

Por baixo d'estas galerias ficava uma albergaria vastissima em que se abrigavam todos os pobres.

Tinha a mais um *criandario* ou hospicio de creanças engeitadas, com amas pagas pela administração; quando

---

[1] Extraído de Francisco Monçon, *El principe Christiano*. O exemplar que vimos d'esta obra não tem frontispicio, mas pela subscripção sabe-se que foi impresso em 1544. Existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde aliás existem outras edições da mesma obra.

O trecho referente ao Hospital de Todos os Santos foi transcripto nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, IV, 1894, pag. 20.

estas creanças chegavam á idade adulta, eram entregues a mestres ou a mulheres que lhes ensinavam algum officio ou mister [1].

Uma noticia que data de 1584 menciona tambem a existencia d'uma *casa de orates* em que eram recolhidos os infelizes alienados e a que se referira já o dr. Monçon. Como eram tratados não o diz o documento de que vimos haurindo estas informações, mas não será inexacta supposição crêr que, se é certo que os primeiros manicomios foram estabelecidos em Hespanha, os mesmos meios de cura empregados lá se seguissem entre nós.

Na vida de S. João de Deus, escripta por Antonio de Govea, encontramos noticia do tratamento então dispensado aos alienados. «A principal cura que se faz aos loucos é com a disciplina; porque se o castigo, diz Aristoteles, póde dar entendimento, tambem o poderá curar: a experiencia tem acreditado esta cura» [2]. Era pois naturalmente este o systema tambem empregado entre nós.

Além das enfermarias de que temos fallado, havia quartos destinados a pessoas abastadas, e outra sala para doenças incuraveis, onde eram conservados até á morte os que a ella se recolhiam.

Havia enfermeiros e enfermeiras para tratamento dos doentes d'um e outro sexo. A disposição das enfermarias era curiosa: «Cada doente tem o seu cubiculo de tal maneira disposto, que os cadaveres dos fallecidos são occultamente remo-

---

[1] Christovam Rodrigues d'Oliveira, *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim Ecclesiasticas, como Seculares, que ha na Cidade de Lisboa.* Lisboa, 1755, pag. 60. A primeira edição é de 1551. — Maximiano Lemos, *O Hospital Real de Todos os Santos*, in *Medicina Contemporanea*, IV, 1886, pag. 227. — Alfredo Luiz Lopes, *O Hospital de Todos os Santos.* Lisboa, 1890, pag. 143.

[2] *Vida y muerte del bendito Padre Ivan de Dios*, por D. fr. Antonio de Govea. Madrid, 1624, pag. 28 v.

vidos por uma porta falsa para que os doentes com o medo da morte não desanimem »[1].

O Hospital de Todos os Santos foi incendiado em 1601: por occasião da reparação foi accrescentado, ficando disposto do modo seguinte. Tinha a fórma d'uma cruz de quatro braços iguaes, ficando-lhe nos quatro angulos claustros em numero igual, havendo no meio de cada um d'elles um poço. Em torno do hospital havia uma horta com dois tanques que serviam para a lavagem da roupa dos doentes.

Um dos braços da cruz era formado por uma egreja notavel pela sua riqueza. Entrava-se para ella por uma escadaria enorme cuja frente dava para o Rocio.

No outro braço, que ficava para o lado direito, estava a enfermaria de S. Cosme para os feridos; tinha cento e trinta e tres palmos de comprido, vinte de largo e trinta de altura, e comportava apenas dezoito leitos para enfermos, e dois para os ajudantes de enfermeiros.

No braço, diametralmente opposto a este, ficava a enfermaria de mulheres, com a invocação de Santa Clara. Esta enfermaria tinha as mesmas dimensões da primeira, e comprehendia vinte leitos.

Finalmente, no braço que ficava opposto á egreja, estava situada a enfermaria dos febricitantes, com o nome de S. Vicente. Tinha ella cento e cincoenta e sete palmos, e de altura e largura as mesmas dimensões das outras. Encerrava vinte e dois leitos.

O que, porém, modificava um pouco estas excellentes disposições era a maneira como se achavam arranjadas as enfermarias, porquanto os leitos estavam mettidos dentro d'uns arcos, ficando livres os corredores, para maior limpeza, diz fr. Nicolau d'Oliveira.

---

[1] Lisboa em 1584, in *Archivo Pittoresco*, vi, pag. 87. Transcripto nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, iii, 1888-89, pag. 32. Refere a mesma disposição Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia*, ii, pag. 80 da edição de 1749. A primeira é de 1594.

Além d'estas enfermarias havia: a de S. Damião com vinte e dois leitos; a dos camarentos com quatorze; a dos feridos com quarenta e cinco e algumas vezes mais. O corredor das *mulas* tinha sete leitos; o dos camarentos sete e o dos feridos treze. Para as doidas havia quatro casas e para os loucos cinco.

A casa disposta para tratamento das enfermidades secretas das mulheres tinha vinte e cinco leitos, e o corredor doze e algumas vezes mais.

Para as doenças de igual natureza no sexo masculino, comportavam a enfermaria e o corredor setenta e sete camas.

Outra enfermaria, de convalescentes, tinha doze doentes, e, finalmente, a de S. Diogo trinta.

Parece, pois, que as excellentes disposições das tres primeiras enfermarias não existiam nas outras, visto que tambem eram aproveitados os corredores para se collocarem novas filas de camas. E diz-nos o informador que temos seguido que a população do hospital augmentava durante o verão e que n'essa occasião se estabeleciam mais leitos pelos corredores das enfermarias, em prejuizo das condições hygienicas do hospital.

A sua população era em média de trezentos e vinte e quatro doentes, mas augmentava muito, e no anno de 1620 attingira a enorme cifra de seiscentos.

Deve notar-se que a mortalidade orçava por um quinto dos doentes entrados. No anno comprehendido entre o dia de todos os Santos de 1616 e igual dia de 1617, tinham sido recebidos tres mil e vinte e seis doentes, por ser pequeno o movimento hospitalar; d'estes enfermos curaram-se dois mil cento e cincoenta e um, morreram seiscentos e vinte e ficaram existindo duzentos e cincoenta e cinco.

O pessoal medico era ainda muito exiguo. Havia dois *physicos* que ganhavam 40$000 reis mensaes, e tres cirurgiões que venciam igual quantia e moravam dentro do hospital para poderem acudir a qualquer occorrencia imprevista.

Os enfermeiros e enfermeiras, comquanto em numero mais

razoavel, não bastavam tambem para as necessidades do serviço hospitalar. O hospital pagava apenas a tres enfermeiros e cinco enfermeiras, mas o numero dos primeiros avolumava-se pelos praticantes que eram sete nas enfermarias de cirurgia e oito nas de medicina.

Não será destituido de interesse vêrmos agora a maneira de receber e admittir os doentes.

Todos os dias pela manhã, no verão ás seis horas e no inverno ás sete, juntava-se o provedor com os physicos, mordomos e enfermeiros, bem como com dois religiosos da Agonia e iam todos visitar as enfermarias. Vistos os doentes, o provedor dirigia-se com os medicos e cirurgiões a uma casa chamada das aguas, porque era reservada para a inspecção das urinas dos individuos que desejavam ser admittidos no hospital.

Ahi eram examinados os doentes e, segundo o parecer dos medicos, levados á egreja e confessados pelo cura, depois do que eram repartidos pelas enfermarias, onde se faziam os assentos relativamente á naturalidade, idade, estado e mais particularidades que lhes diziam respeito.

As dietas eram variadas e em geral reparadoras. As carnes gastas no hospital eram carneiro e gallinha. Gastavam-se em média por mez 70$000 reis em carneiros; trinta gallinhas por dia; e quinze duzias d'ovos tambem diariamente.

Como era construida a tabella das dietas, ou até se a havia, não podemos dizer, mas os almoços eram geralmente formados por descaídas de gallinha, ou por laranjas, ou por assucar rosado, dando-se aos que se achavam mais debilitados caldo de gallinha com gemmas d'ovos [1].

---

[1] As noticias aqui reproduzidas são tiradas de fr. Nicolau de Oliveira, *Livro das grandezas de Lisboa*. Lisboa, 1620. Aproveitaram-se dos elementos por elle fornecidos: Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, v, pag. 477; Ferraz de Macedo, *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, xxxvi, 1872, pag. 155; Alfredo Luiz Lopes, op. cit.

Com esta descripção conforma-se a publicada em Francisco Herrera, *Libro de la Vida y Marauillosas virtudes del Sieruo de Dios Bernardino de Obregon...* Año 1633, pag. 147 e seg.

Tal era o Hospital Real de Todos os Santos no primeiro quartel do seculo XVII.

O hospital pouco se modificou em todo este seculo; e a quem lêr a *Corographia portugueza*, do padre Antonio Carvalho da Costa, causará de certo extranheza a descripção do Hospital de Todos os Santos, tão conforme á anteriormente apresentada, que levaria a suppôr ter sido mera copia da de fr. Nicolaú d'Oliveira [1].

O movimento dos doentes é que tinha augmentado consideravelmente, dizendo fr. Francisco de Santa Maria, que n'elle entravam em cada anno seis mil doentes [2].

Outro incendio se ateia no Hospital Real em 10 de agosto de 1750. D'um testemunho contemporaneo transcrevemos a narração do facto. « Começou este lastimoso incendio em umas poucas de aparas das obras, na casa que chamam das tinas, que é onde se aquenta agua para os banhos dos doentes. D'alli foi discorrendo até á casa do Irmão maior, e Ermida dos enfermeiros, em que havia já dois rombos, que faziam já saír pela Sacristia muito fumo e não pouco fogo. Foi-se logo communicando á enfermaria de S. Cosme e Damião; d'aqui ás casas dos doidos e dos mortos, e á enfermaria de S. Pedro: não perdoou a sua violencia á de S. Lourenço, ardendo agora o seu nome, como em outro similhante dia o seu bemdito corpo: chegou ás duas de S. João de Deus e de S. Francisco de Sales, sitas ambas superiormente á vivenda das amas dos engeitados. Passou d'alli á enfermaria de S. Francisco Xavier, pegando tambem no novo corredor de S. Camillo de Lélis; e já ardia com summa voracidade na habitação dos feridos, convalescença e casa da Anatomia. Chegou á cosinha, ás enfermarias de Santa Clara e de Santa Joanna, das mulheres feridas e doidas. Ameaçou tambem a de Santa Maria Magdalena; mas, como logo diremos, sem effeito ».

. . . .

---

[1] O terceiro volume da *Corographia portugueza* saíu á luz em 1712.

[2] *Céo aberto na terra*. Lisboa, 1697, pag. 280.

*

«Foi o fogo fazendo seu effeito na casa dos engeitados, e ardia já na parte posterior da Capella-mór da Egreja; não se lhe pôde acudir, assim pela falta de agua, como pela sua grande altura que não podia ser dominada das bombas; e mandando-se alli abrir um rombo, como se não cortou, como fôra de melhor effeito, até os frechaes das paredes, tanto ficou sendo inutil, e frustranea esta diligencia, que passando o incendio a discorrer pelas naves da Egreja abaixo, se communicou ao Côro, ás casas do Fidalgo, e da Fazenda. Outra infelicidade. Estava no pateo uma notavel quantidade de madeira de pinho para a estacaria das obras: de cima caíam incessantemente muitos tições; estes ateados n'aquella materia, passaram a fazer o damno mais formidavel, passando a queimar-se a botica, as casas do Cirurgião do banco, de José Elias, dos porteiros, debaixo e de cima, do Padre Thesoureiro e do Padre Secretario José da Fonseca. Quando as amas dos meninos se quizeram pôr em salvo, já o fogo, que andava no pateo não dava lugar; pelo que lhes foi necessario saír por casa de Antonio Nogueira; e pelas janellas do Embaixador de Castella, que cáem para a horta, se tiraram os berços, camas e mais moveis» [1].

Os doentes foram primeiro recolhidos no convento de S. Domingos, indo as amas para a casa do Senado. Mas logo em seguida foram transferidos para o palacio do conde da Ribeira, onde permaneceram por algum tempo. D. João V cedeu para o seu transporte as suas magnificas berlindas, e a nobreza e o clero de Lisboa mostraram grande zelo por esses desventurados.

O terremoto de 1755 destruiu completamente e reduziu a

---

[1] *Relação verdadeira e individual do formidavel incendio, que se ateou no Hospital Real de Todos os Santos da cidade de Lisboa, em 10 de agosto, d'este anno de 1750.* Lisboa, na officina de Manoel Soares, anno de 1750.

Este opusculo foi reproduzido por Eduardo Abreu, na sua *Noticia de dois documentos raros relativos ao Hospital Real de Todos os Santos,* publicada nos *Archivos de historia da medicina portugueza,* I, pag. 54, e em *separata.*

cinzas a grandiosa fabrica do Hospital Real de Todos os Santos, já então reparado dos desastres que soffrera [1].

Não foi facil n'esta occasião, em que escasseavam os soccorros de toda a especie, obter immediatamente um edificio onde fossem recolhidos os desgraçados que haviam buscado asylo e remedio aos seus males n'aquelle estabelecimento de caridade. Os que não morreram na espantosa catastrophe foram trazidos, diz o padre João Baptista de Castro, «para baixo das cabanas do Rocio onde estiveram quasi tres semanas expostos ao rigor do tempo».

Passaram depois para umas cocheiras que pertenciam ao conde de Castello Melhor, e ficavam fronteiras ao palacio do conde de Povolide. Ahi estiveram ainda por algum tempo, mal accommodados, como sempre succede em installações provisorias como aquella [2].

Em 1763, já se achavam no mesmo hospital do Rocio, tendo-se concluido as enfermarias mandadas fazer por D. José e que, a despeito da sua vastidão, eram insufficientes para conter o grande numero de doentes que ahi se pretendiam acolher [3]. Deviam mesmo achar-se alli installados os doentes antes d'esta data, como o prova um relatorio, que o enfermeiro-mór Jorge Francisco Machado de Mendonça apresentou em 1761 ao Marquez de Pombal, em que dá conta dos serviços por elle prestados ao Hospital de Todos os Santos.

O hospital comprehendia então dezoito enfermarias, quinze para homens e quatro para mulheres.

Das enfermarias para os individuos do sexo masculino

---

[1] Antonio d'Oliveira Freire, na *Descripçam corografica do reyno de Portugal,* publicada em Lisboa em 1739, apresenta-nos o hospital nas mesmas condições das descripções anteriores.

[2] Padre João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal,* III. Lisboa, 1763, pag. 318. Refere-se a este incendio fr. Claudio da Conceição, *Gabinete Historico,* XII, pag. 3.

[3] Baptista de Castro, op. cit., pag. 319. — Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 147.

oito haviam sido destinadas para os febricitantes; tinham os nomes de S. Francisco, S. Camillo, S. Sebastião, S. Bernardo, S. Cosme, S. Damião, Santo Agostinho e S. Carlos. Uma outra, chamada de S. Jorge, devia receber os *deplorados*. Tres acolhiam os feridos, as de S. Diogo, S. Caetano e S. Vicente. A de Santo Amaro tinha apenas os individuos portadores de alguma deslocação. Finalmente, havia uma enfermaria para os alienados, a de S. João de Deus, e outra para os syphiliticos, a de S. José.

Das enfermarias destinadas aos individuos do sexo feminino havia tres destinadas ás febricitantes: tinham as invocações de Nossa Senhora do Carmo, Santa Clara e Santa Catharina. Outra, que recebera o nome de Santa Isabel, destinava-se ás *deploradas*.

O movimento do hospital era bastante grande. No anno que vai de 1 de julho de 1758 até igual dia de 1759 entraram 9:827 doentes, em cujo numero são comprehendidos os presos que eram tratados no hospital por ordem real. Curaram-se 8:319 e morreram 1:508, mortalidade elevadissima que não abona muito nem a hygiene nem o estado da medicina n'aquella época.

O numero das entradas decompunha-se em 8:438 homens, 1:114 mulheres e 275 presos. Dos primeiros curaram-se 7:140, das mulheres 916 e dos presos 263; morrendo respectivamente de cada uma das tres categorias 1:298, 198 e 12 individuos.

A mortalidade era, portanto, para os homens de 15,3 por 100; de 17,7 para as mulheres; e de 4,5 para os presos, o que é certamente para admirar, attendendo a que as condições hygienicas em que estes se achavam collocados, eram certamente peores do que aquellas em que se encontravam os outros doentes.

Passando ao modo como se realisava o serviço clinico, a visita aos doentes era feita duas vezes por dia, de manhã e de tarde. Havia um medico de semana encarregado da acceitação dos doentes, o qual se devia demorar no hospital por mais uma hora de manhã e outra de tarde para o caso possivel de qualquer doente solicitar a entrada. Parece que fóra d'estas

horas não se acceitava ninguem no hospital; pelo menos um edital do enfermeiro-mór Mendonça diz que aquella providencia tem em vista que o doente «não tenha a mortificação de esperar para outra visita». O cirurgião que estivesse de mez acompanharia o medico na acceitação da manhã.

As horas da visita eram, no verão, pela manhã ás sete e de tarde ás tres, e no inverno, pela manhã ás oito e de tarde ás duas.

Quando se aggravava a doença d'algum dos enfermos recolhidos no hospital, reuniam-se os medicos em conferencia, dando parte ao enfermeiro-mór das resoluções que haviam tomado.

Não se prestava grande attenção aos doidos e feridos. Os medicos só os visitavam quando eram chamados, e quem sabe se acudiriam sempre ao chamamento. De 1761 em diante, a visita passou a ser diaria, fazendo os medicos este serviço alternadamente dois dias na semana.

Os cirurgiões faziam o curativo dos doentes diariamente, entrando de serviço ás semanas.

O pessoal clinico do hospital era constituido por quatro medicos e oito cirurgiões, entre os quaes se contavam o *anatomico* Pedro Dufau, o oculista David Filippe Stuard, e dois mestres de cirurgia.

Não será sem interesse mencionarmos alguns esclarecimentos sobre as dietas. As gallinhas consumidas no hospital durante um anno elevaram-se á enorme cifra de 33:990, o que dá uma média de 93. Estas gallinhas importaram, no anno que de julho de 1758 foi a junho de 1759 em 7:616$040, ou sejam 20$865 reis por dia, somma enorme, se se attender á época que consideramos.

Póde mesmo affirmar-se que as dietas consistiam em grande parte em carne de gallinha. Parece que se consumia grande quantidade de leite de vacca, de burra e de cabra.

Ao passo que no mez de julho de 1758 se gastavam 667$835 reis em gallinaceos, em todas as outras despezas do hospital, comprehendendo louça, expediente de secretaria, ordenados de ajudantes e mestres de capella, despendiam-se

492$460 reis. Havia tambem singularidades notaveis. No livro de que estamos tirando estes desalinhados apontamentos, menciona-se a despeza de 39$520 reis pagos ao mestre pasteleiro José Antonio, de pasteis e assados de vitella para os doentes.

O regimen interno tinha vicios de importancia. Algumas das providencias do enfermeiro-mór Mendonça dão-nos a conhecer abusos notaveis que por elle foram corrigidos.

Não havia a precisa cautela na remoção dos cadaveres. Deixavam-n'os corromper, e não raras vezes os roedores domesticos n'elles saciavam a voracidade.

Graças a uma antiga disposição do hospital, transformára-se este n'uma verdadeira hospedaria, porquanto enfermeiros e mais pessoal inferior recebiam em sua casa os amigos, que ficavam ás sopas do hospital. Em junho de 1758, chegaram a prender-se dentro d'elle alguns ladrões.

Os enfermeiros e ajudantes tratavam de se distraír da sua monotona occupação de aturar doentes. De noite fugiam pelos telhados, e, quando o não faziam, desatavam a jogar e a tocar differentes instrumentos.

No hospital não havia um unico instrumento de cirurgia. Quando eram precisos, pediam-se emprestados, mas é claro que nem sempre se encontravam quando eram reclamados por urgente necessidade de serviço.

O detestavel costume de vender os espolios dos mortos era, e já de muito tempo, seguido no Hospital de Todos os Santos. O fato que deixavam era, no tempo que consideramos, arrematado por um trapeiro, a razão de 2$500 reis por mez.

Muitos d'estes abusos foram cortados durante a administração do enfermeiro-mór Mendonça, outros persistiram durante muito tempo [1].

Ficou deshabitado desde a expulsão dos jesuitas o magnifico edificio que haviam occupado. Tratou-se logo de o af-

---

[1] Jorge Francisco Machado de Mendonça, *Pelo breve memorial expõe... o regimen que tem estabelecido no Hospital Real de Todos os Santos...* Lisboa, 1761, *passim.*

feiçoar para servir de hospital e o architecto Manuel Caetano de Sousa foi encarregado d'essa tarefa. Do plano das novas construcções nada se conclue de importante para se aquilatar do regimen interno. Encontra-se n'elle a menção d'uma casa de banhos, d'outra destinada ao ensino da anatomia, d'uma enfermaria especial para o tratamento dos alienados, mas todas estas disposições que levariam a acreditar n'um maior desenvolvimento dado aos serviços hospitalares ficaram quasi completamente por fazer. O documento d'onde extraímos esta noticia termina por estas simples mas eloquentes palavras: Pouco foi o que se fez de tudo isto [1].

Em 3, 4 e 5 de abril de 1770, foram os doentes transferidos para o novo hospital que recebeu o nome de S. José, em homenagem ao rei que concedeu o edificio [2]. Para esta mudança, executada sob a direcção do enfermeiro-mór Furtado de Mendonça, concorreu nobreza e clero com notavel solicitude. Os doentes de maior perigo foram transportados em macas e esquifes pelos religiosos de Lisboa. Os enfermos que inspiravam menos receio foram levados em seges que para tal fim foram emprestadas por muitos devotos.

Diz o snr. Alfredo Luiz Lopes que n'esta mudança não se gastou coisa alguma, antes muitos nobres ao conduzirem os enfermos deixaram avultadas esmolas ao hospital [3].

---

[1] F. D. d'Almeida e Araujo, *Chronicas monasticas*, no *Panorama* de 1856, pag. 366.

[2] Carta regia de 26 de setembro de 1769.

[3] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 148.

CAPITULO II

Organisação do ensino medico na Universidade e fóra d'ella

Um dos acontecimentos mais importantes da nossa historia litteraria foi a reforma da Universidade realisada por D. João III, depois de a haver transferido para Coimbra em 1537 [1]. Divergem os historiadores sobre os motivos que leva-

---

[1] Com os elementos que fornecem as *Notas ineditas de Francisco Leitão Ferreira ás Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra,* publicadas no *Instituto,* XIV, 1871, é possivel construir uma *Tabula Legentium* para o periodo que vai desde o principio do seculo XVI até á transferencia da Universidade para Coimbra.

1506 { Lente de prima de medicina o dr. João do Rego.
Lente de vespera de medicina — mestre Affonso, doutor por Montpellier, o *Doutor da Ilha.* }

1508 — Diogo Freixenal, bacharel em medicina, substitue mestre Affonso.

1513 — É este o ultimo anno da regencia do dr. João do Rego. É substituido pelo dr. João Fernandes que a rege até 1518.

1518 { Agostinho Micas — lente de prima de medicina, pelo fallecimento do dr. João do Rego.
Mestre Gil — lente de Vespera, pela renuncia de mestre Affonso, nomeado physico-mór. }

1524 — Ausentando-se mestre Gil, obtem a substituição por opposição o dr. Diogo Franco.

1526 { O mesmo mestre Gil obtem a cadeira de prima.
Dr. Diogo Franco, lente de vespera. }

Estes professores serviram até á transferencia.

ram o rei a ordenar esta transferencia, já projectada de ha muito. Attribuem uns o facto a considerar o bulicio da côrte pouco proprio para aquelles que se dedicam a estudos que demandam persistencia e applicação; outros á comparação feita por elle entre os estudos de Santa Cruz de Coimbra, muito florescentes quando o monarcha visitou esta cidade em 1527, e o estado da Universidade de Lisboa [1].

Em 1 de março de 1537 já a Universidade estava em Coimbra [2] e em 16 de julho mandava D. João III que, emquanto a não provesse de novos estatutos, se continuasse a reger pelos de D. Manuel.

Nas casas do reitor D. Garcia d'Almeida, junto á porta de Belcouce, se accommodaram tres faculdades, sendo uma d'ellas a de medicina; nas escólas de Santa Cruz, ficaram artes e theologia [3]. No anno seguinte, as aulas dos medicos eram trasladadas para Santa Cruz, pela relação que a medicina mantinha com as artes. Em 1544, todas as disciplinas se liam nos Paços reaes [4].

O que revela em D. João III o firme proposito de elevar o nivel dos estudos universitarios foi o convidar para professores individuos de subido merito, alguns dos quaes eram n'esse tempo muito afamados na Europa; e, como se isto não bastasse, subsidiava alguns estudantes que cursavam as universidades extrangeiras.

Poucos foram os professores que acompanharam a Universidade na sua transferencia, e de medicina nenhum [5].

Como era tenção de D. João III reformar completamente a Universidade antes de mandar novos estatutos, foi augmentan-

---

[1] Serra de Mirabeau, op. cit., pag. 705. — Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 381.

[2] Alvará d'esta data citado em Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 455.

[3] Mirabeau, op. cit., pag. 706. — Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 455.

[4] Carta de 16 de janeiro de 1538, in Theophilo Braga, op. cit., pag. 457. — Carta de 22 d'outubro de 1544, na mesma obra, pag. 459.

[5] Mirabeau, op. cit., pag. 707.

do o numero de cadeiras, á medida que lhe foram apparecendo professores idoneos. No anno lectivo de 1537-1538 a faculdade de medicina teve uma unica cadeira, a de Prima, e um unico professor, o portuguez Henrique Cuellar. A cadeira de Vespera foi creada por alvará regio de 25 d'abril de 1538, e para ella veiu Thomaz Rodrigues da Veiga, que deveria ter começado a ensinar em 1538-1539.

Parece que a cadeira de Avicena foi instituida em 1540, para ser dada a Antonio Barbosa, que não pôde demorar-se mais do que o anno lectivo de 1540-1541, visto que por alvará de 17 d'outubro de 1541 veiu substituil-o Luiz Nunes. Luiz Nunes não se demorou tambem na Universidade. Em 1545 já a sua cadeira era occupada por Francisco Franco, natural de S. Filippe de Jativa.

Ficando, por esta época, vaga a cadeira de Prima pelo fallecimento de Cuellar, vem occupal-a em 1545 Rodrigo Reynoso, castelhano, que na Italia estudára com Leoniceno e os restauradores da medicina hippocratica. A este tempo, já a faculdade de medicina tinha uma cadeira menor, ou *cathedrilha,* regida por Cosme Lopes.

No anno de 1547, apparece entre os professores da Universidade o celebre Antonio Luiz, regendo uma cathedrilha de Galeno e outra d'Aristoteles, mas não foi longa a sua carreira professoral.

A cadeira de anatomia foi creada em 1556, sendo chamado para ella Affonso Rodrigues de Guevara, que tambem a breve trecho a abandonou em troca de maiores proventos que se lhe offereceram na capital do reino [1].

Finalmente, em 1557, foi instituida uma cadeira de cirurgia, regida cumulativamente pelo mesmo Guevara.

---

[1] Veja-se a este respeito o ms. de Francisco Carneiro de Figueiroa, *Memorias da Universidade de Coimbra,* existente na Bibliotheca Publica do Porto, e o excellente artigo de Pedro A. Dias, *A Universidade em Coimbra:* Os primeiros mestres da faculdade medica, 1537-1556, in *Archivos de historia da medicina portugueza,* v.

Foi assumpto controverso entre os differentes historiadores se D. João III deu estatutos á Universidade em 1544. Em face, porém, das investigações de Theophilo Braga, nenhuma duvida póde hoje existir de que existiram [1]. Faltam infelizmente os que dizem respeito á medicina, mas a serie de providencias contidas em diversos documentos emanados do poder central, em seguida a 1537, constitue um corpo importante de legislação, ao qual, depois de ordenado convenientemente, não competiria mal o nome de estatuto.

Um dos primeiros cuidados de D. João III foi ordenar que nas aulas e dentro dos geraes se não fallasse outra lingua que não fosse a latina. O rei, que se deleitava ouvindo esta lingua, não admittia que outra se casasse com a gravidade dos estudos universitarios. Terminada a lição, os lentes faziam circulo á porta dos geraes, onde liam e respondiam ás perguntas que os escolares lhes faziam [2].

D'algumas das providencias adoptadas infere-se que dominavam em D. João III tendencias centralistas, invalidando os gráus tomados n'outras universidades. Determinava que os estudantes que, depois de terem feito os cursos da Universidade, fossem buscar o gráu de bacharel ou licenciado a Estudos extrangeiros não tivessem em Portugal as honras e liberdades inherentes a este gráu [3]. Ordenava que os bachareis que tinham vindo de Salamanca e não queriam cursar as aulas ficassem sujeitos ao estatuto que dizia que « todo o studante que estiver na Universidade ouça liçam de prima da sciencia em que fôr graduado, e não o comprindo assi que não guoze do privilegio do studo, nem lhe aproveitem os cursos que fizer » [4]. Em resposta a uma consulta do reitor, resolvia que os bachareis d'outras uni-

---

[1] Veja-se *Historia da Universidade de Coimbra,* II, pag. 113.

[2] Regimento dos Lentes e Estudantes, de 9 de novembro de 1537, in Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 403.

[3] Alvará de 18 de julho de 1538, in Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 467.

[4] Alvará de 5 de novembro de 1539, no mesmo livro e pagina.

versidades que se quizessem graduar em Coimbra ficassem sujeitos, nos exames de licenciado, ás mesmas prescripções que regulavam os dos alumnos da nossa Universidade, que de modo algum se desejava collocar em condições inferiores ás d'aquelles. Apenas se levava em conta aos bachareis vindos de fóra o tempo que tinham cursado nos Estudos de que provinham [1]. Estabelecia as precedencias que competiam aos doutores e licenciados no extrangeiro, mandando que nos actos publicos ficassem «abaixo dos da Universidade, segundo seus gráus e antiguidades» [2]. Na matricula na Universidade, admittia a prova testemunhal da frequencia nos estabelecimentos extrangeiros [3].

Por outro lado, aos professores que mandára vir de França e de Italia equiparava-os aos que, tendo estudado em Lisboa ou Coimbra, haviam ascendido ao magisterio. O alvará de 2 de novembro de 1537 diz o seguinte: «ei por bem por algumas justas causas que a isso me movem e por julgar de fazer graça e mercê aos letrados que vierem de outras Universidades a ler cadeiras n'essa Universidade, pera com melhor vontade venham, que os lentes que lerem na dita Universidade de Coimbra cadeiras suas com salairo se guardem os privilegios, preeminencias e faculdades dos gráos que teveram segundo as sciencias e faculdades em que forem graduados, e suas antiguidades como fôr direito, sendo graduados em Universidade de Studo geral, e que os não precedam os graduados na Universidade que foi de Lisboa ou de Coimbra [4]. N'uma resposta dada a uma consulta do reitor, e datada de Lisboa aos 16 de maio de 1538, determinam-se as mesmas precedencias para os doutores feitos em Lerida e outras similhantes universidades [5].

---

[1] Alvará de 13 d'abril de 1538, in Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 467.

[2] Alvará de 27 de setembro de 1540, na mesma obra, I, pag. 468.

[3] Alvará de 3 de novembro de 1539, in ibid., I, pag. 468.

[4] Alvará de 2 de novembro de 1537, in op. cit., I, pag. 468.

[5] Op. cit., I, pag. 469.

São de notar os cuidados que mereceram a D. João III os professores extrangeiros, do que se póde ter uma ideia exacta, vendo no livro do snr. Theophilo Braga as recommendações que faz para a recepção do dr. Martim d'Aspilcueta, e os esforços que envidava por levantar o ensino universitario, corrigindo os abusos que n'elle se haviam introduzido. Haja vista o alvará de 23 de setembro de 1538, em que se refere que «aas vezes acontece os lentes nas lições que lêm e nos autos publicos que se fazem dizerem palavras de que os outros lentes ou letrados que nos ditos autos estã presentes recebem escandalo, e assi os ditos lentes *nas lições que lẽ se poẽ a contar historias fóra da materia da liçã ẽ que guastã ho tempo sem proveito,* ei por bẽ que ho lente que cada huua das ditas cousas fezer por cada vez perqua ho ordenado da liçã daquelle dia, e se for em outro auto tãbẽ perqua ho ordenado da liçã de huũ dia. Notificovolo assi e mando que mandees ao bedel que lhe aponte as ditas perdas dos ditos ordenados...» [1]. Foi este alvará notificado ao conselho dos lentes em 10 de outubro, explicando este facto a minuciosa regulamentação das disciplinas de cada curso [2], excepto as de medicina.

Como resultado d'estas determinações foram marcados os textos que se deviam lêr nas diversas cadeiras. Na medicina ha motivo para suppôr que fossem os seguintes:

Cadeira de Prima	Tegne de Galeno De locis aflectis	nos primeiros tres annos.
	De morbo et symptomate, no quarto.	
	De differentiis febrium, no quinto.	
	De simplicibus, no sexto.	
Cadeira de Vespera	Aphorismos de Hippocrates.	
	O nono ad Almansorem.	
	De ratione victus, de Hippocrates.	
	Epidemias e prognosticos.	

[1] Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 469 e 470.

[2] O snr. Theophilo Braga publíca as disposições relativas ás Decretaes, Codigo, Digesto Velho e Instituto, Canones e Leis.

Cadeira de Avicena.
Cadeira de Noa: Anatomia.
Cathedrilha de Galeno [1].

Por ultimo, ninguem podia curar de medicina, se não fosse licenciado em artes e tivesse cursado oito annos de estudo de medicina em Coimbra, os seis annos que pelo estatuto da Universidade se requeriam, e os dois annos para aprender a pratica de curar, andando em companhia de qualquer medico que exercesse a clinica na cidade [2]. No numero de annos que durava o curso estava certamente o segredo da emigração dos estudantes medicos para Salamanca.

É difficil estabelecer a frequencia que tiveram os cursos medicos na Universidade em seguida á reforma, por não ter sido devidamente explorado o archivo da Universidade. Por um documento de 1540, sabe-se que esta era frequentada por 612 estudantes, mas os medicos apenas figuram na mesquinha cifra de 10 [3].

N'uma carta de Diogo de Murça de 12 de agosto de 1550, lê-se que, no acto lectivo que findára, se haviam feito apenas quatorze actos publicos de medicina, sendo sete de bachareis correntes e formados e os outros sete de um licenciado [4]. O mesmo fr. Diogo escrevia em 19 de agosto do mesmo anno pedindo que se reformasse a physicatura, sem o que a faculdade de medicina ficaria sem alumnos [5].

As providencias tomadas por D. João III dariam certamente optimos resultados se, como veremos, posteriormente se

---

1 Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 475. Na cadeira de Noa, o texto era o livro de Galeno, *De usu partium*. Na cadeira de Avicena estudava-se pelo menos a Fen quarta do primeiro livro. Na cathedrilha de Galeno lia-se o livro de *Methodo medendi*.

2 Lei de 4 de novembro de 1545, in Almeida, *Collecção citada*. O estudo das Artes, por alvará de 6 de abril de 1548, devia fazer-se no Collegio das artes. Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 267.

3 Theophilo Braga, op. cit., I, pag. 466.

4 Idem, II, pag. 186.

5 Idem, II, pag. 231.

lhe não oppuzessem outras influencias. Por agora, lembremos que em 1559 foram dados novos estatutos á Universidade [1], e logo em 1564 ou 1565 [2] outros, contra cuja dureza o corpo docente representou, sem conseguir que as suas disposições fossem derogadas. Quaes ellas fossem, não se sabe, e o snr. Mirabeau, que examinou o archivo da Universidade, não achou exemplar algum d'esses estatutos, que provavelmente foram remettidos para Lisboa, por occasião da reforma realisada por Filippe I.

Não tem essa falta grande importancia para nós, porque vamos vêr que os estatutos de 1591 não fazem mais do que repetir, no que é essencial, o que era disposto por D. João III.

Segundo estes estatutos, para ser admittido á frequencia da faculdade de medicina era necessario ser licenciado em artes na Universidade, bem como possuir os livros adoptados para o ensino [3].

O curso comprehendia seis cadeiras, distribuidas pelos seis annos que durava, mas não se julgue que correspondia a cada anno uma só cadeira, succedendo pelo contrario estudarem-se todas n'alguns annos do curso.

Assim, no primeiro anno, bastaria que os alumnos assistissem ás aulas de Prima e de Terça, comquanto pudessem estudar todas as cadeiras; no segundo e terceiro, cursariam obrigatoriamente as seis aulas; no quarto e quinto, frequentavam as cadeiras de Prima, Vespera, Terça e Noa; finalmente, no sexto, só era obrigatoria a cadeira de Prima [4].

N'estas cadeiras, porém, não se ensinavam as mesmas dis-

---

[1] Mirabeau, op. cit., pag. 712. — J. Silvestre Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos Litterarios e Scientificos*, I, pag. 452.

[2] A primeira data é indicada por Mirabeau, op. cit., pag. 712; a segunda, por J. Silvestre Ribeiro, op. cit., pag. 456.

[3] *Estatvtos da Vniversidade de Coimbra, confirmados por Elrei D. Phelippe... em o anno de 1591.* Imp. por Antonio de Barreira, 1593, liv. III, tit. XLIX.

[4] Liv. III, tit. XLIX, §. 1.º

ciplinas a todos os cursos. Na cadeira de Prima ensinava-se o *Tegne* de Galeno e os livros *de locis affectis,* nos tres primeiros annos; no quarto, os tratados *de morbo et symptomate;* no quinto, os dois livros *de differentiis febrium,* e por ultimo no sexto, a parte da obra de Galeno intitulada *de simplicibus* [1]. São exactamente estas as disposições que a respeito de textos se presume com relação á reforma de D. João III.

O mesmo succede na cadeira de Vespera, sem a mais ligeira alteração [2].

Na cadeira de Avicena, determinava-se que esses textos fossem a *Fen prima quarti* e a *quarta primi*, e nos 4.º e 5.º a *Fen prima primi* e a *segunda primi* [3].

Na cadeira de Noa ou de Anatomia, lêr-se-iam os livros de Galeno *de usu partium,* assim como duas lições semanaes de cirurgia. O professor era, além d'isto, obrigado a fazer dissecções geraes e parciaes, sendo as primeiras tres vezes por anno e as segundas seis [4]. É de crêr que fosse isto proximamente o que D. João III estabelecera. Guevara, o primeiro professor de anatomia na Universidade, deixou uma obra que a seu tempo será estudada, em que defende Galeno contra André Vesalio, o que tende a provar que era o livro de *usu partium* o que servia para o ensino anatomico.

Finalmente, nas duas cadeiras restantes, que se denominaram menores, por opposição ás primeiras que constituiam as chamadas maiores, liam-se: na primeira, os livros de Galeno *de crisibus* e *de diebus criticis* nos dois primeiros annos, e os

---

1 Liv. III, tit. v, §. 20.

2 Liv. III, tit. v, §. 21.

3 Liv. III, tit. v, §. 22. O *Canon* de Avicena acha-se dividido em livros, e cada um d'elles n'um certo numero de *Fen*. A Fen prima quarti trata *de febribus*. A Fen quarta primi intitula-se: *De divisione modorum medicationum secundum ægritudines universales*. A Fen prima primi trata *de definitione medicinæ et subjectis ejus et rebus naturalibus*. Finalmente, a segunda primi occupa-se *de divisione ægritudinum et causarum et accidentium universalium*.

4 Liv. III, tit. v, §. 23.

de naturalibus facultatibus, de pulsibus, ad tyrones e *de inequali intemperie* nos restantes tres annos; e na segunda, os livros que tratam do *methodo medendi* (do 7.º ao 12.º) e *de sanguinis missione* nos dois primeiros annos; e nos outros tres, visto que o sexto apenas obrigava á frequencia da cadeira de Prima, os livros *de temperamentis, ars curativa ad Glauconem et quod et quando purgare conveniat* [1].

Além d'isto, os estudantes eram obrigados a visitar o hospital da cidade, emquanto o não havia da Universidade, acompanhando os lentes de Prima, Vespera e Avicena. Terminada a visita, o professor daria consultas aos doentes que se lhe apresentassem, diante dos alumnos, podendo nomear assistentes, d'entre os bachareis, aos que em razão da gravidade da doença não podessem comparecer, não sendo possivel a esses bachareis ensaiar tratamento algum sem manifesta approvação dos lentes.

Além d'estas visitas á enfermaria de medicina, o lente de Anatomia levaria os alumnos ás de cirurgia, onde curaria os doentes, o que indica um certo cuidado pela parte cirurgica do curso [2].

Os estudantes, para obterem o gráu de bacharel, tinham de fazer tres especies d'actos: um no fim do 3.º anno e outro no fim do 4.º, de nove conclusões, e um ultimo no fim do 5.º, em seguida ao qual receberiam o gráu e ficariam formados, o que os não habilitava para exercerem a clinica, sem cursarem o 6.º anno e fazerem um acto de pratica [3].

A maneira de fazer estes actos de conclusões era a seguinte: tomaria o alumno para objecto d'ellas nove das materias de maior difficuldade theorica, assentando sobre cada uma duas proposições; e sobre ellas o padrinho, bem como todos os doutores e bachareis, argumentariam, o primeiro em todas

---

[1] Liv. v, §§. 24 e 25.
[2] Liv. III, tit. LV, §. 7.º
[3] Liv. III, tit. XLIX, §. 5.º

as conclusões e os ultimos em qualquer d'ellas á sua escolha [1].

As causas, porém, mudavam um pouco se se tratava do acto de bacharel formado, porque para esse era necessario provar que o candidato frequentára tres annos a clinica hospitalar e no exame do 6.º anno apresentaria umas conclusões sobre assumptos praticos, depois de defender as quaes todos os doutores votariam sobre o seu merito. Para isso distribuia-se a cada doutor um papel em branco e outro em que declarava julgar que o candidato devia ser esperado por mais um anno, e conforme houvesse maioria d'uma ou d'outra especie de papeis na votação, assim o alumno adquiria ou não o direito de curar sem embaraço algum. Este modo de votar era o que então se chamava *por penitencia* [2].

Os estatutos providenciavam tambem sobre a maneira de tomar o gráu de licenciado. Para o receber, era o bacharel formado obrigado a frequentar mais quatro annos, no primeiro dos quaes ouviria a lição de Prima e frequentaria o hospital, limitando nos restantes os seus estudos a esta parte pratica. No fim do setimo e oitavo annos, tinha de fazer um acto de conclusões, e lêr uma lição de ponto que, no primeiro, versava sobre os livros de Hippocrates, e, no outro, sobre os de Galeno. Finalmente, no ultimo anno fazia dois actos: um chamado dos *Quodlibetos,* em que o candidato tinha de explicar uma questão proposta pelo presidente, o lente de Prima, e de ser argumentado por oito doutores; o segundo, chamado *regio,* consistindo proximamente na repetição d'aquelle acto.

Terminadas estas provas e passados tres dias, o reitor fazia reunir os doutores que votavam sobre o merito do candidato que, sendo approvado, era admittido ao exame privado, que versava sobre as obras de Hippocrates e sobre o volume quarto de Galeno.

---

[1] Liv. III, tit. LI, §§. 1.º, 2.º, 3.º e 4.º
[2] Liv. III, tit. LI, §. 7.º

Depois d'isto, seguiam-se as ceremonias que até certo ponto se conservam ainda no estabelecimento a que nos vimos referindo [1].

Por ultimo, regulavam os estatutos os actos a que eram obrigados os que tivessem estudado em universidades extrangeiras e desejassem habilitar-se com o curso da nossa. Contar-se-lhes-iam oito mezes por cada anno que tivessem estudado, o que dava em resultado começarem os que já eram bachareis o seu curso na segunda tentativa e os doutores serem considerados bachareis formados [2].

Estes estatutos foram levemente modificados em 1597, mas na parte que diz respeito á medicina julgamos que nenhuma alteração se deu. O snr. Mirabeau diz que as modificações versaram principalmente sobre negocios da capella, arrecadação da fazenda, etc. [3]

Em 1612, novos estatutos foram remettidos á Universidade, que pouco differem dos precedentes e conservam a maior parte das suas disposições. Na medicina, porém, algumas modificações foram introduzidas, de que vamos mencionar as mais importantes.

Relativamente ás materias que deviam lêr-se nas differentes cadeiras, ordena-se n'elles que o professor de Vespera que tinha de lêr o livro *ad Almanzorem* se limitasse á exposição do methodo curativo das enfermidades [4].

A anatomia mereceu um pouco menos de cuidado do que até ahi, visto que apenas se fazia cada anno uma demonstração anatomica n'um cadaver humano que o hospital de Coimbra tinha de fornecer para esse fim [5]; mas exigia-se que esta

[1] Liv. III, tit. LII e respectivos §§.

[2] Liv. III, tit. LXVIII e seu §. 1.º

[3] Mirabeau, op. cit., II, pag. 713.

[4] Reformaçam dos estatvtos feita no anno de MDCXII, in *Estatutos da Vniversidade de Coimbra,* confirmados por Elrey nosso Sñr o 4.º em o anno de 1653 impr. por mandado e ordẽ de Manuel de Saldanha. Coimbra, officina de Thomé Carualho, 1654. §. 101.

[5] §. 103.

cadeira fosse estudada desde o 1.º anno, em vez da de Terça, que os anteriores estatutos exigiam para prova do 1.º anno [1].

No acto do 6.º anno, que versava sobre assumptos praticos e era a habilitação final para se poder exercer a clinica, a reformação estabeleceu que os alumnos fossem interrogados sobre os meios de curar qualquer doença, no intuito de se obter uma prova mais completa da sua sufficiencia [2].

Além d'isto, impunham-se penas aos que usassem da medicina sem terem estudado na Universidade, comquanto n'esta disposição não fossem comprehendidos aquelles a quem o physico-mór désse auctorisação para isso, nas localidades onde não houvesse medicos letrados, na conformidade da provisão de 12 de maio de 1608, de que adiante fallaremos [3].

Finalmente, em 1641, foram confirmados por D. João IV uns estatutos que correm impressos [4] e que apenas differem dos de 1597 em conterem as alterações feitas pela reformação de 1612. Foram estes os que lhe serviram de lei até á reforma executada nos fins do seculo XVIII.

Tentando apreciar a legislação que se refere ao ensino medico na Universidade motivos haverá para louvores, principalmente se a compararmos com a legislação anterior, e com a que regulava a visinha e rival universidade de Salamanca. Não deve o historiador dirigir-se nas suas apreciações pelo espirito do seu tempo, mas forcejar por attender devidamente ás condições da época que tente pôr em evidencia.

A reforma de D. João III, augmentando o numero de cadeiras e chamando para ellas professores justamente celebres, elevou o ensino entre nós e augmentou a differença entre a nossa Universidade e a de Salamanca. Nos termos da lei de 4 de novembro de 1545, o diploma de bacharel em

---

[1] §. 108.

[2] §. 111.

[3] §§. 121 e 122.

[4] *Estatutos da Vniversidade de Coimbra* confirmados por Elrey nosso Sñr. Dom João o 4.º em o anno de 1653. Coimbra, off. de Thomé Carualho, 1654.

medicina só se podia obter em Coimbra depois de se cursarem as aulas respectivas durante seis annos, e de se praticar dois annos a clinica d'um medico que exercesse em Coimbra, e para a matricula exigia-se a licenciatura em Artes.

Ora, em Salamanca, quando nós augmentavamos as difficuldades do curso e ampliavamos o numero de cadeiras, facilitava-se a obtenção do curso, diminuindo o tempo de frequencia.

Nos estatutos approvados em Claustro pleno em 14 de outubro de 1538 lê-se, no titulo VIII, que se intitula *De lo que an de leer los catedraticos de teologia y medicina y filosofia natural y moral y como han de oyr en estas faculdades:* «El Catedratico de Prima de Medicina leerá la parte de Avicena que la mayoría de los oyentes le pediere.

«Cada estudiante medico despues de Bachiller en Artes oirá, los dos primeiros años de Medicina, una leccion de Filosofia natural, sin lo que no será admitido al Bachillerato en Medicina. Despues que hubiere oido tres cursos de Medicina practique medio año cursando con alguno de los Doctores ó Licenciados de la Universidad y sin probar este tiempo de practica no se le dé el grado».

Dos titulos XXXVIII e XLIII conclue-se que havia dois professores de medicina: de Prima e de Vespera; e esta disposição ainda subsistia em 20 de junho de 1617 [1].

E se de Salamanca lançarmos os olhos para as outras universidades hespanholas, veremos que lá se procurava attrahir alumnos facilitando o curso, ao passo que entre nós se aggravavam exigencias que só podiam dar como resultado procurar-se o diploma onde menos custava adquiril-o. Em Sevilha as cadeiras de medicina eram tres; em Toledo duas; em Saragoça tres, e a unica universidade hespanhola, em que o numero de cadeiras era superior ao de Coimbra era a de Alcalá [2]. Ir a Hespanha cursar as aulas, obter o diploma de bacha-

---

[1] Vidal y Diaz, op. cit., pag. 73, 83, 84 e 127.

[2] Morejon, *Hist. Bibliografica de la medicina española*, II, pag. 15 e seg.

rel e vir fazer em Portugal o exame de habilitação perante o physico-mór levava dois ou tres annos [1]. Compare-se isto com o que a legislação exigia aos estudantes da Universidade.

Tudo se conspirava, portanto, para estorvar a reforma. Ás causas que tolheram o nosso movimento litterario e scientifico na segunda metade do seculo e que o prof. Pedro Dias succintamente expõe nas seguintes palavras: «O circulo das fogueiras inquisitoriaes que, apenas entrados em Portugal, os (aos professores mandados vir para a Universidade) separava do commercio scientifico com os outros paizes, a falta de liberdade de exposição dos pensamentos, a prohibição do emprego de certos meios de estudo já então proclamados como indispensaveis pela evolução scientifica, que se operava além dos Pyreneus, paralysavam a boa vontade dos que se compenetrassem dos seus deveres e quizessem ser homens da sua época» [2] juntaram-se condições especiaes do exercicio medico que deviam desviar os alumnos do nosso primeiro estabelecimento d'instrucção, além d'outros factores de decadencia especial.

Já dissemos com que facilidade relativa se obtinha o gráu de bacharel em medicina na universidade de Salamanca, onde o iam buscar os nossos conterraneos. Ahi estava uma das causas da aspiração de alumnos para o extrangeiro; mas sommava-se a esta influencia e poderosamente a facilidade com que o physico-mór passava cartas que davam direito ao exercicio medico. Ouçamos outra vez a opinião de fr. Diogo de Murça: «O physico mor... lhes passa cartas para poderem curar, ainda que não sejam aqui graduados, e a muitos as passa que

---

[1] «Os studantes de Medicina se vão os mais delles graduar de bachareis a Salamanca, e isto como tem dous ou tres annos de Medicina...» (Carta de Diogo de Murça, de 12 d'agosto de 1550, in Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 187).

[2] Pedro A. Dias — *Rodrigo de Castro, Apontamentos para a biographia do creador da gynecologia*, nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, I, pag. 74.

nem aqui nem em outros pontos sam graduados, emquanto o physico-mór isto fizer, V. A. nom tem Faculdade de Medicina em Coimbra, e muitos pouquos sam os que perseveram até o cabo, donde nascem os physicos que chamam *Mata-sanos* e *ychacorvos,* que não sabem cousa alguma. Muito grande serviço de Ds. seria e de V. A. e bem d'estes reynos o Physico-mór receber satisfação do interesse que nisto lhe vay, se com direito póde aver, e cessar de usar desta maneyra de passar cartas a pesoas indoctas e nom graduadas, em que soo os graduados de Coymbra curassem no reyno, conforme a ley que V. A. sobre isso tem feito. Sobre isto screvi o anno passado a V. A. e nom se fez nada, e multiplicam-se pelo feito estes *Mata-sanos,* que disse, que depois são máos de tirar».

Ponham-se portanto em evidencia: a expulsão dos judeus, o estabelecimento da inquisição, a influencia dos jesuitas a aniquilar o pensamento; mais tarde a jornada d'Africa e a sujeição a Castella a sorverem as forças vivas da nação; mas na avaliação das causas que prejudicaram o ensino medico da Universidade junte-se-lhes a facilidade com que obtinham cartas os bachareis de Salamanca e ainda os *idiotas* que não haviam sido graduados em parte alguma. Se alguem persistia n'um curso tão longo como o de Coimbra, quando tão facilmente se podia subtrahir a tanto trabalho, só por isso devia considerar-se benemerito da instrucção medica.

Por outro lado, ligava-se á profissão medica uma falsa ideia d'indignidade, derivada talvez de se considerarem os individuos que a exerciam como christãos novos ou judeus. Não era errada a suspeita, e quasi todos os professores chamados para a Universidade por D. João III tinham inclinação manifesta para o judaismo. A perseguição aos christãos novos em Coimbra foi violenta por vezes [1]. Era difficil a vida n'aquella cidade, reinava a intriga, desapparecera a tranquillidade. Como progrediriam assim os estudos medicos?

---

[1] Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 466.

A preparação em Artes, sobretudo depois que o ensino se realisava no collegio dos jesuitas, era uma mera formalidade. O que se procurava era habilitar com certidões os alumnos que tinham de frequentar medicina [1]. Sem alicerce de qualidade alguma como poderia o alumno aproveitar os beneficios do ensino universitario?

No provimento das cadeiras o suborno campeava infrene. No principio do seculo XVII, os abusos haviam-se tornado intoleraveis, e reclamaram providencias rigorosas.

Como se não bastasse tudo isto, entre os proprios lentes lavrava accesa discordia, odio violento que se exacerbava pelas çurras nas votações dos provimentos das cadeiras [2]. De muitos d'elles póde dizer-se ainda que, sobretudo nos fins do seculo XVI, haviam descurado muito as elevadas funcções que desempenhavam.

Os estatutos de 1591 e as suas differentes reformas, sobre os quaes se póde fazer um juizo mais seguro, manifestam tendencias pouco felizes, entre as quaes merece menção especial o pouco desenvolvimento dado ao ensino da anatomia.

Um dos factos capitaes que a reforma de 1544 trouxe comsigo foi o impulso dado aos estudos anatomicos então completamente abandonados entre nós, e veremos que Guevara, no pouco tempo que esteve em Coimbra (1556-1561), desempenhou convenientemente a tarefa que lhe foi confiada.

Segundo todas as probabilidades, o livro de texto era o *De usu partium* de Galeno que, sendo uma das maiores glorias d'aquelle grande homem, tinha sido em parte invalidado para a sciencia pelas diligencias dos mestres italianos. Já Guevara manifestára a tendencia de restabelecer o texto galenico contra as affirmações dos que o accusavam de inexactidão; depois da sua saída, a persistencia do livro de Galeno como texto não póde ser considerada como elemento de progresso no es-

---

[1] Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 401.
[2] Idem, II, pag. 601.

tudo d'uma sciencia cujo livro não póde ser outro senão o cadaver humano.

As dissecções anatomicas, cujo proveito ninguem póde hoje discutir, nunca tiveram em Coimbra grande desenvolvimento. Os estatutos de 1591 dizem que haveria por anno seis parciaes e tres geraes, e é provavel que esta disposição tivesse como fonte qualquer provisão do tempo em que Guevara leu na Universidade [1]. A pouco se limitava, portanto, a parte pratica do ensino; mas o seu valor ainda era mais exiguo, porque as dissecções provavelmente se effectuavam em animaes. A reformação de 1612 diz que as que se faziam em *outros sujeitos*, que não os cadaveres humanos, *não eram de consideração*, o que faz suppôr o que affirmamos.

Esta conjectura é confirmada completamente por uma devassa mandada tirar em 1619 sobre o estado disciplinar da Universidade. Era então professor de anatomia o dr. Martim Gonçalves. Ora, do depoimento d'alguns estudantes resulta que se não faziam as «notomyas geraes e particulares». Uma unica que se effectuára no anno anterior havia sido feita em um carneiro. Não existia theatro anatomico, e as dissecções faziam-se em casa do professor, nas raras vezes que se faziam. Nem ferros cirurgicos havia. De tal modo haviam caído em desuso os trabalhos anatomicos que em 1623-1624 Manuel Alves Carrilho pedia que se lhe désse uma conducta para «fazer anathomia em corpos humanos ou animaes». E havia uma cadeira grande para ser ensinada esta disciplina! [2]

Outro defeito, e não menos grave, das reformas universitarias foi o de tenderem a escravisar o pensamento, manten-

---

[1] A. d'Almeida cita um Alvará Regio de 23 de setembro de 1596 dirigido ao corregedor da comarca de Coimbra para entregar os cadaveres dos justiçados ao dr. Rodrigo de Reinoso, lente de Prima da Universidade. A data não póde de modo algum ser essa, e ha razões para crêr que seja 1556; por outro lado, a pessoa a quem se mandam entregar não ensinou anatomia, e apenas devia intervir como director da faculdade.

[2] Theophilo Braga, op cit., II, pag. 533, 535, 539, 773 e 787.

do-o ligado por dois seculos aos textos de Galeno, Avicena e Hippocrates. Toda a investigação scientifica ficou reduzida aos commentarios sobre estes auctores, e esses commentarios por vezes são meras paraphrases do texto a que se referem.

Se, porém, se compararem as disposições legislativas nos dois seculos a que nos referimos com as antigas, o progresso é tão evidente que seria loucura insistir em o demonstrar.

Uma disposição que deveria fazer prosperar os estudos medicos foi o estabelecimento de pensões aos estudantes de medicina, comquanto no seu estabelecimento se não attendesse ao merito ou ás condições pecuniarias dos alumnos, mas sim á maior ou menor pureza de sangue christão. A intolerancia religiosa, que por tantos outros modos se manifestava, traduzia-se por mais este facto.

Foi D. Sebastião quem pela carta de 20 de setembro de 1568 determinou que houvesse sempre na Universidade trinta estudantes de medicina e cirurgia christãos velhos, recebendo 20$000 reis de pensão annual. Esta disposição foi caíndo lentamente em desuso até ser renovada por Filippe III de Hespanha que accrescentou 4$000 reis á pensão que os estudantes recebiam, estendendo-se tambem aos que desejavam estudar pharmacia [1].

N'uma provisão de 18 de fevereiro de 1606, estabelecia-se a quota com que devia contribuir cada uma das povoações do reino para a *Arca dos Medicos*, e, graças a uma cobrança rigorosa, havia sempre em cofre fundos avultados que permittiam adiantamentos aos professores para impressão de livros, etc.

Apesar da excellencia da disposição, os seus beneficios foram muito pequenos: a sua influencia, diz Theophilo Braga, foi nulla no desenvolvimento da frequencia de estudantes na faculdade de medicina, e no desenvolvimento da sciencia [2].

---

[1] Regimento dos medicos e boticarios christãos velhos, de 7 de fevereiro de 1604, in Estatutos da Universidade de 1653.

[2] Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 783.

A escolha dos partidistas foi sempre origem das maiores discordias em Coimbra, e pela devassa de 1619, a que nos referimos, sabe-se que os concursos eram verdadeiras traficancias, impedindo-se de votar os lentes christãos novos.

Por se reconhecerem os inconvenientes apontados, pensou o reformador D. Francisco de Bragança em crear um *Collegio dos Medicos christãos-velhos.* A mesa da Consciencia e Ordens não approvou o plano a que obedecia, mas como D. Francisco instasse, e mostrasse a falta de medicos que havia por todo o reino, ordenou-se que se instituisse o *Collegio,* mas a ordem não chegou a ter cumprimento.

Se, na Universidade, os estudantes medicos tinham de cursar por longos annos as aulas, e depois ainda haviam de seguir a pratica de qualquer clinico por dois annos para obterem o seu diploma, vimos que se admittia outra cathegoria de medicos que obtinham carta de habilitação simplesmente depois d'um exame tal ou qual perante o physico-mór.

O regimento dado a este funccionario em 25 de fevereiro de 1521 estabelece algumas providencias novas sobre este assumpto. O exame de habilitação era feito perante um jury constituido pelo physico-mór, presidente, e por dois facultativos da real camara, ou por um apenas, se em Lisboa não estivesse mais nenhum.

O exame comprehendia uma parte theorica e outra pratica: a primeira consistia n'um exame vago feito pelos tres facultativos; a segunda limitava-se a provar o candidato por meio de testemunhas que havia praticado dois annos com physicos approvados e legalmente auctorisados para exercerem a clinica. Além d'isto, o physico-mór deveria levar comsigo o examinando tres ou quatro vezes ás visitas aos doentes para conhecer melhor da sua sufficiencia. Terminado o exame, e mostrando-se o candidato razoavelmente conhecedor das differentes partes da medicina, passava-se-lhe uma carta que o auctorisava a exercer clinica sem impedimento algum.

D'este exame não ficavam dispensados os nacionaes ou extrangeiros que tendo cursado as universidades extranhas

desejavam clinicar no nosso paiz. A unica excepção admittida era em favor dos doutores e licenciados na Universidade de Lisboa, para os quaes era diploma de habilitação a carta de formatura que haviam obtido.

Como, porém, no dizer do alvará, havia logares onde não podiam estabelecer-se medicos examinados, as mulheres e homens que ahi tivessem colhido praticamente alguns conhecimentos vinham perante o physico-mór que, se os testemunhos de sufficiencia lhe mereciam confiança, lhes passava uma licença em que designava o tempo durante o qual podiam fazer uso dos seus conhecimentos, o logar onde exerceriam a clinica e as enfermidades de que podiam tratar.

Por outro lado, o documento que vimos extractando claramente demonstra que se procurava accentuar cada vez mais a distincção entre a medicina e a cirurgia, marcando-se penas para os cirurgiões que exerciam medicina e para os medicos que exerciam a cirurgia [1].

A facilidade com que se obtinham as cartas de habilitação passadas pelo physico-mór dava na pratica os resultados que se podem suppôr. Tão graves eram os inconvenientes que as côrtes de 1535 tiveram de se occupar do assumpto. N'um dos seus capitulos pediram que todos os physicos e cirurgiões do reino fossem examinados na Universidade de Lisboa, e só depois de approvados n'esse exame pudessem receber a carta de habilitação passada pelo physico ou cirurgião-mór.

Parece que estes funccionarios eram mais avidos dos honorarios que recebiam pelas cartas do que zelosos no cumprimento dos seus deveres. Por isso, o povo dizia nas suas reclamações que se faziam muitas cartas erradas com perigo das vidas «não olhando o que nisso vay ao povo senão a seu bem particular que he leuar hũ marco de prata».

Não obtemperou o rei a tão justa reclamação; pelo contrario, respondeu que se não podia prover n'este assumpto

---

[1] Collecção Almeida citada.

como era requerido; que as disposições legislativas em vigor eram as mais proveitosas, mas que ainda havia de regular melhor este caso [1].

Se, n'um periodo de dez annos, não houve documentos legislativos relativos ao exercicio da medicina que o tempo fizesse desapparecer, a maneira como se providenciou parece uma irrisão para as justas reclamações do povo. Já citamos o alvará de 4 de novembro de 1545. Este documento mandava que os alumnos da Universidade só podessem receber cartas de habilitação do physico-mór depois de haverem praticado dois annos com qualquer medico. Isto equivalia a reduzir o curso universitario, que aliás durava seis annos, a coisa nenhuma, porquanto a carta de habilitação se obtinha simplesmente com os dois annos de pratica, sem necessidade do curso. Triumphava a cubiça do physico-mór [2].

Alarmou-se legitimamente o reitor e conselho da Universidade. Fizeram subir reclamações ao poder real sobre este objecto, e em 20 de março de 1565 obtiveram a reparação que lhes era devida. Determinava-se n'um alvará d'essa data que os bachareis formados na faculdade de medicina pudessem livremente curar sem embaraço algum.

A Universidade não podia dar-se por satisfeita por ter conquistado para os seus filhos regalias que de direito lhes pertenciam, porque essas regalias eram uma illusão, desde o momento que abundavam os medicos *idiotas* que tolhiam o exercicio da clinica aos diplomados. Era tamanho o seu numero que Henrique Jorge Henriques o computa em dois mil em todo o reino [3]. E entrariam n'este numero as mulheres que curavam com hervas, as que tratavam das feridas, etc.?

Emquanto este estado de coisas se conservasse, inutil era pensar que o ensino universitario se podia desenvolver. Os alumnos faltavam nas aulas, a frequencia era diminutissima,

---

[1] Collecção Almeida cit.

[2] Mesma collecção.

[3] *Retracto del perfecto medico*. Salamanca, 1595, pag. 110.

tudo indicava uma decadencia assombrosa que cada vez mais se accentuaria se não surgissem providencias decisivas.

Surgiram, mas ainda incompletas. O alvará de 12 de maio de 1608 determinou que o physico-mór não pudesse dar licença a medicos idiotas para exercerem clinica onde houvesse medicos graduados pela Universidade de Coimbra; mas nada obstava a que o fizesse onde os não havia. Os medicos graduados em universidades extrangeiras ficavam sujeitos ao exame perante o physico-mór, e seriam considerados como idiotas para todos os effeitos [1]. Onde ia a consideração que tinham merecido os graduados em Salamanca?

As disposições d'este alvará passaram integralmente para a reformação dos estatutos universitarios de 1612 e vigoraram até ao reinado de D. José, em que, por occasião da reforma, se ordenou que nunca mais se consentisse o exercicio da medicina aos que não houvessem frequentado a Universidade.

Vemos portanto que, do mesmo modo que no periodo antecedente, havia duas especies de medicos: uns que frequentavam apenas a clinica d'um facultativo qualquer e com um exame perante o physico-mór ficavam habilitados a exercer a medicina, outros que precisavam d'um curso bastante longo na Universidade para o fazerem.

A educação medica dos filhos da Universidade era deficiente, já o fizemos notar, e mais se tornou á medida que o ensino se immobilisou no culto de Hippocrates e Galeno, sem acompanhar os progressos medicos: mas, pondo de parte os inconvenientes que d'ahi resultavam, é certo que o legislador exigia dos alumnos provas de competencia sufficientes, quer em theoria quer em pratica, quando, além dos seis annos do curso, ordenava que seguissem a clinica d'um medico approvado por espaço de dois annos.

Contrasta este procedimento com o havido com os medicos idiotas, que, para obterem licença de curar, se muniam

---

[1] Collecção Almeida cit.

apenas da certidão de haverem acompanhado por dois annos um clinico legalmente habilitado, e sobretudo é revoltante a injustiça quando se lhes davam iguaes direitos aos que tinham os diplomados em Coimbra.

Mesmo depois de se restringir áquelles a área do exercicio da profissão, é contestavel a conveniencia de individuos habilitados incompletamente exercerem uma profissão qualquer. Mas, em abono da verdade, note-se uma circumstancia que até certo ponto justifica estas concessões prejudiciaes á saude publica: o curso da Universidade era comparativamente muito longo, e povoações havia em que não convinha aos medicos formados em Coimbra estabelecerem residencia. Ora, entre deixal-as completamente abandonadas de soccorros em materia tão importante como é a saude publica e mandar-lhes individuos com alguns conhecimentos medicos, o legislador optou pela segunda resolução. E não admira que os povos os recebessem bem, porque a ignorancia e superstição eram tamanhas, que os proprios poderes publicos davam por vezes provas da mais vergonhosa credulidade. Sirva de exemplo o alvará de 13 de outubro de 1654, em que D. João IV concede uma pensão de 40$000 reis annuaes a um soldado que *curava com palavras* as enfermidades que grassavam no exercito do Alemtejo! [1]

LISTA DOS PROFESSORES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE

Lentes de Prima

1537-1545 — Henrique Cuellar.
1545-1557 — Rodrigo Reynoso.
1558-1579 — Thomaz Rodrigues da Veiga.
.... — Francisco Rodrigues Cassam (?)
1589-1609 — Balthazar d'Azeredo.

---

[1] Almeida, Collecção citada.

1615-1623 — Antonio Gomes.
1623-.... — João Bravo Chamiço.
1632-1644 — Manuel d'Abreu.
1644-.... — Thomaz Serrão de Brito.
1654-1659 — Pedro de Sousa e Cunha.
1659-1662 — Antonio Pacheco Fabião.
1662-1667 — Diogo da Cruz.
1671-1685 — Antonio Mourão Toscano.
1685-1701 — Antonio Mendes.
1704-1706 — Bento da Cruz Freire.
1706-1713 — Balthazar Rodrigues Cabral (*do Cazal?*)
1716-1717 — Antonio d'Abreu Bacellar.
1717-1726 — José d'Amorim.
1726-.... — Manuel Francisco.
1738-1753 — Manuel dos Reis e Sousa.
1759-1772 — Alvaro Antunes das Neves.

Lentes de Vespera

1539-1557 — Thomaz Rodrigues da Veiga.
1558-1577 — Jorge de Sá Sotto-Mayor.
1578-1585 — Fernão Rodrigues Cardoso.
1589-.... — Pedro Alvares.
1602-1615 — Antonio Gomes.
1615-1624 — João Bravo Chamiço.
1632-1644 — Thomaz Serrão de Brito.
1645-1654 — Pedro de Sousa e Cunha.
1655-1659 — Antonio Pacheco Fabião.
1659-1662 — Sebastião Jorge Froes.
1662-1667 — Manuel Guedes Escachana.
1667-1671 — Antonio Mourão Toscano.
1671-1685 — Antonio Mendes.
1695-1704 — Manuel Mendes de Sousa Trovão.
1704-1706 — Balthazar Rodrigues Cabral (*do Cazal?*)
1706-.... — Antonio Simões da Silva.
1716-1717 — José de Amorim.
1717-1726 — Manuel Francisco.
1726-.... — Manuel da Cruz.
1735-1738 — Manuel dos Reis e Sousa.
1759-1772 — Antonio Amado de Brito.

Lentes de Terça, em que tambem se leu Avicena

1540-1541 — Antonio Barbosa.
1541-1544 — Luiz Nunes.

1545-1555 — Francisco Franco.
1556-1560 — Diogo de Contreiras.
1560-1564 — Francisco Lopes Netto.
1564-1568 — Francisco Carlos.
1568-1574 — Manuel de Crato (*de Crasto?*)
1574-1577 — João Lopes Netto.
1577-1578 — Fernão Rodrigues Cardoso.
1579-1581 — Balthazar Correia.
1581-1583 — Francisco Botelho.
1583-1589 — Balthazar Azeredo.
1589-1592 — Ignacio Ferreira.
1592-1602 — Antonio Gomes.
1602-.... — Pedro de Barros Pinto.
1615-.... — Gonçalo de Paiva.
1634-1645 — Pedro de Sousa e Cunha.
1645-1655 — Antonio Pacheco Fabião.
1659-1662 — Diogo da Cruz.
1662-1664 — Fernando Magro Freire.
1664-1667 — Manuel Carreira Marrio (*Mattoso?*)
1667-1671 — André d'Oliveira Lobo.
1671-1691 — Manuel Rodrigues do Valle.
1691-1695 — Manuel Freyre.
1695-1697 — Manuel Moreira.
1697-1704 — Bento da Cruz Freire.
1705-1706 — Antonio Simões da Silva.
1706-1716 — Antonio d'Abreu Bacellar.
1717-1726 — Manuel da Cruz.
1726-.... — Ignacio do Valle.
1759-1772 — Antonio José da Silva.

Lentes de Anatomia

1556-1561 — Affonso Rodrigues de Guevara.
1596-por subs. — }
1601-1614 — } João Bravo Chamiço.
1615-1619 — Martim Gonçalves Coelho.
1620-.... — Manuel d'Abreu.
1633-1634 — Pedro de Sousa e Cunha.
1634-1645 — Antonio Pacheco Fabião.
1646-1656 — Fernando Magro Freire.
1656-1659 — Sebastião Jorge Froes.
1659-1662 — Manuel Guedes Escachana.
1662-1664 — Manuel Carreira Marrio (*Mattoso?*)
1664-1666 — Antonio Mourão Toscano.

*

1666-1671 — Antonio Mendes.
1671-1691 — Manuel Freire.
1697-1704 — Balthazar Rodrigues Cabral (*do Cazal?*)
1706-1716 — José d'Amorim.
1717-1726 — Ignacio do Valle.
1726-1735 — Manuel dos Reis e Sousa.
1759-1772 — Francisco Lopes Teixeira.

Lentes de Crisibus

1577-1582 — Gaspar Manso Leitão.
1582-1583 — Balthazar d'Azeredo.
1584-1589 — Pedro Alvares.
1590-1592 — Antonio Gomes.
1592-1602 — Pedro de Barros Pinto.
1604-1615 — Gonçalo de Paiva.
1618-1632 — Manuel d'Abreu.
1633-1656 — Sebastião Jorge Froes.
1656-1659 — Diogo da Cruz.
1659-1662 — Fernando Magro Freire.
1662-1664 — Antonio Mourão Toscano.
1665-1666 — André d'Oliveira Lobo.
1672-1691 — Antonio Pimentel da Costa.
1693-1695 — Manuel Moreira.
1697-.... — Antonio Simões da Silva.
1706-1717 — Manuel Francisco.
1717-1726 — Manuel dos Reis e Sousa.
1726-.... — João Pessoa da Fonseca.

Lentes de Methodo

1546-1557 — Cosme Lopes Netto.
1558-.... — Alvaro Nunes.
1568-.... — Lourenço Rodrigues.
1575-.... — Ruy Coelho.
1577-.... — Gaspar Manso Leitão.
1579-.... — Gaspar Mendes.
1582-1583 — Pedro Alvares.
1583-1589 — Ignacio Ferreira.
1589-1592 — Pedro de Barros Pinto.
1592-1596 — Domingos Dias de Figueiredo.
1596-.... — Antonio Alves do Amaral.
1603-1606 — Pedro Freire d'Andrade.

1606-1614 — Martim Gonçalves Coelho.
1618-1632 — Thomaz Serrão de Brito.
1633-1656 — Diogo da Cruz.
1656-1659 — Manuel Guedes Escachana.
1662-.... — Manuel Carreira Marrio (*Mattoso?*)
1688-1693 — Manuel Mendes de Sousa Trovão.
1693-1697 — Bento da Cruz Freire.
1698-1706 — José de Amorim.
1706-1717 — Manuel da Cruz.
1717-1726 — Antonio Duarte Ferreira.
1726-.... — Luiz Freyre de Magalhães.

Lentes de Cirurgia

1557-1561 — Affonso Rodrigues de Guevara.
1596-1601 — João Bravo Chamiço.
1622-1631 — Manuel Alves Carrilho.
1633-1646 — Fernando Magro Freire.
1650-1656 — Manuel Guedes Escachana.
1665-1666 — Manuel Rodrigues do Valle.
1671-.... — João Bernardes de Moraes.
1678-.... — Manuel da Costa Baptista.
1698-1706 — Antonio d'Abreu Bacellar.
1706-1717 — Ignacio do Valle.
1717-1726 — João Pessoa da Fonseca.
1726-.... — Bento Gomes dos Santos.
1759-1772 — José dos Santos Gato.

Condutarios com privilegios de Lentes

1603 — Gonçalo de Paiva.
1636 — Gaspar Pires de Figueiredo.
1666 — Manuel Freire.
1667 — Antonio Pimentel da Costa.
1668 — Luiz Soares.
1672 — Gregorio Lopes.
1683 — Fernão Dias Pereira.
1684 — Manuel Moreira.
1693 — Athanasio Lourenço Netto.
1693 — Balthazar Rodrigues Cabral (*do Cazal?*)
1693 — José de Amorim.
1693 — Antonio Simões da Silva.
1706 — Manuel dos Reis e Sousa.

1706 — João Pessoa da Fonseca.
1706 — Antonio Duarte Ferreira.
1709 — Luiz Freire de Magalhães.
1717 — Manuel Monteiro da Fonseca.
1717 — Bento Gomes dos Santos.
1727 — Manuel Simões Pinheiro.
1727 — Manuel Dias Ortigão.
1727 — Amaro Rodrigues da Costa.
1727 — João Duarte.
1727 — Manuel de Carvalho.
1737 — Bernardo d'Almeida Torres.
1742 — Alvaro Antunes das Neves.
1742 — Antonio Amado de Brito.
1742 — Antonio José da Silva.
1751 — Francisco Lopes Teixeira.
1754 — José dos Santos Gato.

Condutarios sem privilegios

1604 — Simão Roubão da Costa.
1665 — Manuel Freire.
1665 — Antonio Pimentel da Costa.
1706 — José da Cruz Freire
1706 — Luiz Freire de Magalhães.
1737 — Alvaro Antunes das Neves.
1737 — Antonio Amado de Brito.
1737 — Antonio José da Silva.
1742 — Francisco Lopes Teixeira.
1751 — José dos Santos Gato.
1756 — Manuel de Miranda.
1756 — Bernardo José da Costa.
1756 — Francisco Antonio Peres.
1756 — Manuel Cordeiro Calhau.
1756 — José das Neves e Sousa.
1756 — Antonio Gomes Machado.
1759 — Antonio José Francisco d'Aguiar.
1759 — Manuel Antonio Sobral.

Lentes de Vacações

.... — Cosme Lopes Netto.
1547 — Jeronymo Henriques.

1553-1555 — Francisco Lopes Netto.
1555 — Ambrosio Nunes.
1556 — Francisco Carlos.

Cathedrilhas extraordinarias

1547 — Antonio Luiz — cathedrilha de Galeno e de Aristoteles.
1548 — Antonio Luiz — cathedrilha de Galeno.
1565 — Manuel de Crato (*de Crasto?*)
1572 }
1577 } — Fernando Rodrigues Cardoso.
1589 — Henrique Jorge Henriques, lente de pratica.

CAPITULO III

Organisação do ensino cirurgico no Hospital de Todos os Santos e fóra d'elle

O ensino cirurgico que, no periodo antecedente, se reduzia a muito pouco, tende a centralisar-se no Hospital de Todos os Santos, e do mesmo modo que havia uma faculdade de medicina em Coimbra, assim parece ter havido a ideia de crear n'elle um curso regular de cirurgia.

Bem limitado era o ensino no hospital quando foi creado, mas, com o decorrer do tempo, realisaram-se progressos notaveis nos estudos cirurgicos.

Lembremos que, pelo regimento do hospital, o cirurgião interno era obrigado a lêr todos os dias uma lição aos dois *moços* que havia de ter, e que nenhuma outra disposição se conhece em relação a este ponto nos primeiros tempos da existencia do hospital.

No meado do seculo XVI foi muito ampliada esta disposição. Os registros do hospital dão noticia d'um alvará de 20 de novembro d'este anno, em que se nomeia o dr. Duarte Lopes para lêr n'elle uma lição de Guido de Chauliac que deveria durar uma hora, estabelecendo ao mesmo tempo que aquelle professor se demorasse no hospital durante meia hora mais, para rebater as duvidas que os estudantes tivessem. Ao

mesmo tempo, era obrigado a fazer as dissecções anatomicas que fossem necessarias e se lhe ordenassem, nos corpos dos fallecidos no hospital e nos justiçados [1].

A aula de cirurgia continuou funccionando regularmente, e, como se demonstrasse o seu proveito, e por outro lado se reconhecesse que, na falta de professores habeis, os cirurgiões não attingiam conhecimento desenvolvido na sua arte, restringiu-se o exercicio da cirurgia aos que estudavam no hospital de Lisboa. É o que diz o alvará de 26 de julho de 1559, que assigna ao curso a duração de dois annos, e só exceptua da sua frequencia no Hospital de Todos os Santos os que já o tivessem em Coimbra, Salamanca ou Guadalupe [2].

Pouco depois começava Guevara o seu curso em Lisboa que, dadas as circumstancias que possuia o professor, devia ser muito frequentado.

Não se conservaram por muito tempo em vigor as disposições do alvará de 26 de julho de 1559 que, se por um lado tinha a vantagem de exigir aos cirurgiões um curso de dois annos no maior hospital do reino, onde havia professores habeis, padecia por outra parte do gravissimo inconveniente de obrigar a viagens custosas e dispendiosissimas os que se quizessem consagrar á pratica cirurgica. Acaso se póde alcançar que essa disposição tivesse valor em Lisboa, ficando os restantes cirurgiões do reino livres de tal obrigação.

Pelo menos, o que se póde affirmar com certeza, é que já no regimento de 12 de dezembro de 1631 se não encontra vestigio algum de tal disposição.

Segundo este documento, para o exame de habilitação, era indispensavel que o candidato conhecesse a lingua latina

---

[1] As fontes de que nos soccorremos são: Bernardino Antonio Gomes, *Instrucção medica em Portugal*, na *Gazeta medica de Lisboa* de 1860 e 1861; Maximiano Lemos, *O Hospital Real de Todos os Santos*, na *Medicina Contemporanea* de 1886; Alfredo Luiz Lopes, *Hospital de Todos os Santos*, Lisboa, 1890, e J. A. Serrano, *Tratado de osteologia humana*, Lisboa, 1895.

[2] Collecção de Antonio d'Almeida, no *Jornal de Coimbra*.

e houvesse praticado no hospital da terra, e, não o havendo, provasse ter seguido a clinica de qualquer cirurgião, por espaço de quatro annos.

Datam do fim do seculo algumas providencias a respeito do curso de cirurgia do Hospital de Todos os Santos. Em 15 de abril de 1693 determinava-se que os praticantes de cirurgia ou barbeiros não pudessem ser admittidos nos cursos do hospital sem pelo menos saberem lêr e escrever, e o regimento de 1 de julho de 1694 estabeleceu que o curso de cirurgia não podia ser frequentado por mais de noventa alumnos, que estudariam por espaço de cinco annos, praticando nas enfermarias [1].

Quando, porém, o ensino no hospital começa a tomar incremento notavel, é quando se separa o estudo da anatomia do da cirurgia propriamente, o que acontece em principios do seculo XVIII, sendo em 20 de novembro de 1704 nomeado Luiz Chalbert Falconet para lente de anatomia. Falconet ou Falconete era filho de paes francezes, mas nascera em Setubal; estudára medicina e cirurgia em Reims e lá certamente adquiriu a competencia a que deveu o logar.

O seu alvará de nomeação é documento bastante de que os estudos anatomicos haviam decaído muito, quando diz: «tendo consideração á grande falta que ha em este Reyno da noticia da Anathomia que se precisa para a arte de surgia, e ainda para a da medecina».

De facto o ensino da cirurgia estava reduzido a tão pouco que Pyres de Sousa, em 1696, dizia ter chegado a arte cirurgica a tal miseria *que se vê hoje usada de pessoas que não sabem bem lêr* [2].

O modo como se fornecia o ensino consta d'umas instrucções que se conservam no registro do hospital. Diz-se n'ellas

---

[1] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 29.

[2] *Exame chirurgico,* annexo á *Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens.* Lisboa, 1696. *Ao leitor.*

que haveria duas lições por semana, ás terças e quartas-feiras, com anatomias praticadas nos cadaveres dos fallecidos no hospital e dos enforcados. Se estas demonstrações tinham de ser prolongadas por mais d'um dia, descontavam-se outros tantos nos dias lectivos da semana seguinte.

Da maneira como Falconet regeu a sua cadeira, não restam vestigios; sabe-se apenas que n'ella se conservou até 1709 em que morreu. Em 1721, já apparece outra nomeação para professor de anatomia, a do catalão D. Antonio de Monravá e Roca.

Segundo nos informa o prof. Serrano, o curso de Monravá durava tres annos, com lições quatro dias por semana, cada uma de tres horas, repartidas pelo modo seguinte: n'uma hora ditava-se e escrevia-se a apostilha, n'outra explicavam-se e tiravam-se as duvidas, na ultima demonstrava-se no cadaver presente o que se dictára e explicára. Havia, além d'isso, todos os dias, ensino pratico na enfermaria de S. José. O professor poucas vezes o regeu, porque em 1732 foi aposentado, dizendo o alvará de nomeação do seu successor que o ensino do medico catalão se havia mostrado de pouca utilidade.

Não ficou elle inactivo depois da reforma. Continuou escrevendo, discursando, leccionando, dando demonstração de uma grande actividade. Não será ocioso, rememorar a maneira como fornecia o ensino na famosa Academia das Quatro Sciencias, creada depois da sua aposentação, e de que passamos a dar noticia, fundados n'um documento que nos deixou o proprio Monravá.

N'um aposento estavam armados vinte e quatro cubiculos, a que elle dá o nome de *occultos*. Cada *occulto* compunha-se de uma cadeira e uma banca, rodeados e tapados por quatro cortinas. Sobre a mesa alguns livros, tinteiro e um candieiro acceso. Em cada um dos cubiculos, tomava logar um alumno que, em virtude da disposição adoptada, se não podia distraír com a vista dos condiscipulos. Na frente de todos, de modo a abraçal-os com a vista, estava o professor.

«Disposição é esta primorosa, diz o proprio Monravá, para que a vista de varios objectos não perturbem (*sic*) aos

entendimentos, no ouvido das vozes da explicação do Mestre, e nas duvidas ou respostas dos mesmos discipulos».

Eram objecto do ensino as quatro faculdades seguintes: a anatomia, a cirurgia, a physica experimental e a medicina. Projectava o professor, em 1739, juntar-lhes a botanica, em que explicaria as virtudes das hervas e medicamentos simples e compostos, levando depois os alumnos a praticar pelas hortas e campos, e a *optica*, em que ensinaria theorica e praticamente «como se faz a vista e como se perde» e, no que respeitava ás doenças dos olhos, faria «quantas operações manuaes ha que fazer n'elles e se explicará pelo Mestre, como se fazem, melhor que por ninguem, na operação com a agulha, para as cataractas».

Realisavam-se as lições tres dias na semana, nas segundas, quartas e sextas-feiras. Começavam ás seis horas da tarde e só terminavam ás duas horas da manhã. Nas duas primeiras horas era estudada a *anatomia*. Estas duas horas eram empregadas, a primeira em decorarem os estudantes a lição anteriormente marcada, e a segunda em a recitarem. O professor explicava os pontos difficeis e fazia dissecções, ou em corpos vivos ou em cadaveres humanos.

Similhantemente se procedia das oito ás dez horas da noite, tempo consagrado ao estudo da cirurgia. Os praticantes decoravam em silencio a lição, que depois repetiam, fazendo por essa occasião o professor alguma operação manual.

Seguia-se o ensino da physica do mesmo modo fornecido, salvo que, em vez da operação, finalisava a lição com algum «experimento physico».

Terminava a interminavel lição com a *medicina*. Na primeira hora decorava-se a postilha que havia sido ditada na vespera, dava-se a lição e postilhava-se de novo para o dia seguinte. Monravá explicava todas as duvidas, e praticava sobre uma ou outra enfermidade supposta, da mesma maneira que se estivesse em presença de qualquer doente.

Terminava a lição pelas duas horas da madrugada. «Então, diz Monravá, todos os discipulos buscam o retiro para dormir (ao estylo bellico) e esperar que appareça a luz do

sol, em cujo tempo se abrem as portas e cada qual se vá para sua casa ».

No decorrer d'estes trabalhos propunha-se o medico catalão verdadeiras maravilhas. Ao cabo de tres annos promettia elle aos seus discipulos que saberiam tanto como elle, ou talvez mais. Este *talvez mais* era um cumulo de modestia, visto como assevera n'outra parte que apresentava no seu curso « novas ou novissimas doutrinas do mesmo mestre (Monravá) no especulativo e no pratico, certas e invenciveis, pelas quaes ficará reprovada toda a cirurgia e medicina dos modernos ».

A pontualidade era de rigor; quem se não apresentasse até ás seis horas em ponto, para entrar na aula, encontrava as portas fechadas; como tambem quem estivesse dentro só podia saír no dia immediato, ao romper da aurora. Eram prohibidas aos alumnos tres coisas: « palrar uns com os outros, comer alguma cousa, e tomar tabaco ».

Tudo vem providenciado no regulamento de que vimos dando noticia. Depois de ter marcado as circumstancias em que os occultos se devem conservar abertos ou fechados, Monravá estabelece uma disposição, a que receamos tirar o pittoresco sabor, não a transcrevendo por extenso. É a seguinte:

« Que por quanto entre os discipulos sempre ha alguns menos cuidadosos, se esses forem perseguidos do somno, no tempo das oito horas da lição, para sua vigilancia está posto um sino que, como a sentinella, dará vozes de tanto em tanto, pelo cuidado de dois discipulos semanarios, que pegando por duas cordas, puxarão pelo badalo, cujos golpes não pouco retumbam aos ouvidos dos dormentes ».

Para terminarmos esta noticia do curso de Monravá, falta dizer que os alumnos eram divididos em tres classes: communitarios, decuriões e decretados. Só aos primeiros se applicavam em todo o rigor os estatutos; os segundos, ás semanas, ajudavam o professor nas operações e experiencias de physica, quando as não executavam sósinhos, e tomavam as lições aos seus condiscipulos menos adiantados, além de vigiarem pela disciplina do curso; os terceiros, por demasiado sabedores, não tinham necessidade de observar com rigor a disciplina es-

tabelecida, assistindo apenas ás lições com o fim de se instruirem mais [1].

Succedeu a Monravá Bernardo Santucci, natural de Cortona, que havia estudado em Bolonha e fôra medico da princeza da Toscana. No decreto que o nomeia [2], diz D. João V que tinha d'elle excellente informação no que dizia respeito a sciencia e capacidade; e é realmente fóra de toda a duvida que adiantou notavelmente o conhecimento da anatomia entre nós, do que ficou documento no livro que sobre ella escreveu e de que teremos occasião de fallar.

Mandava ainda o decreto que nenhum praticante fosse approvado pelo cirurgião-mór do reino, sem que apresentasse certidão de Bernardo Santucci, em que este declarasse que, pelo que respeitava á anatomia, o julgava capaz de exercitar a arte de cirurgia.

Esta providencia ficou completamente sem effeito, ou apenas applicavel aos cirurgiões de Lisboa e circumvisinhanças.

O curso dirigido por Santucci, não só dedicado aos praticantes mas aos medicos e cirurgiões, tinha tres lições por semana que duravam desde as oito horas da manhã até ao meio dia. Os mezes de dezembro e janeiro eram consagrados ao estudo da anatomia universal. Nos mezes de fevereiro a março, ensinava a anatomia particular, mostrando como se movem as differentes partes do corpo e a acção, fórma e inserções dos musculos. De abril a maio, ensinava a circulação do sangue e a angeologia, e em junho e julho a arthrologia e osteologia, repetindo as lições relativas aos ossos o maior numero de vezes possivel. Durante todo este praso, o ensino era feito no cadaver, e no resto do anno em preparações feitas e convenientemente conservadas por Santucci.

---

[1] Estes esclarecimentos são extraídos da *Noticia curiosa do novo e grave Estilo com que se ensina toda a Materia scientifica, pertencente á Medicina, na Escola do Doutor D. Antonio de Monravá e Roca, Lente Regio Jubilado de Anatomia do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa, etc., da qual he Presidente e Fundador que se começou a publicar em 5 de janeiro de 1739.*

[2] Decreto de 4 de fevereiro de 1732, in Collecção Almeida.

O estudo no cadaver e a malquerença de Monravá levantaram tal opposição ao novo professor, que D. João V mandou que até nova ordem se suspendessem as anatomias nos corpos mortos, declarando tres dias depois o secretario d'estado que podiam continuar as *lições na postilla*. Santucci, desgostoso, não continuou o curso e retirou-se de Portugal [1].

Vê-se portanto que o curso do Hospital de Todos os Santos tinha duas cadeiras, sem a frequencia das quaes os praticantes não podiam ser submettidos a exame perante o physico-mór. Para a cadeira de cirurgia havia sido nomeado, em abril de 1731, um homem de quem muito se esperava e cuja vida terminou por uma catastrophe altamente dramatica — Isaac Elliot.

Isaac Elliot nasceu em Constantinopla pelos annos de 1695, tendo por pae um calvinista francez, natural da Picardia, que, tendo emigrado, chegou a ser commandante de spahis no imperio ottomano, e morreu n'um campo de batalha. Depois de ter estudado medicina á custa do logar-tenente do grão-vizir, viajava pela Europa para se instruir quando em 1717 se encontrou em Corfu com o conde do Rio que o trouxe para Portugal. Mal chegou a Lisboa, foi nomeado cirurgião-mór do exercito, com patente de coronel de cavallaria e adquiriu grande nomeada. A ella deveu acompanhar os cardeaes Nuno da Cunha e Pereira de Lacerda quando estes, em 1721, embarcaram para Roma, com o fim de assistirem ao conclave que ia escolher successor para Clemente XI, recentemente fallecido.

Regressando a Lisboa, foi nomeado cavalleiro professo da ordem de Christo, distincção rarissima na sua classe por essa época, e mais tarde, em 1723, foi agraciado com uma tença de 200$000 reis.

Em abril de 1731, como dissemos, foi encarregado de dirigir no hospital uma escóla para os cirurgiões de partido, mas nenhum proveito adviria do seu curso, porquanto n'esse

---

[1] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 38.

mesmo anno se deu o facto a que ha pouco alludimos. Ou por motivo de ciumes ou por requintada malvadez, Isaac Elliot, auxiliado por um creado, assassinou n'este mesmo anno a mulher e um frade trino que encontrou em colloquio com ella. Preso e julgado, não lhe foi admittida a defeza que apresentára de ter vingado a sua honra, e foi executado em 10 de janeiro de 1733. Ao subir á forca declarou peremptoriamente acreditar na innocencia das suas victimas, declaração que foi proclamada do alto da forca e depois impressa e distribuida profusamente [1].

Depois que Santucci se retirou, a cadeira de anatomia só foi provida em 21 de abril de 1750 no cirurgião francez Pedro Dufau, que tinha exercido a sua arte no exercito da rainha da Hungria e acompanhára o marquez de Pombal quando este regressára de Vienna d'Austria.

Faltam-nos, para ajuizarmos da organisação do ensino, as instrucções que lhe foram fornecidas, mas no livro de Jorge Francisco Machado de Mendonça, que já aproveitamos, encontram-se noticias bastante desenvolvidas sobre este assumpto.

Quem desejava frequentar as aulas de anatomia ou de cirurgia apresentava ao enfermeiro-mór do hospital um requerimento em que não especificava o professor que preferia, e que podia ser qualquer dos cirurgiões do hospital. A secretaria tinha todo o cuidado em matricular as estudantes pelos differentes professores, de modo que houvesse para estes igualdade de trabalho e lucro. Em caso algum, poderia ser o numero superior a trinta, salvo se fossem precisos mais para assistirem convenientemente aos doentes.

Como habilitação preliminar, exigia-se apenas que os praticantes soubessem lêr e escrever, o que seria comprovado por occasião da matricula.

O ensino da cirurgia era na sua essencia a pratica dos

---

[1] A vida de Isaac Elliot fórma o entrecho do romance de Camillo Castello Branco — *A Caveira da Martyr*. Em notas a este livro vêm as peças mais importantes do processo d'aquelle celebre cirurgião.

curativos no hospital. Os estudantes entravam nas enfermarias acompanhando os respectivos professores, faziam cuidadosamente os pensos das feridas e ouviam as reflexões que a proposito de cada caso lhes eram feitas.

O estudo da anatomia tambem se fazia no cadaver, e praticava Dufau repetidas dissecções, a que assistiam, além dos praticantes, muitos medicos e cirurgiões que se desejavam instruir em anatomia. As lições eram em dias alternados.

Comprehende-se que assim fossem mais perfeitos os conhecimentos dos praticantes; mas um escriptor coevo dá conta de que Dufau só ensinava de inverno, e que os alumnos esqueciam no estio o que tanto trabalho lhes havia custado na outra estação [1].

Em 1764, ha noticia da creação d'uma nova cadeira de operações e ligaduras, para a qual foi nomeado o cirurgião Filippe José de Gouveia, que por dois annos regera gratuitamente esse curso, antes de ser creado legalmente. Já então estava jubilado Pedro Dufau, e Gouveia era nomeado cirurgião da mesma enfermaria de que havia sido encarregado o cirurgião francez.

As condições que devia respeitar no seu ensino eram as seguintes:

«Será obrigado a curar todos os doentes, que lhe forem destinados para a enfermaria de que he encarregado.

«Continuará a ensinar a todos os praticantes de Cirurgia do Hospital Real todas as operações de Cirurgia nos cadaveres, em que não houver doenças contagiosas, repetindo-as muitas vezes, e applicando-lhes as ligaduras proprias e particulares a cada uma d'ellas.

«Depois de bem instruidos os ditos praticantes, lhes fará executar as mesmas ligaduras para que possam em casos similhantes fazer o uso d'ellas.

«Os mestres de cirurgia serão obrigados a mandar todos

---

[1] Manuel José Leitão, *Cirurgia*, I. Lisboa, 1788, pag. 357.

os seus respectivos praticantes á aula de operações e ligaduras.

«Não será pago do seu ordenado sem que apresente certidões, assim do Enfermeiro-mór do mesmo Hospital, como do Cirurgião-mór do reino, por que conste — da primeira, que assiste continuamente — e pela segunda, que cumpre com as obrigações, de que o tem encarregado para o melhor serviço do mesmo Hospital, e utilidade e adiantamento da Arte de Cirurgia» [1].

Ao mesmo tempo que Gouveia era encarregado de ensinar as operações de grande e pequena cirurgia, era escolhido para reger a cadeira de anatomia um notavel cirurgião portuguez, Manuel Constancio, que se deve considerar como o restaurador dos estudos anatomicos entre nós, e cuja influencia se póde considerar como decisiva.

A seu tempo virá tratarmos d'este ponto. Proseguindo nas averiguações sobre o modo de fornecer o ensino, estudemos as providencias que lhe foram dadas por occasião do seu despacho.

Constancio era obrigado a fazer um curso inteiro de anatomia todos os annos, principiando em 1 de novembro e terminando em fevereiro, e a fazer demonstrações anatomicas a que tinham obrigação de assistir os praticantes.

O restante do tempo era empregado em explicar, em face do esqueleto, a anatomia aos alumnos, verificando se tinham bastante conhecimento do que havia sido ensinado.

Nos outros hospitaes do reino, ensinava-se tambem a cirurgia, mas sem o desenvolvimento que tinha em Lisboa. No Porto, por exemplo, pondo de parte conjecturas mais ou menos fundamentadas, sabemos que em 1641 se forneciam conhecimentos cirurgicos no hospital da Misericordia. Um assento da mesa da Santa Casa, datado n'esse anno, noticía que se mandou reprehender o cirurgião Antonio Sucarello por mandar

---

[1] [illegible] ...mento ... [illegible]
[illegible] I, pag. 3[illegible]

fazer o curativo das feridas pelos praticantes [1]. Este Antonio Sucarello Claramonte era homem habil na cirurgia, perito em destillações e na confecção de balsamos, unguentos e essencias, mas tornára-se notavel sobretudo «na cura de carnosidades, pedra e arterias picadas». Por este motivo foi nomeado, em 4 de junho de 1647, cirurgião do partido do Senado lisbonense, por haver falta de quem possuisse taes conhecimentos na cidade banhada pelo Tejo. A cidade, porém, pouco tempo pôde aproveitar-se dos conhecimentos do notavel cirurgião, visto que este falleceu a 9 de setembro de 1649 [2].

Fôra para desejar que todos os cirurgiões fossem sujeitos ao curso do Hospital de Todos os Santos, apezar de incompleto como era. Não succedeu assim, porque é mais que problematico que, mesmo quando se quiz restringir o exercicio da cirurgia aos que cursassem n'aquelle estabelecimento, se conseguisse tornar effectiva a disposição da lei.

Recorda-se o leitor de que, nos termos do regimento do cirurgião-mór do reino de 25 de outubro de 1448 e da sentença de 17 de março de 1486, um simples exame perante o cirurgião-mór dava o direito ao exercicio da clinica cirurgica [3]. Nada d'isso foi alterado fundamentalmente no periodo que estudamos, mas o regimento do cirurgião-mór de 12 de dezembro de 1631 estabelece um certo numero de providencias novas que convem rememorar.

D'este documento conclue-se que o alludido funccionario ia visitar o paiz por mandado real, guardando n'essa inspecção as instrucções seguintes:

O cirurgião-mór assentaria n'um livro os nomes de todos os cirurgiões a quem passasse provisões. A pena em que incorriam os que exercitavam illegalmente a cirurgia era a mul-

---

[1] José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, *Noticia biographica do Conselheiro Francisco d'Assis Sousa Vaz*. Porto, 1873, pag. 11.

[2] Freire d'Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, v, pag. 75 e seg.

[3] Vid. pag. 80.

ta de 10$000 reis, mas quando fossem reincidentes seriam desterrados para fóra de villa e termo. Os que sangrassem sem haverem sido examinados pagariam de multa dez cruzados. Finalmente, a penalidade das parteiras e das pessoas que, sem licença, «concertavam braços e pernas e davam suadouros, tiravam dentes e curavam doidos», era de dois mil reis.

O exame de habilitação era feito por maneira differente da seguida até alli. Em vez de ser unicamente o cirurgião-mór o examinador, este funccionario escolheria dois cirurgiões com os quaes formaria o jury de exames. Á prova não seriam admittidos senão os que soubessem latim e tivessem praticado no hospital da localidade e, não o havendo, provassem que tinham estudado quatro annos com algum cirurgião. Do jury não podia fazer parte quem houvesse ensinado o praticante de cirurgia.

Para os exames de sangria escolheria o cirurgião-mór dois barbeiros que com elle formariam a mesa de exame. O candidato a sangrador, para ser admittido, devia ter estudado dois annos e demonstraria praticamente os seus conhecimentos.

Similhantemente seriam examinadas as parteiras e os algebristas, passando o cirurgião-mór a todas estas diversas cathegorias de cirurgiões os titulos respectivos, por cada um dos quaes receberia uma determinada quantia, variavel com essas cathegorias.

Independentemente d'estes individuos, outros havia, diz o alvará, que sabiam curar certas enfermidades particulares, como alporcas, chagas, feridas simples e outras similhantes sem serem cirurgiões. Tambem esses seriam examinados em presença de duas pessoas que soubessem curar [1].

Assim permaneceram as coisas durante algum tempo. A ideia, porém, de organisar em Lisboa uma escóla modelo de cirurgia parece ter feito grande impressão em D. João V, que na realidade, como teve occasião de vêr-se, fez todos os es-

---

[1] Collecção Almeida citada.

forços para dotar o Hospital Real de Todos os Santos com excellentes professores que, com grande dispendio, tinha mandado vir do extrangeiro.

Em 1732 era professor de anatomia n'aquelle estabelecimento Bernardo Santucci, que no desempenho das suas obrigações foi zeloso e solicito. D. João V determinou por um decreto de 4 de fevereiro d'esse anno que nenhum praticante pudesse ser examinado pelo cirurgião-mór, sem que lhe apresentasse certidão de Santucci, em que este declarasse que, pelo que dizia respeito á anatomia, o julgava capaz de exercer a cirurgia.

Mas, como anteriormente, esta disposição deixou de ser cumprida. D'uma provisão datada de 1740, apenas oito annos depois, vê-se que os exames continuavam a ser feitos como determinava o regimento de 1631, apenas com a differença de que, para evitar o trabalho e gastos que tinham os praticantes de cirurgia em virem fazer os exames a Lisboa, era o cirurgião-mór do reino auctorisado a nomear commissarios que, em companhia d'outros cirurgiões, se encarregavam de proceder aos exames [1].

Esta disposição era já antiga, como se conclue dos dizeres da citada provisão: « e assim tambem fôra servido conceder aos mesmos Cirurgiões-Móres faculdades para poderem nomear por todas as terras cirurgiões approvados, os quaes com outros cirurgiões... pudessem fazer os exames áquellas pessoas que queriam seguir e exercitar esta arte ». Em nada repugna a supposição de que, immediatamente ao regimento de 1631, se determinasse essa nomeação de delegados, com os quaes se podia fazer o serviço de exames com maior facilidade e commodidade dos praticantes.

O ensino da cirurgia n'este periodo vê-se que melhorou. Se em parte o modo de habilitação se conservou estacionario, não é menos certo que tinhamos um hospital de primeira ordem, onde professores habilitados iniciavam os estudantes na

---

[1] Provisão de 17 de agosto de 1740, in Collecção Almeida.

pratica cirurgica, e onde anatomicos de notavel merito os ensinavam a perscrutar no cadaver as relações que os orgãos mantêm entre si.

Que a organisação do ensino não era a mais adequada e que a falta de preparação dos alumnos se devia fazer sentir notavelmente julgamol-o verdadeiro, mas a variedade de casos que os praticantes tinham de vêr e um methodo rigoroso no ensino da anatomia, pelo menos durante o tempo em que alguns dos professores o dirigiram, fizeram levantar notavelmente o nivel dos estudos cirurgicos em Portugal. Como veremos, a litteratura de então mostra-nos grande numero de escriptores dedicados a este ramo das sciencias medicas, alguns dos quaes tinham cursado no Hospital de Todos os Santos.

Deve todavia dizer-se desde já que as condições que, logo em seguida ao seculo XVI, determinaram uma decadencia notavel da instrucção em Portugal se fizeram sentir durante muito tempo nos estudos cirurgicos, e para vêrmos até que ponto isto chegou, bastará dizer que, pouco antes de 1761, no grande Hospital de Todos os Santos, não havia um unico instrumento de cirurgia [1].

Mas este ponto ha de ser mais desenvolvido no decurso d'este trabalho.

[1] Jorge Francisco Machado de Mendonça, op. cit., pag. 16.

CAPITULO IV

A Renascença. — Factos por que se affirma na historia da medicina portugueza. — Circumstancias que obstaram ao progresso dos estudos medicos. — Exame das doutrinas reinantes no seculo XVI: Anatomia; Pathologia cirurgica; Therapeutica; Pathologia medica; Hygiene e Deontologia medica.

O movimento intellectual da Renascença, que é opinião de criticos illustres ter tido escasso reflexo na nossa historia litteraria, não deixou de se manifestar na medicina nacional.

O seculo XV tinha sido fecundo em importantes acontecimentos. A tomada de Constantinopla em 1453 fez affluir á Italia grande numero de sabios que ensinaram o grego e traduziram para latim algumas obras de Hippocrates. Data d'essa época a descoberta d'alguns manuscriptos que se haviam extraviado por completo, taes como as obras de Celso, de Paulo d'Egino, etc.

A descoberta d'estes manuscriptos seria, porém, de pequena utilidade para as sciencias medicas, se pouco antes se não realisasse a invenção da imprensa (1440). D'este modo cada um dos manuscriptos conquistados não teria apenas o pequenissimo numero de leitores que a maior ou menor somma de copias lhes podia assegurar, mas podia ser largamente espalhado e por um preço limitadissimo. Assim se foram vulgarisando os classicos. Veiu em primeiro logar Celso, se-

guiu-se-lhe Galeno, imprimiu-se a obra toda de Avicena; de Hippocrates, porém, apenas se publicaram alguns pequenos fragmentos.

Concorrentemente, a descoberta da America em 1492, trazendo comsigo uma doença nova, ou pelo menos com novas particularidades no seu desenvolvimento, devia produzir uma influencia salutar nos espiritos, obrigando-os a julgarem por si, em vez de se limitarem aos commentarios mais ou menos felizes dos auctores antigos.

A descoberta d'um novo caminho para as Indias devia igualmente acarretar desenvolvimento notavel á parte pharmacologica da medicina, tornando mais faceis as viagens áquellas fertilissimas regiões que desde então começaram a ser exploradas scientificamente.

A restauração da Universidade e a creação do Hospital de Todos os Santos creavam condições favoraveis ao desenvolvimento da instrucção medica no nosso paiz. A excellencia dos professores escolhidos, trazidos da Italia, da França e da Hespanha, contribuiria poderosamente para este resultado.

A Renascença affirma-se, na historia da medicina, no seculo XVI. Para a emancipação das letras e das artes bastam, como diz Daremberg, o genio, a inspiração e um meio propicio; mas para uma sciencia tão vasta como a que cultivamos, é necessario que descobertas successivas, experiencias concordantes venham determinar uma d'estas transformações radicaes a que nunca poderia chegar o espirito mais poderoso, quando abandonado aos seus proprios recursos. Tal a razão por que chronologicamente a Renascença scientifica vem retardada sobre a litteraria e artistica.

Estudando este movimento no campo das sciencias medicas, descobrem-se como seus elementos principaes o renascimento da medicina hippocratica e o desenvolvimento dos estudos anatomicos. Entre nós, deve-se-lhes juntar a exploração da flora da India, trazendo novas e valiosas conquistas para a therapeutica.

O renascimento da medicina hippocratica em Portugal deve-se principalmente, como haverá occasião de vêr, ao medico

francez Pedro Brissot, que, emigrando da sua patria, se acolheu á nossa. Secundaram-n'o os professores Antonio Luiz, Cuellar, Reinoso e Rodrigues da Veiga. Mais tarde, Garcia Lopes ha de criticar as proprias doutrinas hippocraticas, com uma independencia fóra do commum.

A restauração dos estudos anatomicos, ou antes a sua introducção no nosso paiz, é devida principalmente a um extrangeiro, Affonso Rodrigues de Guevara, o professor de anatomia da Universidade, que mais tarde passou a ensinar em Lisboa no Hospital Real de Todos os Santos. Já a esse tempo, porém, nacionaes haviam feito esforços para darem a esta parte da medicina a importancia a que tem inquestionavel direito.

O que é obra exclusivamente nacional é a exploração scientifica das producções indianas. Thomé Pires, Garcia da Horta e Christovão da Costa foram os primeiros que deram a conhecer ao mundo moderno as variadas producções d'aquellas feracissimas regiões. Os trabalhos de Garcia da Horta e Christovão da Costa encontraram em Charles de l'Ecluse um vulgarisador de tal importancia que, sem elle, certamente não teriam a influencia que tiveram na medicina europêa. Não o escondamos, confessando assim ao sabio botanico a divida de gratidão que para com elle contraímos.

Se estes são os factos mais importantes pelos quaes se affirma entre nós a Renascença dos estudos medicos, ha de vêr-se que não são os unicos. Não querendo sacrificar em demasia a um patriotismo enthusiasta, seria em todo o caso injustiça flagrante não lembrar, n'este curto prologo ao estudo minucioso dos escriptores medicos do seculo XVI, os trabalhos de Rodrigo de Castro e Henrique Jorge Henriques.

Rodrigo de Castro deve ser considerado, como lhe chama um seu illustre biographo, o creador da gynecologia. Na sua obra foram forragear, ainda em nossos tempos, os mais distinctos cultores d'esta especialidade. Os materiaes que serviram á construcção d'este importante monumento scientifico foram colhidos na sua maior parte no nosso paiz. Além do seu merecimento intrinseco, é portanto uma obra verdadeiramente nacional.

O *Retrato del perfecto medico* é um livro que não teve igualmente muitos analogos na litteratura medica. D'uma erudição vastissima tanto litteraria como scientifica, este codigo deontologico abraça um sem numero de questões, qual d'ellas mais importante. Nas suas paginas muito ha que estudar ainda hoje, tal é a profundeza de vistas, a vastidão de horisontes que abre ao espanto do leitor. Morejon fórma d'esta obra um juizo tão elevado que suspeita que Gregory o copiou, ao occupar-se do mesmo assumpto: «y en efecto, si se coteja una y otra obra, se verá la semejanza que hay entre los dos, hasta en el orden de las materias que se esplican en cada capitulo, aunque aquel no desempeñó su objecto tan bien y cumplidamente como Enriquez... Ultimamente, si comparamos la obra que acabo de mencionar, con las de los modernos estranjeros que han escrito sobre el mismo asunto, observaremos que la doctrina de nuestros españoles en nada es inferior a la de aquellos, puesto que contiena cuanto puede apetecerse y hay digno de estudiarse. Ojalá que todos los medicos jovenes se persuadiesem de la importancia de la moral que aquellas obras encierran, para que de este modo puedan merecer el honroso titulo de medicos filosofos y cristianos, y no el de *medicastros* con que los marca el sabio y virtuoso Huffeland!» [1]

Em poucas palavras esboçamos a physionomia da medicina portugueza no seculo XVI. Tambem rapidamente exporemos as causas que tolheram o seu desenvolvimento ulterior e soffrearam quasi na origem o impulso de renovação. Essas causas nada têm de particular para a medicina: foram as que se exerceram sobre toda a actividade productiva da vida nacional.

A expulsão dos judeus foi certamente um dos factores mais poderosos da decadencia em que caíram os estudos medicos. Eram os judeus em extremo dados ás letras e sciencias e em Portugal alguns sobresaíram por notaveis merecimentos.

---

[1] Morejon, op. cit., II, pag. 165 e 166.

Decretada a sua expulsão, muitos abandonaram o territorio onde haviam nascido, emquanto outros, ou porque os seus interesses o reclamavam, ou porque lh'o pedia a propria consciencia, abjuraram e entregaram-se á pratica do christianismo.

A guerra que moveram depois aos *christãos novos* o povo fanatisado e o clero corrompido, que lançava como meio de convencimento do potro e da fogueira, é um dos espectaculos mais odiosos que o seculo XVI em seu meado nos offerece. Essa guerra afugentou do nosso paiz homens que são hoje das suas glorias mais legitimas. Circumscrevendo-nos ás sciencias cuja historia intentamos, bastará citar Amato Lusitano, Luiz Nunes, Dionisio, Manuel Brudo, Rodrigo de Castro, Estevão Rodrigo de Castro, etc.

Estes homens, além d'outros que se torna ocioso enumerar, deveriam, no nosso paiz, actuar profundamente no desenvolvimento das doutrinas medicas, se a fatal influencia da intolerancia religiosa, a mais violenta de todas as intolerancias, os não obrigasse a retirarem-se do paiz, como unico meio de segurança individual.

O estabelecimento da Inquisição não prejudicou o desenvolvimento da instrucção apenas pelo modo que fica indicado. Considerando toda a actividade do pensamento como uma heresia e dispondo de poder efficaz, não para a aniquilar, mas para se oppôr á sua expansão, o terrivel tribunal tolhia todo o progresso, toda a innovação parecia suspeita, a simples troca de ideias era um facto punido cruelmente. Bastará citar a vida de Damião de Goes como exemplo do que dizemos. A acceitação por parte de Portugal do *Index expurgatorio,* creado pelo papa Leão X, mais accentuou esta reacção contra o espirito novo, suffocando-o por tal fórma que Alexandre Herculano pôde escrever do seculo XVI «seculo corrupto e feroz, de que ainda hoje o absolutismo, ignorante do seu proprio passado, ousa gloriar-se, e que, tendo por inscripção no seu adito o nome obsceno do papa Alexandre VI, e por epitaphio em seu termo o nome de Philippe II, póde, em Portugal, tomar tambem para padrão que lhe assignale metade do curso o nome

de um fanatico, ruim de condição e inepto, chamado D. João III» [1].

Outra influencia notavelmente accentuada e que actuou concordantemente com a anterior foi a dos jesuitas. É certo que a sua perniciosa intervenção tem sido exaggerada, mas na realidade prejudicou consideravelmente o desenvolvimento das sciencias. Apoderando-se lenta, mas completamente do ensino, tornando, por meio de multiplicadas reformas dos estatutos da Universidade, effectiva e permanente a sua dominação, os jesuitas aproveitaram-se d'ella para paralysarem qualquer tentativa de progresso e de renovação. A philosophia aristotelica que elles concorreram para conservar nas nossas escólas, tambem a seu turno immobilisou o espirito em luctas e pugnas completamente estereis.

O *Compendio Historico,* desejoso de imputar apenas aos jesuitas a decadencia em que as sciencias estavam entre nós nos fins do seculo XVI, anda erradamente. Mostramos já a influencia da expulsão dos judeus e do estabelecimento da inquisição, mas lembraremos tambem, sem nos demorarmos na sua apreciação, que o abalo da monarchia portugueza em Alcacer-Quibir deprimindo o espirito publico, e o começo da dominação castelhana, concorreram para este abatimento. Por outro lado, já indicamos a respeito da Universidade, circumstancias locaes que a collocavam em condições de não poder satisfazer tão completamente como era para desejar a missão que lhe estava confiada. A cubiça e a avareza da physicatura-mór do reino faria o resto.

ANATOMIA

Os estudos anatomicos inaugurados no Hospital Real de Todos os Santos, logo na sua creação, desenvolveram-se no

---

[1] *Historia da origem e estabelecimento da inquisição,* 3.ª edição, 1879, III, pag. 353.

meado do seculo, em que foram nomeados professores de anatomia Duarte Lopes e Pedro Lopes Cardoso. Mais se estenderam e progrediram depois que D. João III creou uma cadeira de anatomia em Coimbra e a confiou a Affonso Rodrigues de Guevara.

Guevara era natural de Granada, e depois de ter estudado em Siguenza, onde tomou o gráu de licenciado [1], foi para a Italia e ahi se demorou dois annos, aperfeiçoando-se no estudo da anatomia. Voltando a Hespanha forcejou por que se vulgarisasse esta sciencia na peninsula, e, depois de consultadas as universidades de Alcalá e Salamanca, que foram de opinião que a anatomia era necessaria não só ao cirurgião mas tambem ao medico, obteve uma cadeira na universidade de Valladolid.

Durou o primeiro curso vinte mezes e deveria ter começado em 1548 [2]; a elle assistiu grande numero de medicos e cirurgiões illustres, entre os quaes Daza Chacon e Bernardino Montana de Monserrate que, de 70 annos e molestado da gotta, compareceu em todas as lições [3].

---

[1] Francisco Carneiro de Figueiroa, *Memorias da Universidade de Coimbra*, in *Annuario da Universidade*, 1878-79, pag. 235. — Bernardino Montana de Monserrate, no seu livro *De la anatomia del cuerpo humano*, Valladolid, 1551, fol. III, chama-lhe apenas bacharel.

[2] Fixo esta data pelas razões seguintes: Se Daza Chacon assistiu ao curso de Guevara, deveria ter sido entre a sua chegada a Hespanha em 1548 na companhia do imperador Maximiliano e a retirada d'este principe. Ora, para que o medico de Granada fizesse um curso de vinte mezes antes de ir a Coimbra em 1550 é indispensavel marcar em 1548 o começo d'esse curso. Talvez se possa tambem tomar, como confirmação do que affirmamos, dizer Montana de Monserrate, pouco antes de 1551, que quem quizer aprender anatomia vá a Montpellier, Bolonha ou Valladolid, *d'onde agora nuevamente se comiença a hazer muy artificiosamente, con autoridad del consejo de Su Magestad, por el bachiller Rodrigues* (fol. III da *Anatomia del cuerpo humano*). Se não é illusão nossa, a palavra *nuevamente* é a chave do enigma. Guevara ensinára vinte mezes até 1550, viera a Portugal n'este anno, e voltando a Hespanha novamente começára a ensinar.

[3] Prologo do livro de Guevara.

Ahi o foi surprehender o convite de D. João III offerecendo-lhe grandes honorarios para vir ensinar na Universidade de Coimbra que havia reformado. Veiu Guevara a Portugal em 1550 [1] e na presença do rei e da rainha D. Catharina, de quem mais tarde foi medico, manifestou os seus conhecimentos anatomicos, dissecando o coração d'um animal por espaço de tres horas. Não ficou ainda entre nós d'esta vez.

Encontramol-o em 1552 e 1554 em Valladolid [2]; mas, no 1.º de outubro de 1556, accedendo aos desejos do monarcha portuguez, começou a ensinar em Coimbra, regendo uma cadeira de medicina, juntamente com a de anatomia [3]. Existiria de certo entre nós o mesmo horror ás dissecções anatomicas que fez dizer a João Valverde ser *cosa fea entre Españoles despedaçar los cuerpos muertos* [4]. O que é certo é que, referindo-se Guevara por varias vezes, no livro de que vamos dar conta, a dissecções feitas em cadaveres humanos, e marcando geralmente os logares em que as realisou, nunca diz tel-as effectuado na nossa Universidade, o que põe em duvida que em Coimbra ensinasse anatomia no cadaver humano, ou pelo menos e mais provavelmente leva a suppôr que raras vezes recorreu entre nós a este meio de estudo [5].

Pouco tempo permaneceu o medico de Granada na Universidade. Transferindo a sua residencia para Lisboa, foi nomeado, em 21 de outubro de 1561, para o logar de physico do

---

[1] Dedicatoria á rainha D. Catharina.

[2] Pag. 257 e 269 do seu livro.

[3] Livro II dos Conselhos do Archivo da Universidade, fol. 258. Devemos á obsequiosidade do exc.mo snr. dr. Mirabeau a cópia do documento que nos permitte affirmar o que se lê no texto.

[4] Juan Valverde, *Historia de la composicion del cuerpo humano*. Roma, 1556 — Dedicatoria.

[5] As referencias a dissecções em Coimbra no livro de Guevara são duas: uma é a que já fica citada, em que relata a dissecção do coração d'um certo animal; outra é a seguinte: «At nos hunc pugnantium ex diametro renunsitum, nom solum hic in vniversitate Conimbrica, in vno aut altero animali animaduertimus, doctissimos que ad stantes viros ut oculatissimè inspicerent monuimus...», pag. 269.

Hospital Real de Todos os Santos, sendo ao mesmo tempo encarregado de ensinar a anatomia aos praticantes. Ahi permaneceu até 1578, em que foi escolhido para acompanhar D. Sebastião á Africa, mas, se o fez, como é provavel, não teve a sorte do desditoso monarcha, e regressou a Portugal [1].

A ultima noticia que d'elle obtivemos dá-o como vivo ainda em 1584, anno em que Filippe I lhe fez differentes mercês, em attenção a serviços prestados por occasião d'uma epidemia [2].

Guevara deu á luz duas obras, uma das quaes é rara e a outra impossivel de encontrar [3].

A primeira [4] — a unica que vimos — é uma defeza de Galeno nos pontos em que Vesalio o impugnou, e como que a amostra d'um trabalho de maior folego que Guevara havia começado a escrever sobre os livros do medico de Pergamo que tratam da utilidade das partes [5].

---

[1] Alfredo Luiz Lopes, *O Hospital de Todos os Santos*, pag. 15.

[2] J. A. Serrano, *Tratado de osteologia humana*, I. Lisboa, 1895, pag. XIX.

[3] É assumpto controverso entre os bibliographos se existe uma obra de Guevara com o titulo *De re anatomica*, impressa em Coimbra em 1592. Na nossa dissertação inaugural pronunciamo-nos pela negativa, suppondo, com Morejon, que se tratasse d'uma nova edição do livro que vamos analysar, impresso em 1559. Estamos hoje persuadidos do contrario, principalmente pelo testimunho de Camillo Castello Branco, que não citava de falso. No *Regicida*, pag. 27 e 28 da 3.ª edição, ha uma referencia ao livro de Guevara *De re anatomica*, pag. 488, columna 1.ª Ora a obra de que vamos fallar tem 298 paginas e mais 14 innumeradas de prefacios, e 9 tambem innumeradas de indices, etc., e não é impressa em duas columnas. A *De re anatomica* é portanto obra differente.

[4] Alphonsi | Rod. de gueuara | Granatensis, | *In Academia Conimbricensi* | *rei medicæ* | *professoris, & Inclytæ Reginæ medici* | *physici, in pluribus ex ijs quibus* | *Galenus impugnatur ab An* | *drea Vesalio Bruxelēsi* | *in cōstructione & vsu* | *partium corporis* | *humani, de* | *fensio:* | *Et nonnullorum quæ in anatome deficere* | *videbantur supplementum.* Conimbricæ. | Apud Joan. Barrerium. Typographũ Regium MDLIX. (Existe nas Escólas Medicas do Porto e Lisboa).

[5] Prologo do livro de Guevara.

Acha-se dividida em tres livros [1]. No primeiro occupa-se de pequenas discrepancias entre Galeno e Vesalio a respeito da descripção de alguns ossos, prova que o medico de Pergamo conhecia perfeitamente o orgão do ouvido, e que este satisfaz ao fim para que foi creado, colligindo-se que fizera dissecções em cadaveres humanos para estudar este assumpto; occupa-se da descripção dos musculos, pondo em relevo o que lhe haviam feito reconhecer as dissecções que fizera em Valladolid, e demonstrando por vezes que Galeno e Vesalio se enganaram, como succede quando trata dos musculos que movem as palpebras, e quando descreve os do abdomen, fundado em observações suas; e finalmente expõe a physiologia da respiração, detendo-se na explanação do papel das costellas e dos musculos intercostaes. Nos diversos capitulos que formam este livro, ao contrario dos intentos que Guevara manifesta de defender Galeno das accusações de Vesalio, o que prevalece é o que a observação do cadaver lhe havia revelado, e essa nem sempre é favoravel a qualquer dos dois grandes anatomicos cuja contenda pretendia derimir.

Entremos no livro segundo. N'esse se occupa o medico de Granada das tunicas das veias e do papel d'estas na sanguinificação, havendo praticado vivisecções com o fim de resolver este ponto; falla da origem da veia cava, propondo-se resolver se nasce do coração ou do figado, e decidindo que tem como origem esta viscera, cujo papel na hematose encarece; procura estabelecer as indicações da sangria n'algumas doenças, e entre ellas na pleuresia, questão sobre todas grave, pela divergencia que a esse respeito havia entre as doutrinas dos arabes e dos gregos; refere-se ás valvulas das veias [2] cujo estudo profundára; descreve com minuciosidade os seios da dura-mater e dá ideia exacta da distribuição das arterias no

---

[1] Os dois historiadores de medicina hespanhola, Morejon e Chinchilla, dizem que a obra contém apenas dois livros. Haverá alguma edição n'estas condições?

[2] Vejam-se adiante estas duas questões.

cerebro; expõe as opiniões reinantes sobre o sentido do olfacto e impugna-as, passando a tratar das pulsações cerebraes nas creanças, e mostrando estarem subtrahidas á influencia da vontade; finalmente, occupa-se ainda de particularidades anatomicas relativas aos nervos optico e auditivo. Como no primeiro livro, expõe a doutrina de Galeno e Vesalio, mas a opinião por que se decide nem sempre se accorda com a de qualquer d'elles, manifestando um espirito de independencia scientifica que, a despeito do receio com que se evidencía, é para assignalar.

No terceiro livro, occupa-se do peritoneu, mostrando que na sua descripção havia inexactidões em Galeno e Vesalio; trata do estomago e dos intestinos, e, fallando de glandulas, diz ter observado a lactação no homem, n'uma povoação de Hespanha chamada Illana [1]; descreve o figado, e na sua descripção refere-se ás dissecções que realisára em Valladolid; expõe a anatomia do baço e dos rins, soccorrendo-se do que vira em Coimbra e na Hespanha nos animaes e no homem [2]; passa a occupar-se da fabrica dos olhos, manifestando conhecimentos não vulgares na sua descripção; e termina por apontar algumas inexactidões de pequena monta commettidas por Vesalio.

A obra de Guevara deve parecer, por esta singela exposição, descozida e sem nexo. Em grande parte assim é; mas o reparo não tem grande valor, desde que nos recordemos de que se não trata d'um trabalho didactico, mas d'um livro de critica, em que o auctor segue a ordem de antemão indicada pela obra que trata de analysar. Quando se não julgue producente esta circumstancia attenuante, o defeito fica largamente compensado pela exactidão com que são feitas algumas descripções, pela imparcialidade com que critíca e sobretudo pela independencia com que se emancipa — incompletamente é certo — do fetichismo galenico de que dão prova a maior parte

[1] Pag. 246.
[2] Pag. 269.

dos escriptores medicos do seculo XVI. Por justificada temos portanto a opinião de Morejon, que diz que esta obra é «digna de todo o elogio, e curiosissima, e que a sua leitura póde abater o orgulho de alguns presumpçosos que pensam que antes d'elles nada se sabia, principalmente em anatomia» [1]. Nenhum fundamento se encontra na asserção de Chinchilla de que a obra de Guevara é copiada de Valverde [2]; e, ainda que o fosse, a todos poderia o facto causar estranheza, excepto áquelle historiador que affirma haver razões para suppôr que aquelle collaborou na obra d'este [3], asserção igualmente infundada e até desmentida pela leitura das obras dos dois anatomicos.

Recentemente o professor Serrano aprecia a obra de Guevara pela fórma seguinte: «Em summa bastaria o inferir-se d'este livro que o professor conimbricense possuia de raiz as obras de Galeno e os trabalhos de Vesalio, para dever affirmar-se que conhecia ao mesmo tempo a velha e a nova anatomia. Ora, se accrescentarmos que a sua sciencia tinha um fundo de observação pessoal, colhida em dissecções humanas e animaes — o que é comprovado, a não deixar duvidas, por multiplas passagens — póde afoitamente ter-se por certo que Affonso de Guevara foi homem superior no ramo que exercitou» [4].

Fallando-se de anatomia, occorre logo o nome d'um portuguez, notavel por muitos outros titulos, João Rodrigues de Castello Branco, mais conhecido pelo nome de Amato Lusitano.

Amato Lusitano nasceu em 1511, em Castello Branco [5]. Nada pudemos averiguar sobre os seus ascendentes, mas

---

[1] Morejon, *Historia Bibliografica de la medicina española,* III, pag. 93.

[2] *Historia de la medicina española,* II, pag. 61.

[3] Op. cit., II, pag. 88.

[4] J. A. Serrano, op. cit., pag. XXIII.

[5] Fim da cur. 100 da Cent. 4.ª; *In Dioscoridis Enarrationes,* ed. de Lugduni apud Viduam Balthazaris Arnoletti, 1558, lib. II, en. 157, pag. 404.

da familia apura-se que tinha dois irmãos, um dos quaes se chamava Pedro Brandão e residia em Almeida [1] e o outro José Amato [2]; e um sobrinho Brandão, nascido em Santarem, que por instancias do tio foi estudar philosophia e medicina para a Italia, onde se encontrou com elle, e exerceu mais tarde a medicina em Bristol [3].

Muito novo ainda foi para Salamanca [4], onde os estudantes portuguezes tinham uma especie de collegio com a invocação de Santa Maria da Veiga [5]. Ahi teve como professores Pintiano que lhe ensinou *boas letras* [6]; Pontano e Olivares que o exercitaram na cirurgia [7] e o celebre Alderete que lhe explicou medicina [8].

Se teve a felicidade de encontrar mestres illustres, contou por companheiros homens que depois haviam de illustrar o proprio nome, e o do paiz que lhes dera origem. Foram elles o portuguez Luiz Nunes que, depois de ter sido professor nas Universidades de Lisboa e Coimbra, foi para Antuerpia [9]; Christovam Orosco a quem se devem algumas obras de medicina e que veiu a ser cathedratico da faculdade em que estudára [10], salientando-se a todos André Laguna que os hespanhoes justamente consideram como uma das suas maiores glorias scientificas [11].

Aos dezoito annos, e portanto em 1529, confiaram-lhe os

---

[1] *In Dioscoridis*, lib. IV, en. 157, pag. 711.

[2] Cent. 4.ª, cur. 49.

[3] Cent. 5.ª, cur. 4, 6, 16; e cent. 6.ª, cur. 55. Além d'estes membros da sua familia a quem Amato se refere, Barbosa Machado diz que Filippe Montalto foi irmão d'elle. Na *Optica* d'este escriptor, unica obra que d'elle vimos, nada encontramos que confirmasse esta asserção.

[4] Cent. 1.ª, cur. 11 e passim.

[5] *In Diosc.*, lib. I, en. 110, pag. 148.

[6] Id., lib. III, en. 94, pag. 512.

[7] Cent. 6.ª, cur. 100.

[8] Cent. 1.ª, cur. 11 e passim.

[9] *In Diosc.*, lib. I, en. 137, pag. 191.

[10] Id., lib. III, en. 87, pag. 505. — Morejon, op. cit., II, pag. 270.

[11] Cent. 1.ª, cur. 3, etc.

*

seus mestres de cirurgia duas enfermarias nos hospitaes de Santa Cruz e Santa Branca, o que dá testemunho bastante da elevada consideração em que era tido [1], devendo pelo mesmo tempo ter concluido o seu curso medico, como já concluira o cirurgico.

N'esse mesmo anno de 1529, deu entrada em Portugal, em companhia do seu amigo Luiz Nunes [2]. Pouco depois, estava em Santarem, onde na presença de grande numero de homens dados ás letras defendeu, no convento de S. Domingos, umas conclusões publicas [3].

Desde essa época viajou por todo o paiz, havendo noticia de ter estado em Coimbra, Santarem, Esgueira, proximo de Aveiro, Lisboa, Sabugal, Estremoz, Oeiras, Abrantes, Guarda, Evora, Almeida, Niza e Alcacer do Sal [4]. É de crêr que o motivo que o levava a emprehender estas viagens fosse conhecer as plantas indigenas de que mais tarde havia de mostrar tanto conhecimento.

Sobre os motivos que o levaram a abandonar a patria, não erram os que attribuem este facto a receio á inquisição. Os judeus conheciam o que se passava na côrte de Roma e Amato, como elle proprio diz, presagiava o que estava para acontecer [5] aos christãos novos como elle era, depois que foi assignada em 1531 a bulla que creava a inquisição em Portugal [6].

---

[1] Cent. 6.ª, cur. 100.

[2] *Diosc.*, lib. I, enc. 137, pag. 191. — Luiz Nunes, a 4 de dezembro de 1529, já era substituto de philosophia na Universidade de Lisboa.

[3] Cent. 4.ª, cur. 70.

[4] Respectivamente são citadas estas localidades em *Diosc.*, lib. IV, en. 157, pag. 711; Cent. 1.ª, cur. 47; Cent. 2.ª, cur. 39; Cent. 2.ª, cur. 31; *Diosc.*, lib. II, en. 105, pag. 338; Id., lib. I, en. 158, pag. 220; Id., lib. II, en. 77, pag. 309, Id., lib. II, en. 129, pag. 373; Cent. 3.ª, cur. 13; Cent. 3.ª, cur. 56; *Diosc.*, lib. IV, en. 157, pag. 711; Id., lib. II, en. 157, pag. 404; Id., lib. V, en. 119, pag. 804.

[5] *Diosc.*, lib. I, en. 137, pag. 191.

[6] A inquisição foi creada em Portugal por uma bulla de 17 de dezembro de 1531. Foi suspensa pelo breve de 17 d'outubro de 1532; e novamente posta em vigor pela bulla de 23 de maio de 1536.

A sua saída do paiz deve ter-se effectuado em 1534, e tudo leva a crêr que a ultima localidade em que residiu foi Lisboa, onde clinicou e onde conheceu o cirurgião portuguez Filippe, verdadeiro ou supposto inventor do methodo de curar os apertos da urethra pelas velinhas [1].

Fixou a sua residencia em Antuerpia, em 1534; e ahi permaneceu sete annos [2] durante os quaes exerceu largamente a clinica e teve occasião de travar relações com grande numero de medicos e homens notaveis que alli residiam ou lá foram parar. Ahi conheceu aquelle celebre Dionysio que tinha sido physico-mór de D. Manuel e cujo nome anda ligado á questão do tratamento da pleurisia pela sangria que ha de ser tratada n'este livro [3], ahi travou conhecimento com seu filho Manuel Brudo, a quem se deve um tratado notavel sobre dietetica [4]; ahi tratou Luiz Vives, o grande humanista hespanhol, [5] d'um rheumatismo gottoso das mãos; ahi conheceu Severino Christiano, medico dinamarquez de grande nomeada que estudára em Paris [6] e Jeronymo, medico portuguez que, por mandado real, foi para a India [7]; e ahi tratou, entre outras pes-

---

[1] Este ponto parece averiguado pela referencia que Amato faz á tomada de Tunis por Carlos v, em 1535, *eo ferè anno quo Tunetum... Cæsaris auspiciis subjecta est;* mas a saída não póde ser marcada mais tarde do que em 1534, porque n'este anno estabeleceu residencia em Antuerpia, como se verá. Oppõe-se a esta chronologia uma passagem d'Amato. Na Centuria 5.ª, cur. 78, diz elle: «*Qui mecum olim, ab hinc vigesimum quintum annum, Oceanum navigavit, nunc Pisaurum venit*». Sendo isto escripto provavelmente em 1556, tenderia a fixar-se a saída do medico portuguez em 1531; mas nada prova que a navegação pelo Oceano fosse a sua partida para o extrangeiro e, sendo-o, era impossivel achar-se em Lisboa pouco mais ou menos ao tempo que Tunis caíu.

[2] *Diosc.*, lib. I, en. 137, pag. 191.

[3] Cent. 1.ª, cur. 2.ª

[4] *Diosc.*, lib. II, en. 101, pag. 334.

[5] Cent. 1.ª, cur. 99.

[6] *Diosc.*, lib. IV, en. 91, pag. 741.

[7] Id., lib. IV, en. 91, pag. 741. Seria talvez o medico Jeronymo Dias que a Inquisição queimou em Goa em 1543.

soas, aquelle Manuel Cirne, feitor de D. João III, que lhe deu de honorarios pelo tratamento d'umas simples febres terçãs trezentos ducados d'ouro [1].

Durante a sua residencia em Antuerpia, deu á luz, com o nome de João Rodrigues de Castello Branco, a sua primeira obra [2] que é um commentario sobre os dois primeiros livros de Dioscorides, e em que dá conta de muitas plantas indigenas de Portugal, ao mesmo tempo que menciona as producções das ilhas de S. Thomé e Madeira [3] e d'outras possessões portuguezas. Mais tarde, adoptou o nome de Amato Lusitano, á similhança do que em todos os tempos fizeram homens dados ás letras [4]. Durante o tempo que residiu na Belgica foi a Lovaina [5] e a Mechlen (Malines) [6].

Em 1541, deixa Antuerpia, seduzido pelas promessas de Hercules d'Este, duque de Ferrara. Desembarcando provavelmente em Genova [7], fixa a sua residencia em Ferrara, onde professa a medicina, explicando os textos de Hippocrates e Galeno [8]. Ahi trava amizade com Antonio Musa Brasavola, o grande medico, tão honrado pelo rei de França Francisco I [9], e com João Baptista Canano, illustre professor de anatomia, a quem se deve um tratado apreciado sobre os musculos [10]. Of-

---

[1] Cent. 1.ª, cur. 3.ª

[2] *Index Dioscoridis.* | *En candide Lector.* | *Historiales Di* | *oscoridis campi. Exegemataque sim-* | *plicium, atque eorundem Collationes* | *cum his quæ in officinis habentur, ne-* | *dum medicis, & Myropolio-* | *rum Seplasiariis, sed bona* | *rum literarum studio-* | *sissimis perqvam* | *necessarium* | *opus,* | Joanne Roderico Caste- | lialbi Lusitane autore | Excvdebat Antverpiæ vi | dua Martini Cæsaris MDXXXVI. |

O unico exemplar que vimos e de que temos conhecimento pertence á Bibliotheca Publica d'Evora.

[3] *Diosc.,* lib. II, en. 77, pag. 310.

[4] Id., lib. I, en. 166, pag. 230.

[5] Cent. 3.ª, cur. 65.

[6] *Diosc.,* lib. III, en. 81, pag. 499.

[7] Id., lib. I, en. 148, pag. 205.

[8] Cent. 6.ª, cur. 24.

[9] Cent. 1.ª, cur. 92.

[10] *Diosc.,* lib. II, en. 47, pag. 278.

ferecia-se-lhe ensejo em Ferrara para profundar os estudos botanicos a que era affeiçoado. Havia n'esta cidade um jardim magnifico pertencente ao opulento Marcos Pio, onde se encontravam plantas de raridade extrema, e de propriedades notaveis, e Amato aproveitou-se d'esta felicissima circumstancia [1]. Por outro lado, as suas relações de amizade com Canano permittiam-lhe investigar os segredos anatomicos, e vamos vêr que de facto a sciencia da organisação do homem lhe deveu grandes cuidados [2]. Não conhecendo os cirurgiões d'esta cidade a pratica das escarificações, Amato introduziu-as na cirurgia corrente [3].

Em maio de 1547 deixa Ferrara, e, tendo rejeitado promessas valiosas que lhe foram feitas para que fosse exercer a clinica na Romania e na Polonia, principalmente pelos receios que lhe causava o frio excessivo do seu clima [4], vai estabelecer residencia em Ancona [5], depois d'uma curta permanencia em Veneza, onde tratou Diogo de Mendonça, embaixador de Carlos V [6] e conheceu alguns dos medicos mais illustres d'esta cidade, taes como Orsato, Bartholomeu Labioso e Victor Trincavella, um dos restauradores da medicina grega na Italia [7].

Em Ancona permaneceu por algum tempo, e ainda ali o encontramos em maio de 1550 [8], mas n'este mesmo anno passou a Roma, onde clinicou e tratou entre outras pessoas o papa Julio III [9], em companhia do seu ex-condiscipulo André Laguna, que então estava no apogeu da sua nomeada. Não foi longa a sua permanencia em Roma. Ainda lá estava em 1 d'abril

---

[1] *Diosc.*, lib. I, en. 1, pag. 4.
[2] Cent. 1.ª, cur. 52.
[3] Cent. 1.ª, cur. 18.
[4] *Diosc.*, lib. V, en. 40, pag. 756.
[5] Id., pag. 112, v.
[6] Cent. 1.ª, cur. 1.ª
[7] Cent. 2.ª, cur. 74.
[8] Cent. 2.ª, cur. 20.
[9] Cent. 4.ª, cur. 19.

de 1551 [1], mas no anno seguinte temol-o de novo em Ancona [2].

Na ida e na volta passou por Florença que talvez fosse ponto forçado do seu itinerario [3], e ahi publicou a primeira das suas *Centuriæ curationum medicinalium*.

Eil-o em Ancona exercendo outra vez a clinica, tendo ensejo de encontrar e tratar o poeta portuguez Eduardo Gomes, notavel pela sua traducção de Petrarcha [4].

Demorar-se-ia por muito tempo n'esta cidade e n'ella talvez acabaria tranquillamente os seus dias, se não fosse a perseguição de que foi alvo da parte dos agentes de Paulo IV que recentemente subira ao solio pontificio e se mostrava rigorosissimo na repressão dos judeus. Vê-se obrigado a fugir, e na precipitação da fuga perde, além de riquezas e cabedaes, dois importantes manuscriptos, um dos quaes era o da Centuria 5.ª das suas curas medicinaes, que mais tarde pôde rehaver, e outro um *Commentario sobre a 4.ª Fen do livro primeiro d'Avicena* — que nunca se publicou [5].

A fuga realisou-se nos fins de 1555 [6] para Pesaro, onde Amato contava com a protecção de Guido Ubaldo, quarto duque de Urbino, de quem diz que na direcção da guerra era Marte, e Trajano na administração da justiça [7].

É Pesaro, cidade nobre e magnifica, rica em producções do solo de toda a especie: o seu clima é suave; o ar que alli se respira salubre e clemente, a brisa que a bafeja amena e branda. Tinha as condições necessarias para dar acolhida a um peregrino como Amato; mas ou fosse illudido nas suas esperanças de protecção, ou fosse esta baldada e inefficaz, o illustre medico pouco tempo esteve em Pesaro, tendo saído de

---

1 Fim da Centuria 2.ª, cur. 100.

2 Cent. 3.ª, cur. 57.

3 Cent. 2.ª, cur. 20, 49 e 78, e Cent. 3.ª, cur. 19, 43 e 52.

4 Cent. 5.ª, cur. 19.

5 Dedicatoria da Cent. 5.ª

6 Vigebat... solsticium hyemale, cent. 5.ª, cur. 73.

7 Cent. 5.ª, cur. 69.

lá entre fins de maio de 1556 e março de 1557 [1]. Em Pesaro achava-se então o cirurgião Abrahão Aloya, judeu portuguez, que assistiu com Amato a um gigante do Senegal [2].

Atravessando o Adriatico, transporta-se a Ragusa, cidade da Dalmacia, cujo senado lhe fizera em tempo offerta de grandes estipendios, que Amato recusára, como aos da Polonia e Roumania [3]. Mas a sua permanencia n'esta cidade foi curta e Amato continúa a sua vida de peregrinações, achando-se em 1559 em Salonica, na Turquia europêa, d'onde data n'este anno as suas duas ultimas Centurias.

Dera-se por então um facto importante, e que talvez explique esta retirada de Ragusa. Amato publicára em 1553 os seus Commentarios sobre Dioscorides, que em occasião opportuna serão analysados, e em que por vezes increpára Mattiolo de inexactidão, em termos que raras vezes se afastam do respeito e consideração que deve haver em polemicas scientificas. Não procedeu assim o medico italiano que, dementado pela colera, publicou um libello accusatorio contra o nosso conterraneo, em que lhe faz as mais odiosas imputações, e sobretudo uma que, nos tempos em que era feita, equivalia a uma sentença de morte, a de judaizar. A *Apologia adversus Amatum Lusitanum* é de 1558; por essa época se deve ter realisado a saída de Amato de Ragusa para Salonica. A coincidencia não póde deixar de impressionar, tanto mais que Mattiolo era um d'estes homens que não poupam os adversarios, antes procuram levantar-lhes sempre obstaculos e contrariedades. Haja vista a carta, que Morejon affirma ter visto, em que elle se dirige a D. Pedro Carnicer, proto-medico que foi dos reis catholicos, na persuasão de que tinha auctoridade sobre o nosso compatriota, e rogando-lhe que o contivesse na vehemencia das suas producções [4].

---

[1] Em fins de maio de 1556 estava em Pesaro (Cent. 5.ª, cur. 98); em 8 de março de 1557 achava-se em Ragusa (Cent. 6.ª, cur. 12).

[2] Cent. 5.ª, cur. 95.

[3] *Diosc.*, lib. v, en. 44, pag. 756.

[4] Morejon, *Historia bibliografica de la medicina española*, I, pag. 68.

Qualquer que tenha sido a influencia de Mattiolo nas desventuras de Amato, o medico portuguez, durante a sua residencia em Salonica, nenhum motivo tinha para occultar as suas crenças. Declara-se judeu e entrega-se ás praticas da sua religião. Protegido pelo seu correligionario Guedaliah Jachiia, aflue-lhe a clinica e honorarios [1]. Mas estava escripto que o destino do nosso Amato havia de ser sempre miseravel. A peste desenvolve-se em Salonica e o nosso medico morre gloriosamente — que outra gloria maior não existe na nossa profissão — assistindo aos empestados, em 21 de janeiro de 1568 [2].

Agora que esboçamos a biographia de João Rodrigues de Castello Branco, é tempo de vêrmos quaes os seus trabalhos anatomicos. Antes, porém, de proseguirmos, faremos notar que não se referem estes estudos ao nosso paiz e que foram feitos quando Amato residia no extrangeiro e sobretudo quando, em Ferrara, se havia ligado com o anatomico João Baptista Canano.

Em differentes observações suas, vêmos notado que procedeu ou fez proceder a autopsias cadavericas que, por um lado, lhe permittiam assentar opinião sobre particularidades d'anatomia normal, e, por outro, lhe faziam reconhecer as alterações pathologicas.

Em Ferrara, abriu a cavidade uterina d'uma mulher, a cujo parto fatal havia assistido, e observou que encerrava duas creanças de sexo differente, o que então se não admittia, e, de companhia com Canano, verificou que o utero não tinha varios compartimentos, como geralmente se suppunha [3].

Em Ancona, tendo um architecto de Paulo III succumbido a um ferimento na região epigastrica, fez abrir o cadaver e observou que a parte inferior do estomago estava rasgada [4]. Por outro lado, affirma ter dissecado animaes e numerosos

---

[1] Prologo da 7.ª Centuria.

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* I, pag. 128.

[3] Cent. 1.ª, cur. 27.

[4] Cent. 1.ª, cur. 67.

corpos humanos com o fim de verificar as descripções dos orgãos, e obter conhecimento particular d'elles, e ainda para investigar particularidades da distribuição de vasos e determinar a sua funcção [1].

Do dominio da anatomia pathologica, encontramos em Amato a observação d'uma creança que tinha na fronte uma excrescencia cornea, cuja base se continuava com a substancia do cerebro [2]; observou as alterações devidas á pericardite villosa [3]; e descreve dois monstros, um dos quaes era um feto de tres para quatro mezes, hirsuto e pilloso, que tinha quatro olhos, dois narizes, quatro orelhas e labios disformes; o outro uma creança de seis annos, que em 1552 se andava mostrando pela Italia, e na região umbilical apresentava um tumor similhante a outra creança em que se distinguiam dois braços, duas coxas, testiculos e glande pela qual estava quasi sempre saíndo urina [4]. Observou, em Pesaro, uma mulher que apresentava entre as coxas um tumor volumoso, do peso de vinte e cinco libras, e pela morte da paciente, dissecou cuidadosamente a producção morbida, mostrando as relações que tinha com as differentes visceras abdominaes [5].

Poderiamos alongar mais as citações se a nossa attenção não fosse chamada para um assumpto de maior importancia, qual vem a ser a descoberta das valvulas das veias. Esta descoberta é geralmente attribuida a Fabricio d'Acquapendente que em 1574 as demonstrou, notando que estavam sempre voltadas para o lado do coração. Muito antes de Fabricio, em 1547, tinha-as entrevisto Amato; mas as suas observações estão evidentemente eivadas d'erros anatomicos e physiologicos. Discutindo se na pleurisia se deve sangrar do lado da inflammação ou do opposto, e apresentando razões para sustentar

---

[1] Cent. 4.ª, cur. 100.
[2] Cent. 1.ª, cur. 51.
[3] Cent. 3.ª, cur. 43.
[4] Cent. 3.ª, cur. 57.
[5] Cent. 5.ª, cur. 88.

que a extracção do sangue se deve fazer do lado affectado, diz que a veia azygos apresenta valvulas na sua abertura na veia cava, e que essas valvulas, permittindo ao sangue caminhar d'esta para aquella, se oppõem efficazmente ao movimento em sentido inverso. Para o reconhecer, cortou a veia cava na sua parte superior, soprou para a inferior, por meio d'uma cannula, e notou que toda esta parte se intumescia assim como a azygos; o que não succedia se, cortada esta veia, se soprasse por ella. Concluiu Amato que, desde que o ar não podia seguir da veia azygos para a cava, menos o podia fazer o sangue, o que era devido ao estorvo que lhe oppunham as valvulas. Praticára esta experiencia mil vezes, tendo feito dissecar em 1547, em Ferrara, doze corpos humanos e de animaes, na presença de grande numero de doutores, ficando todos convencidos do facto, que foi verificado por João Baptista Canano [1].

Ha aqui dois erros, como todos notaram, um no que diz respeito á direcção da corrente sanguinea, outro no que se refere á presença das valvulas na abertura da veia azygos. Quanto ao primeiro, o que temos a dizer em abono do nosso conterraneo é apenas que é difficil a qualquer homem emancipar-se das doutrinas reinantes na sua época. O segundo precisa de algumas explicações. O processo de investigação empregado por Amato era evidentemente sujeito a erros. Succede mesmo que as suas experiencias não se verificaram, e assim o notou Guevara que nunca pôde conseguir o intumescimento das veias nas condições em que o medico portuguez affirma tel-o observado [2]. Resta o facto material. Tambem esse não é verdadeiro, e logo o fez notar o professor de anatomia em Coimbra que nunca pôde vêr as valvulas no orificio da azygos,

---

[1] Cent. 1.ª, cur. 52; Cent. 5.ª, cur. 70.

[2] Sprengel (*Hist. de la med.*, III, pag. 55) explica o facto, dizendo que Amato insufflou tão violentamente a veia cava que rompeu as valvulas da azygos; e por outro lado que o diametro da veia cava, por consideravel, se oppunha ao seu intumescimento, quando o ar era insufflado pela azygos.

apezar de se não ter poupado a esforços para as demonstrar, levando a effeito dissecções numerosas em homens, cães, macacos, carneiros, etc. [1] Mas se a azygos não tem valvulas na sua abertura, apresenta um pouco mais abaixo, por cima da embocadura do tronco das veias intercostaes direitas, uma valvula que póde fechar quasi completamente o lume do vaso. Seria a essa valvula que se referiria Amato? Não nos atrevemos a pronunciar-nos pela affirmativa.

PATHOLOGIA CIRURGICA

A pathologia cirurgica, como a medica, não conta geralmente no seculo XVI senão commentarios sobre os textos de Galeno. Apenas, os registros de observações clinicas contêm factos por vezes bem recolhidos, cuja apreciação em todo o caso só a medo se separa da auctoridade dos medicos gregos. Deve todavia notar-se que, tendo apparecido uma doença nova, ou pelo menos que assim foi por muitos considerada, forçoso foi attender mais á observação, pondo de parte o principio da auctoridade.

O estudo da pathologia e therapeutica cirurgicas levar-nos-ha a considerar Diaz de Ysla, Amato Lusitano, Alvaro Nunes e Rodrigo de Castro.

Ruy Diaz de Ysla, nasceu em Baeza, na Andaluzia [2], pelos annos de 1462 [3]. Nada nos diz elle de positivo sobre a localidade em que fez os seus estudos cirurgicos, mas refere que se dedicára ao tratamento da syphilis em muitos povos de Cas-

---

[1] Guevara, op. cit., pag. 164 e 165.

[2] *Tractado contra el mal serpentino,* ed. de 1539, fl. 3 v.

[3] Infere-se isto de uma passagem da edição de 1542, vista por Chinchilla. Diaz d'Ysla diz que quando acabou a sua obra tinha 75 annos. Na edição de 1539 esta passagem vem alterada e diz *yo quando acabe este libro hauia quando lo comece quarenta años,* fl. 35. O livro estava terminado em 1537.

tella e Aragão, e que vira alguns dos mais notaveis hospitaes da Europa [1].

Diaz d'Ysla começou a tratar da syphilis pelos annos de 1497 [2] assistindo, segundo diz, a algumas pessoas que tinham vindo na armada de Christovão Colombo e a outras que haviam adoecido em Barcelona onde, affirma, se observaram os primeiros casos de syphilis na Europa [3].

Acaso teria colhido o que sabia em Sevilha, onde primeiro se curou ordenadamente esta doença, como circumstanciadamente nos refere.

Reinavam em Hespanha Fernando e Isabel, e porque vissem os medonhos estragos que a doença causava, mandaram aos seus proto-medicos que no hospital de S. Salvador de Sevilha procurassem encontrar-lhe remedio. Juntaram-se-lhes outros collegas e todos trabalharam durante sete ou oito mezes com este fim. No seu empenho, gastaram *un cuento de medecinas lexativas,* sem colherem resultado algum. Disseram-n'o aos reis catholicos. Era grande o terror produzido pela doença, terror que havia augmentado pela morte d'um illustre medico, Francisco de Gibra Leon, que tinha sido assistido por clinicos famosos, como o dr. Hogeda, o dr. Aragonez e o dr. Infante. N'estas circumstancias, os medicos opinaram que se procurassem os individuos que algum conhecimento pratico tivessem do tratamento da doença e se lhes entregassem os pacientes. Soube o conde de Cifuentes que um tecelão de mantas, chamado Gonçalo Diaz, usava d'umas fricções com que conseguia bons resultados e mandou-o chamar, encarregando-o de assistir aos enfermos. Os resultados da applicação do medicamento foram favoraveis, e assim ficou por muito tempo o tecelão no hospital de S. Salvador [4].

---

[1] Proemio, fl. *2* v. erradamente marcada 3.

[2] Fl. 63 v. erradamente marcada 53.

[3] Idem.

[4] Fl. 38.

É provavel que tivesse vindo para Lisboa em 1507 [1], sendo pouco tempo depois encarregado do tratamento dos syphiliticos no Hospital de Todos os Santos. Deve-se ter isso realisado em 1511, porquanto diz que foi cirurgião assalariado de D. Manuel por espaço de dez annos [2].

Pelo fallecimento do monarcha, ausentou-se do paiz ou pelo menos abandonou o serviço hospitalar, voltando a elle em 1524 e encarregando-se da enfermaria de cirurgia que deixou por motivo d'uma epidemia que grassou na cidade; mas em 1528 voltou ao exercicio da clinica hospitalar, tratando outra vez dos syphiliticos até 1537 [3].

O Hospital de Todos os Santos offerecia a Diaz d'Ysla largo campo para o estudo da sua especialidade. A população hospitalar era muito grande, e o cirurgião hespanhol computava em vinte mil os individuos affectados da segunda especie de *morbo serpentino* que tinha tratado, grande parte dos quaes entre nós [4]. Dizia elle que no Hospital de Todos os Santos se curava maior numero de syphiliticos do que em nenhum outro hospital da Europa [5], e já em logar opportuno se viu a descripção que faz da magestosa fabrica d'aquella casa.

O livro de Diaz d'Ysla é pois fructo da experiencia de largos annos e, a despeito da origem do seu auctor, deve considerar-se como verdadeiramente portuguez, porque no nosso paiz colheu o seu auctor os materiaes da obra. Se a intitulou *Fructo de Todos os Santos* [6] foi porque no hospital de Lis-

---

[1] Fl. 50 v.

[2] Fl. 2 erradamente marcada 3.

[3] Fl. 61 v. erradamente marcada 51.

[4] Fl. 4 v.

[5] Proemio, fl. 2 v.

[6] O livro de Diaz d'Ysla que temos presente é de grande raridade e d'elle só vimos o exemplar que nos pertence, por generosa dadiva do nosso amigo dr. Eduardo d'Abreu. O seu titulo é o seguinte:

Con priuilegio imperial | y del rey de Portugal.

Tractado cõtra el mal | serpentino: que vulgarmen | te en España es

boa a concebeu e executou, desde a primeira até á ultima linha [1].

O primeiro capitulo d'esta obra é consagrado á origem da syphilis, e Diaz d'Ysla é partidario convicto da importação americana.

Diz elle que a doença appareceu em Hespanha no anno de 1493 na cidade de Barcelona e que d'ahi se generalisou por todo o mundo. Tinha por origem a ilha hespanhola descoberta por Christovão Colombo, cuja tripulação voltou para Hespanha affectada de syphilis, que attribuia aos rudes trabalhos do mar. Chegando Colombo a Hespanha, encontrou os reis catholicos em Barcelona, e como ahi se demorasse a dar conta da sua viagem, começou a doença a generalisar-se pela cidade, causando grande pasmo e terror. No anno de 1494, o rei Carlos de França invadiu a Italia e ao tempo que n'ella entrou com a sua hoste, *yvan muchos españoles en ella inficionados d'esta enfermedad.* Começam os francezes a suppôr que os ares napolitanos eram os causadores da doença e baptisam-n'a com o nome de mal de Napoles. E os italianos, como nunca haviam visto uma epidemia d'esta natureza, chamam-lhe mal francez. E assim foi succedendo que á medida que a doença

---

llamado | bubas q̃ fue ordenado | en el ospital de todos | los santos d Lisbo | na: fecho por ruy | diaz de ysla.

Subscripção: *Fue impresso en la | muy noble y muy leal ciudad de Se | uilla en casa de Dominico de | Robertis impressor de li | bros. Acabose a ve | ynte y siete de | setiẽbre año | d. Md | XXXIX.*

No prologo o titulo é modificado para *Tractado llamado fruto de todos los sanctos contra el morbo serpentino de la ysla Española.*

Ha outra edição d'este livro que, segundo Chinchilla, tem o seguinte titulo:

Tractado llamado Fructo de todos los Sanctos, contra el mal serpentino venido de la Isla española, fecho y ordenado en el grande y famoso hospital de todos los Sanctos de la insigne y muy nombrada ciudad de Lisboa: dirigido al muy alto y poderoso Señor D. Juan el tercero de este nombre, por Ruiz Diaz de Ysla, vecino de Sevilla. Sevilla 1542.

[1] Fl. 61 v. erradamente marcada 51.

se generalisava, cada povo lhe chamava um nome em harmonia com a origem que lhe suppunha.

Bubas, a denominaram em Castella; mal de Castella em Portugal; mal dos portuguezes na India, etc. Diaz d'Ysla chama-lhe mal serpentino da Ilha hespanhola, porque não encontra outra coisa com que comparar a sua fealdade senão com a serpe, e para lembrar constantemente a sua origem. Encarece a sua contagiosidade e gravidade, lembrando que não houve povo de cem visinhos no qual a mortalidade não fosse de dez pessoas, e faz notar que a syphilis foi completamente desconhecida dos antigos, excepto por Plinio, que a descreveu sob o nome de mentagra.

Occupa-se no capitulo seguinte da definição e differentes especies de syphilis. Admitte tres especies, primeira, segunda e terceira, differindo umas das outras pela differente gravidade.

A primeira especie comprehende as primeiras manifestações d'esta doença, e caracterisa-se por bubões ou abcessos indolentes, e sem prurido, de cura relativamente facil, visto que se curam 98 por 100 dos infectados; a segunda apresenta-se sob a fórma de ulceras e apostemas, annos depois da apparição das bubas; a terceira consiste nos symptomas da segunda, mas acompanhados de febre, dôres mais ou menos intensas, perda de forças e consumpção.

Entre a primeira e a segunda especie ha differenças radicaes que Ysla terminantemente estabelece do modo seguinte: a primeira especie é mais contagiosa que nenhuma outra doença: a segunda não é contagiosa nem se apega de modo algum, ainda que haja toda a communicação do mundo.

Mesmo que se cure muito bem a primeira especie, não se impede o apparecimento da segunda. Esta tem cura perfeita, por meio do mercurio e do guaiaco.

A distincção d'estas duas especies assentava no exame de vinte mil doentes que d'esta ultima fórma lhe haviam passado pelas mãos.

Assignala as similhanças existentes sob o ponto de vista da pathologia geral entre a syphilis e a raiva, o que denota qualidades de observador.

Occupa-se em seguida da etiologia, e combate a ideia de que a syphilis se origina do movimento dos astros, da influencia dos signos e planetas, porque nunca viu que ella procedesse d'outra coisa que não fosse o contagio. Não serve de argumento em contrario o facto de apparecer a doença em religiosos e donzellas de honestissima vida, porque o contagio se effectua não só por contacto carnal, mas pelas relações directas com objectos procedentes de syphiliticos ou que houvessem estado em contacto com elles.

A symptomatologia da primeira especie consiste na apparição no penis ou nos orgãos genitaes da mulher do que hoje chamamos cancro duro, e elle chama *ulceracion y hogaje, o tumor y buba.*

Estas manifestações são seguidas ou acompanhadas de papulas na pharynge com difficuldade na deglutição; de adenites inguinaes e dôres nos hombros e outras partes do corpo, terminando pela apparição das erupções cutaneas que são as manifestações mais evidentes.

Segue-se o prognostico e n'elle se refere á que a doença apresenta quatro periodos: principio, augmento, estado e declinação, affirmando que em igualdade de circumstancias tem prognostico mais favoravel quando accommette no verão do que no inverno.

A quatro indicações ha que attender no tratamento da syphilis.

Preenche-se a primeira indicação com uma hygiene excellente e principalmente com um bom regimen alimentar. Para attender á segunda, é necessario ter presente o periodo em que se acha a doença. No principio, mas só depois de passado algum tempo após a apparição dos accidentes primarios, convem a administração dos purgantes. Quanto ás manifestações cutaneas, nem se devem tocar nem levantar com as unhas, porque então alastram e generalisam-se.

Occupa-se d'estas manifestações nas suas variadissimas sédes. Todas ellas propõe que sejam tocadas com uma solução de sublimado, ou com nitrato acido de mercurio ou chloreto de prata. Quando no membro viril surjam ulcerações,

devem merecer mais attenção do que em qualquer outra parte. Se apparecem na parte exterior devem curar-se com nitrato acido de mercurio que tem virtudes maravilhosas, mas se a sua séde é a parte interna do prepucio, lavam-se com agua de Lanfranco [1] e, se não bastar, recorre-se ás fricções mercuriaes.

Se a ulceração se torna sordida e corrosiva, acudir-se-lhe-ha promptamente com as unturas, sendo inuteis outras applicações.

Occupa-se da paraphimosis, e, como esta accommette sobretudo os pletoricos, aconselha no seu tratamento a sangria e applicações locaes calmantes, que cederiam o logar ao cauterio e ás fricções, em caso de insuccesso dos primeiros meios.

Trata depois da phimosis complicada de ulcerações internas. Proscreve a operação, mas sobretudo o processo seguido no seu tempo que consistia na incisão do prepucio com uma tesoura, processo que tinha o inconveniente de deixar a um e outro lado da glande tumefacções que prejudicavam o coito. Em vez d'este tratamento, aconselha o uso de pomadas cuja base é o sublimado, e sendo urgente a operação, pratica-a do modo seguinte: dá primeiro uma incisão longitudinal, cortando em seguida em torno, o mais proximo possivel do sulco balano-prepucial.

Entra depois em considerações sobre os meios prophylaticos da syphilis. Quanto á preservação individual, tudo se limita a lavagens feitas com agua ou urina, mas opina que se adoptem nas differentes povoações medidas que obstem á disseminação do mal. Todas ellas deviam ter um cirurgião de partido que examinasse semanalmente as meretrizes, não consentindo que nenhuma das que fosse encontrada com syphilis exercesse a sua profissão por espaço d'um anno, a não ser em casos excepcionaes. Para esse fim, seria reclusa em casa de

---

[1] A agua de Lanfranco era uma solução de ouropimento e verdete em vinho branco.

*

quem tivesse por cargo a sua inspecção, ou n'um hospital ou carcere. É tambem de opinião que as meretrizes deviam usar um traje especial que as distinguisse das outras mulheres, e ter uma carta de sanidade, sem a qual podiam ser presas em qualquer parte que se achassem. A inspecção era estendida ás creadas das estalagens e tavernas, onde não se receberia mulher alguma que não levasse certificado de sanidade.

Á quarta intenção satisfazia-se com praticas hygienicas que tinham em vista melhorar a constituição.

O capitulo terceiro tem pouco interesse, referindo-se aos individuos de constituição deteriorada pela invasão dos accidentes syphilicos.

Occupa-se no quarto capitulo da segunda especie de syphilis. No principio, encontram-se na sua symptomatologia as dôres nas articulações e ao longo dos ossos dos braços e pernas, que se exacerbam de noite; mas tarde, surgem as erysipelas, phleimões, exostoses, hydroceles e emphysemas.

O prognostico d'esta fórma de syphilis é grave, porquanto, não sendo tratada conveniente e opportunamente, dá em resultado a corrosão das fauces e do nariz, ao passo que, feito o tratamento a tempo, é a doença de cura mais facil que se póde encontrar. Esse tratamento consiste no uso do pau santo, (*Guaiacum sanctum, L.*) fricções mercuriaes, levadas até ao ponto de produzirem abundante salivação, e os seus effeitos são de tal natureza que affirma que no seu tempo nunca este meio falhou.

A pratica das fricções é sujeita a numerosos preceitos: Diaz d'Ysla extensamente os declina, ao mesmo tempo que enumera desenvolvidamente as differentes manifestações syphiliticas que n'este periodo se observam. N'este ponto, como de resto em todo o livro, a cada passo se refere ao que tinha visto no Hospital de Todos os Santos, em companhia de grandes physicos e cirurgiões.

A parte relativa á therapeutica é baseada no que tinha visto na sua longa pratica. Attribuindo á doença o que razoavelmente se devia imputar á cura, Diaz d'Ysla refere casos de

fracturas dos ossos por demasiada fragilidade d'estes orgãos, bastando ligeiros movimentos, como o de levar um copo á bocca, ou o de cobrir-se com uma capa para produzir estas lesões. Produz observações de tysica syphilitica, dizendo que no hospital onde residira por tão longo tempo se procedia á autopsia logo que os doentes falleciam [1].

Saltamos o capitulo quinto e entramos no seguinte que se occupa da terceira especie de syphilis. A sua symptomatologia consiste em febre contínua, consumpção, sêde, anorexia, edemas dos membros inferiores, diarrhea e dôres generalisadas. Acompanham-se estes symptomas de ulceras que põem a descoberto os ossos. O prognostico é similhante ao da segunda especie: para quem se submette ao tratamento pelo guaiaco e pelo mercurio, é benigno; gravissimo, para quem o não faça. O tratamento consistia na dieta apropriada, nas fricções mercuriaes até á salivação, em applicações locaes variaveis com a séde das manifestações syphiliticas, no uso do guaiaco e ainda em banhos geraes.

O capitulo seguinte occupa-se d'aquelles doentes que por debilidade excessiva não podem submetter-se a um tratamento tão severo com a regularidade que elle reclama. Em taes casos não differia essencialmente a cura; o que se fazia era contemporisar, e applicar o mercurio conforme as circumstancias do doente o permittiam.

Um dos capitulos mais importantes debaixo do ponto de vista historico é o oitavo, em que se occupa o medico andaluz da fórma como se devem dar as fricções. Consta de dezoito preceitos que resumiremos tão summariamente quanto possivel.

O tratamento póde fazer-se em qualquer época, mas é preferivel para os ricos tempo frio e para os pobres tempo quente. Varía a duração das fricções com a fórma de affecção

---

[1] Diaz d'Ysla diz: *luego como el paciente falecia se procurava la anothomia,* pag. 20.

syphilitica que se tem a combater. Varía igualmente com a idade. Os sitios de preferencia para a applicação são os pulsos, os cotovêlos, os hombros, os quadris, os joelhos, a articulação tibio-tarsica, o ventre e o dorso. As fricções devem ser diarias, mas se ao cabo de tres dias não houver salivação serão duas por dia. Em caso algum, o seu numero seria superior a dezoito, não havendo fluxo pela bocca, e o modo de applicação variava de doente para doente, conforme as circumstancias que n'elles se davam. É de notar que, em harmonia com as doutrinas humoraes reinantes, a salivação era considerada como uma valvula de segurança, e, emquanto não apparecia, devia ser-se muito cuidadoso na applicação do mercurio.

Quando a lingua está empolada e augmentada de volume a uvula, devem suspender-se as fricções.

Proporciona a quantidade do mercurio á constituição dos doentes. Estabelece o regimen a que hão de ficar sujeitos, não marcando dieta emquanto duram as fricções, mas sendo rigorosa em seguida á sua terminação.

O capitulo nono é uma exposição de regras geraes «em que está todo o segredo d'esta cura e até hoje se tem ignorado». O syphilitico deve fugir do coito; resguardar-se do ar durante o tratamento; abster-se de lavar as mãos e pés, ao menos por trinta dias; evitar purgas e sangrias; e ter prudencia no uso do vinho e de certos alimentos.

O capitulo seguinte trata dos effeitos do pau casto que o mesmo é que o guaiaco, mas outras especies ou variedades têm virtudes analogas. Refere-se a uma india que foi mandada enforcar pelo commendador de la Rez, primeiro governador da Ilha hespanhola e que dizia possuir o segredo do tratamento da syphilis; mas acredita que a raça modifica consideravelmente a doença e que os indios mais facilmente se curam que os europeus. Estabelece preceitos para o uso do guaiaco que se podem reduzir a ser preferivel dal-o em tempo quente, em casa abrigada, a guardar o leito, e não molhar pés nem mãos durante o tratamento, a não tomar bebidas nem alimentos frios, a guardar um regimen conveniente e a não usar purgan-

tes. Ao mesmo tempo enumera os caracteres do pau santo, mostrando como se distingue o de boa qualidade, e marcando as dóses em que se deve empregar. N'esta parte refere-se a *un palo que aora tràen de la China por la via de Portugal* [1].

Occupa-se o capitulo duodecimo do formulario, e o ultimo trata de todas as duvidas que se podem offerecer. É uma especie de acclaração de variados dizeres da obra. As primeiras paginas são uma descripção do Hospital de Todos os Santos que aproveitamos para a descripção que d'elle fizemos. Outras são relativas á historia da syphilis. Como estas passagens são interessantes, não nos seja levado a mal que nos demoremos com ellas, visto não terem sido postas em evidencia pelos historiadores da medicina hespanhola Chinchilla e Morejon.

Diz Diaz d'Ysla que ha quem duvide de que a doença apparecesse na hoste do rei Carlos de França no anno de 1494, por importação americana, como ficou dito no principio d'esta noticia; mas quer apresentar uma razão que convencerá os discretos e vem a ser «que el año de 1504 me fue dada por scripto toda la cura que los indios fazian para esta enfermedad segun que yo la tengo scripto»; ora, se elles conheciam tão bem a doença e o modo de a tratar, sendo a gente «mas insensible que nunca se ha visto» e nenhum outro povo a conhecia, é porque a doença viera da Ilha hespanhola. «Porque de todo tengo larga esperiencia que he curado personas que la tuvieron en la dicha armada y cure personas que adolescieron en Barcelona».

Segue-se explicar a razão por que se deu o nome de bubas á doença, e esta explicação deverá ser tida em conta por aquelles que se occuparem da historia da syphilis. Transcreve-l-a-hemos por inteiro, attento que não tem grande extensão:

---

[1] Deve ser a *Cordia sebestena* ou a *C. Mixa*. Não encontramos na edição que temos presente a observação a que se refere Chinchilla a pag. 209 do primeiro volume, o que, além d'outros indicios, nos leva a crêr que ha differenças d'algum valor entre esta edição e a de 1542 de que se serviu o historiador hespanhol.

«La causa porque en Castilla le llamaron bubas y fue desta manera que obra de x años antes que la enfermedad fuesse aparecida no sabian las mugeres echar otras maldiciones a fijos y entenados y criados sino dezilles de malas bubas mueras: tollido te veas de bubas: malas bubas te coman los ojos, y a cabo de x años que esto assi se cursava vino esta enfermedad: y como fazia aquellos efectos de morir-se los hombres y tollir-se y comer se las caras uvo lugar de quedar el mal con este nombre».

Tal é a obra de Diaz d'Ysla, em que ha muito de aproveitavel, a despeito de algumas abusões. Como documento para a historia da syphilis é de primeira ordem, e deverá ser estudado cuidadosamente pelos que a tiverem de fazer, sendo para lamentar que o professor Manuel Bento de Sousa, ao occupar-se tão primorosamente d'este assumpto, não pudesse vêr a obra, tendo de julgar pelas noticias de Morejon e Chinchilla.

A symptomatologia da doença é exposta excellentemente e quasi que em nada differe da que os melhores tratadistas modernos apresentam. A sua primeira, segunda e terceira especie não correspondem ao que hoje chamamos accidentes primarios, secundarios e terciarios. Os accidentes primarios e secundarios formam a primeira especie de syphilis; a segunda especie constitue a syphilis terciaria; a terceira especie é formada pelos accidentes tardios d'esta ultima fórma. Estabelecida esta correspondencia, é notavel o modo como expõe as differentes manifestações correspondentes a estes periodos.

Viu-se como, superior ás tendencias maravilhosas do seu tempo, não admitte como causa de syphilis senão o contagio, e como teve uma intuição da verdadeira natureza da doença, assimilhando-a á raiva.

No tratamento, o mercurio é empregado *larga manu* e ninguem póde dizer que os preceitos que regulam a sua applicação, e sobretudo a pratica de levar as uncções até á salivação abundante, sejam de applaudir. Mas n'este objecto maiores abusos se commetteram, e Ysla em certos casos não insiste no tratamento mercurial, recommendando que se respeite a constituição do doente e por ella se regule a applicação. Debaixo

d'este ponto poderá acceitar-se a proposição de Morejon de que este escriptor tem indubitavelmente o merito de haver feito uso moderado do mercurio; pois se não foi o primeiro a quem deve a medicina esta descoberta, mas a outros hespanhoes mais antigos, sem embargo aplanou o terreno para se administrar com maior extensão e aproveitamento.

Foi o livro de Diaz d'Ysla que educou os cirurgiões portuguezes na cura d'esta terrivel doença e em trabalhos posteriores (Madeira Arraes, Fonseca Henriques, etc.) fazem-se-lhe repetidas e muito honrosas referencias. A isso, e á circumstancia de ser escripto n'um hospital portuguez e baseado em observações colhidas em Portugal deve o logar que occupa na nossa historia de medicina nacional [1].

As *Centuriæ medicinalia* de Amato Lusitano são uma collecção valiosa de observações de cirurgia e medicina. Notaremos aqui as curas mais notaveis do dominio da clinica cirurgica e a seu tempo faremos o mesmo para as referentes á clinica medica. Adoptamos a ordem em que são apresentadas as observações nas centurias, o que facilitará grandemente qualquer trabalho de verificação.

Amato praticou frequentes vezes escarificações e ensinou a pratical-as aos cirurgiões de Ferrara que as desconheciam até ao seu tempo [2]; observou um caso de hypospadias n'uma creança e projectava introduzir pelo orificio por onde ella urinava, situado entre os testiculos, uma tenta canula com uma agulha para perfurar a glande [3]; nos casos de cancro, rejeita a ustão depois da amputação, e mostra que um tratamento palliativo dá melhores resultados do que a applicação do ferro, do cauterio actual ou dos causticos que viu seguida de ulceras

---

[1] Occupam-se de Ruy Diaz d'Ysla, além dos indicados, Chinchilla, op. cit., I, pag. 200; Morejon, op. cit., II, pag. 286; Leitão, *Cirurgia*, I; Gomes de Lima, *Memorias Chronologicas*, pag. 320; M. Bento de Sousa, *A syphilis*, pag. 29 e seg., etc., etc.

[2] Cent. 1.ª, cur. 18.

[3] Cent. 1.ª, cur. 23.

medonhas que determinavam a morte [1]; viu n'um velho calculos urethraes que impediam a saída da urina e que foram extraídos por meio de uma especie de urethrotomia externa [2]; observou, como dissemos, uma creança com uma saliencia cornea na fronte, cuja excisão determinou a morte, por se continuar na parte interna com a substancia do cerebro [3]; nos casos de empyema, aconselha que se faça a incisão no segundo espaço inter-costal por se ter convencido pelas demonstrações de um irmão de Vesalio, que se não póde ferir assim o diaphragma [4]; e insurge-se contra a doutrina reinante no seu tempo, e que datava de muito longe, em virtude da qual se podia reconhecer o sexo do embryão [5].

Na Centuria 2.ª encontramos, como mais dignas de nota: a observação d'um caso de luxação do coccyx n'um individuo que montava habitualmente a cavallo, curada pela operação manual [6]; a de uma fistula recto-vaginal cujo tratamento não menciona [7]; a de um caso de verdadeira elephantiase dos arabes terminado pela cura [8]; a de um caso de verrugas nas mãos curadas pela acção do calor produzido por sarmentos accesos [9]; a de uma hermaphrodita, que, sendo ao principio considerada mulher, houve de ser tida como homem pelo desenvolvimento dos orgãos genitaes, mas ficou sempre sem barba [10]; a de um individuo que introduzia no estomago barro, correias e vidros partidos [11]; a de uma aphonia determinada pela corrosão dos nervos recorrentes pelo sublimado corrosi-

---

[1] Cent. 1.ª, cur. 31.
[2] Cent. 1.ª, cur. 42.
[3] Cent. 1.ª, cur. 51.
[4] Cent. 1.ª, cur. 61.
[5] Cent. 1.ª, cur. 70.
[6] Cent. 2.ª, cur. 5.
[7] Cent. 2.ª, cur. 10.
[8] Cent. 2.ª, cur. 34.
[9] Cent. 2.ª, cur. 38.
[10] Cent. 2.ª, cur. 39.
[11] Cent. 2.ª, cur. 69.

vo, usado intempestivamente [1]; a de uma ferida do craneo produzida por uma espada que penetrára fundamente no cerebro e apesar d'isso não arrastou a morte do doente [2]; a de um caso de hydrocele tratado pela incisão repetida [3]; a de um tumor scirrhoso do collo do utero e da eversão d'este orgão [4]; e a de uma hemorrhagia nasal abundantissima com restabelecimento completo do paciente [5].

Na Centuria 3.ª refere um caso de mordedura da vibora em que a sucção do veneno não pôde evitar accidentes mortaes [6]; produz uma observação de cancro mammario curado pela extirpação, seguida da applicação do ferro em braza [7]; cita um caso de ferida do abdomen com hernia do epiploon, que elle curou pela gastrorraphia, precedida da laqueação e excisão da parte herniada [8]; refere observações de pterigions curados pela cauterisação com agua forte e pela applicação de gemma de ovo [9]; e apresenta um caso de pica e malacia n'uma mulher gravida, sustentando que estes appetites desvairados são seguidos de defeitos physicos nos filhos das mulheres que os soffreram [10].

Logo no principio da Centuria 4.ª encontra-se uma observação notavel de apertos de urethra, curados pelo uso das vélinhas. Dá este caso logar a que Amato se occupe da historia d'este meio de tratamento, e nós acompanhal-o-hemos n'este caminho, onde teremos de encontrar alguns nossos compatriotas.

Parece hoje demonstrado que o uso das vélinhas remonta

---

[1] Cent. 2.ª, cur. 70.
[2] Cent. 2.ª, cur. 83.
[3] Cent. 2.ª, cur. 84.
[4] Cent. 2.ª, cur. 88.
[5] Cent. 2.ª, cur. 100.
[6] Cent. 3.ª, cur. 14.
[7] Cent. 3.ª, cur. 32.
[8] Cent. 3.ª, cur. 60.
[9] Cent. 3.ª, cur. 82.
[10] Cent. 3.ª, cur. 86.

aos primeiros tempos da cirurgia, mas os antigos não conheciam a entidade anatomica que nós designamos pela palavra estrictura, e se empregavam as vélinhas era simplesmente para desembaraçar a urethra obstruida por um obstaculo passageiro, ou repellir para traz um calculo engasgado no collo da bexiga.

Só no seculo XVI comprehenderam os cirurgiões o partido que se podia tirar d'ellas para destruir os obstaculos permanentes da urethra e alargar o seu calibre.

Segundo Amato Lusitano, o inventor das vélinhas foi o celebre professor da universidade de Salamanca, Alderete, que lhe ensinou a maneira de se servir d'ellas. Amato empregou o novo methodo de tratamento em Lisboa, n'um individuo de vinte e cinco annos, que tinha militado em Africa e na Asia e, por motivo de uma blenorrhagia, havia contrahido uma estrictura urethral. Acompanhou-o no tratamento um cirurgião portuguez chamado Filippe, que ao depois vulgarisou o methodo e o applicou, com grandes proventos, n'algumas das capitaes da Europa. Amato affirma isto terminantemente e invoca o testemunho de alguns individuos que assistiram ao tratamento, dois dos quaes eram os medicos Luiz Nunes e Jorge Henrique e o terceiro o celebre astronomo Manuel Lindo. Este caso é referido ao anno de 1534 que, pelo que dissemos, deve ser tido como o ultimo que Amato passou no nosso paiz [1].

Portanto, a versão do illustre medico dá como inventor do methodo Alderete, Amato como seu vulgarisador em Lisboa e Filippe como seu continuador; e esta versão afigura-se-nos plausivel, como igualmente se afigurou a Sprengel, visto que, não attribuindo Amato a si proprio a gloria da invenção, mas a um seu mestre, nenhum motivo de valor o poderia levar a alterar a verdade [2].

---

[1] Morejon e Sprengel dizem 1541, o que é evidentemente um erro, porquanto n'esse anno já o medico portuguez residia em Ferrara, depois de ter estado sete annos em Antuerpia.

[2] Cent. 4.ª, cur. 19.

Amato escrevia isto entre julho de 1552 e 1553, e já a esse tempo o seu illustre condiscipulo André Laguna dera á luz em Roma o opusculo *Methodus cognoscendi, extirpandique nascentes in vesicæ collo carunculas,* cuja primeira edição é de Roma, em 1551, por Valerio e Luiz Doricos [1]. N'este opusculo, Laguna dá como inventor do methodo o cirurgião Filippe que conhecera em Roma e que communicára o segredo a elle Laguna e ao seu companheiro João Aguilera, medico do papa Paulo III. Esta versão de André Laguna foi geralmente acceite pelos escriptores do seculo XVI que se occuparam d'este assumpto: apezar da contradicta d'Amato, são todos accordes em attribuir a Philippe a invenção das vélinhas. Citaremos, como mais explicitos, os cirurgiões hespanhoes, João Calvo e Francisco Diaz, ás obras dos quaes vamos buscar o complemento d'esta noticia.

Filippe apparece, nos livros citados, como cirurgião de Carlos V, ao tempo que este estava na Allemanha. O grande rei soffria de apertos de urethra que por vezes tolhiam por completo a saída da urina. Havendo-se reconhecido que a difficuldade na micção não dependia de calculos, Filippe foi levado a suppôr que existiam na urethra verrugas ou saliencias que urgia destruir, á similhança do que succede com as verrugas do tegumento externo. Fixou-se em adoptar o caustico potencial, e como era necessario leval-o á séde do aperto, lembrou-se de empregar uma vélinha de cera, com o seu pavio, de modo que não pudesse quebrar-se, mas affeiçoar-se com facilidade á fórma da urethra; como, porém, receasse que a acção do caustico fosse energica em demasia, empregava antes e depois injecções de substancias adstringentes e emollientes.

Serviu de praticante a mestre Filippe um boticario de Roma que, mal se tornou conhecedor d'aquelle segredo, partiu para a sua cidade natal, onde ganhou grande nomeada e

---

[1] Não vimos este livro; citamos por Morejon. Chinchilla refere-se a uma edição de Veneza em 1548, mas na mesma pagina dá a entender que tal edição não existe. (Op. cit., I, pag. 368).

muito dinheiro. Estava ao tempo alli outro pharmaceutico, e esse portuguez, chamado Affonso Dias, que, mal teve conhecimento do novo methodo therapeutico, veiu a Hespanha, a Valladolid, onde estava a côrte, e começou a applical-o no anno de 1552. Foi tal o exito obtido que, achando-se na côrte os procuradores do reino, resolveram dar-lhe grande salario, encarregando-o de vulgarisar e ensinar o seu methodo. N'esse intuito percorreu o Aragão e Valencia, e de facto grande numero de cirurgiões colheram d'elle as principaes bases do tratamento. Deve notar-se que o methodo empregado por Filippe e seguido pelos seus continuadores consistia na introducção até ao aperto da vélinha que ficava deformada, em restabelecer o seu calibre com uma massa caustica e deixar esta nova vélinha na urethra por espaço de vinte e quatro horas [1]. Com os progressos dos tempos, o methodo foi-se aperfeiçoando, comquanto permanecesse por muito tempo a ideia de applicar os causticos para a destruição das estricturas.

Nada temos a oppôr á narração que fazem os dois cirurgiões hespanhoes do primeiro emprego das vélinhas. Faremos notar apenas que algumas lacunas existem, mesmo quando se queira attribuir a Filippe a invenção do methodo. Assim, tendo Laguna conhecido Filippe em Roma, nem João Calvo nem Francisco Diaz nos referem esta circumstancia e attribuem a um boticario d'aquella cidade a generalisação do methodo. Por outro lado, e em abono da versão de Amato, ao tempo em que este reivindicava para o seu mestre a gloria de inventor das vélinhas, Filippe ainda era vivo e residia em Damasco, podendo portanto rebater o que encontrasse de inexacto nas asserções de Amato. Mas, adopte-se a versão que se quizer, o que fica assente é que a portuguezes se deve a invenção ou a

---

[1] Juan Calvo, *Primera y segunda parte de la cirugia universal y particular del cuerpo humano,* Valencia, 1703, por Vicente Cabrera, pag. 337. A 1.ª edição é de Sevilha, 1580 (Morejon).

Francisco Diaz — *Tractado nvevamente impresso de todas las enfermedades de los Riñones, Vexiga y Carnosidades de la verga, y vrina.* Impresso em Madrid por Francisco Sanchez, año de 1588.

vulgarisação do methodo. Amato, Filippe e Affonso Dias são crédores de consideração, ainda quando não fossem mais do que continuadores do professor de Salamanca.

São dignas de nota, na mesma Centuria, a historia d'uma gravidez devida á fecundação pelo sperma derramado n'um banho [1]; a d'uma ferida penetrante do thorax seguida de pleurisia, curada por uma larga incisão [2]; e ainda a d'um hydrocele, tratado tambem por uma larga incisão, seguida de applicação de substancias irritantes [3].

Encontramos na Centuria 5.ª a curiosa observação d'um individuo que apresentava na abobada palatina uma abertura produzida por ulceração syphilitica, que grandemente prejudicava a emissão da voz, e que Amato remediou substituindo o osso destruido por uma placa d'ouro [4]; e a referencia d'um caso de tumor da região inguinal, do peso de vinte e cinco libras, cuja natureza não é facil determinar [5].

Na Centuria 6.ª, a unica observação relativa á cirurgia que nos parece ter interesse é a d'um rapaz de dez annos, a quem appareceu subitamente na raiz do membro uma dureza que parecia devida a um calculo e que effectivamente desappareceu com a expulsão d'uma pedra [6].

Na Centuria 7.ª encontramos um caso de gravidez em que o semen foi transportado accidentalmente por uma mulher casada que com outra se dava ao tribadismo [7]; uma observação notavel de tumor da região epigastrica [8]; um caso de tetano traumatico produzido por ferida do pé [9]; e a menção

---

[1] Cent. 4.ª, cur. 36.
[2] Cent. 4.ª, cur. 37.
[3] Cent. 4.ª, cur. 84.
[4] Cent. 5.ª, cur. 14.
[5] Cent. 5.ª, cur. 88.
[6] Cent. 6.ª, cur. 91.
[7] Cent. 7.ª, cur. 18.
[8] Cent. 7.ª, cur. 23.
[9] Cent. 7.ª, cur. 66.

d'uma epidemia de conjunctivites que observou em 1560 em Salonica [1].

A maior parte das observações indicadas merecem attenção por mais do que um titulo. As outras mesmo, se não têm o interesse das que mencionamos, mostram que Amato era um pratico muito esclarecido, d'uma erudição muito variada, qualidades estas que em parte são prejudicadas pela superstição de que por vezes dá provas. Mas, qual foi o homem, por maior merecimento que tivesse, que não pagou tributo á credulidade da época em que viveu?

Não deixaremos passar sem menção o pequeno livro de Alvaro Nunes. Segundo Barbosa Machado, Alvaro Nunes era natural de Santarem, onde nasceu em 1560. Foi medico do Archiduque d'Austria Alberto, em cuja companhia esteve em Lisboa, acompanhando-o depois á Antuerpia, onde grangeou reputação de grande medico e morreu em 9 de dezembro de 1603.

Alvaro Nunes deixou umas *Annotationes* á obra do cirurgião hespanhol Francisco Arceu, *De recta curandorum vulnera* [2]. Da leitura d'ella nada se conclue em confirmação do que fica escripto senão que gozava grandes creditos em Antuerpia, onde residia: Bento Arias Montano elogia-lhe os meritos em phrases calorosissimas.

Quanto ao valor das annotações de Alvaro Nunes, é reduzido. Geralmente, o medico portuguez limita-se a comprovar o texto d'Arceu, a apontar um ou outro caso clinico, e isto sempre muito resumidamente.

---

[1] Cent. 7.ª, cur. 80.

[2] O exemplar que vimos na Bibliotheca Nacional de Lisboa tem o titulo seguinte:

De recta | curandorum | vulnerum | ratione. | et | Aliis ejus artis præceptis libri II. | Francisco Arcaeo | Fraxinalensi. | Doctore Medico & Chirurgo, auctore. | Ejusdem | De febrium curandorum ratione. | Amstelodami. Ex officina Petri vanden Berge, in vico (vulgo) | de Blauweburgival, sub signo montis Parnassi | A.º 1658.

Vimos apenas esta edição na Bibliotheca Nacional de Lisboa; mas os bibliographos mencionam outra d'Antuerpia, 1564.

É de notar, porém, que sendo Francisco Arceu considerado como um dos mais illustres praticos da Hespanha no seculo XVI e devendo-se-lhe notaveis progressos na cirurgia, a escolha do commentador é demonstração de que merecia aos seus contemporaneos altissimo conceito.

Rodrigo de Castro nasceu em Lisboa em 1546 [1], tendo por pae um christão novo, tambem medico, chamado André Fernandes [2]. A profissão medica era exercida por outros membros da sua familia, taes como seu tio materno Manuel Vaz, que foi physico de D. João III, D. Sebastião, D. Henrique e D. Filippe I [3], e outro seu tio e homonymo que mereceu a honra de ser mandado tratar o soberano de Fez, quando este, apezar de estar em guerra comnosco, pedia lhe mandassem um medico habil para o tratar d'uma doença de que soffria [4].

Outros esclarecimentos de menos importancia se encontram nos livros de Rodrigo de Castro a respeito da sua familia. Tinha um irmão Francisco da Costa, que andava peregrinando longe da patria, e duas irmãs: uma casada, Leonor Paes [5], e outra, provavelmente solteira, Beatriz de Castro [6].

Muito novo foi para Salamanca, onde estudou a cirurgia com o celebre professor André Valcacer [7], e a medicina com Rodrigo de Sorea e Pedro Bravo que tinham em grande conta os merecimentos do medico portuguez [8].

Recebido o gráu de doutor, Rodrigo de Castro voltou á patria, exercendo a clinica em Evora e Lisboa.

---

[1] Pedro Dias — *Rodrigo de Castro, Apontamentos para a biographia do creador da gynecologia*, in *Archivos de historia da medicina portugueza*, I, II e III. Esta excellente biographia tem de ser consultada por todos os que se occupem de Rodrigo de Castro.

[2] *Medicina mulierum*, ed. de Hamburgo, 1617, pars II, pag. 352.

[3] Idem, pars II, pag. 48.

[4] *Medicus politicus*, pag. 167, ed. de Hamburgo, 1614.

[5] *Medicina mulierum*, pars I, pag. 148.

[6] *Medicus politicus*, pag. 158 e 159.

[7] *Medicina mulierum*, pars II, pag. 115.

[8] Idem, pars II, pag. 515; *Medicus politicus*, pag. 82 e 83.

Em Evora devia ter sido curta a sua permanencia, se não se limitou a uma viagem de recreio ou a uma simples visita de clinico, em exercicio da sua profissão. Diz-nos elle que em 1577 vira n'esta cidade um rapaz carcunda e sem braços que escrevia com os pés [1]; e tambem lá conheceu dois gemeos netos d'uma irmã do jurisconsulto Alvaro Paes, cuja similhança era tão extraordinaria, que a mãe só pela voz os podia distinguir [2].

Em Lisboa foi outro e mais longo o seu tirocinio. Pondo de parte a cirurgia, cujo estudo tanto desvelo lhe merecera, mas a cuja pratica se não podia dedicar pela aversão que lhe causavam as feridas e operações [3], consagrou-se desde os seus primeiros annos de vida medica ao estudo das doenças das mulheres, colhendo a maior parte dos materiaes para a obra que mais tarde publicou sobre este assumpto.

No exercicio da clinica adquiriu dentro em pouco grandes creditos, como o provam os seguintes factos por elle narrados.

Quando Filippe II reuniu em 1588 no porto de Lisboa a *invencivel armada*, destinada a invadir a Inglaterra, diz-nos o medico portuguez que grande numero de soldados e marinheiros, com medo ao mar e á guerra, fingiam se doentes, mettiam-se na cama e mandavam-n'o chamar, tendo como certo que, se conseguissem illudil-o e elle attestasse as suas doenças, facilmente obteriam a baixa [4].

Houve no seu tempo em Lisboa uma mundana, cuja casa era frequentada por individuos de elevada gerarchia, e cuja belleza fascinava solteiros e casados. D'ahi se originou grande escandalo, e o governo entendeu que o melhor meio de atalhar o mal era obrigal-a a saír da cidade, com destino ás provincias ultramarinas. Oppôz-se ella, com todas as protecções de que dispunha, a tão violenta solução, e quando andava em di-

---

[1] *Med. mul.*, pars I, pag. 141.
[2] Idem, pars I, pag. 134.
[3] *Med. pol.*, pag. 68.
[4] Idem, pag. 251.

ligencias para obter annullação ou commutação da pena, recebeu ordem immediata de embarque. Valeu-se então da astucia e simulou um abortamento, mettendo-se na cama e derramando nas roupas sangue misturado com leite. Chamado Rodrigo de Castro, com a esperança de o illudir e obter d'elle a confirmação da doença simulada, este descobriu logo a fraude, e não houve supplicas, empenhos, ou dinheiro que conseguissem do illustre medico que fosse connivente no dolo [1].

Mais, porém, que tudo isto, dá claro testemunho da elevada consideração que mereceu ter sido convidado por Filippe II para passar ás Indias orientaes, com grandes honorarios e privilegios, um dos quaes era a independencia da jurisdicção do vice-rei, para procurar plantas e outros simplices, continuando as pesquizas de Garcia da Horta e Christovão da Costa. Não acceitou Rodrigo da Costa a proposta por motivos de valor, esperando que pessoa mais competente se desempenhasse d'esta incumbencia [2].

Gozando tão elevada consideração, que motivos o poderiam levar a saír da patria? Certamente não podiam ser outros que não as suas crenças religiosas, e judiciosamente conjectura o professor Pedro Dias que a sua saída se realisasse pouco depois de 1588, porquanto no anno anterior Filippe II suscitou a fiel observancia das leis contra os judeus promulgadas por D. João III.

Saíndo de Portugal, é muito provavel que se dirigisse para Antuerpia, o que é attestado pelas numerosas referencias que faz aos costumes e doenças das mulheres belgas [3]. Que residiu n'outra cidade que não Hamburgo, onde fixou residencia, é claramente indicado por elle [4].

Seja como fôr, deve ter chegado a Hamburgo em 1596 e encontrou a cidade devastada pela peste, de que mais tarde

---

[1] *Med. pol.*, pag. 251 e 252.
[2] Idem, pag. 194.
[3] *Med. mul.*, pars II, pag. 119, 480, 509, etc.
[4] *Med. pol.*, pag. 193.

*

havia de dar noticia. Dar-lhe-ia isso ensejo de se tornar conhecido, mas outro facto lhe daria maior nomeada. Adoecera Margarida d'Alefeld, mulher de Balthazar d'Alefeld, governador de Flensemburgo. Chamado Rodrigo de Castro para a tratar, conseguiu debellar a doença de que soffria aquella nobre senhora, adquirindo a gratidão e favor d'esta familia, cujos obsequios deixou lembrados n'um dos seus livros [1].

Pouco depois da sua chegada a Hamburgo casou com uma judia portugueza, Catharina Rodrigues. Mereceu ella grande affecto a Rodrigo de Castro, mas a sua união foi pouco duradoura, porque morreu na flôr da idade, deixando vivos dois filhos, dignos herdeiros do nome de seu marido. Succumbiu á febre puerperal que se desenvolvera por occasião do seu terceiro parto [2].

Depois d'este acontecimento, vendo-se privado de uma companheira que lhe era tão cara, Rodrigo de Castro, lembrando-se da miseranda condição da mulher que, além das molestias communs, está sujeita ás do sexo, começou a colligir os materiaes da obra que immortalisou o seu nome, e que se intitula *De universa mulierum medicina.*

Mais tarde, quasi septuagenario, occupando-se da educação dos filhos e receando não a vêr terminada e portanto não lhes poder dar conselhos relativos ao exercicio da profissão medica, fructo da sua larga experiencia, escreveu em 1614 o *Medicus politicus,* que, como bem diz o seu biographo, deve ser considerado como o seu testamento medico.

Enganou-se nos seus receios de morte proxima. Ainda viveu dilatados annos, tendo a satisfação de vêr os filhos desfructando de consideração no exercicio da profissão medica [3].

Divergem os historiadores e bibliographos sobre a data do seu fallecimento. J. Rodrigues de Castro affirma que foi em 20 de janeiro de 1627 e Barbosa Machado no anno seguinte.

---

[1] Prologo da *Med. mul.,* 1.ª edição.

[2] *Med. mul.,* pars 1, pag. 163 e 164.

[3] Bento de Castro e Daniel de Castro.

Ambos erraram, e se nos não é licito marcar a época exacta em que se deu esse acontecimento, podemos affirmar que Rodrigo de Castro era ainda vivo em 16 de julho de 1629. Assim o prova uma carta sua, inserta no tomo I das obras de Zacuto Lusitano, em que affirma que a idade provecta, o estudo continuado e provações crueis lhe tinham alanceado a alma, de modo que nem podia escrever e ser prestavel aos amigos [1]. Foi a ultima noticia que do nosso compatriota pudemos obter.

A obra capital de Rodrigo de Castro é a que versa sobre as doenças das mulheres e é ella a que temos a apreciar n'esta altura do nosso trabalho [2]. Acha-se dividida em duas partes, sendo a primeira consagrada á anatomia e physiologia dos orgãos genitaes da mulher, e a segunda á pathologia e clinica respectivas.

No primeiro livro, trata do prestimo da mulher para a conservação da especie, expõe a anatomia do utero, e orgãos genitaes externos, citando a proposito do hymen casos de simulação de virgindade e a proposito dos vicios resultantes do excessivo desenvolvimento do clitoris o facto de ter visto cas-

---

[1] Esta carta foi attribuida sem fundamento pelo snr. Pedro A. Dias a Estevão Rodrigo de Castro.

[2] Roderici à Castro, Lusitani, philosophiæ ac medicinæ doctoris per Europam notissimi, *De universa mulierum medicina, novo et antehac a nemine tentato ordine opus absolutissimum, et Studiosis omnibus utile, Medicis vero pernecessarium. — Pars prima Theorica. Quatuor comprehensa libris in qvibus cuncta quæ ad mulieris naturam, anatomen, semen, menstruum, conceptum, uteri gestationem, fœtus formationem, et hominis ortum attinent, abundantissime explicantur — Cum triplici indice. — Primo Capitum totius operis. Secundo Dubiorum et Problematum, quæ pleraque pulcherrima, utilissima ac jocundissima passim inserta sunt. Tertio Eorum quæ toto opere scitu digniora habentur.*

Cum gratia et privilegio S. Cæsareæ Majestatis. Hamburgi. In Officina Frobeniana. Excudebatur typis Philippi de Ohr, 1603. Fol.

Pars secunda, sive Praxis. Quatuor contenta libris, in qvibus mulierum morbi universi, tam, qui cunctis fœminis sunt communes, quam, qui virginibus, viduis, gravidis, puerperis, et lactantibus peculiares, singulari ordine traduntur, subinde que variæ sterilitatis species, earumque naturæ, causæ, signa, et curationes, distincta et accurata methodo edocentur. Additis insuper singulis fere ca-

tigar em Lisboa mulheres que se entregavam ao tribadismo, descreve os ovarios, e os vasos e nervos do utero, as relações que estes orgãos mantêm, e insurge-se contra o erro vulgar no seu tempo e de que ainda hoje se encontra vestigio na medicina popular de que são possiveis deslocações uterinas que acarretem dispnea e outros phenomenos analogos por compressão, occupa-se da anatomia das mulheres, e faz vêr as differenças existentes entre o esqueleto do homem e o da mulher, descreve as membranas envolventes do feto, a placenta e o cordão umbilical, e termina comparando os orgãos genitaes d'um e outro sexo e encontrando entre elles similhanças notaveis.

Começa o segundo livro, discutindo se existe semen na mulher e affirmando a sua existencia, encontrando confirmação d'este asserto na producção de *hybridos* com caracteres intermedios aos do pae e da mãe, e, referindo-se á influencia da hereditariedade, cita entre outros factos um de transmissão do labio leporino que vira em Salamanca n'um Godscalco Flores e em seu filho; occupa-se do papel dos testiculos, e estabelece uma classificação medico-legal dos differentes casos de impo-

---

pitibus ejusdem authoris scholiis, quibus, quæcunque circa fœmineos morbos curandos dubia, aut controversa hactenus apud medicos fuerant, brevissime deciduntur, ab eisque non parva lux cunctis aliis morbis profligandis accessit, ut pote quibus pleraque Hippocratis et Galeni difficilima loca universaque fere ars medica illustratur.

Cum triplici indice. Primo Capitum totius operis. Secundo Dubiorum, sive controversiarum. Tertio Eorum quæ scitu digna visa sunt. Cum gratia & Privilegii S. Cæsarea Majestatis. Hamburgi ex officina Frobeniana Escudebatur tispis Philippi de Ohr.

Além da edição princeps vimos as seguintes:

Altera editio auctior et emendatior. Hamburgi ex Bibliopolio Frobeniano, 1617.

Tertia editio. Hamburgi ex Bibliopolio Frobeniano, 1628.

Venetiis, Apud Paulum Balonium, 1644.

Quarta editio. Hamburgi Apud Zachariam Hertelium Bibliop. Anno 1662.

Quinta editio. Coloniæ Agrippinæ, sumptibus Servatii Noethen. Anno 1689.

tencia; trata dos menstruos, suas causas, inconvenientes da sua abundancia e da sua diminuição e suppressão, combate os auctores que attribuem qualidades nocivas ao sangue menstrual, e referindo-se a Plinio, que affirma haver na India mulheres que concebem dos cinco aos sete annos, contesta esta asserção, porquanto os portuguezes que n'aquellas regiões penetraram nada viram que a confirmasse; e conclue apresentando as razões por que a mulher póde conceber sem que seja menstruada, abonando-se com casos da sua pratica, um dos quaes havia sido o de D. Joanna, condessa de Villa Franca e senhora da ilha de S. Miguel.

Occupa-se o livro terceiro do coito e da concepção. Começa por definir o que seja coito, e expõe as causas que a elle convidam, os seus fins, os seus effeitos quando moderado e quando excessivo; apresenta preceitos relativos ao acto venereo; ventila se é possivel fecundarem-se individuos de diversos generos; trata da concepção, expondo minuciosamente os signaes da gravidez; compara os sexos, opinando que a mulher não é inferior ao homem, debaixo de qualquer ponto de vista; estuda a similhança especifica e individual, citando casos notaveis de parecença, entre os quaes o dos sobrinhos do jurisconsulto Alvaro Vaz, de Evora, e em contraposição occupa-se de desvios do typo normal, intentando uma classificação das monstruosidades, e produzindo factos de sua observação, como o de uma creança da Guarda, que vira em Evora, em 1577, carcunda e sem braços; occupa-se do hermaphroditismo e da superfetação, combatendo a opinião corrente no seu tempo que os gemeos não podiam ser de sexo differente, abonando-se com o que se dava na sua propria familia, em que seus irmãos Francisco da Costa e Leonor Paes eram de um mesmo parto; occupa-se da evolução do feto, n'um e outro sexo, e consigna erradas noções sobre o desenvolvimento do coração e do figado, terminando por discorrer sobre a época em que existe alma racional no feto, reservando prudentemente esta questão para os theologos.

Occupa-se o livro quarto do parto e do leite. Começa por definir o que seja parto e suas causas, investiga as razões

por que na mulher a expulsão do feto se effectua com dôr, e consigna a observação de que as belgas e allemãs parem com facilidade; diz como se deve contar o tempo da prenhez e as difficuldades que se encontram por vezes n'essa contagem; discute a influencia da lua e do sol no parto, affirmando que a mulher se allivia á mesma hora que concebe e que é essa a razão da frequencia dos partos nocturnos; apresenta calculos astronomicos relativos ao tempo do parto, explica os partos de sete e oito mezes e dá as razões por que geralmente as creanças de oito mezes são menos viaveis que as de sete; affirma que as mulheres peninsulares são em geral fracas e pouco fecundas, estando sujeitas a partos laboriosos, o que attribue ao uso da agua que produz a esterilidade; occupa-se do parto e suas causas, signaes, cuidados com o recemnascido, etc.; expõe os caracteres d'um bom leite, e as differenças que póde haver na sua qualidade, preconisa enthusiasticamente a amamentação materna, e rejeita as amas de grandes seios, mostrando os seus inconvenientes e dizendo que por tal motivo viu n'um mesmo anno duas creanças suffocadas, uma portugueza e outra belga.

A segunda parte da obra é seguramente mais interessante. No primeiro livro, consagrado ás doenças communs das mulheres, trata em primeiro logar das causas que podem impedir o fluxo menstrual, e que são a imperfuração do collo uterino, as adherencias dos grandes labios e a continuidade do hymen, fallando em materia de diagnostico da applicação do especulo; occupa-se da amenorrhea, mostrando que nem todas as mulheres que soffrem esta doença são estereis; trata das hemorrhagias supplementares quando falta o fluxo mensal, citando o caso da condessa de Villa Franca, D. Joanna, que Rodrigo de Castro curou, apesar d'ella lançar muito sangue pela bocca quando lhe faltavam as regras; occupa-se da suspensão da menstruação, preconisando no seu tratamento as escarificações recommendadas por Oribasio e que eram pratica corrente em Portugal; trata das hemorrhagias uterinas, aconselhando no seu tratamento as injecções vaginaes com substancias adstringentes, e referindo-se em materia de ali-

mentação ao caldo de miolo de pão, muito empregado em Portugal; incidentemente falla dos meios de combater as hemorrhagias e elogia as vantagens do esterco de burro reduzido a pó, meio posto em pratica muitas vezes por seu tio Manuel Vaz, medico da camara dos reis portuguezes; occupa-se da dismenorrhea, nas suas differentes fórmas, aconselhando no seu tratamento, além d'outros meios, injecções antisepticas; e na leucorrhea elogia os banhos sulfurosos, além d'outras applicações locaes.

Uma secção especial é consagrada ao estudo dos tumores das mammas. Sob esta designação comprehende a simples inflammação, o edema, a escrofula, o scirrho e o carcinoma, e a hypertrophia d'estes orgãos. A respeito do scirrho entende ser este um dos tumores do seio em que a extirpação póde dar melhores resultados, e que a ferida operatoria póde ser curada por primeira intenção, procedendo-se previamente á costura; no cancro, recommenda muita prudencia nos meios empregados, porquanto qualquer irritação é seguida de maus resultados, e inclina-se a acreditar que é uma doença transmissivel por contagio; no tratamento da hypertrophia das mammas, menciona a compressão por meio de ataduras como um meio ás vezes perigoso, assim como o uso de fôrmas de chumbo com o mesmo fim.

Em todos estes capitulos, ha muito de observação pessoal. Citaremos os exemplos seguintes: no que diz respeito á mammite, combate a opinião de Galeno, Brasavola e Guido, não só pelo que lêra n'outros auctores, mas pelo que vira n'um belga, filho de Simão de Konig; sobre tumores escrofulosos refere um caso tambem visto por elle em que a compressão determinou um abcesso volumoso que causou a morte da paciente; etc., etc.

No livro segundo, são estudadas as doenças que accommettem principalmente as viuvas e solteiras. Divide-se em tres secções. A primeira occupa-se das affecções uterinas propriamente ditas e como taes considera a hysteria, que combate com antispasmodicos, citando casos de sua pratica, um dos quaes se refere a Margarida d'Alefeld; a anemia e chlorose,

dando na therapeutica uma parte importante aos preparados de ferro; as dispepsias, a cardialgia e a pneumatose que se podem desenvolver por lesões uterinas, recommendando que, apezar do tratamento causal, se deve fazer therapeutica symptomatica, e prescrevendo uma alimentação conveniente, da qual faziam parte os vinhos peninsulares, preferiveis com este fim aos da Italia; nevralgias diversas e principalmente a enxaqueca, em cuja etiologia cita o uso de preparados irritantes que as mulheres usavam nos cabellos; as colicas uterinas; o prurido vulvar e o furor uterino; e a debilidade uterina que se manifesta pela falta do appetite venereo, eructações, perturbações da menstruação, etc. N'alguns d'estes padecimentos recommenda o uso da agua destillada de cassia-fistula verde, que lhe fôra remettida por Eduardo Mendes, protomedico da India oriental.

A secção segunda é dedicada ao estudo das doenças locaes do utero. Como taes estuda o prolapso uterino, tratando largamente dos processos de reducção e contenção, e não recuando, nos casos acompanhados de ulcerações, em separar a parte ulcerada, por meio do ferro ou do cauterio actual, conforme lhe ensinára o seu professor André Valcacer, e reduzindo a parte restante; e descreve os desvios do utero, em cujo diagnostico se vê terem tomado importancia a exploração da vagina e do collo uterino, effectuada por matronas sob a direcção do medico.

Na secção terceira estuda a *nymphea,* nome sob o qual designa o desenvolvimento excessivo do clitoris e pequenos labios e que não deve confundir-se com o que denomina *cauda* e parece ser o polypo uterino; cita observações proprias d'esta ultima doença, e indica a therapeutica, em que entra a applicação dos causticos e o ferro, se bem que julga a operação sangrenta perigosa se interessa o clitoris. Considera a hydropesia e a tympanite uterinas, dando no tratamento d'esta ultima grande importancia a um emplastro de oleo de louro, arruda, cominhos, etc., muito empregado pelas mulheres portuguezas. Occupa-se das metrites, distinguindo a que tem por séde o collo da que tem por séde o corpo do orgão, e mostra

a difficuldade que ha em a distinguir da erysipela que póde accommetter o utero, tornando-se quasi sempre mortal. Trata dos tumores malignos do utero, scirrho e carcinoma, recommendando apenas tratamento palliativo; e estudando em capitulos successivos diversas excrescencias do utero, assim como as fistulas, chagas, gangrena, vermes e calculos (tumores fibro-calcareos) que se formam n'este orgão. Ao occupar-se das fistulas, aconselha o emprego do ferro candente e das substancias causticas, e na gangrena recommenda a excisão das partes mortificadas por meio do escalpello.

Os primeiros capitulos do livro terceiro são consagrados ao estudo da esterilidade, em que Rodrigo de Castro admitte varias especies: natural, por falta de actividade do sperma, por doenças do utero ou dos seus annexos, e por impropriedade da idade. Em capitulo separado, é estudada a impotencia do homem para o coito ou para a geração. No tratamento, aconselha grande numero de substancias hoje abandonadas por completo, mas, referindo-se á alimentação, cita como vantajosos preparados culinarios genuinamente nacionaes e dá larga parte ás aguas sulfurosas, d'entre as quaes as de Benavente têm menção muito especial.

A secção seguinte é dedicada ao estudo das doenças das mulheres durante o periodo de gravidez. Como taes, estuda a concepção monstruosa, as molas, a gravidez falsa, a pica, em cujo tratamento aconselha, conforme era usado pelas mulheres portuguezas, o grão de bico torrado com sal, o fastio, o vomito e as nauseas, as dôres de ventre, a palpitação e a syncope, etc., etc. São de notar a descripção que apresenta da albuminuria e edemas gravidicos, o capitulo das hemorrhagias uterinas, e ainda o que trata das indicações da sangria nas gravidas, em que cita casos de observação propria favoraveis ao emprego d'este meio de tratamento.

O ultimo livro estuda as doenças das puerperas e das mulheres que amamentam. Na primeira secção, descreve o parto, mencionando costumes e praticas do seu tempo entre as mulheres portuguezas; assim é citado o uso das fachas em seguida ao parto, o das fatias douradas, feitas com ovos, cina-

momo e mel, etc. Occupa-se em seguida do feto morto e da operação cesareana, sem que todavia cite caso algum da sua pratica em abono d'esta ultima. Trata do aborto e do parto vicioso e difficil, fallando na pratica da versão e citando casos de observação propria em que vira enormes lacerações do perineo. Consagra capitulos especiaes á retenção das secundinas e de molas, assim como ás dôres que acompanham a retracção do utero, e termina estudando as hemorrhagias *post partum*, e a retenção dos lochios, a cujas consequencias succumbira, na flôr da idade, sua mulher Catharina Rodrigues.

A segunda secção é preenchida com o estudo das doenças que, comquanto accommettam as puerperas, são communs ás outras mulheres. Como taes são estudadas a febre puerperal, a leucorrhea, o vomito, as doenças agudas, os edemas, as metrites, as ulcerações uterinas, e a estrictura da vagina. Um dos capitulos mais interessantes é aquelle em que estuda a loucura puerperal, em que cita casos da sua observação e entre elles o de uma senhora portugueza que, todas as vezes que gravidava, era accommettida de perturbações mentaes que desappareciam depois do parto.

Finalmente, a ultima secção é consagrada á escolha das amas, ao exame do leite, á sua abundancia, ao seu defeito e ainda aos cuidados a dar aos recemnascidos.

A obra de Rodrigo de Castro é, como se vê da exposição que fizemos, rica de factos e de observação. Beaugrand é de opinião que, apezar de ter sacrificado ás superstições do seu tempo, Rodrigo de Castro mostra n'este livro as qualidades de methodo e o espirito pratico que o distinguem [1].

Chinchilla affirma que a obra do nosso compatriota obteve o suffragio de todos os medicos da sua época e acredita que ainda no nosso seculo merece consulta da parte dos que quizerem escrever sobre doenças das mulheres [2]. O mais

---

[1] Art. Castro (Rodrigo de), in *Dictionnaire encyclopédique de Dechambre,* 1.ª serie, vol. XIII.

[2] *Hist. de la medicina española,* I, pag. 82.

completo dos seus biographos, o professor Pedro Dias, escreveu a seu respeito: «Rodrigo de Castro é a meu vêr uma das individualidades mais distinctas, ou, talvez, o vulto mais grandioso da medicina portugueza.

«Não foi certamente um talento extraordinario, uma d'aquellas *estranhezas*, que, como diz um poeta nosso, — *de tempos a tempos produz a natureza, — de dar iguaes engenhos já cançada* —; mas ninguem poderá negar-lhe uma intelligencia superior, um notavel bom senso, um dom de observação admiravel, um criterio distincto, um caracter honestissimo, e um singular amor pela sciencia que professou.

«Como escriptor não foi talvez brilhante como Zacuto, nem dotado de uma erudição pasmosa como este, como Henrique Jorge Henriques e outros: mas, escreveu com elegancia e notavel clareza, manifestando no seu dizer conhecimentos profundos e variados.

«Será porventura motivo de reparo a insistencia com que nos seus escriptos procura inculcar-se original; lembrarei, porém, que nos deixou a obra, ainda hoje, mais notavel da litteratura medica portugueza, e que, quando falla dos seus serviços á sciencia, não o faz com a ostentação e jactancia de outros que valiam muito menos.

«Referindo-se a collegas, ou tendo de criticar as opiniões de outros escriptores, é sempre com benevolencia e ás vezes com expressão de respeito, bem longe d'aquelle espirito satyrico, que uma ou outra vez se descobre nas obras do illustre mas vaidoso Zacuto.

«Ao contrario da grande maioria dos medicos do seu tempo, fanaticos sectarios de alguma das doutrinas medicas reinantes, ensina-nos que o medico deve ser eclectico, e que, similhante ás abelhas, ha de procurar o mel em todas as flôres em que o possa encontrar.

«Reclamando a soberania da razão e da experiencia já, ha tres seculos, dizia que a medicina é *ars cum ratione et experientia faciendæ, conservandæ que sanitatis.*

«Foi, ha pouco, arguido de ter por vezes sacrificado á superstição e credulidade do seu tempo, não se lembrando o cri-

tico de que nunca existiu homem realmente superior á sua época [1].

«No exercicio da profissão foi ainda distincto pela probidade e desinteresse. Gozando de grandes creditos, e tendo occasião de ajuntar cabedal, não enriqueceu.

«Homem de sciencia e educação, era com estes que folgava de encontrar-se, chegando a escrever que de melhor vontade tratava gratuitamente nas suas doenças os sabios e as pessoas bem educadas do que, mesmo a troco de avultada retribuição, prestava serviços clinicos aos ignorantes, aos que julgam que honra é pequice, e áquelles que não sabem distinguir o bom medico do que de medico só tem o nome.

«Os serviços, que prestou á medicina, deram-lhe direito a um logar entre os grandes mestres da sciencia nunca contestado, e antes cada vez mais affirmado pela justiça com que vemos o seu glorioso nome, e notaveis escriptos celebrados ainda na litteratura medica dos nossos dias.

«Foi portuguez pelo nascimento e tambem pelo affecto. A ausencia da patria, e talvez aggravos n'ella recebidos, não suffocaram no coração do nosso insigne compatriota este nobilissimo sentimento. Em todas as suas obras declara com orgulho a sua nacionalidade, e n'ellas é sempre com affeição, e por vezes com enthusiasmo, que se refere *nostris lusitanis*» [2].

THERAPEUTICA

A therapeutica reveste n'este seculo uma feição especial. A recente descoberta d'um novo caminho para a India, tornando mais faceis as relações com aquella região, despertou o desejo não só de estudar melhor as suas producções como o de tirar d'ellas o maximo proveito.

---

[1] Beaugrand, art. cit. do *Dictionnaire encyclopédique.*

[2] Pedro A. Dias — *Rodrigo de Castro, Apontamentos para a biographia do creador da gynecologia,* in *Archivos de historia da medicina portugueza,* II, pag. 101.

A sua fauna e flora variadas foram estudadas, e o resultado immediato d'estes estudos foi applicar-se á therapeutica a maior parte das substancias que os orientaes nos mandavam. Deveu-se esta feição especial da therapeutica a Garcia da Horta, mas reclama a justiça dizer que alguem o tinha precedido, se bem que não com o exito com que elle o fez depois.

No *Livro* de Duarte Barbosa; no *Roteiro* de Alvaro Velho; no *Lyvro dos pesos da Ymdia* de Antonio Nunes, e em geral em todas as narrações de viagem dos primeiros que peregrinaram na India encontram-se, a par de noticias sobre os costumes dos povos orientaes, informações, por vezes preciosas, sobre os seus productos da flora e fauna indianas.

Destaca-se entre elles Thomé Pires.

Thomé Pires, natural de Leiria e pharmaceutico de D. Affonso, filho de D. João II, ou d'este rei, como querem outros, foi mandado á India como feitor das drogarias, no anno de 1511. No exercicio das suas funcções, correu differentes paragens, tendo estado em Cananor, Cochim e Malaca, e exerceu n'esta ultima cidade o cargo de escrivão e contador da feitoria.

Achava-se em 1514 em Malaca, mas tendo sido, no anno seguinte, nomeado governador da India, Lopo Soares d'Albergaria, tratou este de mandar um embaixador ao rei da China e a escolha recaíu em Thomé Pires. A partida realisou-se em 1516, mas, antes d'ella, escreveu o illustre pharmaceutico a D. Manuel uma extensa carta sobre as drogas medicinaes que affluiam áquelles mercados.

Saíndo de Cochim, embarcou n'uma armada de que era capitão Fernão Peres d'Andrade. A armada teve de ir a Malaca para carregar generos commerciaes, e, por contrariedades que surgiram em viagem, só conseguiu chegar á China em 1517.

O embaixador e a comitiva desembarcaram em Cantão e foram recebidos com demonstrações festivas. Fernão Peres fez o seu commercio e voltou, deixando satisfeitos os chins com a nossa gente. Apparelhou-se outra armada com destino á China

em 1518, levando por capitão Simão d'Andrade, irmão de Fernão Peres. Thomé Pires ainda não tinha partido para o interior, por não ter vindo ordem real para que fosse. Tendo ido novas instancias e perguntado miudamente o rei pelas nossas coisas, resolveu-se que o embaixador partisse, e assim succedeu em janeiro de 1520, seguindo rio acima em tres navios de remos, á maneira de fustas. Quatro mezes depois, chegou á provincia de Nankim, e como o rei da China lhe mandasse dizer que o fosse esperar a Pekim, partiu para esta cidade onde chegou em janeiro de 1521. Ahi se encontrou com o rei, mas este recebeu por essa occasião noticias em desabono das intenções dos portuguezes, e que levavam a acreditar que Thomé Pires era um impostor e não um enviado do rei de Portugal. Em razão d'isto, resolveu que nunca mais entrasse no palacio o desventurado pharmaceutico portuguez.

Não sorriu melhor fortuna a Thomé Pires com a morte do rei da China succedida dentro em pouco tempo. O seu successor mandou que o embaixador fosse novamente para Cantão, e se enviasse recado a Malaca para que se entregasse esta cidade ao seu legitimo rei, e emquanto isto se não fizesse, se conservasse em custodia Thomé Pires. Occorreram, entretanto, graves acontecimentos em Cantão, que acabaram de irritar os chins contra os portuguezes, de modo que, ao chegar o embaixador a esta cidade, foi preso e morreu na cadeia.

É esta a versão de João de Barros, mas, no que diz respeito á morte de Thomé Pires, ha divergencia entre os nossos historiadores da India. Gaspar Correia diz que o rei da China, passado o agastamento, o mandou soltar e folgou de fallar com elle, mas nunca mais o deixou voltar para a patria; e Fernão Mendes Pinto refere que n'uma cidade da China encontrára uma mulher que lhe disse chamar-se Ignez de Leiria e ser filha de Thomé Pires, o qual, em seguida a um levantamento que houvera em Cantão, fôra preso com doze homens que trazia, e todos haviam sido açoutados e submettidos a tratos. Haviam morrido cinco; os sobreviventes foram apartados uns dos outros para diversos logares. A Thomé Pires coubera em sorte para degredo aquella terra, onde casára com a

mãe d'ella e a fizera christã, e vinte e sete annos haviam vivido juntos.

Castanheda, talvez mais escrupuloso, diz: «el-rei da China mandou prender ao nosso embaixador e os outros que estavam com elle e mandou que estivessem apartados uns dos outros, e que lhe fosse tomada a sua fazenda, escripta e avaliada: e dizem uns que com tristeza adoeceu, e morreu o embaixador; outros, que morreu com peçonha. E porque eu não pude saber as particularidades d'isto o digo assi em somma» [1].

A carta que escreveu a D. Manuel em 27 de janeiro de 1516, considerada por Pedro José da Silva como em nada inferior aos *Coloquios dos simples* de Garcia da Horta e como levando-lhe até vantagem na concisão e clareza, está longe de merecer elogios d'esta ordem. É uma simples enumeração das drogas que encontrou, sem a menção das suas propriedades, lembrando uma flora em que, tendo sido omittidos os caracteres botanicos, se mencionasse apenas o habitat. Occupa-se da herva lombrigueira (*Artemisia maritima*, var., *A. Steckmanniana*, Besser.), do ruibarbo (*Rheum officinale*, Baillon), da canna-fistula (*Cassia fistula*, Linn.), do incenso (gomma resina do *Boswellia Carterii*, Birdw.), do opio (succo concreto do *Papaver somniferum*, Linn.), da galanga (rhizoma da *Alpinia officinarum*, Hance, ou da *Alpinia galanga*, Wild.), do turbith (*Ipomœa turpethum*, R. Brown), dos mirabolanos (fructos da *Terminalia belerica*, Roxb., e da *Phyllanthus emblica*, Linn.), do aloes (*Aloe abyssinica*, Linn., e *Aloe perryi*, Baker), do espiquenardo (rhizoma do *Nardostachys jatamansi*, D. C.), do esquinanto (*Andropogon laniger*, Desf.), do bdellio (succo gommo-resinoso do *Balsamodendron africanum*, Arn.), da myrrha (succo gommo-resinoso da *Commiphora myrrha*, Engler), da

[1] Os traços biographicos e citações que fazemos são extrahidos do *Elogio historico e noticia completa de Thomé Pires*, por Pedro José da Silva. Lisboa, 1866.

mumia, do ispodio (concreção siliciosa, depositada na *Bambusa arundinacea,* Retz), do tincal (borato de soda), da alquitira (exsudação do *Astragalus verus,* Oliv.), dos rubis, da sarcocolla (succo gommo-resinoso da *Penœa sarcocolla,* Linn.), do betel (*Piper betle,* Linn.), da zedoaria (*Curcuma zedoaria,* Roxb.), do estoraque liquido (*Liquidambar orientalis,* Miller), e do aljofre (*Meleagrina margaritifera,* Linn.).

Ao lado do nome d'estas substancias, mencionam-se os logares em que se encontram, merecendo notas especiaes dois medicamentos: o opio e a mumia.

Sobre o primeiro, refere o costume dos homens abastados da India, que consistia em comerem todos os dias a quantidade de uma avelã, e dá ideia da intoxicação chronica produzida por esta substancia, intoxicação que diz caracterisar-se pela somnolencia, pela abstracção e desvairamento, pela vermelhidão dos olhos e pelo incitamento á luxuria. A proposito da mumia [1] traz uma observação curiosa, n'um tempo em que ella era considerada como remedio para uma quantidade extraordinaria de enfermidades, consistindo em dizer, ao mencionar a burla de alguns mercadores que vendiam por mumia carne de camello tostada, que não crê que aproveite mais uma do que a outra.

Eis em toda a sua simplicidade o que é a carta de Thomé Pires. Não podemos suppôr que influisse nos destinos da medicina portugueza, porquanto se conservou por muito tempo sepultada n'um archivo, e porque a menção de substancias, sem a indicação dos seus usos medicinaes, podia levar algum curioso a estudar as suas propriedades, mas... nada mais.

Influencia por certo decisiva não só na medicina portu-

---

[1] A verdadeira mumia, diz Thomé Pires «he hua vmydade dos corpos mortos desta maneira: como ho homem morre, alimpano das tripas e fresura, e lamçam lhe demtro mirra e aloees, e tornam no a coser, e meteno asy em sepulchros com furacos: esta mistam com a vmydade do corpo corre e apanhase, e este liquor se chama momia».

gueza mas na pratica geral d'esta sciencia foi a exercida pela obra de Garcia da Horta sobre as substancias medicinaes da India [1]. Garcia da Horta, segundo Barbosa Machado, nasceu em Elvas, ignorando-se por completo o anno em que veiu ao mundo, e os nomes dos paes. Novo ainda, partiu para Hespanha, onde estudou em Salamanca e Alcalá [2]. Calcula o seu recente biographo, o snr. conde de Ficalho, que isto se effectuasse entre 1510 e 1515, suppondo que primeiro se dirigisse a Salamanca e em seguida a Alcalá [3]. Deve ter voltado ao reino em 1525, tendo antes obtido o gráu de licenciado, e não o de doutor como alguns dizem. De sciencia certa, sabe-se que fez em 1526 perante o physico-mór o exame a que eram obrigados os que, tendo frequentado universidades estrangeiras, desejavam praticar no paiz. Exerceu a clinica em Castello de Vide [4], d'onde saíu em 1530 para reger na Universidade de

---

[1] *Coloquios dos Simples, e drogas he cousas mediçinais da India, e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas cousas tocantes a mediçina, pratica, e outras cousas boas, pera saber — Impresso em Goa, por Joannes de endem aos X dias de Abril de 1563.* O exemplar que vimos d'esta rarissima obra pertence ao dr. José Carlos Lopes.

2.ª edição feita, proximamente pagina por pagina, pela primeira. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1872. Esta edição foi dirigida por F. Ad. de Varnhagen.

Edição publicada por deliberação da Academia real das sciencias de Lisboa, dirigida e annotada pelo Conde de Ficalho, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891. — Vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1895.

[2] Dimas Bosque, Prologo dos *Coloquios,* edição Ficalho, I, pag. 10 e 11; Coloquio, II, do aloes, I, pag. 24; Coloquio XLIII, da pedra diamão, II, pag. 201; Coloquio LVIII, que trata de algumas coisas que vieram á noticia do auctor, II, pag. 379.

[3] Conde de Ficalho, *Garcia da Horta e o seu tempo.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1886, pag. 20. A lista dos portuguezes que o snr. conde de Ficalho aventa serem conhecidos de Garcia da Horta nas universidades que frequentou tem de ser reduzida. Pelo menos Amato Lusitano, Luiz de Lemos e Henrique Jorge Henriques devem ser eliminados.

[4] Carta de exercicio da medicina de 10 de abril de 1526, publicada pela primeira vez por Pedro José da Silva na *Gazeta de Pharmacia,* 1867, pag. 45, mas com a data errada. Conde de Ficalho, op. cit., pag. 36.

Lisboa a cadeira de *Summulas,* designação abreviada de um livro de Pedro Julião [1].

Não foi longa a sua carreira professoral: em março de 1534 já a cadeira era regida por outro professor, porquanto Garcia da Horta embarcou a 12 d'este mesmo mez para a India, em companhia do seu amigo e protector Martim Affonso de Sousa. Em setembro, lançou ferro na barra de Goa, no surgidouro das naus do reino, e desde então a sua vida passou-se inteira nas regiões orientaes [2]. Como a armada em que ia fosse mandada para o norte, com o fim de vigiar a costa de Cambaya, o nosso illustre medico, acompanhando-a, teve ensejo de vêr o templo de Elephanta, sendo o primeiro europeu que nos dá noticia de algumas das suas feições [3]. Mas, tendo sido chamado Martim Affonso de Sousa a Baçaim, Garcia da Horta assistiu, a 23 de setembro de 1534, ao contracto de paz feito entre Nuno da Cunha, governador da India, e o embaixador do rei de Cambaya [4].

Os primeiros mezes de 1535 passou-os Garcia da Horta ou em Baçaim, ou cruzando na costa do norte, vindo depois para Chaul invernar em abril ou principio de maio [5]. Depois acompanhou Martim Affonso a Diu, quando este a tomou, a instancias do sultão Bahádur, e ahi edificou uma fortaleza [6]. Durante a sua residencia em Diu, teve occasião de estudar grande numero de producções que ahi affluem e constituiram objecto de alguns dos seus *Coloquios.*

---

[1] Garcia da Horta, licenciado em medicina, foi provido na cadeira de philosophia natural por encommendação do conselho em 5 de novembro d'este anno de 1530, e a leu até ao 1.º de março de 1534 por estar de partida para a India. (*Notas ineditas de Francisco Leitão Ferreira ás Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* no *Instituto,* vol. XIV. Coimbra, 1871, pag. 281).

[2] Conde de Ficalho, op. cit., pag. 83.

[3] *Coloquios* — Coloquio LIV, do turbit., II, pag. 341.

[4] Conde de Ficalho, op. cit., pag. 91.

[5] Idem, pag. 92.

[6] *Coloquios* — Coloquio LIV, do turbit., II, pag. 339.

Como Bahádur soubesse que o seu competidor Humayun ia em retirada para Dehhi, pediu o auxilio de Martim Affonso para o perseguir. Accedeu o capitão portuguez, mas a diligencia não foi bem succedida e a expedição teve de voltar para Diu. Garcia da Horta acompanhou Martim Affonso em todas estas correrias e ainda quando este em 1536 partiu de Diu para Goa, onde se demorou todo o verão [1]. Mas, tendo chegado más noticias do Malabar, o governador expediu Martim Affonso para lá, e em sua companhia levava o seu medico e amigo. Martim Affonso ia procurar resolver uma contenda entre o rajá de Cochim e o rajá de Calicut e levou toda a estação chuvosa de 1536 em observação e escaramuças, sendo a principal aquella a que deu logar a tomada do repelim de que Garcia da Horta foi testemunha presencial [2].

Pouco depois d'estes acontecimentos, Martim Affonso foi chamado a Diu por Nuno da Cunha, mas não se sabe se o illustre medico o acompanhou, sabendo-se ao contrario que passou toda a estação das chuvas de 1537 em Cochim [3].

Pelos fins de 1537, saíu Martim Affonso ao mar, em busca de uma numerosa armada de paráos reunida pela colonia moura de Calicut, e commandada por Paichi Marcar. Duas vezes escapou este ao capitão-mór, até que foi alcançado a leste do cabo Comorim, em Beadala. Deu-se então uma batalha importante, a que ficou o nome d'esta ultima localidade, sendo muito provavel que Garcia da Horta fosse testemunha presencial d'esse successo [4].

Terminada a empreza de Beadala, Martim Affonso dirigiu-se ao porto de Colombo, na ilha de Ceylão. Acompanhava-o Garcia da Horta [5], que assim teve occasião de estudar al-

---

[1] *Coloquios* — Coloquio XXVII, de duas maneiras de hervas, II, pag. 15; Coloquio XXXVI, do musgo e melam da India, II, pag. 140.

[2] Idem — Coloquio XV, da canela, I, pag. 205.

[3] Ficalho, op. cit., pag. 130.

[4] *Coloquios* — Coloquio XV, da canela, I, pag. 205.

[5] Idem, pag. 214. — Coloquio XLII, do pao da cobra, II, pag. 182; Coloquio XLIV, das pedras preciosas, II, pag. 217.

gumas das suas producções. Pouco se demoraram, elle e o seu amigo, em Colombo, porquanto Martim Affonso voltou á costa do Malabar, onde andou cruzando, até que em abril de 1538 se veiu acolher a Cochim, ou foi invernar a Goa [1].

Entretanto os rumes preparavam-se para atacar Diu, ao mesmo tempo que Coje Çafar levantava contra esta cidade todas as forças do Guzerate. Martim Affonso foi logo chamado a Goa por Nuno da Cunha, e planeavam ir em soccorro a Diu quando chegou á India o vice-rei D. Garcia de Noronha [2].

A fraqueza d'este vice-rei determinou a partida de Martim Affonso para a Europa, em seguida a uma empreza de pouca gloria para quem a dirigiu.

A partir de 1538, Garcia da Horta fixa a sua residencia em Goa, e apenas faz algumas viagens a Bombaim, a Ahmednagger, a Dowlutábad, a Chacan e a Quidur [3].

Voltando, porém, á India o seu amigo Martim Affonso de Sousa, como governador, saíu de Goa em 1543 para Cochim e de Cochim para Beadala. A expedição foi pouco brilhante, como de pouca valia era o motivo que a determinava. Garcia da Horta acompanhou esta expedição, e demorou-se por algum tempo na ilha das Vaccas, depois chamada pelos hollandezes ilha de Delft [4]. Quando Martim Affonso regressou, estava terminada a vida aventurosa de Garcia da Horta.

Medico do hospital d'el-rei, e talvez physico-mór de alguns dos vice-reis que governaram a India, a sua vida passou-se tranquillamente, cercado de consideração dos seus compatriotas, estimado dos principes indianos e nomeadamente d'aquelle Nizamaluco que considerava como seu verdadeiro amigo [5].

---

[1] Ficalho, op. cit., pag. 135.

[2] Idem, pag. 135 e 136.

[3] Coloquio xxxiv, das mangas, ii, pag. 101.

[4] Coloquio xv, da pedra bezar, ii, pag. 232. Vid. a nota respectiva do snr. conde de Ficalho.

[5] Coloquio x, do ber., i, pag. 119.

Quando publicou os *Coloquios* em 1563, estava velho, mas a vida não o abandonou immediatamente [1].

Christovão da Costa, desembarcando na India em companhia de D. Luiz d'Athaide, em outubro de 1568, ainda o pôde conhecer, mas d'ahi em diante perde-se-lhe o rasto por completo [2].

Os *Coloquios dos simples e drogas medicinaes* são um dos livros que mais honram a medicina nacional, e da sua influencia na medicina europeia são prova bastante as traducções e commentarios das suas obras que se consumiram com pasmosa velocidade.

O que a sua leitura immediatamente faz conhecer é a pasmosa erudição do seu auctor. Desde os mais antigos aos mais modernos, Garcia da Horta conhecia todos os naturalistas que haviam dado alguma noticia das producções da India. Versára os auctores gregos e romanos; estudára os livros dos arabes e acompanhára o movimento scientifico europeu da primeira metade do seculo XVI, com tal dedicação que na sua

---

[1] E vêde carreguado
De annos, letras, e longa experiencia
Um velho que insinado
Das Gangeticas Musas na sciencia
Podaliria subtil, e arte siluestre,
Vence o velho Chiron de Achilles mestre.

(CAMÕES, *Ode ao Conde de Redondo*).

«Pois são de homem que do principio da sua edade até autorisada velhice...» (Prologo do Licenciado Dimas Bosque).

«E como eu nam posso andar todas as terras, nem me dão licença os que a terra governão pera yr fora donde residem, porque se querem de mim por minha velhice». (Coloquio XII, de duas maneiras de camfora e das carambolas, pag. 151).

[2] Prologo do *Tractado de las Drogas*, de que adiante nos havemos de occupar.

obra são citados livros publicados na Europa apenas dois ou tres annos antes [1].

Já aqui é de notar, e o snr. conde de Ficalho bem o põe em evidencia, que a erudição de Garcia da Horta é subordinada á especialidade a que se dedicára. Conhecia a sciencia do seu tempo, mas conhecia melhor os trabalhos dos naturalistas. «Áparte uma ou outra obra de interesse geral, os livros citados pertencem á sua sciencia predilecta; e essa sciencia não é a medicina considerada em globo, mas pura e simplesmente a materia medica, e a botanica com ella relacionada. Ao passo que o medico portuguez cita brevemente Hippocrates ou Celso, refere-se a cada momento a Dioscorides ou Plinio». E a orientação do seu espirito mais se accentua nos logares citados de cada um dos auctores que consultou. O que d'elles conhece bem é a parte que se occupa dos simples, e principalmente dos vegetaes; tudo o mais não lhe merece a mesma importancia, ou põe-n'o de parte.

Enganar-se-ha, porém, quem o suppozer um erudito apenas. Garcia da Horta estava de posse d'um methodo scientifico rigoroso e arvorava a observação em criterio infallivel nas sciencias naturaes. N'este sentido, é um homem superior á sua época, porquanto, quando os mais avançados apenas faziam consistir a sua ousadia em preferir aos commentadores de Galeno o texto de Hippocrates, expurgado das alterações que lhe haviam feito soffrer, Garcia da Horta emancipa-se do respeito pela auctoridade e a sua divisa é esta: *eu vi*. Tambem o meio em que vivia dava-lhe uma certa liberdade de pensar e de exprimir o seu pensamento. Em Hespanha — é elle que o diz — certamente se não atreveria a affirmar coisa alguma contra os

[1] A lista organisada pelo snr. conde de Ficalho e publicada de pag. 285 a 298 do livro *Garcia da Horta e o seu tempo*, e aproveitada pelo snr. Theophilo Braga na sua *Historia da Universidade*, pag. 433 e seg., tem de ser augmentada com alguns nomes, taes como Murcello Virgilio, Bernardino de Laredo, Fra Bartholomeo e Fra Angelo Palla, etc., já indicados na excellente edição de Garcia da Horta, dirigida pelo snr. conde de Ficalho.

gregos e nomeadamente contra Galeno [1], mas nos sertões indianos, livre de peias, no seio d'uma vegetação livre e luxuriante, que importava o que haviam dito Dioscorides e Plinio, Avicena e Galeno, os antigos e os modernos? *Não me ponhaes medo com elles, eu vi* [2].

Encarando o livro de Garcia da Horta pelo lado botanico, é elle fonte de noticias copiosas sobre as plantas indianas, de algumas das quaes não havia noticia, havendo das outras errada informação. Do estudo feito pelo snr. conde de Ficalho resulta que a arvore triste (*Nyctanthes Arbor-Tristis,* Linn.), o negundo (*Vitex Negundo,* Linn.), o nimbo (*Melia Azadirachta,* Linn.), a *Aegle Marmélos,* Correia, que dava os marmellos de Bengala, os paus da cobra, um dos quaes era a *Rawdolphia sepentina,* Benth, foram pela primeira vez descriptos pelo illustre medico portuguez e com bastante precisão para hoje poderem ser identificados. Mais, porém, do que na descripção de plantas novas se torna evidente a sagacidade do nosso compatriota na resolução de questões intrincadas pelas informações inexactas que havia sobre algumas producções vegetaes. O snr. conde de Ficalho demonstra cabalmente esta asserção pelo exame dos capitulos que se referem aos myrobalanos, á camphora, ao manná, ao benjoim e aos cardamomos.

Quanto aos myrobalanos, começa Garcia da Horta por assentar que este nome não correspondia no seu tempo ao que os gregos e latinos designavam por elle. Desbravado assim o terreno, occupa-se dos verdadeiros myrobalanos da India, falla do famoso medicamento *tinepala,* composto de tres d'estes fructos, e procede á sua classificação, distinguindo cinco categorias: *citrinos, indicos, bellericos, quebulicos* e *emblicos.*

Esta classificação, que mais ou menos ainda se vê em livros modernos, nada tem de original. Mas o que é proprio de

[1] Coloquio xxxii, da maçã e noz, ii, pag. 84.

[2] Coloquio ix, do benjuy, i, pag. 105.

Garcia da Horta é a descripção dos caracteres das plantas que fornecem aquelles fructos, dizendo que as que dão os quatro primeiros têm o que hoje chamamos folhas simples, ao passo que a que dá os emblicos tem as folhas finamente recortadas, á maneira dos fetos. Ora estas observações foram reconhecidas como perfeitamente exactas.

Da camphora havia no tempo de Garcia da Horta noticias colhidas principalmente em Aecio e nos escriptores arabicos. Havia então duas especies principaes de camphora: a da China e a de Burnéo e Sumatra. Da arvore que fornece a primeira sabia pouco Garcia da Horta, mas da que fornece a segunda tinha obtido noticias certas. Diz-nos que essa planta, a que chamamos hoje *Dryobalanops Camphora,* Colebrooke, era uma arvore alta «de boa copa e aprazivel á vista», o que é exacto e não menos que a camphora é uma gomma, e não miolo, vendo-se exsudar pelas fendas da madeira, o que pessoalmente observára.

O manná, no seu tempo, vinha da Sicilia e bem o conhecia elle. Mas, no Oriente foi encontrar novas qualidades, não descriptas ainda. Nenhuma era propriamente da India, mas da provincia de Usbeque, nome debaixo do qual Horta parece abranger o Afghanistan, parte da Persia e outras regiões da Asia central, d'onde vinha e ainda vem o manná para a India. Horta descreve tres mannás: o Xirquest, o tiriamjabin, e outro que vinha a Goa por mar sob o aspecto de «mel alvo coalhado».

O *Xirquest* é um «rucio que cae d'aquellas arvores ou gomma que nasce d'ellas», e esta indicação é exacta, a começar no nome, que ainda hoje se dá á exsudação d'uma planta da familia das Rosaceas, a *Cotoneaster Nummularia,* Fisch et Mey. O *tiriamjabin* é o *turanjabin* dos modernos, produzido por uma planta espinhosa da familia das Leguminosas, a *Alhagi Camelorum,* Fisch. Horta apurou que era gomma ou resina e dos espinhos da planta que a produzia concluiu que seria uma especie de cardo. Finalmente, o manná similhante a *mel alvo coalhado* deve ser o que exsuda do tronco dos tamargueiros sob a excitação produzida pela picada d'um insecto espe-

cial. Berthelot, tendo tido recentemente occasião de observar um specimen d'este manná, comparou-o ao xarope grosso amarellado. Em tudo quanto se refere ao manná se evidencía a exactidão das descripções do nosso compatriota.

Grande confusão e obscuridade reinava a respeito do benjoim. Garcia da Horta aclara parte d'estas incertezas. Sabe que em Sião ha o bom benjoim amendoado, e em Java e Sumatra outros de menor preço, comquanto d'estas ultimas terras viesse tambem uma especie muito boa chamada «benjoy de boninas». Da arvore de Sião nada conhecia, mas da arvore de Java, Sumatra e Malaca sabia que a *Stiray benzoin,* Driander, era alta, de boa sombra, regular, com «seus ramos bem ordenados», tendo folhas menores que as do limoeiro, não tão verdes, e brancas na pagina inferior. Averiguára isto, mandando vir de Malaca ramos e folhas mettidos em vinagre. Assim conseguiu ser o primeiro a dar sobre esta droga indicações lucidas e comprehensivas [1].

«Grande meada temos para desempeçar», diz Garcia da Horta ao tratar dos cardamomos, e de facto era essa uma das intrincadas meadas do tempo. Não conseguiu Horta desembaraçal-a por completo, mas tendo ido a Cochim um judeu da Turquia, obteve d'elle informações que completou por occasião de visitar no interior um irmão do famoso Verido (Kasim Verid). Achavam-se á venda na India duas especies de cardamomo, o cardamomo maior e o cardamomo menor, mas só este era produzido na terra, vindo o outro da ilha de Ceylão, unica parte onde nasce. É isto perfeitamente exacto: o cardamomo menor procede da *Elletaria cardamomum,* Maton, espontanea pelas mattas do Canará e do Malabar, e o maior procede d'uma variedade bem marcada da mesma especie, que só se encontra espontanea na ilha de Ceylão [2].

---

[1] Cf. Fluckiger e Hanbury, cit. pelo snr. conde de Ficalho, op. cit., pag. 261.

[2] O que dizemos no texto é um resumo das paginas 335 a 363 da obra do snr. conde de Ficalho.

Justificadissima é, pois, a opinião d'uma das primeiras auctoridades scientificas dos nossos dias, em tudo quanto se refere á historia da materia medica, o sabio professor allemão dr. Fluckiger:

«Os *Coloquios* são sobretudo notaveis pela riqueza das informações e pelas descripções muito circumstanciadas. Ninguem descreveu ainda as drogas indianas com mais cuidado, nem reuniu sobre ellas informações mais aproveitaveis do que fez Garcia. Sempre que se tratar da historia das drogas indianas será necessario recorrer a Garcia da Horta; apesar dos seus defeitos, que pela maior parte se devem attribuir ao seu tempo, os *Coloquios* occuparão um logar de honra na historia da Pharmagnose» [1].

Naturalmente, na obra d'um especialista, tudo quanto não pertence á especialidade se apresenta como menos importante do que o resto. Assim succede effectivamente com o livro de Garcia da Horta.

Não é isto dizer que, no estabelecimento das indicações para o emprego dos medicamentos, não haja demonstração de conhecimentos notaveis e que mais d'um capitulo não podesse ser modernisado com pouco trabalho, pouco mais do que o de actualisar a linguagem. Mas isto ainda entrava nos dominios da sua especialidade, visto que elle só era um botanico, porque era um pharmacologista.

Portanto, fóra d'este campo, pouco se encontra de importante n'este livro, a não ser a descripção da colera asiatica que é a primeira, devida á penna d'um escriptor medico. Ainda assim, citarei a sua opinião sobre a origem da syphilis, questão sobre a qual não será demais produzir qualquer novo testemunho.

A colera asiatica parece ser conhecida desde as mais remotas antiguidades, encontrando-se referencias a esta doença em livros indús.

---

[1] Cit. pelo conde de Ficalho, op. cit., pag. 366.

Depois que as viagens dos portuguezes chamaram a attenção para a India, a primeira noticia da doença, e essa bem resumida, encontra-se na *Vida* de João de Empoli, um florentino que andou na armada dos Albuquerques. Se essa é a primeira noticia, nenhuma comparação póde fazer-se entre ella e a que Gaspar Correia apresenta nas suas *Lendas da India*, com referencia ao anno de 1543. A citação é longa, mas é de rigor n'este trabalho:

«N'este inverno [1] ouve em Goa huma dor mortal, que os da terra chamam moryxy, muy geral a toda calidade de pessoa, de minino muy pequeno de mama até velho de oitenta annos, e nas alimarias e aues de criação da casa, que a toda cousa vivente era muy geral, machos e femeas; a qual dôr dava na criatura sem nenhuma causa a que se pudesse reputar, porque assy vinha aos sãos como aos doentes, aos gordos como aos magros, que em nenhuma cousa deste mundo tinha resguardo. A qual dor daua no estamago, causada de frialdade segundo affirmauão alguns mestres; mas depois se affirmou que lhe nom achauão de que tal dôr se causasse. Era a dôr tão forte, e de tanto mal, que logo se conuertia nas sustancias de forte peçonha, a saber: d'arrauesar, e beber muyta agoa, com deseqamento do estamago, e cambra que lh'encolhia os neruos das curuas, e palmas dos pés, com taes dôres que de todo o enfermo ficava passado de morte, e os olhos quebrados, e as unhas das mãos e dos pés pretas e encolheitas. Á qual doença os nossos fisiquos nunca acharam cura; e durava o enfermo um só dia, e quando muyto huma noyte, de tal sorte que de cem doentes nom escapauão dez, e estes que escapauão erão alguns por lhe acudirem muy em breve com mezinhas de pouqua sustancia, que sabião os da terra. Foy tanta a mortandade n'este inverno que todo o dia dobrauão sinos, e enterrauão mortos de doze e quinze e vinte cada dia: em tan-

---

[1] Verão de 1543 — Gaspar Correia chama-lhe inverno por causa das chuvas e ventos reinantes.

ta maneira que mandou o Governador que se nom tangessem sinos nas igrejas, por nom fazer pasmo á gente. E por esta ser huma doença tão espantosa, morrendo hum homem no esprital d'esta doença de moryxy o Governador mandou ajuntar todolos mestres, e o mandou abrir, e em todo o corpo de dentro lhe nom acharão mal nenhum, sómente o bucho encolheito, e tamanino como huma muela de gallinha, e assy enverrugado como coiro metido no fogo. Ao que disserão os mestres que o mal d'esta doença daua no bucho, e o encolhia, e fazia logo mortal. E porque hauia grande apressão no enterramento dos mortos, que os crelgos da sé nom podiam tanto soprir, então o bispo dom Affonso d'Albuquerque [1] repartio freguezias pola cidade, e fez freguezias Santa Maria do Rosario e Santa Maria da Luz; sobre que tiverão muytos debates, porque os crelgos da sé nom quizerão consentir que as freguezias levassem os dizimos de seus freguezes» [2].

A esta epidemia de 1543 devia assistir Garcia da Horta e seria até um dos mestres que se prestaram para a autopsia, mas no seu livro nada diz a esse respeito. Nos *Coloquios* está elle conversando com o dr. Ruano quando o mandam chamar da parte de D. Jeronymo para lhe vêr um irmão. A chamada é feita com toda a urgencia, e Horta pergunta ao pagem que doença é e ha quanto tempo invadiu o doente. — É *morxi* e ha duas horas que adoeceu. E como Ruano pergunta que doença é esta, Garcia da Horta responde:

«Acerqua de nós he *colerica passio;* e os Indianos lhe chamão *morxi;* e nós corruptamente lhe chamamos *mordexi;* e os Arabios lhe chamão *hachaiza*, posto que corruptamente se lea em Rasis *saida.* Cá he mais aguda que em nossas terras, porque commummente mata em vinte e quatro oras; e eu já vi pessoa que não durou mais que dez oras, e os que mais duram sam quatro dias; e, porque não ha regra sem exçeisam, vi um homem com muyta costancia de vertude, que viveo vin-

---

[1] Deve ser D. João.

[2] *Lendas da India,* IV, pag. 288.

te dias, sempre arrevesando colora curginosa, e emfim morreo» [1].

E logo em seguida expõe a symptomatologia nos termos seguintes:

«O pulso tem muyto sumerso, que poucas vezes se sente; muyto frio, com algum suor tambem frio; queixase de grande incendio e calmosa sede; os olhos sam muyto sumidos; nom podem dormir; arrevesam, e saem muyto, até que a vertude he tam fraca que nam póde expelir cousa alguma; tem caimbra nas pernas...» Esta descripção, apesar de summaria, é de uma exactidão muito para notar, e basta comparal-a com os modernos tratadistas para o leitor se convencer do que dizemos.

É tambem digno de nota o tratamento que Horta preconisa para a colera, em que são satisfeitas a maior parte das indicações que hoje dirigem a therapeutica d'esta doença.

Promove a actividade da pelle, excitando-a por meio do calor e das fricções com pannos asperos; applica os vomitivos que, comquanto hoje geralmente abandonados, foram recommendados quasi nos nossos dias por Trousseau e Grisolle; seguidamente faz uso das preparações opiadas, que ainda hoje constituem a base do tratamento da colera; recommenda o uso do pau da cobra, em que estão comprehendidas plantas do genero *Strychnos*, etc. Evidentemente, não podia Garcia da Horta deixar de pagar tributo á credulidade da época, e vemos encarecida a efficacia da pedra bezoar no tratamento da colera, mas os mais illustres medicos do seu tempo davam iguaes demonstrações.

Garcia da Horta refere-se tambem, mas ligeirissimamente, a uma fórma de colera que ainda hoje se chama secca, e a que elle dá o nome de *mordexi secco,* mas não enumera os seus symptomas e apenas esboça o tratamento a instituir [2].

---

[1] Coloquio XVII, do costo e da colerica passio, I, pag. 261.

[2] Idem, pag. 266.

Julgamos conveniente, pelo menos debaixo do ponto de vista historico, mencionar a sua opinião sobre a origem da syphilis, comquanto façamos notar que o seu modo de vêr não tem a importancia que merecem os auctores de trabalhos mais proximos da apparição da terrivel epidemia da syphilis. Garcia da Horta é, como Diaz d'Ysla, defensor da importação americana. Eis o que diz a tal respeito: «As boubas não se chamam *frangue* senão *frïngui*, as quaes boubas não são ácerqua dos naturaes da terra infamadas; porque do principio as tiveram cá e no Brazil, e nas vossas chamadas Indias; e não falta quem diz, dos vossos estoriadores, que vieram das vossas Indias; vindo d'ellas os Castelhanos no anno de 1493, hum anno depois do que foram a Napoles, pera ajudar em guerra a el-rei D. Fernando de Napoles, e que as apegaram a muytas mulheres cortesans, e ellas as apegaram aos Italianos da terra e dahi lhe chamaram *morbo napolitano;* e vendose os Italianos infamados com este nome, lhe chamaram *enfermidade franceza;* e porque avia lá muytos Espanhoes e Castelhanos, lhe chamaram os nossos Portuguezes *sarna castelhana* e nisto não ha mais que falar» [1].

Poderiamos agora alongar as citações, se tivessemos em vista encarecer o valor do livro de Garcia da Horta, mesmo n'aquillo que não se refere á botanica e á pharmacologia. Será desnecessario e contradictorio, visto como dissemos que é debaixo d'este ponto de vista que os *Coloquios* devem ser considerados e apreciados.

Succede com os livros o mesmo que com as pessoas, em cujo destino circumstancias fortuitas exercem notavel influencia. O livro de Garcia da Horta, apesar do seu enorme valor, cairía depressa no esquecimento e com certeza não teria attingido no extrangeiro a celebridade que obteve, se não passasse em Portugal e se demorasse em Lisboa o illustre botanico Charles de l'Ecluse, mais conhecido pelo seu nome la-

---

[1] Coloquio XXXIV, das mangas, II, pag. 107.

tinisado de Clusio. Comquanto extrangeiro, foram taes os serviços prestados por elle á sciencia portugueza, que nos não deve ser levado a mal que extractemos de um dos seus biographos alguns pormenores da sua vida.

Charles de l'Ecluse nasceu na cidade d'Arras em 1526, sendo filho de Miguel de l'Ecluse, senhor de Watenes, e de sua mulher Guilhermina Quineaut.

Estudou primeiro em Gand, d'onde passou para Lovaina. Os seus estudos tiveram a principio por objecto o direito; e, quando saíu d'esta ultima universidade, aos vinte e dois annos, foi á Allemanha ouvir o celebre jurisconsulto Oldendorp, e o mais celebre ainda Melanchton. Proseguindo nas suas viagens de instrucção, L'Ecluse foi parar a Montpellier, onde travou relações com o afamado medico e botanico Guilherme Rondelet, em cuja casa se demorou tres annos. Fixou-se desde esse momento a sua vocação, e L'Ecluse, abandonando de todo o direito, devotou-se por completo ao estudo das sciencias naturaes e nomeadamente da botanica.

As suas excursões de naturalista realisaram-se primeiro pela França meridional, e depois pela Suissa e parte da Allemanha, indo fixar residencia temporaria em Antuerpia. No anno de 1563, saíu de novo e viajou pela Belgica, norte e oeste da França, e continuou caminho até á Peninsula iberica. Demorou-se em Lisboa, e teve ensejo de estudar as nossas plantas, de algumas das quaes dá noticias aproveitaveis. Na volta das suas viagens foi chamado a Vienna d'Austria pelo imperador Maximiliano II, para dirigir o jardim imperial; nem assim o abandonou o gosto pelas viagens scientificas, visto que herborisou nos annos seguintes pela Austria e Hungria, com licença especial do imperador [1].

Havemos de relembrar os serviços prestados por Clusio ao estudo das producções naturaes do nosso paiz. Por agora, o

---

[1] Estes dados biographicos são extraídos do livro do snr. conde de Ficalho, *Garcia da Horta e o seu tempo*, pag. 369 e seg.

nosso fito é relacionar os seus trabalhos com os de Garcia da Horta. Diz-se que, viajando em Portugal, encontrou n'uma estalagem d'aldeia ou teve ensejo de examinar em Lisboa um exemplar dos *Coloquios dos Simples*. Devia dar-se isto em 1564 ou principios de 1565. Clusio viu logo o interesse que esse livro possuia e resolveu traduzil-o, o que realisou, publicando em 1567 a primeira edição da sua versão. Mas é realmente uma versão? Não é; é um resumo, um epitome, como elle proprio diz.

Desappareceu a fórma dialogal, desappareceu a maior parte das referencias á vida que Garcia da Horta levou pela India, e com isto o que o livro tem de pittoresco e vivido.

Mas se o interesse litterario assim foi diminuido, Clusio conservou todas as indicações scientificas dos *Coloquios* e dispôl-as methodicamente, tornando muito mais facil a sua leitura e as referencias, substituiu uma obra, escripta em lingua quasi desconhecida, e cheia de erros, por um pequeno livro latino, de manejo facil e accessivel a todos os eruditos. Bem diz a tal respeito o snr. conde de Ficalho: «Confrontando o que os *Coloquios* perderam em originalidade com o que ganharam em publicidade e auctoridade scientifica, é incontestavel que a memoria de Garcia da Horta deve muito, deve mesmo muitissimo a Charles de l'Ecluse».

Clusio não se limitou a traduzir e a ordenar melhor o que Horta havia escripto. Addicionou-lhe, a titulo de commentarios, alguns esclarecimentos que havia colhido. Na edição de 1572 [1], que temos presente, ao tratar do agalocho (*lignum aloes*) accrescenta algumas palavras que demonstram ter visto o fructo d'esta arvore em Lisboa; viu tambem n'esta ci-

---

[1] *Aromatvm et simplicivm aliqvot medicamentorvm apvd indos nascentivm historia: Primum quidem Lusitanica lingua per Dialogos conscripta, D. Garcia ab Horto, Proregis Indiæ Medico, auctore. Nunc verò Latino sermone in Epitomen contracta, & iconibus ad viuum expressis, locupletioribusq, annotatiunculis illustrata a Carolo Clvsio Atrebate. Antuerpiæ — Ex officina Christophori Plantini, Architypographi Regii. CIↃ IↃ LXXIII.*

dade a pimenta branca; teve nas mãos vasos feitos de cocco das Maldivas; viu bananeiras a que os lisbonenses chamavam *figueiras bananas,* etc. Além d'isto, n'uma ou n'outra parte, mas sempre com respeito, modifica n'essas notas algumas das asserções do medico portuguez, baseado em novas affirmações ou aproveitando subsidios que Horta deixára de parte. Entre estes, mencionemos o que aproveitou de Amato Lusitano, que Horta só uma vez cita em toda a sua obra.

A acolhida feita ao livro de Clusio foi excellente, e bem demonstra o interesse que então se ligava ás explorações scientificas do Oriente. Em poucos annos consumiram-se cinco edições [1], e fizeram-se traducções em differentes linguas [2].

Ao tempo que Clusio conscienciosamente vulgarisava os trabalhos de Garcia da Horta, João Fragoso apropriava-se dos trabalhos d'este illustre medico, sem ter uma palavra de reconhecimento e louvor para elle. Na sua obra *Discursos de las cosas aromaticas* [3], tudo quanto se refere ás coisas da India foi colhido nos *Coloquios* e, se nos não enganamos, o nome de Garcia da Horta uma só vez apparece a abonar o que d'elle foi extraído, sendo apenas o seu nome incluido na lista dos auctores consultados. E todavia não foram os caracteres historicos naturaes dos productos indianos as unicas coisas que

---

[1] As indicadas pelo snr. conde de Ficalho são de Antuerpia — Ex officina Christophori Plantini, 1567 — Mesma cidade e typographia, 1574 — Mesma cidade e typographia, 1579; Antuerpiæ — Ex officina Plantiniana, 1593.

Além d'estas edições vem incluido o epitome dos *Coloquios* na obra *Caroli Clusii Atrebatis Aulæ Cæsareæ quondam familiaris Exoticorum Libri decem: Quibus animalium, Plantarum, Aromatum, aliorum que peregrinorum Fructuum historiæ describuntur: Item Petri Belonii Observationes eodem Caroli Clusii interprete. Series totius operis post præfationem indicabitur. Ex officina Plantiniana Raphelengii, 1605.*

[2] Veja-se a este respeito o livro do snr. conde de Ficalho.

[3] *Discvrsos de las cosas Aromaticas, arboles y frutales, y ochas muchas medicinas simples que se traen de la India Oriental, y siruen al vso de medicina. Avtor el licenciado Juan Fragoso medico, y cyrugiano de su Magestad.*

Con privilegio. Impresso en Madrid en casa de Francisco Sanchez. Año 1572.

Fragoso transcreveu; as noticias sobre as pessoas com quem Garcia tratou, as lendas que ouvira da bocca dos indios, algumas das observações sobre acontecimentos que presenciou, tudo passa sem referencia para os seus *Discursos*. Accrescenta-lhe, é certo, um certo numero de pormenores sobre as producções encontradas na America, e é quasi tudo o que de novo se encontra no seu livro, se novo é o que se abona apenas no testemunho d'outros, e rarissima vez na observação pessoal. Fragoso nunca penetrou na India e nunca abandonou o continente europeu: o que viu foram producções trazidas pelos mercadores ou plantas vindas a grande custo para os jardins dos grandes de Hespanha e nomeadamente para o jardim real.

Entre as producções que tiveram por origem os *Coloquios* merece menção especial o *Tratado de las Drogas* de Christovão da Costa. A biographia d'este illustre portuguez acha-se feita por um distincto professor de medicina cuja modestia não sei se me relevará revelar-lhe o nome, o dr. José Carlos Lopes. Seguil-a-hemos passo a passo, aproveitando apenas uma ou outra passagem que aquelle erudito collega não quiz aproveitar ou lhe passou despercebida [1].

Christovão da Costa nasceu em Tanger, Ceuta ou Moçambique, no dizer de differentes biographos.

Elle, nas suas obras, diz-se africano, sem designar a terra da sua naturalidade. Descendia de familia illustre, visto que um amigo que prefacia o livro *Tratado em loor de las mujeres* allude ao seu *buen nascimiento* e á sua *noble condicion* [2].

Segundo o testemunho de Manuel Severim de Faria [3], Christovão da Costa estudou medicina em Coimbra, mas não

---

[1] *Archivos de historia da medicina portugueza*, II, pag. 33, 90 e 111.

[2] *Tratado | en loor de las | mvjeres | y de la Castidad, Onestidad, Constancia, Silen- | cio y Iusticia: con otras muchas particu- | laridades, y varias historias. | Dirigido A la Serenissima Sennora Infanta Donna | Catalina d'Avstria. | Por Christoual | Acosta Africano | Fortior est qui se, quam qui fortissima vincit | Con privilegio | In Venetia. MDXCII. | Presso Giacomo Cornetu.*

[3] *Noticias de Portugal*. Lisboa, 1655, pag. 208.

nos diz a época em que o fez, e difficil senão impossivel será apural-a hoje.

Terminado o curso, permaneceu algum tempo em Portugal, visitando alguns logares, talvez com o fim de colher plantas medicinaes. No *Tratado de las Drogas* ha referencias ás palmeiras do Algarve [1], menciona a apparição do ambar em Peniche [2], e fallando do aloes diz: *en muchos logares de Portugal he visto esta yerva tan amarga como la que yo gusté en la India, y de tanto y peor olor* [3].

Em 1568, embarcou na comitiva do vice-rei D. Luiz de Athayde, desembarcando em Goa em outubro d'esse anno [4]. Levava-o á India o desejo de buscar *por diversas regiones y Provincias sabios y curiosos de quien pudesse aprender cada dia algo de nueuo:* e sobretudo *ver la diversidad de Plantas que para la salud humana Dios ha criado.* Favoreceu-o a Providencia, visto que teve ensejo de encontrar em Goa, carregado de annos, o illustre Garcia da Horta, *varon grave, de raro y peregrino ingenio, cujos loores dexo para mejor occasion, por ser tantos, que quando pensasse aver dicho muchos, serian mas los que me auria dexado* [5].

É provavel que Christovão da Costa recebesse do nosso compatriota esclarecimentos valiosos que o auxiliassem no seu emprehendimento.

Se Christovão da Costa embarcou com o vice-rei D. Luiz d'Athayde, não estava ligado ao seu serviço como medico ou apenas serviu como tal durante a viagem. Ao passo que o vice-rei ficava residindo em Goa, d'onde só havia de sair em 12

---

[1] Cap. XIII, de la palma y de su fructo, pag. 106.

[2] Cap. XXVI, del ambar, pag. 216.

[3] Cap. XXV, del azivar, pag. 199. No *Tratado em loor de las mujeres,* refere-se a logares e pessoas de Lisboa, o que leva a crêr que ahi residisse por bastante tempo. Pag. 130 e 130 v.

[4] Antonio Pinto Pereira, *Historia da India no tempo em que a governou o Viso-Rei D. Luiz de Ataide.* Coimbra, 1617, pag. 7. — Manuel de Faria e Sousa, *Asia Portugueza,* II. Lisboa, 1674, pag. 464.

[5] *Tratado de las Drogas — Al lector.*

de novembro de 1569 com destino a Onor e Braçalor [1], o medico africano partia para a costa do Malabar, residindo em Cochim n'este mesmo anno de 1569, onde exercia as funcções de medico do hospital real. Acaso, acompanharia Martim Affonso de Miranda que, pouco tempo depois da chegada de Luiz de Athayde a Goa, saíu a cruzar na costa do Malabar, onde foi ferido, recolhendo em meado de 1569 a Cochim, onde morreu [2]. Pelo menos, é muito para notar-se a coincidencia da viagem d'este illustre capitão com o que se apura a respeito da que realisou o medico africano. A pouca distancia de Cochim demoram Cranganor e Tanor, que ainda hoje conservam os nomes por que eram designadas no seculo XVI. Nas suas immediações herborisou Christovão da Costa n'esse mesmo anno de 1569. Na estampa da pimenta, escreve por baixo que colhera a folha d'esta planta nos bosques de Cranganor, e fallando do sandalo, affirma ter visto uma essencia a que na India se chamava *Sambarane* n'aquella cidade e na de Tanor.

Não vale a pena accumular mais citações, mas d'uma infere-se que n'esta ultima cidade estava em novembro de 1571, o que leva a crêr que nos dois primeiros annos da residencia na India, a sua vida se passou em Cochim e nas cercanias.

Em Cochim estava ainda quando D. Luiz d'Athayde ahi veiu nos fins d'este anno procurar ensejo favoravel para partir para Portugal (setembro de 1571 a janeiro de 1572) [3].

Desde essa época, não é possivel acompanhar tanto como temos feito o nosso illustre compatriota. Naturalmente, estendeu algum tanto as suas peregrinações botanicas pelo Malabar e ahi foi feito captivo [4]. O captiveiro passar-se-ia na Africa, e na China [5]; mas, tendo a fortuna de escapar aos

---

[1] Antonio Pinto Pereira, op. cit., pag. 55.

[2] Idem, pag. 8.

[3] Idem, pag. 160.

[4] *Tratado de las Drogas* — Cap. II, de la pimenta, pag. 24.

[5] Prologo de Juan da Costa no *Tratado de las Drogas.* — Prologo do *Tratado em loor de las mujeres,* pag. 5 v. e 6.

maus tratos dos barbaros, é provavel que visitasse Cantão [1], onde residiam as auctoridades portuguezas, para voltar novamente a Cochim, d'onde partiu para a Europa [2].

Não é possivel fixar a época em que se deu esta partida, mas sabe-se que escolheu Burgos, na Hespanha, para sua residencia e ahi exerceu por algum tempo a medicina [3]. Já lá estava em 1577 e ahi permaneceu até que se recolheu á Serra de Tyrses, onde escreveu sobre as felicidades do estado de solidão [4].

Diz Moreri que Christovão da Costa morreu em 1580 [5], mas Innocencio, fundando-se em se ter publicado em 1592 o *Tratado em loor de las mujeres,* affirma, com razão, que ainda vivia n'esse anno [6].

Christovão da Costa deixou differentes obras, mas uma só nos interessa, o *Tratado de las Drogas* [7]. Differem os differentes bibliographos na apreciação do livro, mas, a despeito do enthusiasmo com que alguns o encarecem, a verdade manda dizer que pouco n'elle se encontra de novo, sendo na maior parte copiado litteralmente dos *Coloquios* de Garcia da Horta. Resgata, porém, o plagiato, enchendo o seu predecessor de louvores, e confessando muitas vezes que d'elle colheu o que escreve, mas ainda quando o não faz, a doutrina exposta pertence ao medico europeu. A pretensão confessada de ser o

---

[1] *Tratado de las Drogas* — Cap. XLIV, del reobarbaro, pag. 287; cap. XXXIII, de la canfora, pag. 251.

[2] Idem — Cap. XLVII, del turbit, pag. 362.

[3] Dedicatoria do *Tratado de las Drogas* ao Senado de Burgos.

[4] Barbosa Machado — *Bibliotheca Lusitana,* I, pag. 572.

[5] *El gran Dicc. Hist.,* III, pag. 480.

[6] *Dicc. Bibliographico Portuguez,* II, pag. 480.

[7] O titulo completo é: *Tractado de las Drogas y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al biuo por Christoual Acosta medico y cirujano que las vio ocularmente. En el qual se verifica mucho de lo que escriuio el Doctor Garcia de Orta. Dirigido a la muy noble y mui mas leal ciudad de Burgos cabeça de Castilla y Camara de Su Magestad. Em Bvrgos. Por Martin de Victoria impressor de Su Magestad. MDLXXVIII. Con priuilegio.*

livro escripto *de visu,* ao passo que o de Garcia da Horta foi feito sobre informações, não a podemos acceitar de modo algum, a não ser que tenhamos de admittir que este illustre medico se rodeára d'um corpo de informadores de tanta exactidão que, passados annos, a sua descripção dos differentes simples era reconhecida como absolutamente perfeita e quasi nenhuma alteração se lhe podia fazer. A opinião que deve ficar com relação ao valor da obra de Christovão da Costa é a expressa pelo snr. conde de Ficalho: «o seu livro é, no fundo, uma versão hespanhola dos *Coloquios,* condensada e arranjada».

As substancias novas de que trata a pouco mais ascendem de meia duzia. As observações reduzem-se a ter visto e desenhado algumas plantas que aliás haviam sido descriptas por aquelle illustre medico. E por vezes dá mostras d'uma credulidade de que Horta se emancipára, como quando nos refere a respeito dos elephantes anecdotas fabulosas e risiveis.

O livro de Christovão da Costa foi, como o de Garcia da Horta, traduzido por Clusio que lhe accrescentou algumas notas, que não têm a importancia das que illustram os *Coloquios* [1]. A traducção de Clusio vulgarisou a obra e em seguida á sua publicação, appareceram outras versões em italiano e francez [2]. D'este modo persistiu e até se generalisou a feição que assignalamos á therapeutica n'este seculo.

---

[1] *Christophori A Costa, Medici et Cheirvrgi, Aromatum et medicamentorum in Orientali India nascentium Liber: Plurimum lucis adferens iis quæ a Doctore Garcia de Orta in hoc genere scripta sunt. Caroli Clusii Atrebatis opera ex Hispanico sermone Latinus factus, in Epitomen contractus, & quibusdam notis illustratus. Antverpiæ — Ex officina Christophori Plantini, MDLXXXII.*

Ha outra edição de Antuerpia, 1593, e Varnhagen menciona as de 1579, 1597 e 1605, que o dr. José Carlos Lopes não conseguiu vêr, nem nós tão pouco.

[2] Veja-se conde de Ficalho, op. cit., e *Archivos de historia da medicina,* II, pag. 90 e seg.

O desejo de levar de seguida a exposição dos trabalhos sobre os medicamentos exoticos fez com que não mencionassemos na devida altura, determinada por uma exacta chronologia, dois livros interessantes sobre as plantas indigenas. Devese o primeiro ao illustre portuguez, já tantas vezes citado n'estas paginas, Amato Lusitano, e o segundo ao eminente botanico Charles de l'Ecluse que ha um momento abandonamos.

A obra de Amato Lusitano é um commentario sobre os livros de Dioscorides que tratam da materia medica [1].

Comprehende grande numero de plantas exoticas, mas o maior numero são producções que se encontram no nosso solo. As acclarações e annotações de Amato são feitas sobre trabalhos recentes de Matthiolo, Leoniceno, Ruellio, Laguna, Brasavola, etc., mas consignam o resultado das suas herborisações feitas principalmente no nosso paiz, como poderá reconhecer quem tiver lido as paginas que consagramos á sua biographia. Esta paixão pelas plantas acompanhou o nosso compatriota por toda a parte onde esteve ou passou, e, a bem dizer, em todas as paginas se encontra noticia de ter encontrado esta ou aquella planta, na occasião em que passava n'esta ou n'aquella localidade. Na descripção das substancias exoticas, tambem Amato procurou obter esclarecimentos fidedignos, principalmente no que dizia respeito ás producções das possessões portuguezas. Para isso, não poupava diligencias: aqui

---

[1] *In Dioscoridis Anazarbei de medica | materia libros qvinqve | enarrationes ervditissimæ | doctoris Amati Lvsitani medici | ac philosophi celeberrimi, | quibus non solum officinarum Seplasia | riis, sed bonarum etiam literarium stu | diosis utilitas adfertur, quum pas- | sim simplicia Græce, Latine, Italice, Hispanice, Germa- | nice & Gallice pro | ponantur. | Cum Privilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. | Venetiis, MDLIII.*

In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros qvinqve, Amati Lvsitani Doctoris medici ac Philosophi Celeberrimi enarrationes eruditissimæ. Accesserunt huic operi præter Correctiones Lemmatum, etiam Adnotationes R. Constantini, Necnon simplicium picturæ ex Leonharto Fuchsio Jacobo Dalechampio, atque aliis. Lugduni Apud Viduam Balthazaris Arnoleti 1558.

era um pharmaceutico erudito que lhe mostrava um exemplar d'uma planta; além, era um amigo que o presenteava com um producto extranho, mas especialmente examinava as drogas que os navegantes portuguezes e venezianos traziam á Europa. Sobre o cinamomo publicava o que ouvira a um individuo que estivera vinte annos em Ceylão; sobre o costo podia escrever *de visu,* porque um certo Francisco Lusitano lhe dera em Ancona a raiz d'esta planta, colhida na India; sobre a myrrha consultára os portuguezes que regressavam do Oriente, etc., etc. Estudára em Antuerpia as plantas existentes no jardim dos frades franciscanos, em Ferrara as do magnifico horto de Marcos Pio, e assim procurava enriquecer-se de novos conhecimentos que passaram na integra ao seu livro.

Sobre o valor das suas observações, é hoje difficil formar juizo, porquanto seria preciso comparar uma por uma as suas descripções das plantas com outras auctorisadas feitas na actualidade para se poder afferir da exactidão com que estão feitas, o que não podiamos fazer, a não ser para algumas das mais conhecidas. Lembremos, porém, e isso nos servirá para remediar esta lacuna, que botanicos taes como Charles de l'Ecluse e R. Constantino emittiram opiniões favoraveis ao trabalho do nosso compatriota e que são innumeros os escriptores que citam com elogio os *Commentarios.*

Apartou-se d'esta corrente geral Matthiolo que, magoado com algumas referencias de Amato, publicou a *Apologia adversus Amatum,* em que o illustre medico de Castello Branco é accusado com uma violencia sem precedentes, chegando a levantar contra elle a accusação perigosa de que Amato era judeu. Já atraz nos referimos a esta pendencia. Amato, fugindo, promettia responder ás insinuações e doestos de Matthiolo, mas não o fez, certamente por se lhe não mais offerecer occasião para isso, na vida errante e agitada que levou. Devemos, porém, notar que se Matthiolo conservou uma reputação de pharmacologista que resistiu aos seculos decorridos até hoje, e na qual desapparece a do nosso compatriota, escriptores da época puzeram frequentes vezes em conflicto as opiniões dos dois

medicos, decidindo-se em favor do nosso compatriota. Christovão da Costa, a respeito da canella, disse que Matthiolo não tinha razão em increpar Amato, sendo n'este caso *digno de reprehension* [1]; n'outra parte, fallando do lacre, approvava uma correcção feita pelo nosso compatriota a Dioscorides [2]. Garcia da Horta, na unica vez que a elle se refere, diz que uma sua asserção foi aproveitada por Matthiolo [3]. Charles de l'Ecluse mais do que uma vez se apoia no testemunho de Amato como sendo digno de todo o credito, etc., etc. [4]

Ao terminarmos este estudo da therapeutica no seculo XVI impõe-se-nos como um dever dizermos duas palavras sobre os trabalhos d'este illustre botanico a respeito das plantas espontaneas ou cultivadas do nosso paiz. Dissemos precedentemente que Charles de l'Ecluse encontrára o livro de Garcia da Horta, na sua viagem á peninsula. Esta viagem tinha por fim estudar as plantas que n'ella habitam e realisou-se em 1564, demorando-se o illustre sabio entre nós até ao anno seguinte [5]. A sua peregrinação botanica comprehendeu principalmente o sul do reino. As plantas que descreve foram colhidas, pela maior parte, nos arredores de Lisboa (Cascaes, Cintra, Rio Frio, Aldeia Gallega), mas estendeu as suas herborisações para o sul até Serpa, seguindo pelas margens do Guadiana, e para o norte até Coimbra, d'onde não passou [6]. Na sua permanencia entre nós, esteve mais ou menos ligado com Damião de Goes [7], e pôde examinar grande numero de vegetaes

---

[1] *Tratado de las Drogas* — Cap. I, de la canela, pag. 18.

[2] Idem — Cap. XVI, del lacre.

[3] *Coloquios dos simples* — Col. XV, da canela, etc., fol. 61, v.

[4] *Rariorum aliquot stirpium... Historia,* pag. 74 e 78, etc., etc.

[5] Idem, lib. I, cap. I, pag. 13, e lib. II, cap. XX, pag. 307.

[6] Consta isto de grande numero de paginas, o que não permitte citações abonatorias.

[7] *Rariorum aliquot stirpium... Historia,* lib. I, cap. IX, pag. 45, e lib. I, cap. XVIII, pag. 75.

raros na quinta d'um fidalgo portuguez, D. Fernando Coutinho [1].

Das investigações feitas na peninsula saíu um livro que merece attenta leitura da parte dos nossos botanicos [2]. É uma relação das plantas notaveis e raras que encontrou, feita com exactidão e acompanhada de innumeras gravuras que facilitariam o trabalho de identificação a quem o tentasse. Não tem pretenções a ser uma flora hispano-lusa, nem esse foi o intuito do seu auctor, mas é certamente o primeiro trabalho da botanica descriptiva, feito debaixo do ponto de vista historico-natural relativamente ao nosso paiz [3]. N'este ponto, o livro de Charles de l'Ecluse afasta-se muito da obra de Amato Lusitano. Este é um pharmacologista que applica os conhecimentos historico-naturaes possuidos á determinação das substancias medicinaes; aquelle estuda as plantas pelas plantas e apenas de leve menciona as suas applicações. Seria interessante estudar quaes foram as descriptas pela primeira vez por Charles de l'Ecluse d'entre as que observou em Portugal, mas para isso faltam-nos os recursos necessarios. Essa tarefa, além do interesse historico que possuiria, era um dever de gratidão para um sabio que honrou o nosso paiz com os seus trabalhos e a quem a sciencia nacional deve tão relevantes serviços [4].

PATHOLOGIA MEDICA

A pathologia medica no seculo XVI é representada no nosso paiz por commentarios sobre os tratados de Hippocra-

---

[1] *Rariorum aliquot stirpium... Historia*, lib. I, cap. XXXIII, pag. 131, e lib. II, cap. X, pag. 280.

[2] *Caroli Clvsii atrebat. Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observatarum Historia Libris dvobvs expressa: Antuerpiæ, ex officina Christophori Plantini MDLXXVI.*

[3] Cf. Pedro José da Silva, *A botanica medica em Portugal*, no *Correio Medico*, V, 1875, pag. 52.

[4] A botanica medica era muito cultivada por portuguezes no seculo XVI. André Laguna, nos seus *Commentarios a Dioscorides*, confessa que muito o ajudaram o dr. Luiz Nunes, medico da serenissima rainha de França e o pharmaceutico Simão de Sousa.

tes e Galeno e por registros de observações clinicas. N'esses livros assignala-se como phenomeno dominante a restauração da medicina hippocratica, em harmonia com o que succedia por essa época na Italia e em França, d'onde veiu o impulso director do movimento. Pedro Brissot, a quem de direito cabe a honra d'essa iniciativa entre nós, era francez, e os professores que em Coimbra ensinaram a medicina, propagando a doutrina de Cos, Cuellar e Reinoso, haviam estudado no estrangeiro, sendo provavel que o ultimo tivesse sido discipulo de Leoniceno, um dos restauradores da medicina grega em Italia [1].

Pedro Brissot nasceu na Vendea, em Fontenay le Comte, no anno de 1478, recebeu o gráu de doutor pela Faculdade de Paris em 27 de maio de 1514 e morreu em Evora em 1522. Conhecedor dos erros da medicina arabica, emprehendeu colleccionar as versões gregas e as traducções latinas dos medicos gregos, comparal-as e restabelecer a sua verdadeira lição. Assim, na Escóla de Pariz, quasi toda arabista, explicou publicamente os livros de Galeno, em vez dos textos de Avicena e Rhasis. Mas o que mais contribuiu para lhe dar grande reputação foi o papel que tomou n'uma questão que hoje nos faz sorrir: a de saber de que lado se devia sangrar na pleuresia, e, contrariamente ao que geralmente se fazia pela auctoridade dos arabes, Brissot, fundado em textos de Hippocrates, sangrava do mesmo lado em que existia a lesão. No fundo da questão, outra mais importante se agitava:

[1] Amato Lusitano, referindo-se a Reinoso, diz que elle veiu de Italia e que o encontrou em Almeida; (*In Dioscoridis, ed. 1558; lib. 4, en. 157*); e por outro lado Alvaro Gomes de Castro no seu livro *De Francisci Ximenii Cisnerii... vita et rebvs gestis, Libri octo,* publicado na *Hispaniæ Illustratæ Francofurti. Apud Claudium Marnium et Hæredes Johannis Aubrii. MDCIII,* refere-se a outro individuo do mesmo appellido, José Reinoso, que foi professor em Alcalá, e veiu de Italia, onde estudára com Leoniceno. D'ahi o que dizemos no texto, visto que nos parece provavel que fossem parentes os dois Reinosos. Veja-se sobre Reinoso: Pedro A. Dias, *A Universidade de Coimbra,* in *Archivos de historia da medicina portugueza.*

a substituição do humorismo arabigo-galenico, então reinante, pela doutrina hippocratica em toda a sua pureza.

Saíndo do seu paiz em 1518, Brissot percorreu a peninsula, com o proposito de colher plantas medicinaes, e fixar residencia em Evora, projectando, segundo diz Amato Lusitano, seguir até á India para estudar os productos naturaes d'aquellas regiões [1]. Tendo adoecido D. Manuel, e havendo sido chamado o medico de Pariz para o tratar, sangrou o monarcha do lado doente e elle escapou, apezar do que dizia Dionysio, physico-mór do reino, que pretendia que o rei morreria por não ter sido sangrado do lado opposto ao da doença. Este Dionysio, sobre o qual ainda ha pouco nada se sabia, acaba de receber grande luz das investigações feitas pelo dr. Sousa Viterbo no Archivo nacional. Diz-se que Dionysio fôra medico de D. Manuel, mas d'isso não encontrou documento confirmativo o illustre collega a quem nos referimos; o que fica provado das suas pesquizas é que Dionysio foi medico do cardeal D. Affonso, filho de el-rei D. Manuel, e exerceu o mesmo cargo de physico e cirurgião junto de D. João III e de sua mulher a rainha D. Catharina, recebendo por esse motivo diversas mercês [2].

É de suppôr que Dionysio fosse judeu ou pelo menos christão novo e a essa circumstancia se deve attribuir provavelmente a sua saída do reino. O que é certo é que Amato Lusitano, em Antuerpia (1534-1541), encontrou o illustre medico portuguez á cabeceira d'um doente que tratou [3], e diz que elle chegára pouco antes áquella cidade.

Ao passo que isto se dá, o snr. Sousa Viterbo publíca

---

[1] «... *Brissotus Gallus, qui quum apud Lusitanos ageret, ut inde ad Indos, cupidus cognoscendi rerum novarum, navigaret...*» (Amato Lusitano, *In Dioscoridis*, ed. 1558, pag. 61).

[2] Sousa Viterbo, *Noticia sobre alguns medicos portuguezes ou que exerceram a sua profissão em Portugal.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1893, pag. 15 e seg.

[3] Cent. 1.ª, cur. 2.

um documento de 1548 que tende a demonstrar que elle estava em Portugal por essa época [1].

Voltando á contenda sobre a sangria na pleuresia, escreveu por essa occasião Dionysio uma memoria em que demonstrava a sua affeição ao arabismo [2], e Pedro Brissot outra, em que o hippocratismo renascente era defendido com calor e enthusiasmo [3]. Esta polemica devia ser um factor importante para a restauração da medicina grega entre nós [4].

Anteriormente á estada de Brissot em Portugal, um minorista da ordem de S. Francisco, Bernardino de Laredo, viera tratar de D. João II, que se achava doente, recebendo remuneração condigna do serviço prestado, além

---

[1] Dionysio deixou um filho, Manuel Brudo, que deu á luz em Antuerpia um livro com o titulo seguinte:

Liber de | *ratione victvs* | *in singvlis febribvs* | *secundum Hippoc. Brudo Lusitano* | *autore ad Anglos* | *Verte pagellam contento-* | *rum series sese offerret.* | Uma sereia cercada por um texto grego. | *Venetiis MDXLIIII.*

Tem a seguinte subscripção:

Venetiis, apud hæredes Petri Rovani & Socios. Mense Aprilis MDXLIIII.

Manuel Brudo, que se vangloría de ser lusitano e filho de Dionysio, exercera a clinica em Inglaterra, fazendo referencias no seu livro a Calais e Londres. Por outro lado residiu tambem em Antuerpia, onde o conheceu Amato.

[2] Este livro, segundo Barbosa Machado, baseado n'uma citação de Monardes, intitulava-se: *An in Pleuritide debeat Sanguis emitti ab eodem latere, unde dolor pungit, an ex opposito?* Barbosa Machado não viu este livro e depois d'elle nenhum bibliographo attesta a sua existencia. Gomes de Lima suppõe que apenas foi uma carta extensa.

[3] *Petri Brissoti* | *Doctoris Parisiensis me-* | *dici philosophiq; præstantissimi apo-* | *logetica disceptatio, qua docetur* | *per quæ loca sanguis mitti* | *debeat in viscerũ inflammationi-* | *bus pre-* | *sertim in pleuritide. Parisiis — Ex officina Simonis Colinaei MDXXV.* 77 folhas innumeradas. Ha outra edição que possuimos de *Basileæ, in ædibus Thomæ Wolffii, MDXXIX.*

[4] Veja-se sobre este ponto o *Compendio historico,* pag. 307; artigo Brissot in Dechambre, *Dictionnaire encyclopédique,* tom. X da 1.ª serie. — Amato Lusitano, Cent. 1.ª, cur. 2. — Rebello da Silva, *Historia de Portugal,* V, pag. 258. — Sprengel, *Hist. de la medicine,* III, pag. 38 e sobretudo a *Vita Petri Brissoti* por Renato Moreau (1630).

do titulo de medico real. Retirou-se para Guadelupe, onde escreveu uma obra de pharmacia, o *Modus faciendi,* de que Morejon dá conta e que no seu tempo teve certa voga, e a essa obra reuniu uma traducção dos Aphorismos de Hippocrates. Como esse livro foi publicado em 1521, isto é, quatro annos antes do de Brissot, poderia crêr-se que a Laredo se deveria este renascimento da medicina hippocratica, tanto mais que Morejon diz que elle estivera em Portugal durante muito tempo; todavia, creio não ter andado precipitadamente attribuindo a Pedro Brissot esta influencia, em primeiro logar porque elle, morrendo em 1522, deveria ter escripto a sua obra pouco mais ou menos ao tempo que Laredo; em segundo logar, porque a discussão travada entre um physico-mór e um medico tal como Brissot deveria chamar mais as attenções do que um livro que porventura entrasse em Portugal; em terceiro logar porque Laredo esteve no nosso paiz por pouco tempo, retirando-se para Guadelupe immediatamente e não continuou a viver em Portugal, como se lê em Morejon [1].

Fosse como fosse, o que é certo é que o impulso estava dado. Os livros de Hippocrates foram estudados e o gosto pela sua leitura foi-se introduzindo lenta e gradualmente.

É assim que sabemos terem sido escriptos em Portugal commentarios sobre Hippocrates por Antonio Luiz, Cuellar, Rodrigues da Veiga e Garcia Lopes.

Antonio Luiz, medico natural de Lisboa, deve ter nascido no ultimo quartel do seculo XV. Dizem alguns que elle estudou em Salamanca [2], mas é possivel que haja confusão n'este ponto com outro Antonio Ludovico que, segundo diz Vidal

---

[1] Os elementos para a biographia de Laredo, aproveitados n'este estudo, foram tirados da *Chronica da Ordem de S. Domingos,* por Wading, d'onde Nicolau Antonio aproveitou o que quiz, sendo este a seu turno explorado por Morejon, com mais precipitação do que a costumada. Isto explica os resultados differentes a que chegamos.

[2] Morejon, *Historia bibliografica de la medicina española,* II, pag. 298. — Conde de Ficalho, *Garcia da Horta e o seu tempo,* pag. 20.

y Diaz, era frade da ordem de S. Francisco e antes professor de direito civil e canonico na universidade de Salamanca [1]. Barbosa Machado affirma que elle recebeu as insignias doutoraes em Coimbra, onde mais tarde foi professor, tomando conta da cadeira, segundo diz o douto abbade de Cever, em 4 de março de 1547 [2], o que parece mais conforme com a verdade do que a asserção dos que affirmam que elle ensinava em 1544 [3].

Antonio Luiz é o representante entre nós d'aquelles hellenistas que fizeram o movimento da Renascença pela erudição. Como é geralmente sabido, o conhecimento da lingua grega era rarissimo no Occidente, e andavam de mão em mão commentarios adulterados e infieis; a affluencia á Italia dos sabios de Constantinopla tornou possivel a revisão dos textos, que assim se depuraram dos erros de que andavam pejados. Ora Antonio Luiz, versadissimo nas linguas grega e latina, pôde estudar Galeno e Aristoteles no original e foi certamente este o seu papel na reforma universitaria de D. João III.

Independentemente, porém, d'esses trabalhos que dentro em pouco serão apreciados, Antonio Luiz deixou espalhados no seu livro *De re medica* algumas annotações a alguns aphorismos de Hippocrates, pequenos commentarios em que a doutrina do medico grego é seguida em todo o seu rigor, com aquella cegueira que durante muito tempo inutilisou os resultados da propria investigação.

Os commentarios de Henrique de Cuellar [4] sobre os tres

---

[1] Vidal y Diaz, *Memoria historica de la Universidad de Salamanca*, pag. 454.

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, pag. 311.

[3] Dr. Mirabeau, *Medicina administrativa* do dr. J. Ferreira de Macedo Pinto, 2.ª parte, pag. 709.

[4] Morejon, Chinchilla e L. Hahn (*Dictionnaire encyclopédique*, de Dechambre) chamam-lhe Francisco. Não sei onde viram tal, porque os exemplares que examinamos em Lisboa, na Bibliotheca Nacional e na da Academia Real das Sciencias têm o nome de Henrique. Eis o titulo da sua obra:

Enrici a Cuellar me- | dice facultatis professoris | primi: opus insigne:

livros dos prognosticos são extremamente notaveis. Pouco se apura da biographia d'este illustre medico. Sabe-se que era portuguez [1], que nasceu pelos annos de 1483 [2] e que foi chamado do estrangeiro onde estava para vir reger na Universidade a cadeira de prima de medicina, de que tomou posse, segundo Barbosa Machado, em 2 de maio de 1537 [3]. Ainda occupava a sua cadeira em 1543, mas é de crêr que fallecesse no anno seguinte, visto que a sua cadeira já em 1545 era occupada por Rodrigo de Reynoso.

Realça o valor dos commentarios de Cuellar o facto de terem precedido quarenta e quatro annos os de Duret que lhe grangearam o nome de Hippocrates francez, e ainda a circumstancia de que o nosso compatriota publíca primeiro o texto hippocratico, depois o texto de Galeno, servindo-se da traducção do florentino Lourenço Laurentiano, e por ultimo as suas proprias reflexões sobre um e outro, ao passo que Duret largamente forrageou nos commentarios de Galeno sem os citar.

A admiração de Cuellar por Hippocrates era incondicional e as doutrinas do medico grego são expostas com toda a clareza, o que é affirmado por Thomaz Rodrigues da Veiga, n'uma carta que precede o livro. Como Cuellar foi um dos medicos que D. João III mandou vir para ensinar em Coimbra, é de crêr que conseguisse accentuar no animo dos alumnos o res-

---

ad li- | bros tres predictionum | Hippocr. Cõmento etiã | Gal. aposito et exposito. | Anotationes eiusdem sup. | primo libro que interlegẽ | dum occurrere. | Nec non svmmarivs | index eorvmqve | opvs continent. | Conimbrie | Cũ gratia et Priuilegio | MDXLIII.

Colophon: Explicit presens opvs primi & secundi & tertii libri Predictionum Hip. Cõmento etiã Gal. cũ Annotatio, ac singulari et noua expositio ne nunquam visa castigatũ ac diligentissime correctũ. Apud inclitã Conimbricã. Ex offi. Johãnis aluari & Johãnis barrerii Calcographor. Nono Cal. April. Anno MDXLIII.

[1] A pag. 8 do seu livro diz Cuellar: «*Sic in navigatione nostrorum lusitanorum in indiam ostenditur clare gubernantis prudentia*».

[2] Prologo de Thomaz Rodrigues da Veiga.

[3] *Bibliotheca Lusitana*, II, pag. 147.

peito e o gosto pelo estudo das obras do velho de Cós. Esta influencia é mais ou menos frisada por todos os historiadores que d'elle se occupam [1], esquecendo-se todavia muitos de que nem sempre Cuellar adopta cegamente as opiniões de Hippocrates, mostrando as contradicções em que por vezes caíu, e oppondo-lhe outras vezes as suas opiniões, baseadas em factos por elle observados, mas dos quaes a maior parte nenhum interesse apresentam.

Garcia Lopes era natural de Portalegre, e verosimilmente judeu [2]. Estudou medicina em Salamanca, onde teve como professores um tal Medina, hoje desconhecido [3], Agostinho Lopes, igualmente desconhecido [4], e o celebre Ambrosio Nunes que n'esse tempo, ainda era simples doutor e não lente d'aquella universidade [5]. Terminado o seu curso, voltou á patria e exerceu a clinica em Lisboa, onde conquistou grandes creditos e adquiriu relações com pessoas altamente collocadas [6]. Ahi estava quando teve a honra de ser consultado sobre se conviria a D. Sebastião, então de sete annos, mudar de residencia de Lisboa para Santarem [7].

Nada sabemos sobre as circumstancias que determinaram a sua saída de Portugal, mas se admittirmos o que atraz fica dito em relação ás suas crenças religiosas, fica sufficientemente explicada. Realisou-se esta saída para fóra da patria pouco antes de 1564, e o medico portalegrense fixou a sua residencia em Antuerpia, onde, entre outros compatriotas, encon-

---

[1] Fallam de Cuellar, além dos citados, Barbosa Machado, II, *Compendio Historico*, etc.

[2] Baseamos esta asserção na circumstancia de se entregar á leitura de livros prohibidos, como diz no seu livro a pag. 20 v., aproximando-a do facto de ter saído do paiz para Antuerpia.

[3] Pag. 75 v. dos seus *Commentarios*.

[4] Pag. 61.

[5] Pag. 75 v.

[6] Pag. 7.

[7] Pag. 8 v. e pag. 54.

*

trou irmãos e um sobrinho de Thomaz Rodrigues da Veiga [1].

Garcia Lopes não permaneceu constantemente em Antuerpia, visitou Lovaina [2], passou em Orleans em direcção a Paris, onde encontrou um medico Brito, extremamente obsequioso e hospitaleiro [3]. De volta á terra que escolhera para residencia e onde a fortuna lhe não sorriu muito, segundo parece, perde-se-lhe completamente o rasto.

O medico de Portalegre deu á luz um livro que tem pouco volume e, se não possue grande valor intrinseco, tem como documento historico importancia real. N'esse livro, que é uma miscellanea de commentarios sobre assumptos varios, alguns têm por objecto textos de Hippocrates, e o primeiro capitulo sobre a gotta, e os que dizem respeito ao aphorismo XIII sobre as epidemias e XIV sobre as causas do aborto, estão n'este caso [4].

O enthusiasmo de Garcia Lopes pela obra de Hippocrates excede, se é possivel, o do precedente, e a cada passo lhe tece os mais alevantados elogios, proclamando-o principe de todos os medicos pela peculiar elevação do seu animo. Não se imagine, porém, que a cegueira, de que tantos outros deram provas n'este seculo, fosse tambem partilhada por este medico; não faltam logares em que diga que Hippocrates se enganou e em que lhe contraponha o que lhe ensinou a propria experiencia. É por este motivo que julgamos o livro de Garcia Lopes de valor real como documento historico, porque frisa bem um dos estadios que caracterisam o movimento da Renascença: abandono dos arabes pelos textos depurados de Galeno; abandono de Galeno pelo naturalismo de Hippocrates; critica e exame dos textos gregos em nome da razão e da experiencia.

---

[1] Pag. 80 v.

[2] Pag. 62 v.

[3] Pag. 55 v.

[4] *Garciæ Lopii Lvsitani, portalegrensis medici, Commentaria de varia rei medicæ lectione, Medicinæ studiosis non parum utiles. Antverpiæ, Apud Viduam Martini Nutii. An. MDLXIIII.*

Além dos commentarios sobre Hippocrates em que a sua doutrina é preferida á de Galeno, para depois ser criticada á luz da razão e da experiencia, a litteratura medica apresenta-nos n'esta época uma serie de estudos inspirados nas doutrinas galenicas. Teremos de referir-nos n'esta altura do nosso trabalho a Antonio Luiz, a Thomaz Rodrigues da Veiga e a Garcia Lopes, mas accentue-se desde já que não é um mesmo espirito o que inspira estes commentarios.

Já dissemos algumas palavras sobre Antonio Luiz. Os seus conhecimentos da lingua grega indicavam-n'o naturalmente para interprete dos canones da medicina. O amigo de Jeronymo Cardoso, de João de Barros e de Diogo d'Aljaro [1] lançou mãos á obra e traduziu para a lingua latina ou commentou varios escriptos de Galeno, de Hippocrates, de Aristoteles e de Avicena.

Foi, porém, a Galeno que deu a preferencia nos seus estudos e foi nas suas obras que mais forrageou, podendo dizer-se que a obra do medico de Pergamo se acha condensada nos livros do nosso compatriota [2].

---

[1] Crêmos ser este o medico Diogo, a quem Antonio Luiz dedica o tratado *De usu spirationis*.

[2] São os seguintes:

1.º *Antonii | Lodovici Me- | dici Olyssiponẽsis Pro- | blematum libri quinq̃: opvs | absolutũ, & | facũdũ, & va- | rium, multijugaque erudi- | tione refertissimum. | Olyssipone. | MDXXXIX.* — In folio. Titulo impresso dentro de uma portada gravada em madeira.

Colophon:

Excvssvm est hoc problema | tvm opvs divino favente | nvmine. Olyssippone men | se Janvario, anno | a Virgineo | partv. MDXL.

Em pagina separada a divisa do impressor Luiz Rodrigues.

2.º *Antonii | Lodovici | medici Olyssip | ponensis. | De oc | cvltis proprietatibus, Libri | quinque. | Opus præclarissimum. | Olyssippone | MDXL.* — Fol. Titulo impresso dentro d'uma portada igual á da obra precedente.

Colophon:

Impressvm est hoc opvs de Occvl- | tis Proprietatibus, & liber de Pudore, Antonii Lodovici medici Olyssipo- | nensis, mense Martio anno domini MDXL | Olyssipone.

Confusamente, sem ordem apparente, se é que ha algum fio occulto a relaccionar os differentes tratados, passam diante do leitor questões relativas á anatomia, á physiologia, á therapeutica, á pathologia, agitando-se de permeio problemas philosophicos de maior ou menor importancia. Umas vezes, Antonio Luiz limita-se a traduzir e ao que nos parece, pela comparação com a traducção moderna de Daremberg, sempre com lucidez e perfeita comprehensão do original; outras vezes, o texto galenico é acompanhado de ligeiras reflexões, condensado, resumido, mas sempre o espirito do commentador se accorda com o do commentado.

Os *Problematum libri* são cinco. Divide-se o primeiro em seis secções, contendo problemas relativos ao homem, á physica, á paixão pelos prazeres de Venus, ás idades, tempos, habitos e temperaturas, aos animaes e ás plantas.

No verso d'esta folha vem a divisa do impressor Luiz Rodrigues.

3.º *Antonii Lodovici medi- | ci olyssipponensis de re | medica opera quæ | hic seqvntvr. | Erotematum siue cōmentariorum in libros de crisibus Galeni libri tres. | Erotematū numeri ternarij libri sex in quibus tota fere ars medica cōtinetur. | Erotemata de difficili spiratione. | Erotematum de usu respirationis liber alius. | De corde liber unus absolutissimus in quo tum Aristotelis q̃; plurimi erro- | res explicantur, tum uero plurimæ quaestiones enodantur. | Galeni liber de ptisana. | Galeni de eo quod sit animal, id quod utero continetur. | De eo q, Galenus animam immortalem esse dubitauerit, liber unus. | Item alia quædam legat lector candidus & nec sermonis ornatum nec doctri- | nā exquisitā quod rarū est in homine nec in Latio, nec in Hellade nato desiderabit.* |

Divisa do impressor Luiz Rodrigues.

Olyssipone MDXL. — In folio. Titulo impresso dentro d'uma portada igual á da obra precedente.

Colophon:

Impressa fvervnt haec | opera Antonii Lodovici medici | Olyssipponensis, in qvibvs | maxima et optima pars | medicinæ totivs, et | omnino doctri- | na exqvisi- | tissima et | remoti | or | ex Galeni librorvm immenso the | savro vndique congesta conti- | netvr, apvd Lodovicvm Roto- | rigivm typographvm, an- | no domini MDXLI. | mensis aprilis, die deci- | ma qvinta in sem- | per avgvsta | vrbe | Olyssippone. |

Em pagina separada a divisa do impressor Luiz Rodrigues.

Comprehende o segundo cinco secções, e os problemas que contém distribuem-se por variadissimos assumptos. A primeira é uma miscellanea de questões refractarias a uma classificação regular: sobre o ouro, sobre eclipses, sobre o globo, sobre a lua, sobre encantamentos, etc.; a segunda occupa-se dos orgãos dos sentidos, do somno, da insomnia, do soluço, etc.; a terceira é referente aos costumes; a quarta é relativa a usos adoptados entre os romanos, e a quinta á origem das leis.

Em duas secções apenas se acha dividido o livro terceiro: os problemas da primeira occupam-se de assumptos referentes á philosophia sobrenatural, e a segunda de questões theologicas.

Chegados estamos á parte da obra que mais nos interessa: o livro quarto é consagrado a questões medicas. São relativas á cocção dos humores, á sua eliminação, á situação dos differentes orgãos, questões na sua maior parte sem importancia e em cujas respostas se vê quanto o nosso compatriota se achava possuido do galenismo reinante.

O livro quinto é consagrado a assumptos que nada têm que vêr com a medicina: á astronomia, á arithmetica, á logica, etc.

O livro de *Occultis proprietatibus* acha-se dividido igualmente em cinco partes.

Na primeira, explica o auctor o que deve entender-se por *propriedades das coisas,* e diz que as faculdades dos membros se devem considerar como provenientes do estomago, accrescentando que as alterações que soffrem os alimentos para se tornarem aptos para a assimilação não só se effectuam no estomago, mas em todas e em cada uma das partes do corpo.

Na segunda, tenta explicar as propriedades occultas do magnetismo, e com este intuito apresenta as opiniões de varios philosophos sobre este phenomeno. Depois occupa-se do que chama virtude attractiva do trigo e outras sementes, dos purgantes, dos alexipharmacos, e igualmente dos humores do corpo. Ha n'esta segunda parte uma passagem que parece traduzir a intuição da grande descoberta de Newton sobre a

attracção do universo. Se nos não auctorisa a alcunhar o grande genio britannico de plagiario, como faz Soyé [1], deve levar-nos a considerar o nosso compatriota como seu precursor. O trecho é o seguinte: «Manifesta-se, pois, extensivamente esta força attractiva nas sementes, nas plantas, nos metaes e nos animaes: E atrevo-me finalmente a affirmar que se acha derramada por toda a natureza uma certa força attractiva, que prende cada um dos sêres com um nexo indissoluvel: Pois não será facil o poder encontrar-se coisa alguma que para com qualquer outra ou não tenha uma amiga familiaridade, ou que de communicar-se com a sua natureza não repugne, de cuja conveniencia ou desconveniencia direi que resultam as attracções. É esta força a que liga com invisiveis laços o mundo, fazendo que as todas suas partes, posto que situadas a grandissimas distancias, se contenham em seus logares e d'elles se não arredem» [2].

Na terceira parte falla das serpentes, das viboras, da aspide e do cão damnado, e consagra algumas paginas interessantes ao estudo da propriedade que têm certos individuos de resistir á acção dos venenos.

Occupa-se a quarta das virtudes das hervas e plantas, e a quinta é o epilogo da obra.

A este livro anda junto, além d'outro, um tratado *sobre o pudor*, dedicado a João de Barros.

A obra *De re medica* é uma collecção de tratados traduzidos ou commentados de Galeno e Hippocrates, mas sobre tudo do primeiro. Foi a ella que principalmente nos referimos na apreciação que precedeu esta noticia [3].

---

[1] *O Sonho*, poema erotico. Lisboa, 1786, pag. XIV.

[2] Versão de Francisco Freire de Carvalho, *Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*. Lisboa, 1847, pag. 116.

[3] Sobre Antonio Luiz vidè, além dos livros citados: Morejon, op. cit., II, pag. 298. — Chinchilla, op. cit., I, pag. 192 e 247. — Portal, *Hist. de l'Anatomie*, I, pag. 374. — Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, I, pag. 312. — Leitão Ferreira, op. cit., pag. 572. — Innocencio, *Diccionario bibliographico*, VIII, pag. 228, etc.

O representante mais illustre do galenismo entre nós foi Thomaz Rodrigues da Veiga, o grande Thomaz, como a cada passo lhe chamam os nossos escriptores. Ninguem se lhe avantajou em erudição e nenhum recebeu dos seus contemporaneos testemunhos de apreço como elle. Os seus discipulos foram numerosos e occuparam logares eminentes no professorado, na camara dos nossos reis, etc., e, qualquer que fosse a sua elevação, em toda a parte se lembravam com saudades do seu illustre professor, cujos meritos encareciam. Pedro de Peramato, medico do duque de Medina Sidonia, chama-lhe doutissimo professor [1]. Henrique Jorge Henriques, lente em Salamanca e em Coimbra, diz ter tido por mestre *aquelle admiravel e perfeito medico como outro não tem havido desde os gentios* [2]. Jeronymo Nunes Ramires, professor de medicina em Coimbra, e seu discipulo, chama-lhe archiatro dos medicos do seu tempo e diligentissimo indagador das coisas medicas, cujos monumentos mostram a sua singular e rara erudição [3]. Fernando Rodrigo Cardoso, que foi igualmente lente em Coimbra e physico-mór do reino, qualifica-o de insigne preceptor [4]. Estevão Rodrigues de Castro, cathedratico de medicina em Pisa, protesta venerar sempre o seu merito [5]. Zacuto Lusitano qualifica-o de doutor eminentissimo, sem segundo entre os novos, e assim considerado por opinião unanime, etc. [6].

Como se vê, era geral o côro de louvores, e só um homem de grande valor poderia reunir tantos suffragios.

Thomaz Rodrigues da Veiga nasceu em Evora em 1513

---

[1] *Opera medicinalia.* San Lucar de Barrameda, 1576, pag. 77 v.

[2] *Perfecto medico.* Salamanca, 1595, pag. 117.

[3] *Commentaria in librum Galeni: de ratione curandi per sanguinis missione.* Lisboa, 1608, pag. 11 e 21 v.

[4] *Tractatus de sex rebus non naturalibus.* Lisboa, 1602, pag. 14 v.

[5] *Syntaxis prædictionum medicarum,* pag. 253.

[6] *Introitus medici ad praxim,* no tomo II das suas obras, na edição de Lyon, 1657, pag. 9.

e descendia d'uma familia de judeus [1]. Segundo elle mesmo diz, tinha vinte e cinco annos [2] quando, em 1538, veiu ensinar em Coimbra, depois de ter estudado em Salamanca, onde se doutorou [3]. Regeu ao principio a cadeira de vespera, quando a de prima foi occupada por Cuellar e Reynoso, mas, a 3 de janeiro de 1558, era promovido a esta ultima cadeira, e n'ella se jubilou a 29 de setembro de 1559 [4]. Os seus merecimentos determinaram a sua nomeação de medico de D. João III e de D. Sebastião, que lhe deu o habito de S. Thiago [5]. A 26 de maio de 1579, fallecia em Coimbra, deixando numerosa familia, entre a qual se nota o abalisado jurisconsulto Ruy Lopes da Veiga [6].

Os *Commentarii in Galeni opera* comprehendem uma grande parte da obra do medico de Pergamo [7]. Abrangem os tres

---

[1] Martins Bastos, *Nobiliarchia medica*, pag. 19.

[2] Prefacio *Ad benignem lectorem* aos *Commentariorum in Claudii Galeni opera*.

[3] Vidal y Diaz, *Memoria historica de la universidad de Salamanca*, pag. 483.

[4] Fr. Carneiro de Figueiroa, *Memorias historico-chronologicas da Universidade de Coimbra*. Mss. da Bibliotheca do Porto.

[5] O P. Antonio Vieira, no tomo II, *Sermão de S. Lucas*, n.º 16, diz: «Adoeceu de huma febre El-rey D. Sebastião, e sendo chamado de Coimbra aquelle oraculo da Medicina, que nas cadeiras da mesma universidade he allegado com o nome de *Magnus Thomas*, ordenou que lhe fizessem huma cama de rosas, e deitado n'ellas ficou são».

[6] Barbosa Machado, *Bibl. Lusitana*.

[7] 1.º *Tomvs primvs | Commentario | rvm in Clavdii Ga | leni opera, medico | rvm principis: Complectens interpretationem Artis medi | cæ, & librorum sex De locis affectis | Authore | Thoma a Veiga Eborensi. | Antuerpiæ, ex officina Christophori Plantini MDLXIIII | Cvm privilegio regis*. In folio.

O livro *De locis affectis* tem o seguinte titulo especial:

2.º *Commentarii | in Clavdii | Galeni libros | sex de locis | affectis, | Auctore | Thoma a Veiga | Eborensi | Antuerpiæ, ex officina Christophori Plantini | MDLXVI*. In folio.

3.º *Thomæ | Roderici a Veiga, Eborensis, | doctoris medici, | et gravissimi philosophi. | Opera omnia in Galeni libros edita, & commentarijs in partes novem di | stinctis, expressa, quibus nodi difficultatum in Medicina fre-*

livros da arte medica, os seis dos logares affectados, e os dois sobre as differenças das febres, isto é, quasi todas as materias que em Coimbra se ensinavam na cadeira de Vespera.

N'estes varios tratados, apresenta Thomaz da Veiga o texto galenico, e segue-o de commentarios linha por linha, demonstrando conhecimento não vulgar dos textos gregos. Ao mesmo tempo, mostrava ter a lição de auctores modernos, alguns seus contemporaneos: Laguna, Benivenio, Mondino, Vesalio, etc.

Ao passo, porém, que a erudição manifestada é para admirar, raras vezes se encontram pontos de vista originaes e ainda mais raras observações novas. A custo se póde mencionar a da rejeição de calculos salivares, precedidos de tosse rebelde; a de apertos de urethra curados pelo tratamento de Filippe, que em carta lhe fôra communicado por André Laguna, e pouco mais.

Veiga não desconheceu Hippocrates e até o commentou, mas forceja por harmonisar a sua auctoridade com a de Galeno. Em todo o caso, os seus livros demonstram claramente quanto o seu espirito estava imbuido do humorismo galenico [1].

Encontram-se igualmente no livro de Garcia Lopes, de que fallamos precedentemente, commentarios sobre os textos galenicos. Ha, porém, differença notavel entre este pequeno livro e os do auctor precedente. Em Veiga dominam completamente as doutrinas galenicas, ao passo que Garcia Lopes, menos cego de admiração, não hesita em asseverar em repetidos logares que nem todas são verdadeiras. Ao mesmo tempo, e

---

quen | tes, solvuntur, classicorumque medicorum contro | versiæ veritatis lima expenduntur. | Præ superioribus editionibus elimata, & exacta qua potuit fieri correctione, | typis exarata. | Annectus est insuper Rerum & Verborum sese occurrentium, Index vber- | rimus, quo quivis legentium in eorum indagatione, ad Alpha | beticos gradus recurrens, potest sublevari. | Lugdvni, | Apvd Petrvm Landry | MDLXXXVII.

Outra edição de *Lugdvni, Apvd Petrvm Landry MDXCIIII.*

[1] Fallam de Veiga: Morejon, op. cit., III, pag. 357; *Compendio historico*, pag. 309.

como já foi notado, eleva Hippocrates, cujos merecimentos encarece [1].

Já tivemos occasião de referir-nos ás *Centuriæ medicinalia* de Amato e citamos as mais notaveis observações cirurgicas. Vamos vêr as mais interessantes relativas á medicina.

As Centurias são precedidas por um discurso sobre o modo de visitar os doentes, que é muito considerado pelos bibliographos e historiadores que d'elle se têm occupado, dizendo, entre outros, Morejon que da sua leitura tirariam os jovens medicos mais proveito do que de outras obras da mesma especie, inclusivè a introducção de Boerhave á pratica clinica [2]. Esse discurso é uma exposição da doutrina das crises e dos dias criticos, e affirma Sprengel que em parte alguma a encontrou mais desenvolvida [3]. É em virtude de uma força existente nos numeros que certos dias são criticos, diz Amato. A sua causa é a harmonia, e o dia critico por excellencia é o setimo, porquanto, sendo o corpo composto de quatro elementos e a alma de tres forças, a somma obtida dá o algarismo 7. Depois do setimo, o dia mais importante é o decimo-quarto, visto que $7 + 7 = 14$. Na sua opinião, depois d'este, o dia critico é o vigesimo e não o vigesimo-primeiro. Considera tambem como tal o sexto, baseando-se na asserção de Bernardo de Gordon, que viu sobrevir crises n'este dia, e ainda na observação pessoal. Finalmente, apenas exclue do numero dos dias criticos o duodecimo, o decimo-sexto e o decimo-nono.

Entrando no estudo das observações, são dignas de nota, na Centuria 1.ª, a de uma meningite, acompanhada de convulsões e lethargo, sobrevindo em resultado de vigilias repetidas [4]; a de um exanthema, determinado pela suppressão

---

[1] Fallam de Garcia Lopes: Barbosa, *Bibl. Lus.*, II, pag. 323; Morejon, op. cit., III, pag. 109.

[2] Morejon, op. cit., I, pag. 68.

[3] Sprengel, op. cit., III, pag. 157.

[4] Cent. 1.ª, cur. 9.

do fluxo menstrual [1]; a de um envenenamento pelos cogumelos, terminado pela cura [2]; e a de uma pleurisia com derrame, em cujo diagnostico figura designadamente a percussão, e cujo tratamento consistiu na operação do empyema que aconselha seja praticada entre a terceira e quarta costellas [3].

Na Centuria 2.ª, merecem reparo a observação de uma febre agudissima n'uma parturiente, terminada pelo apparecimento provocado de uma hemorrhagia nasal [4]; a de uma mulher com amenorrhêa, que mensalmente apresentava um fluxo sanguineo pelos bicos dos peitos [5]; a de um caso de cholera morbus, terminado pela cura [6]; a de um caso de verdadeira elephantiase n'um frade Agostinho, igualmente terminado pela cura [7]; a de uma dysenteria, debellada pelo acto venereo (!), em harmonia com um aphorismo de Hippocrates [8]; e a de um priapismo notabilissimo, curado com preparações camphoradas [9].

Encontramos na 3.ª Centuria como notaveis: a observação de uma febre hectica curada pelos banhos mornos com aflusões frias [10]; a de um caso de ictericia, cuja apparição foi no setimo dia, o que nas febres agudas assume a importancia de um phenomeno critico [11]; a de um caso de alienação mental, causada por uma violenta paixão amorosa e curada com a reclusão n'um carcere [12]; e a de uma febre contínua curada pelo uso do vinho em larga escala [13].

---

1 Cent. 1.ª, cur. 15.
2 Cent. 1.ª, cur. 39.
3 Cent. 1.ª, cur. 61.
4 Cent. 2.ª, cur. 17.
5 Cent. 2.ª, cur. 21.
6 Cent. 2.ª, cur. 32.
7 Cent. 2.ª, cur. 34.
8 Cent. 2.ª, cur. 47.
9 Cent. 2.ª, cur. 81.
10 Cent. 3.ª, cur. 1.
11 Cent. 3.ª, cur. 49.
12 Cent. 3.ª, cur. 56.
13 Cent. 3.ª, cur. 75.

Na 4.ª Centuria apenas encontramos as seguintes observações, que merecem attenção: a d'uma alopecia syphilitica, terminada pela cura [1]; e a d'uma paralysia facial, curada por meio de applicações locaes [2].

A Centuria 5.ª contém, entre outras, as seguintes observações valiosas: a d'um individuo que apresentava mensalmente um fluxo hemorrhoidario, tão regular como o das mulheres [3]; a d'uma febre hectica, curada por banhos tepidos, seguidos de aflusões frias [4]; a de dois individuos extremamente parecidos, que a um tempo foram accommettidos de pleurisia e ao mesmo tempo se curaram [5]; e a d'uma mulher que durante a gestação caía em loucura melancholica [6].

Na 6.ª Centuria, merecem menção: a observação d'um caso de rejeição pela bocca d'um longo verme, do comprimento de quatro covados, tendo caracteres muito curiosos [7]; a d'uma surdez, que se pretendia ter sido produzida por encantamentos, e que o nosso Amato demonstrou não ser verdade [8]; a dos effeitos remotos dos venenos, na qual o nosso compatriota affirma que os turcos e os indios eram habeis em preparar toxicos de effeitos seguros, mas de acção muito demorada [9]; e a d'um caso de furor uterino n'uma freira [10].

Encontramos na 7.ª Centuria a relação d'uma epidemia notavel que se desenvolveu em 1559 em Scopium, e a proposito da qual Amato se refere a outra que em 1527 e annos seguintes devastou Lisboa e os ferteis campos de Santarem [11]; a

---

[1] Cent. 4.ª, cur. 4.
[2] Cent. 4.ª, cur. 87.
[3] Cent. 5.ª, cur. 3.
[4] Cent. 5.ª, cur. 4.
[5] Cent. 5.ª, cur. 15.
[6] Cent. 5.ª, cur. 87.
[7] Cent. 6.ª, cur. 74.
[8] Cent. 6.ª, cur. 87.
[9] Cent. 6.ª, cur. 88.
[10] Cent. 6.ª, cur. 97.
[11] Cent. 7.ª, cur. 27.

noticia summaria de tres envenenamentos pelo oxydo de carboneo [1]; e grande numero de observações relativas a febres que seria longo enumerar [2].

Como se vê, as Centurias não são menos interessantes debaixo do ponto de vista medico do que debaixo do ponto de vista cirurgico, e justificado é o parecer de Malgaigne que, referindo-se ao seculo XVI, diz: «Quanto a Portugal, tinha pro-

---

[1] Cent. 7.ª, cur. 33.

[2] As edições que vimos são as seguintes:

Edições completas. — *Amati Lusitani Doctoris Medici præstantissimi Curationum medicinalium centuriæ septem, varia multiplicique rerum cognitione refertæ & in hac ultima æditione recognitæ & valde correctæ. Quibus præmissi est commentatio de introitu medici ad ægrotantem, de que crisi & diebus decretoriis. A Burdigalæ — ex Typographia Gilberto Vernoy — MDCXX.*

Amati Lusitani sumini doctoris medici curationum medicinalium centuriæ septem, ab omni sordium suspicione expurgatæ, Quibus prælucet omnium curationum per locos afectos in sua capita digestarum, una cum appendicibus eorum quæ auctor, vel intercurandum, vel in Scholiis accurate differit, propriis capitibus subjunctis. Barcinonæ: sumptibus Sebastiani & Jacobi Mathevats, 1628.

Centurias agrupadas. — *Amati Lusitani medici physici præstantissimi, Curationum medicinalium centuriæ II priores. Quibus præmittitur commentatio de introitu medici ad ægrotantem, de crisi et diebus Decretoriis. Cum Indice rerum memorabilium copiosissimo. Lugduni, Apud Gulilelmum Rouillium. MDLXXX.*

Amati Lusitani medici physici præstantissimi Curationum medicinalium, Centuriæ Duæ Tertia & Quarta Cum Indice omnium Carationum & rerum memorabilium quæ ipsis centuriis continentur. Lugduni, Apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto, 1565.

Lugduni, Apud Gulielmum Rouillium, MDLXXX.

Lugduni, Apud Joannem Franciscum de Gabiano, 1556.

Amati Lusitani, medici physici præstantissimi Curationum medicinalium, Centuriæ Duæ Quinta & Sexta. In quarum ultima Curatione, continetur Colloquium eruditissimum: in quo doctissime disputatur, & agitur de curandis capitis vulneribus: Cum indice omnium curationum, quæ ipsis Centuriis continentur, omnia nunc primum in lucem ædita. Lugduni, Apud Gulielmum Rouillium, Sub scuto Veneti, 1564.

Lugduni, Apud Gulielmum Rouillium, MDLXXX.

duzido um grande observador que levára de vencida com exito quasi igual a medicina e a cirurgia, Rodrigues de Castello-Branco, que do nome da sua ingrata patria se fez chamar Amato Lusitano » [1].

HYGIENE

A hygiene acha-se representada por obras d'algum valor, que deviam influir mais ou menos poderosamente nos seus destinos. Deve notar-se que dos auctores dos trabalhos de que vamos dar conta só um é portuguez, mas razões, que a proposito de cada um d'elles serão expostas, militam para que lhes demos logar na nossa historia.

Não era portuguez Francisco Franco, de quem vamos occupar-nos, mas a circumstancia de haver sido professor em Coimbra justifica a menção que d'elle fazemos. Francisco

---

Amati Lusitani, medici physici præstantissimi, curationum Medicinalium. Centuria septima, Thessalonicæ curationes habitas continens, varia multiplicique doctrina referta. Accessit Index rerum memorabilium copiosissimus. Lugduni, Apud Guliel. Rovillium sub scuto veneti, 1570.

Lugduni, Apud Guliel. Rovil. sub scuto Veneto, 1580.

Curationum Medicinalium Amati Lusitani medici physici præstantissimi Centuriæ quatuor. Quibus præmittitur Commentatio de introitu medici ad ægrotantem, De Crisi, & diebus Decretoriis: Subjungiturque Index rerum memorabilium copiosissimus. Atque hæc omnia nunc accuratius recognita, diligentius elegantiusque sunt impressa.

Venetiis, Apud Vincentium Valgrisium in Officina Erasmiana, MDLVII.

CENTURIAS SEPARADAS. —*Amati Lusitani medici physici præstantissimi, Curationum Medicinalium Centuria prima, multiplici variaq; rerum Cognitione referta. Præfixa est ejusdem Auctoris Commentatio, in qua docetur, quomodo se Medicus habere debeat in introitu ad ægratantem, simulque de crisi, & diebus decretoriis, iis qui artem Medicam exercent, & quotodie pro salute ægrotorum in collegium descendunt longe utilissima. Florentiæ Cudebat Laurentius Torrentinus, MDLI.*

[1] *Histoire de la chirurgie en Occident*, pag. 285.

Franco nasceu em S. Filippe de Jativa, junto a Valencia [1], estudou medicina em Alcalá de Henares, onde teve por professor o famoso doutor Leon [2], e em seguida á sua formatura occupou uma cadeira n'esta universidade [3]. Ahi estava ainda em 1544, mas, accedendo ao convite que lhe fez D. João III, para vir ensinar em Coimbra, dirigiu-se a Portugal, crendo nós que a data da sua vinda não iria muito além d'esse anno, se n'elle mesmo se não realisou [4].

Competia-lhe ensinar a materia medica, e Francisco Franco, em mais d'um ponto do livro de que vamos dar noticia, demonstra que lhe era familiar o conhecimento das plantas e das suas propriedades. Este estudo era então notavelmente favorecido em Portugal e sobretudo em Lisboa, onde o medico valenciano algumas vezes residiu, pela facilidade com que se obtinham dos herbanarios sementes e exemplares botanicos que vendiam nos dias de feira [5].

Ás suas lições em Coimbra acudiam as pessoas mais illustradas da terra [6] e a fama que adquiriu foi tal que, chamado a dirimir uma contenda entre dois medicos de D. João III, um dos quaes era o physico-mór Leonardo Nunes, procedeu de fórma que captou a benevolencia do rei, que o nomeou seu physico, com exercicio nas ferias escolares que ia passar a Lisboa [7].

---

[1] *Libro de enfermedades contagiosas*, fol. IX v.

[2] Fol. XXVII v.

[3] Fol. X.

[4] Fol. X, XXII e XXIX. Carneiro de Figueirôa affirma que tomou conta da cadeira em 24 de setembro de 1545.

[5] Fol. XXXIX.

[6] «Y en esta division gaste yo una licion en Coymbra oyendo me el Illustrissimo Pompeyo Sambicario, Obispo Belunense, Nuncio de nuestro Sancto padre en la corte de Portugal, y con su señoria Illustrissima entraron en mi general los Señores Rector que era don Manuel de Menezes, y don Fulgencio, y el obispo de Coymbra don Juan Soarez, Obispo y Conde y excelentissimo predicador». Fol. XXIX.

[7] Fol. XLI v. e XLII.

Diz Chinchilla que Francisco Franco apenas se demorou em Portugal por espaço de seis annos, o que nos parece infundado, não só porque não encontramos passagem alguma da sua obra que o confirmasse, mas ainda porque razões de valor militam para suppôr que por mais tempo permaneceu entre nós. O que é certo é que em 1558 já estava em Sevilha [1], mas quer-nos parecer que pouco antes teria saído de Portugal.

Os creditos que adquirira na sua já longa existencia [2] e no seu dilatado exercicio de professorado [3] grangearam-lhe prompta acceitação e foi nomeado cathedratico de prima no Collegio maior de Santa Maria de Jesus e universidade de Sevilha. Quer dos particulares, quer das auctoridades, Francisco Franco recebeu provas de consideração e respeito.

Havia Filippe II creado o jardim botanico de Aranjuez e mandára á Andaluzia um herbanario diligentissimo com o fim de colher plantas para este estabelecimento. Francisco Franco foi escolhido, com outro collega, para proceder a um exame dos conhecimentos do referido herbanario, que se mostrou versadissimo na botanica. O medico valenciano promoveu em seguida que em Sevilha se creasse um jardim analogo, promptificando-se a dirigir a sua installação, attento o conhecimento que tinha obtido dos simplices vegetaes [4].

Manifestaram-se em Utrera alguns casos de enfermidades contagiosas e, justamente preoccupado com receio de que a epidemia se estendesse a Sevilha, o cabido d'esta cidade mandou reunir em conferencia os medicos mais distinctos que n'ella residiam para accordarem nas medidas a adoptar. Fez parte d'essa conferencia Francisco Franco e o resultado foi ser escolhido para ir a Utrera estudar a epidemia, para sobre esse estudo assentarem as providencias.

---

[1] Fol. XVII.

[2] Fol. II.

[3] Epistola dedicatoria.

[4] Fol. XXVIII e XXVIII v.

D'ahi se originou o livro de que vamos dar conta[1].

O primeiro capitulo occupa-se d'algumas precauções a tomar para a preservação da peste e a mais recommendada é fugir cedo e para longe, exceptuando apenas d'este preceito aquelles que, em virtude da sua profissão, tenham obrigação de permanecer nos povos infectados.

Trata em seguida das causas, dando como averiguado o contagio pelo ar, pelas emanações do sólo, e ainda pela agua, encarecendo a facilidade com que o contagio se communica nas palavras seguintes: «Digamos pues, resolviendo este negocio en pocas palabras, que la salud generalmente no se pega, y la enfermedad se pega». N'este capitulo mostra a importancia que tem o saneamento das differentes localidades, dizendo que em 1543 o corpo cathedratico da universidade de Alcalá de Henares, a que então pertencia, aconselhou que se fizessem seccar os pantanos que rodeavam a cidade, o que bastou para fazer desapparecer as febres gravissimas que n'ella grassavam.

A symptomatologia da epidemia de Utrera consistia sobretudo n'uma erupção de papulas ou manchas de côres diversas, acompanhada de frialdade notavel das partes exteriores, mas de sensação interna de grande calor. N'alguns casos,

---

[1] *Libro de enfermeda | des contagiosas: y de la preseruacion dellas. | Compuesto por Francisco Franco, | Medico del Serenissimo Rey de | Portugal: y Cathedratico de | prima, en el Collegio | mayor de Sancta | Maria de Jesus | y Vniuersidad de Seuilla.*

Fve impresso en | la muy noble y muy leal Cibdad de | Seuilla, por Alonso de la | Barrera. Año de 1569. | Con priuilegio Real. | Esta tassado en 2 marauedis.

O titulo está encerrado n'uma portada.

Colophon:

A gloria y alabança de nuestro | Señor Dios, y de su gloriosa madre, fenece el | libro de enfermedades contagiosas. |

Fué Impresso en la muy noble, y muy leal Cibdad de Seuilla, | Por Alonso de la Barrera, Impressor de libros. | Acabose á catorze dias del mes de Mayo | de 1569 Años.

*

appareciam bubões. Franco diz que esta doença era chamada em Castella tabardilho e em Portugal bretoeja.

O prognostico era gravissimo e toda a reserva que n'elle houvesse era pouca. Franco tambem admittia a possibilidade de prognosticar o apparecimento da peste, pela abundancia de mortos n'uma batalha, ou pelo desenvolvimento da fome.

Na parte que trata da preservação da peste limita-se a aconselhar que se fuja cedo e regresse tarde, e que se façam grandes fogueiras pelas ruas.

Grande numero de capitulos são consagrados a encarecer as virtudes que no tratamento da peste tinham grande numero de plantas e substancias mineraes: esmeralda, escorcioneira, pimpinella, enula-campana, etc. Estes capitulos têm para nós o interesse que deriva de contar que mais d'uma vez as mostrou em Coimbra aos seus discipulos, em excursões botanicas a que os levava.

Occupa-se em seguida do regimen dos predispostos e dos infectados e indica alguns medicamentos de grande virtude curativa ou prophylatica.

Voltando a occupar-se de medidas a adoptar para prevenir o apparecimento, elogia as tomadas por D. João II em Evora por occasião do casamento do filho. Occupa-se da sangria e estabelece as indicações d'esta operação.

Por ultimo, enumera alguns medicamentos para purificar o ar, e aconselha o uso d'umas *pomas* que deviam trazer na mão os individuos que vivessem em qualquer localidade onde a doença se manifestasse, *pomas* constituidas por substancias aromaticas.

A indicação das materias tratadas mostra claramente que a obra de Franco tem mais curiosidade do que valor, e somos de opinião que acertado é o juizo de Morejon quando diz que ella não tem o merito que as de outros medicos hespanhoes relativas ao mesmo assumpto [1].

---

[1] Morejon, op. cit., III, pag. 146.

Deve-se a Franco outra obra sobre o uso da neve [1]. Consultado sobre se era conveniente esfriar as bebidas com gelo. Franco emitte rasgadamente a opinião de que essa pratica é proveitosa, mas não a de tomar a propria neve ou mesmo a agua que resulte da sua liquefacção. Apenas prohibe o uso das bebidas frias ás creanças até á puberdade e aos velhos, e ainda aos asthmaticos e dispepticos. Diz ter colhido bons resultados no tratamento de algumas doenças com a applicação da agua frigidissima *intus* ou *extra,* notando-se que eram doenças febris acompanhadas mais ou menos de suor abundante. A obra de Franco é certamente uma das primeiras que d'este assumpto se occuparam.

Ateára-se em 1569 o medonho contagio que ficou conhecido pelo nome de *peste grande,* tamanho foi o numero das victimas que fez pelo reino e principalmente em Lisboa. D. Sebastião, aterrado, fugiu para Cintra e não se julgando ainda seguro transportava-se pouco depois para Alcobaça, deixando a sua boa cidade das margens do Tejo confiada a uma junta governativa composta dos vereadores, do governador da casa do civel, do capitão-mór da defeza da mesma cidade e do vedor da fazenda real.

Grassára dois annos antes em Sevilha uma epidemia que apresentára notaveis similhanças com a que actualmente devastava Lisboa. Por este motivo, a junta governativa mandou

---

[1] *Tractado de la nieue | y del vso della. Dirigi- | do al muy illustre señor | don Hernando Enrri | quez. Compuesto por | Francisco franco medi | co del serenissimo Rey | de Portugal: y cathe | dratico de prima en el co | llegio mayor de sancta | Maria de Jesus y uniuersidad de Seuilla. | Con priuilegio Real.*

Colophon:

A gloria y alabança de nue | stro señor Dios, y de su gloriosa madre, acabose el | tractado de la nieue. Compuesto por Fran | cisco franco medico del serenissimo rey de Portugal. Fue impresso en la muy no | ble y muy leal cibdad de Seuilla | en casa d Alõso de la Bar | rera impresser d libros. | Acabose a catorze dias de Mayo | Año de MDLXIX.

vir d'esta cidade dois medicos Thomaz Alvares e Garcia de Salzedo Coronel para aconselharem as medidas mais convenientes para combater a epidemia. Chegaram elles a 2 de agosto de 1569 e doze dias depois apresentavam um relatorio sobre as providencias mais acertadas para este fim.

N'este livro [1] encontram-se preceitos muito acceitaveis e que justificam o juizo favoravel que d'elle tem sido feito. Divide-se em quatro partes. Na primeira, que se occupa dos meios de impedir o contagio, aconselham os medicos sevilhanos que se abasteça largamente a cidade; que se proceda á limpeza cuidadosa das ruas, lançando-se as immundicies ao mar; que de manhã e á noite se accendam pelas ruas fogueiras de lenhos aromaticos; que se evite a exposição ao ar do sangue obtido das sangrias; que se faça pouco exercicio; que se prohibam os bailes e ajuntamentos de negros; que se estabeleça quarentena para os navios de escravos; velar pela boa qualidade dos alimentos; enterrar os mortos com brevidade; fechar os prostibulos; não consentir pelas ruas mendigos com chagas repellentes; manter fechadas e não permittir que sejam habitadas as casas em que falleçam empestados; supprimir os banhos que houver na cidade; queimar as roupas dos acommet-

---

[1] *Reco | pilacam | das covsas qve | conuem guardar se no | modo de preseruar a cidade de Lixboa. | E os sãos, & curar os que esteuerem enfer- | mos de Peste. Feita pellos Doctores Tho- | maz aluarez, & Garcia de Salzedo vezinhos | de Seuilla, & medicos do Serenissimo Rei | de Portugal Dom Sebastiam Primeiro, | nosso senhor, & dirigida a S. A. | Feito por mãdado do Doctor | Antonio diaz Prouedor mor | da Saude na Cidade de | Lixboa. | Impresso depois de reuisto. Com licen- | ça do Ordinario, & Inquisidores. | Gaspar de faria. Frei Antonio de S. Do- | mingos. | Em a muy insigne cidade de Lixboa em | casa de Francisco Correa Impressor de | S. A. Anno de 1569.*

O titulo dentro d'uma portada.

Colophon:

A louuor de Deos, & da gloriosa virgem Maria nossa | senhora, se acabou ho presente tratado, em ca- | sa de Francisco Correa impressor de sua Al- | teza. Aos seis dias do mez de Septembro, | De mil & quinhentos & sessenta & | noue Annos.

tidos pelo mal, excepto as de maior preço que seriam desinfectadas com agua do mar e vinagre.

Occupam-se na segunda parte dos cuidados a haver com os doentes pobres, não só nas casas de saude, mas nos seus domicilios. Aconselham que se levantem nos extremos da cidade dois hospitaes, que devem ser montados em casas grandes e airosas, mas de pequena altura, onde se preste soccorro a quem d'elle careça, e onde haja aposentos apartados com destino aos convalescentes. Recommendam que os enterramentos se façam em covas bem fundas, lançando-se sobre os cadaveres cal em abundancia. Opinam por que se ministrem igualmente soccorros domiciliarios, para o que seriam avençados alguns medicos.

Occupam-se na terceira parte do *regimento preservativo contra a peste,* compilando as medidas relativas á prophylaxia individual. Recommendam que se não abram as janellas emquanto não fôr nado o sol e se não sáia de casa emquanto não hajam passado duas horas depois do seu apparecimento; que se façam no interior das casas aspersões com agua e vinagre, ou vinho aromatico; que se accendam fogueiras com lenhos cheirosos; que se enramem as casas com plantas de perfume agradavel; que todos tragam na mão umas *pomas* feitas de substancias balsamicas, cujo uso se suppunha purificar o ar das impurezas que são a causa da peste. Ao mesmo tempo dão minuciosos e salutares conselhos sobre a alimentação e regimen que se deve adoptar.

A ultima parte do livro é consagrada ao tratamento da peste. É sobretudo baseado no emprego da sangria, dos purgantes e dos lenhos sudorificos, tendo em vista a purificação do sangue. Além d'isso, os differentes symptomas reclamavam por vezes uma intervenção especial.

A obra de Thomaz Alvares e Garcia de Salzedo mereceu grandes encomios e foi tão considerada, que ainda no principio d'este seculo se reimprimiu. Não avolumaremos esta noticia com a menção dos juizos que sobre ella se fizeram, abrindo excepções apenas para as de dois escriptores modernos: Vieira de Meirelles e Ricardo Jorge.

Vieira de Meirelles, referindo-se ao *Regimento,* escreve: «São paginas de muita luz, turvada a espaços por algumas, ainda que raras, sombras. Maravilha a primeira, das segundas fiamos a desculpa aos que têm intimo trato com os auctores e livros d'essa idade. Aquella é o esplendor d'um grande espirito, irradiando através dos seculos, estas apontam, como no gnomon, a hora exacta da historia em relação ás ideias da época» [1].

Ricardo Jorge, depois de ter posto em relevo a importancia de algumas das medidas indicadas, remata: «O *Regimento*... está repleto das mais sabias prescripções sobre hygiene individual e publica, hombreando senão excedendo por vezes essas edições e reedições de instrucções modernas ás vezes bem mesquinhas e erroneas» [2].

Deve acreditar-se que um livro que, passados mais de tres seculos, ainda assim é julgado, possue um valor scientifico muito consideravel.

Pelo meado do seculo, nasce na Guarda, Henrique Jorge Henriques [3]. Depois de estudar humanidades no collegio dos jesuitas em Coimbra, onde teve mestres notaveis [4], cursou medicina na Universidade, ao tempo que n'ella ensinava Thomaz Rodrigues da Veiga.

Terminado o seu curso, desejoso de augmentar mais a sua

---

[1] *Memorias de epidemologia portugueza.* Coimbra, Imp. da Universidade, 1866, pag. 58.

[2] *Hygiene social.* Porto, 1885, pag. 16.

[3] Titulo das suas obras; *De regimine cibi,* pag. 297; *Perfecto medico,* pag. 295.

[4] Henriques apenas diz que teve por professores em Coimbra: em Rhethorica, Cypriano; em Poesia, Pimenta; em Logica, Cardoso; em Philosophia natural, Freitas. (*Perfecto medico,* pag. 117). Ora pelos annos de 1562 eram professores no collegio dos jesuitas em Coimbra: o padre Nicolau Pimenta, que dictou Rhetorica, Philosophia e Theologia; o padre Francisco Cardoso, que ensinou Philosophia e Theologia; e o padre Lourenço de Freitas, que dictou Philosophia. D'ahi a affirmação expressa no texto.

instrucção dirigiu-se a Salamanca, *verdadeiro Monte Parnaso*, onde o medico beirão teve a fortuna de encontrar por professores o dr. Medina, o dr. João Bravo, o dr. Rodrigo de Soria. o dr. André Alcazar e o portuguez Ambrosio Nunes, *essa ave phenix da medicina* [1]. Taes foram os progressos realisados, que mereceu a honra de ser recebido como professor de artes na mesma universidade [2].

Que razões o levaram a abandonar Salamanca não é hoje possivel averiguar. Desgostoso talvez pela decadencia já visivel da grande universidade, onde o suborno campeava infrene [3], veiu para Portugal, sendo nomeado lente substituto da cadeira de Avicena na Universidade de Coimbra e mais tarde, em 1595 [4], encarregado da cadeira de Pratica. Já então era medico do duque d'Alva, D. Antonio Alvarez de Toledo.

Além d'uma obra interessantissima de que adiante havemos de dar conta, Henriques escreveu um livro de hygiene: *De regimine cibi ut que potus* [5]. É um commentario á *Fen tertia primi* de Avicena, que trata da dietetica. Occupa-se de todas as substancias alimentares, regulando o seu uso nos differentes estados morbidos, em harmonia com os canones dos arabes. Para nós, o maior interesse que possue é conter algumas referencias a Portugal.

---

[1] *Perfecto medico*, pag. 117, 291 e 212.

[2] Titulos das suas obras.

[3] *Retracto del perfecto medico*, pag. 110.

[4] *Bibliotheca Lusitana*, II, pag. 452. O testemunho de Barbosa é confirmado por se dizer Henriques, no *De regimine cibi*, impresso em 1594, *olim Salmanticæ publico Philosopho:* e no *Retracto del perfecto medico*, impresso em 1595, *Lector ordinario de Artes que fue en la Universidad de Salamanca e en la de Coimbra substituto de la Cathedra de Avicena y despues primero electo para la cathedra de Practica de medicina en la dicha universidad.*

[5] *De | regimine | cibi atqve potvs, | et de cæterarvm re | rũ non naturalium usu noua enarratio. | Avthore Henrico Georgio Anriquez Lusitano Guardiensi, Olim | Salmanticæ publico Philosopho. | Cvm privilegio | Salmanticæ | Excudebat Michael Serranus de Vargas. Anno 1594.*

Assim encarece a diligencia e industria das mulheres de Lisboa e Coimbra [1]; dá conta de ter visto palmeiras com fructo em Coimbra e alguns logares de Hespanha, mas sem attingirem completa maturação [2]; descreve a intensissima fome que grassou por todo Portugal no anno de 1573 [3]; censura os portuguezes por comerem carnes salgadas e defumadas [4]; elogia os vinhos portuguezes e prescreve-os em certos estados morbidos [5]; menciona uma epidemia de influenza que em setembro e outubro de 1580 se estendeu por toda a Europa, e sobre a qual escreveu Henriques um tratado que nunca viu a publicidade [6]; refere-se a macrobios portuguezes e dá conta de dois existentes na Guarda, um dos quaes tinha cento e quinze e outro cento e trinta annos [7]; falla de producções das ilhas de S. Thomé e Madeira [8], etc., etc.

DEONTOLOGIA MEDICA

A deontologia medica teve tambem culto n'esta época. Os livros que o indicam ainda hoje poderiam ser lidos com certo proveito.

O primeiro que se offerece á nossa consideração é o attribuido erradamente a Affonso de Miranda e publicado por seu filho Jeronymo, medico de D. Sebastião [9]. N'elle se exige

---

1 Pag. 14.
2 Pag. 25.
3 Pag. 35.
4 Pag. 37.
5 Pag. 209 e 213.
6 Pag. 264.
7 Pag. 297.
8 Pag. 323.
9 *Dialogo da per- | feyçam & partes que sam ne- | cessarias ao bom medico. | Dirigido ao muyto alto & se- | renissimo Principe Rey dom | Sebastiam,*

para o medico uma erudição variada: que conheça bem o latim, o grego e até o arabe, para que possa lêr os textos originaes de Avicena, Rhasis, Averrhoes e outros; que saiba philosophia natural, visto como esta é o eixo em que gira a medicina; que tenha em verdadeira consideração a astrologia, pela influencia manifesta que sobre o corpo humano exercem os corpos celestes, e, para saber a astrologia, que estude a fundo as mathematicas; que possua a anatomia, indispensavel ao medico e ao cirurgião, e cujo estudo então se podia fazer em Salamanca, Coimbra e Valladolid [1]; e que viaje para desenvolver o espirito nas relações que estabeleça com medicos de paragens e climas differentes.

No exercicio da profissão deve o medico guardar os segredos que lhe forem confiados, como um confessor, e ao mesmo tempo ser discreto, prudente, aceado, grave, cortez, gracioso sem caír na chocarrice, e largo com os pobres, repartindo com elles o que receba dos ricos.

Por ultimo, o livro occupa-se da influencia dos climas na acção dos productos animaes e vegetaes empregados em therapeutica; e, dirigindo-se aos boticarios, censura o uso de certas preparações pharmaceuticas, zomba da nomenclatura da época, e põe termo ao dialogo com a proclamação do princi-

---

primeyro | deste nome. Nosso | senhor. | Em Lixboa. | Per Joam Aluarez, impressor del Rey. | Anno de MDLXII.

Colophon:

Acabou-se de imprimir o presente dialo- | go em a muyto nobre & sempre | le- | al cidade de Lixboa, em casa | de Joam Aluares impres- | sor del Rey. | Aos X dias de Julho de MDLXII | Annos.

A proveniencia d'este livro conclue-se da seguinte passagem: «Achou este dialogo Affonso de Miranda, contador do Reyno e casa de V. A., entre os livros e papeis de seus filhos que estudavam em Coimbra e Salamanca e em outras Universidades, e lh'o fez trasladar de Latim em linguagem».

Os interlocutores do *Dialogo* são Philiatro e o celebre professor de Salamanca Fernan Nuñez de Gusman, mais conhecido pelo nome de Pinciano ou tambem pelo de commendador grego.

[1] Fol. 13 v.

pio que affirma, em materia de medicina, o predominio da força medicatriz da natureza.

Certamente notavel é a obra de Henrique Jorge Henriques em que se faz o retrato do perfeito medico [1]. D'ella e com justiça diz Morejon que nunca será esta precisa obra bastantemente encomiada: « pues ademas de contener la moral mas sublime, digna de que todos los medicos la pusiessen en practica, esta escrita con tanta erudicion, tan amenizada con casos curiosos y entretenidos, y es tan rica de noticias historicas, que reune las mejores circumstancias para inculcar a los medicos las maximas de la moral mas pura, con que nos retrata al medico perfecto».

Começa Henriques por mostrar a utilidade e antiguidade da medicina, e logo reclama do medico perfeito que seja humilde, e não vaidoso e soberbo; caritativo para com os pobres, manso, benigno, affavel e de modo algum vingativo; discreto e não murmurador, lisongeiro ou invejoso; prudente, temperado, e não ousado em demasia; que seja continente e honesto; inclinado ás letras e curioso; trabalhador na sua arte e de modo algum dado á ociosidade; erudito, mas sem affectação e por maioria de razão sem charlatanismo. Incidentemente, trata dos damnos causados por aquelles que, sem terem d'ella conhecimento perfeito, se occupam de medicina e attribue ao pouco zelo no seu castigo o desenvolvimento d'este mal.

No segundo dialogo, requer-se que o medico perfeito te-

---

[1] *Retrato | del perfecto | Medico, dedicado a | Don Antonio Alvarez de Toledo Beaumont Du- | que de Alua, y de Huescar, Marques de Coria, Alfe- | rez mayor, y Condestable de Nauarra, conde de | Lerim y de Saluatierra, Señor de | Val de Corneja &c | Compuesto por el Licenciado Henrico Ieorge Anriquez Lusita- | no, Medico de su Camara, Lector ordinario de Artes que fue | en la Vniuersidad de Salamanca y en la de Coimbra substituto | de la Cathedra de Auicena, y despues primero electo | para la cathedra de Practica de Medicina | en la dicha Vniversidad.* | (Uma vinheta). *Con privilegio.* | *En Salamanca.* | *En casa de Iuan y Andres Renaut Impressores.* | *MDXCV.*

nha tido bons professores, e haja estudado com methodo e largo tempo, fóra da sua patria. Exige-se que possua experiencia, mas sem chegar a idade provecta; que tenha boa memoria e bom julgamento, e que conheça bem a rhetorica; e ventila-se qual deve ser a sua estatura, a sua physionomia e ainda qual a sua linhagem, visto que certos povos têm uma tendencia especial para a cultura d'esta sciencia.

Recommenda-se novamente no terceiro dialogo a humildade ao medico, e mais se lhe pede que use de vestuario decente, elogiando-se os reis de Portugal por haverem tomado disposições relativas a trajes e vestidos; que seja limpo, tenha bom halito, fuja do vinho e da ociosidade, seja temperado no comer e honesto, evitando a luxuria que prejudica as operações do entendimento, que zele a sua honra, conheça bem as linguas latina, grega e arabe, e finalmente que seja bom astrologo, visto como de todos é conhecida a influencia que os astros exercem sobre o corpo humano.

Requer-se no quarto dialogo que o medico perfeito seja cauteloso e exacto no prognostico, visto que assim conquistará a confiança dos enfermos; que seja desinteressado no exercicio da profissão, filho de gente honrada e pacifico, e conhecedor da anatomia que então se ia vulgarisando na peninsula.

No quinto e ultimo dialogo, recommenda-se que o medico faça com que os doentes recebam os Sacramentos da egreja, reprehendendo-se a negligencia que alguns tinham a este respeito. Admitte-se que o medico tenha recreio honesto, fugindo dos jogos de cartas, mas permittindo-se-lhe, como em harmonia com a gravidade da profissão, o jogo do xadrez. Requer-se que o medico fuja da mentira, busque as viagens, se dê ao estudo da cosmographia, tenha conhecimento da musica e da poesia, seja bom physionomista; e possua as mathematicas, a dialectica, a philosophia moral e a metaphysica. Termina o livro com algumas palavras relativas aos salarios dos medicos, ás superstições introduzidas na pratica da medicina, á natureza dos venenos e ainda á conveniencia que o medico tem em ausentar-se da patria, que rara vez deixa de ser madrasta dos bons engenhos.

Explanando os differentes assumptos indicados, Henrique Jorge Henriques manifesta conhecimentos não vulgares, e justificadissima é a opinião do nosso illustre collega dr. José Carlos Lopes, quando diz: «E é tal a caudal de erudição, que corre pelas paginas do livro, erudição bebida, a um tempo, nas obras primas dos medicos, philosophos, historiadores e poetas da antiga Grecia e do Lacio, e nas dos contemporaneos do auctor, que é pouco tudo quanto possa dizer-se em louvor de tão peregrino escriptor, sobredourado por um estylo simples e correcto, em que o *humour* põe, a espaços, umas vibrantes notas causticas, sempre que vem de molde o censurar os maus medicos, ou verberar o impudor dos charlatães desbragados» [1].

O *Medicus Politicus* de Rodrigo de Castro, de quem já nos occupamos, deve ser considerado, como bem diz o seu mais completo biographo, o snr. Pedro Dias, o seu testamento medico. Obra a um tempo de philosophia e deontologia medicas, o seu auctor pronuncia-se n'ella contra as seitas dos empiricos, dos methodistas e chimiatras, e acceita uma doutrina em que allia a razão com a experiencia. Insiste minuciosamente sobre as qualidades e conhecimentos que deve possuir o medico. A este respeito estabelece uma judiciosa distincção entre a astronomia e a astrologia, mostrando quanto a primeira, pelo estudo dos phenomenos physicos da natureza, da salubridade do ar e das condições atmosphericas, póde ser util ao medico, ao passo que a segunda, com a sua pretensão a prevêr os acontecimentos, deve ser reputada falsa e imaginaria.

Rodrigo de Castro desenvolve com grande latitude o papel do medico nas diversas circumstancias em que se póde encontrar, nas suas relações com os doentes e com o estado, e a este respeito cita factos da sua vida quer de clinico, quer de perito, em que o seu procedimento póde servir de exemplo a imitar. São sobretudo de notar-se os capitulos em que se

---

[1] *Archivos de historia da medicina portugueza*, III, pag. 76.

refere á simulação das doenças, em que se evidencía espirito engenhoso na descoberta das fraudes. Referindo-se a este livro, diz Beaugrand, insuspeito de parcialidade: «É um verdadeiro codigo de dignidade e de moralidade profissionaes, que se applica a todos os tempos e que faz a mais levantada honra aos sentimentos d'aquelle que o escreveu» [1].

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

---

[1] *Roderici a Castro Lvsitani Philos. ac Medic. Doct. per Europam notissimi.*

Medicus politicus: sive de officiis medico-politicis tractatus, quatuor distinctus Libris: in qvibus non solvm bonorvm medicorum mores ac virtutes exprimuntur, malorum veró fraudes & imposturæ deteguntur: verum etiam pleraque, alia circa novum hoc argumentum utilia atque jucunda exactissime proponuntur. Opus admodvm vtile medicis, ægrotis, ægrotorum assistentibus & cunctis aliis litterarum, atque adeo politicæ disciplinæ cultoribus.

Hamburgi, Ex Bibliopolio Frobeniano 1614.

Além d'esta vimos outra edição de Hamburgo, *Ex bibliopolio Zachariæ Hertelii, Anno de 1662.*

INDICE

PRIMEIRO PERIODO

Da creação dos estudos em Santa Cruz ao estabelecimento da Universidade

(1130 — 1290)

SEGUNDO PERIODO

Do estabelecimento da Universidade á creação do Hospital de Todos os Santos

(1290 — 1504)

TERCEIRO PERIODO

Da creação dos estudos cirurgicos no Hospital de Todos os Santos á reforma da Universidade

(1504—1772)

MANOEL GOMES—Livreiro-Editor

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

RUA GARRETT (CHIADO), 70 E 72—LISBOA

Extracto do Catalogo:

Revista portugueza de medicina e cirurgia praticas

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRIGIDA POR

ALFREDO LUIZ LOPES

Medico-cirurgião pela Escóla de Lisboa,
facultativo do Hospital de S. José e da Santa Casa da Misericordia de Lisboa,
membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra

Acaba de sahir o n.º 56 (Fevereiro 1899) do terceiro anno d'esta REVISTA quinzenal collaborada pelos principaes medicos do paiz.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Portugal e Hespanha		Para os estudantes das escólas medicas do paiz	
3 mezes	1$200 reis	3 mezes	750 reis
6 »	2$200 »	6 »	1$500 »
12 »	4$000 »	12 »	3$000 »

Dr. Alfredo Luiz Lopes

Aguas minero-medicinaes de Portugal. 1 vol. in-4.º de 480 pag. . . . . . 1$200 reis

Estudo o mais completo publicado em portuguez sobre a situação, classificação, historia e emprego therapeutico das nascentes portuguezas.

Dr. Manoel Bento de Sousa

Discurso em homenagem ao Dr. A. Maria Barbosa. 1 vol. . . . . 200 reis

O Doutor Minerva. 2.ª edição augmentada com a resposta aos criticos da 1.ª edição. 1 vol. . . . . 700 reis

A Parvonia. Nova edição augmentada com uma carta-prefacio. 1 vol. . . . . 700 reis

O valor das tres obras do grande mestre da medicina portugueza está no acolhimento que o publico lhes dispensou esgotando rapidamente as primeiras edições.

José de Lacerda

Os Neurasthenicos, prefaciado pelo professor Sousa Martins. 1 vol. . . . . . 500 reis

O intenso interesse que este livro tem produzido ainda se não apagou, já devido a tão importante estudo medico e philosophico, já ao valioso trabalho que o antecede em que o Dr. Sousa Martins pôz nas 44 paginas que escreveu todo o seu alto saber e fino espirito.

Porto—Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 70

MAXIMIANO LEMOS

HISTORIA

DA

MEDICINA EM PORTUGAL

DOUTRINAS E INSTITUIÇÕES

VOLUME II

LISBOA
MANOEL GOMES, EDITOR
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

MDCCCXCIX

HISTORIA

DA

MEDICINA EM PORTUGAL

VOLUME II

MAXIMIANO LEMOS

HISTORIA

DA

MEDICINA EM PORTUGAL

DOUTRINAS E INSTITUIÇÕES

VOLUME II

LISBOA
MANOEL GOMES, EDITOR
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

MDCCCXCIX

CAPITULO V

Seculo XVII. — Exame das doutrinas medicas reinantes n'este periodo : Anatomia ; Pathologia cirurgica ; Pathologia medica ; Therapeutica ; Hygiene ; Medicina legal e Deontologia medica.

O seculo XVII não se affirma na historia das sciencias medicas em Portugal por trabalhos da mesma importancia que o seculo anterior. As causas que determinaram a decadencia assignalada foram enumeradas precedentemente ; por agora, apenas examinaremos d'um modo geral os factos pelos quaes se traduziu.

Os estudos anatomicos, que no seculo XVI foram cultivados por toda a parte com enthusiasmo, e que entre nós tiveram a impulsional-os um homem tal como Guevara, caíram aqui em rapido abandono. No seculo XVII, como dentro em pouco veremos, póde dizer-se que raro se abriam cadaveres humanos, e quer em Lisboa quer em Coimbra as poucas dissecções praticadas eram feitas em animaes. Para que se meça bem o atrazo em que estavamos, bastará dizer que a doutrina da circulação do sangue e os trabalhos anatomicos de Malpighi e Leuwenhœck eram quasi completamente desconhecidos em Portugal n'esta época.

A cirurgia acha-se representada entre nós por dois homens de valor, Antonio da Cruz e Antonio Ferreira. Ambos, e sobretudo o segundo, não só conheciam os trabalhos mais recentes de Pareu e da sua escóla, mas tinham uma pratica esclarecida, consignando nas suas obras grande numero de

observações pessoaes, em que se descobre por vezes uma certa originalidade. Ainda recentemente, o professor Serrano aquilata a obra do primeiro nos termos seguintes: «Fique apenas consignado que, a despeito da inopia de originalidade no plano, não deixa de encerrar observações clinicas e até processos operatorios da propria lavra; e que atravez dos desmandos de uma futil therapeutica consentanea com a época, ressuma em todo o livro o fundo de prudencia e o atilado discernimento d'um verdadeiro pratico» [1]. Do segundo, bastará dizer que foi a sua obra que serviu de guia aos cirurgiões portuguezes durante quasi todo o seculo seguinte.

Nos dominios da pathologia cirurgica encontram-se ainda alguns trabalhos importantes. Madeira Arraes publicava um livro sobre as doenças venereas que se nos afigura de valor real, e as doenças proprias das nossas possessões d'alémmar foram objecto de monographias especiaes em que pela primeira vez foram descriptas.

Nos dominios da pathologia medica, salienta-se a todos o vulto notabilissimo de Zacuto Lusitano que nas suas longas obras condensou, póde dizer-se, a sciencia do seu tempo. Daremberg, referindo-se a elle, diz: «Zacuto Lusitano (1575-1642) publicou *duas obras preciosas:* as Historias medicas (1629) tiradas de Galeno e d'outros auctores gregos ou arabes, isto é, a collecção de quasi todas as observações que se encontram disseminadas nos volumosos escriptos do medico de Pergamo e dos arabes; e outra collecção em cinco livros onde estão reunidas as suas proprias observações. A *Praxis admiranda* (1634) tambem só contém observações feitas pelo auctor. Á frente da primeira obra encontra-se uma bibliographia medica em que os auctores são primeiro dispostos por ordem chronologica e as suas obras classificadas depois por ordem de materias; *é um trabalho ainda muito util*» [2].

As obras de Zacuto foram, durante todo o seculo XVIII,

---

[1] *Tratado de osteologia humana*, I, pag. XXVII.

[2] Daremberg, *Histoire des sciences médicales*. Paris, 1870, II, pag. 956.

extractadas, commentadas e discutidas, e ainda hoje se encontram citadas a cada passo, tamanho é o cabedal de conhecimentos que n'ellas ficou armazenado.

Encontramos ainda para louvar e apontar alguns livros de hygiene. Sobretudo, o livro de Ambrosio Nunes sobre a peste merece a menção especial que a seu tempo lhe consagraremos, menos porque n'elle se encontrem vistas originaes de grande alcance, mas porque o conjuncto de providencias aconselhadas e postas em pratica revelam conhecimento profundo da hygiene do tempo.

Tal é o balanço do seculo XVII, no que de mais valioso apresenta em Portugal no dominio das sciencias medicas.

Ao lado, porém, de alguns trabalhos de valia, encontramos um fundo de superstição e charlatanismo no exercicio da profissão, a crença na virtude miraculosa de substancias indifferentes, um culto intenso da astrologia. Ao passo que no seculo XVI acompanhavamos o movimento scientifico dos paizes mais cultos, no que lhe succedeu iamo-nos distanciando cada vez mais.

ANATOMIA

A anatomia não teve grande culto entre nós no seculo XVII. O seu ensino não se acclimou bem em Portugal, e d'ahi resulta não se encontrar, no periodo que estudamos, menção de qualquer trabalho especial sobre esta parte da medicina.

Vimos que D. João III chamára Guevara para Coimbra pelo meado do seculo XVI e que a breve trecho o medico de Granada era transferido para o Hospital de Todos os Santos. Que fructos advieram dos seus esforços? Nenhuns ou quasi nenhuns. Dispôz o alvará de 26 de julho de 1559 que nenhum cirurgião fôsse examinado sem ter estudado dois annos em Lisboa. Pouco depois, lá ensinava Guevara. Quaes os discipulos que formou? Á excepção de Antonio da Cruz, não se regista um só.

Não se constitue uma tradição anatomica e nas aulas de

cirurgia limitam-se os professores a fornecer noções muito incompletas, muito superficiaes sobre a sciencia da organisação do homem.

Chega-se até á convicção de que o proprio Guevara poucas vezes recorreu á pratica das dissecções em cadaveres, no tempo em que esteve em Portugal. Da leitura do seu livro não se collige que as tivesse realisado em Coimbra; em Lisboa, um testemunho contemporaneo dá a entender que não eram frequentes essas demonstrações [1].

Ainda, porém, que o seu ensino fosse brilhantíssimo, não se continuou, e pouco tempo depois da sua terminação, nenhuma memoria havia d'elle [2].

Se este era o estado do ensino anatomico em Lisboa no fim do seculo, em Coimbra não florescia mais. João Bravo Chamiço (1605) dá conta da existencia d'um theatro anatomico n'aquella cidade, mas elle mesmo poucas vezes se serviu do escalpello. A Reformação dos Estatutos de 1612 dá a entender que raro se faziam dissecções em cadaveres humanos, e nada mais é preciso para se ficar conhecendo que de pouco valor seria o conhecimento que as não tivesse como base. Por outro lado, a conservação como texto do livro de Galeno *De usu partium,* cujos erros por toda a parte eram demonstrados, tendia a distanciar-nos cada vez mais da luminosa Italia, onde a sciencia anatomica florescia em todo o seu esplendor.

Isso que se infere da legislação, attestam-n'o indubitavelmente os factos. D'uma devassa feita em 1619 e extractada por Theophilo Braga, colhe-se que o professor Martim Gonçalves Coelho, lente de anatomia, não fazia as dissecções a

---

1 «... e em tempo do Doutor Guevara se tratou da Cadeira de Anatomia e de se fazerem anatomias, *que elle fez algumas vezes* ». (Carta de Francisco Thomaz a D. Jorge d'Atayde, escripta em 1592, no *Compendio Historico,* pag. 298).

2 Idem. Sá Mattos diz que Guevara creou em Coimbra até ao fim do seculo peritissimos cirurgiões. Sabendo-se que elle saíu de Coimbra em 1561, tendo vindo para lá em 1556, reconhece-se a leviandade com que isto foi affirmado.

que era obrigado. Uma das testemunhas affirma que «só lhe vira fazer uma em um carneiro». N'outros documentos relativos á Universidade e publicados pelo mesmo illustre historiador, sempre que se falla em anatomia, andam de mistura as dissecções em cadaveres humanos com as feitas em animaes, e parece que umas e outras raras vezes se realisavam [1].

O estudo dos livros de cirurgia confirma ainda o que vimos dizendo. Em 12 de fevereiro de 1579 era nomeado cirurgião do Hospital de Todos os Santos Antonio da Cruz [2]. Sabe-se que era natural de Lisboa [3], que alli e em Guadelupe aprendeu a cirurgia [4] e affirma-se que foi discipulo de Guevara, o que não repugna admittir, hoje que sabemos que o illustre anatomico de Granada ensinou anatomia na rainha do Tejo [5]. Falleceu em 6 de dezembro de 1626 [6], devendo contar provavelmente mais de oitenta annos [7].

Cruz deixou uma *Cirurgia* de que havemos de occuparnos. Por agora, basta dizer que o primeiro tratado d'este livro é consagrado á anatomia, e a sua leitura demonstra que o seu auctor, como anatomico, é de somenos valor. N'esta parte, a *Cirurgia* é uma cópia de Guido de Chauliac; e, dos trabalhos posteriores que Antonio da Cruz conhecia e cita, a menção que faz é condensada, resumida, por vezes com sacrificio de pormenores importantes. Mas, se assim é, por outro lado adquire-se a certeza de que se entregára a dissecções em cadaveres humanos para profundar a sciencia da organisação

---

[1] Theophilo Braga, *Historia da Universidade*, II, pag. 533, 535, 538, 787, 791 e 806.

[2] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 17.

[3] Zacutus Lusitanus, *De medicorum principum historia*. In initium. — Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, pag. 255. — Innocencio, *Dicc. Bibliographico*, I, pag. 119.

[4] Antonio da Cruz, *Cirurgia*, ed. de 1711, pag. 45.

[5] Bernardino Antonio Gomes, *A Instrucção medica em Portugal* na *Gazeta Medica de Lisboa*, de 1861, pag. 193. Baseados n'esta asserção dissemos algures que Guevara ensinára em Guadelupe, o que não é exacto.

[6] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 18.

[7] J. A. Serrano, *Tratado de osteologia humana*, I, pag. XXV.

humana, e este meio de estudo suppriria até certo ponto as deficiencias apontadas do seu ensino. Fallando do sentido do olfacto, confirma a opinião de Valverde, pelo que vira n'uma cabeça em que fizera anatomia [1]; occupando-se do comprimento do intestino, menciona as medições a que procedera, quer em Guadelupe, quer em Lisboa [2]; e ainda n'outras partes da sua obra se refere a ter aberto cadaveres [3].

Havemos de referir-nos detidamente a Zacuto Lusitano (1575-1642) no decorrer d'este livro. Este medico, que certamente foi um dos mais esclarecidos que possuimos, não podia deixar de ligar á anatomia a importancia que ella merece. Effectivamente encontra-se no primeiro volume das suas obras um *Spigelium anatomicum* [4] que se póde considerar como um inventario resumido dos conhecimentos anatomicos do seu tempo. Zacuto conhecia os trabalhos dos grandes anatomicos gregos e d'entre os modernos eram-lhe familiares os de Fabricio d'Acquapendente, de Gaspar Bartholin, de Guevara, de Spi-

---

[1] *Recopilação da Cirurgia*, ed. de 1711, pag. 25.

[2] Idem, pag. 35.

[3] *Recopilação de Çurgia, dividida em cinco tratados. O 1.º da anatomia de todos os membros do corpo humano simples e compostos. 2.º de aposthemas. 3.º de feridas. 5.º da natureza dos simples.* Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1601.

2.ª impressão novamente accrescentada e emendada. Ibi., por Antonio Alvares, 1605.

4.ª impressão, novamente emendados todos os erros da 3.ª impressão e accrescentada. Ibi., por Matheus Pinheiro, 1630.

Novamente accrescentada por Francisco Soares Feio e Amaro da Fonseca. Ibi., por Manuel Gomes de Carvalho, 1649.

Accrescentada por Francisco Soares Feio e Antonio Gonçalves. Ibi., na officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1661.

Accrescentada n'esta 7.ª impressão pelos mesmos. Ibi., por Antonio Craesbeeck de Mello, 1669.

8.ª impressão, accrescentada pelos mesmos. Ibi., na officina de Miguel Deslandes, impressor de Sua Magestade, 1688.

8.ª impressão, accrescentada pelos mesmos. Ibi., na officina de Bernardo da Costa Carvalho, anno de 1711.

[4] Pag. 921 a 946, da ed. de 1657.

gel, de Pareu, de Aselli, de Riolan, etc., e a estes auctores foi buscar o que no seu livro condensou. Nenhuma passagem, todavia, demonstra que tivesse pegado no escalpello e abrisse cadaveres humanos.

Só passado um quarto de seculo depois de publicada a *Cirurgia* de Cruz, e sem que nenhum documento atteste o progresso dos estudos anatomicos, vamos encontrar noticias aproveitaveis na *Luz recopilada* de Antonio Ferreira. Este illustre cirurgião nasceu em Lisboa e na parochia de Santa Justa [1] a 6 de novembro de 1616 [2]. Seus paes chamavam-se Valentim Fernandes, barbeiro e familiar do Santo Officio, e Luiza de Moura [3]. Terminados os seus estudos em Coimbra, obteve a carta de cirurgião em 1644 [4] e logo no principio da sua carreira foi mandado a Tanger para tratar d'uma d'aquellas doenças contagiosas que com tanta frequencia se desenvolviam n'aquelles tempos. Zeloso no cumprimento dos seus deveres, não se furtou a cuidados para com os infelizes empestados, e tanto que a doença o atacou tambem. Venceu-a felizmente e regressou ao reino [5]. Foi nomeado cirurgião do Hospital de Todos os Santos em 27 de dezembro de 1654, sendo esta nomeação confirmada em 14 de abril de 1658 [6]. Em 1650 era nomeado, primeiro barbeiro e depois sangrador do Santo Officio, e em 1661 cirurgião dos carceres do

---

[1] Biographia escripta por seu filho Ignacio Lopes de Moura, á frente da edição de 1705 da *Luz recopilada.*

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, pag. 274, diz 1626, mas affirma que elle morreu em 1679, o que é exacto, com 63 annos. A ser assim, é necessario fazer a correcção que fica no texto.

[3] Biographia citada. N'ella diz-se que Valentim Fernandes era cirurgião, mas o professor Serrano prova com muitos documentos que era mais modesta a origem do grande cirurgião.

[4] Biographia citada. Barbosa Machado, op. cit. O professor Serrano pôde encontrar essa carta. Tem a data de 26 de outubro de 1644.

[5] Biographia citada. Barbosa Machado, op. cit. *Luz recopilada,* pag. 72 da edição de 1693.

[6] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 25.

sangrento tribunal [1]. N'este mesmo anno era nomeado cirurgião do numero da casa real [2].

De tal modo havia conquistado creditos de grande cirurgião que mereceu a distincção de acompanhar a Londres, na qualidade de seu cirurgião-mór, a infanta D. Catharina quando esta, em 1662, casou com Carlos II, de Inglaterra [3]. Choveram então e posteriormente sobre elle differentes mercês, recebeu os habitos de S. Thiago e de Christo, e veiu depois exercer o logar de cirurgião da real camara, cujo fôro recebera na partida para Londres [4]. Morreu em 1679, quando contava sessenta e tres annos [5].

Antonio Ferreira deixou um tratado de cirurgia que havemos de relembrar em logar conveniente e pelo qual se fez a educação dos nossos cirurgiões durante muito tempo [6]. Abre por um resumo de anatomia, em que submetteu á contribuição os trabalhos de Columbo, Ambrosio Pareu, Laurencio, Riolan, Thomaz Bartholino Fragoso, Valverde, etc., mas tão

---

1 Serrano, op. cit , pag. XXXIX.

2 Idem, pag. XL.

3 Dedicatoria da *Luz verdadeira*.

4 Biographia citada.

5 Idem, Barbosa Machado, op. cit.

6 *Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia.* Lisboa, 1670, por Domingos Carneiro.

2.ª edição. Lisboa, 1683.

Impresso terceira vez á custa do Doutor Ignacio Lopes de Moura, Cavalleyro professo da Ordem de Christo, do Desembargo de S. Magestade, Desembargador & Promotor da Justiça da Casa da Supplicação: Filho do Autor. Lisboa. Na officina de João Galvão. Com todas as licenças necessarias. Anno MDCXCIII.

Acrecentado nesta quarta impressam com huma Nova Pratica do mesmo Author, com todos os accidentes que podem sobrevir ás feridas. Lisboa. Na officina de Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso. Com todas as licenças necessarias & Privilegio Real. Anno MDCCV.

E agora nesta ultima impressam emendado de todos os erros, com que sahirão á luz as impressoens antecedentes. Lisboa. Na officina de Joseph Filippe. Anno de MDCCLVII. Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

exiguo que toda esta parte é condensada em pouquissimas paginas. Por outro lado, uma só vez se refere a dissecções e ainda ahi apenas para rectificar o comprimento dos intestinos que, cheios de fezes, mediriam sete varas [1].

Não será preciso mais nada para que fique bem assente que no seculo XVII os estudos anatomicos estavam absolutamente descurados entre nós, e que o ensino de Guevara não teve os fructos que se deveriam esperar, se houvesse continuidade de esforços convergindo para um mesmo objectivo.

PATHOLOGIA CIRURGICA — CIRURGIA

Se a anatomia se achava abandonada, a cirurgia e a pathologia cirurgica não a acompanharam na decadencia em que a vimos caír. Pelo contrario. Portugal conta n'este seculo dois cirurgiões dignos d'este nome, os mesmos a que nos referimos precedentemente, Antonio da Cruz e Antonio Ferreira. Estudaremos as suas obras, mas além d'elles, referir-nos-hemos ás differentes memorias e monographias que vieram á luz no decurso do seculo XVII, tentando aquilatar o seu merecimento.

Affirma Bernardino Antonio Gomes [2] que a obra de Antonio da Cruz não é mais do que uma reproducção das doutrinas de Guido de Chauliac.

Ha aqui evidente exagero e até erro de interpretação.

Abre o livro por umas considerações sobre « algumas cousas necessarias aos que aprendem a cirurgia » em grande parte colhidas no grande cirurgião francez, mas já no capitulo seguinte que versa sobre anatomia se refere a trabalhos muito recentes e, coisa bem mais importante, dá conta de estudos praticos a que havia procedido tanto em Guadelupe como em Lisboa.

---

[1] Pag. 19 da edição de 1693.

[2] *Instrucção medica em Portugal,* na *Gazeta Medica de Lisboa* de 1861, pag. 194.

O tratado seguinte contém uma exposição geral sobre os *apostemas*, expressão que corresponde até certo ponto ao que hoje chamamos abcessos. N'esta parte, além das doutrinas de Guido, mostra a leitura que tinha de Paulo, João de Vigo, Philonio, Aecio, Rufo, Alcazar, etc., indicando tambem, por varias vezes, os resultados a que a sua pratica o havia conduzido e mencionando observações proprias.

Por exemplo, ventilando a questão de se poder ou não formar apostemas em todas as partes de um corpo, diz Antonio da Cruz: «E todavia se affirma que em todas as partes de nosso corpo se póde fazer apostema, porque eu vi um homem no hospital de Guadelupe que morreu subitamente e lhe ajudei a abrir a cabeça e tinha dentro em um ventriculo na mesma substancia do cerebro um apostema duro como scirro, tamanho como uma noz...» [1]

Mais adiante, a respeito do tratamento dos aneurismas, cita differentes casos que havia observado, e que usára da laqueação, por mais d'uma vez seguida da abertura do sacco.

Igualmente, ao tratar das feridas que interessam vasos sanguineos importantes, consigna grande numero de notas pessoaes [2].

Occupando-se da ascite, em desharmonia com Guido, que manda praticar a paracentese na parte direita do abdomen se deriva do baço e da esquerda se deriva do figado, aconselha que sempre se pratique do lado direito e declara que sempre assim procedeu, servindo-se d'uma agulha por elle inventada com que se facilitava muito a operação [3].

No tratamento do hydrocele, aconselha que todas as vezes que a quantidade de liquido pareça superior a uma canada se extráia por mais d'uma vez, ainda que pela sua parte nunca se arrependeu de o ter feito n'uma unica sessão [4].

---

1 Pag. 44 da edição de 1711.

2 Pag. 111 e seg. da edição de 1711.

3 Pag. 131 da edição citada.

4 Pag. 137 da edição citada.

Ainda n'este tratado dos apostemas é para notar a sua opinião a proposito do cancro quando, depois de ter descripto a operação manual, opina que é difficil e perigosa, devendo o cirurgião limitar-se a um tratamento simplesmente palliativo [1].

No terceiro tratado sobre as feridas ainda se mostra novamente a erudição do auctor e quanto era versado no que haviam escripto André Laurencio, Carpo, Lanfranco, Alcazar e outros. Na descripção das differentes especies de feridas está quasi sempre a referir-se a observações pessoaes. Nos capitulos que se referem ás feridas da cabeça, ás fracturas do craneo, ás feridas penetrantes do peito, em todos elles se encontram documentos de que a obra de Antonio da Cruz não é uma simples reproducção do livro de Guido, antes é em grande parte fructo de observação pessoal. Assim, por exemplo nas feridas contusas diz ter colhido vantagem da applicação do oleo de Apparicio [2]; nas feridas incisas procurava a cura por primeira intenção procedendo á costura, dizendo que o uso das cataplasmas, além de não ser tão seguro, é enfadonho [3]; cita casos de fractura do craneo de sua observação [4]; refere-se a feridas penetrantes do peito terminadas pela cura [5]; e relata um caso de anus anormal curado espontaneamente [6].

É de pouco interesse o tratado das chagas. Apenas, occupando-se do cancro ulcerado, de novo recommenda que se abstenha o cirurgião de operações radicaes, limitando-se a um tratamento palliativo [7]; e na cura da syphilis recommenda o uso do mercurio e dos banhos sudorificos [8].

O livro termina com uma menção dos simplices empregados em cirurgia, em que Antonio da Cruz compendiou metho-

---

[1] Pag. 146 da edição citada.
[2] Pag. 153 da edição citada.
[3] Pag. 157 da edição citada.
[4] Pag. 174, 175, etc., da edição citada.
[5] Pag. 207 da edição citada.
[6] Pag. 219 da edição citada.
[7] Pag. 242 da edição citada.
[8] Pag. 247 da edição citada.

dicamente as opiniões dos auctores auctorisados, entre os quaes lhe merece menção especial o grande medico hespanhol André Laguna. As substancias são enumeradas por ordem alphabetica e a cada uma vai apontando as virtudes medicinaes. Algumas d'ellas ainda hoje são empregadas, mas a maior parte foram abandonadas ha muito tempo.

Setenta annos depois do livro de Antonio da Cruz, saía á luz a *Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia,* d'um dos mais notaveis cirurgiões portuguezes, Antonio Ferreira.

É esta obra, como o seu titulo diz, um resumo da arte cirurgica no tempo do seu auctor e de facto aproveitou para ella o melhor que encontrára em Fallopia e Eustachio, e nos trabalhos de Bartholin, Riolan, Pareu, Fabricio de Hilden, etc. Sujeitou tambem a contribuição o que tinha visto nos hospitaes inglezes por occasião da sua visita a Londres.

Abre o livro de Ferreira com uma rapida exposição da anatomia do corpo humano, muito resumida, mas feita com certa precisão. Além dos auctores antigos, Ferreira mostra-se versado nos trabalhos mais modernos que então se conheciam na especialidade. É assim que Bartholin, Riolan, Valverde, Vesalio, André Laurencio, Fragoso, etc., são por vezes citados a abonar algumas particularidades de anatomia de mais difficil averiguação. Rara vez se refere a dissecções praticadas por elle, mas já apresentamos precedentemente uma passagem em que o faz.

Depois d'um curto estudo sobre os apostemas em geral, segue-se uma noticia desenvolvida dos apostemas em especial, como são o furunculo, o anthraz, a gangrena, o carbunculo, o fleimão, etc. Escripto em fórma dialogal, como o resto do livro, torna-se notavel pela sua concisão. Ferreira applica com certa largueza os causticos e a cauterisação actual, abusa da sangria como preparativo para o demais tratamento cirurgico, recorre muito á materia medica, antes de tentar a operação manual, e aconselha methodos hoje reprovados com razão. Assim, no que diz respeito ao tratamento dos aneurismas, ensina que se deve abrir o sacco, tapar rapidamente com o dedo o orificio da arteria, extrahir os coagulos que se hajam formado, encher de-

pois a cavidade com lichinos e exercer por meio de ataduras uma certa compressão. Compare-se, porém, o livro com as obras mais apregoadas dos escriptores estrangeiros d'essa época e vêr-se-ha que elles não deram menos curso a abusões e praticas hoje condemnadas. Ferreira abona-se quasi sempre no que a sua pratica lhe ensinára. Menciona o tratamento que empregára nos empestados de Tanger em 1645; refere-se a duas operações notaveis que fizera para remediar sarcoceles volumosos; aconselha o vinho na cura dos abcessos do perineo, porque fôra testemunha dos bons resultados d'esta applicação, etc., etc.

Nas paginas seguintes que se referem ás feridas, tanto em geral como em particular, Ferreira mostra-se á altura da reputação que conquistou. Independentemente da lição dos mais notaveis tratadistas (Amato, Cesar Magato, Ponce de Santa Cruz, Alcazar, Mercado, Fallopia, Daza, Chacon, Eustachio, etc.) a cada passo regista factos de observação propria e d'elles tira conclusões acertadas. Aconselha o desbridamento e a sarjadura nas mordeduras de cães damnados, porque assim curára no Hospital Real de Todos os Santos dois individuos. Ao occupar-se das feridas penetrantes do peito, e depois de ventilar as circumstancias em que se deve proceder á contra abertura, opina que se deve praticar entre a terceira e quarta costellas. « Um e outro logar experimentei, diz elle, e me achei sempre melhor, fazendo a abertura entre a terceira e a quarta, e o aconselharei sempre aos que esta minha doutrina quizerem seguir »[1]. Ao fallar das feridas do coração, refere-se a factos de conservação da vida por algumas horas, apesar de lacerações bastante extensas d'este orgão. E accrescenta logo: « O que eu posso affirmar foi vêr n'este nosso Hospital Real um ferido que durou quarenta horas quasi naturaes, e aberto depois de morto, se achou a ferida no fundo d'elle (coração) com um buraco por onde cabia o dedo meminho, cousa de grande admiração, para aquelles que assistiram a semelhante Anathomia, em ra-

[1] Pag. 243 da edição de 1693.

são de durar tanto tempo, o que dependeu de ser a ferida no fundo, e a ponta d'elle, que se fôra na parte alta e penetrante nos ventriculos, fôra impossivel...» [1] Cita ainda dois casos de feridas dos orgãos genitaes do homem, em que houve consideravel perda de substancia.

Mais exemplos poderiamos produzir, mas bastam estes como demonstração de que Ferreira aquilatava sempre a opinião dos outros pelo que a sua pratica lhe havia ensinado. N'este capitulo das feridas são muito judiciosas as considerações feitas sobre as produzidas por armas de fogo, em que o auctor expõe o tratamento, devido a Ambrosio Pareu, pelos emolientes, etc., em vez do seguido até então, que consistia na cauterisação, por se supporem envenenadas.

Têm menos interesse os tratados seguintes: das chagas, das fracturas e das deslocações. No das chagas, ainda assim, aconselha no tratamento das fistulas o uso de mechas de esponja ou de genciana que, augmentando de volume com a humidade, dilatavam o trajecto fistuloso; menciona um caso de paraphimosis em que a constricção era tal que o penis foi cortado cerce; e outros de phimosis «cujo remedio conveniente, segundo por muitas vezes tenho operado, é cortar-lhe em roda todo o prepucio» [2]. Em todos estes tratados, porém, se reconhece um espirito eminentemente pratico e uma erudição profundissima.

Nas diversas edições da obra que analysamos apparecem como additamentos alguns trabalhos posthumos de não pequena valia. É um d'elles uma série de consultas sobre fracturas do craneo, feridas complicadas, aneurismas, cataractas, etc., e outro uma *Nova pratica e theoria da cirurgia* sobre as differentes especies de feridas [3]. Se no primeiro se encontram casos

---

[1] Pag. 249 e 250 da mesma edição.

[2] Pag. 341 da edição citada.

[3] O primeiro d'estes tratados tem por titulo: *Adiçam breve, e tratado novo em que se faz mençam do modo, com que se deve haver o cirurgiam em as Juntas, para que for chamado, e consultas, que houver de fazer, compostas pelo*

interessantes observados por Ferreira, o segundo contém ideias originaes, « infinitos pensamentos uteis e proprios », como diz Manuel de Sá Mattos. Fallando de feridas venenosas, aconselha como penso o uso do alcool, no que poderá vêr-se uma remota lembrança dos pensos antisepticos; nas costuras das feridas do abdomen diz-nos que alguns « approvam o fio feito de pergaminho, fundados n'aquella substancia que tem », no que se acha a ideia dos fios organicos para laqueação (*catgut*); e tratando de mechas falla-nos em mechas ôcas, qualquer coisa como os tubos de drenagem, de Chassaignac [1].

A obra de Ferreira foi por muito tempo o livro de texto que serviu nas aulas de cirurgia. Ainda no ultimo quartel do seculo XVIII era muito compulsada e tanto que Manuel Gomes de Lima, o fundador da Real Academia de cirurgia do Porto, persuadido de que era um prejuizo para o desenvolvimento da instrucção cirurgica a adopção d'aquella obra, emprehendeu uma verdadeira campanha para a desthronar. Temos diante dos olhos as *Reflexões criticas* d'este escriptor, feitas apenas com o fim de mostrar os defeitos de Ferreira, e vamos resumir em poucas palavras as accusações que lhe são dirigidas [2].

Gomes de Lima propõe-se demonstrar no seu livro que as auctoridades dos homens não hão de crêr-se como de fé; que a cirurgia em Portugal precisa de reforma; e que para saber esta arte é necessario mais do que ser Ferreirista.

Conta o que se passára com elle a proposito de Ferreira. Ensinado por um professor que via n'este cirurgião o mais perito do universo, Lima chegou a formular o seguinte racio-

---

mesmo auctor. Vem na edição de 1693, ignorando nós se já saíra na edição anterior.

O segundo tem por titulo: *Nova pratica e theorica de cirvrgia, que trata de todos os accidentes, causas, sinaes, pronosticos, e cura delles, que podem sobrevir a todas as feridas, composta pelo mesmo Author*. Saíu pela primeira vez na edição de 1705.

[1] Veja-se a *Medicina Contemporanea*, X, pag. 362, e XI, pag. 24.

[2] Esta obra rarissima intitula-se: *Reflexões criticas sobre os escriptores cirurgicos de Portugal*. Salamanca, officina de Eugenio Garcia Honorato. Sem data, devendo ser de 1752.

cinio: «Ferreira foi o maior cirurgião do mundo, e verteu toda a sua sciencia na obra que compôz; eu sei esta obra melhor que ninguem; logo eu sou o maior cirurgião do mundo».

Á medida, porém, que havia estudado e conhecido os trabalhos que no extrangeiro se publicavam sobre a cirurgia, o fundador da Academia cirurgica do Porto convenceu-se de que havia lacunas importantes n'aquelle livro. Lima não ignora que Ferreira foi um grande cirurgião do seu tempo, mas, ainda que douto, ignorou muito do que então se sabia e não soube nada do que até áquelle tempo se tinha manifestado.

Esta maneira de criticar é na realidade original. Censurar o auctor d'um livro porque não teve conhecimento do que depois da sua morte se descobriu é um facto, ao que nos parece, completamente novo.

Um dos reparos que Lima faz a Ferreira é que este seguiu a philosophia peripatetica, adoptou a doutrina dos quatro elementos. Leva-lhe a mal que se não deixasse embuir do intromechanismo de Boerhave, que na época da publicação da *Cirurgia* de Ferreira tinha apenas dois annos!

Faz-lhe cargo dos poucos conhecimentos anatomicos, e enumera uma extensa lista de auctores que escreveram sobre anatomia e cujo conhecimento era, na sua opinião, indispensavel. Deve notar-se tambem, em relação a este ponto, que um certo numero d'elles foram citados pelo auctor incriminado, e que muitos dos que o não foram são posteriores a elle.

Eis em summa o que Gomes de Lima censurou ao notavel cirurgião portuguez; mas a prova de que foram baldados os seus esforços para o apear da justa consideração em que foi tido, é que todos aquelles que se occuparam da historia da nossa cirurgia (Sá Mattos, Leitão, Pinto d'Almeida) lhe deram um logar preeminente e puzeram em relevo o que de novo e original se encontra nas suas obras.

Se dos tratados geraes, lançarmos os olhos sobre as monographias sobre assumptos restrictos, encontramos ainda por vezes trabalhos dignos de alguma consideração.

Sobre feridas publicaram-se os livros de João Bravo Chamiço e de Amaro da Fonseca.

O livro de João Bravo Chamiço intitula-se *De medendis corporis malis per manualem operationem* [1]. Chamiço era natural de Serpa, e filho de Pedro Bravo [2]. Estudára artes em Evora e, depois de ter percorrido algumas nações onde a anatomia se achava florescente, obtinha em 11 de março de 1596, por substituição, a cadeira de anatomia, alcançando a propriedade em 2 de abril de 1601. Mais tarde, era nomeado para a cadeira de Vespera por provisão de 13 de dezembro de 1614, tomando posse em 7 de fevereiro do anno seguinte e jubilava-se n'esta cadeira em 24 de julho de 1624 [3]. Durante o seu tirocinio de professor regeu tambem a cadeira de cirurgia, e durante cinco annos substituiu na de Prima o desgraçado professor Antonio Gomes, perseguido pela inquisição [4]. Ainda era vivo em 1636, anno em que occupava o cargo de cirurgião-mór do reino.

O livro a que nos referimos é uma verdadeira monographia sobre feridas, em que Chamiço condensou o que encontrára de melhor em Guido, José de Vigo, Lanfranco, Fallopia, Ambrosio Pareu, Alcazar e Fernelio, e apresenta os resultados da sua propria observação. Assim, por exemplo, reconheceu, em seu proprio filho Antonio Bravo as vantagens das cataplasmas de farinha de centeio nas feridas contusas [5]; recom-

---

[1] *Ioannis Bravo Chamisso D. Medici Medicinæ et anathomiæ in Conimbricensi Academia professoris. De medendis corporis malis per manualem operationem. Tomvs primvs. Ad Illustrissimum Dominum Alfonsum Furtado de Mendoça Conimbricensis Academiæ olim Rectorem meritissimum, nunc vero in Supremo Sacræ Philippi Maiestatis Senatu Consiliarium.*

Conimbricæ, Typis Emmanuelis de Araujo Regii Vniversitatis Architypographi excussum. Anno Domini, 1605. Cum licentia et facultate Supremi Sanctæ Inquisitionis Senatus & Ordinarii.

[2] Figueirôa, *Catalogo dos lentes.* Ms. — Barbosa Machado, op. cit., II, pag. 613.

[3] *Catalogo* de Figueirôa, em tudo concorde com a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado.

[4] Theophilo Braga, *Historia da Universidade*, II, pag. 491, 533, 773 e 774.

[5] *De medendis corporis malis*, pag. 87.

menda tambem n'estas lesões um verniz especial que servia no seu tempo para dourar os guadalmecins [1]; na cura das hemorrhagias louva muito a laqueação que diz ter effectuado repetidas vezes [2]; viu casos de hemorrhagias uterinas e pulmonares rebeldes a todo o tratamento [3]; refere casos de fractura do craneo por contra-pancada, sendo um o da ama de seu filho que, morrendo, foi autopsiada [4]; viu em Coimbra um tal Pedro de Loduenha, cujo craneo fôra corroido pela syphilis, ficando a descoberto as membranas envolventes do cerebro, cujas pulsações se podiam observar [5]; etc. etc. Se estas observações têm por vezes interesse e denotam um pratico experimentado, o livro é consideravelmente prejudicado pelas superstições que manifesta. Chamiço acredita que palavras em cruz têm propriedade de curar feridas [6], e que a presença de mulheres menstruadas causa damno á marcha d'estas soluções de continuidade [7], além de outras abusões.

Na edição da *Cirurgia* de Antonio da Cruz de 1649 vem uma addição de Amaro da Fonseca sobre as feridas da cabeça que nenhum interesse apresenta.

Sobre fracturas, encontramos apenas a *Relação cirurgica* de Francisco Guilherme Casmak. N'este livro intitula-se elle Cirurgião de Elrey Nosso Senhor e do Hospital Real em que se cura a infanteria hespanhola. Barbosa Machado affirma que nasceu em Lisboa a 4 de outubro de 1569, tendo por paes Nicolau Guilherme, normando de nação, e Catharina Manrique Casmak. Estudou humanidades no collegio dos jesuitas e a medicina em Pariz e Salamanca, onde se doutorou. D'um documento do archivo municipal de Lisboa, collige-se que Casmak estabelecera residencia n'aquella ci-

---

1 *De medendis corporis malis*, pag. 87.

2 Idem, pag. 96 e 97.

3 Idem, pag. 99 e 100.

4 Idem, pag. 116.

5 Pag. 118, v.

6 Lib. I, cap. VII.

7 Lib. IV, cap. XX.

dade desde 1607, e prestára relevantes serviços por occasião d'aquellas epidemias designadas então pelo nome de peste. N'esse documento affirma a municipalidade o elevado conceito em que o tinha, pois affirma que «a sua muita experiencia, ajudada de letras e de boa fortuna que tem em todas as suas curas, tem adquirido tal estimação n'este povo que se tem pelo primeiro homem da sua profissão» [1].

Devia ser este o cirurgião eximio a quem se refere Zacuto e que na sua presença dissecou um cadaver no hospital dos militares de Lisboa, no qual se encontraram vermes vivos nos rins [2], e a elle se referem com todo o elógio Madeira Arraes e fr. Manuel de Azevedo.

O opusculo de Casmak é a narração de um caso clinico de fractura complicada do ante-braço que, tendo acarretado a gangrena do membro, motivou a amputação. A ferida foi pensada com clara d'ovo e agua temperada de vinagre, methodo curativo de que zombavam, no dizer do auctor, os cirurgiões extrangeiros. Apezar do seu pequeno volume, este opusculo tem um certo valor por nos dar uma ideia do exercicio da cirurgia nos meados do seculo XVII.

Era a sangria uma das bases da therapeutica medica e cirurgica no seculo XVII, como havia sido no seculo anterior e como continuaria a ser no seculo seguinte. As suas indicações e sobretudo o modo de a executar, assim como os processos de applicação das ventosas e sanguesugas são o objecto dos livros de Manuel Leitão, mestre em Artes e cirurgião [3], e de Henrique do Quental Vieira, medico pela Universidade

---

[1] Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa,* IV, pag. 313.

[2] Zacutus, *Operum tomus secundus.* Lugduni, 1657, pag. 442.

[3] *Pratica de Barbeiros, em quatro Tratados, em todos os quaes se trata como se ha de sangrar e as cousas necessarias para a sangria e juntamente em que parte do corpo humano se hão de lançar as ventosas, assim secas como sarjadas; e em que parte compitão sanguixugas, e o modo de as aplicar como outras muitas curiosidades pertencentes ao tal officio.* Barbosa Machado cita as edições de Lisboa, por Pedro Crasbeeck, 1604. — Ibi., por Francisco Villela,

de Coimbra, que Barbosa Machado diz ter sido igualmente professor d'aquelle estabelecimento, o que não julgamos provavel [1]. Segundo o mesmo Barbosa, nasceu em Santarem e morreu em Lisboa a 16 de junho de 1664. Duarte Madeira Arraes, de quem dentro em pouco nos occuparemos com mais latitude, tambem tenta demonstrar, baseado na pathologia humoral que seguia, a utilidade da sangria de pés n'um caso de conjunctivite blennorrhagica, mostrando variada erudição de escriptores antigos e modernos [2].

Associavam-se á sangria frequentemente os fonticulos. Da maneira de os abrir se occupa o dr. Francisco Soares Feio, medico pela Universidade de Coimbra [3], o grande Thomaz Rodrigues da Veiga, na sua obra posthuma sobre a *Pratica medica,* e Antonio Soares de Faria, a quem adiante nos referiremos mais largamente.

A syphilis foi objecto d'um trabalho que, em attenção ao tempo em que foi publicado, nos parece de valor real. Referimo-nos ao *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico* de Duarte Madeira Arraes. Este illustre medico nasceu em Moimenta da Beira, estudou medicina em Salamanca [4] e foi mais tarde nomeado physico-mór *do pulso* d'el-rei D. João IV. Segundo Barbosa Machado, morreu em Lisboa em 9 de julho de 1652, sendo sepultado no convento de Nossa Senhora de Jesus. O *Methodo* abrange toda a pathologia da syphilis. Em materia

---

1647. — Ibi., por Bernardo da Costa de Carvalho, 1651. — Ibi., por Domingos Carneiro, 1693, e Coimbra por João Antunes, 1693. — Innocencio junta-lhe outra de Lisboa, por Antonio Duarte Pimenta, 1744, que temos presente e a que vem junta a *Guia de sangradores* de Henrique do Quental Vieira.

[1] *Guia de sangradores.* Barbosa Machado cita edições de Lisboa por José da Costa, 1669. — Ibi., pelo mesmo, 1670. Ha a juntar pelo menos a edição a que acima nos referimos.

[2] *Apologia em qve se defendẽ hũas sangrias de pés dadas em hua inflammação de olhos complicada com gonorrhea provavelmente de seis dias. Dedicada ao Conde de Villanoua,* etc. Em Lisboa, por Antonio Azevedo, 1638.

[3] Appenso á *Cirurgia* de Antonio da Cruz, edição de 1649 e seguintes.

[4] Barbosa Machado diz Coimbra, mas uma passagem da *Nova philosophia,* a pag. 600, não deixa duvidas a tal respeito.

de historia, julga esta doença completamente nova, importada da America, e attribue-a a uma qualidade occulta, venenosa e maligna contraída por contagio e que offende necessariamente o figado. Admitte differentes graus na doença, dividindo-a, com João de Vigo, em incipiente e confirmada, e admittindo ainda n'esta ultima divisão quatro classes, graduadas por ordem crescente de gravidade. Admitte a transmissão hereditaria, e quanto ao contagio julga-o realisavel pela amamentação e pelo contacto mediato ou immediato. Na cura da syphilis incipiente, serve-se de meios brandos, tratando as suas manifestações quasi como ulceras simples; na da syphilis confirmada, recorre aos sudorificos, aos purgantes e á sangria, de que faz uso moderado, mas principalmente ao uso do mercurio. Conhecedor, porém, dos perigos que resultam do abuso d'este medicamento, recommenda muita cautela na sua applicação e ensina igualmente os meios de remediar os accidentes que elle produz. Na enumeração das fórmas symptomaticas é Madeira Arraes muito completo, justificando o elogio que do seu livro fez Morejon, que o considera um dos melhores praticos do seu tempo. Foi esta obra durante muitos annos a mais lida na especialidade, merecendo ainda no seculo seguinte que se fizesse uma edição, revista e commentada por Francisco da Fonseca Henriques [1].

---

[1] Segundo Barbosa Machado a primeira edição d'este livro tem por titulo: *Methodo de conhecer e curar o morbo gallico. — Parte 1.ª Propõem-se definitivamente a essencia, especies, causas, sinaes e pronosticos e cura do morbo gallico, e todos seus effeitos, e se trata de azougue, salsaparrilha, guaiacão, pao santo, raiz da China, e de todos os mais remedios d'esta enfermidade. Lisboa, por Lourenço de Anvers, 1642, 4.º*

Parte 2.ª Disputão-se largamente por questoens, e argumentos em forma todas as duvidas, que se podem mover sobre a essencia, especies, causas, sinaes, e pronosticos da cura do morbo gallico e as que póde haver sobre o azougue, &. Lisboa, pelo dito Impressor, 1642, 4.º

D'esta segunda parte, pelo menos, existe outra edição de 1642, Lisboa, por Antonio Alvares, Impressor Del-Rey, que vimos na Bibliotheca da Escóla Medico-Cirurgica do Porto. As duas partes reunidas foram publicadas em Lisboa por Antonio Crasbeck de Mello, 1683.

Além da obra de Madeira Arraes, e para uso dos cirurgiões illetrados, publicou-se em 1669 o *Tratado da Gonorrhea* [1] de Antonio Gonçalves, cirurgião do Hospital de Todos os Santos, que em 1625 foi nomeado ajudante de Antonio da Cruz e em 1627 passou a effectivo serviço [2]. Apesar do professor Serrano recentemente julgar este opusculo não inteiramente destituido de valor, apartamo-nos da sua opinião, visto que n'elle se consignam grosseiros erros de diagnostico, confundindo a espermatorrhea com a blennorhagia, e que o pouco que n'elle ha de aproveitavel é um acanhado resumo de publicações anteriores e sobretudo da que precedentemente estudamos.

Sobre as doenças das vias urinarias, apparece em 1655 o relatorio de Francisco Morato Roma sobre uma retenção d'urinas de que foi victima D. João IV, e que foi curada pelos diureticos e balsamicos, folheto em que o auctor mostra um certo espirito pratico, influenciado todavia por crenças nem sempre legitimas [3].

Ainda os bibliographos dão noticia de uma obra de Antonio de Vianna, intitulada *Espejo de cirurgia* e publicada em Lisboa em 1631. Não encontramos um unico exemplar, e Sá Mattos supponho que tambem o não viu porque menciona apenas alguns dados biographicos sobre o auctor, verosimilmente copiados da Bibliotheca Lusitana.

Terminando este estudo dos livros de cirurgia publicados no seculo XVII mencionaremos ainda o *Exame chirurgico* de Pires da Silva, que não é mais do que um resumo extremamente limitado da obra de Antonio Ferreira [4]. O mesmo acon-

---

[1] Reunida á *Cirurgia* de Antonio da Cruz.

[2] Alfredo Luiz Lopes, *Hospital de Todos os Santos*, pag. 22. — J. A. Serrano, *Tratado de osteologia humana*, pag. XXXVI.

[3] *Observaçam do achaqve que Sua Real Magestade, teue em Salvaterra de que liurou milagrosamente. Sem data, conhecendo-se ser de 1655 pelas licenças do Santo Officio.*

[4] Vem junto com a *Chronographia medicinal das Caldas d'Alafões*, 1697.

tece com um manuscripto, verosimilmente da mesma época, que encontramos na Bibliotheca Nacional [1].

PATHOLOGIA MEDICA

A pathologia medica achava-se no seculo XVII dominada pelas doutrinas galenicas que tinham lançado fortes raizes na medicina lusitana, e raras vezes se emanciparam os pathologistas d'aquella antiga tutela. Apenas pelo fim do seculo penetrou no paiz a chimiatra que remonta a Paracelso e foi aviventada por Van Helmont.

Entre os pathologistas do seculo XVII occupa logar distincto Ambrosio Nunes. Nasceu este illustre medico em Lisboa, no anno de 1529 e, segundo Barbosa Machado, seus paes foram Leonardo Nunes, physico-mór do reino e cavalleiro de Christo, e D. Leonor Coronel. Educado em Coimbra por estipendio regio, deve ter terminado o seu curso pouco antes de 1555, anno em que regeu na Universidade a cadeira de Vacações. Ausentou-se então do reino, passando a Salamanca onde foi professor de Vespera durante vinte e seis annos, achando-se jubilado no anno de 1586. No seu tirocinio de professor, adquiriu grande reputação e tanto que mereceu a honra de ser chamado a Lisboa por occasião da peste de 1569, para ser ouvido sobre as providencias a adoptar. Voltando á patria depois de jubilado choveram sobre elle distincções, sendo nomeado cavalleiro da ordem de Christo, medico e cirurgião-mór do reino, talvez pelos serviços prestados durante a nova epidemia que se manifestou no reino em 1598, durante a qual foi o inspirador das medidas tomadas em Lisboa para a combater. Retirando-se em seguida para Coimbra, deu-se á publicação das suas obras, voltando

---

[1] *Pustila das mais comũos enfermidades q̃ acometem o corpo umano pertencentes a cirurgia.* Ms. n.º 206.

em seguida para Lisboa, onde morreu, segundo Barbosa Machado, em 11 d'abril de 1611 [1].

Deve-se a Ambrosio Nunes um Commentario sobre os tres primeiros livros dos Aphorismos de Hippocrates. O seu livro tem a disposição muito similhante ao de Cuellar de que demos conta ao estudar a pathologia no seculo XVI. A. Nunes publíca em primeiro logar o texto hippocratico, segue-o dos commentarios de Galeno, e apresenta em seguida os seus proprios. Preparado com uma erudição sólida, tendo leitura assidua dos mais notaveis professores de medicina, d'entre os quaes se não esquece dos portuguezes Amato, Rodrigues da Veiga e Manuel Brudo, inclina-se quasi sempre para a defeza das doutrinas hippocraticas, aferindo-as pelo que vira na sua longa pratica. Poucas noticias novas encontramos no seu livro; apenas uma ligeira menção d'uma epidemia de tabardilho que havia observado, referencias á alimentação usada em Portugal, e aos ventos que aqui têm mais influencia sobre a producção e desenvolvimento das doenças; mas em todo elle se mostra erudito e consciencioso, justificando por completo a reputação que obteve e de que são testemunho os seus discipulos Garcia Lopes e Henrique Jorge Henriques, dos quaes o primeiro lhe encarece os dotes e virtudes, e o segundo o cognomina uma *ave phenix* da medicina [2].

Jeronymo Nunes Ramires, medico natural de Lisboa, que em Coimbra estudára, tendo por mestre, entre outros, o celebre Thomaz Rodrigues da Veiga, toma por objecto dos seus commentarios o livro de Galeno *De ratione curandi per sangui-*

---

[1] Os subsidios aproveitados para estes dados biographicos são colhidos em Barbosa Machado, no *Catalogo* de Figueiroa, e principalmente nas obras de Ambrosio Nunes, preferindo esta fonte ás informações de Barbosa sempre que não havia absoluta concordancia.

[2] *Tomvs primvs Enarrationvm in priores tres libros aphorismorvm Hippochratis, cũ Paraphrasi in Cõmentaria Galeni. Conimbricæ. Ex officina Didaci Gomes Loureyro, Academiæ Architypographi.*

Cum facultate Supremi Senatus, Inquisitionis, & Ordinarii. Anno Domini 1603.

nis missionem. Baseando-se nas doutrinas humoraes reinantes, tenta justificar o emprego da sangria em todas as doenças internas, baseando-se não só nos antigos textos mas buscando argumentos nos modernos, Amato, Fernando Rodrigues Cardoso, Thomaz da Veiga, etc. Além d'isto, ensina a pratica d'esta operação, assim como a da arteriotomia. Notas pessoaes a custo se encontram, sendo a principal uma descripção summaria da epidemia de 1598, de cujos mortiferos estragos havia sido testemunha em Lisboa.

O livro de Fernando Cardoso [1] está no caso dos que, acima da observação e experiencia, collocam a auctoridade dos auctores gregos e especialmente a de Galeno. Folheando as suas paginas, encontram-se a cada passo as citações d'aquelles medicos, e, imbuido das doutrinas humoraes reinantes, o auctor aconselha indistinctamente os purgantes e a sangria em todas as doenças, dando todavia maior latitude ás indicações da emissão sanguinea [2].

Segue-se por ordem chronologica Aleixo d'Abreu. Nasceu este medico em 1568 em Alcaçovas, provincia do Alemtejo. Na idade de nove annos, começou a estudar humanidades em Evora, graduando-se em Artes. Obtido o gráu de mestre, passou á Universidade de Coimbra, onde se formou á custa do partido dos estudantes christãos velhos, tendo, entre outros mestres illustres, Balthazar d'Azevedo. Licenciado em medicina, estabeleceu-se em Lisboa, mas por falta de recursos viu-se

---

[1] É ponto para nós muito duvidoso que o Fernando Cardoso, a quem nos referimos, seja o lente da Universidade, Fernando Rodrigues Cardoso, a quem adiante haveremos de referir-nos. Todavia, Barbosa Machado identifica-o com elle.

[2] *Methodvs medendi Ferdinandi Cardosi Philosophi, atq; Medici Præclarissimi, svmma facilitate, ac diligentia. In Tres Libros distributa: Quorum Primo de Indicationibus in genere: Secundo specialiter de Curatiuis: ac Tertio de Perseruatiuis, atque vitalibus agitur. Dvplici indice, altero capita, Altero notabilia continente, locupletata. Ad. Perill.em DD. Franciscvm Bollizam Diui Marci Equitem dignissimum Cum Priuilegio, ac Superiorum permissu.* Venetiis, MDCXVIII. Apud Vincentium homaschium (Bibliotheca da Academia Real das Sciencias).

obrigado a acompanhar João Furtado de Mendonça, que embarcava como governador de Angola. Ahi se demorou nove annos, regressando a Lisboa em 1606, doente e cheio de desgostos pela falta de cumprimento de promessas que lhe haviam sido feitas. N'esta cidade residiu até ao seu fallecimento, occorrido em 1630, salvo que ainda emprehendeu uma viagem ao Brazil, onde tratou o governador Diogo Botelho.

Em seguida ao seu regresso, havia sido nomeado medico de Philippe IV, dos ministros e officiaes do conselho de fazenda, e dos coutos do reino e casa de Portugal [1].

O seu livro é um dos mais interessantes que n'esta parte temos que noticiar. A pratica das doenças dos paizes quentes e sobretudo das do figado e rins, que adquirira em Loanda e combate principalmente com o uso dos purgantes e vomitivos, fizeram-n'o esquecer os auctores gregos, para se soccorrer do que pessoalmente observára. E sempre que se refere aos auctores gregos, prefere o naturismo hyppocratico ás especulações galenicas. O que torna, além d'isto, notavel esta obra, é o ser a primeira publicada em Portugal, em que se descreve o escorbuto, conhecido então pela designação de mal de Loanda, e que considera como uma perturbação dos humores, acompanhada d'uma mal determinada alteração do figado que nas autopsias que fez se mostrou notavelmente augmentado de volume. É este igualmente o primeiro pathologista que se occupa do *bicho*, enfermidade commum nas nossas possessões africanas, onde, como acima dissemos, exercera a clinica.

Na medicina portugueza occupa um logar preeminente Zacuto Lusitano. A pouco se reduz a biographia d'este illustre medico. Nascido em Lisboa no anno de 1575, de paes israelitas, fez os seus estudos em Salamanca e Coimbra, doutorando-se aos vinte e um annos na universidade de Siguenza. Regressando ao reino, permaneceu algum tempo em Coimbra,

---

[1] As noticias biographicas, salvo a data da morte, são colhidas no livro de que damos conta no texto.

vindo em seguida para Lisboa, onde exerceu largamente a clinica, demorando-se entre nós por espaço de trinta annos. Recrudescendo no entretanto a perseguição aos judeus, Zacuto viu-se obrigado a abandonar a *dulcissima patria,* e acolheu-se a Amsterdam, onde grangeou solida reputação de grande clinico, e onde morreu a 21 de janeiro de 1642 [1].

Zacuto deixou varias obras que hoje se acham reunidas em dois grandes volumes in-folio. O primeiro tem por titulo *De medicorum principum historia,* e é demonstração d'uma erudição espantosa [2]. Consiste n'uma collecção de observações dos auctores classicos, gregos e arabes, taes como Hippocrates, Celso, Scribonio, Galeno, Paulo Egineta, Aecio, Oribasio, Alexandre Tralliano, Areteu, Actuario, Rhazis, Avicena, Avenzoar, Albucazis, Averroes, Hali Abbas, etc. etc., subordinada na sua distribuição ás diversas regiões do corpo, e acompanhada de explanações e commentarios, onde não raro se encontra reflexo da sua observação pessoal.

Não sendo possivel dar uma idéa, sequer remota, do vasto cabedal scientifico armazenado n'esta obra, apenas colheremos uma ou outra observação, um ou outro modo de vêr, e daremos preferencia ao que encontrarmos de mais original, ou mais relacionado com o nosso paiz.

Encontramos no primeiro livro, consagrado ás doenças da cabeça, a referencia d'um caso de alopecia curado pelo uso externo do tabaco [3] e o d'um individuo somnambulo, no qual

---

[1] Estes apontamentos são quasi na totalidade extrahidos da biographia de Zacuto, escripta por Luiz de Lemos, e publicada á frente do livro *De medicorum principum historia.*

[2] *Zacvti Lvsitani, medici, & Philosophi præstantissimi, opervm tomvs primvs in qvo de medicorvm principvm historia libri sex: vbi Medicinales omnes Historiæ de morbis internis, quæ passim apud Principes Medicos occurrunt, concinno ordini disponuntur, Paraphrasi, & Commentariis illustrantur: necnon Quæstionibus, Dubiis, & obseruationibus exquisitissimis exornantur.* Editio postrema, a mendis pvrgatissima. Lvgdvni, Sumptibus Ioannis Antonii Hvgvetan & Marcii Antonii Ravavd. MDCLVII. Cvm privilegio regis christianissimi. In-folio.

[3] Pag. 3 da edição de 1657, obs. I.

Zacuto se applaudiu do uso dos banhos repetidos [1]; curou uma ulcera da face, motivada pelo uso excessivo da pimenta, por meio de fonticulos [2]; referindo-se a João de Barros, celebra o osso d'um animal chamado *cabal*, que tinha virtudes hemostaticas notaveis [3]; cita casos de povos e individuos que, habituados ao uso de certos venenos, não sentem os seus habituaes effeitos [4]; refere que na vasta pestilencia que se espalhou pelo mundo nos annos de 1600, e que affligiu sobretudo a Hespanha, viu numerosas mulheres gravidas com bubões nas virilhas, joelhos, etc., que se curavam com a sangria no calcanhar [5]; foi dos primeiros que usou o *cachu*, a que attribue virtudes nos flatos melancholicos [6]; refere um caso de otalgia seguido da morte, pela applicação intempestiva de medicamentos opiados [7]; nas odontalgias, colheu por vezes resultados surprehendentes com applicação de neve sobre os dentes [8]; refere casos notaveis de affecções syphiliticas, sustentando que a syphilis é conhecida desde a mais remota antiguidade [9]; defende os medicos portuguezes da accusação que lhes fizera Rodrigo da Fonseca, chamando-lhes insaciaveis de sangue [10]; e sustenta que as escrofulas são contagiosas, conforme observou mais d'uma vez [11].

Não é menos digno de attenção o livro segundo. N'algumas hemoptyses, e sobretudo nas que sobrevem em mulheres, aconselha o uso da sangria [12]; prescreve a mesma therapeutica nos afogados [13]; observou hemorrhagias derivadas da presença

---

[1] Pag. 28, obs. XIV.
[2] Pag. 33, obs. XVII.
[3] Pag. 39, quest. XIII.
[4] Pag. 47, quest. XVI.
[5] Pag. 60, obs. XXIX.
[6] Pag. 73, obs. XXXVI.
[7] Pag. 101, obs. XLIV.
[8] Pag. 118, obs. XLVI.
[9] Pag. 124, obs. XLVII.
[10] Pag. 143, obs. LV.
[11] Pag. 149, quest. XLIX.
[12] Pag. 177, dubium II.
[13] Pag. 181, dubium III.

de sanguesugas nas fauces [1]; no suor fetido da axilla colheu sempre excellentes resultados da applicação do *cachu* [2]; observou casos de empyema curados pela eliminação da materia peccante pela urina [3]; refere-se á relação frequente que existe entre a pleuresia e a phthisica [4]; diz que esta ultima doença é muito frequente nos valles e collinas de Portugal, por qualidades particulares do ar [5]; observou um caso de calculo pulmonar, expellido pela tosse [6]; curou palpitações com applicações de sanguesugas na região cardiaca [7]; produz observações d'uma epidemia que tinha observado em 1600 e devastou Portugal, a Hespanha, a Flandres e algumas provincias orientaes [8]; curou um volvulo com clysteres antispasmodicos [9]; n'alguns casos de hydropesia diz ter obtido bons resultados com uma planta originaria da India oriental a que dá o nome de *Ambuena* [10]; julga que na hydrothorax a puncção está tão bem indicada como no empyema, desde o momento que se não tenha conseguido fazer reabsorver o liquido [11]; viu sarar uma mulher hydropica em que o liquido depois de abrir passagem pelo umbigo, correu por espaço de trinta dias [12]; cita casos de calculos renaes, cuja expulsão foi determinada ou facilitada por substancias balsamicas [13] e refere-se á incontinencia das urinas que póde sobrevir por luxação das vertebras [14].

No terceiro livro, consagrado ao estudo das doenças dos

---

1 Pag. 182, hist. IX.
2 Pag. 201, hist. XVII.
3 Pag. 229, hist. XXVI.
4 Pag. 230, hist. XXVII.
5 Pag. 245, hist. XXXVI.
6 Pag. 249, obs. VIII.
7 Pag. 251, obs. IX.
8 Pag. 339, hist. LXXXIX.
9 Pag. 358, obs. XVI.
10 Pag. 401, obs. XXII.
11 Pag. 402, hist. CXXI.
12 Pag. 406, obs. XXIV.
13 Pag. 414, hist. CXXIX.
14 Pag. 428, hist. CXLIII.

orgãos genitaes d'ambos os sexos, e dos membros inferiores, não encontramos nem casos tão variados, nem que offereçam o mesmo interesse dos contidos nos livros anteriores. A proposito de mutação de sexos, que julga possivel, refere-se a mulheres barbadas, citando uma do seu conhecimento, Brizida de Penheranda, que residia a trinta leguas de Madrid, e cuja barba lhe chegava até á bocca do estomago [1]; cita um caso de blennorrhagia, notavel não pelas particularidades da marcha mas pela enormidade dos honorarios que o paciente, um mercador lusitano, pagou a quatro medicos e oito cirurgiões [2]; e conta, a respeito da influencia que tem na concepção imagens agradaveis ou desagradaveis, um caso que lhe fôra referido por um medico portuguez, o dr. Valle, e que é o d'uma mulher que deu á luz alguns filhos extremamente descorados, d'uma pallidez cadaverica, por ter sempre presente aos olhos a pintura d'uma creança morta; removido o quadro, teve filhos *vividos, formosos e rubicundos* [3].

O livro quarto ainda menos interesse desperta hoje. Occupa-se da essencia, differenças, causas, signaes, prognostico e tratamento das febres, e todos sabem como eram especiosas e inconsistentes as multiplas divisões que os antigos abriam n'este capitulo. Em todo o caso, encontram-se n'elle observações que convem apontar. Dá grande importancia ás praticas hydrotherapicas no tratamento das febres [4], estendendo-as igualmente a combater a phthisica pulmonar e a febre de consumpção que por vezes a acompanha [5]. Dá noticia d'uma epidemia que grassou em Lisboa em 1601, cuja resumida descripção não permitte apreciar de que natureza era [6]. Encarece as virtudes do maracujá do Brazil e do côco das Mo-

---

[1] Pag. 467, hist. VIII.
[2] Pag. 481, hist. XI.
[3] Pag. 487, hist. XII.
[4] Pag. 615, hist. V, e pag. 664, hist. XI.
[5] Pag. 746, hist. XLIV.
[6] Pag. 754, hist. XLVI.

lucas para combater a peste [1]; e insiste nas vantagens da sangria na variola, antes do desenvolvimento da erupção, de harmonia com o que tinha observado no seu longo tirocinio clinico em Portugal e na Belgica [2].

O quinto livro é consagrado ao estudo das peçonhas, dos symptomas que determinam quando introduzidas no organismo humano, e dos antidotos que as combatem. Merece attenção e estudo, e como demonstração citaremos algumas passagens.

Occupa-se de venenos volateis e que podem determinar os seus effeitos, depois de absorvidos pela pituitaria, e a tal respeito affirma ter assim morrido D. Antonio de Bragança, filho do duque de Bragança, tendo-lhe sido propinado o toxico por intermedio d'um ramo [3]. Inclina-se a crêr que é venenosa a mordedura do lagarto, e a tal proposito descreve os caimans da India Occidental [4]. Admitte a efficacia da pedra bazar nas febres pestilentes e em geral em todas as intoxicações, contando em seu abono a historia clinica do padre Manuel Alvares, sexagenario, que no collegio dos jesuitas de Coimbra, em 1597, accommettido por uma febre ardentissima, foi curado pelo padre João Correia, missionario no Japão, com a applicação da pedra bazar em solução, sendo de notar que todos os esforços feitos até então por Zacuto e por alguns dos mais distinctos professores da faculdade de medicina haviam sido infructiferos [5].

O ultimo livro contém a descripção das doenças que não haviam entrado no quadro de distribuição adoptado e a seu proposito ventila Zacuto as mais variadas questões. Occupa-se da elephantiase, manifestando a opinião, corrente no seu tempo e hoje de novo acceite, de que é uma doença contagiosa [6]; descreve, á similhança de Thevet, como uma doença nova,

---

[1] Pag. 777, hist. LI.

[2] Pag. 781, hist. LIV.

[3] Pag. 796, hist. III.

[4] Pag. 875, hist. XXVII.

[5] Pag. 901, hist. XXIX.

[6] Pag. 907, hist. I.

o *berozail* em que parece reconhecer-se uma das multiplas fórmas de syphilis [1]; a respeito d'esta doença, mais uma vez affirma que é uma doença antiquissima [2]; insere um resumo de anatomia a que já fizemos referencia, e ao descrever as vertebras cervicaes assevera que a sua procedencia é uma causa frequente de *tabes*, consoante mais d'uma vez tinha observado [3]; e termina estudando alguns assumptos de pathologia geral e de hygiene, taes como a influencia dos dias criticos na evolução das doenças e a dos climas na duração da vida humana.

Demos uma pallida ideia do merito que se contém n'esta obra importantissima. D'ella diz Chinchilla [4] que quem a conhecer « póde gloriar-se de possuir o mais selecto da medicina antiga », e de facto é um vastissimo repositorio das doutrinas correntes no seu tempo, passadas pela fieira d'um bom criterio e d'uma pratica esclarecida.

O segundo volume das obras de Zacuto [5] abre pelo *Introitus medici ad praxin*, que estudaremos mais adiante quando nos occuparmos da deontologia medica. Segue-se-lhe uma *Pharmacopœa* de que tambem havemos de dar noticia.

Sobre pathologia deparamos depois com a *Praxis historiarum*, uma especie de tratado em que se consigna a pratica a seguir no tratamento das enfermidades internas. Se é difficil dar ideia exacta da obra *De medicorum principum historia*, a difficuldade cresce em relação a esta.

Occupa-se o primeiro livro das doenças da cabeça. Cada uma d'ellas é estudada á maneira do que hoje se faz nos tratados de pathologia interna. Definição, fórmas da doença, causas, symptomas, prognostico e tratamento, taes são os pa-

---

1 Pag. 920, hist. III.

2 Pag. 920, hist. IV.

3 Pag. 963.

4 Op. cit., I, pag. 79.

5 *Zacvti Lvsitani Operum tomus secundus.* Lugduni, Sumptibus Joannis Antonii Huguetan & Marci Antonii Ravavd, 1657. Cum privilegio regis christianissimi.

ragraphos que comprehende cada capitulo. De passagem citaremos alguns pontos mais notaveis. Em casos de epilepsia, aconselha o uso de banhos (pag. 187); recommenda a sangria na apoplexia encephalica (pag. 194); nas hemiplegias prescreve o uso d'uma especie de pontas de fogo (pag. 231); e descreve uma fórma de vertigem, originada por perturbações na funcção auditiva, em que poderá reconhecer-se o que hoje chamamos vertigem de Menière (pag. 246), etc., etc.

O segundo livro occupa-se das doenças das visceras contidas no thorax e abdomen. Apontaremos, entre outras observações dignas d'estudo e exame, as seguintes. Em casos de anginas intensas, Zacuto deu-se bem com a applicação de sanguesugas junto ao freio da lingua (pag. 289); no empyema, aconselha a thoracentese praticada por meio do cauterio actual (pag. 315); viu uma pleuresia curada em seguida a evacuações criticas de sangue pelo nariz e pela urina (pag. 355); assistiu a um caso de palpitações cardiacas seguido de morte, reconhecendo-se pela autopsia a existencia d'um tumor, situado entre a origem da aorta e da arteria pulmonar (pag. 360); curou uma phthisica pulmonar por meio de leite ministrado internamente e ainda sob a fórma de banhos (pag. 377); recommenda no tratamento da mesma doença uma atmosphera carregada de emanações balsamicas, o que se encontrava, por exemplo, em Palmella, coroada de pinheiros, para onde elle e os mais distinctos medicos do seu tempo mandavam os tuberculosos que ahi colhiam melhoras accentuadas (pag. 377); recorre na ascite á puncção e aos causticos (pag. 433); affirma que para dissolver os calculos renaes e vesicaes nenhum meio ha melhor do que a agua distillada de ananaz (pag. 441); assistiu no hospital dos militares hespanhoes em Lisboa a uma autopsia feita por um cirurgião habil, em que se encontraram vermes vivos nos rins (pag. 424); e curou casos de diabete pela applicação de banhos frigidissimos (pag. 446).

Occupa-se o terceiro livro das doenças das mulheres. Depois de ter encarecido as excellencias do sexo, Zacuto consigna, na descripção das differentes enfermidades que o accommettem, os resultados da sua propria observação. Assim, viu,

em casos de retenção de menstruos, hemorrhagias supplementares pelo pollex esquerdo (pag. 486); presenciou accidentes hystericos remediados depois que, introduzida a mão pela vagina, se extraíu do utero um verme comprido e redondo (pag. 497); aconselha nos prolapsos uterinos a reducção, a remoção da causa que excitava o prolapso e a contensão do utero na posição devida (pag. 498); prescreve as ventosas no tratamento das metrites (pag. 500); e viu molas que se tornavam notaveis ou pelas suas extraordinarias dimensões ou pela sua permanencia por longo tempo na cavidade uterina (pag. 509), etc. Termina este livro com um regimento de paridas e de recemnascidos, e com prescripções sobre a escolha das amas e qualidade do leite.

O livro quarto occupa-se do tratamento geral das febres, não omittindo Zacuto as mais pequenas particularidades relativas ao regimen, á posição, ao logar de residencia, etc., dos febricitantes. N'este livro uma das passagens mais curiosas é relativa á cholera, dizendo que esta doença tanto em Portugal como em Amsterdam é pouco lethifera, mas no Oriente, com o nome de *mordexi,* victíma grande numero de individuos [1].

Uma das obras mais valiosas de Zacuto e certamente aquella em que se encontra mais attestada a sua observação pessoal é a *Praxis medica admiranda,* onde regista grande somma de casos curiosos e raros que vira. Acham-se estas observações repartidas em capitulos, conforme as differentes regiões do corpo. Assim, o livro primeiro occupa-se das doenças da cabeça e partes superiores, e n'elle se refere ás propriedades d'um fructo brazileiro, a que dá o nome de *ginibabo,* cujo succo era empregado para tingir e fazer crescer o cabello [2]; refere o caso d'uma creança que em virtude d'uma ferida da cabeça perdeu a quasi totalidade do cerebro, vivendo ainda assim por espaço de tres annos [3]; observou uma mulher que enterrou uma faca no vertex e, comquanto o ferro permane-

[1] Pag. 623.
[2] Obs. I.
[3] Obs. V.

cesse na ferida, ainda viveu oito annos, succumbindo aos estragos d'uma febre maligna [1]; viu casos notaveis de epilepsia, um curado com xarope de tabaco, outro com a applicação do antimonio, e outro em que a doença se manifestou por hereditariedade [2]; tratou vertigens rebeldes que desappareceram com a expulsão de sangue pelo canto do olho [3]; observou concreções da ponta da lingua e uma macroglossia curada com escarificações [4]; refere-se á applicação como detersivo d'uma pedra originaria do Brazil, que parece ser o sulfato de cobre [5]; cita um caso de garrotilho, referindo-se a uma epidemia d'esta doença que havia grassado poucos annos antes em Hespanha [6]; elogia as propriedades hemostaticas d'uma planta brazileira, de raiz similhante na fórma e na côr á chicoria, a *raiz da serra* [7]; finalmente, observou concreções cardiacas, do tamanho de grãos de bico, e do peso d'uma drachma [8].

No segundo livro, apresenta grande numero de observações relativas a doenças das partes *naturaes, genitaes* e *inferiores*. Notamos, entre ellas, a d'um caso de dyspepsia, em que se deu bem com a applicação do chocolate, para restaurar as forças da doente, dando ao mesmo tempo noticia desenvolvida do cacau [9]. Cita casos de cholera, referidos ao anno de 1631, em que a epidemia grassou por toda a Europa [10]; refere-se ás virtudes da kola, sendo um dos primeiros medicos que d'ella tiveram conhecimento [11]; viu notaveis casos de lithiase [12]; n'uma mulher cujo utero em prolapso se gangrenou, fez-se a

---

[1] Obs. VI.
[2] Obs. XXIII, XXXI e XXXVI.
[3] Obs. LIV.
[4] Obs. LXXVIII e LXXXI.
[5] Obs. LXXXIX.
[6] Obs. XCIX.
[7] Obs. CXXVIII.
[8] Obs. CXLI.
[9] Obs. VII.
[10] Obs. XVI e XVII.
[11] Obs. XLXI.
[12] Obs. LXVI.

amputação seguida de cura [1]; cita as virtudes d'uma planta peruviana, o *icho,* a que attribue a virtude de expellir o mercurio existente no organismo [2] e aconselha nos casos de gotta banhos de areia, de cujo uso teve muitas vezes que applaudir-se [3].

Occupa-se no livro terceiro das febres e d'algumas outras doenças. Encarece mais uma vez as virtudes do maracujá, como medicamento de maxima importancia para combater a elevação de temperatura [4]; refere casos da medonha epidemia que observára em 1600 e percorreu toda a Europa: privados os individuos de sentidos, caíam-lhes os cabellos, appareciam-lhes pustulas pelos labios e mãos que gangrenavam e á mortificação seguia-se a morte [5]; produz a observação, que lhe foi communicada por Gaspar dos Reis Franco, d'uma creança que apresentava o anus imperfurado e lançava as fezes pela urethra [6], e observou uma creança que nasceu com um corno na cabeça [7].

Demos uma pallida noticia do importante cabedal scientifico que se encontra nas obras de Zacuto. Já citamos precedentemente a opinião de Darenberg sobre o nosso compatriota; não é menos elogiosa a de Sprengel. «Zacuto Lusitano, judeu portuguez, que fixára residencia em Amsterdam, publicou uma obra utilissima em que se acham reunidos e commentados n'uma ordem conveniente e luminosa as mais essenciaes observações dos antigos. Juntou a este trabalho um livro que trata das doenças raras, e que está cheio de notas excellentes, recolhidas por elle mesmo».

André Antonio de Castro publicava em 1636 o seu livro *De febrium curatione.*

---

[1] Obs. LXXV.

[2] Obs. CXXXVII.

[3] Obs. CLXXXVIII.

[4] Obs. XXVII.

[5] Obs. XXXVIII.

[6] Obs. LXXII.

[7] Obs. XCVII.

Castro era, segundo Barbosa, natural de Villa Viçosa, e filho e neto de medicos. Entrando em 1586 para o serviço dos duques de Bragança, applicou-se á medicina por insinuação do duque D. Theodosio II, sendo ao diante nomeado physico-mór da sua casa, e recebendo a alcaidaria-mór de Ourem e a commenda de Monte Alegre na Ordem de Christo. Acompanhou D. João IV a Lisboa e n'esta cidade morreu em 1642.

Ao que diz Barbosa póde accrescentar-se que André Antonio de Castro descendia de uma familia de hebreus, e estudou em Coimbra, onde foi condiscipulo de João Bravo Chamiço [1].

A sua obra nada offerece que mereça menção especial. É um commentario, escripto com ordem e clareza, sobre a parte do *Methodo modendi,* de Galeno, consagrado ao estudo das febres. Castro estuda em primeiro logar as indicações a que ha que satisfazer no tratamento da hyperthermia, e que se preenchem com os purgantes e clysteres, com a sangria, com banhos frios ou tepidos e com diureticos e sudorificos. Trata em seguida das febres em particular, e n'esta parte occupa-se entre outras da variola e do sarampo. Na explanação da sua doutrina, comquanto Castro demonstre uma larga erudição de auctores antigos e modernos, não se afasta das opiniões de Galeno senão com muita reserva [2].

Nenhuma importancia têm os dois pequenos tratados de Francisco Soares Feio sobre o escorbuto e sobre o bicho que vêm appensos á *Cirurgia* de Antonio da Cruz [3]. São com certeza resumo incompleto da obra de Aleixo d'Abreu.

---

[1] Dados colhidos na sua obra.

[2] *Doctoris Andreæ Antonii de Castro, serenissimi Brigantiæ dvcis Prothomedici, & Orensis arcis Præfecti Maximi, de febrium curatione Libri tres qvibvs accessere dvo alii libelli de simplicium medicamentorum facultatibus; et alter de qualitatibus alimentorum, quæ humani corporis nutritioni sunt apta. Com indice rervm et verborum scitv dignorum locupletissimo. Ad Joannem octavvm Ducem Potentissimum cum facultate S. Inquisitionis, Ordinarij & Regis.* Villauiçofæ, Apud Emmanuellem Carualho, Ducis Typographum. Anno Domini MCDXXXVI.

[3] Ed. de 1649.

Pelos annos de 1664 surge a *Luz da Medicina*, de Francisco Morato Roma. Barbosa Machado informa-nos que elle nasceu em Castello de Vide a 4 d'outubro de 1588, sendo filho de João Morato e Maria Calvedo Roma. Estudou philosophia em Evora e medicina em Coimbra, e terminando os seus estudos foi chamado em 1619 para medico do duque de Bragança D. Theodosio, acompanhando com a mesma occupação D. João IV para Lisboa em 1640. Morreu em Lisboa na idade de oitenta annos.

Da leitura das suas obras apenas se collige que foi medico da camara de D. João IV e D. Affonso VI e do Santo Officio, e cavalleiro professo da Ordem de Christo.

A *Luz da Medicina* destinava-se a individuos de poucos conhecimentos medicos e, conforme o proprio auctor o confessa, não é mais do que um resumo das doutrinas de Hippocrates, Galeno, etc., sobre os diversos capitulos da pathologia. Rarissimas notas pessoaes n'ella se encontram; refere-se a uma retenção de urinas a que succumbiu D. João IV, a um andaço que dera nas creanças em 1658, e ainda á vantagem de prolongar a amamentação das creanças doentes, como se vira com grande proveito em D. Affonso VI [1].

Publica-se por esta época, em 1668, a *Pratica medica*, obra posthuma de Thomaz Rodrigues da Veiga. Este livro resume a esclarecida experiencia do seu auctor, mas resente-se das suas tendencias para o culto do galenismo em toda a sua extensão.

---

[1] *Luz da medicina pratica, racional e methodica, guia de enfermeiros dividida em tres partes. Na I se mostra a ordem e modo, que se deve guardar na cura dos enfermos. Na segunda summatim attinguntur os remedios particulares com que se deve acodir a cada hum dos achaques do corpo humano. 3 agit dos achaques particulares das mulheres. Additur tractatus de febribus simplicibus, putridis, malignis, et pestilentibus.* Lisboa, por Henrique Valente d'Oliveira, 1664.

Ibi., por Antonio Crasbeeck de Mello, 1672.

Coimbra, na officina de Manuel Rodrigues d'Almeida, 1686.

Ibi., por João Antunes, 1700.

Ibi., no Real Collegio das Artes, 1726.

Por vezes, em todo o caso, traduz-se no livro a nota pessoal, e alguns capitulos, relativos á alimentação nas differentes febres, têm cunho nacional [1].

Das mesmas doutrinas communga Manuel dos Reis Tavares, medico, natural de Santarem, nascido em 1621 ou 1625 e que depois de ter estudado humanidades com os padres Balthazar Telles e Christovão Botto, frequentou a Universidade com estipendio regio, quando a illustravam Pedro de Sousa e Cunha e Fernando Magro Freire. Segundo Barbosa Machado, morreu em 25 de novembro de 1686, na idade de noventa e seis annos, o que recuaria o seu nascimento para 1590, data que não é admissivel [2].

Devem-se a Manuel dos Reis Tavares duas obras, uma sobre as febres e outra sobre o uso dos purgantes e da sangria.

A primeira foi publicada em defeza de Thomaz Rodrigues da Veiga, que foi combatido por Bento Vasques Matamoros, medico hespanhol. É um tratado de pathologia geral relativo ás febres, em que se ventilam questões, por vezes verdadeiramente pueris. Sectario das doutrinas arabigo-galenicas, o auctor emancipa-se rara e incompletamente d'esta tutela, mas nunca uma observação pessoal é registada [3].

Na segunda proclama os purgantes e a sangria como os dois grandes auxilios da arte medica. Para elle toda a thera-

---

[1] *Thomæ Roderici a Veiga pro arte medica doctoris celeberrimi, ejusdemque Professoris Primarij in Academia Conimbricensi. Pratica Medica. Cui Accessit ejusdem Auctoris Tractatus de Fontanellis et Cauteriis. Opus posthumum nunc primum in lucem editum.* Vlyssipone. Ex typographia Joannis a Costa Senioris, MDCLXVIII.

[2] No livro de Manuel dos Reis Tavares *De duobus magnis auxiliis*, vem o retrato do auctor em idade de quarenta e seis annos. Ora este livro foi publicado em 1671 e achava-se concluido em 1667.

[3] *Controversias philosophicas et medicas. Ex doctrina de febribvs subtiliter locubratas, non tantum Medicis, sed & Philosophis perquam vtiles. Emmanvel dos Reys Tavares, Santirensis, Regio stipendio educatus, sacræ Theologiæ olim, nunc etiam Medicinæ professor communi censuræ mittit judicandas.* Vlyssipone. Ex Typographia Joannis á Costa Senioris, MDCLXVII.

peutica medica se resume em provocar evacuações e tirar sangue, e fal-o copiosissimamente, não recuando em muitos casos em provocar a syncope com a abundante evacuação sanguinea. De resto, são as mesmas doutrinas as que constituem o fundo do seu livro [1].

Contra este enthusiasmo louco pela sangria insurge-se fr. Manuel Teixeira de Azevedo, com uma valentia, não muito em relação com o habito que vestia. Fr. Manuel de Azevedo, segundo Barbosa Machado, nasceu em Lisboa. Averigua-se da leitura dos seus livros que estudou a medicina em Salamanca, devendo ter concluido o seu curso em 1626. Embarcando em 1631 na armada hespanhola que de Lisboa se dirigia ao Brazil, prestou n'ella relevantes serviços, assim como em 1635 e 1638. Por este motivo foi nomeado n'este ultimo anno protomedico da armada do mar Oceano, logar que desempenhou por mais de onze annos, assim como o de medico da real camara, que andava annexo áquelle cargo, quando fosse exercido por mais de seis annos. Como tal, percorreu differentes regiões e varios climas, tendo estado em Salamanca, Evora, Sevilha, Cadix, Madrid, Catalunha, portos da França, India, Brazil, etc. A proclamação da independencia portugueza fel-o abandonar ou perder o logar.

Regressando a Lisboa, segundo Barbosa, professou na religião carmelitana, em 1649, obtendo dispensa para exercer a medicina. Ainda Barbosa affirma que morreu em 1672, o que ha bons fundamentos para pôr em duvida.

Diziamos que fr. Manuel de Azevedo verbera asperamente o uso immoderado da sangria que caracterisava a medicina do tempo. Este uso generalisára-se tanto, que dera motivo ao adagio popular: «Em Lisboa não ha sangria má nem purga boa». Havia medicos que n'uma mesma doença sangra-

---

[1] *De dvobvs magnis artes medicæ auxiliis Tractatus duplex: In quo difficiliores quæstiones circa sanguinis missionem, & purgationem non tantum utiles, sed necessariæ Medicinam exercentibus exacte pertractantur. Authore Emmanuele dos Reys Tavares Scalabitano.* Ulyssipone. Ex officina Antonij Cræsbeeck de Mello, Regii Typographi, 1671.

vam trinta e quarenta vezes. É de notar que fr. Manuel de Azevedo censurava um abuso para o trocar por outro. Desthronava a sangria para levantar os purgantes, que aconselha em larguissima escala, de modo a inverter os termos do adagio popular. Admittia, porém, no tratamento da febre typhoide o emprego da sangria de pés, processo que, segundo diz, foi o primeiro a introduzir em Lisboa, e o das ventosas sarjadas, que vira seguido de maravilhosos effeitos. Igualmente encarece as virtudes da quina que se havia generalisado, como base da celebre preparação *Agua de Fernão Mendes*, cujo segredo fôra comprado por D. Pedro II.

Encontram-se em Manuel de Azevedo grande numero de abusões. Uma das mais notaveis é a crença no quebranto ou mau olhado, de que fez um tratado especial.

Finalmente, consagra algumas paginas ao estudo das bexigas e sarampo, a que dera motivo uma epidemia que d'esta ultima doença se desenvolvera largamente em Lisboa. Este opusculo é uma condensação do que encontrára nos auctores do tempo. Não só n'estas, como em muitas doenças, emprega com mão larga os preparados de antimonio e sobretudo os pós de Quintilio que se haviam introduzido, como veremos, na pratica corrente no seculo XVII [1].

---

[1] *Correcção de abvsos introdvzidos contra o verdadeiro methodo da medicina. Em tres Tratados. O primeiro do grande proveito, que a todos faz o exercicio, & de quanto proveitosas são as purgas no principio das enfermidades. O segundo de como convem as sangrias dos pés, primeiro que as dos braços, nas enfermidades que cometem cabeça & coração. O terceiro do conhecimento, & curação da febre maligna, com os remedios mais particulares & experimentados para melhor se curar ; & do modo mais conveniente & proveitoso para se fazerem as juntas de medicos. E para se curarem com mais brevidade todas as chagas & feridas de qualquer qualidade que sejão, pelo Doutor Frey Manuel de Azevedo, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo.* Lisboa, na officina de Diogo Soares de Bulhoens. Anno 1668.

Ibi., na officina de Manuel Lopes Ferreira. Anno de MDCLXXXX.

Correcçam de abvsos introdvzidos contra o verdadeiro methodo da Medicina, & Farol medicinal para Medicos, Cyrurgioens & Boticarios.

II parte. Em tres tratados. O primeiro da fascinaçam, olho ov qvebranto,

Apparece em 1683 uma monographia sobre as bexigas e sarampo, devida a Simão Pinheiro Morão, medico que exerceu a clinica no Brazil, e que em 1664 e 1682 observára duas grandes epidemias d'estas doenças.

Innocencio, fundado no testemunho de J. C. Figanière, affirma que Pinheiro Morão nasceu em 1620 na Covilhã, tendo por paes o advogado Henrique Morão Pinheiro e sua mulher Marqueza Mendes de Lucena. Cursou os estudos medicos em Coimbra e Salamanca, obtendo n'esta ultima cidade o grau de doutor. Alcançando o partido de Almada, ahi residiu por algum tempo, passando depois ao Brazil, e assentou residencia em Pernambuco, onde falleceu, segundo todas as probabilidades, em 1686 [1].

O livro tem merecido estimação, porquanto a descripção symptomatica da variola é bastante rigorosa. O auctor admitte cinco fórmas de erupção: bexigas loucas ou brancas; bexigas negras; bexigas precedidas de erupção similhante á do tabardilho; bexigas de pelle de lixa, ou muito confluentes, e finalmente bexigas d'olho de polvo, quando as pustulas são muito umbilicadas. A gravidade do prognostico vai augmentando da primeira para a ultima fórma. O tratamento é preventivo ou curativo. O primeiro baseia-se no emprego da sangria e dos purgantes, mas o mais acertado consiste em se apartarem os sãos para logar distante.

O tratamento curativo tem que attender a quatro indicações: evacuar os humores, ajudar a erupção, combater a causa maligna da doença, e remediar os accidentes.

& que he enfermidade mortal, não só para os meninos, mas tambem para os de maior idade, com todos os sinaes para se conhecer, & os mais experimẽtados & selectos remedios para se curar. O segvndo da mais breue e experimentada curação das Bexigas & Sarampão. O terceiro de qvanto proveito seiam os pós purgatiuos do ouro preparado, cujas excellencias & qualidades se verão com as grandes experiencias que por muitos & diversos medicos se fizeram com os ditos pós. Pelo Dovtor Fr. Manuel de Azevedo, medico & Religioso da Ordem de N. S. do Carmo. Lisboa, na officina de Joam da Costa, MDCLXXX.

Ibi., na officina de Manuel & Joseph Lopes Ferreyra, MDCCV.

[1] Innocencio, *Diccionario bibliographico*, VII, pag. 284.

A primeira attende Morão com a sangria e ventosas sarjadas nos extremos inferiores, e com os purgantes brandos no fim da doença; provoca a erupção com fricções seccas e com cozimentos sudorificos, mantendo os doentes n'um quarto pouco illuminado e envoltos em baetas vermelhas; satisfaz a terceira indicação com os bezoarticos (pedra bazar, etc.) e finalmente acode aos accidentes com meios variados, em harmonia com a sua natureza [1].

Este livro é seguido de perto pela *Constituição pestilencial de Pernambuco,* de João Ferreira Rosa, medico formado pela Universidade de Coimbra por estipendio regio, que durante largos annos clinicou no Brazil. Este livro tem o singular merecimento de ser o primeiro, não só na litteratura medica nacional, mas na litteratura europeia em que foi descripta a febre amarella.

Já isto é muito, mas a descripção é completa e exacta, indicando-se n'ella os symptomas principaes pelos quaes se manifesta. Completam o livro algumas providencias para evitar o contagio que durante sete annos se diffundira largamente. Estas providencias consistem principalmente em enterrar profundamente os cadaveres, em accender fogueiras pelas ruas, na destruição pelo fogo dos objectos que serviam aos doentes e no isolamento. No tratamento, soccorre-se com largueza da sangria, dos purgantes, das ventosas e de limonadas temperantes. Este livro ainda hoje é tido em grande conta pelos que se tem occupado das doenças dos paizes quentes [2].

---

[1] *Trattado unico das bexigas, e sarampo, offerecido a D. João de Sousa, composto por Romão Mõsia Reinhipo.* Lisboa. Na officina de João Galrão, com todas as licenças necessarias, MDCLXXXIII.

[2] *Trattado unico da constituiçam pestilencial de Pernambuco, offerecido a elrey N. S. por ser servido ordenar por seu Governador aos Medicos da America, que assistem aonde ha este contagio que o compusessem para se conferirem pelos Coripheos da Medicina aos dictames com que he trattada esta pestilencial febre. Composto por Joam Ferreyra da Rosa, Medico formado pela Universidade de Coimbra, & dos de estipendio Real na ditta Universidade, assistente no Recife de Pernambuco por mandado de Sua Majestade que Deos Guarde.* Em Lis-

Por ultimo o *Xeniolum medicum* de Manuel Lopes Pereira vem attestar-nos ainda a profunda impressão que na medicina nacional deixou no seculo XVII o galenismo. De nenhum valor são as explanações que faz sobre o uso das bebidas frias nas febres que accommettem as mulheres menstruadas e ainda na hysteria e menos as que se referem ás variedades do pulso nas febres. Manuel Lopes Pereira era natural de Miranda, estudára em Salamanca quando era ornamento da cathedra o portuguez Luiz Rodrigues de Pedrosa, e exerceu a medicina primeiro na praça e hospital d'Almeida, e depois em Villa-Flôr e Mogadouro, sendo medico do marquez de Tavora e mais tarde do bispo e cabido de Miranda [1].

THERAPEUTICA

Não mereceu grande attenção n'este seculo o estudo da therapeutica e da pharmacologia. Nada mais legitimo; se a sangria era a base de todo o tratamento, nenhum estimulo havia para procurar outros recursos que pudessem aproveitar na cura dos differentes estados morbidos. Além da sangria, empregavam-se em larga escala os purgantes e os revulsivos, e grande cópia de simplices vegetaes. Era natural que, havendo sido descoberto um novo continente, se estudassem e empregassem os productos originarios da America, como no seculo anterior havia succedido com os da India. Assim effectivamente vemos, sobretudo em Zacuto e Curvo Semmedo, indicadas substancias d'esta proveniencia, muitas das quaes ainda hoje são empregadas e outras desappareceram de todo

---

boa. Na officina de Miguel Manescal, Impressor do Principe Nosso Senhor. Anno de 1694.

[1] *Xeniolum medicvm theorico-practicvm, et hvmanæ vitæ utilissimvm. Ex ditissimo avthorvm ærario ac febrium vniversali tractatione magna solicitvdine deprомptvm; opus tyronibus necessarivm et doctis non iniucundvm.* Salmanticæ: Ex officina Gregorij Ortiz Gallardo, 1700.

da pratica. A quina passou então a ser conhecida e constituia a base da famigerada agua de *Fernão Mendes,* cujo segredo foi adquirido por D. Pedro II.

Deve ainda notar-se que Portugal não ficou completamente ignorante dos primeiros tentames chimicos de B. Valentin e Paracelso, como o demonstra claramente a introducção, realisada no principio do seculo, dos preparados de antimonio que tiveram larguissima voga.

O estudo chronologico, que vamos fazer dos trabalhos que tiveram por objecto a therapeutica, confirmará completamente o que acabamos de dizer.

Gonçalo Rodrigues Cabreira, cirurgião, natural da villa de Alegrete, no Alemtejo, publíca em 1611 um pequeno volume em que, para cada symptoma, apresenta uma longa lista de medicamentos, cuja enumeração bastaria para demonstrar a nimia credulidade do seu auctor. A maior parte foram colhidos no *Thesouro dos pobres* de Pedro Julião, e já atraz se viu quanto de superstição e crendice havia na obra do celebre papa. Ha, porém, de importante n'este opusculo o ser o primeiro vestigio da introducção na pratica corrente dos preparados de antimonio, de que se aproveitavam sobretudo as virtudes purgativas [1].

No livro de André Antonio de Castro encontram-se dois tratados de pharmacologia. É o primeiro um estudo dos medicamentos em geral que divide em alterantes, purgantes, roborantes e confortantes, anodinos, repercussivos, resolutivos, emollientes, suppurantes, sarcoticos, cicatrizantes, agglutinantes, emplasticos, abstergentes, aperientes, attenuantes, diureticos, expectorantes, provocadores dos menstruos, provocadores do leite, geradores de semen, errhinos e causticos. N'este livro nada se encontra de original; tudo é colhido nos arabes

---

[1] *Compendio de muitos e variados remedios de cirurgia, e outras cousas curiosas recopiladas do thesouro dos pobres, e outros auctores.* Lisboa, por Antonio Alvres, 1611.

Ibi., pelo mesmo, 1614, 1617 e 1635.

Lisboa, por Francisco Villela, 1671.

e em Galeno. No segundo tratado, em que faz a enumeração dos medicamentos em particular, vê-se que era reduzida a sua pharmacopêa. Substancias vegetaes de ha longo tempo introduzidas na pratica constituem a sua base, e essas mesmo são em numero reduzido, e na maior parte hoje consideradas sem importancia.

Zacuto Lusitano refere-se nas suas obras a grande numero de producções novas, provenientes da America, e sobretudo do Brazil. Já as citamos precedentemente: o cachu, o maracujá, o ananaz, o cacau, a kola, etc. Além d'isto, publicou uma *Pharmacopæa elegantissima*, na realidade muito bem disposta. É um tratado de pharmacia, baseado sobretudo nos trabalhos dos arabes, taes como Mesue e Rhasis, e nos dos gregos, taes como Dioscorides e Galeno. As fórmulas que recommenda e cujo modo de preparação publíca, têm por base principalmente as substancias vegetaes, alguns productos animaes e raros mineraes, sendo a maior parte pedras preciosas. Os medicamentos são classificados segundo a fórma pharmaceutica e o emprego na therapeutica, e em seguida, segundo a doutrina dos quatro elementos: quentes, frios, etc. É de notar que, referindo-se, como dissemos, a differentes substancias novas n'outras partes da sua obra, na *Pharmacopêa* não as mencione, e ainda mais que, mostrando ter conhecimento das mais recentes publicações sobre os differentes ramos da medicina, não accrescentasse ás noticias dos antigos o que as novas investigações haviam adquirido. Zacuto tambem dá logar importante aos preparados de antimonio, ao *stibio preparado*, mencionando as suas variadas applicações, e mostrando-se confiado na sua efficacia [1].

Duarte Madeira Arraes publicava em 1650 um tratado sobre as qualidades occultas, mixto de questões variadissimas, sem importancia alguma. Procura em capitulos especiaes determinar se alguns medicamentos actuam por qualidade occul-

---

[1] A *Pharmacopæa elegantissima* vem publicada no vol. II das obras de Zacuto.

ta, e opina por que muitos assim obram. São sobretudo os alexipharmacos e os medicamentos que provocam determinadas secreções aquelles cujo mechanismo de acção lhe parece explicavel d'este modo [1].

Continuando a voga dos preparados de antimonio, a sua apologia já era feita por pessoas estranhas á medicina. D. João de Castello-Branco publicava em 1655 um opusculo em que encarece as virtudes do *oleo d'ouro* nos casos cirurgicos. Este oleo d'ouro tinha por base o antimonio, e rapidamente adquiriu grande nomeada. D. João não tinha em vista adquirir cabedaes com a sua venda; preparava-o por suas mãos e dava-o caridosamente a quem d'elle carecia [2].

Grande enthusiasta pelas riquezas do sólo portuguez e sobretudo das suas producções vegetaes foi o medico allemão Gabriel Grisley que em Portugal se viera estabelecer no reinado de D. João IV. Herborisára nos arredores de Lisboa, n'um espaço de seis ou sete leguas e só n'elle encontrára nada menos de duas mil plantas de que organisára o respectivo catalogo, que submettera ao exame do rei. Ordenou elle que se organisasse um jardim botanico, certamente o primeiro que entre nós houve, em Xabregas. Alli reuniu Grisley plantas de todas as regiões e sobretudo as que eram espontaneas no nosso paiz, porquanto «n'esta materia é Portugal um jardim de

---

[1] *Novæ philosophiæ et medicinæ de qualitatibvs occvltis a nemine vnqvam excvltæ. Pars prima. Philosophis et medicis pernecessaria, theologi vero apprime utilis. Interseritvr etiam inavdita philosophia De arboris vitæ Paradisi qualitatibus. De viribus Musicæ. De tarantula. De qualitatibus Electricis et Magneticis Ad serenissimvm principem D. D. Theodosium Monarchiæ Lusitaniæ hæredem, Braziliæ Principem, etc. Avthore D. Edvardo Madeira Arrais Ioannis Quarti Portugaliæ Regis Medico à Cubiculo.* Vlyssipone, svperiorvm permissv. Typis Emmanuelis Gomes de Carvalho. Anno 1650. Em dois tomos.

[2] *Breve methodo cvrativo, tocante á Cyrurgia, que o uso & experiencia certa descubrio; por Dom Ioam de Castelbranco. Ensina como se deve curar com o balsamo, ou oleo de ouro, & de suas grandes virtudes: com outras aduertencias no modo de Cyrurgia, para com facilidade se curarẽ os enfermos.* Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Officina Craesbeeckiana. Anno de 1655.

toda a Europa e com magua se póde suster que n'elle pereçam, em detrimento de muitos, os auxilios tão grandiosos, que a provida natureza produz com tanta diversidade, principalmente entre Douro e Minho, Serra da Estrella, Algarve, Alemtejo e n'elle em particular Portalegre». Das suas excursões botanicas resultou a publicação d'um livro, o *Desengano para a medicina,* publicação que foi subsidiada pelo senado de Lisboa. É a primeira tentativa de flora medica portugueza, e n'elle se descrevem grande numero de plantas empregadas na medicina, «descriptas por Dioscorides, graduadas por Galeno e pintadas por Laguna». Todavia, a pouca precisão dos caracteres dos botanicos, o facto de designar as plantas apenas pelos seus nomes vulgares, variaveis com as localidades, e a circumstancia de ser escripta sem grande rigor scientifico, por isso que era destinada a individuos sem conhecimentos especiaes, tornam esta obra de menos proveito do que poderia ser. Em todo o caso, a grande acceitação que teve no nosso paiz é attestada pelas muitas edições que se publicaram [1].

Fr. Manuel de Azevedo mais uma vez encarece na sua obra, de que demos conta precedentemente, os maravilhosos effeitos do antimonio, e sobretudo da preparação que um charlatão puzera em voga, os pós de Quintilio. Os pós de Quintilio eram sobretudo empregados como purgantes, e grande numero de medicos, hespanhoes na sua maior parte, affirmavam a sua grande valia.

Quasi no fim do seculo surge a *Polyanthea medicinal* de Curvo Semmedo. João Curvo Semmedo, segundo Barbosa Ma-

---

[1] *Desengano para a medicina ov botica para todo pay de familias. Consiste na declaração das qualidades & virtudes de 260 eruas, com o vso dellas. Tambem de 60 agoas estiladas, com as regras da arte da estilação. Dirigido ao Illvstr.mo Senado da Camara de Lisboa. Por Gabriel Grisley, Medico Alemão.* Lisboa. Na officina de Henrique Valente d'Oliveira. Anno de 1656.

Coimbra. Na officina de Joseph Ferreira. Anno de 1676.

Além d'estas edições que vimos, Innocencio menciona as seguintes:

Lisboa, por Manuel Lopes Ferreira, 1690. Ibi., 1714. Ibi., por Domingos Gonçalves, 1754. Ibi., Imprensa de Cobellos, 1851.

chado, nasceu em Monforte, no Alemtejo, no 1.º de dezembro de 1635. Aprendeu humanidades no collegio dos jesuitas em Lisboa, e matriculou-se em 1657 na Universidade, onde fez um curso distincto. Terminado elle, veiu estabelecer-se em Lisboa, onde grangeou grande reputação e onde exerceu por nove annos o cargo de medico da Misericordia, além de ser nomeado cavalleiro da ordem de Christo, familiar do Santo Officio e medico da Casa Real. Segundo o mesmo Barbosa, morreu em Lisboa em 25 de novembro de 1719.

A *Polyanthea* tinha em vista mostrar o proveito que se póde tirar dos vomitorios, expôr as excellencias dos preparados de antimonio e sobretudo dos pós de Quintilio, e ainda fazer a apologia da chimica, nas suas relações com a medicina.

Todos os auctores que se tem referido ao livro de Curvo Semmedo, insistem no grande numero de abusões que n'elle se encontram, na demasiada credulidade de que o seu auctor dá provas, e censuram com justiça o charlatanismo que o leva a proclamar as virtudes de grande numero de composições secretas que elle proprio preparava e vendia. Nenhuma duvida ha de que são fundadas estas censuras, e não temos intenção de as rebater.

A leitura attenta da *Polyanthea* faz notar, todavia, que se ha motivo sobejo para reparos, ha razão tambem para considerar este livro por fórma bem differente, e torna comprehensivel a grande reputação que João Curvo adquiriu no seu tempo. Nota-se em primeiro logar que foi elle certamente um dos nossos medicos mais eruditos e o primeiro que teve noticia exacta da circulação sanguinea e lymphatica, que é no seu livro que pela primeira vez se encontram noticias relativas á introducção da chimica entre nós e que os trabalhos de Paracelso e Van-Helmont lhe eram muito familiares; nota-se ainda que é n'elle que primeiro encontramos noticia do emprego da quina, do chá do Paraguay, do cipó, da calumba, da contrayerva, do pau quiriato, da serpentaria da Virginia e ainda d'outras substancias cujas virtudes therapeuticas muito tempo depois deviamos vêr grandemente encarecidas. Um jui-

zo imparcial sobre a *Polyanthea* levará portanto, não apenas a apontar os erros e abusos, mas a pôr em relevo as qualidades.

A *Polyanthea* permitte fazermos uma opinião definitiva sobre a therapeutica no fim do seculo XVII. Além da sangria, dos vesicatorios, dos purgantes, das ventosas e dos fonticulos andavam nas mãos de todos grande numero de medicamentos de composição mais ou menos secreta. Eram os pós cordeaes do padre Gaspar Antonio, explorados pelos jesuitas, a agua das sezões do dr. Fernão Mendes, os numerosos segredos de Curvo, o bezoartico sobretudo que por muitos annos ainda havia de ser objecto de commercio, e começavam de introduzir-se alguns preparados chimicos. Além dos saes de antimonio, empregava-se o chlorato de potassa, os calomelanos, o sal volatil de Sylvio, o sal de vitriolo, etc. Grande numero de producções vegetaes e animaes completavam a materia medica, e aqui encontrava-se uma longa serie de substancias immundas e repugnantes a que se attribuiam miraculosas virtudes. O que se não conseguia curar por estes meios, e abundantes eram elles, ficava reservado para o leite de burra [1].

Para completarmos este estudo da pharmacologia e therapeutica, ainda temos de referir-nos a Antonio Soares de Faria, medico natural de Aviz, que nasceu em 1644, e se formou na Universidade de Coimbra. Foi physico-mór do exercito na provincia do Alemtejo e morreu em 9 de junho de 1730. Faria publicou, entre outros opusculos, um a respeito do leite, applicado ao tratamento das febres e outras doenças, que pouca ou nenhuma importancia apresenta [2].

---

[1] *Polyanthea Medicinal, noticias Galenicas, e Chimicas repartidas em tres tratados*. Lisboa, por Miguel Deslandes, Impressor de S. Magestade, 1695 (Barbosa Machado).

Lisboa, por Antonio Pedroso Galvão, 1704.

Ibi., pelo dito Impressor, 1716.

Ibi., pelo dito Impressor, 1727. Foram estas duas ultimas edições que vimos.

[2] *Fasciculus medicus-praticus ex quatuor tractatibus collectus, Nempe I*

No estudo da therapeutica, é reclamado um paragrapho especial para o estudo da hydrologia medica. Em logar apropriado traçamos a sua historia até ao fim do seculo XV. Agora que temos de dar conta dos primeiros trabalhos scientificos sobre este assumpto, parece-nos de toda a conveniencia publicar as noticias que pudemos colher desde essa época até ao apparecimento das primeiras publicações medicas relativas ás aguas mineraes.

Não nos propomos seguir em toda a bibliographia medica do seculo XVI a menção que fizeram os nossos escriptores profissionaes das applicações internas ou externas das aguas. Seria todavia flagrante injustiça se não fizessemos referencia a Amato Lusitano que, nas suas differentes *Centurias*, a cada passo aconselha os banhos no tratamento das doenças e d'entre ellas nas febres.

Limitamo-nos ás aguas mineraes cujo conhecimento e emprego havia sido vigorosamente impulsionado pelo italiano André Baecio. Rodrigo de Castro, o eminente gynecologista, a quem consagramos a attenção a que lhe davam direito os seus trabalhos (1603), encarece no tratamento das doenças das mulheres o uso dos banhos sulfurosos, betuminosos, aluminosos e ferreos. Julga este tratamento indicado na dismenorrhea, nos corrimentos brancos, na ascite de causa uterina, no scirrho e na esterilidade.

A primeira menção, porém, que se encontra das caldas portuguezas que mais ou menos estavam em exploração, acha-se, não na *Anacephaleosis* do padre Antonio de Vasconcellos, como affirma o nosso illustre amigo Ricardo Jorge, mas na *Descripção do reino de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão (1610). Poucas são as thermas nacionaes de que o illustre historiador teve conhecimento. Apenas se encontra na sua obra

---

de Fontanellis, II de Thermalibus balneis, III de Lacte, IV de Risu, & Recreatione, & Vino. Una cum Indicibus alphabeticis librorum, ac aphorismorum Hippocratis, Galeni, & Avicennæ, eorundem Commentatoribus. Ulyssipone, Ex officina Michaelis Deslandes, Serenissimi Regis Typographi. Anno MDCC.

*

menção das de Obidos, Monchique, Lafões, Lisboa e Almada. De todas ellas, as que mais encarece são as de Lafões, que tambem eram as mais concorridas, e as de Almada, que julga de excellente emprego para os calculos renaes e vesicaes.

Segue-se depois a noticia publicada pelo jesuita Antonio de Vasconcellos na sua *Anacephaleosis* (1621). «Sob o titulo de *Balnea Lusitanica,* diz Ricardo Jorge, depois de encomiar as copiosas fontes de excellente agua fria e potavel que brotam no sólo patrio, nota a nossa riqueza de aguas thermaes prestantissimas para debellar molestias. Abona-se em encurtado rol com as Caldas da Rainha que vêm logo na cabeceira, as de Alvor (Monchique), unicas que lhe mereceram individualisação pela sua notoriedade, e pela sua fidalguia magestatica, frequentadas, como tinham sido todas tres, por monarchas. Apenas lhes addiciona as aguas da Fervença, ás quaes se compraz em attribuir uma faculdade absorvente para tudo o que n'ellas se lança, superstição commum, á conta da qual edita anecdotas pataratas» [1].

Tanto a noticia de Duarte Nunes como a de Antonio de Vasconcellos não passam de informações topographicas de valia muito reduzida; mas, como se vê, a d'este nem vale mais nem é mais completa do que a d'aquelle, além de ser chronologicamente posterior.

Como bem diz Ricardo Jorge, era aos medicos que competia, mais do que a ninguem, inventariar as thermas hydrologicas do seu paiz.

Zacuto Lusitano (1629-1634) não se refere a aguas mineraes portuguezas, mas em muitas doenças aconselha as thermas ferreas, nitrosas, sulfureas, gypseas e aluminosas. As arthropathias, as paralysias, as cardialgias, as dyspepsias são as enfermidades em que as encontra mais indicadas. Além d'isto, dá ás praticas hydrotherapicas grande importancia, prescrevendo-as em muitos casos e nomeadamente n'alguns estados febris.

---

[1] Ricardo Jorge, *As Caldas do Gerez*. Porto, 1888, pag. 28.

O primeiro medico portuguez que se refere ás thermas do nosso sólo é Duarte Madeira Arraes (1642). No seu livro sobre a syphilis aconselha as aguas sulfurosas como adjuvantes do tratamento pelo mercurio e n'esta occasião faz referencia ás aguas de Lafões e ás das Caldas da Rainha, que pelo seu cheiro e sabor lhe parece deverem conter «um medicamento chamado *tanquia,* que se faz d'ouro-pimento». Esta tanquia é provavelmente um sulfureto, visto que o ouro pimento nada mais é do que um sulfureto d'arsenio.

Julga-as indicadas para resolver humores frios, nas paralysias, sciaticas, accidentes hystericos, dôres rheumatismaes e para combater as ultimas manifestações syphiliticas.

Pouco tempo depois, as virtudes therapeuticas das aguas mineraes portuguezas das Caldas da Rainha, de S. Pedro do Sul e de Guimarães eram proclamadas do alto da cadeira universitaria pelo professor Manuel Freire (1667-1691) n'um trabalho de que nos conservou memoria um dos seus discipulos [1].

Quasi ao fim do seculo apparece entre nós a primeira monographia sobre as aguas mineraes, monumento primitivo e respeitavel, como lhe chama Ricardo Jorge. É a *Chronographia medicinal das Caldas d'Alafões,* e deve-se a Antonio Pires da Silva, medico natural de Bragança, que estudára na Universidade de Coimbra, e, depois de exercer por algum tempo a profissão em Lafões, se estabeleceu em Aveiro. Transcrevemos a descripção que do seu livro publicou o notabilissimo professor :

«Rompe o conspicuo medico, muito forte em cosmogonia biblica, provando de Genesis na palma que a fonte de Lafões «teve principio e saíu logo quente na tarde do terceiro dia» da creação do mundo, e o leitor fica devéras edificado na precisão d'esta infallivel chronologia. Historía a estada de D. Affonso Henriques e descreve o edificio thermal em face da

---

[1] Pires da Silva, *Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens,* pag. 130.

respectiva planta, para se perder logo n'um fastidioso *hors d'œuvre,* que peja meio livro, sobre historia universal, onde deslisam em fileira interminavel Nero e o rei Wamba, os suevos e os fidalgos da nobre casa da Cavallaria, o D. Froila e a rainha Santa Joanna d'Aveiro.

«Traceja a topographia e o clima da estancia, e exhibe as suas ideias sobre a constituição chimica das aguas que, a seu vêr, gozam «d'um temperamento asciticio mixto por serem sulfureas e sal-nitrosas». Presupposta a natureza das aguas, estende-se pelos seus effeitos therapeuticos; corre todos os achaques, com muitas latinadas e aphorismos de Hippocrates e Senerto, de Galeno e Mercurial.

«As contra-indicações, a technica balnear, o regimento dietetico, a sudação, os incommodos thermaes, etc., todos estes pontos capitaes merecem a attenção do methodico hydrologista que se torna digno de leitura» [1].

Além das aguas de Lafões, Pires da Silva consagra escassas noticias ás aguas sulfurosas das Caldas da Rainha, Alcafache, Guimarães (Vizella), Chaves, Aregos e Monchique, e ainda a uma nascente d'aguas salgadas em Brancas, no districto de Leiria. Por fim, apresenta uma classificação das aguas mineraes, verdadeiramente primitiva e em harmonia com os reduzidos conhecimentos chimicos da época, admittindo caldas aureas, ochreas, etc. [2]

No ultimo anno do seculo precisamente, tambem Antonio Soares de Faria publicava uma monographia sobre as aguas thermaes com muito menos interesse do que a precedente e cuja classificação não é fundada em dados mais scientificos. Das aguas mineraes portuguezas, Faria não conhece nenhumas a mais do que as descriptas por Nunes de Leão e Madeira Arraes, cujas noticias se limita a transcrever [3].

---

[1] Ricardo Jorge, op. cit., pag. 29 e 30.

[2] *Chronographia medicinal das Caldas de Alafoens.* Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, impressor de Sua Magestade, 1696.

[3] *Fasciculus medicus praticus.* Lisboa, MDCC.

HYGIENE

É esta uma das partes da medicina mais bem representadas no seculo XVII. Pelo menos ha a registar uma obra de verdadeiro merito, a de Ambrosio Nunes. Podemos dividir as publicações que se fizeram n'esta época em tres categorias: os tratados sobre a peste, os commentarios sobre as seis cousas não naturaes, e os trabalhos sobre assumptos limitados.

D'entre os primeiros avulta o livro de Ambrosio Nunes, cuja resumida biographia precedentemente escrevemos. Bem conhecia o illustre medico portuguez a grande valia do trabalho, que no logar proprio apreciamos, dos medicos Thomaz Alvares e Garcia de Salzedo, chamados a dirigir a campanha contra a peste de 1569. O que o determinava a escrever o *Tratado da peste* era accrescentar algumas cousas que os antigos não haviam conhecido, e sobretudo expôr o plano defensivo que adoptára na epidemia de 1598, visto que tinha sido elle quem inspirára as medidas adoptadas por Gileannes da Costa, presidente da camara de Lisboa e as que ordenou o dr. Henrique da Silva Fernandes, provedor-mór da saude da mesma cidade.

Devemos desde já dizer que a obra de Ambrosio Nunes se torna notavel, menos pela abundancia de pontos de vista originaes do que pelo methodo com que se acha elaborada. Começa por se occupar da etiologia da peste que attribue a uma qualidade occulta do ar, suppondo que esta qualidade occulta póde depender de influencias astronomicas, o que se evidenciou na peste de 1598 precedida da apparição d'um cometa e d'um terramoto. Rapidamente se occupa da symptomatologia, dando a maior importancia á apparição de abcessos nos sovacos e nas virilhas, acompanhados de movimento febril.

Occupa-se em seguida da preservação. Depois de entender, em harmonia com as crenças da época, que todos se confessem e communguem, julga indispensavel que se estabeleça uma casa de saude, onde sejam recolhidos os primeiros

doentes, e que todas as pessoas que puderem e não tenham deveres a cumprir se afastem do logar infectado para longe, não volvendo senão o mais tarde possivel.

Recommenda as fogueiras pelas ruas e pelo contrario as regas repetidas com agua e vinagre se o tempo fôr calmoso; muita limpeza; designar apenas tres logares para a lavagem das roupas; evitar que os barbeiros tenham á porta o sangue dos individuos que houverem sangrado; velar porque os mantimentos sejam de boa qualidade; prohibir os ajuntamentos e nomeadamente os bailes dos negros; evitar a mendicidade nas ruas e casas; enterrar immediatamente os cadaveres e tomar precauções para que os pobres, logo que adoeçam, sejam levados para a casa de saude.

São estas as medidas de hygiene publica que Ambrosio Nunes recommenda; no que respeita á preservação individual, a unica possivel é a pratica da hygiene, quer no que diz respeito a alimentação, quer ao regimen de vida, evitando-se todos os excessos e preoccupações.

Estas medidas são de aconselhar em todas as epidemias; em caso de peste, accrescenta que as fogueiras sejam de lenhos aromaticos e que nas proprias casas se use de perfumes, a que attribue virtudes de purificarem o ar; que se tenha junto do corpo um sacco com solimão, ou alguma pedra preciosa e se procure conservar bom halito, mascando substancias cheirosas, e tambem recommenda as *pomas* a que se haviam referido Thomaz Alvares e Garcia de Salzedo. Julga conveniente estabelecer um tratamento tonico por meio de triaga ou do mithridato, do cardo branco, do pau d'aguila, etc., e o emprego de conservas acidas, d'entre as quaes tem a cidra o primeiro logar.

Occupa-se por ultimo do tratamento da doença que obedece a tres indicações principaes: evacuar o humor que a causa; manter as forças do doente e attender aos accidentes que sobrevêm. Preenche-se a primeira indicação com a sangria, purgantes, vomitivos e diureticos. Como a fraqueza que acompanha a peste deriva da sua causa original, são os bezoarticos os medicamentos que prefere para a combater, pe-

dra bazar, unicornio, coco das Maldivas, etc. Dos accidentes, os mais importantes são os bubões que constituem symptoma constante da peste. Ambrosio Nunes aconselha no seu tratamento os emollientes e maturativos, dando prompta sahida ao pus, logo que se fórma.

Comparando este extracto com o que fizemos da obra de Thomaz Alvares e Garcia de Salzedo, pouco se encontra de novo. Ha, porém, espirito observador e pratico em Ambrosio Nunes, raras vezes se entrega a discussões estereis, e devemos confessar que as medidas por elle aconselhadas são mais ou menos as que hoje se empregam, variando apenas não as indicações, mas os indicados [1].

Os outros *Tratados da peste* publicados no seculo XVII nada valem. Applicam a um caso particular o que Galeno e Hippocrates escreveram sobre as epidemias, e sobretudo são resumos por vezes acanhadissimos dos trabalhos anteriores. Tal é o folheto de Gonçalo Rodrigues de Cabreira intitulado *Tratado e remedios preservativos e curativos para o tempo da peste de que Deus nos livre* [2], e o de João Curvo Semmedo publicado com o de *Tratado da peste* [3]. Este, sempre cultor do industrialismo medico, aproveita a occasião para encarecer o seu bezoartico contra a peste, «o melhor contra-veneno de quantos podem haver».

São dois os commentarios sobre as seis coisas não naturaes: os de Fernando Rodrigues Cardoso e de Fernão Solis da Fonseca. Fernando Rodrigues Cardoso, segundo Figueirôa, nasceu na Guarda, sendo filho do dr. Pedro Fernandes e de

---

[1] *Tractado repartido em cinco partes principales, Que declaran el mal que significa este nombre Peste con todas sus causas, y señales prognosticas, y indicatiuas del mal: con la preseruacion, y cura que en general, y en particular se deue hazer.* Coimbra, na officina de Diogo Gomes Loureyro, impressor da Universidade, 1601.

[2] Junto ao *Compendio de muitos e variados remedios de cirurgia,* de que já fallamos.

[3] *Tratado da peste.* Lisboa, na officina de João Galvão. Anno de 1680.

Barbara Fernandes [1]. Estudou a medicina em Coimbra, sendo admittido como collegial de S. Bento em 6 de julho de 1568. Regeu uma cathedrilha novamente creada por D. Sebastião, de que tomou posse em 22 de dezembro de 1572, passando para a de Avicena em 10 de janeiro de 1577 e para a de Vespera no 1.º de fevereiro de 1578 [2]. Occupou esta cadeira e com certeza a de Prima até 1585, em que foi nomeado physico-mór do reino e exerceu este logar até 1608, anno em que morreu a 29 de junho [3].

A sua obra comprehende uma explanação ao que Galeno escreveu sobre o ar, alimentação, somno, vigilia, exercicio e quietação. Comquanto esteja escripta com methodo, não se encontra n'ella vestigio algum de observação pessoal, sendo um cultor dedicado ao galenismo, como o fôra o seu illustre professor Thomaz Rodrigues da Veiga [4].

Fernão Solis da Fonseca nasceu, segundo Barbosa Machado, em Lisboa. No seu livro intitula-se medico graduado e mestre em Artes pela Universidade de Coimbra [5], na qual foi lente em 1584 e 1585. Esta informação póde ter-se em duvida, visto que, requerendo elle em 1614 a cadeira de Avicena, dizia ter lido cadeiras de medicina, e sido oppositor á de Methodo em 1585, mas o reitor apenas informava «que quando residiu nas escolas fizera algũas opposições em que mostrou ter estudo e habilidade [6].

Dissemos em tempo que este livro era uma dissertação

---

[1] Barbosa Machado diz que nasceu em Vizeu.

[2] Estas datas são concordes com as que publíca Barbosa Machado.

[3] Theophilo Braga, *Historia da Universidade,* II. — Barbosa Machado, op. cit., II, 52.

[4] *Tractatvs de sex rebus non naturalibus nvnc primvm in lvcem editvs. A Doctore Ferdinandi Cardoso in arte Appolinea quondam Conimbricæ primario professore, nunc verò Regiæ Magestatis in Regnis Lusitaniæ Prothomedico dignissimo.* Olyssipone. Ex officina Georgii Rodriguez. Anno CIↃDCII.

[5] Barbosa Machado diz que tomára o grau de mestre em Artes em 4 de outubro de 1575.

[6] Theophilo Braga, op. cit., II, pag. 778.

sobre as coisas não naturaes, que se tornava util e interessante por applicar as suas considerações á cidade de Lisboa, noticiando as condições do terreno, da exposição, etc., em que se encontra. Falla além d'isso das condições de alimentação, mostrando que poucas cidades estavam tão bem e facilmente providas, e se é licito crêr que n'esta exposição ha algum exagero, deve suppôr-se que pela maior parte é verdadeira. Demais é um trabalho pouco extenso e bem escripto, que se lê com agrado ainda hoje [1].

Não temos que modificar o juizo sobre o livro, mas o seu auctor nada mais é do que um descarado plagiario. D'um notavel estudo do professor José Carlos Lopes resulta claramente que o *Regimento* é quasi na totalidade copiado textualmente do *Sitio de Lisboa* de Luiz Mendes de Vasconcellos. Isto explicará, consoante o juizo do nosso prezado mestre e amigo, a extrema raridade do livro, tendo o proprio auctor ou algum seu parente proximo procurado recolher os exemplares que apparecessem no mercado [2].

Trabalhos sobre assumptos limitados de hygiene, publicaram-se os de André Antonio de Castro, Domingos Pereira Bracamonte, Madeira Arraes e Antonio Soares de Faria, além de numerosos escriptos relativos á influencia dos astros sobre as doenças.

O de André Antonio de Castro é um tratado de hygiene alimentar, em que além de se expôrem as qualidades geraes dos alimentos, se estuda o valor nutritivo de cada um em separado. Baseado nas distincções especiosas de Galeno, este livro seria destituido de interesse, se se não referisse a grande

---

[1] *Regimento pera conservar a savde e vida. Em dous Dialogos. O primeiro trata do regimento das seis cousas não naturais. O segundo, de qualidades do Ar; de sitios & mantimentos do termo da cidade de Lisboa. — Autor Fernão Solis da Fonseca. Medico graduado & Mestre em Artes polla Vniuersidade de Coimbra; na qual foi lente os annos de 1584 & 85. — Cõ licença do S. Officio, Ordinario, & Paço.* Lisboa. Por Geraldo da Vinha, 1626.

[2] *Um livro raro,* nos *Archivos de historia da medicina portugueza,* III, 1888-1889, pag. 112 e seg.

numero de substancias que constituiam a alimentação dos nossos ascendentes, incluindo varios rifões populares sobre a alimentação.

Citaremos alguns:

O coelho e a perdiz
Uma mão na bocca
E outra no nariz.

Milhafre em janeiro
Escusa capão de poleiro.

A carne de um anno e o peixe de dez.

Se queres o marido morto, dá-lhe couve em agosto.

Quando o trigo é louro
O barbo é touro [1].

Domingos Pereira Bracamonte, segundo Barbosa Machado, nasceu em Amarante em setembro de 1606, sendo filho de Antonio Pereira Bracamonte. Estudou a medicina em Coimbra, exerceu-a na terra natal e morreu em 1658. Publicou uma obra que versa sobre as virtudes hygienicas e therapeuticas de alguns fructos e hervas alimenticias (figos, uvas, melões, pereiras, cerejas, amoras, maçãs, pecegos, peras, marmelos, romãs, nesperas e sorvas, nozes, avellãs, azeitonas, pinhões, tamaras, amendoas, alcaparras, castanhas, laranjas, pepinos, aboboras, leitugas, chicoria, borragens, acelgas, espargos, espinafres, couves, alho, cebola, nabos, rabanos e cardo), fazendo seguir a descripção em verso de um commentario em prosa, em que se abona com a auctoridade de Hippocrates, Galeno, Plinio, Laguna, Antonio Musa, Amato Lusitano, Rodrigo da Fonseca, etc.

A obra tem mais curiosidade que valor. Como amostra

---

[1] *Liber de alimentorum facultatibus* in *De febrium curatione*. Villa Viçosa, 1636.

apresentaremos um trecho em que censura a uroscopia que, pelo visto, ainda tinha grande numero de cultores n'esta época.

> ... porque desenganara
> Tanta rustica gente que enganada
> Piensa que en la urina está cifrada
> De Esculapio la sciencia
> Y en un canuto solo
> Oraculos de Apolo
> Y sin mas relacion de su dolencia
> Por bien poco dinero
> Quiere que sea el medico echicero
> Culpa de medicastros urinauticos
> Que hipocritas seran, mas no hippocraticos [1].

A hygiene alimentar tambem foi objecto de estudo por parte de Madeira Arraes, mas debaixo d'um ponto de vista particular, qual o de saber se ha nos alimentos qualidades occultas que se manifestem por effeitos toxicos e resolvendo a questão em sentido affirmativo [2]. Por ultimo, Antonio Soares de Faria occupa-se do riso e divertimento, nas suas relações com a hygiene, não se encontrando no seu escripto coisa alguma que mereça especialisação [3].

Uma parte da hygiene que foi amplamente discutida e commentada foi a relativa á influencia dos astros sobre a economia. Em todos os tratados da peste que mencionamos, a apparição das epidemias é mostrada como dependente de phenomenos meteorologicos mais ou menos extraordinarios. Mas,

---

[1] *Banqvete qve Apolo hizo a los embaxadores del rey de Portugal Don Ivan Quarto. En cuyos platos hallaran los señores combidados, mesclada con lo dulce de alguna poesia, y politica, la conservacion de la salud humana.*

Dedicado solamente al que le costare su dinero. Por el licenciado Domingos Pereira Bracamonte. En Lisboa. En la emprenta de Lourenço de Amberes y a su costa. Año 1642.

Vide a seu respeito o excellente estudo do professor José Carlos Lopes nos *Archivos de historia da medicina portugueza,* II, pag. 129.

[2] *Novæ philosophiæ et medicinæ,* etc.

[3] *Fasciculus medicus-praticus,* etc.

além d'esta menção, encontram-se tratados especiaes que se occupam da questão. Por ordem chronologica o primeiro é o de Ascanio Luiz Teixeira de Azevedo, manuscripto existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa [1]. Ignoramos se o auctor era medico, o que sabemos é que exaggera notavelmente a influencia dos outros sobre o organismo humano, no que é seguido por Galhano Lourosa e Antonio Teixeira, cujos livros foram impressos. Galhano Lourosa era medico e natural de Almada; Antonio Teixeira, segundo Barbosa Machado, era natural de Villa Real, religioso trinitario e mestre de theologia, tendo professado na Louzã em 1619 e exercido mais tarde os cargos de reitor do Collegio de Coimbra, visitador e provincial. Morreu em 22 de novembro de 1687 com oitenta e cinco annos de idade [2]. Esta crença na astrologia é radicada no espirito de todos durante o seculo XVII e não só dão testemunho d'ella os monumentos escriptos que indicamos, como ainda outros indicados pelos bibliographos e que não pudemos examinar. Assim mencionam livros dos medicos Casmak, Diogo Borges e Diogo de Barros, que todos versam sobre a importancia da astronomia nas suas relações com a medicina.

MEDICINA LEGAL E DEONTOLOGIA MEDICA

A medicina legal é o ramo da medicina que mais tardiamente se desenvolveu e póde dizer-se que só se constituiu em corpo de doutrina no seculo XVII, datando-se o seu periodo scientifico da apparição do livro de Paulo Zacchias (1621).

---

[1] *Noticias astrologicas mui importantes para applicação das medicinas.* Ms. n.º 72 da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Não tem data.

[2] Manuel Gomes Galhano Lourosa, *Polyamthia exemplar — Cometographia meteorologica.* Lisboa, 1666, na officina de Antonio Crasbeeck de Mello.

Epitome das noticias astrologicas para a medicina. Offerecido ao mui alto & mui poderoso Principe D. Pedro nosso S.or regente dos reynos de Portugal & das suas Conquistas. Por Fr. Antonio Texeira, Mestre & Padre da Ordem da Santissima Trindade e Redempçam de Captivos, em os mesmos Reynos. Em Lisboa. Na officina de Ioam da Costa, MDCLXX.

Os exames medico-legaes, porém, foram praticados muito antes, e na idade média, nas leis que regem as populações germanicas, encontram-se algumas disposições que obrigam a intervenção do medico como perito. Taes são a lei salica e a lei dos Allemães (*lex Alamanorum*). As cruzadas teriam introduzido as mesmas usanças nos paizes com os quaes os soldados da cruz estiveram em contacto. No nosso paiz, portanto, os primeiros exames de ferimentos deveriam ter sido praticados logo em seguida á sua constituição politica.

É racional admittil-o, mas não ha certeza absoluta do facto, não porque deixe de encontrar-se em muitas disposições dos foraes consignado o principio da indemnisação pecuniaria, conforme a gravidade dos ferimentos, á similhança do que estabelece a lei salica, mas porque em taes prescripções não se acha claramente estatuido que a apreciação d'essa gravidade seja feita por medicos.

É racional admittil-o, dizemos, porque se da analyse da *Lex Alamanorum* concluem Mendes, Siebold e Buchner a necessidade da intervenção medica, pelas particularidades em que entra em relação ás feridas, o mesmo se encontra nos nossos foraes.

Assim, nas posturas de Evora de 1318 diz-se: «It mandamos que todo o corregimento de ferida de cabeça que tenha veneno, de que jasca o home em leito, seu corregimento he X moravedis: ferida divisada do rosto XII marav. Toda ferida de cabeça que seja sangoenta peite VIII morav. E se andar entre essas feridas negras huma sangoenta a sangoenta se correga e não as outras. It., por todas outras cuteladas ou lançadas do corpo, por cada uma seu corregimento he VIII marav.»

No foral de Castello Branco, de 1213, lê-se: «Qui ferit de lancea aut d'espada, pectet X ff. Et si transiret ad altera parte pectet XX ff. al rancuroso. Et qui quebrantaverit oculum aut brachium, aut dente pro unoquoque membro, pectet C ff alisiado, et ille VII.ª a Palacio».

Encontra-se mais no foral de Santa Cruz da Villariça, de 1225: «De sanguine deroto, de lanza aut de espada aut de cutello qui cum istum ferir, et inde non morir, pectet XXX

morabitinos. Quem ferir suo vicino cum petra, aut cum fuste, pectet XX morabitinos si firmarem: Et si non firmarem, juret cum quinque vicinos. Si ferir cum manus, aut messar, aut cum pede p. IV morab. al rancuroso, si firmar. Et si non habuerit firma, juret se quinto. Qui ferir suo vecino in illa Jancada, etc.»

Ainda n'outro foral, o de Figueiró dos Vinhos, dado por D. Pedro Affonso, filho de D. Affonso Henriques, se lêem as palavras seguintes: «Feridas consiliadas istas sunt, et non alias: Qui querit amicos vel parentes, vel arma, vel tochos cum quibus vadat ferire et percuserit: pro unam exquisam LX sol. p.: si foras XXX sol.: pro membro abciso LX sol. p.: pro omnes feridas, de quibus satisfacere debent, intrent in fustam, secundum veterem forum Colimbriæ: aut comparet eas, cui satisfacere debet».

São tão poucos os documentos que, para d'elles podermos tirar algumas deducções, não podemos deixar de os aproveitar a todos. O foral de Thomar de 1174 diz o seguinte: «Feridas conselhadas estas son, e non outras: quem demandar amigos, ou parentes, ou armas ou tochos, com os quaes vá ferir e feira: se o provar por verdadeira enquisa, peite LX ff. Por membro talhado peite LX ff. Por todallas feridas, das quaes deve satisfazer, entre en fustam, segundo fôro velho de Coimbra: ou as compre aaquel, a que deve satisfazer».

Ainda encontramos referencias ás posturas de Evora de 1264, em que se diz: «Se alguem fezer a outro feridas divisadas, que sejam sangoentas: que o fazedor ou fazedores corregam a elle todas essas feridas, que a ele fezerem» [1].

É de crêr que se encontrem n'outros documentos disposições analogas ás que transcrevemos. As que ficam servem para documentar sufficientemente a nossa asserção, mas não provam que os exames fossem feitos por medicos.

Outra origem, porém, de intervenções medico-legaes provinha do direito canonico. O conjuncto de decisões religiosas

[1] Estes documentos são extrahidos do *Elucidario*, de Viterbo.

dos concilios e dos papas, que depois foi reunido por Gregorio IX e por Gregorio XII, levantou uma série de questões novas que determinaram a necessidade de conhecimentos profissionaes para a sua devida apreciação. As Decretaes occupam-se da impotencia, do maleficio, do casamento, da operação cesariana, da legitimidade dos nascimentos, dos attentados ao pudor, dos crimes contra as pessoas.

O direito criminal modifica-se: o direito civil altera-se. São exigidas provas directas contra o accusado, «e o estudo aturado dos factos, tornado necessario, arrasta a necessidade do exame medico-legal».

Ora devem-se ir procurar no direito canonico os vestigios d'estas disposições. Impõe-se, portanto, folhear as Constituições dos nossos bispados que, comquanto publicadas quasi todas pelo seculo XVI fóra, consignam disposições de fontes muito mais remotas e de execução muito anterior.

Não nos démos ao trabalho de estudar debaixo d'este ponto de vista todos os monumentos legislativos religiosos e contentamo-nos com examinar as Constituições dos bispados do Porto, Coimbra, Leiria, Angra, Evora e Braga. E d'esse exame vamos apontar os fructos que colhemos.

Já não levaremos em grande conta a comminação de graves penas aos medicos que não admoestem os seus doentes pela falta de cumprimento dos deveres religiosos. Iremos indicar circumstancias que envolviam fatalmente a intervenção do perito.

Assim, diz-se nas Constituições do Porto que são impedimentos para se receberem as ordens de subdiacono: a falta de siso, a gôtta coral, a lepra, ou qualquer outra doença contagiosa, a falta de vista, o córte de pé ou de mão, ou outra qualquer deformidade. Estas disposições apparecem em todas as outras que compulsámos, accrescentando-se em algumas a circumstancia de ser «giboso» como estorvo á admissão á profissão sacerdotal.

Nas Constituições de Coimbra, ao fallar-se nos impedimentos do matrimonio menciona-se a loucura «de maneira que não entenda o que faz, nem póde ter legitimo consentimento».

Já então se admittia a doutrina da responsabilidade limitada, porque tendo algum dos conjuges «dilucidos intervallos, no tempo d'elles poderá casar». Esta disposição encontra-se igualmente n'algumas das outras Constituições.

Nas de Braga, Coimbra e Leiria menciona-se outra causa impeditiva do casamento: a impotencia, sendo todavia necessario que fosse perpetua.

Por outro lado, a intervenção do medico é bem marcada nos casos em que os doentes não podiam submetter-se ás praticas dos jejuns instituidos pela Egreja. «Qualquer pessoa, a que parecer, que por sua indisposição tem necessidade de comer carne na Quaresma e outros dias defesos pela Egreja, não estando doente em cama, *haverá certidão do fisico* em que declare por juramento a necessidade que tem». É isto o que diz o Regimento do Porto, e repetem-n'o todos os outros.

Nas Constituições de Braga acha-se uma outra disposição que deveria naturalmente chamar a intervenção do perito. Trata-se do baptismo e diz-se que este sacramento se deve ministrar por aspersão d'agua sobre a cabeça «quando a creança corresse perigo ou notavel damno de a metterem na agua».

Finalmente, é de notar ainda a prohibição absoluta que se faz aos clerigos de se entregarem ao estudo das sciencias medicas, ao que elles sempre se subtrahiram. «Mandamos, dizem as ultimas Constituições que citamos, que nenhum Clerigo de ordens sacras, ou Beneficiado d'este nosso Arcebispado, de qualquer estado e qualidade que seja, use de Medicina, nem de Cirurgia, nem mande sangrar, nem purgar, nem cortar membro, nem parte d'elle, nem mesmo por si o faça, nem o aconselhe».

São estes elementos de sobra para se haver a certeza de que, se algumas duvidas póde haver em relação á intervenção do perito no fôro civil, não as póde haver quanto ao fôro ecclesiastico.

Nos tribunaes criminaes, o primeiro documento que a exames de feridos se refere d'uma maneira decisiva é a resposta dada ás côrtes de 1545, por D. João III, posteriormente

transformada em lei, e d'ella se conclue que os exames eram feitos pelo juiz que tinha de decidir o pleito.

Nas Ordenações Filippinas que, como é geralmente sabido, se publicaram em 1603, pela primeira vez nas leis portuguezas se consignou a necessidade da intervenção de peritos em taes conjuncturas. Effectivamente, o §. 30.º do titulo LXV estatuiu que, em casos de ferimentos, fossem intimados dois dos melhores cirurgiões que exercessem a clinica na localidade onde houvesse sido commettido o crime, e claramente se expressou que o juiz não podia absolver o réo, se os peritos se não responsabilisassem pela vida do ferido. Nas localidades onde não houvesse mais do que um cirurgião, este bastaria para satisfazer a exigencia da lei.

Mas, além d'estes exames, a lei admittia, pelo menos em casos verdadeiramente de excepção, declarações ou relatorios de medicos ou cirurgiões sobre o facto submettido á apreciação da justiça. No processo de nullidade de casamento, intentado pela rainha D. Maria Isabel de Saboya contra D. Affonso VI, appareceram os pareceres de Martim dos Reis e do licenciado Antonio Ferreira, os quaes concluiam que, reconhecida pelo escandaloso depoimento das testemunhas a falta de vigor genital de que o monarcha soffria, devia ser considerado nullo de facto o matrimonio. Note-se que o exame dos orgãos genitaes dos dois conjuges, imprescindivel para uma averiguação do facto, não foi praticado, nem se fazia em circumstancias analogas, sendo posteriormente introduzido, nos casos de desfloração, e incumbida de o fazer uma parteira. Igualmente não foram submettidos á prova do congresso que as leis canonicas ainda admittiam.

Se agora lançarmos os olhos sobre os livros dos medicos portuguezes nos seculos XVI e XVII nenhum encontramos que tenha por objecto exclusivo as questões medico-legaes. Mas encontram-se algumas considerações sobre o prognostico das feridas em Amato Lusitano, em Antonio da Cruz e Antonio Ferreira, investigações sobre os meios de reconhecer a simulação das doenças em Rodrigo de Castro, etc., etc., e já mencionamos diversos tratados que têm em vista estabelecer codi-

*

gos por que se deviam regular os medicos nas suas relações sociaes.

Agora mesmo, ao terminar este estudo da medicina nacional no seculo XVII, se nos apresenta um. É o *Introitus medici ad praxim* de Zacuto Lusitano, que se encontra á frente do volume II das suas obras. Este livro não tem sobre os anteriores de que demos conta superioridade alguma, e as qualidades que n'elle Zacuto exige para o medico são as mesmas que Affonso de Miranda, Henrique Jorge Henriques e Rodrigo de Castro para elle reclamam. Zacuto nem sequer consente que elle trate muitos doentes, visto que assim não poderia consagrar a cada um d'elles a attenção devida.

CAPITULO VI

Exame das doutrinas reinantes no seculo XVIII até á reforma da Universidade: Anatomia; Physiologia; Pathologia cirurgica; Obstetricia; Pathologia medica; Therapeutica; Hygiene; Medicina legal e Deontologia medica.

O periodo cuja historia vamos intentar, póde ser considerado como um periodo de preparação. Circumstancias que precedentemente apontamos explicaram o atrazo em que ficamos em relação ás correntes scientificas dominantes. Differentes systemas medicos se tinham erguido e baqueado sem se encontrar no nosso paiz quasi vestigio da sua dominação, e mais do que isso descobertas importantes haviam sido realisadas sem que a sua noticia quasi chegasse a Portugal. No seculo XVIII tentamos reganhar o perdido e lançamo-nos, em materia scientifica, n'um trabalho desordenado e febril para acompanhar pelo menos o movimento que se effectuava no estrangeiro.

Esta actividade traduz-se, no dominio da medicina, pelo grande numero de publicações que vieram á luz, pela creação das academias scientificas, pelo apparecimento do jornalismo medico, e é consagrado pelas reformas introduzidas no ensino cirurgico em Lisboa e no ensino medico em Coimbra.

Se attentarmos n'este movimento, vemos que elle tende a substituir o galenismo, que aliás ainda encontra dedicados defensores n'este seculo, pela concepção intro-mechanica de

Boerhave que enchia então a Europa com a fama do seu nome e que D. João V convidára com largo estipendio para vir ensinar a medicina em Lisboa; e que a philosophia aristotelica, que dominava tyrannicamente nas escólas, tende a ser abandonada e trocada pelos systemas de Bacon e Descartes. Os estatutos da Universidade bem demonstram estas tendencias.

Assignala-se ainda o seculo pelo desenvolvimento dado aos estudos anatomicos. Sabemos já que se creára uma cadeira de anatomia em Lisboa, reatando-se a tradição interrompida desde Guevara, e comquanto peripecias variadas viessem prejudicar o ensino de Monravá e Roca, de Bernardo Santucci e de Pedro Dufau, os esforços realisados pelos que se interessavam em fomentar o desenvolvimento dos estudos medicos haviam de ser coroados de exito completo quando Manuel Constancio occupou e illustrou a modesta cadeira do Hospital Real de Todos os Santos.

Deve consolar este facto o sentimento nacional; se a estrangeiros se deve o renascimento dos estudos anatomicos, o triumpho deve-se exclusivamente a um portuguez, e ao lado do illustre anatomico que se chamou Bernardo Santucci, podemos nós collocar o grande professor que houve por nome Manuel Constancio.

Não tivemos cirurgiões que hombreassem com os Petits, com os Desaults, com os Douglas, com os Sharps, mas o nivel da cirurgia eleva-se e no grande numero de cirurgiões distinctos destaca-se um Francisco do Amaral, em quem se póde vêr um propugnador dos modernos pensos antisepticos.

A pharmacologia, que no ultimo seculo caíra n'um empirismo ridiculo, no abuso da polypharmacia, no emprego dos arcanos e segredos, entra n'uma phase scientifica com a *Materia medica* de Castro Sarmento, um dos espiritos mais cultos que nos é dado citar.

Na clinica, tornam-se distinctos um Fonseca Henriques, um Simão Felix da Cunha, além de outros que em logar opportuno apontaremos.

A todos os medicos portuguezes do seculo XVIII sobreleva, porém, um que em todos os paizes seria grande, Antonio

Nunes Ribeiro Sanches. Se é certo que a sua carreira foi feita longe da patria, ninguem influiu tanto nos destinos da medicina nacional como elle.

O illustre discipulo de Boerhave em todos os ramos da medicina deixou vestigio fundo da sua actividade, mas os seus trabalhos de hygiene são certamente dos mais notaveis. Ainda recentemente Chereau, relembrando os seus meritos, o considera um sabio laborioso, capaz de abraçar quasi toda a série dos conhecimentos humanos, e convem não esquecer que homens tão illustres como Andry e Vicq d'Azyr se orgulharam de lhe escrever a biographia. Dos serviços prestados ao paiz, o mais importante foi a parte que tomou na reforma da Universidade, cuja regulamentação relativa aos conhecimentos medicos se lhe deve quasi exclusivamente.

ANATOMIA

Achavam-se os estudos anatomicos em grande abatimento nos fins do seculo XVII. Não lograram melhor sorte no principio d'aquelle, cuja historia vamos escrever. De facto, se examinarmos os livros de cirurgia publicados n'esta época, ficanos a impressão de que a anatomia era pouco menos de desconhecida, tal é a superficialidade ou a incorrecção das noções fornecidas.

Seguil-os-hemos passo a passo, apezar da pouca valia dos resultados colhidos, e examinaremos a parte anatomica dos tratados cirurgicos do principio do seculo. Passaremos uma revista ás obras de Feliciano d'Almeida, de João Lopes Corrêa, de Santos de Torres, antes de nos occuparmos dos anatomicos de Lisboa, todos extrangeiros até á nomeação de Manuel Constancio e seguiremos nos discipulos a influencia dos mestres.

Feliciano d'Almeida nasceu em Lisboa, tendo por paes Luiz d'Almeida e Maria da Silva [1]; cursou as aulas do Hos-

---

[1] Barbosa Machado, op. cit., II, pag. 4.

pital Real, e terminou os seus estudos pouco antes de 1690. Uma das collocações que mais frequentemente se offereciam aos novos cirurgiões era a de embarcarem a bordo de qualquer navio como facultativos da tripulação. Tudo leva a crêr que Almeida lançou mão d'este recurso, visto como n'uma das observações do livro que publicou diz que esteve no Rio de Janeiro e n'outra que andava a bordo d'uma fragata real. Pela mesma época acompanhou o marquez d'Alegrete Fernando Telles da Silva, n'uma viagem que fez a Vienna d'Austria, demorando-se na Hollanda e na Inglaterra. Regressando á patria, serviu como facultativo militar nos exercitos da Beira e do Alemtejo, assistindo em 1705 á tomada de Ciudad Rodrigo [1]. Em fins de 1706 estabelecia-se em Lisboa, sendo nomeado cirurgião da camara real e, segundo Barbosa Machado e Bernardino Gomes, clinico e professor do Hospital Real, o que não é confirmado nem pelo proprio Feliciano no seu livro, nem pelo snr. Alfredo Luiz Lopes e pelo professor Serrano, que ambos examinaram o archivo do hospital. Feliciano d'Almeida morreu, segundo Barbosa, em 9 de outubro de 1726.

Deixou o cirurgião lisbonense uma *Cirurgia reformada*, cuja primeira edição é de 1715. Não ha n'este livro um capitulo especial destinado á exposição da anatomia, mas ao tratar das feridas da cabeça, das que interessam o ouvido e das do tronco consigna algumas noções relativas á anatomia d'estas regiões. Estas noções são resumidissimas, incompletas e por vezes erradas, demonstrando que o seu auctor, aliás illustrado como cirurgião, era como anatomico completamente destituido de valor [2].

---

[1] Constam estes pormenores biographicos da *Cirurgia reformada*, ed. de 1738, a pag. 66, 68, 193, 223, 404, etc.

[2] *Cirurgia reformada, dividida em dous tomos: o primeyro se divide em tres partes, segundo a ordem das tres regiões do corpo humano; o segundo vay dividido em tres livros, em os quaes se trata de todas as feridas, apostemas, chagas, etc.* Lisboa, na officina Deslandesiana, 1715, fol.

Lisboa Occidental, na officina de Antonio Pedroso Galiano, MDCCXXXVIII.

O mesmo precisamente se póde dizer de João Lopes Corrêa, de quem ha bem pouco tempo possuiamos poucas noticias, hoje muito ampliadas pelo snr. Alfredo Luiz Lopes e pelo professor Serrano. Conclue-se do seu livro que João Lopes Corrêa era natural de Coruche, cirurgião do Hospital Real de Todos os Santos e da Casa da Supplicação. O professor Serrano affirma, baseado em documentos que teve presentes, que deve ter terminado o curso pouco mais ou menos em 1678, que em 28 de junho de 1695 foi nomeado cirurgião dos males no Hospital Real, passando em 1717 a occupar o logar de cirurgião dos feridos, e que ensinára a cirurgia desde 1710 a 1726. Foi aposentado em 1728 e deve ter fallecido em 1729, porque no anno seguinte, já o seu nome se não encontra nos registros hospitalares [1]. Examinou o professor Serrano a anatomia do *Castello forte*, vasta compilação cirurgica de que nos occuparemos mais detidamente. É um mixto de inexactidões, de necedades, a despeito de se perceber que alguma vez empunhou o bisturi do anatomico. Justificadissima é portanto a opinião que d'elle fórma o illustre professor quando diz: « Posso concluir que João Lopes Corrêa e o seu *Castello forte*, cujo unico interesse apenas consiste na colheita de synonymias de que vem locupletado, assignalam tristemente um periodo de retrocesso e de vergonhosa decadencia dos estudos anatomicos » [2].

---

[1] J. A. Serrano, *Tratado de osteologia humana*, I. Lisboa, 1895, pag. LXIII e seg.

[2] *Castello forte contra todas as infirmidades, que perseguem o corpo humano, E Thesouro universal, aonde se acharão os remedios para ellas, dedicado a Nossa Senhora do Castello da villa de Coruche; No qual se acharão definiçoens, causas, sinaes, prognosticos, curas e todos os symptomas de qualquer infirmidade Cirurgica, como tambem se acharão n'elle todos os nomes das infirmidades, e dos medicamentos, hervas, plantas e mineraes, deduzidos da lingua Grega, Latina, Barbara e mais linguas na nossa lingua portugueza: e juntamente Tratados dos remedios simples e compostos, assim Galenicos, como Quimicos, e com as suas Doses; e varias experiencias do Author e dos mais Authores, e nomes de varias hervas, que n'este Reyno tem diversos nomes, segundo*

Santos de Torres nasceu em 1676, na Venda Nova, termo de Coimbra, sendo seus paes Manuel Fortes Vieira e sua mulher Maria Josepha. Estudou a cirurgia em Lisboa, obtendo a sua carta em 3 de fevereiro de 1701. Em 1709 era nomeado familiar do Santo Officio, e seguidamente obtinha os cargos de facultativo e depois mestre e examinador do Hospital Real, e de cirurgião da camara do infante D. Antonio, irmão de D. João V. A nomeação para cirurgião dos males no Hospital Real é de 15 de junho de 1717; passava em 19 de dezembro de 1728 para a enfermaria dos feridos, e em 1 de janeiro de 1748 era aposentado. O seu fallecimento deve ter-se dado entre 1749 e 1750 [1].

Publicou Santos de Torres um *Promptuario pharmaco-cirurgico*, cuja primeira edição é de 1741. Ora n'este livro a parte anatomica é resumida, mas ao menos não encerra as inexactidões de toda a ordem que no *Castello forte* se encontram. Do estudo desenvolvido a que procedeu o professor Serrano, chega á conclusão seguinte, que por completo perfilhamos: «A sua anatomia, por certo, elementarissima, como elle proprio muitas vezes declara, remettendo o leitor para os tratados especiaes, acha-se inquinada, como toda a obra, de meros lapsos de revisão typographica, que a cada passo se faz mister corrigir, mas não a deturpam os crassissimos erros de doutrina e de facto, que tanto deslustram os pesados in-folios do seu contemporaneo João Lopes Corrêa».

---

as Provincias aonde se achão; e nomes de muytas cousas, que hoje em dia não estão em uso nas boticas. E hum Trattado de todos os venenos em geral, e particular com os remedios communs, particulares e especificos para cada hum delles; e juntamente todos os caracteres, que os Quymicos commummente receytão. Author João Lopes Corrêa, cirurgião do Hospital Real de Todos os Santos e da Casa da Supplicação. Lisboa Occidental. Na officina da Musica. MDCCXXIII. Com todas as licenças necessarias.

Segundo tomo. Lisboa Occidental, na officina de Pedro Ferreyra, MDCCXXVI. Com todas as licenças necessarias.

[1] J. A. Serrano, op. cit., I, pag. LXXVIII e seg.

Data de 1704, como dissemos no primeiro volume d'esta obra, a creação no Hospital Real d'uma aula destinada exclusivamente ao ensino da anatomia, e que foi confiada a Luiz Chalbert Falconet. Nenhumas noticias ficaram dos proveitos do seu ensino que pouco durou, visto que o professor fallecia em 1709.

Restaurava-se o ensino anatomico em 1721, pela nomeação do catalão D. Antonio de Monravá e Roca, cujos planos de ensino já igualmente expuzemos.

D. Antonio de Monravá e Roca nasceu em 1671 [1] na villa de Pons, bispado d'Urgel, provincia da Catalunha, sendo filho de D. Francisco de Monravá [2]. Estudou successivamente em Barcelona, depois em Valencia e por ultimo em Lerida, onde se doutorou [3], e destinou-se primeiro á carreira ecclesiastica, chegando a receber ordens menores que aliás o não impediram de contrahir casamento [4]. Serviu nos primeiros dez annos do seu exercicio cirurgico nos hospitaes dos exercitos de França e Hespanha, vindo seguidamente estabelecer residencia em Madrid, onde permaneceu durante outros dez annos [5]. Conhecendo ahi o embaixador portuguez Diogo de Mendonça Côrte-Real, veiu para Lisboa e por influencia d'elle foi nomeado em 1721 lente de anatomia no Hospital Real, depois de ter sido submettido a tres actos de prova, perante os medicos e cirurgiões do hospital [6]. Começou o seu ensino em 1722 e durou ininterrompidamente até 1732, anno em que por decreto de D. João V era aposentado «por ter mostrado a experiencia que a cadeira de Anatomia, estabelecida n'esta cidade... serve de pouca utilidade». Effectivamente, a despeito do zelo pelo ensino, e até, póde dizer-se, da competencia do

---

[1] *Novissima medicina,* I, pag. 786; II, prologo.

[2] Id., I. Explicação de D. José Vidal e Pujol.

[3] Id., IV. Despedida aos discipulos. Protestaçam primeira.

[4] *Epistola consultiva apologetica, ó el conde de Luna enfermo,* pag. 249.

[5] *Novissima medicina,* pag. 14.

[6] Dedicatoria do *Feijoo defendido.*

professor, porque a muitos respeitos a tinha, o seu amor ás discussões metaphysicas, o seu desprezo por toda e qualquer auctoridade scientifica justificavam o decreto de D. João V, sem fallarmos em que o seu genio atrabiliario lhe havia conciliado inimigos poderosos que se fizeram ouvir junto do throno.

Fallariam ao rei sobretudo das desordens suscitadas entre os praticantes affectos e adversos a Monravá. Pelo menos uma testemunha, pouco posterior, falla d'este modo: «Não deixaremos, porém, de lamentar a guerra civil, que estas doutrinas atearam entre os praticantes de uma e outras aulas, porque supposto os mestres cordatos se riam de Monravá, e os Monravistas eram em pequeno numero, comtudo desassocegavam os rapazes, e perturbava-se a attenção do publico na confusa e pervertida ordem dos verdadeiros principios da Arte, que lhes occasionavam aquellas e outras subtilidades, abstracções e puras *questões de nome* de d'onde nasciam rixas e desafios, etc. Tal era o estado da mocidade cirurgica do nosso reino, quando não sendo elle occulto á vigilancia d'aquelle grande rei, tomou a resolução de mandar vir de Italia o prudente e douto anatomico Santucci, em quem proveu a cadeira de anatomia, aposentando com honesto pretexto ao estoico Monravá, e dando todas as provas da sua magnanimidade no ordenado que lhe mandou continuar emquanto foi vivo» [1].

Monravá, que já dera provas de laboriosidade quer no ensino, quer na publicação de diversos trabalhos que a seu tempo examinaremos, sentiu-se dolorosamente ferido, e tanto que, durante alguns annos, não ha vestigio da sua espantosa actividade. Em 1737, mandava uma memoria ao concurso aberto na Academia Real de Cirurgia de Paris, memoria que não era julgada merecedora do premio. Em 1739, a 5 de janeiro, abria uma nova escóla de cirurgia, de iniciativa propria, a Academia das Quatro Sciencias, de que anterior-

---

[1] Manuel de Sá Mattos, *Bibliotheca elementar chirurgico-anatomica*. Porto, 1788, discurso 3.º, pag. 50.

mente demos noticia. Esteve a aula aberta por dois mezes, mas ao cabo d'esse tempo houve um ministro que, entendendo que só á Universidade estava confiada a missão de ensinar medicina, mandou tirar devassa, com o fim de castigar o temerario que se atrevia a affrontar as leis do reino. Monravá teve de ceder: «Temeroso d'algum perigo, diz elle, intentei accommodar-me com o ministro (como se eu fosse delinquente), para o que me apadrinhou o meu Amigo e Senhor Licenciado Manuel Vieira, Cirurgião da Camara de Sua Magestade, por cujo patrocinio fiquei livre da persecução da justiça, fazendo determinação de largar o tal novo exercicio» [1].

Publicou n'este anno de 1739 Santucci o seu livro de anatomia, destinado a servir de texto nas aulas do Hospital Real. O medico catalão não descançou emquanto não escreveu contra elle uma critica violenta, a que deu o nome de *Desterro critico das falsas anatomias que um anatomico novo deu á luz*.

Foi ainda n'este anno de 39, ou pelo menos entre elle e 1744, que Monravá projectou fundar a Academia Cirurgica Ulyssiponense, empreza em que o acompanhavam D. José Monravá e Soler, Antonio Dias d'Assequins, Manuel Marques, Damião de Ceita, etc. O fim que se propunha esta corporação era promover o adiantamento dos estudos cirurgicos, para o que os socios eram obrigados a fazer prelecções, operações de cirurgia ou dissecções anatomicas. Feito o projecto de estatutos, dirigiram-se a D. João V pedindo a sua approvação, mas o monarcha, com um laconismo verdadeiramente espartano, respondeu ao requerimento com uma palavra: *Escusado*. Em 1744, Monravá, ainda magoado por tamanha desconsideração, aconselhava aos discipulos que depois da sua morte fizessem uma nova tentativa, visto como suppunha que a causa de se gorar a Academia era ser obra sua [2].

Desde então, Monravá continuou ensinando e publicando as suas obras. Se a famosa Academia das Quatro Sciencias

---

[1] *Novissima medicina*, I, pag. 17.

[2] Id., I, pag. 22.

apenas se conservára aberta dois mezes, pouco tempo depois consentiu-se-lhe que abrisse outra vez o seu curso. Pelo menos, em 1744 funccionava de novo e seguidamente até 1747. N'esse anno resolvia Monravá terminar as suas aulas de cirurgia, não porque a avançada idade lhe não permittisse a regencia da cadeira, mas porque o tempo lhe era preciso para estudar, escrever e anatomisar «sobre os corpos ora humanos defuntos, ora vivos em toda a especie de brutos». Sobreesteve porém n'essa resolução, e a aula abria-se como nos annos anteriores, apenas com pequenas differenças no programma. Uma das mais importantes era que a aula durava quatro horas, em vez das antigas oito, mas conservando o appendice da sineta [1].

Quem tanto amor tinha pelo ensino, naturalmente só quando os achaques de todo lh'a vedaram é que abandonou a cadeira. A sua morte deu-se em abril, maio ou junho de 1753.

Das numerosas obras que Monravá deixou [2] importam para nós, n'este momento, as seguintes: *Breve curso de nueva cirurgia;* a *Oracion medico-anatomica;* o *Desterro critico das falsas anatomias* e a *Novissima medicina.*

---

[1] *Projecto do ensino da novissima medicina do dr. Monravá ou curso subcinto; adequado, e completo da medicina monravanista por tres annos concluso, em casa, e presidencia do seu proprio Autor.* Lisboa. Na officina do mesmo auctor. 1747.

[2] A lista das obras de Monravá e Roca, organisada pelo professor Serrano, é a seguinte:

1. *Breve curso de nueva cirurgia.* Lisboa Occidental, en la Imprenta de Musica, tomo I, 1725; tomo II, 1728. 2 vol. in-8.º peq. O 1.º de 384 pag. e o 2.º de 506 pag.

2. *Oracion medico-anatomica.* Lisboa Occidental, en la Imprenta de Musica, 1725. 1 folheto de 38 pag. in-8.º peq. a que se seguem *Physicas, medicas, anatomicas, cirurgicas conclusões.* 34 pag. não numeradas.

3. *Antiguedad y Ribera impugnados.* Tomo I. En Madrid en la Imprenta de Geronimo Roxo, 1729. 1 vol. in-8.º gr. de 231 pag. Tomo II (sem frontispicio e junto com o I) de 319 pag. afóra indices.

4. *A un mismo tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido.* Antuerpia, na Officina Plantiniana, 1732. 1 vol. in-8.º gr. de 235 pag.

Não conseguimos vêr as duas primeiras, mas estamos persuadidos de que o *Breve curso de nueva cirurgia* está incluido na *Novissima medicina*.

O *Desterro critico de falsas anatomias* é, como dissemos atraz, uma obra de polemica, sendo alvo da sua acerada critica a *Anatomia* de Bernardo Santucci. Depois de ter explanado no prologo que não tem em vista melindrar o seu successor, de quem nenhuma offensa tinha recebido, e de dizer que o mundo póde esperar que elle tenha de futuro auctoridade, pelos seus poucos annos e muita applicação, Monravá começa a obra em fórma de conversa, entre tres pessoas: o discipulo, o recopilador e o doutor.

Desde o titulo até ás mais insignificantes minucias, tudo

---

5. *Academicas orações physico-anatomico-medico-cirurgicas*. Antuerpia, na Officina Plantiniana, 1732. 1 vol. in-8.º gr. de 320 pag.

6. *Fisico certame sobre o sol, lua, luz e olhos: entre hum escholastico conimbricense e hum academico ulissiponense*. Lisboa, por Pedro Ferreira, 1732. 1 folheto in-4.º de 10 folhas sem numeração.

7. *Cinco preciosos remedios tirados da mais rica mina e fructuosos campos*. Impressam segunda emendada e accrescentada. Lisboa Occidental, na officina de Pedro Ferreira, 1734. Foi reproduzida no tomo II da *Novissima medicina* em 1745. A primeira edição parece ter sido a que saíu em hespanhol em 1728, com o tomo II do *Breve curso*, sob o titulo «Breve declaracion de las virtudes de cinco remedios».

8. *Noticia curiosa do novo e grave Estilo com que se ensina toda a Materia Scientifica, na escola do Doutor, etc.* 1 folheto de 4 pag. não numeradas, in-8.º gr. sem data (que deve ser 1739). Vem reeditada com modificações em dois tomos differentes, o I e II da *Novissima medicina*.

9. *Operações anatomicas e cirurgicas*. Lisboa Occidental, 1739. 1 folheto in-8.º gr. de 21 pag.

10. *Desterro critico de falsas anatomias, etc.* Lisboa Occidental, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1739. 1 vol. in-8.º gr. de 350 pag.

11. *Theatrum anatomicum animalium, plantarum, et aliorum corporum naturalium*. Madrid, 1740.

Transcripto *ipsis verbis* como vem em Portal, *Hist. de l'anat. et de la chirurgie*.

12. *Do D. Monravá Novissima medicina impugnante á Nova, Velha e Velhissima dos Autores Antigos e Modernos, em quatro tomos dividida, que dedica ao Vigilante Monarcha D. João V, Rey de Portugal*. Lisboa, na officina

merece censuras a Monravá e Roca. O discipulo dá-lhe noticia da publicação do novo livro de Santucci, e vai-lhe lendo differentes trechos que o mestre commenta a seu sabor.

«Para onde vão parar, pergunta-lhe o discipulo, as coitadas anatomias do Academico novo depois de desterradas?

Responde o mestre: «Para o Reyno de Nullidade, lá no espacio imaginario de donde vieram».

Ao que o discipulo torna: «Coitadas Anatomias! Lastima vos tenho!» (Pag. 7).

A paixão com que este livro está escripto manifesta-se a cada passo, apezar de por vezes o seu auctor confessar os meritos de Santucci. A importancia que tem para nós é que nos dá conta da maneira como Monravá ensinava. Um dos seus discipulos, voltando-se para elle, exclama: «Em que sen-

---

do mesmo autor. Com todas as licenças necessarias e Privilegio Real. Tomo I, 1744; tomo II, 1745; tomos III e IV, 1747.

13. *Epistola apologetica, o el conde de Luna enfermo, o medico batalla entre un medico pigmeo, y 20 gigantes.* Lisboa, en la Imprenta de el mismo Autor. Anno de 1750. 2.ª impression. Ibi., pelo mesmo impressor, 1752. Esta 2.ª edição é o appendice IV á *Novissima Disertacion* e vai desde pag. 87 a 183.

14. *Manifesto de la Razon de Quexa que tiene el auctor D. Antonio de Monravá y Roca... contra la Academia R. de Cirurgia de Paris.* Lisboa, en la Imprenta de el mismo Autor. 1752. 1 vol. in-folio a 2 columnas com 44 pag.

O exemplar da Escóla Medica de Lisboa está encadernado com a *Disert. sobre las preñadas.*

Antes d'esta houve uma edição em lingua portugueza, que Portal cita: «Manifesto da Razam da Queixa. Lisboa, 1744, in-fol.». Provavelmente é a que vem reproduzida no tomo II da *Novis. med.,* 1745.

15. *Novissima, e insuperable Disertacion sobre las Preñadas.* Lisboa, en la oficina del mismo autor. 1752. 1 vol. in-fol. a 2 columnas, de 183 pag.

Além d'estas ha, pelo menos, a seguinte:

Projecto do ensino da novissima medicina do Dr. Monravá ou curso subcinto, adequado e completo da Medicina monravanista por tres annos concluso, na casa e presidencia do seu proprio Autor. 1 folheto de 8 pag. in-fol. sem data, vendo-se pelas licenças que é de 1747. Encadernada com o 4.º volume da *Novissima medicina,* no exemplar existente na Escóla Medico-Cirurgica do Porto.

do o exercicio de v. m. estar abocado sobre o cadaver, e arregaçados os braços até os cotovellos, diante de 400 pessoas Curiosas e Nobres, além dos Discipulos Praticantes; jogando ao mesmo tempo, o bisturion, com a mão e a lingoa, com a bocca, mostrava no cadaver humano, (e ás vezes nos viventes Animaes) de cada parte a substancia, o sitio, connexo, uso e phenomeno, explicando em tudo, tudo quanto ha que saber, justificando mil novos inventos verdadeiros, e declarando outros tantos enganos; item adornando a faculdade d'Anatomia, com outros tres indispensaveis annexos a ella, a saber: Phisica, Cirurgia e Medicina, com as quaes, as lições se faziam agradaveis aos curiosos em todas as Sciencias.

«E ao cabo d'esta fadiga, v. m. cansado e suado, mas muito alegre, e sereno, respondia a todas as duvidas gostosamente, e aos elegantes Argumentos, que os mais Eruditos propunham, uns com plena e discreta erudição, e outros, com elegantes sylogismos, dando satisfação a todos». (Pag. 55 e 56).

Importa igualmente notar que Monravá declarava ter aberto mil cadaveres e que tinha conhecimento e pratica do microscopio, com o qual um dia mostrava aos discipulos a anatomia d'uma mosca [1].

Das impugnações feitas a Santucci, muitas são injustas, mas algumas vezes as criticas são fundadas. O professor Serrano, que se deu ao ingrato labor de apreciar esses multiplos reparos, escreve: «Por ultimo, direi, porque a verdade o exige, que ás vezes Monravá, se bem que raramente, critíca acertado, como quando nega a existencia de glandulas, com que o peritoneu, segundo Santucci, segregaria os soros das cavidades splanchnicas; como quando contesta que o ar misturado na bocca com os alimentos influa na digestão; como quando se ri do preceito de Santucci, de evitar

[1] *Operaçoens anatomicas e cirurgicas*, pag. 8.

por perigoso, ferir o raphe escrotal, nas intervenções cirurgicas, vista a confluencia de vasos n'essa linha» [1].

A anatomia de Monravá e Roca, que se acha incluida no 2.º tomo da *Novissima medicina,* foi tambem analysada pelo mesmo illustre professor. Pela primeira vez, se encontra entre nós o estudo da anatomia disposto segundo um plano racional, o que constitue, na sua justificada opinião, o principal, senão o unico merito a registar n'este escripto. Assim, occupa-se em primeiro logar dos tegumentos, e segue no estudo das membranas, das entranhas, das glandulas, dos orgãos dos sentidos, dos musculos, dos vasos e nervos, dos ligamentos e finalmente dos ossos. Seria longo extractar o que a respeito de cada uma d'estas partes se encontra no livro do anatomico catalão, mas quem seja curioso poderá seguir passo a passo a sua exposição no valiosissimo trabalho do nosso collega lisbonense. Das suas investigações resulta que a anatomia *monravanista* é copiada quasi textualmente, por vezes, do seu compatriota Martim Martinez, um dos medicos com quem elle andou sempre envolvido nas *medicas batalhas* e *entretenimentos impugnantes* que travou no decurso da sua vida. Assim termina o professor Serrano o seu estudo: « Aqui está em que deram tantas arrogancias do espaventoso hespanhol, e tanto blasonar do bisturião anatomico! Para compôr o tratado elementar de anatomia, da monumental obra, com que cuidou subverter *ab imis fundamentis* toda a sciencia medica, não soube mais que plagiar sem vergonha — copiando mal e traduzindo peior — a *Anatomia completa del hombre,* de Martim Martinez — aquelle mesmo Martinez « sem fundos nem altos de Apollo », de cujo valor chasqueára, apodando-o de inepto! » [2]

Em 1732, como já ficou dito, era Monravá substituido por Bernardo Santucci, com certeza o mais distincto de todos os professores de anatomia do Hospital Real de Todos os Santos. Bernardo Santucci, filho de Carlos Santucci e de Maria Ga-

---

[1] Serrano, op. cit., I, pag. C.

[2] Ib., op. cit., I, pag. CXVIII.

leazze, nobres segundo parece, nasceu n'um dos primeiros annos do seculo XVIII em Cortona, no grão-ducado da Toscana. Tendo obtido o gráu de mestre em Artes, doutorou-se na Universidade de Bolonha, passando em seguida a Florença, onde cultivou os estudos anatomicos, com especial attenção, no hospital de Santa Maria Nova. Taes creditos grangeou, como medico e como anatomico, que dentro em breve era nomeado medico da camara da princeza Violante Beatriz da Baviera. Pelos annos de 1730, e com cartas de recommendação da princeza, appareceu em Lisboa, e conseguiu obter de D. João V a nomeação para professor de anatomia no Hospital Real, em termos muito honrosos, e com grandes proventos [1].

Tomando conta da cadeira, onde a primeira lição se realisou em 7 de julho de 1732 [2], deu Santucci ao ensino uma feição toda pratica, pondo completamente de parte as frivolas theorias e loucas discussões em que se embrenhava Monravá. Diz Sá Mattos que Santucci, «fugindo de precipitar a carreira da sua fortuna pelo caminho d'elle, se occupou só em desempenhar seriamente os deveres da sua commissão»: e Leitão affirma que «elle ensinou uma anatomia mais sólida, mais racional e pratica sobre os cadaveres, o que não tinha feito o seu antecessor». Esta feição pratica que o medico bolonhez deu ás suas lições é tambem attestada por Monravá, que o censura pela mesma razão por que o devia louvar. «Todo o seu officio (o de Santucci), diz elle, se reduz a fazer duas castas de anatomias: umas privadas a uns poucos de praticantes que com elle fizeram assento: e as taes anatomias consistem em que depois que a dissecar as partes aprenderam, os primeiros no primeiro anno, estes ensinam aos do segundo, etc.... Outras anatomias faz publicas, e consistem em que os discipulos dizem muito bem decorada a lição, *sicut jacet in papiro,* ao estylo do mais discreto *papagaio*».

---

[1] Serrano, op. cit., II, pag. VII e seg.
[2] Id., pag. XVIII.

*

Havia, porém, falta d'um livro que pudesse servir nas aulas, e Bernardo Santucci deu-se ao trabalho de fazer um compendio de anatomia para uso dos discipulos, livro que deu á luz em 1739.

Precisamente n'esta época, quando mais se evidenciavam os seus serviços, uma ordem régia mandou suspender o exercicio anatomico, determinando-se em seguida que continuassem as lições na postilha. Sobre as razões que determinaram esta resolução apenas se conhece o que affirma Leitão, que attribue o facto ás diligencias e instancias de Monravá. Já ficou dito que elle publicou uma violenta critica contra a obra de Santucci. Não contente com isto, como entre os seus discipulos grangeára influencia e prestigio, suscitou queixas contra Santucci, que foram levadas até ao throno. Acompanhava-o grande numero de medicos e cirurgiões, que desconheciam completamente a anatomia e que persuadiram o rei de que as dissecções anatomicas determinavam a morte d'aquelles que a ellas se entregavam.

Persuade-se o professor Serrano de que não bastariam estes motivos para determinar a violenta e estupida determinação regia e attribue pelo menos uma parte da responsabilidade do facto á influencia dos jesuitas [1]. Não nos repugna acceitar a conjectura, mas devemos recordar-nos de que o *Compendio historico,* que aos jesuitas attribue todos os defeitos que se encontravam no ensino, não se esqueceria do facto, relativamente recente, a ser verdadeiro, para o apontar. Demais, se os inimigos de Monravá e Roca eram poderosos, tambem tinha no paço patrocinio e valimento em medicos da real camara, e elle nunca desesperou até á morte de reconquistar o logar.

Persuadidos estavam todos os que a estudos historicos da medicina patria alguma attenção tem consagrado que logo em seguida a 1739 Santucci se retirasse de Portugal. Novos do-

---

[1] Op. cit., II, pag. XXV.

cumentos recolhidos pelo professor Serrano provam pelo contrario que o seu ensino só terminou em 1747 e que só n'essa occasião se ausentou, com licença, do nosso paiz. A elle voltava em 1751, época em que D. José o contemplava com uma tença de 30$000 reis annuaes, e com o gráu de cavalleiro da Ordem de S. Thiago. Tardiamente se lhe recompensavam os serviços, mas ficava padrão da sua valia nas seguintes palavras da carta de mercê: «por espaço de quinze annos contados até o tempo que se ausentou com licença para Italia, regendo sempre a dita cadeira com todo o cuidado e vigilancia sem faltar ás obrigações devidas: fazendo todos os annos anatomias publicas com grande aproveitamento e utilidade dos seus discipulos e mais assistentes: explicando as lições com tanta clareza que não ficasse em duvida a sua sciencia, empregando-se com tanto disvello neste exercicio que perdesse muitas conveniencias que poderia perceber na assistencia dos enfermos da côrte» [1].

Pouco tempo depois de obter esta mercê, voltou de vez para Italia e ahi morreu no anno de 1764 [2].

A *Anatomia* de Santucci [3] é geralmente considerada um bom livro e póde dizer-se afoitamente que é a traducção exacta do estudo da anatomia no seculo XVIII. Recentemente estudada, com o maior desenvolvimento, pelo professor Serra-

---

[1] Carta de padrão de 14 de junho de 1751 *in* Serrano, op. cit., II, pag. XVIII.

[2] Augusto Lombardi, cit. pelo professor Serrano, op. cit., II, pag. XXXIV.

[3] *Anatomia do Corpo Humano, recopilada com doutrinas Medicas, Chimicas, Filosoficas, Mathematicas, com Indices, e Estampas, representantes tódas as partes do corpo humano. Dividida em tres Livros, e dedicada ao muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal D. João o V, Nosso Senhor, por Bernardo Santucci, natural de Cortona, Mestre em Artes, e Doutor em Medicina pela Universidade de Bolonha, Medico da Serenissima Violante Beatriz de Baviera, Grão Princeza de Toscana, e Lente Regio da Cadeira de Anatomia no Hospital Real destas Cidades de Lisboa* Lisboa Occidental, na officina de Antonio Pedrozo Galram. MDCCXXXIX. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

no, nada melhor podemos fazer do que resumir o juizo que a seu respeito formou. Considera-a elle um livro notavel e a muitos respeitos unico entre nós. Nenhuma tão boa se lhe afigura, e é a unica illustrada com gravuras, superiores a outras da época, comquanto nem todas fossem, se alguma o foi, original reproducção de peças naturaes, e havendo algumas que foram copiadas de Vesalio e Valverde. Encarece as bellezas litterarias do livro, o que se lhe afigura demonstração de que o original italiano fosse traduzido por quem bem conhecesse a lingua portugueza [1], mas os seus merecimentos avultam na parte scientifica.

Santucci conhecia os trabalhos de Hippocrates, Galeno, Malpighi, Valsalva, Morgagni, Ruysch, Verheyen, Bartholin, Aselli, Diemerbrock, Graaf, Willis. Bellini, Mauriceau, Warthon, Iuncken, Fracassatus, Forti, Baglivi, Pacchioni, Munnicks, Delaurens, Dionis, Blancard, Stenon, etc.; eram-lhe portanto familiares os mais notaveis anatomicos antigos e modernos.

Divide-se a sua obra em tres livros, tendo por objecto a splanchnologia, a osteologia e a myologia. No primeiro comprehende: algumas generalidades de anatomia, a splanchnologia propriamente dita, a angeologia, a esthesiologia e a nevrologia. O segundo occupa-se exclusivamente dos ossos. O terceiro encerra algumas generalidades sobre musculos, a descripção dos musculos motores da cabeça e suas partes, a dos musculos motores do pescoço, a dos musculos motores dos membros superiores, a dos musculos motores do tronco, e finalmente a dos musculos motores dos membros inferiores.

Remata assim o illustre professor o seu juizo sobre a obra de Santucci: «Fica bem patente que a *Anatomia* de Santucci — erro capital da sua execução — obedece a um methodo por

---

[1] O professor Serrano admitte a opinião dos que, baseados no testemunho de D. Thomaz Caetano do Bem, affirmam que a *Anatomia* de Santucci, escripta em italiano pelo auctor, foi traduzida em portuguêz pelo theatino D. Celestino Seguineau.

extremo defeituoso, o qual consiste em estudar as *visceras* antes dos *musculos*, o que emfim já não era bom. e principalmente antes dos *ossos*, o que é sem duvida pessimo. Sei muito bem, que era a pratica da época, mas valia bem a pena romper com a rotina, tanto mais que o caminho, aberto por Vésale, havia quasi dois seculos, fôra ainda no anno de 1732 trilhado por Winslow.

«Afóra esse defeito, outro gravissimo quanto á myologia, para cuja explanação, e ao uso do tempo, foi adoptada uma base physiologica, quando era racional seguir um regimen meramente topographico, e portanto anatomico.

«Avalie-se o contra-senso de estudar v. gr. como *musculos da perna*, não os que occupam este segmento do membro, mas os que o movem, e que por conseguinte estão n'outra região; além de que, pela complexidade de acção dos musculos, o mesmo orgão carnoso, em rigorosa conformidade com a base estabelecida, deveria apparecer e reapparecer á descripção, a proposito de cada parte, para cujo movimento elle contribuisse.

«Cómquanto, porém, a *Anatomia* de Santucci fosse pautada por vicioso plano, a maneira singela, proficiente e lucida, por que em cada capitulo é exposta a doutrina — completa para o tempo, na feição elementar a que visava o auctor — absolve esta obrinha, em cuja testada, o moço anatomico póde sem immodestia, gravar por lemma os dois versos latinos:

> Hoc dissecta libro, longum servare per Evum
> Integra in humano corpore membra docent» [1].

Deixou Santucci grande numero de discipulos que lhe honraram o nome e desempenharam funcções importantes. Leitão archivou os nomes de Caetano Alberto, que chegou a ser nomeado lente de anatomia na Universidade de Coimbra, mas cujo despacho foi annullado; do dr. José dos Santos

---

[1] Serrano, op. cit., II, pag. LXXXVIII.

Gato, que occupou esse cargo até á reforma da Universidade; de Pedro d'Arvellos Spinola, cirurgião da camara real, cirurgião-ajudante do cirurgião-mór dos exercitos e professor no Hospital Real de Todos os Santos; de Domingos de Carvalho e Queiroga, cirurgião da real camara, que acompanhou a rainha-mãe a Hespanha, e deputado do Proto-Medicato; de Guilherme Francisco, cirurgião militar na campanha de 1762, cirurgião da real camara e notavel parteiro; de Antonio Gomes Lourenço, professor no Hospital Real; de Theotonio dos Santos, cirurgião do hospital de S. João de Deus, e logar tenente do cirurgião-mór dos exercitos na campanha de 1762; de Paulo de Faria, cirurgião da real camara, e deputado do Proto-Medicato; de José Ferreira, cirurgião militar na campanha de 1762 e de Caetano José de Figueiredo, cirurgião da real camara, do collegio dos Nobres e da Collegiada Real da Bemposta.

De todos elles diz Leitão que tinham desempenhado bem as instrucções do seu mestre [1].

Deixaram livros por que possam ser apreciados os seus conhecimentos anatomicos Antonio Gomes Lourenço, e um modesto pratico, que não mereceu lembrança a Leitão, Manuel Lopes.

Antonio Gomes Lourenço nasceu em abril de 1709, no logar de Monte de Lobos, freguezia de S. Gens da Palla, termo de Mortagua. Foram seus paes Marcos Gomes e Maria Gomes, moradores remediados d'aquelle logar. Aos vinte e cinco annos, e portanto em 1734, matriculava-se no Hospital Real de Todos os Santos, seguindo as lições de Bernardo Santucci, que no anno seguinte lhe passava a respectiva certidão, e em 1739 era-lhe dada a carta de habilitação. Já como estudante servia como cirurgião das visitas da Misericordia, e em 1747 era nomeado para substituir Santos de Torres, no logar de cirurgião dos feridos, do Hospital Real de Todos os Santos, alcançando nomeação definitiva em 29 de abril de 1750.

---

[1] Leitão, *Cirurgia*, I, pag. 354 a 356.

Em 1753 era familiar do Santo Officio; recebeu em 1764 o habito de Christo, com a tença de 20$000 reis annuaes, o que foi confirmado em 13 de agosto de 1765. No exercicio do magisterio e da sua grande clinica, consumiu a vida que foi longa, visto que deve ter fallecido em 1800, na idade de 91 annos [1].

Devem-se a Gomes Lourenço varias obras de cirurgia que a seu tempo serão apreciadas [2]. N'algumas encontram-se noções anatomicas que convem examinar.

---

[1] Serrano, op. cit., II, pag. XCVII e seg.

[2] 1.º *Arte phlebotomanica, anatomica, medica e cirurgica, para os sangradores, e mais professores, em que se trata da Angeologia, como se hade sangrar em geral e em particular em cada parte; como se sangrão as Arterias; que cousa he veneno; como se communica e porque vazos; em que parte se hade sangrar nas feridas venenozas, e apostemas de má qualidade; das Ventozas, Sarjas, Sanguexugas; e exame facil da sangria. Dedicada ao senhor doutor Francisco Teixeira Torres, por Antonio Gomes Lourenço.* Lisboa Occidental, na officina de Pedro Ferreira, impressor da augusta rainha N. S. Anno do Senhor de MDCCXLI. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

2.º *Breve exame de sangradores, extrahido da Arte Flebotomanica. Em que se trata da Sangria em geral e em particular, com reflexões anatomicas para precaver os damnos da Sangria. Das ventosas secas e com sarjas, com todas as proguntas e respostas para o exame facil da Sangria. Das sanguesugas com huma prefação quando se não deve sangrar.* Lisboa, por Pedro Ferreira, 1746. Ibi., na offic. de Simão Thaddeo Ferreira, anno MDCCXCI.

3.º *Cirurgia classica lusitana, anatomica, farmaceutica, medica, recopilada e deduzida da melhor doutrina dos escriptores antigos e dos modernos de todas as mais nações, em que se trata da Fisiologia universal, e da Pathologia geral dos Apostemas, e em particular cada huma em seu proprio capitulo, seu methodo curativo, e suas operações.*

Primeira parte, Lisboa, por Bernardo Antonio d'Oliveira, 1754. —Ibi., por Antonio Rodrigues Galhardo, 1771. —Ibi., por Simão Thaddeo Ferreira, 1790.

Segunda parte, Lisboa, por Antonio Rodrigues Galhardo, 1761. —Ibi., pelo mesmo, 1769.—Ibi., por Francisco Luiz Ameno, 1780.—Ibi., por Simão Thaddeo Ferreira, 1790. (Serrano).

4.º *Dissertação pratica do exostose, e da carie dos ossos, da sua cura com as maiores providencias, e operaçoens precisas: da amputação do Femur pela sua articulação superior: da espinha ventosa, da espinha Bifida, da Raquitis, e do Ankylose.* Lisboa, na offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, MDCCLXXII.

Assim na *Arte phlebotomanica,* que seja dito de passagem se avantaja ás publicações congeneres pelos conhecimentos que o seu auctor possuia da circulação do sangue, encontram-se dois capitulos, um sobre as arterias e outro sobre as veias. Estes capitulos são escriptos sobre o livro de Santucci, «sem corrigil-o nem amplial-o, ou se n'algum ponto discrepa d'elle, é para peorar a lição do mestre». Além d'isto, a obra está inquinada de grande numero de erros, uns apenas de revisão, outros menos frequentes mas mais graves, em que a doutrina de Santucci é prejudicada pela exposição do discipulo.

Igualmente, na *Cirurgia classica* encontra-se um resumo de anatomia tão exiguo, que apenas occupa 16 paginas.

Apartando-se da ordem seguida por Santucci, em que os orgãos são descriptos por systemas anatomicos, volta a descrevel-os por regiões: tronco e membros, arterias, artus, ramos ou extremidades. O tronco começa no alto da cabeça, e acaba no pubis pela frente e no fim do sacro e do coccyx atraz.

No tronco encontram-se tres cavidades: cabeça, thorax e abdomen. Na descripção, ou melhor na menção das differentes partes que constituem estas regiões, é extremamente resumido, mas sem inscrever erros de importancia que deslustrassem a reputação do mestre. A linguagem empregada, essa é muitas vezes para deplorar, quer na escolha do vocabulario, quer no que respeita ao estylo.

Escassas noticias se nos conservaram de Manuel Lopes. Apenas se póde affirmar que foi discipulo de Santucci, e que era familiar do Santo Officio e cirurgião dos carceres da Inquisição. Ainda se póde colligir que deveria ter terminado o seu curso pouco mais ou menos por 1738, visto que as primeiras observações que consigna no seu livro datam do anno seguinte.

Escreveu Manuel Lopes uma *Analysis da algebra,* que se nos afigura destacar no meio das publicações de igual natureza que se publicaram no seculo XVIII. N'este livro encontram-se desenvolvidos capitulos relativos á anatomia. Assim, logo no principio se occupa dos ossos em geral, assim como

dá ideia resumida das cartilagens, ligamentos, nervos, musculos, arterias e veias, baseando a sua exposição na obra do seu «grande mestre Bernardo de Santucci». De facto Manuel Lopes conhecia bem a anatomia, e «não só a especulativa, mas a que se adquire com as lições e demonstrações que se fazem nos cadaveres».

Expondo as fracturas e deslocações, segundo as regiões do corpo, cabeça, tronco e membros, o primeiro capitulo de cada uma d'estas tres divisões é consagrado á descripção anatomica da região correspondente; occupando-se principalmente dos ossos e dos musculos que trata com desenvolvimento. Mas, estudando-se e comparando-se com a de Santucci, verifica-se que a anatomia de Manuel Lopes é a do seu mestre que umas vezes modifica na redacção, simplificando-a ligeiramente na nomenclatura, mas que por vezes copía quasi textualmente. Se portanto nenhuma novidade se encontra n'este livro, ao menos póde dizer-se que Manuel Lopes foi o primeiro cirurgião algebrista que possuiu bem a anatomia indispensavel ao exercicio da sua profissão [1].

Agora que seguimos, nos discipulos de Santucci, a tradição do mestre, prosigamos na apreciação dos professores de anatomia em Lisboa.

Desde 1747 até 1750 permaneceu inoccupada a cadeira, o que Leitão attribue a que havia junto do throno «um inimigo capital d'esta sciencia». A haver, porém, inimizade, mais se dirigiria ao ultimo professor do que á sciencia que cultivava, visto que, ao tempo que voltou a haver um anatomico em Lis-

---

[1] *Analysis da algebra ou exame dos ossos do corpo humano, e suas articulaçoens, fracturas, deslocaçoens e corrupçoens, etc. Obra util para os que quizerem aprender a Anatomia, e saber reduzir e curar as enfermidades dos ossos do corpo humano dividida em tres partes, e cada huma em tres discursos, com hũ preliminar e outro singular da corrupção. Dedicada ao serenissimo senhor D. Fernando de Lima Telles da Silva pelo seu auctor, familiar do Santo Officio, cirurgião anatomico approvado, e para os carceres da Santa Inquisição de Lisboa.* Lisboa, na officina de Domingos Gonsalves. Anno de MCCLX (*sic*). Com todas as licenças necessarias.

boa, ainda era vivo Bernardo Santucci, que facil seria fazer regressar da Italia.

D'esta vez, o professor escolhido foi Pedro Dufau, que entrava em Portugal apadrinhado dedicadamente por Sebastião José de Carvalho, mais tarde o omnipotente marquez de Pombal.

Devem-se ao professor Serrano, a respeito de Dufau, fructuosas pesquizas que submetteremos a larga contribuição. Pedro Jazede Dufau Daressy nasceu na communa de Conchez, bispado de Luçon em França, pelos annos de 1717. Descendia de mercadores de pannos, tendo sido seus paes Bernardo de Jazede e Maria de Gaje Dufau; avós paternos Daniel Jazede e Catharina Dufau; e avós maternos João Dufau e Catharina de Gaje.

Estudou em Pau, capital da provincia onde nascera, e ali exerceu a cirurgia, sendo em seguida cirurgião militar em Hespanha, e nos exercitos da rainha da Hungria. Terminada a guerra em que estes andavam empenhados, occupou o cargo de cirurgião-mór no Real Hospital dos Militares em Vienna d'Austria, onde conheceu Sebastião José de Carvalho, que se declarou seu protector. Retirando-se este de Vienna em 1746 ou no anno seguinte, acompanhou-o na viagem Pedro Dufau e demorou-se em Madrid por algum tempo, emquanto o grande ministro se empenhava em obter-lhe a nomeação de professor de anatomia, que alcançou em 1750. No exercicio do cargo, e com a protecção, que nunca o abandonou, do marquez de Pombal, foi nomeado mais tarde cavalleiro da ordem de Christo e cirurgião do collegio dos Nobres, além de alcançar outras mercês pecuniarias. Ao cabo de quatorze annos de ensino, em 1764, quando ainda estava em pleno vigor, era jubilado, ausentando-se para França em 1767 onde morreu, em Pau, a 18 de maio de 1806 [1].

A obra de Pedro Dufau está toda na sua *Exposição de anatomia*. É ella um resumo d'esta parte da medicina, mas es-

---

[1] Serrano, op. cit., II, pag. CXXI e seguintes.

cripta com bastante clareza e adequada á intelligencia pouco desenvolvida dos praticantes de cirurgia. Além da osteologia e myologia, occupa-se da arthrologia como uma dependencia do estudo dos ossos.

Abre por uma justificação da necessidade do estudo da anatomia; dá uma ligeira noticia das suas divisões; e, passando logo á osteologia, expõe a formação e composição dos ossos; descreve as suas partes essenciaes e accessorias; e procede á divisão das articulações, seguindo na descripção dos ossos em especial.

Pelo que diz respeito á myologia, ainda é mais succinta a noticia, tornando-se, como lhe chama o auctor, mais *uma abreviação em fórma de taboada,* do que outra coisa. A descripção dos musculos limita-se apenas á menção das suas inserções e usos.

A nomenclatura seguida por Dufau, quer no que respeita a ossos quer no que respeita aos musculos, é pouco mais ou menos a que ainda hoje se emprega. A concisão com que está escripta mostra bem que ao seu auctor era familiar a pratica das dissecções, e que dava mais apreço á simples menção dos seus resultados do que a accumular opiniões e citações de auctores [1].

O professor Serrano emitte, a respeito do livro de Pedro

---

[1] São duas as obras de Dufau conhecidas:

1.ª *Breve e compendiosa dissertação da anatomia pelo que respeita aos ossos do corpo humano, dividida em quatro partes: Primeira que trata dos ossos em geral. Segunda, dos ossos da cabeça. Terceira, dos ossos do tronco Quarta, dos ossos das extremidades. Composta por Pedro Dufau, anatomico do Hospital Real de Todos os Santos.* Lisboa, na officina de Miguel Manescal da Costa, impressor do S. Officio. Anno 1750. Com todas as licenças necessarias. Volume in-8.º de 84 pag. numeradas, precedidas de 4 não numeradas. (Serrano).

2.ª *Exposição da anatomia pelo que respeita á osteologia, e á sarcologia: a osteologia se divide em quatro partes, a primeira trata dos ossos em geral, a segunda dos ossos da cabeça, a terceira dos ossos do tronco, e a quarta dos ossos das extremidades. A sarcologia, ou myologia dá o conhecimento de todos os musculos do corpo humano. Offerecida ao illustriss. e excell. senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, do conselho de Sua Magestade, se-*

Dufau, o seguinte parecer: «... o livro é bem escripto e... tem methodo, clareza, sobriedade e concisão. Se fôra expurgado da chusma de gallicismos repugnantes que o inquinam, era compendio modelo nos assumptos que trata. Quanto á doutrina, penso poder affirmar, que na maxima parte é uma abreviação da osteologia e myologia da obra de Winslow — *Exposition anatomique de la structure du corps humain,* publicada em Pariz em 1732» [1].

Os defeitos que o professor Serrano lhe aponta, são na fórma, a cópia de gallicismos de que está recheado, e na substancia, como compendio o discorrer apenas por dois systemas, os ossos e os musculos, além de que a myologia, deficiente, é descripta pelo ruim methodo que tudo subordina á sua funcção.

Deixou Dufau numerosos discipulos que honraram o mestre e occuparam posição eminente. O mais illustre foi o cirurgião portuguez Manuel Constancio.

Manuel Constancio, segundo uns, e segundo outros Manuel Constantino Alves, nasceu em Sentieiras, junto do Sardoal e de Abrantes, no anno de 1725. Recebeu em Abrantes uma educação mesquinha, e desde logo começou a estudar a cirurgia no hospital d'aquella villa.

Não se satisfazendo com os escassos meios de estudo que alli tinha, Constancio dirigiu-se a Lisboa, onde foi o primeiro discipulo de Dufau, que desde logo lhe percebeu as aptidões.

« Extremava-se Manuel Constancio, diz um seu biographo, pela superioridade do seu talento, pureza de costumes e ap-

---

nhor donatario das villas de Pombal, Carvalho e Cercosa, e do Reguengo, e direitos reaes da de Oeiras, commendador das commendas de S. Miguel das tres Minas, e Santa Marinha da Matta de Lobos da ordem de Christo, e secretario de Estado dos Negocios do Reino, etc. Por Pedro Dufau, cavalleiro professo na ordem de Christo, anatomico regio do Hospital Real de Todos os Santos, e antigo cirurgião mór nos exercitos imperiaes, etc. Lisboa, na officina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Officio. Anno de 1764. Com as licenças necessarias.

A primeira d'estas duas obras está toda reproduzida na segunda.

[1] Serrano, op. cit., II, pag. CXLI.

plicação tenacissima, e em breve grangeou, por estas prendas, a estima e consideração d'aquelle professor eximio» [1].

Aconselhou Dufau a Constancio que se applicasse á lingua franceza para se aproveitar das excellentes obras que n'ella havia escriptas, e com este pequeno auxilio e com a sua constante applicação adquiriu tantos creditos, que foi nomeado cirurgião do exercito na guerra de 1762, acompanhando o corpo de tropas que era commandado pelo marquez de Marialva.

Na volta da campanha, Dufau pediu que lhe nomeassem um substituto, indicando Manuel Constancio para esse logar. Concederam-lhe o que pedia, ficando desde logo o cirurgião portuguez a reger a cadeira, não tratando Dufau senão de obter a sua jubilação que conseguiu em 1764, anno em que Constancio foi definitivamente nomeado professor de anatomia [2].

Dos esforços que fez para levantar o ensino, não sejam os nacionaes que apreciem. Cedamos a palavra a Balbi, que ninguem poderá ter como suspeito de favor. «Manuel Constancio, apaixonado pela cirurgia, concebeu e executou sem auxilio d'outrem o projecto difficil de tirar a sua arte do estado abjecto em que tinha caído na sua patria. Teve a satisfação de vêr em vida realisados em grande parte os seus desejos. Foi pelas suas lições, pelos seus conselhos e muitas vezes pela sua liberalidade, que grande numero dos seus discipulos se elevaram ao logar distincto que occupam hoje na cirurgia portugueza. Estes progressos rapidos foram devidos pela maior parte ao methodo de ensino mutuo e progressivo que empregou na instrucção dos seus numerosos alumnos, methodo que só por si seria bastante para formar a reputação de qualquer outro professor» [3].

Consistia este methodo, que tão bons resultados produ-

---

[1] Rodrigues de Gusmão, *Memorias biographicas dos medicos e cirurgiões portuguezes que, no presente seculo, se têm feito conhecidos por seus escriptos.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, pag. 156.

[2] Leitão, *Cirurgia,* I, pag. 359.

[3] *Essai statistique,* II, app.

ziu, em leccionarem os mais adiantados os diversos ramos de anatomia aos principiantes, servindo-lhes de examinadores nos tratados em que já tivessem sido approvados. Cada discipulo fazia successivamente exame das differentes secções que estudára, e só começava o aprendizado da secção seguinte depois d'esse exame.

Nas dissecções seguia-se o mesmo methodo de ensino. Faziam os mais adiantados as preparações que serviam para o estudo aos mais modernos [1].

Não sabemos se o methodo era excellente, mas se pelos fructos que deu se apreciar, nenhum se lhe podia comparar. A phalange de cirurgiões que creou, alguns dos quaes deram o maior lustre á medicina nacional, é mais que sufficiente para o demonstrar.

Era já de avançada idade, mas sempre devotado á instrucção cirurgica quando, aproveitando-se da influencia que soubera grangear na rainha, de quem era cirurgião, a levou a mandar ao estrangeiro alguns dos seus discipulos para se pôrem ao facto das modernas descobertas cirurgicas.

Partiram effectivamente em 1791, para Londres Francisco José de Paula, Manuel Alvares da Costa Barreto e Antonio d'Almeida, já n'essa occasião lente de medicina operatoria, e para Edimburgo Jacintho José Vieira, Antonio Maria do Couto, Clemente dos Santos Monteiro, etc.

Projectava Manuel Constancio uma reforma da escóla de cirurgia, para a qual se deviam aproveitar estes cirurgiões. Mallogrou-se esta sua diligencia e a reforma só mais tarde se fez.

Uma carreira tão illustre terminou em 1817, quando Constancio, aos noventa e dois annos de idade, falleceu na sua quinta de Sentieiras.

Não deixou Manuel Constancio obra alguma impressa ou manuscripta por que hoje possa ser apreciado o seu valor; mas um seu discipulo, Antonio do Espirito Santo, recolheu as

---

[1] Rodrigues de Gusmão, op. cit., pag. 158.

lições do mestre n'um manuscripto que pertence hoje ao nosso collega Baetta Neves [1].

Na dedicatoria, que d'elle faz a Maria Virgem este obscuro praticante de cirurgia, diz-se:

« A lemitada obra que vos dedico he Anathomia o mais correta, colhida de varios Authores, os mais peritos que desta sciencia tem descrevido thé o prezente; e agora novamente corregida, e augmentada, assim no pratico como no theorico, segundo as melhores opinioens: ditada aos Estudantes desta faculdade n'este Hospital Real de S. Jozé, por Manuel Constancio, Lente Regio da mesma faculdade, e meu sapientissimo Mestre ».

Em seguida a esta dedicatoria, vem um prologo e um elogio em que são exaltadas as vantagens d'esta parte da medicina, e em que são citados como seus principaes cultores Harvey, Bertholin, Falopia, Ruysch, Malpighi, Vangelu, Martim Martinez e Verdier.

Entra-se em seguida n'um capitulo que trata da anatomia em geral e no qual o corpo humano é dividido em quatro regiões: cabeça, pescoço, tronco e extremidades. Descreve summariamente estas diversas regiões, consignando algumas noções de anatomia geral e divide o estudo d'esta sciencia em duas secções: uma que se occupa das partes duras, a osteologia; outra que se occupa das partes brandas, a sarcologia. Esta a seu turno é dividida em myologia, angeologia, nervologia, splanchnologia e adenologia.

Cada uma d'estas partes é em seguida estudada com um

---

[1] *Anathomia a mais correcta, colhida de varios authores, os mais peritos que desta sciencia tem descrevido té ao prezente, agora novamente corregida, e augmentada assim no pratico, como no theorico segundo as melhores opinioens: ditada aos praticantes desta faculdade neste hospital de S. Jozé por Manoel Constancio Lente Regio desta mesma faculdade. E agora de novo descripta por Antonio do Espirito Santo, dos seus Praticantes o mais humilde. Dividida em sinco tractados.* Lisboa neste Hospital Real de S. Jozé; Anno de 1780.

A primeira noticia d'este manuscripto foi publicada pelo seu possuidor na *Coimbra Medica*, XI, 1891, pag. 93; posteriormente publicaram-se os primeiros capitulos nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, IV, V e VI.

certo desenvolvimento e precisão; encontram-se todavia por vezes noções inexactas, e mais frequentemente uma terminologia afrancezada, ou porque a Manuel Constancio servissem principalmente livros francezes para a organisação do seu, ou porque a tradição do seu mestre Pedro Dufau fizesse conservar no ensino numerosos gallicismos que inçam a obra.

Cada um dos cinco tratados é precedido d'um estudo geral da materia tratada. Assim no primeiro divide o esqueleto em cabeça, tronco e extremidades. A cabeça é separada em craneo e rosto. O craneo comprehende oito ossos, divididos em communs e proprios, pares e impares. Considera proprios os parietaes, e communs, por concorrerem na constituição da face, o coronal, os temporaes, o esphenoide e o ethmoide. O rosto é dividido em tres regiões: testa, queixo superior e queixo inferior. A testa é formada pelo coronal, ainda que para ella concorram as extremidades das azas do esphenoide; o queixo superior é formado por ossos communs: esphenoide, ethmoide e temporaes, e por ossos proprios: unguis, proprios do nariz, pomulos, maxillares superiores, turbinados inferiores, palatinos e vomer, além dos dezeseis dentes; o queixo inferior é constituido pela mandibula e por dezeseis dentes. Completam o craneo os ossos do ouvido: bigorna, estribo, martello e orbicular, o hyoide e os ossos wormios, a que chama vermiosos.

O tronco comprehende tres regiões: uma commum, o espinhaço, e duas proprias: peito e bacia.

O espinhaço é dividido em pescoço, dorso, lombos, sacro e coccyx, sendo o pescoço constituido por sete vertebras, o dorso por doze, o sacro por cinco ou seis e o coccyx por tres ou quatro. Distingue as vertebras cervicaes e dorsaes das sagradas e coccygianas, chamando ás primeiras verdadeiras e ás segundas espurias.

O peito é constituido por trinta e sete ossos: uns proprios, as vinte e quatro costellas e o esterno, outros communs: as doze vertebras dorsaes.

Na bacia entram quatro ossos: dois proprios, innominados dos antigos, e dois communs, o sacro e o coccyx. Nos indivi-

duos *de menor idade,* os innominados estão separados em ischions, ileons e pubis.

As extremidades superiores comprehendem quatro regiões: espadua, braço, antebraço e mão. A espadua tem dois ossos, a clavicula e o omoplata, o braço um só, o humero; o antebraço dois, o cubitus e o radius. A mão divide-se em carpo, metacarpo e dedos. O carpo tem oito ossos e está dividido em duas fileiras: a primeira é formada por tres ossos, um dos quaes é o navicular; a segunda por quatro: trapezio, trapezoide, pyramidal ou grande, *corochu* ou cuniforme. O oitavo osso, o pisiforme, está *fóra das fileiras.*

No metacarpo, apenas descreve quatro metacarpianos, sendo em compensação o pollegar formado por tres *flanges.*

Cada uma das extremidades inferiores é distinguida em quatro partes: côxa, joelho, perna e pé. A côxa tem um osso, o femur; o joelho outro, a rodela; a perna dois: a tibia e o peroneo, e o pé comprehende quatro regiões: tarso, metatarso e dedos. O tarso é formado pelo astragalo, calcaneo, escaphoideo, cuboideo e tres cuneiformes (maior, menor e minimo). O metatarso é constituido por cinco metatarsianos. Os dedos são formados cada um de tres *flanges,* á excepção do maior que é formado por duas apenas. Na somma total dos ossos, menciona tambem os sesamoideos.

Como exemplo apenas, nos demos ao trabalho de extractar este capitulo. Nos outros, a descripção dos orgãos é precedida de um estudo geral do assumpto a descrever. Pareceu-nos que em geral as descripções são bastante exactas, embora se encontrem erros, parte dos quaes são certamente devidos ao discipulo que recolhia a lição. A obra de Manuel Constancio, tal como imperfeitamente póde ser apreciada, parece-nos corresponder á reputação que o seu auctor grangeou. A exposição é clara, feita por um methodo rigorosamente anatomico, e separada em systemas anatomicos. Afigura-se-nos bem que a *Anatomia* de Manuel Constancio hombrearia com a de Santucci, se fosse expurgada de gallicismos e de incorrecções, cuja responsabilidade nem sempre se póde imputar com justiça ao seu auctor.

*

PHYSIOLOGIA

O estudo da physiologia, como ramo especial da medicina, ainda se achava muito descurado entre nós e em geral por toda a parte no seculo XVIII. Ao descreverem-se os diversos orgãos nos tratados de anatomia, diziam-se os seus usos, por um methodo mais ou menos imitado de Galeno. Não admira, portanto, que se não encontrem monographias que a tenham por objecto. Vamos vêr que, a não ser a respeito da circulação do sangue, descoberta que abalára por completo o edificio da medicina antiga, nenhuma questão d'esta natureza occupou o espirito dos nossos medicos. E ainda esta póde dizer-se que foi apenas objecto d'um trabalho original, o de João Marques Correia.

João Marques Correia era natural de Beja. Affirma Barbosa Machado que nasceu em 20 de junho de 1671 e que foram seus paes Luiz Marques e Maria Josefa. Estudou humanidades e philosophia em Evora e a medicina na Universidade de Coimbra, onde, segundo o mesmo Barbosa, recebeu o gráu de mestre em artes a 17 de março de 1692 e se formou a 23 de junho de 1696, sendo examinador de licenciados e bachareis. Exerceu a medicina primeiro em Campo de Ourique e depois em Beja, onde morreu conforme affirmam o douto abbade de Cever e Innocencio, em 16 de junho de 1745 [1].

Publicou um livro interessante, em que a descoberta de Harvey é exposta com muita lucidez e desenvolvimento. Occupa-se em primeiro logar da anatomia do coração, vasos e arterias que d'elle saem, em que se soccorreu de Vesalio, João Doleo, Etmuller e sobretudo de Pedro Dionis. Ha n'este tratado uma passagem que dá nitida ideia dos seus conhecimentos anatomicos e physiologicos, e demonstra que J. Marques Correia tinha noticia dos chyliferos, descobertos em 1622

[1] Os dados biographicos acima publicados são colhidos na *Bibliotheca Lusitana* e no panegyrico, assignado por Joseph Lopes Pombeiro, que precede a obra de João Marques Correia.

por Aselli; da circulação do sangue, publicada em 1628 por Harvey; dos canaes de Wirsung e das funcções do pancreas conhecidos desde 1642; dos vasos lymphaticos, cuja descoberta attribue a um anatomico sueco Olau Budbacio e a Thomaz Bartholin; do canal thoracico, descripto por Pecquet em 1651; e dos ductos salivares superiores, assignalados por Stenon em 1661. Além d'isto, parece que se entregou a algumas dissecções, visto que falla na disposição das fibras musculares na abertura da veia cava, descrevendo particularidades que não encontrára em anatomico algum.

É nos capitulos seguintes que Marques Correia se occupa da circulação, seguindo em tudo a descripção do phenomeno, apresentada por Harvey, e reproduzindo as experiencias que lhe servem de confirmação. Suppomos que foi sobretudo a obra de Pedro Dionis que lhe serviu de guia, mas fosse ou não fosse, o livro do nosso compatriota é um trabalho serio, meditado, apresentado n'uma linguagem precisa, se bem que n'alguns pontos empolada e pretenciosa [1].

Um obscuro cirurgião portuense, Alexandre da Cunha, reduziu o livro de João Marques Correia a fórma dialogal, aproveitando-se por completo do texto d'aquelle, a que fez soffrer algumas mutilações, com o fim de o tornar mais accessivel á comprehensão dos praticantes de cirurgia [2].

---

[1] *Tratado physiologico, medico-physico, e anatomico da circulação do sangue. Dividido em quatro capitulos. Em o primeiro se trata da Anatomia do coração, veas e arterias, que entrão, e sahem d'elle. No segundo se trata dos maravilhosos movimentos do coração, e suas peregrinas causas em doutrina Antiga e Moderna. No terceiro da verdadeira e perenne circulação do sangue, em cujo movimento consiste precisamente a vida. No quarto em que se dissolvem totalmente os argumentos, que se podem pôr contra a circulação do sangue pelo doutor João Marques Correia, Medico formado, e graduado em Artes pela Universidade de Coimbra, e n'ella muitas vezes Examinador de Bachareis e Licenciados, Partidista do Real Convento das Religiosas da Conceição da cidade de Beja. Dedicado ao serenissimo senhor D. Francisco infante de Portugal.* Lisboa Occidental, na officina de Antonio Correia Lemos. Anno MDCCLXXXV. Com todas as licenças necessarias.

[2] *Tratado physiologico medico-phisico, chirurgico e anathomico da circulaçam do sangue. Dividido em IV capitulos e dado á luz no anno de 1735 pelo*

Alexandre da Cunha nasceu em Mondim da Beira; frequentou os hospitaes de Lisboa, Evora, Almeida e Porto, residindo por muito tempo n'esta cidade, onde fez parte da Real Academia Cirurgica, fundada por Manuel Gomes Lima. Algum tempo antes, n'outro seu livro, dera tambem noticia da chylificação, fundando-se, para a sua exposição, nos trabalhos do hespanhol Martim Martinez [1].

Outro cirurgião e medico portuense, Francisco José Brandão, publicava uma traducção d'um opusculo francez sobre a circulação, accrescentando-lhe algumas notas da sua lavra, notas que em geral têm pouco valor, comquanto demonstrem alguns conhecimentos anatomicos por parte do seu auctor [2]. Segundo Sá Mattos, que o conheceu pessoalmente, Brandão nasceu em Santa Maria de Guiães, comarca de Villa Real, em 1738. Obteve a sua carta de cirurgião no Porto e foi, quando

---

doutor Joam Marques Correa, Agora redusido á fórma de Dialogos, e tirados os textos latinos para melhor intelligencia dos cirurgioens romancistas; com a addição de hum capitulo sobre huma Questão, que se moveu entre dous Professores Cirurgicos a respeito da inteligencia dos nomes vulnus e ulcus, Suas diferenças, e curativo; emendado das erratas, com que sahio á luz. Dedicado ao glorioso patriarcha S. Joseph por Alexandre da Cunha, Assistente na cidade do Porto e natural da villa de Mondim, Bispado de Lamego; Cirurgião aprovado por Sua Magestade Fidelissima o senhor D. Joam V de gloriosa memoria. Porto, na officina de Francisco Mendes Lima. Anno de 1761. Com todas as licenças necessarias.

[1] *Ramalhete de duvidas, colhido no jardim aulico de Pedro da Fonseca Ferreyra. Cirurgião que foi do Hospital Real d'esta cidade do Porto. Nova addiçam a Antonio Ferreira. Em que se achará hum Tratado anatomico, por estilo moderno e o como se faz o chylo; com varios Tratados de duvidas por modo de Dialogo, e outros discursos mais, pertencentes á Arte Cirurgica, e no fim hum Appendix de remedios selectos. Dedicado a Nossa Senhora do Valle por seu Auctor Alexandre da Cunha, Cirurgião Academico do numero designado, substituto do consultor da Real Academia Portuense, natural da Villa de Mondim, Bispado de Lamego e assistente n'esta cidade do Porto.* Porto, na offic. de Francisco Mendes Lima. Anno de 1759. Com todas as licenças necessarias.

[2] *Instrução breve sobre a circulaçam do sangue; enrequecida com Notas para utilidade dos Principiantes, por Francisco José Brandam, cirurgião approvado da cidade do Porto.* Porto, na offic. Episcopal do capit. Manuel Pedroso Coimbra, MDCCLXI. Com as licenças necessarias.

já tinha larga clientela, frequentar a Universidade, onde obteve o gráu de Mestre em Artes e de bacharel em medicina. Segundo o mesmo Sá Mattos, morreu em 1773 [1].

Desejando levar de seguida os trabalhos que tiveram por objecto a circulação, não mencionamos na devida altura, determinada por uma exacta chronologia, os do catalão Monravá, já lembrado a proposito da sua anatomia.

Ora, a physiologia tambem fazia objecto do seu curso, e é exposta com pouco desenvolvimento na sua *Novissima medicina*. Occupa-se da respiração cujo destino é a falla, facilitar a expulsão da saliva, e temperar o calor das entranhas. Na exposição da circulação, opina que o coração se move por si, da mesma sorte que o sol anda por sua carreira circular. Trata da menstruação, attribuindo o fluxo mensal á influencia d'um fermento uterino, e acreditando na influencia malefica que as mulheres n'este periodo exercem na corrupção das plantas, do mosto, da cerveja, etc. Expõe os signaes do parto, muito incompletamente; divide os sentidos em internos e externos; ao tratar dos humores, não acredita na existencia do humor melancholico, da pituita e do succo nervoso; explana bem a chylificação, rebatendo algumas opiniões de Martim Martinez, e termina com uma descripção da sanguificação e da filtração [2].

Como se vê, a physiologia de Monravá e Roca não vale mais do que a sua anatomia. Nem mereceria a pena lembral-a, se não encontrassemos na sua obra clara demonstração de que se o seu ensino anatomico tinha, a avultar-lhe a importancia, o cuidado que lhe mereciam as dissecções, igualmente se praticavam n'elle experiencias de physiologia, certamente as primeiras que entre nós se fizeram.

Em 1739, dava elle conta dos resultados colhidos n'alguns ensaios de physiologia e pathologia experimentaes. Diz respeito a primeira experiencia ao movimento do coração, e consistiu em abrir o thorax d'um cão e observar as pulsações cardiacas;

---

[1] Sá Mattos, op. cit., pag. 144 e 145.

[2] *Novissima medicina*, etc., vol. I.

a segunda teve por fim reconhecer os differentes involucros do feto, para o que abriu o utero d'uma cadella prenhe; a terceira levou em vista verificar se as feridas penetrantes da cavidade abdominal, com lesão do intestino, eram susceptiveis de cura, o que effectivamente se demonstrou n'um cão; a quarta consistiu na dissecção microscopica d'uma mosca; finalmente, a quinta foi destinada a averiguar se eram curaveis as feridas do estomago, o que foi resolvido affirmativamente perante os resultados colhidos n'um cão [1].

Mais tarde, procedeu em si e n'um creado, durante um anno ininterrompidamente, á pesagem systematica dos *ingesta* e dos *excreta*, para determinar o que se perdia pela transpiração e pela exhalação pulmonar [2]; e demonstrava durante tres dias, em presença do conde d'Atouguia e do marquez de Fronteira, a circulação do sangue em tres tartarugas [3].

Ora se estas experiencias não têm em geral grande valor, demonstram que Monravá e Roca, com todos os seus defeitos, procurava levantar o nivel do ensino cirurgico a uma altura que nunca fôra attingida entre nós.

PATHOLOGIA E CLINICA CIRURGICAS

No seculo XVIII, manifesta-se no dominio da cirurgia uma febre de producção que se affirma por grande numero de publicações, mais ou menos dignas de memoria.

Exporemos por ordem chronologica o que se póde colher dos differentes tratados geraes, reservando para apreciarmos depois as monographias sobre alguns dos ramos da cirurgia.

Vem em primeiro logar a *Cirurgia reformada* de Feliciano d'Almeida, a quem consagramos algumas palavras ao estudar-

---

[1] *Operações anatomicas e cirurgicas que tem feito no mez de Janeiro d'este presente anno de 1739 na sua Academia das quatro sciencias, o Dr. D. Antonio de Monravá e Roca.* Lisboa Occidental, 1739.

[2] *Novissima medicina,* I, *in fine.*

[3] Id., II, pag. 12 e 13.

mos a anatomia no seculo XVIII. Foi ideia de Feliciano d'Almeida apresentar um tratado de cirurgia, em que fosse actualisado o de Antonio Ferreira, que ainda andava e continuaria a andar nas mãos dos praticantes. Conseguiu-o em parte, porque de facto se encontra no seu livro a menção de differentes descobertas posteriores a 1670 e noticia de escriptores, que Ferreira não podia ter conhecido. Mas, ao passo que d'este modo tendia a formar uma obra de proveitosa leitura para os praticantes, prejudicava-a com a inclusão de numerosos erros, uns por falta de nitida comprehensão de algumas das novas conquistas scientificas, outros por demasiada credulidade.

Como demonstração do que dizemos, bastará apontar que, apezar de conhecer a circulação do sangue, não tirou d'ella o proveito que era de esperar no diagnostico e tratamento das feridas, e que aconselha grande numero de medicamentos de incertissima efficacia, como por exemplo o sangue de cão nas queimaduras e erysipela.

Abundam em Feliciano d'Almeida notas e observações pessoaes. A maior parte, porém, tem pouco valor, ou referem-se ao que viu e não ao que praticou.

Nas feridas da cabeça, com fractura ossea, rejeita o emprego do trepano, servindo-se de medicamentos; aconselha na catarata o processo do abaixamento, mas nunca o executou; tinha conhecimento do microscopio, no qual falla a proposito do exame do leite; não emprega os anesthesicos, ainda desconhecidos na época, mas viu em S. Maló um cirurgião cortar um membro, depois de dar ao paciente uma bebida narcotica que permittira effectuar a operação sem dôr; viu tambem em Inglaterra fazer a lithotomia que alli entrára na pratica diaria, mas de parte alguma do seu livro consta que a praticasse.

Se, pois, se encontra na *Cirurgia reformada* algum progresso sobre os anteriores tratados de cirurgia, esse progresso traduz-se principalmente pela noticia do que em França, na Allemanha e na Inglaterra o seu auctor viu fazer.

João Lopes Corrêa, no seu *Castello Forte* (1723-1726), não se avantaja a Feliciano d'Almeida, apezar das enormes dimensões da sua obra. A maior latitude que dá á descripção das

enfermidades cirurgicas, a ampliação mesmo que faz do quadro nosologico adoptado nos anteriores tratados não envolve por via de regra vantagem alguma, antes é occasião para apresentar longas series de medicamentos, a maior parte sem proveito algum. Os ninhos das andorinhas, a lingua do raposo, o osso do pé direito do sapo, etc., tinham extraordinarias virtudes, e ao que elles não acudiam, maravilhosos *arcanos,* só conhecidos do auctor, effectuavam curas não menos maravilhosas.

Torna-se difficil, como diz Sá Mattos, «fazer separação de alguma coisa boa que pertença ao auctor»; procuraremos todavia inventariar summariamente o que de mais importante se encontra na sua obra.

Devemos notar logo de principio que João Lopes Corrêa possuia conhecimentos não vulgares de botanica medica, e que, sendo um sectario convicto do intro-chimismo, deu logar na sua obra, ao lado de extravagancias colhidas em Paracelso, a grande numero de compostos chimicos perfeitamente definidos que ainda hoje têm logar na therapeutica.

No que diz respeito ao tratamento propriamente cirurgico, não receia proceder á puncção na hydrocephalia volumosa, julgando de menos gravidade a operação do que a accumulação do liquido; extirpa as escrofulas volumosas, curando a ferida resultante da operação com aguardente; na constricção do esophago aconselha a dilatação por meio de velinhas; não pratíca a talha, que reputa muito perigosa; nos apertos da urethra, prefere a todos os meios de tratamento o emprego de tentas de chumbo cuidadosamente azougadas; na amenorrhêa, introduz no collo do utero mechas destinadas á dilatação; nas hemorrhagias, diz ter colhido grandes resultados da applicação da cravagem do trigo, etc. etc.

Data de 1740 a *Cirurgia Stahliana* de José Ferreira. Era este cirurgião natural da Batalha, onde nasceu em 1711, filho de José Fernandes e Margarida Ferreira [1]. Estudou a cirurgia

---

[1] Barbosa Machado, op. cit., II, pag. 851.

no Hospital Real de Todos os Santos, onde teve por mestre João de Sousa, cujos meritos encarece [1], devendo ter terminado o seu curso em 1736 ou no fim do anno anterior. A ajuizar do que diz Sá Mattos, morreu novo, sem se poder todavia precisar a data do seu fallecimento.

A *Cirurgia* de José Ferreira destaca-se mais pelo methodo com que está disposta do que por que apresente doutrinas novas ou observações que mereçam registo. Publicada quando ao auctor faltava a experiencia pessoal, visto que apenas tinha vinte e nove annos e exercia a profissão havia quatro ou cinco, não surprehende o facto. Nota-se uma prudente reserva no emprego dos medicamentos empyricos. Sobre as doutrinas sustentadas, apenas diremos que a respeito de aneurismas diz ter visto praticar no Hospital Real a laqueação da crural; aconselha no tratamento da catarata o processo do abaixamento; julga que se não deve intervir cirurgicamente nos casos de cancro; trata o hydrocele pela puncção, e viu seu mestre João de Sousa proceder á extirpação de tumores muito volumosos [2].

Já nos referimos a Santos de Torres, no estudo que consagramos á anatomia. O seu *Promptuario* (1741) é um livro relativamente apreciavel, e já rehabilitado por Bernardino Gomes das injustas apreciações de Sá Mattos.

A primeira coisa que ha de notar n'este livro é a simplicidade das fórmulas aconselhadas, simplicidade tanto mais para notar quanto a época era toda dada á polypharmacia. Ha ainda de louvar a abstenção do uso de substancias a que a

---

[1] *Cirurgia Stahliana*, pag. 325. João de Sousa, segundo o snr. Alfredo Luiz Lopes, foi nomeado mestre de sangria em 4 de dezembro de 1700, cirurgião dos males em 19 de dezembro de 1728 e cirurgião dos feridos em 7 de abril de 1738. Falleceu em 1740.

[2] *Cirurgia medico-pharmaceutica deduzida da doutrina Stahliana accõmodada ao curativo deste Paiz. Livro primeiro que comprehende a historia geral das congestões; e a particular dos abscessos, a que dão materia. Offerecida ao patriarca S. José e composta por José Ferreira, cirurgião lisbonense.* Lisboa Occidental, MDCCXXXX. Com todas as licenças necessarias.

nimia credulidade de alguns cirurgiões attribuia virtudes miraculosas.

Por vezes, Santos de Torres levanta a voz contra erros manifestos da sua época: insurge-se contra o uso dos adstringentes nos fleimões, dando a preferencia aos emollientes; condemna o uso das sangrias nas hydropesias, ligando bastante importancia ao uso dos purgantes n'este processo morbido; e limita o tratamento das enfermidades venereas a applicações locaes, reservando o mercurio para os symptomas geraes. É este um dos primeiros titulos que a obra tem á nossa consideração, visto como n'aquelle tempo se empregavam as fricções mercuriaes, até no tratamento de doenças em que estavam absolutamente contra-indicadas.

Defeitos tem-nos certamente a obra de Santos de Torres. Assim, quando se occupa da anatomia do craneo, mostra que os seus conhecimentos n'este ramo eram limitados; quando manda levar a applicação do mercurio até á provocação de um quartilho de saliva nas vinte e quatro horas procede viciosamente, etc.; mas as qualidades que acima referimos da sua obra são dignas de certa attenção. O proprio Sá Mattos se vê obrigado a confessal-o quando termina: «Não intentamos excluir a Torres do numero dos bons cirurgiões que teve Lisboa, porque a cada passo encontramos praticos, aliás excellentes, que nenhum geito têm para escreverem, etc., e bem se deverá vêr que este, do pouco que disse, mostrou applicação dos auctores vulgares, etc.»

É occasião de nos occuparmos dos trabalhos cirurgicos de Monravá e Roca cuja parte mais importante se acha incluida no segundo volume da sua *Novissima medicina.*

Examinemol-o primeiro emquanto á parte doutrinal, para em seguida o considerarmos como pratico.

Monravá trata os abcessos pelo ferro, pelo fogo ou com os causticos, segundo as regiões que occupam; as contusões com applicações de aguardente; os fleimões, abrindo-os largamente e não introduzindo mechas na incisão feita; não se cansa muito no emprego de medicamentos resolutivos e emollientes nas parotidas, anginas suppuradas, furunculos e panaricios, e

emprega o bisturi, mal existe pus; sarja e corta profundamente no carbunculo; combate os edemas, não pela sangria mas pelos purgantes; tenta a resolução nos scirros, e quando não dá resultado, extirpa-os; aconselha na catarata o processo do abaixamento; nos cancros, quando pequenos, extirpa-os ou trata-os pelos causticos; trata as escrofulas pelos resolutivos, que cedem logar aos causticos; laqueia a arteria no aneurisma, procedendo depois á abertura do sacco; trata a hydrocephalia pela trepanação, quando ainda não é grande a quantidade de liquido; nas collecções liquidas do utero, procura com um especulo o focinho de tenca e dá saída ao liquido; trata as hernias pela reducção; no tratamento das feridas que assentam sobre os ossos, legra-os, trepana-os ou amputa o membro; trata os apertos da urethra pelas velinhas e algalias, e, se não cedem, por meio da urethrotomia interna; todas as vezes que ha feridas do craneo, com fractura ossea, pratíca a trepanação; nas feridas do peito, procede a uma contra-abertura para dar facil saída aos productos formados; nas procidencias do utero, reduz este orgão e quando se ache em parte gangrenado amputa-o, etc.

D'este curto resumo vê-se que, na pratica de Monravá e Roca, ha realmente progresso sobre a cirurgia do tempo. Mas o seu merito avulta quando se saiba que, ao passo que a maior parte dos cirurgiões do tempo se limitavam a aconselhar, Monravá praticava. Em 1747, dizia o seu discipulo Damião de Ceita, familiar do Santo Officio, cirurgião da casa real e do convento de S. Vicente de Fóra, que antes da vinda do medico catalão para Lisboa «a maior operação cirurgica não passava da dependencia da lanceta apostemeira nos fleimonosos». Não ha grande exagero n'estas palavras. Monravá deve ter sido para o seu tempo um operador notavel. O que ficou dito, já o demonstraria; mas encontram-se documentos mais confirmativos. Assim, por exemplo, diz elle ter extirpado grande numero de cancros, um dos quaes do peso de 10 arrateis; parece que alguma vez, por motivo de calculos, praticára a talha; procedeu, em casos graves de distocia, á versão podalica, e á embryotomia; e praticou a extirpação d'um volumoso tumor do

peso de 3 libras, que occupava a parte interna da bocca, tendo por implantação o maxillar superior, e de tão avultadas dimensões que vinha repousar sobre o hombro do paciente [1].

Mas, se por estes titulos merece ser apontado á consideração dos contemporaneos, ensombra muito a sua memoria, além do seu amor á polemica esteril em que constantemente andou empenhado, a applicação contínua que fez nos casos difficeis, medicos e cirurgicos, de cinco remedios de sua invenção. Eram elles o *oleo humano, o espirito de sangue humano, o craneo humano, o sal humano e a mumia.* O *oleo humano* aproveitava nos tumores duros e frios, como scirros e gommas syphiliticas; nos padecimentos oculares, como a catarata e a nevoa; nas doenças de ouvidos, como o zunido e a surdez; e era de effeito miraculoso nas dôres articulares dependentes da syphilis, do escorbuto e do rheumatismo. Não eram, porém, estas as unicas virtudes que o recommendavam: fazia crescer o cabello, desapparecer as ephelides do rosto e até impedia a formação de rugas. O *espirito de sangue humano* excedia em muitos quilates o oleo humano. Combatia principalmente os padecimentos de origem nervosa, mas applicava-se na lithiase renal e vesical, nas cataratas, nas obstrucções do figado e do baço, na tinha e na lepra. O *craneo humano* era um poderoso fixante e absorvente de todo o acido fermentante exaltado. Recommendava-se na febre maligna e hectica, nos defluxos, na epilepsia, na loucura e nas convulsões.

O *sal humano* ainda era mais poderoso fixante do que o craneo. Fazia d'elle Monravá e Roca um miraculoso emplastro com que curava todas as hernias e fracturas. Finalmente, a *mumia* combatia todas as enfermidades que resistiam a outros tratamentos. A mumia era constituida de quatro substancias «a modo de Elementos formalmente, não só sem perda das suas configurações, mas talvez todos elles exaltadas» [2].

---

[1] Prologo do livro: *A un tiempo Feijoo defendido y Ribera convencido.* Antuerpia, 1732.

[2] *Cinco preciosos remedios tirados da mais rica mina e fructuosos campos,* no vol. II da *Novissima medicina.*

Proximo do termo do periodo cuja historia nos occupa, saía á luz a *Cirurgia classica* de Antonio Gomes Lourenço.

É um manual escripto segundo os moldes do livro de Antonio Ferreira, mas sem os desenvolvimentos que elle tem. As qualidades a que deve satisfazer uma obra n'estas condições, clareza, precisão e sobriedade, tem-n'as em gráu elevado. Avulta mais a grande parcimonia de fórmulas complicadas e asquerosas de que já temos citado numerosos exemplos. Em geral, os medicamentos aconselhados são ainda hoje empregados com proveito, e as indicações formuladas com exactidão. A maior parte dos escriptores da época accumulavam, a proposito de cada entidade morbida, numerosas observações que nada tinham de interessante. Gomes Lourenço, com uma modestia pouco vulgar, limita-se a dizer por vezes que praticou outra ou aquella operação com bom resultado. Quando muito duas ou tres linhas servem na maioria dos casos para dar conta dos factos mais importantes. Sirva, por exemplo, o trecho seguinte a proposito do hypospadias congenito: «Na urethra póde haver um pequeno orificio antes da glande do genital mais abaixo ou mais acima, por onde sae a urina e não sair pela extremidade da glande; e póde ser tão pequeno o orificio, que, não havendo liberdade para exito da urina, fórma um sacco e com grande inconveniente e dôres. Este orificio se deve dilatar com a ponta d'uma tesoura ou outro instrumento; e a mesma urina fará com que se não feche a urethra. Este caso o vi já e o remediei».

Estas qualidades tornam o livro bastante apreciavel, e não será preciso, para fortalecer a nossa opinião, mais do que recordar o nome do illustre cirurgião portuguez Antonio d'Almeida, que tinha em verdadeiro apreço o livro do seu predecessor.

Além d'estes tratados de cirurgia andavam nas mãos dos praticantes as traducções das obras de João de Vigo [1], de Le-

---

[1] *Syntagma chirurgico theorico-pratico de Joam de Vigo, offerecido ao excellentissimo senhor Dom Nuno Alvarez Pereyra de Mello, Duque de Cadaval, Marquez de Ferreyra, Conde de Tentugal, etc. Traduzido de latim em por-*

clerc [1], de Francisco Soares de Ribera [2], do celebre cirurgião inglez Sharp [3] e de Elias Col de Villars [4].

---

tuguez & accrescentado com hum Tratado de Feridas e hum Catalogo de remedios para muytas e varias enfermidades do corpo humano por Joseph Ferreyra de Movra. Cirurgião nesta Corte, natural de Torres Novas. Primeyra parte. Lisboa, na officina Real Deslandesiana, MDCCXIII. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

[1] *Cirurgia anatomica, & completa por perguntas e respostas, que contem os seus principios, a osteologia, a myologia, os tumores, as chagas, as feridas simplices, & compostas, as de armas de fogo, o modo de curar o morbo gallico, & o scorbuto, & a applicação das ataduras, & aparelhos, as fracturas, dislocaçoens, & todas as operaçoens chirurgicas. O modo de fazer a panacea mercurial, & de compor os remedios mais usados na cirurgia. Author Monsieur Leclerc medico d'ElRey Christianissimo. Traduzida em Portuguez por Joam Vigier.* Lisboa, na officina Real Deslandesiana. Anno MDCCXV. Com todas as licenças necessarias.

[2] *Cirurgia methodica e chymica reformada, sev avtor o doutor Francisco Soares da Ribeyra, do Gremio & claustro da Universidade de Salamanca. Traduzida de Castelhano em Portuguez pelo licenceado Manoel Gomes Pereyra. Offerece-a á Soberana e Milagrosa Virgem Maria, Mãy de Deos e Senhora nossa, com o Milagroso Titulo da Penha de França. Seu humilde Escravo Joseph Gomes Claro.* Lisboa Occidental, na officina Ferreyrenciana, MDCCXXI. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

[3] *Tratado das operaçoens de cirurgia, com as figuras, e descripçam dos Instrumentos de que nellas se faz uzo, e huma Introducção sobre a natureza e Methodo de tratar as Feridas, Abscessos e Chagas. Traduzido em Portuguez da quarta edição de Mons. Sharp, cirurgião do Hospital de Guy de Londres por J. de Castro Sarmento, Doutor em Medicina, do Collegio Real dos Medicos, e Socio da Real Sociedade. Que lhe ajunta, e accrecenta a Materia Cirurgica, ou todas as composiçoens, e remedios da presente Pratica dos Cirurgioens de Inglaterra, e as couzas mais principaes e precizas na Cirurgia.* Londres, MDCCXLVI. Lisboa, na officina de Joseph de Aquino Bulhoens, MDCCLXXIII. Com licença da real mesa censoria.

[4] *Curso de cirurgia dictado aos estudantes de medicina e cirurgia de Paris por mr. Elias Col de Vilars, doutor em medicina da Faculdade de Paris e professor de cirurgia em Lingua Franceza, traduzido em Portuguez... por Silvestre José de Carvalho, cirurgião approvado e do partido da Camera, e do Hospital Real da Cidade da Guarda,* etc.

Tomo I — Lisboa na regia officina typographica. Anno MDCCLXXI. Com licença da real mesa censoria.

Tomo II — Ibi., na mesma typographia e anno.

As monographias e trabalhos parciaes sobre a cirurgia e pathologia cirurgica são tão variados que se recusam a uma classificação regular. Il-os-hemos apreciando, portanto, por ordem chronologica, mas, sempre que seja possivel, aproximaremos os que tenham o mesmo objecto.

Deve-se a Manuel da Costa Monteiro, physico-mór das armadas, cirurgião approvado e cavalleiro professo da ordem de Christo, que exerceu a cirurgia em Coimbra, na praça de Mazagão, durante tres annos, e no Brazil, e que, segundo Sá Mattos, gozava de grande credito como cirurgião, um trabalho sobre a gangrena, no qual aconselha os causticos e sobretudo os preparados de antimonio. Encontra-se n'este livro entre outras observações interessantes, a da cura d'uma ferida contusa da cabeça, com perda de substancia cerebral, e seguida do apparecimento de convulsões [1].

Pouco tempo depois da publicação do livro de Costa Monteiro, apparecia o primeiro trabalho de Francisco Corrêa do Amaral Castello Branco, um dos cirurgiões que mais nomeada alcançaram no seculo XVIII entre nós. Amaral nasceu em Alemquer em 6 de janeiro de 1683, sendo filho de Nicolau Corrêa Lopes e Azambuja e de Antonia d'Almeida de Castello Branco [2]. Applicou-se ao estudo da grammatica e da philosophia, e mais tarde ao da arte cirurgica, devendo ter terminado o seu curso nos primeiros annos do seculo. Muito novo ainda, tomou parte na campanha com a Hespanha, onde andou, segundo elle mesmo conta, por espaço de sete annos. Feliciano d'Almeida, que o encontrou em 1704 em Penamacor, conta que o viu alli praticar uma operação delicada, que consistiu na sutura de uma ferida da nuca tão profunda que, cortados os tendões dos musculos posteriores do pescoço, a barba repousava sobre o peito. A ser verdadeira a data do nascimento marcada

---

[1] *Opusculo chirurgico dividido em tres Tratados. O primeyro da cura da Gangrena pela via Galenistica. O segundo da Gangrena pela via moderna. O terceyro das excellencias do ouro & cura que se faz com o seu oleo.* Lisboa, na off.ª de Antonio Pedroso Galrão, 1712.

[2] Barbosa Machado, op. cit., II, pag. 135.

por Barbosa, tinha então apenas vinte e um annos. Justificada seria portanto a admiração que o abbade de Cever diz ter causado nos cirurgiões extrangeiros que, nos acasos da guerra, se defrontaram com elle. De animo insoffrido, não se limitou a empunhar o bisturi durante a campanha, mas atirava-se aos inimigos na peleja, tendo tomado parte activa nos combates de Segura e de Tortosa. Em 1710, vinha estabelecer-se em Villa Franca de Xira, como cirurgião do partido d'esta villa e da proxima villa de Povos, e ahi residiu pelo menos até 1738. Desde então, nada pudemos apurar da sua vida, e nada se sabe sobre a data do fallecimento.

Das obras impressas de Francisco do Amaral apenas podemos vêr duas. É a primeira relativa ao penso das feridas pelo alcool, e n'ella se encontra a origem d'um tratamento das feridas que durante muito tempo teve grande voga e cuja base era o alcooleo camphorado. Amaral não recommenda em todos os casos este penso, antes procura estabelecer as suas indicações que lhe parecem ser a atonia e falta de vitalidade das partes offendidas. As ulceras sordidas, cobertas de parasitas, aproveitam muito igualmente d'este tratamento.

O pequeno livro está recheado de observações proprias, de notas pessoaes que, a despeito do valor do cirurgião que as subscreve, não têm interesse de maior. Referem-se a feridas de mais ou menos importancia, que teve occasião de tratar. De resto, o livro está escripto com clareza e precisão [1].

Curiosissima é a observação que se acha exposta n'outro seu opusculo, a *Noticia d'um caso raro*. Trata-se d'uma hyste-

---

[1] *Apologia & decernida explicaçam do verdadeyro methodo com que se deve usar da Agoa ardente em toda a Cirurgia, sujeytos, partes & tempo em que se deve aplicar: Divididas em questões problematicas fundadas em os Canones da mesma Arte. Dedicada ao senhor Gastão Joseph da Camera, e Attaide Coutinho, Vedor da Casa da Rainha Nossa Senhora, etc. Autor desta apologia o Lececiado Francisco Correia do Amaral, Natural de Alamquer, morador em Villa Franca de Chira, cirurgião do Partido da Camara de Povos, & da dita Villa Frãca por Sua Magestade.* Lisboa Oriental. Na officina de Philippe de Sousa Vieira, MDCCXVIII. Com todas as licenças necessarias.

rotomia, seguida da extracção d'um feto macerado e putrefacto. Formára-se um abcesso na região umbilical, em seguida á apparição de signaes de parto que não teve seguimento. Amaral abriu o abcesso e seguidamente rasgou o utero para dar passagem ao seu conteúdo. Trinta e seis dias depois da operação, a doente ainda estava viva e a ferida em via de cicatrização [1].

Em 1721, Jeronymo Moreira de Carvalho preconisa no tratamento dos apertos da urethra o uso de vélinhas dissecantes e detergentes [2]. Moreira de Carvalho era natural de Extremoz, filho de Francisco de Carvalho e Maria Ribeira. Estudou a medicina na Universidade, onde obteve um dos partidos regios, foi medico militar na provincia do Alemtejo e physico-mór do Algarve [3]. Segundo Innocencio, deve ter fallecido antes de 1747.

No anno seguinte, José Francisco Ferreira de Sá dava á luz o seu *Epitome cirurgico*. Ferreira de Sá era natural de Lisboa, aprendeu a cirurgia no Hospital de Todos os Santos, cujo curso terminou em 27 de novembro de 1692, exerceu a clinica na villa do Torrão, nos annos de 1701 a 1706, servindo depois no hospital militar do Castello em Lisboa, primeiro como substituto do cirurgião-mór, e depois como effectivo [4].

---

[1] *Noticia de um caso raro e extraordinario, que occorreo neste prezente anno de 1733 na Villa Franca de Xira, dado com a copia de uma carta do Lecenciado Francisco Corrêa do Amaral e Castello Branco, cirurgião approvado na mesma villa*. Lisboa Occidental, na officina de Pedro Ferreyra, Impressor da Augustissima Rainha nossa Senhora. Anno de MDCCXXXIII. Com todas as licenças necessarias e Privilegio Real.

Além d'estas duas obras, Barbosa Machado e Innocencio dão conta de outra publicação de Francisco do Amaral que não pudemos encontrar:

Observação Apollinea cirurgica de um caso raro e extraordinario; escripta em estylo consultivo. Lisboa, por Manuel Fernandes da Costa, 1738.

[2] *Methodo verdadeiro para curar radicalmente as carnosidades*. Lisboa, por Filippe de Sousa Villela, 1721.

[3] Barbosa Machado, op. cit., II, pag. 509.

[4] Estes esclarecimentos são colhidos em differentes passagens da sua obra e na *Bibliotheca Lusitana*.

Affirma Innocencio que tambem foi cirurgião do Hospital Real de Todos os Santos, o que nos parece sem fundamento. O *Epitome cirurgico* versa sobre alguns capitulos de cirurgia e assignala-se por um culto fervente da antiguidade, ligando o seu auctor pouca importancia ás modernas conquistas cirurgicas. «Não é bem, nem posso consentir, diz elle, que os papagaios do tempo presente digam mal dos cysnes do tempo passado, pois foram os primeiros que nos deram luz para luz dos cegos de agora». Nas passagens sobre as feridas, onde se registam notas pessoaes, nenhum interesse se encontra, e na ultima parte, que denomina *Antidotario*, apresenta a par de medicamentos de importancia, taes como a quina, o opio, etc., outros de nenhum valor, além de alguns *arcanos* de composição secreta que realisavam verdadeiras maravilhas [1].

Vivia pelos primeiros annos do seculo em Lamego um modesto pratico, Lourenço Pereira da Rocha. Nasceu no Porto em 1693, e ao tempo em que se publicou a *Bibliotheca Lusitana* era cirurgião do partido, escrivão da camara e alferes-mór d'aquella cidade [2]. Foi-lhe dado observar um caso verdadeiramente extraordinario de inclusão fetal, que deixou registado. N'um individuo de trinta e dois annos, com filhos, surgiu junto á virilha esquerda um tumor com dureza excessiva. Aberto, extraíram-se ossos, dentes, massa encephalica, etc.; em summa um feto incluso que foi tirado aos pedaços [3].

---

[1] *Epitome cirurgico, medicinal, observante, questeonado, dividido em tres livros com muitas observações medicas, & cirurgicas, e hum Antidotario de varios remedios, tirados de varios Autores, & outros inventos seus. Primeyra parte. Por Joseph Francisco Ferreyra de Sá, cirurgião, natural d'esta cidade de Lisboa.* Lisboa Oriental, na officina Ferreyriana, MDCCXXII. Com todas as licenças necessarias.

[2] *Bibliotheca Lusitana*, III, pag. 32.

[3] *Observação cirurgica, caso não só raro, mas unico, de huma hernia ossea casualmente descoberta, animosamente extrahida e felizmente curada por Lourenço Pereira da Rocha, cirurgião ordinario e do Partido de Sua Magestade na cidade de Lamego.* Lisboa, por Pedro Ferreira, MDCCXXXV. Parte d'este livro rarissimo foi publicado no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, XIII, 1841, pag. 77 e seg.

Em 1741, Anastacio da Nobrega, cirurgião natural de Lisboa, traduziu um livro sobre o cancro, em que recommendava a operação manual, quando a applicação de certos topicos não désse resultado [1]. Em 1749, Antonio Francisco da Costa, cirurgião do infante D. Francisco e mais tarde do infante D. Antonio, do regimento de Alcantara e do numero da casa real, publicava uma observação bem feita de uma ferida penetrante do peito com fractura da primeira costella, seguida de pleuresia purulenta e pneumonia. Abona-se principalmente com os trabalhos dos illustres cirurgiões francezes Petit e Garengeot, e mostra-se um bom pratico quando affirma que as feridas largas são mais bem succedidas do que as estreitas. Como o doente fallecesse, a observação é completada pela autopsia, que demonstrou a existencia de um empyema. Antonio Francisco da Costa era natural do Couto de Tibães, e, segundo Innocencio, morreu em 1793 [2].

Poucas vezes nos tem sido dado até agora fazer referencias á cirurgia no Porto. Pela primeira vez, encontramos diante de nós um cirurgião que se tornou notorio, graças á sua extraordinaria actividade, Manuel Gomes de Lima, ou, como mais tarde se assignou, Manuel Gomes de Lima Bezerra. Nasceu Gomes de Lima em Ponte de Lima, na freguezia de Santa Marinha de Arcozello, a 4 de janeiro de 1727, sendo filho de João

---

[1] *Methodo facilimo e experimental para curar a maligna enfermidade do cancro, assim no que pertence á applicação dos remedios, como á execução operatoria... com uma especialissima receita para curar escrofulas ou alporcas. Traducção do francez*. Lisboa, por Antonio Correia de Lemos. Sem anno de impressão.

[2] *Verdadeira exposição historica, cirurgica e anatomica do moderno successo de um doente offendido de uma ferida do peito.* Lisboa, 1749. Não vimos esta edição cujo titulo copiamos de Innocencio. Na edição de 1764 do *Algebrista perfeito*, vem appensa uma reproducção d'este opusculo, com o titulo de: *Verdadeira exposição historica, cirurgica e anatomica do moderno successo de hum doente offendido de huma ferida de peito, em que havia huma costella fracturada, e do mais exacto, e seguro methodo, com que assim ellas, como as chagas, apostemas, fistulas e liquidos extravasados na capacidade do thorax se devem curar, com varias observações ao intento.*

Gomes e de Rosa da Silva Bezerra, filha natural de Manuel Bezerra de Mesquita, senhor da Torre e casa de S. Gil de Perre, junto a Vianna [1]. Munido dos estudos preparatorios de latim e philosophia, estudou a cirurgia em Vianna, com os cirurgiões Manuel d'Amorim Dantas e José Custodio da Costa, cirurgião-mór dos regimentos da provincia do Minho, do Hospital Real e da Misericordia d'aquella villa, e juiz commissario do cirurgião-mór do reino em Vianna, Barcellos, Valença, etc. [2] Não contente com isto, transferiu-se a Lisboa, onde pouco tempo se deve ter demorado, completando a sua educação cirurgica no hospital inglez do Porto, com os cirurgiões Nicols e Werton, que, segundo affirma, eram, e sobretudo o primeiro, muito peritos [3]. Terminados os seus estudos, quando ainda era muito novo, continuou entregando-se á pratica no hospital inglez, e compunha o seu *Receptuario Lusitano* aos dezoito annos [4].

Clinicando no Porto, trabalhou por levantar o conceito em que a sua modesta profissão era tida pelo publico, quer praticando operações cirurgicas de algum vulto, quer promovendo a instrucção por todos os meios ao seu alcance, sendo o promotor das primeiras sociedades de medicina e o creador do jornalismo medico do nosso paiz [5].

Já era membro do Real Collegio de S. Fernando de Madrid, da Sociedade Real dos Medicos da mesma cidade, e da Sociedade Real das Sciencias de Sevilha; já exercera o logar de logar-tenente do cirurgião-mór do reino no Porto, e havia sido nomeado cirurgião da casa real quando, pouco depois de 1764, se passou a Coimbra a estudar medicina, cujo curso ter-

---

[1] *Bibliotheca Lusitana*, III, pag. 278 e 279. Os *Estrangeiros no Lima*, I, pag. 18 e 240.

[2] *Bibliotheca Lusitana* — *Reposta a duas cartas que o cirurgiam portuguez residente em Londres fingio...*, pag. 69.

[3] *Bibliotheca Lusitana* — *Reflexoens criticas*, pag. 31. *Reposta ás duas cartas*, pag. 69.

[4] *Reposta ás duas cartas*, pag. 67.

[5] Veja-se o capitulo seguinte.

minou em 1770 ou pouco antes [1]. Regressou ao Porto; ahi continuou exercendo a clinica até 1797, data em que se transferiu á sua terra natal [2], onde falleceu em 6 de março de 1806 [3]. Aos seus titulos accrescentára outros, o de socio correspondente da Academia Real das Sciencias e honorario da Sociedade Economica de Ponte do Lima.

Do grande numero de obras que Gomes de Lima deixou [4], importa-nos agora considerar as *Reflexões criticas* e o *Prati-*

---

[1] *Diario Universal.* Abril de 1764.

[2] Carta de J. Pedro Ribeiro, de 1 de janeiro de 1798, no *Boletim de Bibliographia Portugueza*, I, pag. 36.

[3] Possuimos copia do registro parochial que devemos á especial fineza do nosso distincto collega José Candido Pinto da Cruz.

[4] 1.º *Receptuario lusitano chymico-pharmaceutico, medico-chirurgico, ou formulario de ensinar a receitar em todas as enfermidades, que assaltão ao corpo humano. Contem hum sellecto de cada queixa e todos os especificos, que com nomes diversos estamparão os mais famigerados escritores do universo...* Porto. Na officina Prototypa Episcopal, MDCCXLIX. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

2.º *Reflexoens criticas sobre os Escritores chirurgicos de Portugal... Reflexam I. Que comprehende o Universal, e parte do livro primeiro de Antonio Ferreira Lisbonense...* Salamanca. En la officina de Eugenio Garcia Honorato, y S. Miguel, impressor de la Universidad. Sem data, mas d'uma dedicatoria vê-se que é de 1752.

3.º *O praticante do hospital convencido. Dialogo chirurgico sobre a inflammação fundado nas doutrinas do incomparavel Boerhave, e adornado de algumas observaçoens chirurgicas.* Porto. Na offic. episcopal do capitão Manuel Pedroso Coimbra. Anno MDCCLVI. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

4.º *Zodiaco Lusitano delphico.* Porto. Sem designação do anno. (Innocencio). Nunca pudémos vêr exemplar algum d'esta obra.

5.º *Oração inaugural com que se abriu a conferencia publica que a Real Academia de Cirurgia do Porto fez celebrar aos felicissimos annos de El-Rey nosso Senhor...* Porto: Na of. do cap. Manuel Pedroso Coimbra, 1760. Com todas as licenças necessarias.

6.º *Oraçam inaugural com que se abriu a conferencia publica na real academia chirurgica do Porto em dia de S. Sebastião do anno de 1761.* Porto. Na of. do capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1761. Com todas as licenças necessarias.

7.º *Outra oração* pronunciada em 1762. O exemplar que examinamos e pertence á Escóla Medico-Cirurgica do Porto não tem frontispicio.

cante convencido. Ás suas numerosas orações referir-nos-hemos, ao occuparmo-nos das sociedades scientificas que creou, e aos periodicos, ao tratarmos, no capitulo seguinte, do jornalismo medico.

Já precedentemente fizemos menção das *Reflexões criticas* em que o livro de Antonio Ferreira é violentamente criticado.

8.º *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia moderna ou noticia dos principaes progressos, revoluçoens, descobrimentos, seytas, privilegios, Academias, obras impressas e varoens famosos da cirurgia desde a conquista de Constantinopla pelos Turcos, até o tempo presente.* Porto. Na of. Episc. do capitão Manuel Pedroso Coimbra. Anno de 1762. Com as licenças necessarias.

9.º *Diario universal de medicina, cirurgia, pharmacia, etc. Contem os discursos e observações trabalhados pelos Academicos das duas Academias Medica e Cirurgica do Porto...* Lisboa. Na officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXIV. Com as licenças necessarias. O numero de abril só se publicou annos depois. Lisboa, na regia officina typographica. Anno MDCCLXXII. Com licença da Real Mesa Censoria.

10.º *Reposta ás duas cartas com que o cirurgiam Portuguez assistente em Londres, fingio responder ás outras duas, que se tinham escrito ao A. da Gazeta Literaria, sobre os reparos que este fez á Oraçam Inaugural, recitada na Real Academia de Cirurgia Portuense em 20 de janeiro de 1761. Mostram-se os erros, e imposturas dos AA. da Gazeta e das cartas expostas em outras que escreve ao dito cirurgiam portuguez hum praticante de cirurgia, assistente na cidade do Porto.* Carta primeira. Con licencia. Barcelona, por Pablo Serrás. Año de 1765. Assignada com o anagramma *Lino da Gamma e Lemos.*

11.º *Memorias chronologicas e criticas para a historia da cirurgia, ou noticia da origem, principios, principaes progressos, revoluções, descobrimentos, seitas, privilegios, academias, obras impressas e varões famosos da cirurgia desde o principio do mundo até o presente.* Lisboa, na offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, 1779.

12.º *Os estrangeiros no Lima ou conversaçoens eruditas sobre varios pontos de Historia Ecclesiastica, civil, litteraria, natural, genealogica, antiguidades, geographia, agricultura, commercio, artes e sciencias, etc.* Tomo I. Coimbra, na real officina da Universidade. Anno de MDCCLXXXV. Com licença da real mesa censoria e privilegio real. Tomo II. Ibi. MDCCLXXXXI.

13.º *Memoria I remettida por hum zeloso patriota residente na cidade do Porto aos senhores Editores do Jornal encyclopedico, sobre o conceito que elle fórma da obra Bibliotheca elementar noticiada no caderno do mesmo jornal do mez de Agosto deste anno de 1788.* No *Jornal Encyclopedico* de maio e de junho de 1789; assignada Lino da Gamma e Lemos.

Para sermos justos devemos, todavia, dizer que essa violencia de critica se dirige menos ao livro, em attenção á época em que foi escripto, do que áquella em que era analysado, visto que Gomes de Lima levava em mira conseguir que elle desapparecesse do ensino cirurgico, onde era ainda uma especie de breviario. De facto, desde 1670, a cirurgia progredira muito, e era condemnal-a ao deperecimento e á morte escravisar os alumnos a um texto que, por muitos meritos que tivesse á data da sua publicação, envelhecera consideravelmente.

O *Praticante do hospital convencido* tem como objecto ainda mostrar as incorrecções e insufficiencias de Ferreira, mas principalmente expôr as doutrinas de Boerhave sobre a inflammação, o que Gomes de Lima conseguiu fazer com exactidão e clareza. N'este livro mostra-se elle conhecedor das applicações do thermometro á clinica, falla do microscopio e dos globulos sanguineos por elle demonstrados, insiste nas vantagens das injecções das veias para o seu estudo anatomico, cita as observações de Monravá e Roca sobre a transpiração e proclama como tratamento de todas as inflammações o uso interno e externo da agua fria. Completam o livro algumas observações cirurgicas; referem-se á cura da gangrena do escroto, á extracção d'um volumoso cancro (?) mammario; ao desbridamento de fistulas thoracicas assentando sobre as costellas, e ainda ao tratamento de ulceras atonicas.

Quasi no fim do periodo cuja historia intentamos escrever, Alexandre da Cunha publicava o seu *Ramalhete de duvidas* (1759), a que já nos referimos, e que, no dizer de alguns bibliographos, não é mais do que uma série de discursos proferidos na Academia Cirurgica do Porto, de que se apropriou. É uma série de pequenos tratados sobre a chylificação, espinha ventosa, corrupção das gengivas, aneurismas, em cujo tratamento aconselha a compressão que sempre nas suas mãos dera bom resultado, sobre os abcessos do perineo, citando um caso da sua observação em que praticára o desbridamento da fistula resultante, sobre as hemorrhagias, em que aconselha a secção nitida dos vasos, cujas tunicas, retraíndo-se, impedem a saída do sangue, sobre as differentes fórmas de costuras das feridas,

sobre a desarticulação da espadua, no que não fez mais do que traduzir a *Cirurgia* de Sharp, e finalmente sobre a inoculação das bexigas, igualmente extrahido do illustre cirurgião inglez, mas onde se encontram algumas noticias relativas á introducção d'este meio prophylatico no nosso paiz.

Existe na Bibliotheca da Escóla Medico-Cirurgica do Porto um manuscripto em que se lêem tratados cirurgicos do fim do seculo XVIII. Nenhum valor possuem; e nem sequer d'elles fariamos menção, se as ultimas paginas d'este livro não contivessem os primeiros capitulos da *Anatomia* de Manuel Constancio, de que anteriormente demos conta [1].

A syphilis foi objecto de trabalhos de importancia por parte de dois dos medicos mais illustres que possuimos no seculo XVIII, Fonseca Henriques e Ribeiro Sanches.

Francisco da Fonseca Henriques nasceu em Mirandella a 6 de outubro de 1665, sendo filho de Gabriel Pereira e Gracia Mendes [2]. Estudou as primeiras letras na sua terra natal, indo para Coimbra em seguida estudar medicina, e ahi terminou o seu curso em 1684, quando contava apenas dezenove annos de idade [3]. Durante algum tempo seguiu em Chaves a pratica d'um medico, hoje desconhecido, José Borges Pinto [4], indo em seguida estabelecer residencia em Mirandella, d'onde se transferiu para Lisboa. Na capital, além de alcançar rapidamente reputação de grande clinico, foi nomeado medico de D. João V. Ahi falleceu em 17 de abril de 1731 [5].

Deixou Fonseca Henriques grande numero de obras que em tempo e logar opportuno serão analysadas. Por agora, basta-nos dizer que uma d'ellas é uma edição do tratado da syphilis de Madeira Arraes, annotado com grande cópia de obser-

---

[1] *Postila de Cirurgia, e Curativo moderno.* Anno 1770.

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* II, pag. 147. Estes dizeres estão mais ou menos em harmonia com uma passagem do *Socorro Delphico* no *Prolemma,* onde diz que tinha então vinte e quatro annos de medicina e quarenta e tres de idade. Ora isto era escripto antes de 1710.

[3] *Socorro Delphico, Prolemma,* pag. 44, etc.

[4] *Pleuricologia,* pag. 17.

[5] Barbosa Machado, op. cit.

vações suas [1]. O medico transmontano não se occupa da historia da syphilis, por julgar de menos importancia esta discussão. Como causa, tem esta doença um fermento acido, volatil, acre e corrosivo. Admitte as mesmas divisões dos accidentes syphiliticos que haviam sido admittidas por Madeira Arraes, mas, além d'esses, reputa da mesma natureza quaesquer affecções que por muito tempo não cedam ao tratamento ordinario. Trata da syphilis hereditaria, e, antecipando-se a Verneuil, julga que os traumatismos podem determinar manifestações actuaes da syphilis em potencia.

Sobre o tratamento, não só nas manifestações syphiliticas, mas nas blennorrhagias, orchites, etc., emprega *larga manu* o mercurio, mesmo nos casos em que Madeira Arraes o prohibia. N'este ponto não nos parece, portanto, que as annotações de Fonseca Henriques augmentassem o valor da obra do medico de D. João IV.

Completa o livro uma dissertação dos humores do corpo humano. Fonseca Henriques admitte como taes o chylo, o sangue, a limpha, a colera (bilis), o succo pancreatico e o succo nervoso. As noções que a tal respeito nos fornece estão ao par das mais modernas conquistas realisadas no seu tempo. O proprio succo nervoso, se hoje o rejeitamos, era vulgarmente admittido no seculo XVIII, não só em vista dos trabalhos de Dona Oliva del Sabuco, mas dos mais modernos de Glisson, que Fonseca Henriques conhecia.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, conselheiro de estado da côrte da Russia, medico pela universidade de Salamanca, an-

[1] *Madeyra illustrado. Methodo de conhecer e curar o morbo gallico, composto pelo doutor Duarte Madeyra Arraes, physico-mór d'el-rey D. João IV, reformado ao sentir dos modernos, illustrado com muytos casos praticos, e enriquecido com varios e efficazes remedios, para extinguir com facilidade este contagio, & para acodir promptamente aos seus productos, pelo Doutor Francisco da Fonseca Henriques, natural de Mirandella, medico do serenissimo rey de Portugal Dom João V, com huma dissertaçam dos humores naturaes do corpo humano, obra muyto necessaria para boa intelligencia destas Illustraçoens.* Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galram. Com todas as licenças & privilegio real. Anno de 1715.

tigo medico dos acampamentos e exercitos, do nobre corpo dos cadetes, medico da imperatriz de todas as Russias, associado honorario da Academia Real de S. Petersburgo, membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, correspondente estrangeiro da Academia Real das Sciencias de Paris e associado estrangeiro da Sociedade Real de Medicina, nasceu em Penamacor, em 7 de março de 1699, tendo por paes Simão Nunes, christão-novo abastado d'aquella villa, e Anna Nunes Ribeiro.

Muito novo ainda, passou a Coimbra, onde estudou philosophia e medicina nos annos de 1716 a 1719 [1], mas a sua inclinação para esta sciencia na sua propria familia encontrou quem a contrariasse. Um tio seu, jurisconsulto estimado em Penamacor, desejava que elle se consagrasse ao direito, ao que Sanches cedeu a principio; tendo, porém, encontrado casualmente os Aphorismos de Hippocrates, a sua vocação fixou-se e voltou de novo a Coimbra, onde estudou a medicina. Não levou a familia em bem esta resolução, mas outro tio d'elle Diogo Nunes Ribeiro, medico em Lisboa, protegeu o sobrinho e recommendou-o a um medico instruido, da Guarda, Bernardo Lopes de Pinho, com quem aprendeu a pratica [2]. Em 1724, na idade de vinte e cinco annos, obtinha o gráu de doutor em Salamanca, e no anno seguinte era nomeado medico do partido de Benavente [3]. No pequeno intervallo que medeou entre a formatura e a collocação em Benavente, clinicou em Lisboa, assis-

---

[1] Seguimos em todo este estudo a biographia de Ribeiro Sanches escripta por Andry. N'este ponto, porém, afastamo-nos d'ella, que diz ter elle nos annos de 1716 a 1719 estado em Salamanca, e fazemol-o em harmonia com o que o proprio Sanches affirma a pag. 148 do *Methodo para aprender e estudar a medicina*... Barbosa Machado tambem diz que elle estudou em Coimbra.

[2] A este seu mestre se refere Sanches no seu artigo *Affections de l'âme* da *Encyclopédie méthodique*, citado por Padioleau, — *De la médecine morale dans le traitement des maladies nerveuses. Paris, Germer-Baillière, éditeur, 1864,* pag. 249: «Mon maître, le docteur Pinho, médecin de la ville de Guarda...»

[3] Barbosa Machado diz que elle terminou o curso em 1725, o que não é exacto.

tindo á epidemia da febre amarella, que alli se desenvolveu por essa época [1].

Grangeando a sympathia e estima de todos, poderia Sanches alcançar nomeada e interesses na patria se em si não tivesse incitamento para mais estudar e saber ou, mais provavelmente, se se não arreceasse de incommodos e perseguições por motivo de menos limpeza de sangue.

Por estes motivos, deixou Benavente, e embarcou para Genova e d'ahi para Inglaterra, onde estudou durante dois annos a medicina, e onde contava estabelecer residencia, se uma doença grave, que attribuiu ao clima agreste d'aquelle paiz, o não forçasse a retirar-se.

Depois de ter visitado em 1728 a universidade de Montpellier, passou algum tempo em Marselha onde conheceu o famoso epidemiologista Bertrand, que se distinguira pelo seu talento e heroismo durante a epidemia que n'aquella cidade se desenvolveu em 1720 e 1721, e que havia sido consultado pelo governo portuguez em 1724 a respeito da epidemia da febre amarella que em Lisboa se desenvolveu. A elle deveu Sanches conhecer os Aphorismos de Boerhave, e o conselho de o ir ouvir a Leyde, onde o grande medico ensinava [2]. Acceitou-o Ribeiro Sanches, e partiu immediatamente. Leyde reunia então um grupo de professores tão distinctos, que alli affluia a mocidade estudiosa de todos os paizes. Albino professava a anatomia, Gaubio a chimica, Van Swieten a pharmacia e Boerhave a medicina. O moço Sanches mostrou-se digno de tão illustres mestres e rapidamente conquistou um logar eminente entre os mais distinctos alumnos de Boerhave.

Tendo em 1731 a imperatriz da Russia pedido a este illus-

---

[1] Não refere Andry esta circumstancia da vida de Sanches, mas acha-se attestada na *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne*, pag. 151 : *J'ai vu et traité plusieurs malades de cette maladie à Lisbonne.* Igualmente se refere a esta epidemia no *Tratado da conservação da saude dos povos*, cap. XIII.

[2] Este facto é confirmado pelo proprio Sanches no fim do *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette epidémie.*

tre medico lhe mandasse tres dos seus discipulos, foi Sanches o primeiro escolhido. Emquanto os seus collegas se demoravam para tomar os seus gráus, viu-se o medico portuguez obrigado a confessar que já era graduado em Salamanca desde 1724. Esta confissão tão lisongeira para Boerhave estreitou mais a amizade que votava ao discipulo, a quem quiz restituir os honorarios que d'elle havia recebido e a quem não mais desamparou até á sua partida para a Russia.

Esta foi rapida. Sanches acabava de receber tristes noticias de Portugal. Morrera-lhe o pae; a mãe perdera um processo que lhe levava a maior parte da sua fortuna. Sanches deu lagrimas á memoria do pae, e abandonou á mãe tudo quanto possuia. Em 1731 chegava á Russia [1] e o filho do celebre Bidloo, então primeiro medico da imperatriz Anna Iwanowna, collocou-o em Moscow, onde rapidamente adquiriu grande reputação pelos seus talentos e desinteresse. Em 1733, o primeiro medico da imperatriz, Rieger, presidente da chancellaria da medicina, fel-o nomear medico de S. Petersburgo, e receber como membro da mesma chancellaria em 1734. No anno seguinte era nomeado medico dos exercitos, logar que desempenhou durante seis annos, o que lhe permittiu fazer grande numero de observações sobre as doenças proprias dos militares, observações que lhe foram roubadas durante uma doença que o acommetteu no cerco d'Azof.

No regresso, a imperatriz, que tinha por elle grande confiança e estima, nomeou-o medico do nobre corpo de cadetes [2]. Não limitava, porém, Sanches a sua actividade á pratica da medicina, interessava-se por tudo quanto dizia respeito á sua profissão, á physica e á historia natural, e mantinha uma correspondencia aturada com muitos sabios da Europa, Gunz, Schreiber, Amman, Haller, Condoidi, Westbracht, Werlhof, Goldbach, Cruzius, Sinopeus, o barão d'Asche, etc., etc. É assim que por esta época mandava a Gmelin uma amostra de

---

1 *Methodo para aprender e estudar a medicina,* pag. 177. Á sua estada na Russia refere-se em muitas passagens dos seus livros.

2 Id., pag. 44.

borax, recolhida em Astrakan, na Persia, distincto do borax então conhecido, e uma especie de manná, igualmente differente dos então descriptos. A Van Swieten, communicava o tratamento da syphilis pelo sublimado, que obtivera d'um cirurgião allemão que durante annos residira na Siberia [1]. Mairan consultava-o frequentes vezes, e as respostas de Sanches mereceram-lhe o logar de correspondente da Academia Real das Sciencias de Paris. Chegou a estabelecer um novo ramo de commercio scientifico, enviando para os portos da China livros de astronomia e recebendo em troca plantas raras e curiosidades de historia natural [2].

Nomeado medico da côrte em 1740, a sua primeira consulta foi um oraculo. A imperatriz estava doente havia oito annos e ignorava-se a causa da doença. Sanches diagnosticou a existencia d'um calculo dos rins, a que nenhum remedio havia que oppôr, a não ser palliativos. Seis mezes depois, a imperatriz estava morta, e a autopsia verificava o diagnostico feito.

Tornou-se dentro em pouco primeiro medico da regente e de seu filho Iwan, n'um tempo de perturbações em que não tardou a prevêr que poderia pagar caro a honra de se vêr fixado na côrte. Julgou-se, porém, necessario junto d'uma princeza que só n'elle tinha confiança e que sabia utilisar frequentemente os seus talentos.

Rebentando em 1742 uma revolução que collocou no throno Isabel Petrowna, Sanches acompanhou no infortunio a princeza que o protegera e elevára. D'ahi lhe resultaram incommodos, injustiças e insultos. Tendo, porém, adoecido o duque de Holstein, passou junto d'elle trinta dias e salvou-o. Recompensaram-n'o com um logar de conselheiro de estado, mas elle desejava outra recompensa mais difficil, a sua reforma e retirada do serviço. Conseguiu-a afinal. De passagem em Berlim, foi recebido pelo rei da Prussia, com quem apenas conver-

[1] Veja-se mais adiante.

[2] Um amigo de Sanches J. H. Magellan informa que Pater Colinson lhe disse haver recebido de Sanches sementes muito curiosas da China e outros logares, e entre ellas a do verdadeiro rhuibarbo.

sou sobre physica e historia natural, apezar do interesse que o soberano tinha de saber informações sobre os ultimos acontecimentos de que havia sido theatro a Russia.

Em 1747, com quarenta e oito annos de idade, veiu para Paris. Camillo Falconet e grande numero de sabios illustres, taes como d'Alembert, Buffon, Diderot, Petit, etc., determinaram-n'o a fixar alli a sua residencia. Ahi viveu entregando-se ao exercicio da sua profissão, como um verdadeiro philosopho, visitando apenas os seus amigos, os seus compatriotas, os russos, os sabios e os pobres.

Os seus meios de fortuna não lhe consentiam as liberalidades que fazia. Vieram em seu auxilio os governos da Russia e de Portugal, e mais tarde um fidalgo russo, o principe Galitzin.

Tornou-se então a materia medica objecto dos seus estudos favoritos. Assim, foi elle quem introduziu em França o uso das flôres de zinco, da tintura de cantharidas, da raiz de Colombo e da de João Lopes Pinheiro. Primeiro experimentava em si os effeitos dos medicamentos, e em seguida recommendava-os aos seus amigos, entre os quaes Payen, doutor regente da faculdade de medicina de Paris. Foi com este medico que fez experiencias com o barro de Mafra, terra calcarea, a que se attribuia a propriedade de curar o cancro.

Sustentava uma correspondencia aturada com muitos sabios da Europa, Pringle, Fothergill, Gaspar Rodrigo de Paiva, medico em Roma, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Alvares, Magalhães, correspondente da Academia das Sciencias em Londres, Mertens, celebre medico em Vienna, etc.; e ao mesmo tempo escrevia grande numero de obras, algumas das quaes foram impressas, ficando um numero muito maior manuscriptas [1].

---

[1] As obras impressas de Sanches são as seguintes:

1.º *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, dans laquelle on prouve qu'elle n'a point été apportée d'Amerique, mais qu'elle a commencé en Europe par une epidémie.* Paris, 1750, in-8.º Paris, chez Durand et Pinot, 1752. Com o titulo levemente modificado. Paris, chez Didot, 1765. Este

No exercicio d'uma critica restricta, no convivio dos sabios mais illustres do seu tempo, foi-se extinguindo aquelle gran-

---

livro foi traduzido em inglez por Castro (Jacob de Castro Sarmento?) medico em Londres. London, apud Griffits, 1751.

2.º *Examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe et sur la nature de cette épidémie.* Lisbonne, 1774. Chereau diz que esta edição foi publicada em Leorne.

Estas duas dissertações foram reunidas n'um só volume, que tem o titulo seguinte:

Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne, pour prouver que ce mal n'est pas venu d'Amérique, mais qu'il a commencé en Europe par une épidémie. Suivie de l'examen historique sur l'apparition de la maladie vénérienne en Europe, et sur la nature de cette épidémie par Monsieur A. R. Sanches, M. D. Ancien Médecin de S. Mag. Imp. de toutes les Russies, & membre de son Académie Imp. des Sciences. Avec une Préface de Mr. le Professeur Gaubius. Nouvelle édition, revue et corrigée. A Leide, chez Henry Hoogenstratten, MDCCLXXVIII.

3.º *Tratado da conservação da saude dos povos: obra util, e egualmente necessaria aos Magistrados: Capitaens Generais, Capitaens de Mar e Guerra, Prelados, Abbadessas, Medicos e Pays de Familias; com hum appendix, Consideraçoens sobre os Terremotos, com a noticia dos mais consideraveis, de que fas menção a Historia, e dos ultimos que se sintirão na Europa desde o 1 de Novembro de 1755.* Em Paris, e se vende em Lisboa, em casa de Bonardes e du Beux, mercadores de Livros, MDCCLVI.

Agora novamente impresso e emendado de muitos e graves erros com que sahio á luz a primeira impressão feita em Paris. Lisboa, na officina de Joseph Filippe, MDCCLVII.

4.º *Cartas sobre a educação da mocidade.* Em Colonia, MDCCLX.

5.º *Observação da paralysia do intestino cego, communicada á Sociedade real de Londres pelo Dr. Jacob de Castro. Traduzida do latim em Inglez.* Londres, na *Trans. Filosofica* n.º 494, art. XVI.

6.º *Methodo para aprender e estudar a medicina, illustrado com os Apontamentos para estabelecer-se huma Universidade Real na qual deviam aprender-se as Sciencias humanas de que necessita o Estado Civil e Politico,* MDCCLXIII.

7.º Artigo *Maladie vénérienne chronique* do *Dictionnaire raisonné des Sciences et des Arts.*

8.º *Observations sur les maladies vénériennes, par feu M. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, publiées par M. Andry.* A Paris, chez Theophile Barrois le jeune, libraire, Quai des Augustins nº 18, MDCCLXXXV. Avec approbation et permission.

9.º Art. *Affections de l'âme* de l'*Encyclopédie méthodique.* (*Médecine,* 1787, in-4.º, I, pag. 245-277).

de espirito, ligado a um corpo sempre valetudinario. De animo largo e coração affectuoso, como dava tudo e os grandes que o protegiam frequentes vezes se esqueciam d'elle, passou em Paris verdadeiras privações [1]. A morte veiu pôr termo aos seus soffrimentos, a 14 de outubro de 1782 [2].

Um dos assumptos predilectos dos estudos de Ribeiro Sanches eram as doenças venereas. A sua primeira publicação tem em vista determinar a sua origem. Ao contrario da opinião mais acreditada na época e em nossos dias, sem duvida á falta de maduro exame, Sanches sustenta que a syphilis era conhecida na Europa alguns annos antes da chegada de Colombo da sua segunda viagem á America. Ainda hoje a demonstração feita por Sanches nos parece irrefutavel.

Não só accumula textos de auctores que deram noticia da existencia da doença venerea antes da vinda de Colombo a Hespanha, mas mostra que o exercito hespanhol não podia communical-a ao exercito francez, além de que a doença já era conhecida na Italia. Persuade-se de que a syphilis começou por uma epidemia, precedida dos phenomenos meteorologicos, a que no seu tempo se attribuia o desenvolvimento d'estas doenças.

A *Dissertation sur l'origine de la maladie vénérienne* foi traduzida pelo medico de Londres Castro, que nos persuadimos que seja o nosso eminente Jacob de Castro Sarmento, e remettida a Van Swieten, que então preparava os seus commentarios á obra de Boerhave. Como mesmo os espiritos superiores estão sujeitos a preconceitos, as provas fornecidas por Sanches não lhe pareceram bastante convincentes. Esse foi o motivo que levou o nosso compatriota a publicar o seu

---

[1] Veja-se a citada biographia de Andry, e os interessantes documentos que Sousa Viterbo publicou na *Arte* de agosto de 1880.

[2] É esta a data fixada por Andry que foi amigo de Sanches e que parece ter assistido aos seus ultimos momentos. Outros dizem, porém, que morreu em 24 de outubro de 1783 (Chereau); e ainda outros em 14 de outubro de 1783 (Innocencio).

Examen historique [1]. Uma nova serie de documentos é produzida e commentada com escrupulo. D'este exame chega ás conclusões seguintes, que textualmente transcrevemos:

« A doença venerea foi conhecida e observada na Italia por Pedro Pintor e Pedro Delphini, no mez de março do anno de 1493, com o caracter e nome d'uma febre pestilencial, segundo a descripção do mesmo Pintor, de Helie, de Capreoli e de Fracastor. Esta doença não começava em todos os homens pelas partes da geração; mas era tão pestilencial no seu principio, que se tornava mortal em muito pouco tempo; manifestava-se em todos os individuos por pustulas no rosto, com ulceras e crostas por todo o corpo.

« Desde que o exercito de Carlos VIII entrou na Italia, durante o inverno de 1494, esta doença foi chamada pelos historiadores d'esse tempo, *morbus gallicus*.

« Desde a mais remota antiguidade se lêem em todos os livros de medicina varios symptomas da doença venerea que nós conhecemos desde os annos de 1493 e 1494.

« A julgar pelas asserções de Pedro Pintor e Pedro Delphini, póde affirmar-se que os hespanhoes communicaram aos habitantes das Antilhas na America o mal venereo e que os francezes já estavam infectados por elle quando atravessaram a Italia até Napoles, onde encontraram a mesma doença, tão mortifera como a que levavam.

« Os primeiros navegadores na America não disseram nos seus diarios e nas suas relações, que são em grande numero, que tinham visto esta doença nos povos que haviam descoberto.

« A America, a Africa e as Indias orientaes, cujos portos e continentes são constantemente frequentados pelos europeus, não communicaram, até hoje, as suas doenças epidemicas e endemicas a esta parte do mundo que habitamos. D'onde se deve concluir, se algum credito é devido á historia, que a doença venerea não saiu da America pelo contagio ou infecção dos hespanhoes: que esta opinião é tão chimerica e tão destituida de fundamento, que se póde caracterisar de fraqueza de espi-

---

[1] Prologo do *Examen historique*.

rito. Os que seguiram sem reflexão a torrente dos auctores que se tinham fortemente preoccupado com estas ideias, poderão talvez, depois de terem lido este exame, dizer comnosco sem hesitar: *Nec pueros omnes credere posse reor* » [1].

As *Observations sur les maladies vénériennes,* publicação posthuma feita pelos cuidados de Andry, é um livro do maior valor e como tal considerado por parte d'uma commissão da Sociedade Real de Medicina de Paris, composta de Peissonnier, Geoffroy, Desperrieres, Vicq d'Azyr, Thouret e Defourcroy [2].

---

[1] Sanches deixou um exemplar annotado d'este livro, com algumas addições que podem vêr-se nas *Lectures sur l'histoire de la médecine* de L. Thomas. Paris, 1885, pag. 77 e seg.

[2] Além d'este manuscripto, publicado por Andry, os outros que lhe pertenceram por morte de Sanches são os seguintes:

1.º *Pensées sur les effets de l'inoculation faite avec le poison de la petite vérole en différentes maladies et particulièrement dans la maladie vénérienne.*

2.º *Remarques sur l'ouvrage intitulé Parallèle de différentes méthodes de traiter la maladie vénérienne.*

3.º *Reflexions sur les maladies vénériennes.*

4.º *De cura variolarum Vaporarii ope apud Ruthenos omni memoria antiquioris usu recepta.*

5.º *De l'origine des hopitaux,* 1772.

6.º *Du mariage des prêtres.*

7.º *Dissertação sobre as paixões d'alma,* 1753.

8.º *Dissertation sur les beaux-arts, leur utilité, leurs inconvenients, leurs avantages,* 1765.

9.º *Lettre adressée à l'Université de Moscow sur la méthode d'apprendre et d'enseigner la médecine.*

Instruction pour le Professeur qui enseignera la chirurgie dans les deux Hopitaux de S. Petersburg.

10.º *Plan pour l'éducation d'un jeune seigneur.*

11.º *Lettre sur les moyens de faire entrer un cours de morale dans l'éducation publique.*

12.º *Origem da denominação de christão velho e de christão novo no reino de Portugal e das causas d'estas denominações, assim como da perseguição dos Judeus, com os meios de fazer cessar em pouco tempo esta distincção entre subditos d'um mesmo estado, assim como a perseguição dos Judeus, tudo para a propagação da religião catholica e utilidade do Estado.*

13.º *Dissertação sobre os meios proprios para governar e conservar as conquistas e colonias de Portugal.*

Abre o livro por uma introducção, destinada á exposição e plano da obra. Tendo Ribeiro Sanches examinado grande numero de affecções chronicas, cujo caracter era muito difficil de determinar, e tendo visto em grande numero de autopsias lesões que até então não haviam sido descriptas, suspeitou de que estavam dependentes da syphilis. Esta suspeita foi confirmada por interrogatorios minuciosos e investigações escrupulosas. D'ahi resulta affirmar que a syphilis, além das suas manifestações externas, tem determinações visceraes. Distingue duas especies de doenças venereas: uma que é aguda e a unica que foi bem tratada pelos differentes auctores; outra que é

14.º *Plan sur la manière de nourrir et d'élever les enfants trouvés dans l'hopital de Moscow*, 1764.

15.º *Traité sur le commerce de l'empire de Russie*, 1770.

16.º *Moyens pour conserver le commerce déjà établi en Russie et pour le faire fleurir à perpetuité*, 1766.

17.º *Moyens pour lier et attacher de plus en plus les Provinces conquises à l'empire de Russie de la même manière que fit Auguste par rapport aux Provinces de son Empire*, 1766.

18.º *Traité sur le rapport que les sciences doivent avoir avec l'Etat civil et politique, appliqué à l'état présent de l'Empire de Russie*, 1765.

19.º *Reflexions sur l'économie politique des Etats, appliquées particulièrement à l'Empire de Russie.*

20.º *Reflexion sur l'état desavantageux des Laboureurs de Russie, des Esclaves des Domaines et des seigneurs; lesquels souffrent les plus grandes charges de l'Etat, de manière qu'ils diminuent tous les jours en nombre et font languir l'agriculture et les arts de première necessité, avec des moyens propres à pouvoir recruter les armées de terre et mer, sans y employer les laboureurs et recompenser les soldats et les officiers qui ont servi pendant 20 ans.*

21.º *Projet pour l'établissement d'une Ecole d'agriculture.*

22.º *Traité sur les moyens propres à augmenter le commerce de Russie.*

23.º *Traité dans lequel on prouve que l'introduction d'une meilleure administration de la justice contribue à l'amélioration de la société.*

24.º *Dissertation dans laquelle on examine si la ville, appellée par les Romains Pax Augusta est celle de Beja en Portugal ou celle de Badajoz en Castella.*

Não são estes os unicos manuscriptos de Sanches. Barbosa Machado dá conta de muitos que não estão incluidos n'esta lista. Os manuscriptos n.os 12 e 13, segundo Innocencio, existem hoje em Portugal.

chronica, e a que se não tem prestado attenção; é d'esta que Ribeiro Sanches se occupa.

Conta que soube d'um cirurgião allemão, durante muitos annos residente na Siberia, que n'esta região se tratavam as doenças venereas com uma solução de sublimado. Desde então fizera experiencias para fixar as dóses e preparação do medicamento; e instituira um methodo de tratamento que consistia na applicação d'este sal de mercurio, seguida de banhos de vapor. Communicára a Van Swieten os resultados colhidos, e ficou surprehendido de que este sabio não fallasse da utilidade dos banhos e os tenha substituido por bebidas emollientes.

Termina esta introducção por estudar os effeitos da natureza e remedios do espasmo das differentes partes do corpo humano para bem se comprehender o que Sanches expõe no seguimento da sua dissertação. Em principio, prova que as febres são produzidas por este espasmo, assim como os effeitos da peçonha da vibora, da raiva, e que elle influe tambem sobre o desenvolvimento da peste, da variola e das doenças contagiosas. D'estas aproxima-se a syphilis que, em sua opinião, e como ficou dito, começou por uma febre pestilencial e pouco a pouco tomou o caracter d'uma affecção chronica, que póde ser curada pelos suores que a propria natureza excita, como em todas as outras doenças do mesmo genero. D'aqui conclue que os suores destróem o espasmo e que os meios proprios para os provocarem são antispasmodicos poderosissimos, e que a agua fria tomada internamente durante um banho de vapor ou simplesmente durante um banho de agua quente é um dos mais poderosos sudorificos antispasmodicos que se conhece. Finalmente, examina os effeitos do fogo e dos medicamentos em que se suppõe a existencia d'este elemento, e continua a demonstrar que é pelos suores que estes medicamentos calmam o espasmo. Attribue ao frio a causa da salivação mercurial, e insiste na necessidade de fazer eliminar pela pelle o mercurio que no corpo foi introduzido pelas fricções ou por qualquer outro meio.

Entremos agora no corpo da obra. No primeiro capitulo,

expõe Sanches o que antes d'elle havia sido dito sobre a doença venerea chronica. Poucos medicos se occuparam d'este objecto. Baglivi alguma coisa disse a seu respeito. Vigo conheceu-a; fallaram d'ella Mercuriali e Zacuto Lusitano. Tres auctores, porém, trataram d'ella com mais algum desenvolvimento, Levino Lemnio, O. Connell e Carlos Bisset, e das doutrinas d'estes auctores apresenta um extracto feito com muita clareza.

No segundo capitulo, descreve Ribeiro Sanches o methodo que seguiu no tratamento da doença venerea, inflammatoria ou chronica, durante dez annos. Consiste em usar dos antiphlogisticos, emquanto existem symptomas inflammatorios, em empregar no interior os mercuriaes unidos aos purgantes, depois da desapparição d'esses symptomas, e em evitar com grande cuidado todas as applicações topicas nas primeiras manifestações locaes, com o receio de que estes topicos, curando as manifestações externas, repercutam a doença para o interior, creando syphilis visceral. Manifesta grande confiança nos purgantes associados aos calomelanos, administrados por muito tempo.

No terceiro capitulo, faz conhecer os perigosos effeitos das preparações mercuriaes, administradas durante o periodo inflammatorio, e affirma ter visto gonorrheas, cancros e bubões, tratados pelos mercuriaes desde o principio, degenerarem em scirros e cancros. Aconselha n'estas doenças, e sobretudo na blennorrhagia, o uso dos mercuriaes unidos aos drasticos e antispasmodicos sob a fórma de pillulas, e julga que esta doença não está curada quando o ardor na micção, as dôres e o corrimento cessaram, e que se devem empregar então os medicamentos combinados, como ficou dito. Pensa que é ao abuso das preparações mercuriaes dadas muito cedo que se devem grande numero de doenças chronicas, produzidas pelo virus concentrado. Emfim, affirma que a destruição do virus venereo só póde ter logar pela cessação do espasmo das arterias e pelo suor que deve acompanhar o uso dos remedios; por isso, insiste em que os sudorificos e banhos de vapor, unidos aos mercuriaes e aos antispasmodicos, são os unicos medicamentos verdadeiramente curativos.

O quarto capitulo trata dos effeitos produzidos pelo virus venereo nos solidos e fluidos do corpo humano. Ribeiro Sanches attribue-os todos ao espasmo das arterias, á irritação dos nervos, ás evacuações diminuidas e á alteração dos humores que d'ahi resultam, e cita varios exemplos de doenças venereas que atacaram os nervos e o cerebro, até ao ponto de produzirem convulsões, epilepsia e demencia, sem symptomas externos.

No quinto capitulo, indica as doenças chronicas que são consequencia do virus venereo. As creanças provenientes de paes syphiliticos têm muitas vezes vicios de conformação, taes como hypospadias e imperforação do anus; a dentição só n'ellas começa aos quatorze mezes, e os dentes ennegrecem e corróem-se em pouco tempo. São sujeitas a diarrheas, vomitos, pequenez de pulso, epilepsia, etc. O signal menos equivoco do virus venereo é, segundo Ribeiro Sanches, uma pustula situada a meio do labio superior, do lado interno. As doenças de olhos, as glandulas engorgitadas, o amollecimento e curvatura dos ossos, as pustulas no rosto, a actividade e vivacidade de espirito são ainda signaes certos d'esta affecção, sobretudo quando estes accidentes são rebeldes aos remedios. Os purgantes energicos com calomelanos, os banhos de vapor, as fricções com tintura de cantharidas nas pernas são os remedios que dão melhor resultado n'estes casos.

No sexto capitulo, Ribeiro Sanches passa ao estudo das doenças produzidas pelo virus venereo hereditario que se manifestam na idade da puberdade. Nos individuos robustos apparece a syphilis sob a fórma de rheumatismo, de sciatica, de dartros, de ophtalmia; nos corpos vivos, delicados e sensiveis, ataca o estomago, os intestinos, os rins, o diaphragma, os pulmões. N'uma idade adiantada, estas doenças, tratadas pelas sangrias, pelos banhos, pelos purgantes ordinarios, degeneram em hydropesias do peito. N'estes estados aconselha umas pillulas de calomelanos, a que junta fricções nas pernas com tintura de cantharidas. Cita duas observações de doenças venereas acompanhadas de symptomas gravissimos, e termina condemnando as operações cirurgicas que se costumam fazer nas

doenças antigas que atacam os ossos, as partes genitaes e as articulações, e quasi sempre são seguidas de gangrena.

O setimo e ultimo capitulo é destinado ao exame de varias questões relativas ao tratamento das doenças venereas em geral. É dividido em quatro paragraphos: no primeiro, Ribeiro Sanches recorda os effeitos e a utilidade dos sudorificos: faz a historia dos resultados e da fama que adquiriu o gaiaco; prova que a dissolução de sublimado, unida aos banhos de vapor, realisa com mais certeza a mesma indicação que aquella substancia preenche e demonstra que o verdadeiro methodo curativo da syphilis consiste em provocar a sudação nos individuos robustos, imitando a natureza que chama o virus á pelle quando as forças são sufficientes. No segundo e terceiro paragraphos, trata das fricções que julga uteis quando os symptomas venereos são externos e as pessoas fracas e delicadas. Em geral, aconselha-as em dóse superior á geralmente seguida, censura o uso do leite dado em grande dóse durante a sua administração; e dos purgantes para sustar a salivação parece-lhe perigoso; prescreve os decoctos sudorificos e sobretudo um ar quente, e os banhos de vapor, como preparatorios. No quarto paragrapho, Ribeiro Sanches expõe a utilidade dos purgantes durante o tratamento das doenças venereas, ou pelas fricções ou pelos medicamentos internos, e em que tempo convém dal-os. Os drasticos são mais nocivos do que uteis; prefere os laxantes unidos aos sudorificos e dados em lavagem: recommenda-os nas doenças venereas internas ou cujos symptomas exteriores são pouco violentos; julga-os uteis para arrastar uma parte do virus para os intestinos, sem contrariar a sua expulsão pelos suores [1].

Tal é a obra de Ribeiro Sanches em que, a par de ideias que se não confirmaram, se encontra muita doutrina que corre como moeda de lei na medicina dos nossos dias. Reco-

---

[1] A exposição que fazemos é baseada no parecer apresentado á Sociedade Real de Medicina de Paris.

nhece-se n'ella, diz a commissão que a examinou por parte da Academia Real de Medicina de Paris, um observador exacto e um pratico esclarecido, digno de credito pelos seus profundos estudos de quarenta annos e pelo tom de verdade que domina n'este tratado. Ninguem deixará de subscrever esta opinião.

A cirurgia dos ossos, no que diz respeito a fracturas e deslocações, era do dominio dos charlatães e curiosos. Antonio Francisco da Costa censura o abuso, *quasi universal,* de se recorrer em taes casos, «não aos professores de cirurgia a quem de direito pertencem, mas aos ferradores». Occuparam-se d'este ramo da pathologia Manuel Coelho de S. Payo, Antonio Francisco da Costa, Manuel Lopes e Antonio Gomes Lourenço.

Quasi nada se sabe das circumstancias pessoaes de Manuel Coelho de S. Payo. Era presbytero secular do habito de S. Pedro, diz Barbosa. Da leitura do seu pequeno livro apenas se apura que tinha vinte e dois annos de pratica e que por todo o paiz, póde dizer-se, exerceu o mister de algebrista.

Era um curioso, e de facto o seu livro, se demonstra por vezes a grande pratica do auctor, nem sequer se nos afigura conter «alguns preceitos necessarios e triviaes na pratica, e na ordem de fazer as reducções dos ossos».

Ignorante da osteologia, faltava-lhe a base para um trabalho de alguma importancia. E, de facto, são tantos os casos em que nos falla de deslocações de vertebras, que nos vemos tentados a acreditar que, mesmo como algebrista, o clerigo dos montes, como elle a si proprio se chama, tinha pouco valor [1].

Superior em tudo, no methodo e nos conhecimentos que revela, é o livro de Antonio Francisco da Costa, de quem anteriormente fallamos. Baseando-se nos trabalhos de Petit e Ga-

---

[1] *Arte acatalecta, ou exame pratico e perfeito de algebristas, offerecida ao serenissimo infante D. Manoel e trazida á luz pela experiencia de hum clerigo dos Montes, o P. Manoel Coelho de S. Payo.* Lisboa Occidental. Na officina Rita-Cassiana, MDCCXXXVI. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

rengeot, o cirurgião do infante D. Antonio conseguiu fazer um resumo claro e preciso d'este ramo de cirurgia [1].

A todos, porém, sobreleva Manuel Lopes, que já teve menção n'esta *Historia*, ao occuparmo-nos da anatomia.

Além dos conhecimentos anatomicos que o seu auctor possuia, embora havidos por completo na *Anatomia* de Bernardo Santucci, Manuel Lopes mostra-se um pratico esclarecido quer no estabelecimento das regras e processos operatorios, quer no grande numero de observações que regista. Entre estas, citaremos os casos de fractura do craneo, com depressão ossea; do nariz, das costellas; as tentativas de reducção das encurvações da columna vertebral, como demonstração de que o modesto cirurgião, de quem Barbosa e Sá Mattos ignoraram o nome, tinha verdadeiro valor [2].

Gomes Lourenço, na sua *Dissertação pratica do exostose*, occupa-se da carie e exostose do femur, assim como d'algumas outras doenças dos ossos, rachitismo e ankylose. Nas primeiras, aconselha como tratamento a raspagem e a resecção, e, quando não surtam resultado, a amputação. No rachitismo, preconisa a immobilisação, e a ankilose, depois de confirmada, nenhum remedio admitte [3].

Os progressos realisados na cirurgia reclamavam igualmente que se desenvolvesse o conhecimento dos pensos e dos meios de os conter. Por isso apparecem em 1763 e em 1766 duas traducções francezas sobre os apparelhos e ligaduras. A primeira devida a João da Matta, cirurgião do regimento da

---

[1] *Algebrista perfeito, ou methodo de praticar exactamente todas as operaçoens de Algebra tocantes á cura das deslocaçoens e fracturas do corpo humano, simples e complicadas... Accrescentado n'esta segunda impressão com a observação de huma ferida de peito, penetrante, com fractura de huma costella, com varias complicaçoens e symptomas, e com hum racionavel methodo de conhecer, e curar as molestias desta regiam, e emendado pelo mesmo Author.* Lisboa. Na offic. de Manuel Coelho Amado; anno de MDCCLXIV. Com todas as licenças necessarias e á sua custa impresso. A 1.ª edição d'este livro foi quasi de todo consumida pelo terremoto, motivo por que se tornou rarissima.

[2] O titulo da obra de Manoel Lopes já ficou apresentado a pag. 95.

[3] O titulo d'esta obra vem a pag. 93.

real armada e dos embaixadores francezes em Lisboa, que em França fôra completar o seu curso cirurgico [1]. A segunda é devida a Filippe José de Gouveia, lente de operações e ligaduras no Hospital de Todos os Santos, a quem nos referimos ao occuparmo-nos da organisação do ensino n'aquelle hospital. Filippe José de Gouveia morreu novo; as esperanças que n'elle se depositavam como professor mallograram-se por isso [2].

A sangria, ainda então muito empregada, era objecto de trabalhos especiaes por parte de Bernardo Pereira (1719), Eugenio Ferreira Roque (1723), Antonio Gomes Lourenço (1741-1746) e Manuel José da Fonseca (1746).

Bernardo Pereira nasceu em Miranda em 11 de dezembro de 1681, sendo filho de Manuel Lopes Pereira e de Antonia d'Oliveira. Tendo estudado os preparatorios na sua terra, passou a Coimbra onde recebeu o gráu de bacharel em 20 de maio de 1709 e mais tarde estudou o direito civil, formando-se em 27 de julho de 1739. Exerceu a medicina no Sardoal e ainda era vivo em 1759, quando se publicou o 4.º tomo da *Bibliotheca Lusitana* [3].

---

[1] *Tractado cirurgico, ou breve compendio de descripçoens metodicas das ligaduras, e aparelhos que compôz em lingua Francesa mr. Pedro Diniz, Primeiro cirurgião da Academia Real e das Serenissimas Delfinas: Traduzido e claramente explicado em lingua Portugueza por João da Matta, cirurgião do Regimento da Real Armada por Sua Magestade Fidelissima, e dos Embaixadores de Sua Magestade Christianissima nesta Côrte.* Lisboa. Na officina de Antonio Rodrigues Galhardo, MDCCLXIII. Com as licenças necessarias.

[2] *Tratado dos apparelhos, e ligaduras, ornado de figuras, obra da Academia de Paris e utilissima para os estudantes da Cirurgia. Traduzido no idioma Portuguez por Filippe Joseph de Gouvêa, Demonstrador Regio do Curso das Operaçoens no Hospital Real de todos os Santos, em Lisboa, Cirurgião dos Hospitaes dos Exercitos de S. M. F. e da Camara do Serenissimo Senhor Infante D. Manoel, etc.* Lisboa. Na officina de Antonio Rodrigues Galhardo. Anno MDCCLXVI. Com as licenças necessarias.

[3] *Bibliotheca Lusitana*, I, pag. 535. O livro de Bernardo Pereira intitula-se: *Pratica de barbeyros phlebotomanos, ou sangradores reformada, na qual por perguntas & repostas, para melhor intelligencia, se declara tudo o que pertence saber aos Sangradores para a boa applicação da Sangria, com infinitos cazos que se apontão, nos quaes se póde fazer, ou com lanceta, ventosas sarjadas, ou Sanguixugas, por Leonardo de Pristo de Barreyra, Medico da Villa de Prado.*

Eugenio Ferreira Roque era natural de Evora, e filho de André Ferreira e Helena Rodrigues. Exerceu a modesta profissão de sangrador approvado, não se conhecendo outros pormenores da sua vida [1].

De Antonio Gomes Lourenço já nos occupamos anteriormente e já fizemos conhecer os factos principaes da sua biographia.

Manuel José da Fonseca era, segundo Barbosa Machado, natural do logar de Teixoso e filho de Manuel da Fonseca e de Maria Francisca. Do seu livro collige-se que era cirurgião da familia real, e examinador de cirurgia e sangria [2].

A todos sobreleva, pela clareza da exposição e pelo conhecimento que o seu auctor tinha da circulação do sangue, a *Arte Flebotomanica* de Gomes Lourenço e o seu resumo ou *Breve exame de sangradores*. O livro de Manuel da Fonseca não é mais do que um plagio d'este ultimo, a começar no titulo.

Ao mesmo tempo, as vantagens d'esta operação, praticada n'esta ou n'aquella veia, eram discutidas acaloradamente, a proposito de um caso particular.

Bernardo da Silva Moura, cavalleiro professo da ordem de Christo e familiar do Santo Officio, nascera em Moncorvo

---

Coimbra, no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Anno de 1719. Com todas as licenças necessarias e privilegio real.

Innocencio cita outra edição de Lisboa, por Miguel Manescal da Costa, 1740, que não vimos.

[1] *Tractado da phlebotomia, pratica racional e directorio de principiantes.* Evora, na offic. da Univ., 1722. 8.º

[2] *Exame de sangradores, que em fórma de dialogo ensina aos Mestres, o que sómente devem perguntar e aos Discipulos o que se comprehende na Arte de sangrar...* Lisboa, na Officina Nova. Anno MDCCXLVI.

2.ª edição. Ibi., por Pedro Ferreira, 1757.

3.ª Ibi., pelo mesmo, 1769.

4.ª Ibi., por Thadeo Ferreira, 1786.

5.ª Ibi., pelo mesmo e da mesma data.

6.ª Ibi., accrescentada por Bento José de Mello, na officina Morazziana, 1786.

7.ª 1794; (?), 1813; (?), 1825; (?), 1848; (Serrano).

a 4 de julho de 1693, sendo filho de José de Araujo e Maria da Silva. Depois de ter feito os primeiros estudos na sua terra natal, passou a Coimbra, onde se formou em medicina em 19 de julho de 1718. Residiu durante algum tempo em Madrid, onde se lhe deu ampla licença para curar em 6 de julho de 1724 e, regressando á patria, foi nomeado medico do infante D. Antonio em 7 de junho de 1733. É provavel que ainda vivesse em 1759.

Chamado a vêr um doente affectado de febre rheumatica ardente, pareceu-lhe util a sangria da salvatella direita. Não se conformou com esta opinião outro medico conferente, José da Silva de Azevedo, que affirmou ser tal applicação *remedio de filagrana.*

Nascera José da Silva de Azevedo em Lisboa no anno de 1680, sendo filho de Jeronymo da Silva de Azevedo e de Maria Ribeira da Conceição. Aprendeu a lingua latina, as humanidades e a philosophia no collegio de Santo Antão, em Lisboa, indo depois frequentar o curso medico em Coimbra. Terminado elle, voltou para Lisboa, onde exerceu o cargo de medico da Santa Casa da Misericordia. Algum tempo depois passava á India como physico-mór, e ahi teve uma cadeira e clinicou no Hospital dos Militares. Voltando ao reino, foi agraciado com o habito de Christo e com uma tença de 50$000 reis. Morreu em 20 de junho de 1752 [1].

Em defeza da sua opinião veiu Bernardo da Silva Moura, accumulando textos para a sustentar [2]. José da Silva Azevedo responde, contestando o diagnostico feito, e argumentando com differentes auctores contra o seu antagonista [3]. Retorquiu, tres

---

[1] Barbosa Machado, II, pag. 899, e IV, pag. 227.

[2] *Dissertação medica que em defensa da sangria da Salvatella direita offerece aos Professores da Medicina, Bernardo da Silva Moura, Medico da Camara do Senhor Infante D. Antonio, que Deos guarde, Professo na Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio.* Lisboa Occidental, na officina da Congregação do Oratorio, MDCCXXXV.

[3] *Exposição delphica, apologetico-critica, em que se convence huma falsidade com a verdade declarada e em que se propõem varias doutrinas pertencentes á Sciencia da Medicina e tocão-se outras noticias uteis para o exercicio de hum*

annos depois, Moura, e não contente com discutir a serio a questão, na *Dissertação medica illustrada* [1] tambem a quiz tratar em estylo jocoso, servindo-se do anagramma Narbredo de Savil [2]. Estas obras, que é possivel despertassem alguma attenção no tempo do seu apparecimento, nenhum interesse offerecem hoje ao historiador.

OBSTETRICIA

A obstetricia, que no seculo XVIII se achava já constituida definitivamente como sciencia e que seguia no trilho aberto por Rhodio, Guillemeau, Mauriceau, Portal e La Motte, entre nós era relegada para as matronas ignorantes, e nenhuns documentos nos restam da instrucção que recebiam. Os proprios auctores dos tratados de medicina e cirurgia quasi se não occupam do assumpto, prova de que não fazia parte dos conhecimentos exigidos ao pratico.

Afastam-se d'este caminho Fonseca Henriques e Monravá e Roca.

O primeiro, no seu *Soccorro Delphico*, ventila grande numero de questões relativas á concepção e ao parto. Comquanto n'ellas se encontre muito de incompleto e errado, Henriques admitte que a geração se effectua pelo concurso do semen do homem, elaborado nos testiculos, e do ovulo de Graaf, rejei-

---

Medico Politico-Catholico: nem menos jucundas e proveitosas, para todos os amantes de doutrinas Ethicas. Dedica e offerece aos nobilissimos e sapientissimos senhores DD. em medicina nesta côrte o Dr. Joseph da Sylva de Azevedo, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, e Medico lisbonense. Lisboa Occidental, na officina de Antonio Pedroso Galram, MDCCXXXVI.

[1] *Dissertação medica illustrada, ou sangria das salvatellas defendida. Dividida em quatro partes... por Bernardo da Silva Moura, Medico da Camara do Serenissimo Infante o Senhor D. Antonio, Professo na Ordem de Christo e Familiar do Santo Officio.* Lisboa Occidental, anno de MDCCXXXIX.

[2] *Escrupulos medicos e reparos chirurgicos, por Narbredo de Savil, sangrador approvado a medico intromettido.* Lisboa Occidental, MDCCXXXIX.

tando a opinião dos que entendem que na mulher existe materia seminal prolifica.

A causa unica da concepção é a fecundação no utero, e os signaes por que ella se revela — nauseas, vomitos, desmaios, ptyalismos, inquietações, grande voluptuosidade no congresso, etc., — são todos falliveis. Não admitte que pela urina se possa diagnosticar a gravidez, e menos que haja meio de reconhecer no utero o sexo do feto. Refere-se ao hermaphroditismo e ás concepções monstruosas que attribue a erro da faculdade formativa e á imaginação da mãe. Trata da concepção de gemeos, que é devida á fecundação simultanea de mais do que um ovulo. Descreve a formação do feto e as suas membranas envolventes, chorion e amnios, duvidando da existencia da allantoidea na especie humana, e occupa-se do modo como elle se nutre no utero por intermedio dos vasos umbilicaes. Trata da hereditariedade, e admitte que ha nos filhos tres especies de similhança: especifica, sexual e individual, a primeira das quaes está nos principios da geração, a segunda no vigor da faculdade formativa e a ultima na dependencia da imaginação materna e no temperamento das partes da geração. Discutindo, n'este ponto, a razão por que de sabios nasçam nescios, attribue esse facto á falta de vigor da materia seminal.

Como causas do parto aceita o peso e movimento do feto, determinando as contracções uterinas. Admitte que o feto, chegando ao setimo mez, e ás vezes até antes, é viavel; e que póde haver fetos que se demorem na cavidade uterina por treze mezes, chamando para este facto a attenção dos jurisconsultos. Remata este ponto do *Soccorro Delphico* com alguns conselhos sobre os primeiros cuidados a prestar aos recemnascidos.

Como se vê d'esta curta exposição, ha no livro de Fonseca Henriques muita doutrina aproveitavel, e pelo menos perfeitamente ao par dos conhecimentos mais adiantados que ao seu tempo estava de posse a medicina.

Monravá e Roca, na sua volumosa obra, occupa-se das doenças proprias do sexo feminino e dos accidentes da gravi-

dez e do parto. Assim trata das nauseas e vomitos que se observam durante aquelle estado, do aborto, das molas do utero, do parto difficil, da retenção da placenta, dos lochios e dos accidentes do puerperio. De todos estes assumptos, o que mais interesse apresenta é o do parto difficil. Depois de dar algumas noticias sobre a evolução normal do parto, Monravá trata d'alguns casos graves de distocia. Em geral, antes de tentar qualquer operação, procura facilitar a saída do feto com o uso de clysteres e sangrias, ou pelo contrario, quando a paciente está fraca, fortificando-a com fomentações no ventre. As operações que descreve são a abertura do ventre materno *post mortem,* para a extracção da creança reputada viva, a versão podalica nas apresentações da espadua, a embryotomia, a operação cesariana que nunca praticou e ainda a extracção do feto, por meio de ganchos, uma vez verificada a sua morte [1].

Vê-se portanto que Monravá e Roca se avantajava aos cirurgiões do seu tempo entre nós pelo que respeita a conhecimentos obstetricos, comquanto dê por vezes preceitos que de fórma alguma são acceitaveis. Não lembraremos outro senão o de combater a extracção da placenta, esperando Monravá que, apodrecendo, se effectue a sua saída sem intervenção.

Deve-se-lhe igualmente uma dissertação sobre a pica e malacia, destinada a um concurso aberto na Real Academia Medica de Madrid. Monravá considera que estes appetites não são extraordinarios nem irregulares; define a pica pela qualidade das substancias e a malacia pela quantidade. A essencia da doença é um delirio e a parte affectada o cerebro, ou melhor, os corpos estriados. Não falla dos signaes por que a doença se revela por serem bem patentes. O tratamento que institue é moral e pharmacologico: o primeiro deve consistir em palavras de parentes, amigos, etc.; o segundo é o mesmo que nos maniacos, e baseia-se no uso dos purgantes,

---

[1] *Novissima medicina,* IV.

visto que a mania tem por causa a existencia de grande quantidade de lympha no sangue [1].

Trabalhos exclusivos de obstetricia, encontramos tres, todos elles insufficientes, e em harmonia com a deficiencia de conhecimentos das matronas para cujo uso eram destinados. São elles; 1.º a *Luz de Comadres e Parteiras*, de Domingos de Lima e Mello, natural de Vianna do Castello e medico na Villa de Povos [2].

2.º O *Novo methodo de partejar*, de Manuel José Affonso e José Francisco de Mello, dois irmãos ambos cirurgiões, sendo-o o segundo das tropas de Lisboa [3];

3.º As *Breves Instrucções sobre os partos*, traduzidas de Raulin [4].

Dos dois primeiros, visto que o ultimo está fóra do quadro da nossa historia, leva vantagem o segundo. Apesar d'isso, é muito incompleto, do que se fará ideia exacta sabendo-se que, nos casos difficeis de partos, a unica manobra que aconselha é a versão.

---

[1] *Novissima e insuperable dissertacion sobre las preñadas quando padecen de pica y malacia, en que se dá la razon: porque ellas avorrecen muchos alimentos, que antes de la preñez les eran agradables y apetecen otros, que antes fastidiavan, sin omitir talvez su irregular apetite al carbon, sal, yeso, etc. Y en ella se veran los remedios contra tan extraordinaria inclinacion. Respuesta que dió á la real, y sapientissima academia Medico-Matritense, a esa misma pregunta el doctor D. Antonio de Monrava y Roca.* Lisboa, en la officina del mismo autor. Anno MDCCLII.

[2] *Luz de Comadres e parteiras.* Lisboa, por Pedro Ferreira, 1725.

[3] *Novo methodo de partejar, recopilado dos mais famigerados e sabios Authores...* Lisboa, na offic. de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminent. Card. Patriarcha, MDCCLXXII.

[4] *Breves instrucções sobre os partos a favor das parteiras das provincias, feitas por ordem do ministerio por Mr. Raulin, Doutor em medicina, conselheiro medico ordinario de el-rei, censor real e membro das mais celebres Academias da Europa. Obra traduzida do francez por M. R. D. A.* Lisboa, na regia officina typographica. Anno MDCCLXXII.

PATHOLOGIA MEDICA

A pathologia medica no seculo XVIII entre nós é um reflexo da lucta travada por toda a Europa entre os diversos systemas medicos: iatro-chimismo, iatro-mechanismo e animismo ou vitalismo de Stahl. Todos elles, e os differentes cambiantes que n'elles estabeleceram Willis e Baglivi, Hoffmann e Boerhave, Stahl e Gorter, têm representantes entre nós. Era, porém, ainda grande a influencia accumulada durante seculos de Galeno e dos arabes: alguns pathologistas ainda querem estabelecer transacções entre as doutrinas tradicionaes e os novos systemas; outros abandonam resolutamente a antiga pathologia e tornam-se sectarios convictos das modernas doutrinas. N'esta lucta o predominio pertenceu a Boerhave e póde dizer-se que, ao termo do periodo que estudamos, a influencia do grande medico de Leyde, que D. João V convidára com largo estipendio para vir ensinar em Portugal, era dominadora. A reforma da Universidade de 1772 consagrou definitivamente o seu predominio.

Na exposição que vamos fazer dos trabalhos de pathologia seguiremos a ordem chronologica e procuraremos marcar nos differentes pathologistas as tendencias que representam e pôr em relevo o que de observação pessoal n'elles se encontra.

Fonseca Henriques é com certeza entre nós um dos mais notaveis representantes do iatro-chimismo de Sylvio de Leboe e Willis, mas o seu respeito á tradição é ainda grande nas suas primeiras obras de pathologia.

A sua *Pleuricologia* (1701) é um livro muito enfeudado ao galenismo, comquanto constitua uma monographia apreciavel, pelo menos como exposição completa das doutrinas que segue. Apesar da descoberta da circulação, que Henriques conhecia, disputa se a sangria se deve fazer do lado da pleuresia ou do lado opposto, como se ainda estivessemos no seculo XVI, em que a contenda de Pedro Brissot apaixonára os espiritos. A therapeutica, além da sangria, consistia nos purgantes, nos ex-

pectorantes, no opio e na quina, não desprezando em casos graves as escarificações, as ventosas e os fonticulos.

No *Soccorro Delphico* (1711) as suas tendencias chimiatricas começam de manifestar-se claramente. O seu systema physiologico assenta sobre as fermentações de que são séde os humores, e a respeito d'estes, como atraz ficou dito, fez um tratado especial. As doenças dependem de fermentações anormaes ou mal dirigidas; d'ellas derivam alterações humoraes diversas, d'entre as quaes a acidez e a alcalinidade são as principaes. O sangue póde tornar-se mais espesso ou mais tenue (obstrucções, coagulações); póde dissolver-se ou dissociar-se nos seus elementos (hydropesias, escorbuto, febres putridas). N'estas bases, que é facil verificar serem as do iatro-chimismo de Willis, assenta todo o edificio da sua pathologia.

O *Soccorro Delphico* é dividido em tres partes: na primeira occupa-se Fonseca Henriques da embryologia; na segunda trata em primeiro logar da hygiene da primeira infancia e depois da pathologia medica: a terceira é consagrada ao estudo das febres.

Já nos referimos á parte embryologica e por agora apenas exporemos a secção que se occupa da pathologia. As causas das doenças, tal como as expõe Fonseca Henriques, são principalmente a depravação do chylo, os humores *salsuginosos,* a sua estagnação, os vapores que causam vellicações e contracturas nos differentes orgãos, e o contagio. A symptomatologia é bem exposta, succintamente talvez, e acompanhada de muitas observações, em que Henriques se mostra pratico consciencioso e desapaixonado. Esse é o maior valor do livro. A therapeutica é muitas vezes baseada n'um empirismo ridiculo e repugnante, o que não exclue outras preceitos acceitaveis e até de encarecer. Assim, Fonseca Henriques é parco na sangria, e mais frequentemente recorre aos purgantes para evacuar os humores; muitas vezes applica os estimulantes para restaurar os espiritos abatidos; soccorre-se de medicamentos de proveito real: quina, opio, balsamo do Perú, etc., e emprega largamente as aguas mineraes e até a agua fria, se bem que por um processo indirecto. Na febre hectica, por exemplo, diz

ter tirado excellentes resultados de mandar deitar os doentes sobre odres cheios de agua.

O *Apiarium medico-chymicum* (1711) é uma collecção de observações. Na maior parte referem-se a febres e têm pouco interesse, comquanto revelem o mesmo pratico consciencioso e esclarecido que as obras anteriores denunciam. Poderiam ainda hoje despertar alguma attenção: a observação d'um caso de hemorrhagia supplementar pelo pollegar do pé esquerdo (c. I, obs. IV); a d'uma dôr pertinaz do estomago, curada em seguida á expulsão d'um calculo (c. I, obs. XXII); a de outra concreção do tamanho d'um ovo que se desenvolveu no utero (c. I, obs. XXXI); a de vigilias repetidas causadas pelo uso immoderado do tabaco (c. I, obs. LXIX); a d'uma intoxicação pelos cogumelos curada pela applicação d'um vomitorio (c. II, obs. X); a d'uma rapariga de Coimbra que, dominada por uma fome depravada, comia piolhos (c. II, obs. LVIII); a d'uma asthma convulsiva curada pelo uso do leite (c. II, obs. XCVII); a d'um homem que devorava cobras (c. III, obs. II); a d'uma epilepsia curada pelo uso do leite (c. III, obs. XIX); a d'uma diabete igualmente curada pelo uso do vinho (c. III, obs. XXXVII); a d'uma mola de extraordinarias dimensões (c. III, obs. LXXXI), e finalmente a d'uma rapariga que sem lingua fallava, e foi vista em 1708 em casa do conde da Ericeira (c. IV, obs. XXVIII).

O empirismo que é a base da therapeutica de Fonseca Henriques encontramol-o frequentes vezes nos escriptores de pathologia no seculo XVIII, qualquer que fosse o systema medico a que se inclinassem. N'um manuscripto de Luiz de Miranda, existente na Escóla Medico-Cirurgica do Porto, ao lado de cada doença summariamente exposta, segue uma lista de medicamentos grosseiros e repugnantes [1]. De Luiz

---

[1] *Peculio medicinal. Em que trata das Infermidades do corpo humano, assim communs como particulares, por suas cauzas, sinaes, curas e prognosticos brevemente tratadas: feito pelo Licenciado Luiz de Miranda, medico formado pella Vniversidade de Coimbra e do partido da mesma, familiar do Santo Officio do districto de Evora cidade e morador em esta Villa de Vianna do Alemtejo, feito em 15 d'Agosto de 1705 annos.*

de Miranda, além dos dizeres que constam do frontispicio da sua obra, nada mais se conhece.

Já vimos que o mesmo succedia com João Curvo Semmedo. Muito inclinado ao iatro-chimismo de Sylvio e Willis, como Fonseca Henriques, nenhum talvez dos nossos pathologistas se mostrou tão credulo e explorou tanto a credulidade dos outros. Offerece-se-nos, porém, agora um livro em que os dotes de observador prudente que grangeou nos contemporaneos se acham em parte confirmados, as *Observações medicas.* Taes qualidades avultam effectivamente ao narrar um caso de colica nephritica, tratado pelos balsamicos e diureticos; um outro de intoxicação pelos vapores arsenicaes; o d'uma febre puerperal, provocada pela retenção d'uma parte da placenta; o d'uma colica hepatica, curada pelo leite de burra; alguns de intoxicação chronica pelo mercurio, etc., etc. Se, porém, não resta duvida de que Curvo Semmedo viu e observou bem, com relação á therapeutica nenhum juizo é permittido fazer, visto que na maior parte dos casos, e sobretudo nos graves, emprega e aconselha composições secretas, arcanos de excelsa virtude que vendia por bom preço e que ainda em seguida á sua morte foram explorados pelos herdeiros [1].

Miguel Dias Pimenta, natural de Landim, no arcebispado de Braga, filho de Antonio Dias Pimenta e de Maria Francisca [2], abandonando a patria, foi estabelecer-se em Pernambuco. Ahi assistiu á epidemia de febre amarella, de que se occupou João Ferreira da Rosa, e ácerca da qual diz que no Recife e Santo

---

[1] *Observaçoens medicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da Patria & das Nações extranhas escreve na lingua Portugueza & Latina Joam Curvo Semmedo, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, & Medico da Casa Real; offerecidas ao Illustrissimo Senhor Ruy de Moura Telles, Arcebispo Primaz das Hespanhas.* Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galram. Com todas as licenças & Privilegio Real. Anno MDCCVII.

2.ª edição. Ibi., mesma typographia, 1727.

3.ª edição. Ibi., mesma typographia, 1741.

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

Antonio fez seiscentas victimas desde novembro de 1685 até janeiro do anno seguinte. Igualmente viu casos de pulga penetrante, de escorbuto e de opilação. A doença, porém, que mais despertou a sua attenção foi o *bicho* e sobre elle publicou uma memoria especial que nada accrescenta ao que os pathologistas do seculo anterior haviam escripto [1].

Manuel Moreira Teixeira, natural de Santo André de Tolões, proximo a Amarante, e filho de Antonio Fernandes e Antonia Moreira, nasceu em 1659 e morreu em 1724 [2]. Terminou o seu curso em 1696 e exerceu a medicina, primeiro em Lamego e depois na villa de Amarante. Ahi teve occasião de observar uma febre de caracter epidemico de que deixou registo. Teixeira ainda vota um culto fervente á antiguidade, e no seu pequeno opusculo reproduz as considerações que a respeito das febres se encontram na pathologia galenica [3].

Desenvolveu-se em 1723 em Lisboa uma epidemia de febre amarella, provavelmente importada do Brazil. Preoccupado o governo com a doença, pela singularidade da symptomatologia e mais do que isto pela grande mortandade que causava, remetteu um questionario aos medicos de Lisboa, ordenando-lhes que respondessem em curto praso. Um dos que o fizeram foi Simão Felix da Cunha, de quem Barbosa Machado, apesar de seu contemporaneo, apenas diz que foi medico em Lisboa, e a respeito do qual nenhum outro esclarecimento pudemos obter, a não ser que fôra discipulo do dr. Manuel da Cruz, na Universidade de Coimbra, e que não foi em Lisboa que pri-

---

[1] *Noticias do que he o achaque do bicho, diffiniçam do seu crestamẽto, subimento, corrupções, sinaes & cura até o quinto gráu, ou intensão delle, suas differenças, & cõplicações, com que se ajunta por Miguel Dias Pimenta, Familiar do Santo Officio & residente no Arrecife de Pernambuco.* Lisboa, na officina de Miguel Manescal, impressor do Santo Officio. Anno de 1707.

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

[3] *Tractatus et observatio de morbo epydemico, seu potius de febre ardente spuria, authore Emmanuele Moreyra Teixeira, oppidi ex Amaranto.* Conimbricæ, ex Typographia in regali collegio artium Soc. Jesu. Anno MDCCXII. Cum facultate superiorum.

meiro exerceu a sua profissão [1]. Simão Felix da Cunha publicou a sua resposta, com o titulo de *Discurso e observações apollineas*. Este livro torna-se notavel pela descripção symptomatica que faz da doença, descripção que é feita com verdadeiro rigor scientifico. Menos cuidadosa é a investigação das suas causas e a parte relativa ao tratamento, em que aconselha os purgantes, os temperantes, a sangria, embora parca, mas sobretudo o uso do leite asinino. As qualidades de observador que n'este livro são reveladas por Cunha são na verdade apreciaveis e merecem-lhe effectivamente a reputação de «agudissimo engenho» com que o encareceu nos nossos tempos Vieira de Meirelles [2].

Na medicina portugueza do seculo XVIII tem um logar evidente José Rodrigues d'Abreu. Nasceu este illustre medico em Evora a 31 de agosto de 1682, sendo filho de Manuel Rodrigues d'Abreu e de Maria Antunes. Estudou as humanidades e philosophia na sua patria, cursando em seguida a theologia, por se destinar á profissão ecclesiastica. Recebido o gráu de mestre em artes na universidade de Evora, foi para Coimbra, onde, abandonando os primitivos projectos, se consagrou ao estudo da medicina, vindo em seguida estabelecer residencia em Lisboa. Em 1705, segundo Barbosa Machado, mas mais provavelmente em 1709, embarcou com destino ao Brazil, acompanhando Antonio d'Albuquerque Coelho, governador do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, e por ahi se demorou até que em 1714 regressou ao reino. Em 1716 acompanhou, como physico-mór das armadas, o conde do Rio Grande a Corfu e

---

[1] Consta de pag. 60 e 117 da sua obra.

[2] *Discurso e observaçoens apollineas sobre as doenças, que houve na cidade de Lisboa Occidental e Oriental o outono de 1723. Dedicado a S. Nicolau, bispo de Mira, especial protector dos pobres, e amparo de todos os necessitados, pelas mãos do M. R. Senhor João Antunes Monteiro, Prior da Parochial Igreja do mesmo Santo, nesta côrte e cidade de Lisboa Occidental. Por Simam Felix da Cunha, medico na cidade de Lisboa e do partido de Sua Magestade.* Lisboa Occidental, na officina de Joseph Antonio da Sylva. Anno de 1726. Com todas as licenças necessarias.

em 1729 os reis portuguezes que corriam a avistar-se no Caya com os soberanos hespanhoes para concluirem os desposorios entre o principe do Brazil e a princeza das Asturias. Em remuneração d'estes serviços, recebeu o habito de Christo em 1724, com o fôro de fidalgo, e por ultimo foi nomeado medico da camara de Sua Magestade [1]. Diz Innocencio dubitativamente que ainda vivia em 1747: podemos affirmar que a sua morte se deu posteriormente a 1752.

José Rodrigues d'Abreu é entre nós o mais illustre representante do animismo de Stahl. Como o illustre professor de Halle, Abreu insiste sobre as differenças que separam a materia bruta da materia viva, um organismo d'um mecanismo. Todas as funcções nos sêres vivos se coordenam e tendem para um fim. Se n'elles se dão phenomenos physico-chimicos, são de ordem superior e sujeitos a leis. Estas funcções são regidas por um principio que no homem é a alma e nos animaes tambem um principio immaterial. A alma actua sobre a materia por meio d'uma força immaterial, a força motriz, que produz immediatamente os movimentos mais intimos por meio dos quaes se exercem as funcções. Aos phenomenos plasticos preside a alma, graças ás suas faculdades, umas superiores, com consciencia e raciocinio, outras inferiores em que ha vaga intuição ou instincto. O poder motor da alma apoia-se sobre uma motilidade inherente á materia viva: a tonicidade. A alma dirige esta força e regula com ella os movimentos dos solidos e dos liquidos. São estas as bases da sua physiologia.

Na doença, distinguem-se os esforços do agente morbifico e a reacção da força vital e da alma para triumphar d'essa causa. Se os esforços nem sempre dão em resultado a cura, é porque a alma deixou de ter acção sobre a crase e disposição do aggregado material, porque um dos fins da vida é manter em boa disposição os elementos dos humores sempre dispostos a dissociarem-se, a caírem em putrefacção. Apesar d'isto, as alte-

---

[1] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

rações humoraes nunca são primarias, são sempre consecutivas.

As doenças principaes são as febres, as hemorrhagias, a plethora, as congestões activas e passivas, sobretudo no dominio da veia porta. Regular a circulação, velar pelas secreções e excreções, taes são os pontos capitaes da hygiene e da therapeutica.

Abreu, como Stahl, é naturista, mas o seu methodo therapeutico é a expectação armada, e é grande o poder do armamento. O medico segue a marcha da natureza, ajuda-a, imita-a, por vezes mesmo a emenda. Emprega frequentes vezes a sangria, os vomitivos, os purgantes, os tonicos, os agentes que modificam os movimentos demasiado activos, os derivativos e revulsivos. Não dá largas applicações ao opio, mas é enthusiasta do nitro e dos especificos, entre os quaes alguns preparados de Stahl.

Estas ideias são apresentadas nas duas obras que se devem a Rodrigues d'Abreu, a *Luz de cirurgiões embarcadiços* e a *Historiologia medica.*

A primeira é uma descripção das affecções catarrhaes que se desenvolvem a bordo dos navios, e por vezes revestem caracter de epidemias, graças ás más condições hygienicas que n'elles se dão. No seu tratamento aconselha, além da sangria, os diaphoreticos, os diureticos, os evacuantes, e por vezes os causticos e sarjaduras [1].

A segunda é a exposição completa do systema stahliano. Abreu passa em revista as differentes seitas medicas, concluindo por encarecer a superioridade d'aquella em que se filia. Expõe a physiologia, em harmonia com os principios acima expostos. Segue-se a semeologia, e os signaes a que dá importancia são tirados das alterações humoraes, das desordens dos

---

[1] *Luz de cirurgioens embarcadissos, que trata das doenças epidemicas, de que costumam enfermar ordinariamente todos os que se embarcão para os portos ultramarinos, offerecida á magestade do Serenissimo rey de Portugal D. Joam V, nosso senhor, pelo dovtor Joseph Rodrigues d'Avreu, Medico Ulyssiponense.* Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galram, 1711.

sentidos, do exaggero ou diminuição da intensidade dos movimentos voluntarios.

A therapeutica occupa por si só um grosso volume, e se os medicamentos se reduzem principalmente ás categorias que acima indicamos, a sua lista é extraordinariamente longa, se bem que só a titulo de excepção se encontrem n'ella os preparados repugnantes que tanto pejavam as pharmacopeas do tempo.

A pathologia é exposta em harmonia com os principios que atraz expuzemos. As doenças estão dependentes da plethora, das congestões, da inflammação, das convulsões e da hydropesia, a que se vem juntar as febres. Por vezes n'estas differentes secções incluem-se affecções muito dissemelhantes: a ictericia emparelha com o volvulo, a diabete com a blennorrhagia, etc.; mas Abreu nada mais fez do que seguir em tudo a direcção que lhe imprimira Stahl.

Apreciada á luz dos actuaes conhecimentos, muitos reparos haveria que fazer á volumosa obra do nosso compatriota; julgada, porém, como exposição do systema do medico de Halle, é agradavel confessar que é completa, e que poucos dos discipulos se dariam a tão longo trabalho para apresentarem as doutrinas do mestre [1].

Pouco tempo depois da publicação do primeiro volume da *Historiologia medica,* Bernardo Pereira publicava a sua *Anaphaleosis.* É um monumento de superstição e crendice, em que

---

[1] *Historiologia medica fundada nos principios de George Ernesto Stahl, famigeradissimo Escritor do presente Seculo, e ajustada ao uso Pratico deste Paiz.*

Tomo primeiro. Em que se contem as suas instituiçoens incluidas na Physiologia, Pathologia e Semeologia. Escrita pelo Doutor Joseph Rodrigues de Avreu, cavalleiro professo da Ordem de Christo e Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Familiar do Santo Officio e medico del Rey. Dedicada aos professores medicos. Lisboa Occidental, na officina de musica, MDCCXXXIII.

Tomo segundo dividido em duas partes em que se contem a pratica geral e especial curatoria das queixas a que está sogeito o corpo humano, incluidas na

o auctor se occupa das doenças causadas por feitiços (!), aconselhando o uso dos exorcismos e dos amuletos [1].

Em 1735, dava Luiz Gomes Ferreira á publicidade o seu *Erario mineral*. Tudo quanto se sabe a respeito d'este cirurgião é pouco mais do que se lê no frontispicio do seu livro. Era natural de S. Pedro de Rates, na comarca de Barcellos e vivera durante vinte annos em Minas, no Brazil. Deve ter-se dado isto nos annos de 1711 a 1730, e em seguida ao regresso, Gomes Ferreira estabeleceu residencia, pelo menos temporaria, no Porto. O *Erario mineral* é um tratado sobre diversos capitulos de pathologia, baseado muita vez na observação pessoal do auctor. O que de mais importante se encontra n'elle é um tratado sobre a doença do *bicho* e outro sobre a pleuresia, mas o que em ambos ha de aproveitavel é prejudicado pela confiança que o seu auctor manifesta em medicamentos que actuam em virtude de poderes sobrenaturaes, como é o uso do ambar, atado ao pescoço para preservar da insomnia,

---

Praxe medica. Parte primeira. Dedicada ao eminentissimo e reverendissimo senhor D. João da Mota presbytero cardeal da santa igreja de Roma. Lisboa Occidental, na officina de Antonio de Sousa da Sylva, MDCCXXXIX.

Tomo segundo dividido em duas partes, em que se contem a pratica geral, e especial curatoria das queixas a que está sujeito o corpo humano, incluidas na Praxe medica. Parte segunda. Dedicada ao Serenissimo Senhor infante D. Pedro, Gram prior do Crato, etc. Lisboa: na officina de Francisco da Sylva. Anno de MDCCXLV.

Tomo segundo dividido em tres partes, em que se contem a pratica geral, e especial curatoria das queixas a que está sujeito o corpo humano, incluidas na Praxe medica. Parte terceira. Dedicada ao serenissimo senhor infante D. Pedro, gram prior do Crato, etc. Lisboa: na officina de Francisco da Sylva. Anno MDCCLII.

[1] *Anacephaleosis medico-theologica, magica, juridica, moral e politica, na qual em recopiladas Dissertações; e Divizões se mostra a infalivel certeza de haver qualidades maleficas, se apontão os sinaes por onde possão conhecer-se; e se descreve a cura assim em geral, como em particular, de que se devem valer nos achaques precedidos das ditas qualidades maleficas, e Demoniacas, chamados vulgarmente feitiços... por Bernardo Pereira, medico do Partido da Villa do Sardoal.* Coimbra: na officina de Francisco de Oliveyra, Impressor da Universidade, MDCCXXXIV.

etc. É de mencionar igualmente que se refere a algumas das producções vegetaes do Brazil. Uma d'ellas é o jaborandi, cujas propriedades é certamente o primeiro cirurgião a encarecer, comquanto pelo menos a elle já se houvesse referido o jesuita Simão de Vasconcellos [1]. Igualmente dá noticia de alguns dos animaes que habitam a America do Sul, como a marita-fede, a preguiça, a giboia, etc. [2]

Pouco depois, Fonseca Chacon publíca o seu tratado, sobre o qual nada podemos dizer, porque nos não foi dado vêl-o, nem nos consta de bibliographo algum que d'elle dê noticia que possamos aproveitar. Segundo Barbosa Machado, Fernando da Fonseca Chacon nasceu em Pinhel a 30 de setembro de 1680 e era filho de Antonio da Fonseca Costa e de Leonor Gomes. Estudou a medicina em Coimbra, e era um dos praticos mais considerados de Lisboa não só como medico, mas como cirurgião [3].

De 1744 data a publicação do *Collegium medicum* de Francisco Branco Ramos, livro e auctor desconhecidos por completo, ao que nos parece, dos nossos historiadores e bibliographos medicos. Branco Ramos formára-se na Universidade e exercera a clinica em Penamacor, d'onde era natural.

A sua obra é uma collecção de observações relativas a febres, sem valor algum, e em que a therapeutica é limitada ao

---

[1] *O Jaborandi — seculos XVII e XVIII* — nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, IV, pag. 66.

[2] *Erario mineral dividido em doze tratados, dedicado e offerecido á purissima e serenissima virgem Nossa Senhora da Conceyção. Avtor Luis Gomes Ferreyra, cirurgião approvado, natural de S. Pedro de Rates, e assistente nas Minas do Ouro por decurso de vinte annos.* Lisboa Occidental. Na officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca, MDCCXXXV.

[3] *Dissertação medica e novo methodo de curar febres ardentes, malignas petechiaes e outras doenças applicando-lhe o facillissimo remedio da agua pura, que se expõe á observação dos professores e utilidade publica.* Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca, 1737. (Com o nome supposto de Ambrosio de Miranda).

uso dos causticos, purgantes e de alguns medicamentos de composição do auctor [1].

Já nos temos referido por varias vezes a Monravá e Roca, o lente de anatomia em Lisboa. Ora a sua *Novissima medicina* occupa-se em grande parte da pathologia interna. A semeiologia é colhida nas modificações do pulso, da respiração, da voz e da falla, do somno e da vigilia, do movimento e do decubito; das partes affectadas; do estado dos humores e dos excretos; das coisas preternaturaes e ainda das coisas que se manifestam. É confuso o systema medico que adopta: Hippocrates deve na sua opinião ser honrado, mas os seus Aphorismos queimados; o iatro-chimismo e o iatro-mechanismo são combatidos; mas no fundo Monravá acceita da antiga pathologia o humorismo galenico e da moderna tendencias mechanicas e chimiatricas manifestas. As criticas que lhes dirige são mais na fórma que na essencia. Expõe a pathologia especial segundo as regiões affectadas, manifestando no estudo das causas e da pathogenia um eccletismo prudente. A therapeutica baseia-se no emprego moderado da sangria, no dos purgantes e outros evacuantes; lança mão dos absorventes e opiados, mas os medicamentos mais empregados, mais heroicos, são de sua composição e já atraz foram mencionados. A sua medicina é com certeza inferior á sua cirurgia, em que vimos que, a despeito da paixão do auctor pelas discussões frivolas, havia preceitos aproveitaveis e a demonstração de verdadeiras aptidões manuaes.

João Cardoso de Miranda, natural de S. Martinho de Cambres, junto a Lamego, durante muitos annos residiu na Bahia de Todos os Santos, tendo antes, em 1719, viajado por França

---

[1] *Collegium medicum chyrurgicum, et phàrmaceuticum, ex multis medicinæ praticæ observationibus apprimè conflitum, opus excellens medicis non solum perutile, sed etiam chyrurgis, lectoribus delectabile, & ægris proficiium. Authore D.oct Francisco Branco Ramos Lusitano Penamacorensi, Celeberrimæ Conimbricensis Acadamiæ alumno. Tomus I. Tres Centurias Continens.* Ulyssipone. Ex typographia Alvarense, MDCCXLIV.

e Hespanha; suppõe Innocencio que fallecesse em 27 de janeiro de 1773.

Em 1741 publicava a sua *Relação cirurgica e medica,* em que estudou differentes pontos de pathologia medica e cirurgica, entre os quaes o mais importante é o escorbuto, para o qual aconselha um tratamento que experimentou em mais de quatro mil doentes, e que era constituido por uma tisana em que associava aos purgantes os tonicos amargos. Miranda deve ser considerado como um bom pratico, tendo uma instrucção muito solida e um tino clinico muito notavel [1].

Em 1747, Antonio Francisco da Costa traduzia a *Pathologia* de Adriano Helvecio, e juntava-lhe um tratado sobre o *bicho*, que se distingue pela clareza e rigor da exposição, e por corrigir algumas erradas noções que a respeito d'esta doença corriam [2].

Dissemos que na lucta estabelecida entre os diversos systemas medicos no seculo XVIII pertencera a victoria ao de Boerhave. Se entre os discipulos do grande medico de Leyde avulta Ribeiro Sanches, cuja vida na sua maior parte decorre fóra do paiz, tinhamos em Portugal quem a Boerhave votava o mesmo culto e veneração que sempre por elle teve Ribeiro Sanches. Sachetti Barbosa, cavalleiro fidalgo da casa real, medico do numero e da camara do infante D. Manuel, familiar do

---

[1] *Relação cirurgica e medica, na qual se trata e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbutica ou mal de Loanda, e todos os seus productos, fazendo para isto manifestos dous especificos, e mais particulares remedios. Composto por João Cardoso de Miranda, Cirurgião aprovado, natural da freguezia de S. Martinho de Cambres junto á cidade de Lamego, e de presente assistente nesta da Bahia de Todos os Santos.* Lisboa, na officina de Manuel Soares. Anno de MDCCXLI.

[2] *Tratado das mais frequentes enfermidades e dos remedios mais proprios para as curar... escrita em Francez pelo famoso Medico Adriano Helvecio... Tomo primeiro...* Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca, MDCCXLVII.

Tomo segundo, traduzido em lingua portugueza, e accrescentado com hum Tratado da enfermidade chamada do bicho. Lisboa, mesma typographia e anno.

Santo Officio, nasceu em Extremoz em 24 de março de 1714, sendo filho de João Mendes Sachetti, que serviu com distincção na guerra da successão de Hespanha, e de D. Maria Rodrigues. Depois de ter estudado a philosophia na universidade de Evora, cursou a medicina em Coimbra, onde, segundo diz Barbosa Machado, de quem vimos colhendo estas noticias, alcançou a reputação de ser o mais distincto estudante do seu tempo. Em 1739, terminados os seus estudos, voltava á patria, onde começou a exercer a clinica, sob a direcção do seu conterraneo, hoje esquecido, dr. Agostinho Mendes [1]. Assistiu durante algum tempo em Campo Maior como praticante e mais tarde como medico do Hospital Real d'aquella praça [2]; mas em seguida estabeleceu residencia em Elvas, onde adquiriu tal reputação que, ao fundar-se no Porto a Academia Medico-Portopolitana, era nomeado pro-presidente do circulo Eborense [3]. A sua reputação transpôz as fronteiras do nosso paiz e, quando em 1755 transferiu a sua residencia para Lisboa, já era membro da Sociedade Real de Londres e da Real Academia Medica de Madrid [4]. Desde que foi residir na capital, pouco se sabe da sua vida. Collaborou na reforma da Universidade, segundo o testemunho de Fr. Manuel do Cenaculo [5] e constava a Innocencio que já era morto no anno de 1780.

Deve-se a Sachetti um livro muito interessante, as *Considerações medicas,* em que se occupa do tratamento e prophylaxia das epidemias, e sobretudo das que se seguem aos terramotos. A medicina para elle deve ser baseada no systema de Boerhave, e este é fundado no systema philosophico de Newton. Applicado ás febres, este systema reduz-se aos seguintes principios: «Que a febre em geral ou em abstracto não tem outra causa mais que o estimulo dos nervos do coração e das arte-

---

1 *Considerações medicas,* pag. 286 e 413.

2 Idem, pag. 221.

3 Gomes de Lima, *Diario Universal,* pag. 23.

4 Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

5 Th. Braga, *Dom Francisco de Lemos e a reforma da Universidade de Coimbra,* pag. XXVIII.

rias, qualquer que ella seja; e por isso o seu signal proprio e pathognomonico é só a velocidade do pulso; 2.º quando este estimulo é externo e simples, como a paixão, a ira, o susto em nervos fracos de hystericas, hypocondriacos, meninos, etc., como o espinho, a insolação, etc., a febre é simples e é o que chamamos diarias; 3.º se este estimulo é interno, inherente e forte, produz as febres em particular em tantas variedades, quantas forem as causas capazes de produzir este estimulo; quantos forem os gráus do estimulo; e quantos os sujeitos ou humores susceptiveis das causas estimulantes» [1].

N'uma primeira carta tenta demonstrar que as epidemias e febres contagiosas são precedidas de certos phenomenos naturaes, como sejam producção de grande numero de insectos, irregularidades notaveis de estações, terremotos, inundações, meteoros celestes, cadaveres em putrefacção ao ar livre, mudanças de habitos de vida, e paixões deprimentes, como o susto e terror.

Como tudo isto se deu em seguida ao terremoto de 1755, Sachetti Barbosa prognosticava para breve a apparição de epidemias graves, e ao tempo que escrevia julgava vêr já confirmada em grande parte a sua prophecia.

N'outra carta procura conciliar a medicina antiga com o systema de Boerhave no que respeita ao conhecimento, prophylaxia e tratamento das doenças contagiosas; fixar o caracter das febres que procedem de irregularidade das estações, e das que procedem da inquinação do ar pelos productos da putrefacção, seguindo estas considerações d'uma critica ao methodo curativo empregado em Lisboa no tratamento das febres. N'esta exposição, que seria longo extractar, Sachetti Barbosa mostra notaveis conhecimentos, e vê-se que não desconhecia, antes punha em pratica, todos os meios de investigação de que a sciencia do seu tempo dispunha. Possuia muito bem as sciencias naturaes, praticava as dissecções e autopsias, sempre que para isso tinha ensejo, manejava o microscopio, publicando es-

---

[1] *Considerações medicas*, pag. IX.

tampas de differentes leites examinados com elle, e demonstrando a existencia dos póros da pelle, e introduzia na pratica o assucar de leite, então absolutamente desconhecido entre nós. No tratamento das febres, procura estabelecer as indicações do tratamento pelo vinho, da sangria, optando em geral pela subtracção de grande quantidade de sangue, dos purgantes, a cuja applicação frequente se não inclina, da quina, adoptando as regras que no seu emprego estabeleceu o seu amigo Jacob de Castro Sarmento; acceita de Stahl o preceito de ministrar o leite no periodo inflammatorio das febres, e combate muitos estados febris com elle, rejeitando a sua applicação n'outros; prefere-lhe, porém, em muitos casos o uso do assucar de leite.

Sachetti Barbosa deve ser considerado como um dos mais illustres praticos do seu tempo, um cultor dedicado, mas não obsecado, do systema de Boerhave, e sobretudo um espirito bem educado e cheio de enthusiasmo por tudo quanto representava verdadeiro progresso no dominio das sciencias medicas [1].

As *Considerações medicas,* pelos reparos que faziam ao methodo curativo das febres seguido na capital, deram margem a contestação por parte de Duarte Rebello Saldanha, medico em Lisboa, de cujas circumstancias pessoaes nada nos dizem

---

[1] *Considerações medicas sobre o metodo de conhecer, curar e preservar as Epidemias, ou Febres malinas Podres, Pestilenciaes, Contagiosas, e todas as mais, que se compreendem no titulo de Agudas, a cujos respeitos se trata do uso e abuso de todos os remedios notaveis da nossa presente pratica, principalmente leites, soros e caldos de frangos por ordem ao clima de Portugal, e a vulgar opinião que muitos tem sobre o de Lisboa e o das Provincias. Aplicadas particularmente ás que se seguem nos grandes terremotos, como o do primeiro de Novembro de 1755 e aos meteoros e fenomenos terraqueos, que o precederão, acompanharão e se lhe seguirão. Escritas em tres cartas e hum Apendix ao Dr. *** por João Mendes Sachetti Barbosa, medico do numero da Caza Real de S. Magestade Fidelissima, da Camara do Serenissimo Senhor Infante D. Manoel, e dos Serenissimos Senhores D. Antonio, D. Gaspar e D. José, Socio das Regias Sociedades de Londres e Academia Medica de Madrid.*

Parte I — Lisboa, na officina de José da Costa Coimbra, MDCCLVIII.

os bibliographos e a respeito de quem nada se apura da leitura do seu livro. E todavia Saldanha merece n'uma historia da medicina portugueza um logar evidente. Diz o cavalleiro d'Oliveira a respeito do seu livro que, «merecendo verdadeiramente o nome de *Illustração*, é a que convence os estrangeiros mais doutos que a têm examinado, ou a quem eu a tenho feito conhecida, que a boa rasão e luminosa philosophia, a solida e discreta critica, e emfim que o *sexto sentido* chamado o *bom* por excellencia, tem penetrado e feito os seus progressos em Portugal, como em todas as mais partes do mundo». Justificado é este juizo. Saldanha, em materia de systemas medicos, adopta um scepticismo prudente, imitado de Sydenham. Não crê que os terremotos sejam sempre e fatalmente seguidos de epidemias; acceita em materia de febres uma pathogenia chimica, consistindo a sua essencia n'uma alteração alcalina acre; referindo-se á variola, combate incidentalmente o methodo prophylatico da inoculação, e ao tratamento de tumores pela cicuta que Storck preconisava, tambem encontra n'elle inconvenientes; examina o systema curativo proposto por Sachetti Barbosa para o tratamento das febres e contesta que o calor sirva para as caracterisar; rejeita nas febres inflammatorias e ainda nas agudas os causticos e vesicatorios, e insiste sobre as vantagens do leite de burra n'algumas d'ellas.

Pelo que acaba de ser dito, não poderá muito ser acreditado o juizo que acima dissemos sobre a obra de Saldanha; mas em toda ella se mostra elle versado, como o seu contendor, em todos os ramos da medicina, criticando por vezes com acerto o que de exclusivo havia nos systemas medicos reinantes. Deve ficar a convicção de que Sachetti Barbosa era o medico enthusiasta pelas novas conquistas scientificas, ao passo que Saldanha o pratico que as recebe de animo repousado, e com prudente duvida [1].

---

[1] *Illustração medica ethico-politica, historico-sistematica, sceptico-ecletica, Fisico-Analitica, e Theorico-Pratica, ou reflexão critica ás considerações medicas: sobre o methodo de conhecer, curar e preservar as Epidemias, ou Fe-*

Pouco antes da publicação d'este livro, Manuel Alvares da Cruz, medico conimbricense, do partido de Botão e Eiras, oppositor á cadeira de Avicena, publicava a sua *Arte medica*, onde se encontra um tratado anatomico de valor muito reduzido a preceder uma série de observações sobre doenças vulgares, hydropesias, asthmas, tisicas, etc., que não inspiram maior interesse [1].

Pela mesma época, apparece a *Carta critica sobre o methodo curativo dos medicos funchalenses*, em que se dá conta da therapeutica seguida no Funchal n'algumas doenças. São ellas o sarampo e a apoplexia, a proposito d'uma epidemia da primeira, e d'um caso da segunda em pessoa importante da ilha. O auctor d'este livro recommenda no sarampo o uso da sangria em principio, da agua fria em abundancia como bebida, e combate o emprego dos diaphoreticos, do opio e dos absorventes. Na apoplexia, é a base do tratamento a sangria e os clysteres, e na que procede de enchimento de estomago têm grande valor os vomitorios. Estas considerações therapeuticas são baseadas nos textos dos melhores pathologistas da época e sobretudo nos de Baglivi, Sydenham e Hoffmann [2].

---

bres malignas, podres, pestilenciaes, contagiosas, et cet. Dividida em dois tomos, por Duarte Rebello de Saldanha, Medico n'esta Corte. Lisboa, na regia offic. Silviana, e da Academia Real, MDCCLXI.

Tomo segundo — Lisboa, na officina de Jvam Aquino de Bulhoens, MDCCLXII.

[1] *Arte medica, fundada no primeiro afforismo de Hypocrates, Vita brevis, ars longa. Contem huma obra Anathomica em que se explica Avicena na fen I lib. I em que trata do corpo humano e suas partes, e he huma das fen em que se fizerão as opposições á cadeira: contem tambem hum tratado de observações que curiosamente puz em lembrança, offerecida á Senhora do Rosario da villa de Eyras, composta pelo Doutor Manuel Alvares da Cruz, Medico Conimbricense, pratico, com Provisoens Regias dos partidos das villas de Botão e Eyras, oppositor á cadeira de Avicena na Universidade de Coimbra.* Coimbra, na officina de Luis Secco Ferreira. Anno de 1759. Com todas as licenças necessarias.

[2] *Carta critica sobre o methodo curativo dos medicos Funchalenses.* MDCCLXI. Este livro é assignado com as iniciaes I. F. D. S.

Terminando este estudo de pathologia medica no seculo XVIII, mencionaremos ainda, sem nos determos no seu exame, algumas obras de D. Francisco Pujol [1]; a traducção dos *Aphorismos de Hippocrates,* de Francisco Daniel Nogueira [2] e o *Methodo breve e seguro,* de Cluton [3].

THERAPEUTICA

No estudo da therapeutica, offerecem-se á nossa consideração tres ordens de trabalhos: os tratados geraes; as monographias e as memorias sobre aguas mineraes. Completaremos este estudo com um exame rapido das numerosas pharmacopeias que se publicaram no seculo XVIII.

D'estes tratados geraes, é o primeiro a *Recopilação dos remedios escolhidos de M.me Fouquet,* traduzido do francez, e sobre o qual nos não demoraremos pelas razões por vezes apontadas [4].

---

[1] *Carta apologetica critico-medica.* Lisboa, imp. de Joseph Phelippe, 1760. *Respuesta a un amigo y avisos para todos.* Lisboa, na off. de Joseph Phelippe, 1761.

[2] *Hyppocrates lusitano, ou aforismos de Hyppocrates traduzidos fielmente do Latim para o Idioma portuguez. Parte primeira.* Lisboa, na officina de Pedro Ferreira, Impressor da muito Augusta Rainha N. S. Anno de 1762.

[3] *Methodo breve e seguro, para curar as febres continuas, Inflammatorias, Reumatismos, e outras muitas enfermidades, escripto em Inglez por Mr. Cluton, tradusido em Francez, e agora novamente em Portuguez por ***. Accrescentado nesta ultima Traducção com varias observaçoens feitas pelo Traductor Portuguez.* Porto, na officina de Antonio Alvares Ribeiro. Anno de 1772.

[4] *Recopilação de remedios escolhidos de Madáma Fouquet, faceis, domesticos, experimentados e aprovados para toda a sorte de males internos e externos e difficeis de curar para allivio dos pobres. Quinta impressão augmentada de quantidade de segredos, emendada e posta em melhor ordem que as impressões precedentes, muito util para toda a sorte de familias que podem fazer estes remedios com pouco custo. 1.ª e 2.ª parte.* Lisboa, por Miguel Manescal, impressor do Santo Officio e da serenissima casa de Bragança, 1712.

6.ª impressam — Lisboa, na officina de Domingos Gonsalves. Anno de MDCCXLIX.

Foi seguido de perto pelo *Thesouro Apollineo* de João Vigier, pharmaceutico francez, que no ultimo quartel do seculo XVII viera estabelecer residencia em Lisboa, em companhia de seu tio Pedro Donodeo, boticario da rainha. É um tratado de materia medica e de pharmacia não destituido de valor, se bem que prejudicado pela crença, que o auctor em cada pagina traduz, em medicamentos que actuam por virtudes especificas e secretas. Tem, além d'isso, como documento historico a importancia de nos attestar a introducção da pharmacia chimica no nosso paiz, incluindo preparações e processos de os fabricar extraídos de Nicolau Lemery [1].

Deve-se igualmente a João Vigier uma *Historia das plantas*, que, comquanto resumida, se nos afigura ainda de algum valor, tanto mais que é acompanhada de gravuras representando as diversas plantas que descreve. A classificação é defeituosa, nem outra coisa podia ser ao tempo em que Vigier escrevia, mas as descripções são por vezes correctas e exactas [2].

Terceira parte da Recopilação dos remedios escolhidos e recolhidos por ordem da caritativa, illustre e piedosa madama Fouquet para consolação dos pobres enfermos com um regimento de vida para cada compreição e para cada achaque e um tratado do leite. Lisboa, por Antonio Manescal, livreiro de S. Magestade e de Suas Altesas, 1714.

6.ª impressam — Lisboa, na officina de Domingos Gonsalves. Anno de MDCCXLIX.

A traducção d'este livro é de João de Saldanha de Albuquerque e Mattos Coutinho e Noronha.

[1] *Thesouro apollineo, galenico, chimico, chirurgico, pharmaceutico, ou compendio de remedios para ricos & pobres. Contem a individuaçam dos remedios simplices, compostos & chimicos com as suas proporcionadas doses, postos em particulares classes pela distincção de capitulos dos achaques, que costumão infestar o corpo humano. Acrescenta-se huma breve raciocinaçam da Escóla moderna sobre as causas efficientes; como & quando se devem applicar certos remedios. Ultimamente formulas de receitas preciosas para os Magnates & de menos preço para os Plebeos.* Lisboa, na Officina Real Deslandesiana, MDCCXIV.

2.ª impressão — Lisboa por Miguel Rodrigues, 1745. Innocencio cita outra edição do mesmo anno. Coimbra, na officina de Luiz Secco Ferreira.

[2] *Historia das plantas da Europa, e das mais uzadas que vem da Asia, da Africa & da America. Onde se vê suas figuras, seus nomes, em que tempo*

A *Atalaya da vida* de Curvo Semmedo é um livro deploravel. A maior parte dos medicamentos que n'elle se apregoam são de tal modo asquerosos, que se não póde lêr sem desgosto. Além d'isto, Curvo Semmedo cita a cada passo composições de sua lavra, verdadeiras panaceias universaes que vendia por bom dinheiro e que ainda depois da morte do seu auctor continuaram a ser objecto de commercio importante [1].

Extremamente notavel é a *Materia medica*, de Jacob de Castro Sarmento. Este illustre medico nasceu na cidade de Bragança, em 1691, sendo filho de Francisco de Castro Almeida e de Violante de Mesquita [2]. Educado na villa de Mertola, passou á Universidade de Evora, onde recebeu o gráu de mestre em artes no anno de 1710 [3]. D'ahi foi para Coimbra estudar medicina, e ahi teve entre outros mestres o dr. João Pessoa da Fonseca, de quem, passados muitos annos, se lembrava com muita saudade [4]. Concluiu o curso em 1717, e por

---

florecem & o lugar onde nascem. Com hum breve discurso de suas Qualidades e Virtudes especificas. Dividida em dois volumes, & acomodada na fórma do grande Pinax de Gaspar Bauhino. Por Joaon Vigier, offerecida ao Ex.mo S.or Cardeal D. Nunno da Cunha, Inquisidor geral, etc.

Tomo primeiro — Em Lion, na officina de Anisson, Posuel & Rigaud, MDCCXVIII.

Tomo segvndo — Mesma typographia e anno.

[1] *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada, e guarnecida com tantos defenssores, quantos são os remedios que no discurço de sincoenta & oyto annos experimentou João Curvo Semmedo, cavalleyro professo da ordem de Christo, Familiar do Santo Officio & medico da Casa Real. Offerecida a Christo Jesu Crucificado.* Lisboa Occidental, na officina Ferreyrenciana, MDCCXX.

[2] Fr. Francisco de S. Luiz contesta o anno do nascimento marcando-o em 1692, baseado no retrato que acompanha a *Theorica verdadeira dos mares*, que, sendo aberto em 1737, representa o auctor na idade de quarenta e cinco annos. Este reparo não nos parece sufficientemente fundado e por isso preferimos a data apresentada por Barbosa Machado e por Innocencio.

[3] Vamos seguindo a biographia de Barbosa Machado; mas a passagem relativa a Mertola é attestada pelo proprio Sarmento na *Materia medica*, II parte, pag. 438.

[4] *Uso e abuso das minhas aguas de Inglaterra*, pag. 137.

poucos annos residiu em Portugal. Praticou em Beja com o dr. Pedro Dias Nunes [1]; mas demorou-se em Lisboa, indo depois para o norte, talvez em demanda da sua terra natal [2]. Ambicioso de enriquecer o seu talento com thesouros scientificos, como diz Barbosa, ou mais provavelmente para se subtrahir a perseguições religiosas que as suas crenças lhe poderiam acarretar, como quer Innocencio, deixava a patria, e em 1721 fixava residencia em Londres [3]. Ahi decorreu toda a sua vida, entregue ao estudo e pratica da medicina, tendo merecido, pelos seus talentos, ser admittido no Collegio Real dos Medicos em 1725; na Real Sociedade de Londres em 1730, e ser graduado doutor na universidade de Aberdeen em 1739. A sua morte parece ter-se dado em 1762.

Da sua avultada producção scientifica destaca a *Materia medica*. Replexo das doutrinas iatro-mechanicas, então reinantes na sciencia, este livro tem a recommendal-o uma grande clareza na exposição, acompanhada de notavel rigor scientifico. Abre com uma noticia historica sobre os differentes systemas que haviam dominado na medicina. Seguidamente occupa-se na primeira parte das substancias mineraes, adoptando uma ordem invariavel na descripção dos seus caracteres physicos e chimicos e dos seus effeitos pharmacologicos.

Segue uma classificação chimica, e divide os corpos de que trata em metaes, saes, pedras, enxofres, aguas doces e mineraes, terminando esta primeira parte por uma descripção dos principaes remedios então empregados na materia medica. No capitulo em que se occupa das aguas mineraes, trata largamente das virtudes das aguas das Caldas da Rainha, em cuja

---

[1] *Uso e abuso das minhas aguas de Inglaterra*, pag. 100.

[2] Id., pag. 137.

[3] Ainda aqui nos apartamos de Fr. Francisco de S. Luiz que marca a residencia em Londres no anno anterior, e fazemol-o porque no *Uso e abuso das minhas aguas de Inglaterra* Sarmento diz que tinha trinta e dois annos de pratica em Londres, escrevendo isto em 1753.

composição diz entrar o enxofre, um principio alcalino e outro calcareo, além de betume e de vitriolo de ferro, e cujas indicações, sob a fórma de bebida, são as doenças de pelle, a gotta e o rheumatismo, doenças de rins, doenças uterinas, a esterilidade e a impotencia, e sob a de banhos, as epilepsias, as vertigens, as hemorrhagias, as doenças inflammatorias e a syphilis. Ao occupar-se dos remedios mais usados na materia medica, e que são a sangria, os emeticos, os purgantes, os vesicatorios, os diureticos, os ptyalismicos, os hypnoticos, refere-se á ipecacuanha, ainda então pouco empregada em Portugal, e dá noticia desenvolvida da quina e sobretudo d'um preparado que a tinha por base e que por muito tempo foi objecto de largo commercio da parte de Castro Sarmento, a *Agua de Inglaterra.*

A parte do livro, consagrada aos reinos vegetal e animal não é tão desenvolvida, comquanto dê relação de grande numero de substancias. Esta parte é dividida em dois capitulos, um consagrado aos simplices de origem vegetal, outro aos de origem animal. É de notar que grande numero das substancias que menciona haviam sido ensaiadas por Castro Sarmento; o balsamo de S. Thomé ou do Espirito Santo fôra objecto de estudo no Hospital dos Portuguezes; a casca do Brazil, ou barbatimão, fôra experimentada por sua diligencia no Hospital de Guy, de Londres, onde o dr. Klark a reputou de grande proveito nas hemorrhagias e o dr. Nesbit muito efficaz nos corrimentos uterinos; a contrayerva era a base d'um *bezoartico* especial da sua composição; o sabão duro de Castella, que entrava na constituição do remedio de Stephens contra a pedra na bexiga, fôra por elle ensaiado n'um mercador portuguez, e as suas virtudes eram por Castro Sarmento attribuidas á cal que encerrava, etc. Igualmente se encontram, no capitulo consagrado ás substancias de origem animal, notas baseadas na observação do auctor.

N'um appendice, em que se occupa de alguns corpos, que não descrevera no logar apropriado, menciona a solução de sublimado corrosivo que corre com o nome de *licor de Van Swieten,* e a simaruba que lhe havia sido remettida do Brazil

e na qual reconhecera um seguro vomitivo, pelas experiencias a que se entregára no hospital dos portuguezes [1].

São variadas as monographias sobre therapeutica, e se algumas têm importancia real, a maior parte são totalmente distituidas de valor.

Pertence ás primeiras o pequeno livro de Fonseca Henriques sobre o mercurio. N'elle ventila quaes são as suas indicações na syphilis, estendendo a sua applicação a todas as manifestações d'esta doença, e julgando-o apenas contraindicado nos individuos de idade pouco adiantada e nos de extrema debilidade. Este livro é fructo da experiencia pessoal do auctor, que lhe junta grande numero de observações, a abonarem as conclusões a que chega [2].

---

[1] *Specimen da primeyra parte da Materia Medica historico-phisico-mechanica. Pello Dr. Jacob de Castro Sarmento, medico lusitano, membro do Real Collegio dos medicos de Londres, e Socio da Real Sociedade de Inglaterra.* Londres, 1731.

Materia medica phisico-historico-mechanica. Reyno mineral. Parte I. A que se ajuntam os principaes remedios do presente estado da materia medica; como Sangria, Sanguesugas, Ventosas Sarjadas, Emeticos, Purgantes, Vesicatorios, Diureticos, Sudorificos, Ptyalismicos, opiados, Quina-quina, e, em especial, as minhas agoas de Inglaterra. Como tambem huma Dissertaçam latina sobre a inoculaçam das bexigas. Composta por Jacob de Castro Sarmento, M. D. do real collegio dos Medicos de Londres, e Socio da Sociedade Real. Em Londres, MDCCXXXV.

Materia medica physico-historico-mechanica. Reyno mineral. Parte I. A que se ajuntam os principaes Remedios do presente Estado da materia medica; como Sangria, Sanguesugas, Ventosas Sarjadas, Emeticos, Purgantes, Vesicatorios, Diureticos, Sudorificos, Ptyalismos, Opiados, Quina-quina, e, em especial, as minhas Agoas de Inglaterra. Ediçam nova, corrigida e repurgada, a que se accrescentam por continuaçam desta obra, para fazel-a completa, os Reynos vegetavel e animal.

Parte II. Por J. de Castro Sarmento, M. D. do real collegio dos medicos de Londres e socio da Sociedade Real. Impresso em Londres, em casa de Guilherme Strahan, MDCCLVIII.

[2] *Tractado unico do uso e administraçam do azougue nos casos em que é prohibido.* Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1708. Vem tambem junto com o *Soccorro Delphico.*

O pequeno folheto de Antonio Lopes de Lima, pharmaceutico em Lisboa, natural de Villa Franca de Xira, e filho de Paschoal Nunes de Lima e de Anna Maria, sobre uns pós diaphoreticos [1], e o de José Custodio da Costa, natural de Vianna do Castello, onde nasceu em 20 de dezembro de 1695, cirurgião-mór dos regimentos da provincia do Minho, do hospital e da Misericordia da sua terra natal, e juiz commissario do cirurgião-mór do reino em Vianna, Barcellos e Valença, sobre o oleo de ouro [2] nada offerecem de notavel e têm merecimento muito problematico.

Antonio Dias Inchado nasceu em Castello de Vide em 12 de julho de 1672, sendo filho de Antonio Dias Inchado e de Margarida Nogueira. Estudou a medicina em Coimbra, e ahi serviu como substituto da cadeira de prima desde 13 de fevereiro até 15 de maio de 1702 [3]. Durante a guerra com a Hespanha, foi medico do hospital da sua terra natal, e ainda no de Valença d'Alcantara. Em 1720 estabelecia residencia em Portalegre, e mais tarde transferia-a para Benavente, onde foi medico do partido [4]. Suppõe Innocencio que falleceu antes de 1759.

Dias Inchado publicou um livro sobre a quina em que estabelece as indicações d'este medicamento nas desordens digestivas que se seguem ás febres intermittentes, e entende que muitas vezes o seu uso é prejudicial, sendo preferivel a sangria e as bebidas geladas [5].

---

[1] *Remedio novo e admiravel de uns pós sympaticos que excitam o suor.* Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1729. 8.º

[2] *Epilogo de varias observações aureas... pelo auctor, o licenceado José Custodio da Costa.* Lisboa, na offic. de Pedro Ferreira, 1730. Barbosa Machado cita outra edição de Lisboa, por Antonio Pedroso Galrão, 1731.

[3] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

[4] *Apologia medico-racional,* pag. 31, 32 e 33.

[5] *Apologia medico-racional, dos remedios do syncope estomatico das febres do Estio, e dos abusos da Quina-quina em ordem a evitar as recahidas. Autor o Doutor Antonio Dias Inchado, medico dos do partido, que na guerra passada foy do Hospital Real de Castello de Vide, e depois da pessoa do Illustrissimo*

Attribue-se a José Antonio da Silveira, natural do Alemtejo, e medico formado na Universidade de Coimbra, onde teve entre outros mestres o dr. Manuel Reis e Sousa, um opusculo sobre o café em que se pretende demonstrar que são illusorios os inconvenientes que se lhe attribuiam [1].

Jacob de Castro Sarmento, por ordem do marquez de Pombal, traduzia e annotava uma publicação de Estevão Hales, em que se tornava patente um segredo de uma senhora Stephens para a cura dos calculos vesicaes. Castro Sarmento entende que os effeitos d'este medicamento, que gozava de grande voga no seu tempo, eram devidos ao carbonato de cal, associado ao sabão [2].

José Antonio da Silveira, publicava, em 1744, um opusculo em que encarecia as virtudes do opio e aconselhava a sua applicação na maior parte das doenças, sobretudo nas que são acompanhadas de dôres, nos fluxos immoderados e na vigilia, ao mesmo tempo que mostrava a falta de fundamento com que muitos se arreceavam do seu emprego [3].

Senhor Bispo de Portalegre, hoje assistente na villa de Benevente, que no anno de 1702 substituhio a cadeira de Prima de Medicina em Coimbra. Dedicada a Jesus, Maria, José. Lisboa Occidental, na offic. de Antonio Correa Lemos. Anno MDCCXXXV.

[1] *Caffé vingado: das vulgares calumnias defendido: discurso medico em que se mostra que o uso do caffé é proveitoso, e para muitas queixas utilissimo remedio.* Lisboa, na Regia Offic. Silviana, 1741. Com o pseudonymo de Teotonio Anjo Pessana.

[2] *Relaçam de alguns experimentos e observaçoens, feitas sobre as Medicinas de Madam. Stephens, para dissolver a pedra. Em que se traz a Exame e se mostra a sua faculdade dissolvente, por Estevão Hales, Dr. em Theologia, Reytor de Faringdon & Socio da Sociedade Real. Ajuntasse hum compendio historico de todos os Factos, desde a origem deste descobrimento até que, por fazelo publico, recebeo a sua Inventora, do Parlamento de Inglaterra, o premio de cinco mil livras, ou cincoenta mil cruzados. Traduzido, e illustrado tudo por J. de C. S. Doutor em medicina na universidade de Aberden, do Collegio Real dos medicos de Londres, e Socio da Sociedade Real que accrecenta ao fim o estado em que este descobrimento se acha e as fórmas, em que fica em uso ao publicar d'esta obra.* Londres, MDCCXLII.

[3] *Opio veridicado, das vulgares calumnias defendido. Discurso medico em que se mostrra* (sic) *a origem, diferenças, e qualidade do opio, modo com*

Data de 1756 a approvação d'um novo livro de Jacob de Castro Sarmento sobre a efficacia da sua Agua de Inglaterra no tratamento das febres e nomeadamente no das intermittentes. Comquanto tenha sido escripto com fins commerciaes, este livro é demonstração do conhecimento profundo das virtudes da quina, determinando Castro Sarmento com precisão as suas indicações e contraindicações. É todavia certo que estende o seu emprego a estados morbidos em que a pratica demonstrou a sua inefficacia e até a sua nocividade, como quando a prescreve para suster as hemorrhagias e para evitar os abortos [1].

Um medico italiano José Sanseverino publicava uma memoria sobre um balsamo que constituia segredo da sua familia [2]; Silvestre José de Carvalho, cirurgião em Lisboa, traduzia as observações de Storck sobre a cicuta [3]. Antonio Al-

---

que obra nas queixas a que se aplica, e se comprova ser o remedio mais efficas que tem a Medicina, e se desvanecem os obstaculos, que se opoem ao seu uso. Offerecido ao Illust. senhor Gaspar Ferreira Aranha. Pelo doutor José Antonio da Silveira, medico nesta Corte, Formado pela Universidade de Coimbra... Lisboa, na officina nova. Com todas as licenças necessarias. Não tem data, mas Barbosa affirma que é 1744. As licenças são do anno anterior.

[1] *Do uso e abuso das minhas agoas de Inglaterra, ou directorio, e instrucçam para se saber seguramente, quando se deve, ou não usar dellas, assim nas enfermidades agudas, como em algumas chronicas; e em casos propriamente de cirurgia. Pello Inventor das mesmas Agoas, J. de Castro Sarmento, Doutor em medicina, do Collegio Real dos medicos de Londres, e Socio da Sociedade Real.* Impresso em Londres, em casa de Guilherme Strahan no anno de MDCCLVI.

[2] *Do balsamo policreste, especifico vulnerario, segredo particular da Familia Sanseverino de Padua. Com varias Attestações das Experiencias feitas com elle em Lisboa. E com hum Catalogo, no Idioma Italiano, das curas feitas com o mesmo Balsamo em Inglaterra.* Lisboa, na officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXIII. Com todas as licenças necessarias.

[3] *Observações novas de Antonio Storck, medico de Suas Magestades Imperiaes, e do Hospital Real de Santa Maria em Viena de Austria; sobre o uso da Cicuta; primeira, segunda e terceira parte em que se inclue tudo o que o mesmo Storck tem escripto a respeito desta planta. Traduzidas no idioma portuguez por Silvestre José de Carvalho, Cirurgião aprovado, e assistente nesta cidade de Coimbra.* Na officina da Academia Liturgica. Anno de MDCCLXV.

vares e Silva recommendava no tratamento da syphilis o sublimado, baseado no que a seu respeito escrevera Jacob de Castro Sarmento [1], e João Mendes Sachetti Barbosa aconselhava para a cura da mesma doença uma tintura differente da de Van Swieten e uma pomada differente da que em França preparava o dr. Torres [2]. Nenhum d'estes livros merece que nos demoremos na sua apreciação, visto que são escriptos com fins meramente commerciaes, á excepção das observações de Storck que ficam fóra do quadro d'este trabalho.

A hydrologia medica não podia deixar de seduzir os espiritos dos medicos do tempo, e póde dizer-se que é do seculo XVIII que datam os primeiros ensaios scientificos sobre este ramo de therapeutica.

Já ao tempo da publicação da *Chorographia portugueza* do padre Antonio Carvalho da Costa (1706), a lista das nascentes a que se attribuiam propriedades medicinaes era bastante extensa.

Francisco da Fonseca Henriques, colligindo estas noticias dispersas, e juntando-lhe outras que pôde colher, formou o seu *Aquilegio medicinal*, primeira tentativa de hydrologia medica portugueza. Difficuldades insuperaveis se oppunham a que esta tentativa fosse coroada de exito seguro, a começar pelo atrazo em que se achava a chimica entre nós. De facto, a classificação das differentes nascentes em caldas, fontes de

---

[1] *Carta dirigida de hum amigo de Coimbra a outro do Porto sobre o uso interno do mercurio sublimado, effeitos que faz no corpo e methodo de o aplicar sem susto para a cura de todo o genero de morbo venereo, dada á luz por bem do publico.* Coimbra, na real imprensa da Universidade, anno de 1766.

[2] *Manifesto e diresões para o novo metodo de curar com a maior efficacia, suavidade, e segurança o Contagio Afodriziaco, chamado vulgarmente Morbo Galico, ou seja legitimo e patente, ou espurio, e degenerado em qualquer outra enfermidade, das muitas com que se costuma occultar por meio de huma Tintura metalica, e huma Pomada mercurial, que prepara o doutor João Mendes Sachetti Barbosa, da Real Sociedade de Londres, e Academia Medica de Madrid, cavalleiro profeso na Ordem de Christo, medico do numero de Sua Magestade Fidelissima, da Camara do Serenissimo Senhor Infante D. Manuel, etc.* Sem indicação de typographia e anno.

agua quente, fontes de agua fria, rios, poços, lagoas e cisternas já de si motiva reparos. Mas avulta mais o defeito de Fonseca Henriques arrolar no seu trabalho grande numero de aguas cujas virtudes apenas assentavam na credulidade da época, aguas que operavam por effeito de poderes sobrenaturaes. Se, portanto, o *Aquilegio medicinal* merece consideração por ser o primeiro inventario das nossas riquezas hydrologicas, se ainda mesmo Fonseca Henriques merece louvor por se empenhar n'uma cruzada scientifica e humanitaria, força é confessar que a empreza a que se abalançou era muito superior ás forças de que podia dispôr [1]. É este igualmente o juizo que o nosso amigo Ricardo Jorge fórma dos merecimentos do livro. «As generalidades indispensaveis de hydrologia e de clinica thermal, diz elle, desdenhou-as totalmente, entregando-se apenas á especificação descriptiva das aguas lusitanas. E essa tarefa hydrographica é com pouco criterio desempenhada; mais de metade do livro é uma farragem inutil sobre fontes, rios, lagoas, cisternas, d'um prestimo medicinal perfeitamente phantastico, profusamente exhibido pelo Mirandella que parece comprazer-se em relatar contos de velha, superstições e milagrices» [2].

Differentes nascentes foram objecto de estudo especial não só por parte de medicos, mas por individuos extranhos á profissão. Coisa notavel, nem sempre os d'estes têm menos valor do que os dos primeiros. Haja vista o que Patouillier publicou sobre as Caldas da Rainha. Devedor a estas thermas de accentuadas melhoras em doenças de que soffria, Patouillier teve em vista que o conhecimento pratico que obtivera das aguas

---

[1] *Aquilegio medicinal, em que se dá noticia das agoas de Caldas de Fontes, Rios, Poços, Lagoas, e Cisternas, do Reyno de Portugal, e dos Algarves, que ou pelas virtudes medicinaes, que tem, ou por outra alguma singularidade, são dignas de particular memoria. Escrito pelo doutor Francisco da Fonseca Henriques, natural de Mirandella, medico do augustissimo Rey de Portugal D. João V. Impresso por ordem do Excellentissimo Senhor marquez de Abrantes, Conde de Penaguião, etc.* Lisboa occidental, na officina de musica, MDCCXXVI.

[2] *Gerez Historico,* pag. 31.

sulfurosas d'aquella estancia aproveitasse a outros e deu-se ao cuidado de recolher algumas observações que demonstram o valor das thermas. Patouillier insurge-se contra a ignorancia dos medicos na applicação das aguas que ao seu tempo eram apenas indicadas sob a fórma de banhos, e dá grande latitude ao seu emprego sob a fórma de bebida e de lodos. Os casos que regista em abono da sua convicção são de atrophias dos extremos, paralysias, ankyloses, asthmas e fluxos uterinos. Aconselha, além d'isso, melhoramentos no hospital, e no serviço medico que era em sua opinião muito defeituoso [1].

Não faltam notas importantes n'este livro, que certamente teve influencia no progresso d'aquellas thermas. Tiveram, porém, ellas a felicidade de inspirar a Jacob de Castro Sarmento obra de maior vulto. No seu livro sobre as Caldas da Rainha, Sarmento, possuidor de conhecimentos chimicos que faltavam aos seus predecessores, apresenta a composição das aguas, que assemelha ás de Bath, e em que determina como componentes mais importantes o enxofre, o sal marinho e um principio chalybeado.

Aproveita para o seu estudo elementos fornecidos pelo general Manuel da Matta e marca com rigor as suas indicações e contraindicações, reprovando-as formalmente nas paralysias de causa central e nas hemorrhagias. Em todo o livro se mostra Castro Sarmento conhecedor das mais modernas conquistas da hydrologia medica, e consciente e zeloso investigador das suas propriedades. Formoso estudo, chama Ricardo Jorge a este livro, e justamente o classifica; é de facto uma d'estas obras que resistem ao tempo e que por muito rigoroso que seja o criterio á luz do qual seja apreciada, ha de ser sempre digna

---

[1] *Observaçoens das agoas das Caldas da Rainha oferecidas a todos os enfermos pobres, que necessitão deste milagroso remedio, para cura de seus achaques. Por um curioso, que ha vinte anos que vive a beneficio das ditas agoas.* Paris, na offic. de Jacob Vicent. An. de 1752.

O nome do auctor é revelado por Seixas Brandão, *Memorias das Caldas da Rainha*, 1781, pag. 29.

de consideração. Apaixonado pelas praticas balneares, consagra Sarmento as ultimas paginas do seu livro a uma apologia calorosa do tratamento da escrofula pelos banhos de mar, feita com o mesmo cuidado meticuloso com que estudára as aguas das Caldas [1].

As Caldas do Gerez, descobertas em 1699, segundo toda a probabilidade, tiveram pela primeira vez menção no *Aquilegio* de Fonseca Henriques. Em 1763, um padre minhoto Antonio Martens Belleza, que por vinte e tantos annos as frequentára, publicava o resultado da sua experiencia pessoal n'uma monographia importante. Ricardo Jorge, que consagrou ao estudo d'estas thermas alguns annos de aturadas pesquizas, aprecia d'este modo o interessante opusculo:

« Depois d'uma breve noticia topographica, diz o prestante abbade haver nas Caldas seis poços ou tanques com abobada... Designa-os pela ordem numeral, dando apenas nome proprio ao Forte (1.º) e ao de Bica (6.º); gradua-os pela sua temperatura em quentes, que fazem suar — 1.º 2.º e 6.º ou *Forte, Contraforte e Bica* — e temperados, *frescos* 3.º, 4.º e 5.º ou *Aguas-Novas, Figueira* e *Figado,* como hoje se denominam. D'esta classificação thermica faz derivar indicações therapeuticas.

« Acha a agua muito crystallina e bem gostosa *«sem cheiro nem sabor a enxofre»,* retirando-lhe portanto a qualidade de sulphurea, que erradamente lhe outorgára o Mirandella — erro em que haviam de cahir observadores de cunho, entre elles o Link, e de que se livrou perspicazmente o nosso observador [2].

---

[1] *Appendix ao que se acha escrito na materia medica do Dr. J. de Castro Sarmento, sobre a naturesa, contentos, effeitos e uso pratico, em fórma de bebida e banhos, das Agoas das Caldas da Rainha: participado ao Publico em huma Carta escrita ao Dr. João Mendez Saquet Barbosa, socio da Sociedade Real de Londres, etc., a que se ajunta o novo methodo de fazer uso da Agoa do mar, na cura de muitas enfermidades chronicas, em especial nos achaques das glandulas.* Em Londres, MDCCLIII. 2.ª edição. Londres, 1757.

[2] Não é isto perfeitamente exacto, visto que M. Belleza julga provavel a opinião dos que affirmam ser o enxofre o agente que dá calor a esta agua.

«Aponta como achaques indicantes das Caldas do Gerez especialmente os estupores, flatos hypochondriacos, rheumatismos e toda a série de perturbações das visceras abdominaes, abrangidas sob o nome de obstrucções. Sem regra e ás cegas julga o padre, e muito bem, que as aguas, em vez de melhorar, podem atirar com o doente para o outro mundo. D'ahi o seu methodo inspirado por uma longa pratica thermal de vinte e tantos annos...

«Regula com proficiencia os banhos de sudação e os banhos temperados; discerne os seus indicantes e prohibentes; gradua os poços pelas enfermidades; pauta as dietas e preceitua como se ha de acudir em caso de accidente; e não se esquece do melhor modo de applicação interna das aguas.

«O padre Belleza aproveita ainda os seus conhecimentos de medicina thermal em proveito d'outras caldas nacionaes, dedicando paragraphos especiaes ás de Guimarães (Vizella), Rainha, S. Pedro do Sul e Canavezes»[1].

Por ultimo, um medico portuense, Antonio Francisco da Silva examinou uma agua ferrea existente em Villa Nova de Gaya, dando conta d'este exame n'um pequeno opusculo que publicou. Encontra-se n'elle noticia da sua composição chimica, temperatura e exame microscopico. Julga as aguas indicadas nas areias, cachexias, obstrucções dos rheumaticos e arthriticos, nas gonorrheas simples e na diabete. Se a analyse se afigura feita com o rigor compativel com os conhecimentos chimicos da época, a indicação das suas propriedades therapeuticas traduz exagerada confiança nas suas virtudes[2].

---

[1] *Methodo pratico para se tomarem os banhos das Caldas do Geres e de outras quaesquer Caldas do Reino, adquerido pela experiencia de vinte e tantos annos, que os tomou e viu tomar a muitos doentes de varios achaques o M. R. Antonio Martens Beleza, Abbade de S. Pedro Fins de Gominhães do Arcebispado de Braga, que o compoz para o bem commum: e hum Discurso sobre as cauzas de que procedem os flatos hypocondriacos, seus effeitos, e cura paliativa, que podem ter.* Porto, na officina de Francisco Mendes Lima. Anno de 1763.

[2] *Exame medico-chimico dos Contentos de huma Agoa Mineral descoberta haverá doze annos em Villa Nova de Gaya, feito em outubro de 1763 por*

Chegamos ao estudo das pharmacopeas. Seria interessante demorarmo-nos um pouco sobre o estado da pharmacia entre nós no seculo XVIII, mas essa apreciação acha-se já feita [1] e por isso nos limitaremos a ligeiras indicações. As primeiras publicações relativas a esta parte importante da medicina datam dos ultimos annos do seculo XVII. Devem-se a José Homem de Andrade, pharmaceutico natural de Lisboa, filho de Jorge Gonçalves e Margarida de Andrade, que, tendo nascido em 1658, terminou o seu curso em 1684 e falleceu em 17 de maio de 1716. Occupam-se ellas da preparação da jalapa e são hoje impossiveis de encontrar [2]. Se esses opusculos nenhuma influencia podiam ter nos estudos pharmaceuticos, não assim succedeu com o *Exame de boticarios*, de Estevão de Villas, cuja traducção só recente e fundadamente se lhe attribue [3]. «Os canones de Mesue eram as regras que desde largos annos regulavam as preparações de pharmacia. Estevão de Villas, pharmaceutico estudioso e de intelligente iniciativa, estudando estes canones, não se limitou simplesmente a aprecial-os, como faziam muitos dos seus contemporaneos, mas reconhecendo-lhes inconvenientes ou insufficiencia na pratica começou a substituil-os por outros, não ostensivamente, mas como regras mais simples, claras e exequiveis, e com elles facilitou a preparação de muitos medicamentos. No *Exame de boticarios* vêm essas regras... O *Exame de boticarios* foi um livro importante para o ensino, as suas regras para a educação scientifica dos alumnos eram

Antonio Francisco da Silva, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, e Professor de medicina na Cidade do Porto. Porto, na officina de Francisco Mendes Lima. Anno de 1764.

[1] Pedro José da Silva, *Historia da pharmacia portugueza desde os primeiros seculos da monarchia até ao presente.* 3 memorias.

[2] *Apologia pharmaceutica pela verdadeira trituração da jalapa e dos aromaticos discutientes que entrão na composição da Benedicta, etc.* Lisboa, por Bernardo da Costa de Carvalho, 1691. 4.º

Segunda parte apologetica pela trituração da jalapa, e todos os seus medicamentos, segundo a ordem dos canones universaes de Mesue, etc. Lisboa, pelo mesmo, 1692. 4.º

[3] *Archivos de historia da medicina portugueza*, IV, pag. 68 e seg.

perfeitas, e ao lado d'ellas as da educação moral completavam o que elles deviam aprender, habituando-os ao respeito que se deve á sciencia e aos mestres que a ensinam... A traducção é esmerada e as notas addicionadas mostram perfeito conhecimento da sciencia e dos auctores tidos como mestres, e que são apreciados com são criterio e elevada intelligencia » [1].

Nas palavras transcriptas está bem apreciado o valor do *Exame de boticarios* na instrucção pharmaceutica e o serviço que se deve a José Homem de Andrade com a traducção do livro do pharmaceutico hespanhol. Ao tempo da sua publicação, já porém andava nas mãos dos pharmaceuticos portuguezes outro livro em que os preceitos de Estevão de Villas se achavam compendiados, a *Pharmacopea Lusitana* de D. Caetano de Santo Antonio. Foi esta a primeira obra que serviu de directorio ao ensino e á pratica pharmaceutica. D. Caetano de Santo Antonio nasceu em Buarcos, e foi conego de Santo Agostinho, professando no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a 26 de outubro de 1698. Dado ao estudo da chimica e da pharmacia, exerceu a profissão pharmaceutica por espaço de trinta annos, primeiro em Santa Cruz de Coimbra e depois no mosteiro de S. Vicente de Fóra de Lisboa, cuja botica administrou. Falleceu a 10 de outubro de 1739.

Monumento da pharmacia galenica, elaborado sobretudo com materiaes colhidos nos canones de Mesue, a *Pharmacopea Lusitana* é geralmente considerada pelos competentes como a

---

[1] *Exame de boticarios*, etc., nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, IV, pag. 68. O titulo da obra é o seguinte:

Exame de boticarios com uteis doutrinas concernentes á Arte Pharmaceutica, e huma Pragmatica Didascol para governo dos que principião a aprender, e hum Directorio, que ensina a bondade dos medicamentos pelas qualidades perceptiveis. Composto pelo padre Fr. Estevão de Villas, Monge de São Bento e Administrador da Real Botica de São João de Burgos. Traduzido no Idioma Portuguez por hum professor da dita Arte, dado á luz por Antonio Lopes da Sylva e offerecido ao senhor doutor Joseph da Sylva de Azevedo, cavalleiro professo na Real Ordem de Christo, e Fisico Mór que foy, dos Estados da India, etc. Lisboa Occidental, na officina de Manoel Fernandes da Costa, impressor do Santo Officio. Anno de MDCCXXXVI.

par dos conhecimentos possuidos na época e como tendo concorrido poderosamente para levantar a cultura da profissão entre nós. Notaremos que da sua leitura se conclue que a pharmacia era então exercida por individuos que na maior parte nenhuns conhecimentos possuiam, e que mesmo dos mais distinctos era a chimica desconhecida por completo. Mas nas successivas edições da *Pharmacopea Lusitana,* começaram a encontrar logar não só a noticia, mas a preparação de muitos medicamentos chimicos e fica-nos a duvida de que se devam attribuir a João Vigier, como geralmente se faz, as primeiras noticias que d'esta sciencia se possuiram em Portugal [1]. Deve-se igualmente a D. Caetano de Santo Antonio a recopilação de fórmulas colhidas da pratica do celebre medico de Carlos II de Inglaterra, Jorge Bate, cuja reputação não se acha ainda completamente lavada da accusação de ter concorrido para a morte de Oliveiros Cromwell [2].

A *Pharmacopea bateana* é seguida pela *Ulyssiponense* de João Vigier. Torna-se notavel este livro por conter um pequeno tra-

---

[1] *Pharmacopea lusitana, methodo pratico de preparar & compor os medicamentos na fórma Galenica com todas as receitas mais uzuaes. Offerecida á sagrada, e sempre observante Congregação dos Conegos Regulares de Sancto Augustinho do Reyno de Portugal &. por D. Caetano de Santo Antonio, professo na mesma ordem, boticario do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.* Em Coimbra. Na impressão de Joam Antunes, mercador de livros. Anno de 1704. 4.º

2.ª edição — *Pharmacopea Lusitana reformada. Methodo pratico de compor os Medicamentos na fórma Galenica e Chimica...* Lisboa, impresso no Real Mosteiro de São Vicente de Fora, 1711. Fol.

3.ª — *Pharmacopea lusitana augmentada...* Lisboa occidental, na officina de Francisco Xavier de Andrade, MDCCXXV.

4.ª — *Mesmo titulo.* Lisboa, MDCCLIV. No Mosteiro de S. Vicente de Fora, Camara Real de Sua Magestade Fidelissima.

[2] *Pharmacopea bateana na qual se contem quasi oytocentos medicamentos tirados da pratica de Jorge Bateo, Protomedico de Carlos Segundo Rey de Inglaterra, escrita pela ordem Alphabetica. Traduzida de latim em Portuguez... por D. Caetano de S. Antonio, Conego Regular de S. Agostinho, da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, Boticario do Real Mosteiro de S. Vicente da cidade de Lisboa, etc.* Lisboa, na officina real Deslandesiana, 1713.

tado de chimica, tal como a ensinava Nicolau Lemery, que se póde reputar o fundador d'esta sciencia. É desde esta época que a pharmacia chimica começa a ser conhecida entre nós com algum desenvolvimento [1].

De todos estes livros, porém, certamente o mais importante, aquelle que mais influiu nos destinos da pharmacia portugueza foi a celebre *Pharmacopea Tubalense,* de Manuel Rodrigues Coelho. Escassas noticias se nos conservaram do illustre pharmaceutico. Pedro José da Silva, que revolveu os archivos em procura de informações ácerca d'elle, apenas nos informa de que nasceu em Setubal, a 2 de fevereiro de 1687, de que era filho de Antonio Rodrigues e de que, em seguida a aprender a lingua latina, fez o seu exame de habilitação em janeiro de 1707, perante um jury composto de tres pharmaceuticos e dois medicos, um dos quaes era o dr. Miguel Rodrigues Coelho, medico do numero da Casa Real [2]. Estabeleceu residencia em Lisboa, sendo completamente desconhecida a data do seu fallecimento.

Este valioso tratado de pharmacia impõe-se ao respeito e consideração. Póde dizer-se uma compilação feita com escrupulo e cuidado de todas as pharmacopeas e dos tratados de pharmacia conhecidos. Na parte em que descreve os simplices, as noticias publicadas são baseadas em informação segura sobre a sua origem e proveniencia. A quantidade de fórmulas reunidas é verdadeiramente prodigiosa e se demonstram á saciedade que as tendencias da época eram para a polypharmacia galenica alliada a um empirismo por vezes ridiculo, é agradavel affirmar que não foi omittido nenhum dos

---

[1] *Pharmacopea Ulyssiponense, Galenica e Chimica, que contem: Os principios, diffinições, e termos geraes de huma e outra Pharmacia: e um Lexicon Universal dos termos pharmaceuticos, com as preparações chimicas e composições galenicas de que se usa neste Reyno; e virtudes e dosis dos medicamentos chimicos. Hum Tratado da eleiçam, descripção, dosis, e virtudes dos purgantes vegetaes, e das drogas modernas de ambas as Indias e Brazil.* Lisboa, na officina de Pascoal da Sylva, impressor de S. Magestade, 1716.

[2] Pedro José da Silva, op. cit., 3.ª memoria, pag. 186.

medicamentos de algum valor que no estrangeiro se applicavam [1]. Reputamos, portanto, juizo bem fundamentado o de Pedro José da Silva quando escreve: «Certamente devia ser talento elevado, Manuel Rodrigues Coelho, em vista do methodo

---

[1] *Pharmacopea tubalense chimico-galenica, Parte primeira em que se faz não só huma reflexam physica sobre os principios dos mixtos, expondo depois a diffinição de ambas as Pharmacopeas, e as opperações, em que se dividem com os objectos della inteiramente explicados, mas tambem se mostra hum dicionario com muitas vozes, e termos de ambas as Pharmacias, e a explicação dos mais versados Synonymos, com que em diversos idiotismos se pedem os simplices medicinaes; e finaliza com a indagação dos tres Reynos Animal, Vegetal e Mineral, com algumas objecções propostas, e decididas ácerca dos medicamentos deste tam dilatado Imperio. Author Manuel Rodrigues Coelho, Boticario nesta Côrte e natural da Villa de Setubal.* Roma, na officina de Balio Geredini, MDCCLV.

É segunda edição. A primeira é de Lisboa, por Antonio de Sousa da Silva, 1735.

A segunda parte tem titulo especial que é o seguinte: *Pharmacopea tubalense chimico-galenica, parte segunda. Que contem hum tratado das mais usuaes, e selectas composiçoens, tanto dos Antigos, como dos Modernos, e ainda algumas que por occultas se não vulgarisavão; com os calculos dos medicamentos Purgantes, Narcoticos, e Mercuriaes, e tambem com as annotaçoens precisas, e necessarias para a sua mais prefeita manipulação. Author Manuel Rodrigues Coelho, Boticario nesta côrte, e natural da villa de Setubal.* Roma, na officina de Balio Geredini, MDCCLX.

É tambem segunda edição, sendo a primeira de Lisboa, por Antonio de Souza da Silva, 1735.

Pharmacopea tubalense chimico-galenica, parte terceira. Dividida em tres classes, em a primeira se admira hum diccionario, para a intelligencia dos mais versados Synonymos da praxe Medica. Em a segunda se registra huma collecção dos mais especiaes Arcanos, que o Doutor Ribeira descreveo em o grande numero de seus volumes, e outros de diversos practicos. Em a terceira se encontrão innumeraveis Especificos para o curativo seguro de diversos afectos, e hum discurço Physico sobre o uso da Quina. Author Manuel Rodrigues Coelho, Pharmaceutico, e natural de Setubal. Augmentada com hum appendix selecto, em que se propoem as mais selectas formulas, de que usão os Londinenses Medicos, para o curativo da Nação Portugueza. Collecto e illustrado por Mauricio da Costa, chyrurgiam anatomico, pharmaceutico, academico experimental em a Academia Portopolitana e seu secretario em o circulo Ullisiponense, e chyrurgião das Tropas de Sua Magestade Fidelissima, em a America... Lisboa, na officina de José da Sylva da Natividade, impressor das Serenissimas Casas e Estado de Bragança, e Infantado, e da Sagrada Religião de Malta. Anno MDCCLI.

com que escreveu a sua obra; mas o que mais admiro n'elle é a perseverança, com que foi reunindo materiaes para a compôr; póde calcular-se que o trabalho só das duas primeiras partes lhe levou vinte annos, porque desde o anno em que se examinou até á data da primeira impressão decorreram vinte e oito annos, e que o da terceira parte lhe levou quinze annos, porque a impressão d'esta só se fez dezeseis annos depois d'aquella: o que representa uma somma de trinta e cinco annos de cuidados e estudos». Antes, dissera: «Publicada depois da terceira edição da *Pharmacopea Lusitana* de D. Caetano de Santo Antonio, foi o guia, o mestre e o conselheiro do pharmaceutico portuguez na segunda metade do seculo passado; no começo do que vai correndo, ainda foi venerada e consultada pelos mais velhos, que não podiam crêr que a *Pharmacopea* de Baumé, a *Geral,* a de Palacios e outros livros com que os mais novos se tinham affeiçoado, excedesse a Tubalense em preceitos de pratica, conhecimentos de drogas medicinaes e abundancia de fórmulas ou receitas para todas as doenças» [1].

Manuel Gomes de Lima, no seu *Receptuario Lusitano,* compendiou as Pharmacopeas de Londres, Edimburgo, etc., accrescentando-lhe fórmulas tiradas de Jungken, Mynsicht, Lemery, etc., e organisou assim um formulario em que ao lado das doenças, dispostas por ordem alphabetica, estão indicados os medicamentos a empregar. Deve notar-se que n'este livro entram muitos preparados chimicos, taes como saes de mercurio, de chumbo, de antimonio, etc. [2]

Attribue-se a D. Antonio dos Martyres, conego regrante de Santo Agostinho, pharmaceutico conimbricense que nascera em 1698 e falleceu em maio de 1768, uma nova traducção da Pharmacopea de Jorge Bate, mais completa do que a de D. Caetano de Santo Antonio e accrescentada com grande

---

[1] Pedro J. da Silva, op. cit., pag. 189 e 188.

[2] *Receptuario lusitano chymico pharmaceutico.* Porto, 1749. O titulo completo fica a pag. 123.

numero de fórmulas tiradas d'outros auctores [1]. D. Antonio dos Martyres publicára anteriormente, com nome supposto, um *Collectaneo Pharmaceutico,* destinado a fornecer os primeiros conhecimentos de pharmacia aos que desejavam entregar-se a esta profissão [2].

Um cirurgião portuense, Antonio Rodrigues Portugal, de quem nada pudemos averiguar a não ser o que affirma Innocencio, que o dá como tendo nascido em 1738 e vivo ainda em 1788, e o que diz Sá Mattos apresentando-o como cirurgião honorario da Relação do Porto, extraía das Pharmacopeas inglezas e francezas um pequeno numero de fórmulas com as quaes constituia as suas *Pharmacopeas portuense* e *meadiana* [3].

---

[1] J. M. J. *Farmacopea bateana, augmentada com os segredos Goddardianos de Jonathan Goddardo, Medico celeberrimo Londinense, com o appendix á mesma forma de Thomás Fuller; e accrescentada com hum Additamento de varias Formas ou Receitas, e composiçoens de João Junchero, e Francisco Paulino Touquet, e de outros: obra utilissima para o bem commum, escrita por ordem alphabetica; e dada á luz por hum professor da mesma arte.* Pamplona, por los herederos de Martinez, y a su Costa. Año 1763.

Segundo o auctor da *Coimbra gloriosa,* são falsos o logar da impressão e os nomes dos impressores, tendo sido esta obra impressa em Coimbra por Luiz Secco Ferreira.

[2] *Collectaneo pharmaceutico dividido em duas partes, nas quaes se acharão as melhores perguntas, e respostas, e algumas eleiçoens de simples, com suas explicaçoens ao texto de Mesue, tirados dos melhores Autores antigos e modernos da Arte Pharmaceutica. Obra utilissima para se examinarem os novos professores da mesma Arte, Escrita por Antonio Martins Sodré, Boticario da Provincia da Beira.* Coimbra, por Antonio Simões Ferreira, 1735.

Porto, na officina de Antonio Alves Ribeiro Guimaraens. Anno de MDCCLXVIII.

[3] *Pharmacopea portuense, em a qual se achão muitas das compoziçoens que estão mais em uzo, e se não achão nas nossas Pharmacopeas portuguezas, tiradas das pharmacopeas de Londres, de Edinburgo, de Pariz, de Fuller, da Medulla, e de outros varios Authores, que todos vão postas em ordem alfabetica para o seu mais accomodado, e prompto uzo. Que dedica e consagra ao Ill.mo e Ex.mo Senhor João de Almada e Mello... Antonio Rodrigues Portugal, cyrurgião da cidade do Porto, e della natural.* Porto, na offic. de Francisco Mendes Lima. Anno de MDCCLXVI.

Obra de mais vulto é a *Pharmacopea dogmatica* de Fr. João de Jesus Maria, monge benedictino e administrador da pharmacia do mosteiro de Santo Thyrso. Se este livro não leva vantagem á *Pharmacopea tubalense,* de Manuel Rodrigues Coelho, devemos dizer que o seu auctor era certamente um pharmaceutico habil e erudito, e que no seu volumoso tratado compendiou grande numero de noticias sobre a colheita e preparação das substancias medicinaes, aproveitando para ellas em grande parte o que se acha exposto nas diversas obras de Jacob de Castro Sarmento. Ha de notar de particularmente interessante n'esta Pharmacopea um capitulo especial sobre as aguas mineraes e applicação dos banhos medicamentosos, sendo a primeira publicação nacional em que se encontra a menção de aguas mineraes artificiaes [1].

D'este rapido exame das Pharmacopeas infere-se que a

Pharmacopea meadiana accomodada com preceitos medicos do celebre Autor Ricardo Mead. Traduzida do latim, accrescentada, e emendada por Antonio Rodrigues Portugal, Cyrurgião, natural da cidade do Porto. Porto, na offic. de Francisco Mendes Lima. Anno de MDCCLXVIII.

Estes dois livros acham-se, n'um exemplar da Bibliotheca da Escóla Medico-Cirurgica do Porto, reunidos n'um só volume com o ante-rosto : *Pharmacopea portuense junta com a Meadiana.*

[1] *Pharmacopea dogmatica medico-chimica, e theorico-pratica, dividida em duas partes: na primeira se tracta das principaes partes e operaçoens da Pharmacologia Galenico-chimica, com as mais particularisadas Composiçoens Antigas e Modernas, exaggeradas com as annotaçoens, e expurgaçoens do melhor methodo; na segunda se dão as necessarias noticias muito exactas dos usuaes Animaes, Mineraes e vegetaes que ha, e póde haver neste Reyno; tudo instruido de razões e experimentos, chegados ao Moderno Seculo, e repartido em 5 tractados dispersos em 2 tomos com extenso numero de exquisitos remedios de reconhecido effeito manifesto. Obra utilissima a qualquer Professor de medicina, e particularmente precisa aos Pharmaceuticos...*

Tomo I — *Autor o P. Fr. João de Jesus Maria, Monge da mesma Congregação, e Administrador da Botica do Reformado e antiquissimo Mosteiro de Santo Thyrso.* Porto, na officina de Antonio Alvares Ribeiro Guimar. Á sua custa impresso. Anno MDCCLXXII.

Tomo II — Mesma typographia e anno.

polypharmacia galenica começava a ser abandonada, buscando-se fórmulas chimicas mais simples, e que influiram sobretudo n'esta transformação as Pharmacopeas inglezas, que foram quasi todas traduzidas e adaptadas ao nosso paiz.

HYGIENE

Não são numerosos os trabalhos de hygiene publicados no seculo XVIII, mas o merecimento notavel de alguns suppre a deficiencia do numero. Vamos proceder ao seu exame e terminaremos este estudo com a noticia da introducção d'um methodo prophylatico que no nosso paiz se generalisou n'esta época, a inoculação do virus variolico.

Os hygienistas do seculo XVIII entre nós são Fonseca Henriques, Braz Luiz de Abreu, Martinho de Mendoça Pina e Proença, Manuel da Silva Leitão, Luiz Paulino da Silva e Azevedo e Ribeiro Sanches.

Por varias vezes nos temos referido a Fonseca Henriques no decurso d'esta historia. Em 1721, publicava elle a sua *Anchora medicinal,* tratado de hygiene que no seu tempo teve excellente acolhimento, como o provam quatro edições consumidas em vinte e cinco annos.

Este livro acha-se dividido em sete partes, correspondentes com pequena differença ás seis coisas não naturaes de Galeno. São consagradas ao estudo do ar ambiente, da alimentação, em geral e em particular, da agua e das bebidas, do somno e da vigilia, dos excretos e retentos, e das paixões de alma. Se, na disposição do livro, nenhuma novidade se encontra, nos seus differentes capitulos registam-se preceitos bem estabelecidos, revelando da parte do seu auctor um espirito esclarecido. São particularmente dignos de notar-se os capitulos relativos aos alimentos e bebidas em particular, porque, ainda que a maior parte da doutrina exposta não pertença a Fonseca Henriques, applica-a aos usos e costumes do nosso

paiz, encontrando-se noticia de grande numero das substancias alimentares que entre nós eram e são consumidas [1].

Pouco tempo depois, em 1726, surgia na medicina lusitana o abstruso e incongruente livro de Braz Luiz de Abreu, o *Portugal Medico*. É cheia de obscuridades a vida d'este medico. Affirma Barbosa Machado que nasceu em Ourem a 3 de fevereiro de 1692, sendo filho de Francisco Luiz de Abreu e Francisca Rodrigues de Oliveira, mas Innocencio, baseado em tradições correntes em Aveiro, julga poder affirmar que foi exposto em Coimbra. Ahi cursou os estudos medicos, constando que, em brinquedo de rapazes, perdeu um olho, que foi substituido por um artificial, motivo por que adquiriu a alcunha de *Olho de vidro*, que conservou durante toda a vida. Terminando o curso em 1717, exerceu a clinica em Vizeu, Lisboa, Porto e por largo tempo em Aveiro [2]. Casou pelos annos de 1718 com D. Josepha Mourão de Sá, natural de Vizeu e filha do dr. Antonio de Sá Mourão e d'este casamento resultou numerosa prole. Passados quatorze annos de vida em commum, convieram marido e mulher em separarse, entrando D. Josepha para o conservatorio de S. Bernardino, de Aveiro, especie de recolhimento de mulheres, onde professou com cinco filhas, emquanto o marido tomava o habito da ordem terceira de S. Francisco e tomava ordens de clerigo, continuando a exercer a clinica em Aveiro. Segundo o mesmo In-

---

[1] *Anchora medicinal para conservar a vida com saude, escrita pelo doutor Francisco da Fonseca Henriquez, natural de Mirandella, medico do Serenissimo rei de Portugal D. João V, impressa por ordem & despesa do Excellentissimo Senhor Marquez de Cascaes, Conde de Monsanto, etc.* Lisboa Occidental, na officina de Musica. An. de MDCCXXI.

Segunda impressam correcta e augmentada pelo seu Author. Lisboa oriental, na of. Augustiniana, 1731.

Segunda impressam correcta e augmentada pelo seu Author. Lisboa, na officina de Domingos Gonsalves, MDCCXLIX.

Segunda impressam, correcta e augmentada pelo seu auctor. Lisboa, na officina de Bernardo Antonio de Oliveira, 1754.

[2] *Portugal medico*, pag. 211, 216, etc.

nocencio, falleceu em 10 de agosto de 1756. Adivinha-se na vida de Braz Luiz de Abreu um drama familiar, que o grande Camillo aproveitou para o seu excellente romance o *Olho de vidro;* apesar, porém, da exactidão de informações que em geral se encontra nos livros do illustre escriptor, talvez o maior que o seculo XIX entre nós produziu, receamos acompanhal-o nas que fornece a respeito dos motivos que determinaram a separação dos conjuges e a sua profissão ulterior.

Manuel de Sá Mattos, apreciando o *Portugal Medico,* apresenta-o como um «livro que debaixo de jocosas e figuradas ideias tem por objecto em muitas partes o alludir aos casos e prejuizos que o vulgo recebe nas suas saudes, quando se deixa persuadir das pretendidas curas dos medicos e cirurgiões ignorantes e dos mais charlatães e adulteradores da medicina. Apresenta tambem varios fragmentos de erudição, que comprovam a instrucção do auctor; porém, todo o seu trabalho deve considerar-se em geral pouco proveitoso, porque assumptos tão pueris raras vezes acham tempo nos doutos para serem lidos, mórmente sendo elles, como n'este caso, inculcados em um livro de folio grosso, e muito mal ordenado». É acertado este juizo. São tantos os erros que tenta persuadir, tantas as theorias extravagantes que defende e tal a credulidade de que dá prova, que a obra de Braz Luiz apenas poderá servir de documento, e esse valiosissimo, do que era o exercicio da medicina entre nós no seculo XVIII, quando uma chusma de charlatães de toda a especie invadira o nosso paiz [1].

Não exercia a profissão medica Martinho de Mendoça de Pina e Proença. Nascido na Guarda, era fidalgo da Casa Real, deputado do conselho ultramarino, guarda-mór da Torre do

---

[1] *Portugal medico ou monarchia medico-lusitana. Historica, practica, symbolica, ethica e politica. Fundada & comprehendida no dillatado ambito dos dous Mundos creados macrocosmo e microcosmo... Parte I. Que dedica, consagra e offerece... Bras Luis d'Abreu, Cistagano, Medico Portuense, Familiar do Santo Officio.* Coimbra, na officina de Joam Antunes Mercador de Livros. Anno do Senhor, MDCCXXVI.

Tombo, bibliothecario de D. João V, academico da Academia Real de Historia, etc. Morreu a 12 de março de 1743. Se fazemos menção do seu nome é porque se deve a Martinho de Mendoça um tratado sobre a educação, em que se encarecem as vantagens dos exercicios physicos e dos banhos frios para robustecer a constituição, ao passo que se assentam solidos principios de educação intellectual e moral. Mendoça realisára frequentes viagens e adquirira instrucção pouco vulgar na sua época, que a cada passo se evidencía no seu livro [1].

Manuel da Silva Leitão nasceu em Lisboa a 30 de março de 1682, sendo filho de Domingos da Silva e de Francisca Leitão. Formado na universidade de Coimbra, era mestre em artes, cavalleiro professo na ordem de Christo, familiar do Santo Officio e medico do Hospital de Todos os Santos, cargo para que foi nomeado em 26 de setembro de 1723. Falleceu em março de 1757 [2].

Deve-se a Silva Leitão um tratado de hygiene, applicavel sobretudo ás mulheres paridas. A disposição d'este livro não se aparta dos moldes galenicos, sendo os capitulos em que se divide relativos ás seis coisas não naturaes. Comquanto contenha alguns preceitos aproveitaveis, não se encontram n'este livro novidades dignas de apreço, e o seu unico valor consiste em dar noticias circumstanciadas da epidemia de febre amarella em 1723, que Silva Leitão presenciou [3].

---

[1] *Apontamentos para a educação de hum menino nobre que para seu uso particular fazia Martinho de Mendoça de Pina e de Proença.* Lisboa Occidental, na officina de Joseph Antunes da Sylva, impressor da Academia Real, MDCCXXXIV.

[2] Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana;* Innocencio, *Diccionario Bibliographico;* Alfredo Luiz Lopes, *Hospital de Todos os Santos,* pag. 35.

[3] *Arte com vida, ou vida com arte, muy curiosa, necessaria e proveitosa não só a Medicos, e Cirurgioens, mas ainda a toda a pessoa de qualquer estado, ou condição, que seja, principalmente aos casados; e mais que a todos aos noivos de pouco tempo, em a qual se encontra hum regimento de paridas, offerecido á immaculada e sempre virgem Madre de Deos, composto por seu escravo o doutor mestre em Artes, Manuel da Sylva Leitão, cavalleiro professo da Ordem de*

O *Tratado sobre os meios de preservação da peste,* publicado por ordem real, e cujo auctor ignoramos, contém providencias importantes para a prevenção das epidemias que a cada passo nos assaltavam.

Estas providencias são, na essencia, as seguintes: estabelecer, na fronteira, um cordão sanitario; rigorosas quarentenas maritimas, nos portos de mar; manter cuidadosa limpeza nas ruas, mercados e habitações, não se permittindo no interior das cidades officinas cujos productos possam inquinar o ar; vigiar o estado das substancias alimentares, não consentindo no uso d'aquellas que estejam em começo de alteração; fazer saír os mendigos das cidades, recolhendo-os em hospitaes distantes; estabelecer hospitaes para os empestados, suspeitos e convalescentes; organisar um serviço sanitario, de modo que rapidamente sejam soccorridos os doentes, e estabelecer cemiterios proximo dos hospitaes. No estabelecimento d'estas providencias, que ainda hoje constituem o nosso systema defensivo contra as epidemias de importação exotica, é de notar que todas as particularidades de execução são mencionadas resumida mas completamente, não se perdendo o auctor em divagações ou explanações inuteis [1].

As questões de hygiene preoccupavam, como já vimos, individuos extranhos á profissão medica. Luiz Paulino da Silva e Azevedo, cavalleiro da ordem de Christo e secretario da mesa do desembargo do Paço, nascido no Porto a 2 de julho de 1690 e fallecido em 22 de fevereiro de 1755 [2], traduzia do francez a *Arte de conservar a vida dos principes,* do celebre me-

---

Christo, Familiar do Santo Officio, medico nesta Corte, e Cidades de Lisboa e do Hospital de Todos os Santos das mesmas Cidades, e della natural. Lisboa Occidental. Na officina de Antonio Pedrozo Galrão, MDCCXXXVIII.

[1] *Tratado sobre os meyos da preservação da peste mandado fazer por ordem de Sua Magestade.* Lisboa, MDCCXLVIII. Na offic. de Joseph da Costa Coimbra.

[2] Innocencio, *Diccionario Bibliographico.*

dico de Modena Bernardino Ramazzini, e o *Tratado da vida sobria,* de Luiz Cornaro [1].

De todas as obras, porém, que no seculo XVIII se publicaram entre nós sobre hygiene, a mais notavel é inquestionavelmente o *Tratado da conservação da saude dos povos* de Ribeiro Sanches.

O illustre medico começa por occupar-se do ar, demorando-se em expôr as suas propriedades, e os effeitos do seu calor, frio, humidade e seccura. Admitte que o demasiado calor determina a apparição de enfermidades melancholicas, lepra, vomito negro e hemoptyses, e que as mudanças de temperatura atmospherica tambem desempenham papel importante na producção das doenças. Segue estudando a podridão dos corpos e seus effeitos, considerando tres graus de putrefacção: alteração, podridão e corrupção; estes phenomenos evitam-se, impedindo a humidade e o accesso do ar. A atmosphera póde inquinar-se ainda por poeiras mineraes, gazosas e organicas. Occupa-se em seguida dos ventos, cuja acção se traduz principalmente em que limpam e varrem o ar. Nos tropicos, a alteração do ar, ligada ao calor, produz as carneiradas do Brazil e as sarnas da Africa. O ar infectado determina ainda o beriberi, as diarrheas e lienterias dos paizes quentes, e as epidemias. Conclue do que acabamos de expôr que os logares mais apropriados para a fundação d'uma cidade são logares voltados ao oriente, lavados de ventos frios, ricos em aguas vivas e correntes. Os sitios humidos, sujeitos a inundações, são pelo contrario improprios para a construcção de povoações, mas se houver necessidade de os aproveitar, faça-se limpeza rigorosa nas ruas, queime-se alecrim e murta em gran-

---

[1] *Arte de conservar a saude dos principes, e das pessoas da primeira qualidade, como tambem das nossas Religiosas, Composta por Bernardino Ramazino, famoso medico de Modena, e elogios da viva sobria para viver largo tempo pelo famoso Luiz Cornaro, Nobre Veneziano. Tudo traduzido na lingua Portugueza, e offerecido a el-rey nosso senhor D. José I por Luiz Paulino da Silva e Azevedo.* Lisboa, na officina de Francisco da Silva. Anno de MDCCLIII.

des fogueiras e sobretudo pequenas quantidades de polvora, e dê-se curso facil ás aguas por meio de canaes. O arvoredo, quando muito cerrado, pela retenção da humidade que acarreta, não é proveitoso e póde ser prejudicial; abrindo no seu interior arruamentos que facilitem o accesso do ar, corrigem-se estes inconvenientes. No interior da povoação, entende que as ruas largas e bem calçadas devem dar facil escoante ás aguas das chuvas, possuir esgotos bem feitos, e ter accesso a praças largas e ventiladas. Seguem-se providencias relativas á limpeza e asseio das povoações.

Ribeiro Sanches occupa-se depois das aguas que devem abastecer uma cidade. A melhor agua é a agua corrente sem gosto, nem cheiro. Póde ser transportada em canos de cobre, de ferro ou de chumbo, mas é melhor que a canalisação seja de pedra. A agua das cisternas e poços não deve ser empregada senão depois de fervida.

Segue-se tratar da pureza do ar que deve guardar-se nas egrejas, e a recommendação mais importante que aconselha é a prohibição absoluta de enterramentos dentro d'ellas. A renovação do ar impõe-se igualmente nos conventos e em todas as communidades; mas não basta isso para impedir as doenças dependentes da infecção pelo ar. É indispensavel desinfectar com acido sulfuroso os quartos onde morreram pessoas affectadas de doenças contagiosas. «Bem sei, diz elle, que por lei publica se queimam as camas e os vestidos dos que morrem de mal contagioso na cidade de Lisboa; mas não chegou a bondade d'esta lei mandar corrigir a infecção do aposento onde morreu o enfermo, nem a purificar os moveis d'elle». Por maioria de razão é necessario renovar o ar nos hospitaes. Insiste nas vantagens dos hospitaes pequenos, e da creação dos hospitaes de convalescença. Para conseguir n'elles a manutenção da pureza do ar, aconselha as mesmas providencias que expuzemos em relação aos conventos, mas deseja que sejam apartados em enfermarias especiaes os doentes contagiosos, que se raspem e caiem as paredes a miudo, e que se lavem as salas com frequencia. Analogas providencias são aconselhadas para as prisões, e a este respeito conta que o senado de Lisboa

consultou os celebres João Pringley e Estevão Hales sobre o melhor modo de ventilar as prisões, e que estes vieram visital-as e mandaram fazer ventiladores especiaes, com o aspecto de moinhos de vento, que deram o resultado que se desejava. Julga igualmente proveitosa a ventilação por meio de fogões. Applica as mesmas considerações ás habitações e aos quarteis, demorando-se no estudo das causas das doenças dos militares.

Attribue-as ao ar confinado, á alimentação, á falta de exercicio e de aceio, aconselhando muito a pratica de banhos frios, e sobretudo os banhos russos de cujas vantagens tinha largo conhecimento. Seguidamente trata da hygiene dos navios: são-lhes applicaveis as mesmas considerações feitas a proposito de conventos, quarteis, etc.; apenas differem as providencias n'alguns pormenores. Para a renovação do ar, aconselha os ventiladores de lona e os de Estevão Hales, especie de moinhos de vento, analogos aos que descreve a respeito das prisões. Trata das doenças communs nos navios: febres ardentes, camaras de sangue e mal de Loanda, que attribue ao ar corrupto, e aconselha para as prevenir a purificação pelo ar e pelo vinagre. Na alimentação, insiste na vantagem do sal e vinagre, e aconselha, para prevenir o escorbuto, o uso dos limões azedos.

O livro termina por algumas considerações sobre os terremotos, demorando-se na descripção do que destruiu Lisboa em 1755.

O rapido extracto que acabamos de fazer deixará em todos a convicção, queremos acredital-o, de que Ribeiro Sanches foi um dos hygienistas mais notaveis do seculo XVIII. No seu livro acha-se condensada toda a hygiene do tempo; e o conhecimento que Sanches adquirira nas suas longas viagens das praticas seguidas nos diversos paizes para a prevenção das doenças, a sua longa experiencia dos acampamentos, dá-lhe uma nota pessoal cheia de interesse que ainda hoje torna o *Tratado da conservação da saude* de leitura proveitosa e agradavel.

Completa-se a lista das obras de hygiene n'este periodo

com um pequeno trabalho de João Pedro Xavier do Monte, medico natural de Santarem, que ahi morreu depois de 1788. É uma collecção de preceitos apreciaveis, sobre o modo de conservar a saude, e de a restabelecer depois de perdida [1].

Ao terminarmos este estudo sobre a hygiene temos que referir-nos á prophylaxia da variola que então se praticava entre nós. Consistia ella na inoculação do proprio virus variolico. Acreditada a nova pratica sobretudo pelos esforços de Jurin em Inglaterra, e de Noguez em França, o novo methodo penetrou em Portugal apadrinhado por Jacob de Castro Sarmento, que pôz em relevo a diminuição consideravel na mortalidade pela terrivel doença, depois da vulgarisação da inoculação variolica em Inglaterra [2].

O novo processo prophylatico não encontrou de principio bom acolhimento entre nós. Duarte Rebello Saldanha combateu-o, não só porque não é licito a um medico originar uma doença para curar outra, mas ainda porque, não estando todos os homens condemnados á variola, a inoculação do virus sujeitava-os a um risco certo, em vista d'um perigo incerto. Por outro lado, a inoculação não prevenia com segurança a repetição da doença e provocava o desenvolvimento de outras enfermidades, como era, por exemplo, a escrofula [3].

Já a este tempo o methodo, se ainda era objecto de discussão, passára a ser praticado entre nós. Affirma Alexandre da Cunha (1759) que se generalisára em Traz-os-Montes e que no Porto era corrente entre os estrangeiros, *sempre com bom successo* [4].

Entre os medicos estrangeiros que defenderam com en-

---

[1] *O Homem medico de si mesmo ou sciencia e arte de conservar cada hum a si proprio a saude, e destruir a sua doença, dirigida ao bem commum por João Pedro Xavier do Monte Medico Portuguez, e natural de Santarem.* Lisboa, na officina de Antonio Vicente da Silva. Anno, MDCCLX.

[2] *Dissertatio in novam, tutam ac utilem methodum inoculationis, seu transplantationis variolorum.* Londini, 1721. Lugd. Batav. apud Johan du Vivie, 1722. Londini, 1731.

[3] *Illustração medica,* I. Lisboa, MDCCLXI.

[4] *Ramalhete de duvidas.* Porto, 1759.

*

thusiasmo a nova prophylaxia conta-se La Condamine que em 1754 apresentava á Academia Real das Sciencias uma memoria rebatendo os argumentos que se oppunham contra ella. Esta memoria foi traduzida por Manuel de Moraes Soares, cavalleiro professo da ordem de Christo, familiar e medico dos carceres do Santo Officio e medico da camara real, que, segundo Innocencio, nasceu em Coimbra a 1 de dezembro de 1727 e morreu em Lisboa entre 1800 a 1802. Referindo-se Moraes Soares, na introducção ao seu opusculo, a Duarte Rebello de Saldanha, desdenha os argumentos por este adduzidos, não encontrando n'elles novidade alguma [1]. Replicou este, insistindo nas mesmas considerações que fizera [2], mas a questão não ficou resolvida e, no periodo seguinte da nossa historia medica, ainda continuou a discussão e foi-se estendendo a applicação do methodo, até que a vaccina o veiu de todo substituir.

MEDICINA LEGAL E DEONTOLOGIA MEDICA

Vimos que nas Ordenações Philippinas, publicadas em 1603, pela primeira vez se consagrou expressamente nas leis portuguezas a necessidade da intervenção dos peritos nos exames de ferimentos. No seculo XVIII, algumas modificações se introduziram n'este regimen. Um assento da Casa da Supplicação, de 20 de novembro de 1760, dá-nos a noticia de que havia n'este tribunal cinco peritos, encarregados de fazer os exames, á semelhança do que hoje está estabelecido n'alguns paizes: e que, nos casos de ferimentos leves, bastava o exame de um cirurgião, tornando-se indispensavel o de dois, ou o d'um cirurgião e um medico, quando, pelo contrario, a lesão era de

---

[1] *Memoria sobre a inoculaçam das bexigas; Referida á Assembleia publica da Academia Real das Sciencias... por Monsieur de la Condamine... Traduzida do Francez, e augmentada com algumas notas e huma reflexão do Traductor... por Manuel de Moraes Soares, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Familiar e medico dos Carceres do Santo Officio e Medico nesta corte de Lisboa.* Lisboa, na officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXII.

[2] *Illustração medica,* II. Lisboa, MDCCLXII.

gravidade. N'esse mesmo assento se estabeleceu que a remuneração fosse de 240 reis para o cirurgião, e do dobro para o medico [1].

Poderá julgar-se que os peritos só intervinham em casos de ferimentos: não era assim. Da leitura do *Soccorro Delphico*, de Fonseca Henriques, vê-se que eram chamados a dar o seu parecer nos casos de parto antes do setimo mez, e nos partos tardios [2]; nos exames dos cadaveres dos afogados e das creanças, praticando-se em tal caso a docimasia pulmonar, a que o medico de Mirandella não attribue grande valor; e ainda nos casos de envenenamento, recommendando elle toda a prudencia em taes exames [3]. Manuel Alvares da Cruz, referindo-se á questão tão debatida sobre se a existencia do hymen é signal certo de virgindade, affirma que nos casos de desfloração eram praticados pelas parteiras exames sobre os quaes os medicos formulavam o seu parecer. Alvares da Cruz opina que o hymen é signal certo de virgindade, mas que a sua ausencia não implica a desfloração [4]. Manuel José Affonso e José Francisco de Mello informam que muitas vezes eram chamadas *parteiras ou cirurgiões* a determinar se uma creança nascera viva ou morta. Recorria-se á docimasia pulmonar, como vimos em Fonseca Henriques, e os cirurgiões lisbonenses tambem partilhavam das duvidas do Mirandella sobre o valor d'este processo, sobretudo quando já se começára a manifestar a putrefacção [5].

Podemos, porém, fazer ideia muito aproximada da pratica da medicina legal no nosso paiz por um pequeno opusculo de José Guedes Pinto de Moura, sobre os casos em que os magistrados ecclesiastico e secular precisam do voto da cirurgia.

Tres eram os tribunaes a que o cirurgião podia ser chamado: ao tribunal da saude, ao tribunal ecclesiastico e ao tribunal judicial. Era reclamado no primeiro quando o terrivel

---

1 Assento n.º 256, pag. 364.

2 *Soccorro Delphico*, disp. IV, cap. V e IX.

3 Cap. L, LI e LIV.

4 *Arte medica*, cap. XVI.

5 *Novo methodo de partejar*, pag. 169 e 171.

açoute das epidemias ameaçava, ou já começava de se fazer sentir, e para decidir se havia ou não corrupção nos alimentos; no segundo, para verificar os obitos, para decidir se os que se desejavam consagrar á vida ecclesiastica eram aptos para ella, e ainda para resolver os casos de impotencia e mais questões relativas ao casamento; finalmente, no tribunal judicial, para attender á corrupção dos corpos dos justiçados, para fazer exames nos autos de corpo de delicto, reconhecer a veracidade com que as mulheres allegavam gravidez para se subtrahirem á pena capital, e ainda para curar os que haviam sido feridos na tortura.

Vamos vêr como o perito se desempenhava no exercicio da sua missão. Relativamente aos assumptos que no tribunal da saude se ventilavam, diziam respeito mais á hygiene do que á medicina legal. Sobre a putrefacção dos alimentos, é Moura de parecer «que as substancias mais sujeitas a alterar-se são as carnes e peixes, os grãos que servem á fabricação do pão, os legumes, os lacticinios e outros alimentos de uso quotidiano; e que o conhecimento da sua insufficiencia consiste na observação da vista, do cheiro, do gosto e do tacto».

Pelo que diz respeito ao tribunal ecclesiastico, a verificação dos obitos fazia-se tendo em vista que ainda existiam vestigios de vida todas as vezes que houvesse inflexibilidade dos membros, incorruptibilidade das visceras e derramamento de sangue com a lanceta.

A verificação da aptidão para o sacerdocio levava em vista conhecer os attributos do sexo masculino, de modo que se provasse que o candidato não tinha coisa alguma que «*à nativitate* o impossibilitasse para a propagação da especie».

O exame dos orgãos genitaes, necessario para a verificação das condições physicas inhibitorias do casamento, era praticado algumas vezes. Da parte do sexo masculino, considerava Moura causas de *inhabilidade generante*: «a falta de testiculos, a improporção diminuta, ou desproporção extraordinaria do principal instrumento, a falta de erecção, etc.» Da parte do sexo feminino, constituiam obstaculos: «a imperforação da vagina, ou a sua demasiada angustez, a formatura da

vulva não ser no logar proprio, a situação do utero estar improporcionada á dos mais instrumentos genitaes, a sua demasiada laxidão, ou seja por purgações alvas ou por outras causas; e finalmente, em um e outro sexo, é impedimento para a geração tudo aquillo que possa concorrer para que a « materia seminal não penetre a cavidade do utero, com impeto e violencia, á maneira de raio ».

Eram chamados os peritos ao tribunal judicial para determinarem o tempo que os cadaveres dos justiçados podiam estar expostos para exemplo nos postes, e consentiam por muito tempo esse espectaculo barbaro e repugnante.

Nos exames de ferimentos, recommenda Moura a maxima attenção, e n'elles o perito teria a resolver « pelos signaes distinctivos de cada uma das feridas, contusões, seus sitios e mais circumstancias que a cirurgia ensina » a maior ou menor gravidade da lesão, « não deixando de fazer n'estes casos a mais attenta reflexão pelas consequencias que de seu voto se costumam seguir ».

A proposito da muita circumspecção que taes exames requerem, cita o auctor da *Oração* de que estamos dando noticia um facto curioso, que vamos relatar e que prova exuberantemente que a medicina legal tinha já então um certo desenvolvimento entre nós.

Domingos de Sequeira, do logar de Villa Verde, freguezia de S. Martinho de Mouros, foi, em 8 de fevereiro de 1759, ferido, um pouco acima da região do sangradouro direito, com um podão. Naturalmente por não encontrar proximo facultativo a quem recorresse, o ferido teve de andar duas leguas sem curativo, e só, proximo da noite, pôde encontrar um cirurgião que o pensou, empregando no curativo o oleo de Apparicio. Vinte e quatro horas não eram passadas, e todo o braço estava notavelmente augmentado de volume, motivo pelo qual o mesmo cirurgião o sangrou no outro braço, mas, em seguida á sangria, esse mesmo começou a inflammar-se e a entumescer.

Os symptomas foram-se aggravando, e ao quarto dia da doença « se começou a contrair e a ter alguns motos convulsivos o braço e a perna da parte ferida, e no decurso dos se-

guintes dias lhe existiu grande febre, convulsões e repilações e outros symptomas espasmodicos, para o que se lhe applicaram por dois cirurgiões e um medico varios remedios, purgaram-n'o e deram-lhe quina ». Apesar d'este tratamento, o doente morreu, vinte e oito dias depois do accidente, com convulsões e espasmos em varias partes do corpo.

Era o caso importante e por tal motivo foi consultada a Real Academia Cirurgica do Porto sobre se a ferida era de sua natureza mortal, ou se o fallecimento do seu portador teria sido devido a qualquer complicação extranha ou não ao ferimento. A Academia nomeou, d'entre os seus socios, dois para estudarem attentamente a questão, e apresentarem um relatorio escripto sobre o assumpto em litigio.

Assim se fez, e o relatorio mais notavel foi o de Manuel Gomes de Lima, o fundador do jornalismo medico no nosso paiz. N'elle attribuiu Lima a morte a quatro causas: « o apparato morboso ou má compleição » do ferido, demonstrada pela promptidão com que se havia inflammado o braço em que havia sido praticada a sangria; a demora que tinha havido em ser pensada a ferida e a sua exposição ao ar, o que a tornára de má qualidade; o processo erradamente seguido no curativo, porque não deveria ser usado oleo de Apparicio, por motivos que Moura, sem os citar, acha solidamente estabelecidos; e finalmente a irregularidade com que depois havia tido o doente assistencia de facultativo.

Este relatorio foi objecto de uma discussão acalorada na Academia que, depois de maduramente o ter ponderado, assentou em que a ferida era de sua natureza perigosa, pela offensa de partes nervosas, mas de modo algum mortal, e que, se não fôra a má constituição do offendido e mais partes que a consulta de Gomes de Lima especificava, o desenlace teria sido muito differente. Esta opinião de tal modo foi acceite pelos juizes, que o réo não foi castigado com todo o rigor das leis.

Entre os exames medico-legaes, tinham tambem toda a importancia os que se faziam em individuos, que se suppunham mortos por submersão, solicitando-se do perito que declarasse

se elle se tinha realmente afogado, ou se teria sido victima de alguma violencia e lançado depois á agua. O principal signal para resolver esta questão era encontrar-se algum ferimento, diz Moura; mas nos lançados á agua, depois de mortos, não existe no ventre o entumescimento que costuma ter nos afogados, e não se encontra ar, nem talvez sangue nas vesiculas pulmonares: lançados os pulmões em agua, vão ao fundo do vaso. Como se vê, a valia de alguns signaes é muito problematica.

Todas as vezes que se desejasse saber ao certo se uma mulher estava gravida, dever-se-iam ter em consideração os seguintes signaes que eram de toda a importancia para o auctor da *Oração* que examinamos: a maior rigidez e altura do abdomen, a dureza e augmento de volume dos peitos, a existencia de leite mal elaborado, a coloração avermelhada dos mamillos e o reconhecimento de que «a bocca interna do utero está summamente cerrada e entumescida».

Finalmente, todas as vezes que eram submettidos a tractos alguns individuos, o cirurgião devia impedir que esses castigos fossem levados até ao ponto de pôrem em risco a vida dos pacientes, e trataria das lesões produzidas por essas violencias.

Assim se exercia a medicina legal, no nosso paiz, em pleno seculo XVIII. Devemos ainda dizer que já então era indispensavel a inspecção medica para a admissão no exercito. É o que se collige do opusculo de Moura quando affirma: «com o voto da cirurgia escolhiam os magistrados militares os individuos aptos para o bellico exercicio das armas»[1].

---

[1] *Oração cirurgico-academica sobre os casos em que os Magistrados Ecclesiastico e Secular precisão do voto da Cirurgia, recitada na conferencia publica, que celebrou a Real Academia Cirurgica do Porto em o dia 6 de junho por obsequio aos annos de el-rei N. S. D. Joseph I... Illustrado com algumas reflexões praticas, e offerecido á curiosidade dos doutos pelo seu Author e recitante Joseph Guedes Pinto de Moura, Cirurgião portuense.* Lisboa, na officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXIII.

Como remate, não se encontram no seculo XVIII codigos deontologicos como os que mencionamos nos seculos XVI e XVII. A medicina, no seu exercicio, tinha certamente decaído. Pelo menos, no *Portugal Medico*, de Braz Luiz de Abreu, encontra-se bem assignalado que grande numero de charlatães assentára arraiaes em Portugal. Eram o medico estrangeiro, o medico dado á crendice, o barbeiro intromettido a cirurgião. E Abreu tem uma ironia caustica e mordente ao traçar-lhes com mão de mestre a physionomia!

CAPITULO VII

Legislação sanitaria. — Sociedades scientificas. — O jornalismo medico

Terminando o estudo das doutrinas medicas que dominaram no periodo que vai do estabelecimento do Hospital de Todos os Santos á reforma da Universidade, impõe-se-nos a obrigação de nos referirmos a algumas providencias e instituições medicas. São ellas a legislação sanitaria, a constituição das sociedades scientificas e o jornalismo medico.

A legislação sanitaria comprehende grande numero de documentos de natureza diversa. Ao passo que a maior parte se reporta á prophylaxia das epidemias que por tanto tempo e com tão vasta extensão se generalisaram pelo paiz, outros referem-se a medidas de hygiene local de execução mais ou menos permanente. D'entre os primeiros occupar-nos-hemos apenas dos que têm caracter mais geral, reservando para o estudo da epidemiologia a enumeração dos que constituiram meios de defeza applicaveis apenas a determinados tractos do nosso territorio.

Dos documentos que chegaram ao nosso conhecimento o mais antigo é o alvará de 27 de setembro de 1506 em favor do desembargador Pedro Vaz que se dirigia a Lisboa para prover nos negocios da saude. Violentas são as medidas repressivas que n'esse documento se promulgam. Quem, acommettido pela peste, fosse internar-se em Lisboa, ou trouxesse ou mandasse algum empestado, seria publicamente açoutado e degredado por sete annos para a ilha de S. Thomé, se fosse

peão, e quando fosse escudeiro, cavalleiro ou mercador, punido com multa e degredo de dois annos para a mesma ilha.

Multa e degredo incidiam igualmente sobre as pessoas que não declarassem os doentes empestados que albergassem. Nas casas em que houvesse doentes, pôr-se-iam signaes especiaes. Os que n'ellas entrassem, ou arrancassem os signaes que as distinguiam soffriam penas analogas. Parece que havia tres ordens de hospitaes para as doenças contagiosas: um para os doentes, outro para os suspeitos e finalmente outro para os convalescentes. Vedado era, sob graves penalidades, saír d'estes hospitaes. Prohibido tambem era vender e comprar a roupa dos doentes alli recebidos. Algumas outras providencias são estabelecidas n'este regimento: as meretrizes teriam de fechar as casas ao sol posto, e os enterramentos far-se-iam em cemiterios especiaes [1].

A organisação do municipio de Lisboa demonstra bem o cuidado que merecia a hygiene d'uma cidade já então populosa, com um porto frequentado por grande numero de navios de todas as proveniencias. A Veneza do occidente defendia se contra a importação de doenças contagiosas. Por isto, entre as muitas attribuições que a camara possuia, tinha antiquissima e inquestionavel superintendencia em tudo quanto dizia respeito ao serviço sanitario, chegando no principio do seculo XVI a constituir este ramo de administração um dos pelouros mais importantes. No principio de cada anno, era este pelouro distribuido a um dos vereadores que tomava o nome de provedor-mór da saude da côrte e reino e cuja esphera de acção transpunha a capital, irradiando por todo o paiz.

Se as funcções do provedor-mór da saude se exerciam sobretudo por occasião de epidemias, a camara e o rei empenhavam-se em melhorar a cidade sob o ponto de vista hygienico, sendo variadissimos os diplomas que o comprovam, uns de iniciativa municipal, outros de iniciativa regia.

---

[1] *Collecção dos regimentos por que se governa a repartição de saude do reino.* Lisboa, na impressão regia. Anno 1819, pag. 50.

Assim desde 1513 vemos D. Manuel empenhado em abastecer de agua a cidade, promovendo que viesse do Andaluz; mais tarde, canalisava-se a de Chellas e desde o meiado do seculo se tratava de trazer a *agua livre,* empreza que só havia de realisar-se no reinado de D. João V [1].

Desde 1515 se conhecem providencias sobre limpeza publica, não se consentindo accumulação de immundicies, levando-se ao rio por conta da camara, e velando-se por melhorar a sua canalisação que se manteria constantemente desempedida [2]. Em 1619, mandavam-se arborisar os largos, escolhendo-se para esse fim as faias, os alamos pretos e outras arvores similhantes [3]. Em 1623, renovava-se uma disposição provavelmente de 1579 ou 1580, não consentindo que pelas ruas vagassem pedintes sem licença do provedor-mór da saude [4]. A camara contribuia para a sustentação dos engeitados e projectava em 1625 construir um recolhimento para vadios, onde se lhes ensinaria um officio, ou se preparariam para marinheiros e artilheiros [5]. O rei chamava a attenção da camara para evitar que d'uma represa em Alcantara se seguisse damno para

---

[1] Referem-se ao abastecimento de aguas de Lisboa os seguintes documentos: Cartas regias de 10 de novembro de 1513, de 23 de fevereiro de 1515, de 3 de março de 1574, uma certidão de 23 de junho de 1588, o alvará regio de 4 de novembro de 1589; o assento de vereação de 11 de setembro de 1618, a consulta da camara a el-rei em 10 de setembro de 1618, a carta regia de 9 de outubro de 1618; a carta da camara a el-rei de 23 de julho de 1620, a carta regia de 28 do mesmo mez e anno, e assento de vereação de 3 de setembro do mesmo anno; os assentos de vereação de 8 de janeiro e 27 de março de 1633 e a carta regia de 15 de junho do mesmo anno. (Ed. Freire de Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*).

[2] Alvarás regios de 22 de agosto de 1515 e 27 de janeiro de 1548; posturas de 1610; assento de vereação de 13 de setembro de 1619; portaria de 5 de outubro de 1663. (Freire de Oliveira, op. cit.).

[3] Alvará regio de 9 de fevereiro de 1619. Freire de Oliveira, op. cit., II, pag. 433.

[4] Consulta da camara de Lisboa, aos governadores do reino em 7 de março de 1623 e respectiva postura. (Freire de Oliveira, op. cit., III, pag. 69).

[5] Consulta da camara a el-rei em ... de abril de 1625. (Freire de Oliveira, op. cit., IV, pag. 183).

a saude [1], e esta pedia que não fosse consentido que os soldados tivessem communicação com os navios que entravam no Tejo [2]. Finalmente, velava por que não escasseassem generos alimenticios na cidade, etc., etc. [3]

Taes eram as medidas de hygiene municipal adoptadas em Lisboa e mais ou menos seguidas pelos municipios importantes do reino. Mas alli mesmo, na previsão de epidemias, se tomavam outras providencias de que vamos dar conta.

Uma das medidas marcadas no alvará de 1506 consistia no estabelecimento de um hospital de doenças contagiosas. A elle se referem as cartas regias de 22 de junho e 23 de julho de 1520, em que se recommenda á camara de Lisboa a sua construcção e approva a escolha do terreno que ella fizera. Era junto da ponte de Alcantara, proximo do mar, distanciado da cidade para tolher a communicação com os doentes, com muita agua, e com largueza bastante para os enterramentos. O hospital bastava que tivesse capacidade para 160 doentes, e seria edificado segundo um plano que o rei remettia á cidade [4].

O systema defensivo contra as epidemias já delineado no alvará de 1506 modifica-se algum tanto pela carta regia de 25 de julho de 1525, de que temos escasso conhecimento. Tinha por base o isolamento dos doentes em ruas e bairros especiaes, a pastagem pelas ruas de grande quantidade de gado vaccum, a purificação do ar por meio de fogueiras de hervas aromaticas, o encerramento, a pedra e cal, das casas onde se tivessem dado fallecimentos de peste, a desinfecção dos domicilios pelo vinagre e pela cal, e ainda o apartamento das roupas, cuja venda só se effectuava depois de lavada e arejada, e

---

[1] Decreto de 18 de agosto de 1647. (Freire de Oliveira, op. cit., v, pag. 84).

[2] Consulta da camara a el-rei em 16 de abril de 1655. (Freire de Oliveira, op. cit., v, pag. 519).

[3] Consulta da camara a el-rei em 7 de junho de 1658. (Freire de Oliveira, op. cit., vi, pag. 92 e 93).

[4] Freire de Oliveira, op. cit., pag. 451 e 452; e pag. 453 e seg.

em logares distanciados da capital. Igualmente se estabeleciam cemiterios especiaes fóra da cidade, *em tal logar que quando o norte passar por cima não dê na cidade;* se determinava que nas casas ricas se collocasse uma bandeira ou um ramo de alecrim a indicar a existencia de uma pessoa doente, e fechavam-se as escólas, prohibiam-se as procissões e evitavam-se os ajuntamentos [1].

O *Regimento que leva Pedro Vaz sobre o que toca ao bem da saude em 1526* e o regimento que lhe deu D. João III no mesmo anno, comquanto mais extensos do que o alvará de 27 de setembro de 1506, não consignam providencias diversas das que n'elle são ordenadas [2].

O alvará de 3 de dezembro de 1537 estabelecia que os individuos que viessem a Lisboa de logares impedidos ou os que desembarcassem dos navios sem licença soffressem penas severas que se estendiam aos que lhes déssem guarida [3].

Pelo alvará de 29 de janeiro de 1580 é confirmado e ampliado o regimento do provedor-mór da saude. Desenvolve anteriores disposições sobre a declaração obrigatoria dos casos de peste ao *cabeça de saude;* estabelece distinctivos para as casas habitadas por empestados ricos, sendo os pobres remettidos para a casa de saude; dá providencias sobre os enterramentos, sobre a lavagem e desinfecção das roupas, e cria um corpo de medicos e sangradores dependente do provedor-mór da saude para com elle entenderem sobre as coisas de hygiene e acudirem aos enfermos [4].

Em 1627, desenvolvendo-se uma epidemia em Malaga, vedou-se toda a communicação por terra e mar com esta cidade,

---

[1] Freire de Oliveira, op. cit., I, pag.

[2] *Collecção dos regimentos,* pag. 34 e 53.

[3] Duarte Nunes de Leão, *Leis extravagantes.* Quarta parte, tit. XVII, lei X.

[4] *Collecção dos regimentos,* pag. 57. A data d'este documento está errada, devendo ser, como se lê no texto, 1580 e não 1680.

Antequera e Izeda, e desinfectaram-se as cartas, passando-as por vinagre e pelo fogo [1].

De 1663 data um regimento de coveiros preceituando a fórma de effectuar os enterramentos e altura das covas, etc. Os enterramentos não se deviam fazer dentro da cidade, salvo em sagrado, e nos adros (cemiterios); os cadaveres seriam lançados á terra logo que terminassem os responsos ou na manhã seguinte; as covas em tempo de peste seriam mais profundas, etc. [2]

O provedor-mór de saude exercia a sua auctoridade com toda a amplitude. Por decreto de 4 de agosto de 1688 ordenava-se que nem as camaras nem as justiças do reino se intromettessem em alguma coisa que contendesse com a sua jurisdicção [3].

O *Regimento do que se ha-de observar succedendo haver peste (de que Deus nos livre) em algum reino ou provincia confinante com Portugal,* de 7 de fevereiro de 1695, é considerado um bom documento de hygiene internacional.

Institue um cordão sanitario na fronteira que repelliria a tiro os que tentassem violal-o; resolve que os habitantes da raia não venham para o centro do reino sem passaporte; no Tejo determina quarentenas para os navios e embarcações que procedessem de paiz suspeito; providencía sobre a desinfecção da correspondencia, roupas e mercadorias, e recommenda a maior vigilancia aos guardas de saude em averiguarem os casos suspeitos que se déssem [4].

O *Regimento para o porto de Belem,* contemporaneo do anterior, completa estas providencias defensivas, regulando a fiscalisação maritima. Embarcações que viessem de paizes suspeitos seriam sujeitas a quarentena de quarenta dias, que ainda podia ser aggravada; a carga seria arejada e beneficiada an-

---

[1] Alvará de 23 de junho de 1627, citado por Rebello da Silva, *Hist. de Portugal,* v, pag. 49.

[2] *Collecção dos regimentos,* pag. 76.

[3] Id., pag. 58.

[4] Id., pag. 24.

tes de se permittir que entrasse em Lisboa, e a correspondencia seria desinfectada pelo mesmo modo que vemos em documentos anteriores [1].

Vai longa esta série de documentos; pôr-lhe-hemos remate com a menção do *Regimento do provedor-mór de saude,* de 15 de dezembro de 1707, que amplia e modifica algumas das disposições relativas á administração sanitaria. O provedor-mór e os seus subordinados celebravam sessões diarias, nas quaes, depois de ouvirem missa, resolviam sobre os diversos assumptos relativos á saude. Variadas eram as funcções que ao provedor e funccionarios seus dependentes se attribuiam. Cumpria-lhes fazer o registro dos facultativos, a inspecção ás pharmacias e aos depositos de generos, não permittindo a venda de medicamentos, generos e drogas da casa da India alterados, nem de vinhos novos ou gessados, e velar sobre o porto de Belem [2].

Traçamos rapidamente o quadro da administração sanitaria seguido em antigos tempos. Não nos podemos deter na sua apreciação, mas da leitura das diversas providencias que resumimos, vê-se que a defeza sanitaria, se algumas vezes era levada até á ferocidade, não se aparta muito, áparte pormenores de secundaria importancia, da adoptada em nossos dias. A creação d'um tribunal especialmente affecto a tratar das questões de hygiene é para louvar e representa da nossa parte vantagem sobre outros paizes; e no regimento d'este tribunal encontram-se igualmente disposições que muito conviria que hoje se restabelecessem. A não nos lembrarmos do celebre decreto de 1836, relativo ao conselho de saude publica, poderiamos dizer que em materia de hygiene publica temos retrocedido.

A primeira tentativa para a constituição de sociedades de medicina entre nós deve-se a D. Antonio de Monravá e Roca, o lente de anatomia em Lisboa, a quem por tantas vezes nos temos referido. Entre 1739 e 1744, dirigia-se elle a D. João V,

---

[1] *Collecção de regimentos,* pag. 3.

[2] Id., pag. 63.

em companhia do dr. José de Monravá e Soler, Antonio Dias de Assequins, Manuel Marques e Damião de Ceita, pedindo auctorisação para crear uma academia, « em que se adiantassem os descobrimentos das sciencias e faculdades pertencentes á saude do corpo humano ». A projectada Academia Cirurgica Ulyssiponense teria setenta e dois associados: vinte de numero, doze de exercicio e quarenta de honor, e dois presidentes: um perpetuo que seria o cirurgião da camara de sua magestade, e outro ordinario escolhido pelos associados. Realisar-se-iam duas juntas semanaes, nas quaes ou se recitariam discursos sobre os diversos ramos da cirurgia ou se realisariam operações ou dissecções anatomicas. Os associados teriam preferencia para os logares de cirurgião dependentes do estado. Nos dias de sessão dar-se-iam consultas gratuitas aos pobres. Haveria uma pharmacia, onde os socios ensaiariam a pratica de remedios galenicos e chimicos. Quatro vezes por anno, iriam os academicos, em fórma de junta, colher pelos campos e jardins as diversas substancias medicinaes. Constituir-se-ia uma bibliotheca, onde se reuniriam livros de physica, anatomia, cirurgia, medicina e botanica. « O fim principal, e ideia geral da Academia será manifestar as verdadeiras e proveitosas Maximas da Cirurgia, e a melhor Pratica das suas Operaçoens, pelo caminho da Rasão, da Observação e Experiencia. Para o que nos valeremos de propôr as utilidades da Fisica Mecanica, de adiantar os Descobrimentos da Anatomia, e finalmente de distinguir, sem confusão, os Experimentos pertencentes ás Faculdades, que conduzem á Saude do corpo humano. Em cuja consequencia se proporá com clareza, o Verdadeiro, como seguro; o Proveitoso, como util; o Verosimil, como opinavel; e o Experimental, como demonstravel » [1].

Não logrou Monravá obter auctorisação para a projectada academia. O requerimento que apresentou teve como despacho um simples *escusado*. Justiça, porém, é apontal-o como o iniciador d'uma ideia que em Lisboa só logrou ter execução um seculo mais tarde.

---

[1] *Novissima medicina,* I. Lisboa, 1744.

Melhor resultado tiveram no Porto os esforços de Manuel Gomes de Lima. Em principios de 1748, fundava-se a Academia Cirurgica Prototypo-Lusitanica Portuense. N'uma provisão de 5 de setembro, affirma-se que o presidente, directores e academicos d'esta academia haviam representado a D. João V que tinham fundado havia seis mezes aquella sociedade scientifica, e haviam elaborado estatutos a que se subordinavam, principalmente ao que estabelecia consultas gratuitas para os pobres do Porto e aos que a esta cidade affluiam.

A citada provisão approvava os estatutos cujas principaes disposições eram as seguintes:

O fim principal da sociedade era discutir sobre o methodo mais adquado ao tratamento das doenças cirurgicas, executando as operações mais proprias para esse fim «sem se adherir a systema particular mais que ao da razão, tudo para augmento da cirurgia e bem do reino».

A academia era composta de cincoenta academicos, divididos em tres classes: de numero, de exercicio e de honor. A primeira classe tinha quatorze academicos, que eram os fundadores; as vagas que se fossem dando seriam preenchidas por escrutinio. A segunda e a terceira estava preenchida, e as vagas provêr-se-iam do mesmo modo «advertindo, porém, que os de honor serão os mais genuinos das villas, e cidades d'este Reyno, tomando-se exemplo da primeira factura, pois n'ella entram trinta cirurgiões, os mais peritos das provincias do Minho, Traz-os-Montes, Beyra e Extremadura, faltando só tres para o complemento das praças».

Além d'um presidente, que era o cirurgião-mór da côrte e casa da Relação do Porto, ou quem de futuro servisse aquelle logar, os corpos gerentes da Academia eram constituidos por dois directores, dois censores, um secretario, um thesoureiro e um procurador.

A academia devia ter duas sessões publicas e solemnes: uma no dia 23 de fevereiro e outra no dia 30 de agosto de cada anno. Semanalmente, ás terças-feiras, realisavam-se as sessões ordinarias e particulares, nas quaes se discutia o mais acertado methodo das doenças, nomeando o presidente um ar-

guente e um defendente. N'estas sessões admittiam-se as pessoas pobres, que viessem pedir remedio para os seus padecimentos; se havia necessidade de *cura larga,* a academia era obrigada a fazer assistir ao doente e de graça um cirurgião e no caso de ser necessaria conferencia de facultativos iria toda a academia.

Nas duas sessões publicas e solemnes eram os academicos effectivos obrigados a dar conta dos seus estudos desde a ultima conferencia, e nos termos da designação que a academia houvesse feito. Os discursos em que os academicos davam conta dos seus estudos eram lidos em sessão publica, e, se eram julgados dignos de menção honrosa pela commissão de censura, registavam-se nos livros da academia.

A academia era presidida pelo cirurgião-mór da côrte e casa da Relação Domingos de Freitas Mendes, tinha por secretario Alberto da Silva Freire, e faziam ainda parte dos corpos gerentes Antonio de Azevedo Coutinho e Lourenço José de Mello.

A nascente academia não foi bem succedida. Continha-se no projecto de estatutos uma disposição que não foi confirmada por D. João V, a de serem preferidos nos partidos reaes os associados da Academia Cirurgica. Desde que esta vantagem não foi assegurada aos associados, estes « fizeram-se insensiveis a todos os estimulos, instancias, e representações que lhes foram feitas para se não malograr uma empresa tão gloriosa, como necessaria ». Tambem entre os associados se estabeleceram dissensões e intrigas, que concorreram para a ruina da academia.

D'estas dissensões resultou a saída de Manuel Gomes de Lima, ainda quando não estavam approvados os estatutos.

Em 1749, de companhia com o dr. João de Carvalho Salazar, empenhava-se elle na constituição da Academia Medico-Portopolitana. Ausentando-se Salazar para Ceia, Gomes de Lima buscou outros auxiliares no dr. Manuel Freire da Paz, medico da Relação e do Hospital do Porto, e no padre João Saraiva Valente, depois abbade de Minhoncellos. Fizeram elles os es-

tatutos e dirigiram-se ao arcebispo de Braga D. José, sollicitando protecção. Não a recusou elle, antes encareceu a importancia da projectada sociedade, que ficou definitivamente constituida em dezembro de 1749.

Os fins da sociedade eram «o serviço e honra de Deus Trino e Uno, a veneração dos seus preceitos, beneficio dos proximos, augmento das faculdades medica e suas ministras, seguindo as maximas da natureza, os experimentos praticos, e o methodo experimental racional, abandonando as ideias physicas, que encontraram a experiencia, e os phenomenos do Macroscomo e Microscomo». A academia compunha-se de individuos de todas as faculdades que tivessem capacidade para discutir pontos de medicina, sendo repartidos em quatro classes: illustres, collectores, eruditos e experimentaes.

Os primeiros eram nobres de condição, distinctos pelo sangue e pelas letras, de escolha e nomeação do principe protector. Os collectores eram eruditissimos varões medico-hispanienses, celebres e conhecidos, e tinham a faculdade de nomear academicos experimentaes dentro da área do circulo a que presidiam. Academicos experimentaes eram os medicos, cirurgiões, anatomicos, pharmaceuticos, etc., que tivessem adquirido reputação de bons professores. Eruditos eram os *famigerados professores das sciencias e artes* que de alguma maneira podessem concorrer para os progressos da medicina, taes como physicos, mathematicos, jurisprudentes, theologos, humanistas, etc.

A sociedade tinha uma direcção central, e era dividida em doze circulos e seis meios circulos, que comprehendiam os reinos de Portugal e Castella, e os dominios de ambas as corôas com mais algumas provincias de outras.

A direcção central ou junta do governo que residia na cidade do Porto era composta d'um presidente, dois adjuntos, dois collectores, um secretario, um fiscal e mais alguns academicos. Os collectores deviam ser medicos eruditos e poriam em ordem as observações, discursos, e memorias remettidas á academia, assim como traduziriam das publicações estrangeiras os escriptos que a academia recebesse. Fazia tambem parte da junta do governo um *Theologo* que tinha como deve-

res revêr as obras da academia para evitar que n'ellas passassem erros em materia de orthodoxia, explicar os vocabulos dos principes da medicina, para o que devia ter conhecimento da lingua grega, e compôr os elogios que a academia dirigisse ao principe protector.

A junta do governo foi constituida pela fórma seguinte: dr. Manuel Freire da Paz, oppositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, cavalleiro professo na Ordem de Christo, medico da Relação e Hospital geral, presidente; dr. Pedro Browne, formado pela Universidade de Lovaina, cavalleiro professo na Ordem de Christo, medico honorario da Relação e da Feitoria ingleza, vice-presidente; dr. Eusebio da Novoa Sarmento, primeiro adjunto; dr. Antonio Pereira Cortez, segundo adjunto; Manuel Gomes de Lima, secretario; dr. Pantaleão da Costa Lima, medico da Relação, collector; dr. Antonio Villaça de Carvalho, fiscal; padre João Saraiva Valente, abbade de Minhoncellos, academico de erudição; e Jeronymo da Costa Pessoa, procurador.

Os circulos em que a sociedade se dividia eram: 1.º o Bracarense, comprehendendo as provincias do Minho e Traz-os-Montes; 2.º o Ulyssiponense, as provincias da Beira e Extremadura; 3.º o Eborense, a provincia do Alemtejo e o Algarve; 4.º o Placentino, a Extremadura hespanhola; 5.º o Salmanticense, ou Leonez, constituido pelo reino de Leão; 6.º o Matritense, pelas Castellas velha e nova; 7.º o Hispaliense, pela Andaluzia e pelo reino de Granada; 8.º o Valentino, comprehendendo as provincias de Valencia e Murcia; 9.º o Cesar-Augustano, os reinos de Aragão e Navarra; 10.º o Tarraconense, a Catalunha e Malhorca; 11.º o Roussillonense, o Roussillon, Fox, Bearn e fronteira da França; e finalmente o 12.º o Cantabriense, a Galliza, as Asturias, a Biscaia e Guipuzcoa.

Os meios circulos eram os seguintes: 1.º o Madeirense, comprehendendo as ilhas da Madeira e dos Açores; 2.º o Africano, os presidios da Africa, as Canarias e Cabo Verde; 3.º o Brazilico, formado pelo Brazil; 4.º o Oriental, pelas Indias, desde o Cabo da Boa-Esperança até á China e Japão; 5.º o Occidental, pelas Indias de Castella, nova França, nova Escos-

sia, nova Inglaterra, etc.; e o 6.º o Maritimo, comprehendendo as náus, fragatas e galés de Portugal e Hespanha, tanto no Mediterraneo como no Oceano.

A Academia Medico-Portopolitana teve vida extremamente curta. Estabeleceram-se dissensões entre os associados, a proposito da eleição presidencial, e a morte do arcebispo de Braga, protector da academia, deu-lhe um golpe mortal. A sociedade extinguiu-se sem deixar grande memoria dos seus actos.

Quasi dez annos passados, Manuel Gomes de Lima, animado como o geral dos cirurgiões portuguezes pela elevação de Antonio Soares Brandão ao logar de cirurgião-mór do reino, que sempre fôra occupado por medicos, envidou esforços para fazer renascer as antigas sociedades de medicina do Porto na Academia Real Cirurgica Portuense, cujo projecto de estatutos foi presente á sancção de D. José em 1759.

A sociedade teria um presidente nato que vinha a ser o primeiro cirurgião da real camara, um presidente honorario que seria Domingos Freitas Mendes e quatro classes de academicos: *graduados, conselheiros, associados* e *permissos*. Da classe dos graduados seriam todos aquelles cirurgiões que, sabendo latim, physica experimental e bellas letras, fizessem os actos e exercicios a que eram submettidos em Paris os cirurgiões jurados de S. Cosme para receberem o barrete. Da classe dos conselheiros seriam aquelles cirurgiões de bom juizo e penetração, que tivessem unido á experiencia de muitos annos de curar os estudos theoricos da cirurgia. Da classe dos associados seriam todos aquelles cirurgiões, medicos e eruditos do reino, e de fóra d'elle, que se tivessem particularisado em escrever, inventar, ou observar alguma coisa util á profissão cirurgica. Finalmente na classe dos permissos deviam entrar todos os cirurgiões approvados na mesma cidade do Porto que a junta do governo considerasse capazes de trabalhar para se instruirem e augmentarem a cirurgia.

A junta do governo era constituida pelo presidente nato, por um director, um vice-director, um secretario, quatro consultores e um fiscal. Os consultores eram dois de theoria e dois

de pratica. Os de theoria ensinavam aos praticantes das aulas: um o especulativo da anatomia e outro o da cirurgia moderna, e os de pratica o exercicio manual de uma e outra arte. O consultor de anatomia pratica deveria saber dissecar os cadaveres e mostrar sobre elles as partes do corpo humano, a sua origem, connexão e uso; o de cirurgia executaria todas as operações seguras e commodas que se haviam ideado para a cura das enfermidades.

Dois zeladores curariam gratuitamente os pobres que buscassem a academia, e sendo a doença grave se lhes formaria junta com seis ou oito cirurgiões.

A admissão na academia fazia-se á similhança do que succedia no collegio dos cirurgiões de S. Cosme, em Paris.

Realisavam-se as sessões ordinarias quinzenalmente. N'ellas davam os zeladores dos pobres informações sobre as doenças que n'elles haviam observado, e eram feitas communicações sobre os casos interessantes observados na pratica dos socios. Um dos academicos lia um discurso sobre um ponto marcado pela junta do governo, que era discutido por quatro oppositores, decidindo-se sobre as suas conclusões á pluralidade de votos.

Os fins da academia eram: aperfeiçoar a theoria e a pratica da cirurgia, buscando e descobrindo «sobre a physica do corpo humano as causas, effeitos e indicações curativas das enfermidades cirurgicas, dedicando-se principalmente a notar com precisão os casos em que se devem fazer ou omittir as operações cirurgicas, o tempo e maneira de as praticar, o que lhes deve preceder e seguir, e finalmente apontará os remedios cirurgicos convenientes a cada enfermo, a enfermidade e as razões que podem reprovar o seu uso».

Cuidaria em fazer um compendio de anatomia e outro de cirurgia, e daria publicidade ás memorias que a ella fossem presentes; e como havia falta de bons mestres, abriria aulas de anatomia, de cirurgia e de arte obstetrica. Para o estudo da anatomia, faria construir um theatro anatomico «provendo-o dos instrumentos, machinas e assentos necessarios». O professor de anatomia iria, á custa da sociedade, aperfeiçoar-se em Paris ou Montpellier.

Em caso de se desenvolver peste em qualquer provincia, villa, cidade ou logar de Portugal, iria lá o anatomico da academia com mais dois academicos «tomar todas as informações necessarias sobre as qualidades, contagio, modos de contagiar, phenomenos e exitos que se observarem, fazendo o anatomico as dissecções necessarias para sua instrucção e para ser informada a academia sem demora do que occorrer para se acudir com os auxilios competentes».

Os primeiros corpos gerentes ficaram assim constituidos: presidente nato, Antonio Soares Brandão, cirurgião-mór do reino; director e consultor de anatomia theorica, Manuel Gomes de Lima; vice-director, Manuel José de Carvalho (por falta de Francisco da Fonseca Figueiroa); secretario, bibliothecario e chanceller, Bento José da Cunha; fiscal, Manuel Martins Freire; thesoureiro, José da Silva Motta; deputados, Manuel José de Almeida e Amaro Pereira Pinto; commissario de extractos, José Guedes Pinto de Moura; substitutos: Alexandre da Cunha, Diogo José de Araujo, Francisco José Navarro, Agostinho Lopes; distribuidor, José de Oliveira e Silva; zeladores dos pobres: Manuel Martins Freire e João Moreira Pinto.

Dos primeiros actos da sociedade, depois de restaurada, alguma noticia resta. Determinava o seu estatuto que houvesse em cada anno duas conferencias publicas. Em 1760 resolveu a junta do governo da academia que fosse celebrada uma d'essas reuniões por occasião dos annos de D. José I, o que foi approvado pelo cirurgião-mór do reino Antonio Soares Brandão, a quem a sociedade communicou a sua resolução. Devia, por isso, celebrar-se a conferencia em 6 de junho, mas esse dia fôra destinado pelo governador das armas para uma parada no campo de S. Lazaro e essa circumstancia determinou o adiamento para o dia 9 do mesmo mez.

A sala em que habitualmente se reunia a academia não comportava o numero de convidados que havia a fazer, e pôde conseguir-se para o acto a cedencia do salão do hospicio dos capuchos, que foi mandado adornar de sêdas e brocados.

Na cabeceira da sala ergueu-se um estrado sobre o qual se collocou «uma preciosa cadeira», e em cima o retrato de

D. José I que vinha a ficar por baixo d'um docel de velludo com franjas de ouro.

Junto do estrado estava a mesa, em torno da qual se reuniu a academia, presidida pelo retrato do cirurgião-mór do reino, ficando a um lado os academicos que tinham de recitar diversas orações e para o outro os restantes.

Abriu-se a sessão logo que chegou o governador das armas. Eram sete os oradores, a quem de antemão haviam sido distribuidos os assumptos que deviam constituir objecto dos discursos.

Manuel Gomes de Lima pronunciou uma *oração inaugural para abrir a conferencia, ponderando a felicidade do reino e da academia, no governo de Sua Magestade;* Manuel José de Carvalho discursou sobre os *damnos que á Republica se seguem da falta de theatros anatomicos;* Bento José da Cunha fallou sobre *as utilidades que a milicia recebe da cirurgia;* José Guedes Pinto de Moura dissertou sobre os *casos em que os magistrados ecclesiasticos e seculares consultam a cirurgia;* Alexandre da Cunha assignalou os *prejuizos que se seguem de ser exercitada a arte de concertar os ossos por pessoas ignorantes da cirurgia;* Diogo José de Araujo tratou de investigar *se o cirurgião podia ser perfeito sem o conhecimento das duas partes da medicina, dieta e pharmacia;* finalmente José de Oliveira e Silva occupou-se dos *prejuizos que se podem seguir ao bem commum da pouca instrucção dos cirurgiões.*

Correu perfeitamente a sessão; diz Gomes de Lima que a assistencia ficou « notavelmente satisfeita do serio, erudição e desembaraço com que todos se portaram, sendo de notar que todos os oradores são os mais modernos Academicos da Academia na idade ».

Depois d'isto executaram-se alguns trechos de musica a que assistiram pessoas da maxima distincção [1].

---

[1] São extrahidos estes esclarecimentos da *Noticia* que antecede a *Oração inaugural com que se abriu a conferencia publica que a Real Academia de Cirurgia do Porto fez celebrar aos felicissimos annos de El-Rey nosso Senhor, de M. Gomes de Lima.* Porto, off. do Cap. Manuel Pedroso Coimbra, 1760.

Dos discursos pronunciados por essa occasião restam-nos dois, o de M. Gomes de Lima e o de Pinto de Moura.

Começa o primeiro por se congratular pelo fausto acontecimento que reunia alli a academia, passando immediatamente a fazer o elogio da cirurgia. Esta parte é extremamente curiosa. Logo de principio assevera que Deus, depois de crear o homem, o entregou aos cirurgiões para velarem pela sua conservação, visto como são os substitutos da divindade. Isto é bem de vêr, porque elles «abatendo as cataratas dão instantaneamente vista aos cegos, evacuando o peito com a operação do empyema fazem fallar os mudos, reduzindo as deslocações das pernas e dos pés fazem marchar os aleijados».

Continua fazendo vêr os beneficios que a cirurgia presta no exercito; mas logo põe em relevo os damnos que resultam da pouca instrucção dos cirurgiões. Vem a pêllo os serviços feitos por D. José ás letras e sciencias e novamente começa o elogio do monarcha a quem compara com Luiz XIV. Prudentemente, não deixou ficar Gomes de Lima no esquecimento o seu grande ministro, que é equiparado a Colbert. Termina a oração com fazer vêr especialmente o quanto se devia ao rei pela escolha de Soares Brandão para cirurgião-mór do reino.

A oração de José Pinto Guedes de Moura é um subsidio importante para o estudo da medicina legal no meado do seculo XVIII, e como tal foi analysada em logar opportuno.

Outra conferencia publica se realisou em dia de S. Sebastião (20 de janeiro) de 1761 em obsequio ao marquez de Pombal. D'elle encontramos noticia na *Gazeta Litteraria,* de novembro de 1761.

Abriu a sessão com uma oração inaugural de Manuel Gomes de Lima, director da academia. O secretario Bento José da Cunha discorreu sobre a inoculação das bexigas, decidindo contra o seu uso, apesar do credito que em muitos paizes tinha encontrado. Outros academicos discursaram sobre qual é a verdadeira e segura pratica na cirurgia; se a physica, anatomia e bellas-letras são necessarias a um cirurgião para ser completo na sua arte; e sobre os prejuizos que se seguem da demasiada credulidade que o vulgo tem nos cirurgiões fo-

rasteiros. Occuparam toda a tarde estes discursos, perante grande auditorio que enchia por completo a grande sala do Hospicio dos Capuchinhos dos Celleiros, onde se realisou o acto presidido pelo retrato de Antonio Soares Brandão.

Das orações recitadas, apenas existe a de M. Gomes de Lima que versa sobre a decadencia da cirurgia entre nós e sobre os esforços realisados ultimamente para o seu engrandecimento [1].

A sessão do anno seguinte em igual dia teve começo com uma oração analoga de Manuel Gomes de Lima, na qual fez o elogio do marquez de Pombal. Terminada ella, cantou-se uma serenada coreada, composta por Giacomo Sartori, mestre da Opera do Porto, que foi muito applaudida.

Desde o anno de 1764, a academia começava a publicar um periodico seu, o *Diario Universal,* de que dentro em pouco nos vamos occupar. D'elle vemos que em 6 de junho de 1763 houve outra conferencia publica, em que o secretario leu uma memoria sobre a utilidade das pomadas francezas no tratamento da syphilis, escripta por Francisco José Brandão. Em 18 de outubro de 1764 effectuou-se outra sessão solemne, em que Gomes de Lima discursou sobre os principaes progressos que a cirurgia realisára nos ultimos annos.

Desde então a academia entrou em decadencia, sendo certo que nunca attingiu grande importancia. Se a ella consagramos tão extensa noticia, é porque não deviamos deixar sem referencia condigna esforços notaveis para levantar a cirurgia do abatimento em que se encontrava [2].

---

[1] *Oraçam inaugural com que se abriu a conferencia publica da real academia chirurgica do Porto em dia de S. Sebastião do anno de 1761. Sendo seu presidente Antonio Soares Brandam... Composta e recitada pelo Director da mesma Academia Manuel Gomes de Lima...* Porto, na off. do Cap. Manuel Pedroso Coimbra, 1761.

[2] As noticias que publicamos sobre as sociedades scientificas do Porto são extrahidas das differentes obras de Manuel Gomes de Lima, da *Gazeta Litteraria* de Francisco Bernardo de Lima, da *Bibliotheca cirurgico-anatomica* de Manuel de Sá Mattos, e da *Historia dos estabelecimentos litterarios e scientificos* de José Silvestre Ribeiro.

O jornalismo é obra de medicos. Theophrasto Renaudot, medico francez, natural de Loudun, publicava em 1631 a sua *Gazeta,* acolhido á protecção que lhe dispensou Richelieu. O jornalismo scientifico igualmente a um medico deve a sua creação. Em 1679 surgia o *Jornal das descobertas em medicina,* orgão official da Academia das novas descobertas em medicina, creada por Nicolau Blegny, natural de Clermont.

O primeiro periodico medico portuguez data do fim do seculo XVIII e deve-se a Manuel Gomes de Lima, que igualmente, e como ficou dito, foi o creador das primeiras sociedades medicas que entre nós houve. Levando a cabo a organisação da Academia Medico-Portopolitana em 1749, quiz tambem que esta sociedade tivesse o seu orgão official e creou o *Zodiaco Medico-Delphico,* moldado no *Zodiacus medicus delphicus* de Nicolau Blegny.

As mais diligentes pesquizas não permittiram até hoje encontrar um exemplar d'esta publicação. Teremos portanto de aproveitar as informações que a seu respeito nos dá o seu proprio redactor, Manuel Gomes de Lima. O primeiro e unico numero saíu a lume em janeiro de 1749 e continha uma dedicatoria ao arcebispo de Braga, D. José, patrono da sociedade, o prologo e uma oração inaugural de Gomes de Lima, além de seis observações sobre a medicina e cirurgia. A sua vida curtissima e a pouca importancia dos assumptos n'elle tratados attestam que nada influiu nos destinos da medicina da época [1].

Já não diremos o mesmo da *Gazeta Litteraria,* periodico devido á penna de Francisco Bernardo de Lima, conego secular de S. João Evangelista, nascido no Porto em 1727. É este periodico um vasto repositorio de informações sobre todas as sciencias, e entre ellas não foi esquecida a medicina. Alli saíram as analyses bibliographicas do *Tratado physiologico da cir-*

---

[1] *Zodiaco Lusitano Delphico,* Porto, sem designação de anno. 4.º (Innocencio). Gomes de Lima no *Diario Universal* dá-o com o titulo apresentado no texto.

culação, de Alexandre da Cunha, do *Hyppocrates Lusitano,* de Francisco Daniel Nogueira, da *Cirurgia classica lusitana,* de Antonio Gomes Lourenço, etc., todos escriptos com notavel criterio e sensatez. Continha, além d'isto, a noticia de casos pathologicos variados, extraídos dos jornaes estrangeiros.

Começando a publicar-se semanalmente em julho de 1761, passou no anno seguinte a saír mensalmente, terminando com o numero de junho de 1762 [1].

O jornalismo medico renascia em 1764 com a apparição do *Diario Universal.* Não era Gomes de Lima homem para desanimar; se o *Zodiaco Medico-Delphico* apenas tivera um unico numero, não impedia isso que uma nova gazeta de medicina, em melhores condições, tivesse voga e acceitação. Fiado n'isso, deu á luz o *Diario Universal,* publicando successivamente tres fasciculos mensaes.

Não era, porém, ainda a época azada para taes publicações; a ausencia de protecção do publico e da classe medica em especial, a escassez da collaboração sobretudo, eram obstaculo invencivel a que a nova tentativa fosse coroada de bom exito.

D'ahi resultou que o 4.º e ultimo numero só saiu em 1772, pelas diligencias do seu proprietario e redactor.

Os quatro numeros publicados contêm memorias de differentes associados, tanto nacionaes como estrangeiros, da Academia Medico-Portopolitana. D'entre as d'aquelles merecem menção especial as dissertações de Sacchetti Barbosa, Luiz José Pereira e Francisco José Brandão, além dos trabalhos de Manuel Gomes de Lima, sobre quem pesava o principal trabalho da redacção.

---

[1] *Gazeta literaria ou Noticia exacta dos principaes Escriptos que modernamente se vão publicando na Europa. Conforme a Analysis, que d'elles fazem os melhores Criticos e Diaristas das naçoens mais civilisadas.*

1.º vol. Porto, officina de Francisco Mendes Lima, 1761, contendo vinte e seis numeros.

2.º vol. Lisboa, officina de Miguel Rodrigues, 1762, contendo seis numeros.

Assim é que se encontram no *Diario* as analyses bibliographicas de grande numero de publicações francezas da época, relatorios sobre os progressos da cirurgia entre nós e o começo d'uma Flora Medico-Portugueza, infelizmente incompletissima, e quasi em nada contribuindo para a obra a muitos respeitos notavel que José Gomes da Silva havia de levar tão brilhantemente a cabo [1].

Como se vê, o jornalismo scientifico não se desenvolveu no seculo XVIII e as notas que deixamos escriptas apenas traduzem esforços impotentes para a sua creação, e pouco mais.

---

[1] *Diario Universal de medicina, cirurgia, pharmacia, etc. Contém os Discursos e observações trabalhados pelos Academicos das duas Academias medica e cirurgica do Porto; o extracto dos livros e descobrimentos que se vão publicando na Europa sobre a arte de curar: e hum catalogo das plantas do Reino de Portugal para se valerem dellas não sómente os professores, mas todas as mais pessoas em geral, e especialmente os que vivem no campo.* Os tres primeiros numeros. Lisboa, na officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, 1764; e o 4.º na Regia Officina Typographica, 1772.

CAPITULO VIII

Epidemiologia [1]

Anno safaro foi o de 1503. Schæfer assignala n'esse anno uma peste, derivada da penuria que angustiára o paiz no anno antecedente. Damião de Goes esclarece a questão, dizendo que, em 1503, as chuvas e tempestades acarretaram a perda das sementeiras, ao que se seguiu a fome, com todos os seus horrores e muitas doenças mortaes.

Dois annos depois, em 1505, aportando em outubro a Lisboa o arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, ateou-se uma epidemia mortifera, procedente d'uma nau da armada que o trazia. Por esse motivo se viu o rei forçado a retirar-se para Almeirim e depois para Abrantes. A epidemia generalisou-se por todo o paiz e estendeu-se pelos dois annos seguintes. Além dos testemunhos citados por Vieira de Meirelles, referem-se a esta epidemia tres importantes documentos. São elles tres cartas regias, uma de 11 de março e duas de 20 de março de 1506, dirigidas ao senado de Lisboa. Na primeira, o rei aconselhava, á similhança do que em Genova se fizera, que a cidade se despejasse por algum tempo, espalhando-se os seus habitantes pela maior área possivel, e voltando tarde [2]. Na segunda insiste o rei na mesma ordem de providencias, que en-

---

[1] Veja-se a nota da pag. 62 do 1.º volume.

[2] Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I, pag. 404.

contrava resistencia da parte da camara [1]. A ultima dá noticia da grande mortandade que a epidemia causou em Lisboa. Os adros das egrejas já não tinham terreno em que se enterrassem cadaveres, e por isso D. Manuel aconselhava que se fizessem cemiterios fóra de Lisboa, em Santa Maria do Paraiso e Santa Maria do Monte, ou em logares que mais convenientes parecessem [2].

Sobre a natureza d'esta epidemia, é justificada a opinião de Vieira de Meirelles de que era o tabardilho, a que o povo chamava lenticulas e sardas, e que de ha muito era conhecido em Chypre e nas ilhas visinhas, e na Italia se desenvolvera em 1505.

Em 1510 houve novos rebates d'uma epidemia de que se não encontra noticia nos chronistas, mas a que se referem dois documentos publicados pelo snr. Freire de Oliveira, as cartas regias de 17 de julho e de 4 de setembro. Na primeira, preoccupava-se o rei com o estabelecimento de uma casa de saude para o tratamento dos doentes, e com a creação de cemiterios afastados da cidade. Na segunda, colhe-se que a epidemia crescera no outomno, e manifestam-se receios de que a approximação do inverno ainda mais a fizesse desenvolver, o que não succedeu [3].

Nenhuma conjectura fundamentada é permittido fazer sobre a natureza da epidemia que se manifestára.

Affirma fr. Luiz de Sousa que em 1514 ardia a peste em Lisboa. Suppõe Vieira de Meirelles que fosse «uma das muitas e mui desoladoras epidemias que, no primeiro quartel do seculo XVI, assolaram a capital e outras povoações, e que só tinham de commum com aquella molestia os grandes estragos que produziam».

---

[1] Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, I, pag. 405.

[2] Id., I, pag. 466. Parece-nos que houve confusão na data d'estes dois documentos, que é a mesma. Um d'elles é expedido de Abrantes, outro de Setubal.

[3] Id., I, pag. 468 e 469.

Encontrou o illustre epidemiologista no Livro das Vereações de Coimbra um accordão de 1518, estabelecendo guardas e bandeiras da saude na ponte e Arnado e adoptando outras providencias para evitar a communicação da *peste* que então andava em Lisboa. Segundo Damião de Goes e Jeronymo Osorio, a epidemia rompeu com tal violencia que o rei fugiu para Cintra com toda a côrte. Foi com certeza o resultado da esterilidade que affligiu o reino.

De 1520 a 1523, ha noticia de nova epidemia em Lisboa, se não se trata de doenças differentes, como é licito acreditar. Os primeiros documentos que a ella se referem são as cartas regias de 9 de abril, 19 de maio, 20 e 23 de junho de 1520 e demonstram que ella havia adquirido um certo incremento [1]. Nos principios de julho, declinava o contagio e tanto que o povo, suppondo-o de todo extincto, desejava fazer procissões em acção de graças, o que o rei prudentemente procurava evitar [2]. Uma das providencias adoptadas foi a creação de uma casa de saude, com cento e sessenta leitos, situada junto á ponte de Alcantara, que o rei ordenava se fizesse á custa dos rendimentos da camara, e mais tarde resolveu auxiliar na sua construcção a pedido da rainha. É provavel que a epidemia, comquanto em declinação, ainda grassasse em Lisboa, no fim de outubro [3]. A doença estendia-se ao Porto, no anno seguinte, dando-se alguns casos na cidade, o que levou os seus habitantes a abandonal-a, voltando apenas cinco mezes depois [4]. Fr. Luiz de Sousa dá noticia das causas e symptomas da epidemia. O anno de 1521 fôra singularmente escasso, e de fóra nenhum mantimento podia vir: de Hespanha porque alli havia a mesma escassez, de França porque ardia em guerra com o

---

[1] Oliveira, op. cit., I, pag. 469.

[2] Carta regia de 4 de julho de 1520, em Oliveira, op. cit., I, pag. 469.

[3] Cartas regias de 23 de julho e de 3 de outubro de 1520, em Oliveira, op. cit., I, pag. 452.

[4] Livro antigo de provisões do Archivo da Camara Municipal do Porto, carta regia de 27 de janeiro de 1522.

imperador. De outubro a fevereiro de 1522 morria-se de fome em Lisboa. Em Africa, succedia o mesmo. Com a fome vieram doenças mortaes. Começavam por febre ardente com inclinação ao somno; seguia-se modorra e sobrevinha o delirio, e com elle a morte. Desde esse mez até abril do anno seguinte, não logramos obter informações da marcha da epidemia. Em abril de 1523, D. João III aconselhava que se fizessem dois cemiterios fóra de Lisboa para se não corromper mais a cidade, e tal incremento se dera na doença, que se prohibiu a procissão do Corpo de Deus [1]. Declinou então a epidemia, mas accendia-se de novo em 1524, com as grandes humidades que houve n'esse anno [2] e mais se aggravava no anno seguinte em que a cidade ficou quasi deserta, porque os que podiam fugir fugiam [3]. Em Coimbra tambem n'esse anno se davam alguns casos da mesma doença. A epidemia diminuiu em 1526. O regimento de 27 de setembro d'este anno, a que nos referimos precedentemente, assim o affirma claramente.

Sobre a natureza d'esta epidemia, o testemunho que acima deixamos de fr. Luiz de Sousa dá sufficientes esclarecimentos. Era uma consequencia da fome que assolára o reino.

Amato Lusitano dá conta d'uma epidemia devastadora que assolou Lisboa e os campos de Santarem nos annos de 1527, 1528 e 1529. Esta epidemia, segundo todas as probabilidades, era o tabardilho, que na Italia fazia consideraveis estragos. Apesar do testemunho do illustre medico, parece-nos, de harmonia com o que affirma o snr. Freire de Oliveira, que a epidemia não se estendeu muito. Para a localisar, e para se não transmittir á margem esquerda do Tejo, D. João III prohibiu expressamente as communicações, restringindo depois essa

---

[1] Cartas regias de 11 de abril e de 2 de junho de 1523, em Oliveira, op. cit., I, pag. 470.

[2] Henrique Jorge Henriques, *Perfecto medico*, pag. 188.

[3] Cartas regias de 15 de julho, 9 e 13 de agosto, e 18 de outubro de 1524, e de 23 de julho e 25 de junho de 1525, em Oliveira, op. cit., I, pag. 470.

prohibição a tres povoações, Lavradio, Alhos Vedros e Barreiro[1].

Em 1531 assignalam fr. Fernando da Soledade e fr. Agostinho de Santa Maria uma *peste* que affligiu Castello de Vide. Persuade-se Vieira de Meirelles que se tratasse d'uma simples endemia. Deve todavia notar-se que a doença, qualquer que ella fosse, não se limitou áquella villa. Devastou Lisboa, de julho a dezembro, obrigando D. João III a refugiar-se em Evora. Para se conservar tranquillo, o rei condemnava a morte natural todo aquelle que fizesse o mesmo que elle tinha feito [2].

Em 1537, uma provisão de 7 de dezembro dá noticia d'uma epidemia mortifera que se desenvolvera em Mortagua e no concelho de Carvalho. Para dar remedio ao mal e sobretudo para adoptar providencias que impedissem a sua disseminação, foi mandado á região infectada o licenciado Francisco Feliciano. A doença localisou-se. Tratava-se provavelmente d'uma endemia local.

Em 1546, aportava ao Porto um navio vindo de Minaford na costa de Inglaterra. Vinha infectado de *peste*. Adoeceu dentro d'elle um individuo que a camara isolou na parte menos frequentada do rio. Graças a esta providencia e á beneficiação da carga, a cidade nada soffreu [3]. Motivo havia effectivamente para receios, porque de 1543 a 1548 a peste assolára Londres e outras cidades inglezas (Webster).

Assignala fr. Francisco de Santiago uma peste que em 1564 assolou a villa de Espozende. Qualquer que fosse a intensidade da doença, era certamente uma endemia circumscripta.

Em 1569, principios de janeiro, a peste invadia Lisboa.

---

[1] Carta de 20 de abril de 1527, em Freire de Oliveira, op. cit., I, pag. 471.

[2] Carta regia, de 3 de julho e de 28 de dezembro de 1531, em Freire de Oliveira, I, pag. 472.

[3] Carta regia de 29 de outubro de 1546. Liv. 2.º de Provisões do Archivo da Camara Municipal do Porto, fol. 78.

Em seguida ás chuvas torrenciaes, começaram a desenvolver-se «erisipelas e carbunculos com febres de má calidade que dando em hũa casa se pegavão e corrião por todos; logo se forão descobrindo forças de mayor veneno, em pintas e inchaços, com mortes arrebatadas». Com a primavera não diminuiu o contagio; em junho morriam cincoenta a sessenta pessoas por dia.

Manifestaram-se duvidas entre os medicos sobre a natureza da doença. Os novos não lhe ligavam importancia, attribuindo-a ás intemperies, que se haviam manifestado. Os velhos diziam que era a peste. Prevalecendo a opinião d'estes ultimos, o rei e sua avó a rainha D. Catharina saíram de Lisboa, buscando logares não contaminados.

As noticias que chegaram ao nosso conhecimento do estado de Lisboa n'esta época deixam funda impressão [1]. Como se não bastasse o terror que a epidemia causava, correu voz de que em 13 de julho a cidade se subverteria. Fugiam todos de Lisboa; e, sem agua nem alimentos, morriam de fome e de sêde pelos caminhos. Acudiu D. Sebastião com providencias. A mais acertada foi mandar vir, com grande estipendio, de Sevilha dois medicos illustres Thomaz Alvares e Garcia de Salzedo Coronel, para com os medicos da cidade accordarem nos meios de acudir á epidemia.

Conhecem os leitores o juizo que elles formaram da doença e a série de providencias que adoptaram [2]. Não as repetiremos portanto. Importa saber que ao tempo que os medicos conferenciavam sobre os meios mais efficazes para oppôr á disseminação do mal, a mortandade era tão grande que começava a escassear terra para sepulturas. O campo da Forca estava atulhado de cadaveres, serviam de cemiterio as ruas e as casas, e a mortalidade elevava-se á enorme cifra de seiscentos individuos por dia.

Entretanto, áparte as cerimonias religiosas que as crenças

---

[1] Vide Assento de vereação de 10 de abril de 1572, em Freire de Oliveira, op. cit., I, pag. 473.

[2] Veja-se vol. I, pag. 325.

e o terror inspiravam, D. Martinho Pereira, vedor da fazenda, punha em pratica as resoluções dos medicos, e começava a edificar um hospital de madeira, com cento e tres officinas, cada uma com logar para cinco ou seis feridos, assombrado com largas velas, estendidas em derredor para quebrarem os ardores do sol. Outros ministros separavam os sãos dos doentes, e tratavam de desinfectar e queimar os fatos dos infectados. Com estas e outras providencias, a doença começou a declinar em Lisboa.

Estendera-se, porém, por quasi todo o paiz. Cintra, Torres Vedras e Santarem muito soffreram com a peste. Em 20 de julho já Coimbra regulava a quarentena que havia de impôr-se aos que viessem de logares impedidos, mas não logrou evitar a contaminação que tambem se estendeu a Salvaterra e a Evora, onde mal appareceu se extinguiu. Em fins de 1569 e principios de 1570, alcançava a doença Vianna do Castello e logo em seguida Braga. Admiravel é o zelo com que n'esta cidade presidiu a todas as providencias fr. Bartholomeu dos Martyres. Em março de 1570, haviam morrido n'esta cidade vinte meninos, onze mulheres e tres homens. Na casa de saude, havia quatorze doentes e vinte e oito convalescentes. A doença não causou ahi grandes estragos.

Em 20 de abril saía em Lisboa uma procissão da Senhora da Saude, considerando-se de todo extincta a doença, que só em Lisboa ceifou mais de sessenta mil pessoas.

Sobre a origem da epidemia, é provavel a opinião de fr. Luiz de Sousa, que a considera importada de Veneza, por intermedio de mercadorias, e assim o julgamos, porque a peste grassava então por toda a Italia, á excepção de Turim.

Em 1571, novos rebates d'uma epidemia se davam em Peniche. Para ahi partiu o provedor-mór da saude de Lisboa, o licenciado Antonio Dias, com ordem de percorrer outras villas proximas. A doença extinguiu-se, sem deixar mais vestigios da sua passagem [1].

---

[1] Carta regia de 7 de janeiro de 1571, em Freire de Oliveira, op. cit., I, pag. 453.

Em 1574 dá Vieira de Meirelles como grassando em Coimbra uma epidemia que da Galliza proviera. Conjectura o notavel professor que fosse uma consequencia da fome que se manifestára em todo o reino, o que é tanto mais para acreditar quanto Henrique Jorge Henriques, referindo-se ao anno de 1573 e aos dois seguintes, affirma que era horrivel a miseria e a fome, d'onde derivavam febres malignas, rapidamente mortaes [1].

Igualmente á penuria reinante deve attribuir-se uma epidemia que grassou em Guimarães de abril a agosto de 1575 e matou duas mil pessoas na cidade e cinco mil nos arrabaldes.

No anno seguinte, em 1576, ha noticia de doença analoga em Barcellos e Torres Vedras; e em 1577 em Arrifana de Sousa (Penafiel) e em Mattosinhos [2].

No estio de 1579 outra vez a peste bubonica devastava Lisboa. Desde o principio da epidemia, o dr. Diogo Salema, guarda-mór da saude, adoptou as medidas aconselhadas pela hygiene do tempo em taes casos; mas apesar d'isso, em agosto, andava já tão ateado o contagio, que todos se sentiam dominados de terror. Lisboa estava ameaçada de ficar deserta; mais de vinte mil pessoas a abandonaram. O cardeal D. Henrique, então rei, desejou logo retirar-se de Lisboa. Cedeu a principio ás instancias que lhe foram feitas para o não levar a effeito, receiando-se que a sua partida aterrasse a população, mas, aggravando-se a doença, refugiou-se em S. Bento de Enxobregas e depois em Villa Franca e Salvaterra, passando afinal para Almeirim.

Por esta occasião se promulgou o regimento de 29 de janeiro de 1580 cujas principaes disposições já apresentamos. N'uma carta de 27 de março de 1580 os governadores do reino recommendavam ao guarda-mór da saude toda a diligencia e brevidade em evacuar a cidade [3].

---

[1] *De regimine cibi*, pag. 35.

[2] Carta regia de 8 de agosto de 1577, no Liv. 3.º de Provisões do Archivo da Camara Municipal do Porto, fol. 12.

[3] Oliveira, op. cit., I, pag. 486.

Já então a doença se propagára muito. Campo de Ourique, Torres Vedras, Abrantes e Santarem pagaram-lhe pesado tributo; Beja, Arraiolos, Montemór, Extremoz, Villa Nova de Portimão e Alvor foram contagiados em seguida. Por todo o Algarve e Alemtejo, a doença fez grandes estragos. Em Evora morreram mais de vinte e cinco mil pessoas. A doença apontou no verão de 1580 em Coimbra e Aveiro, acommettendo o Porto em 1581.

Em 18 de agosto d'este anno mandava o rei suspender a execução das rendas da cidade do Porto, pelo que devia do encabeçamento das sizas, em attenção a grassar a peste na cidade [1]. A doença ainda em abril de 1582 fazia no Porto numerosas victimas, e tantas que o rei acudia com um donativo de 500 libras para soccorrer os empestados [2].

A epidemia cessou em Lisboa, por maio de 1580. Pelo menos, em 5 de janeiro de 1581, ainda D. Philippe se arreceava de convocar côrtes em Lisboa, e conservava-se ausente da cidade com temor á doença [3]. Em 8 de maio, melhorando o estado sanitario, mandava preparar aposentos na cidade, e em 14 de maio, vindo já a caminho para ella, recommendava todo o cuidado com a limpeza das casas que por motivo da peste haviam estado fechadas.

A epidemia deixára alli um rasto de quarenta mil cadaveres, mas continuou ainda por muito tempo no paiz a sua obra de destruição. Affirma Vieira de Meirelles que era a peste, importada da Italia. Acceitamos esta opinião sob reserva, attento que se não conhece descripção explicita da symptomatologia que a doença apresentava.

Em 1586 ardia o Porto «em pestiferos incendios de hum pavoroso contagio». A camara de Coimbra tomava, a 24 de maio, providencias para evitar a communicação da doença que

---

[1] Livro 3.º de Provisões do Archivo da Camara Municipal do Porto, fol. 296.

[2] Id., fol. 172.

[3] Carta regia de 5 de janeiro de 1581, no Livro 4.º de Provisões do Archivo da Camara Municipal do Porto, fol. 42.

andava em Villa Nova de Gaya e Esgueira, sendo uma d'ellas a prohibição de entrada do bacalhau, e do peixe fresco que não fosse passado e lavado no rio antes de exposto á venda. Nada nos persuade de que se tratasse de peste, antes é de crêr que a doença fosse um dos muitos andaços, vulgares em antigos tempos.

Epidemia da mesma natureza devia ser a que em 1590 a 1591 surgiu em Lisboa, se não era antes uma consequencia da fome. Aconselhava o rei á camara de Lisboa, refugiada em Alcochete, que se juntassem os pobres e as creanças abandonadas n'uma rua ou bairro, d'onde lhes não fosse consentido saír. Lembrava igualmente como conveniente mandal-os para o Brazil, povoar a terra que fica entre Parahyba e o Rio Grande, desembarcando-os em logar apartado, e não lhes consentindo que communicassem com os habitantes d'aquella região, emquanto estivessem impedidos [1].

A epidemia, qualquer que ella fosse, demorou-se em Lisboa por perto de dois annos. Em novembro de 1591 renovavam-se ainda impostos que haviam sido lançados para acudir aos doentes do hospital [2].

De 1595 data outra epidemia que se manifestou em Guimarães, e durou tres mezes, não se espalhando, graças ás medidas que foram immediatamente adoptadas.

Em 1598, desenvolvia-se novamente a peste bubonica em Lisboa. Não haviam decorrido dezenove annos desde a sua ultima investida quando em outubro se manifestaram os primeiros casos. Desde logo se tomaram as providencias reclamadas e que a experiencia das outras epidemias aconselhára. A camara foi auctorisada a levantar um emprestimo, por conta das rendas da cidade, para despezas sanitarias [3]. Estabeleceu-se em Alcantara, sitio alto e lavado de ventos, uma enferma-

[1] Cartas regias de 12 de janeiro e de 8 de fevereiro de 1590. Freire de Oliveira, op. cit., II, pag. 122.

[2] Carta regia de 9 de novembro de 1591. Id., II, pag. 68.

[3] Portaria dos governadores do reino de 20 de outubro de 1598, em Freire de Oliveira, op. cit., II, pag. 118.

ria para os empestados, com aposentos separados para convalescentes. A doença em breve se estendeu a Sacavem, Torres Vedras, Cascaes, Leiria e Thomar, chegando a Coimbra em janeiro de 1599. Desenvolveu-se n'esta cidade com intensidade, apesar das providencias inspiradas pelo bispo D. Affonso de Castello Branco, escolhendo-se logar para *degredo* e casa de saude em Santo Antonio dos Olivaes. O aperto em que a cidade se achava mettia horror. Haviam-se ausentado os estudantes, a tumba dos pobres a cada momento cruzava as ruas tortuosas, onde se apinhava uma multidão faminta que pedia pão. Felizmente que alli não durou muito tempo a doença, achando-se de todo extincta em julho.

Entretanto, o flagello estendia-se a Aveiro, a Villa Nova de Gaya, ao Porto, onde não foi grande o numero de victimas, certamente porque cedo se tomaram as providencias então aconselhadas para evitar que a doença se ateasse, nomeando-se desde setembro guarda de saude [1]. Propagava-se a Guimarães, a Mirandella e Villa Real, accendia-se em Setubal, Evora e Elvas, e causava no Algarve numerosas victimas.

Em principios de setembro de 1599 a peste começava a declinar em Lisboa, e tanto que se fechou a casa de saude, tendo-se feito antes uma procissão a Nossa Senhora da Penha de França. Desde 25 de outubro de 1598 até 8 de setembro, tinham entrado na casa de saude vinte mil duzentos e vinte e sete doentes, dos quaes se curaram treze mil oitocentos e sessenta e um, fallecendo os restantes. Era cedo, porém, para tanto regosijo. Logo no mez seguinte a doença recomeçava e caminhando lenta, mas constantemente, arrastou-se até 1602, dando entrada na casa de saude, n'esta segunda investida, até fevereiro dois mil trezentos e vinte e seis doentes, dos quaes morreram mil trezentos e sessenta e um [2]. Em abril de 1603

---

[1] Carta regia de 26 de setembro, no Livro 3.º de Provisões do Archivo da Camara Municipal do Porto, fol. 316.

[2] Referem-se a esta epidemia a carta regia de 25 de janeiro de 1599; a portaria de 19 de maio de 1600, o assento de vereação de 7 de maio de 1602. Freire de Oliveira, op. cit., II, pag. 138 e 139.

considerava-se a doença de todo extincta em Lisboa, mas a 1 de julho começava de novo para em breve se extinguir [1].

Esta peste, a que o povo chamava *pequena* para a distinguir da de 1569, deu logar a um valioso livro de Ambrosio Nunes, que em logar proprio analysamos [2]. Quanto á sua origem, tem-se como certo que procedeu de Flandres, onde o nosso Rodrigo de Castro a observou em 1598, por intermedio de navios que vieram aportar a Santander. D'ahi se estendeu a toda a Hespanha e a Marrocos, onde fez mais de quatro mil victimas. Natural era que a Portugal se propagasse pelo mesmo modo.

Em Font'Arcada desenvolveu-se uma epidemia de garrotilho, anterior á que em Olivença grassou em 1626.

Em 1631, a fome que reinava em Lisboa trouxe como consequencia manifestar-se em Lisboa uma epidemia de febres typhoides. O Hospital de Todos os Santos não podia comportar mais doentes. Pouco tempo depois, a doença extinguiu-se sem deixar da sua passagem mais vestigios do que a lembrança das providencias que se intentava adoptar e consistiam em recolher os doentes n'uma casa especial [3].

A peste invadiu o Algarve em 1645. D'um navio que da Africa entrou em Tavira n'este anno ou no fim do anterior se originou o contagio que rapidamente se estendeu, devorando por completo a cidade, onde fez cinco mil victimas. Mandou lá D. João IV medicos estrangeiros, medicamentos e tudo o mais necessario para remedio dos empestados. Apesar d'isso, affirma-se que n'estes logares pereceram quarenta mil pessoas, numero inacreditavel, attenta a pequena densidade da população do Algarve por esta época. Ao cabo de treze mezes deu-se a cidade como livre, no fim de 1646 [4].

---

[1] Assentos de vereação de 4 de abril e 1 de julho de 1603. Id., pag. 139.

[2] Refere-se igualmente a ella Jeronymo Nunes Ramires, *Commentaria in librum Galeni de ratione curandi*, pag. 143 v.

[3] Freire de Oliveira, op. cit., III, pag. 436 e 437.

[4] Em Lisboa já havia receio da peste em agosto de 1645; em 1646

A 7 de abril de 1649 espalhou-se em Faro que existia peste na cidade. Provinha o boato da morte de dois mulatos com symptomas significativos da molestia. Generalisou-se a doença que se manifestava por febre intensa e pintas por todo o corpo, sobrevindo rapidamente a morte.

Em maio, chegou á cidade um caminheiro vindo de Lagos, onde, como em Silves e Loulé, já rastreava o flagello; morreram na casa em que se hospedára tres pessoas, e, sobrevindo outras mortes, generalisou-se o terror na cidade. Só então a camara de Faro tomou providencias para acautelar o desenvolvimento da epidemia, sendo uma d'ellas a constituição da casa de saude, onde dentro em pouco se recebiam por dia noventa e seis doentes.

Variada era a symptomatologia que os enfermos apresentavam. « A huns salteava febre, que depois sahia em ingoas, a outros nascião huns vergões vermelhos nas coxas. A muytos se lhes fazia nos peytos, ou nas costas hum tumor duro como huma taboa. A outros nasciam humas negritas, e ás vezes huma do tamanho da cabeça de hum alfinete matava dentro de vinte e quatro horas. A alguns davam humas picadas interiores, e ordinariamente nam passavam do segundo dia. Era a febre de outros com sangue pela boca e narizes. Avia carbunculos abrazados. O sinal mais evidente da morte eram humas pintas roxas, negras ou vermelhas ». Mas o que sobretudo caracterisava a doença era a brevidade com que vinha a morte, e o intenso delirio que a acompanhava.

Sete mezes havia que a doença invadira o Algarve, quando em fins de setembro começou a acalmar, erguendo a cidade bandeira de saude. Estalando porém uma tempestade medonha na noite de 1 para 2 de outubro, e voltando a suas casas os que para o campo se haviam retirado, renovou-se a epidemia que ainda durou até maio de 1650. A cidade entregou-

---

mandou ao Algarve um medico e um cirurgião para estudarem a epidemia. Consultas da camara de Lisboa de 17 e 19 de agosto de 1645, e de 16 de outubro de 1646. Freire de Oliveira, op. cit., IV, pag. 604 e 609, e V, pag. 51.

se a festas prematuras, porque em junho novos casos se deram em uma armação de atuns, chamada quarteira, a pouca distancia de Faro. Ahi durou por muito mais d'um anno, sendo trazida por uma setia vinda de Castella [1].

Não resta duvida que fosse de peste esta epidemia. Reinava ella em Argel e salteára a Hespanha desde junho de 1647. D'ahi proveio com certeza a que devastou o Algarve.

Em 1658, durante o cerco que os hespanhoes fizeram á praça de Elvas, desenvolveu-se entre sitiados e sitiantes uma perniciosa epidemia que deveria ser de typho dos exercitos, attenta a origem que se presume ter tido.

Affirma Vieira de Meirelles que a peste volveu a apparecer em Lisboa em 1680. Baseia-se para isso no *Alvará de confirmação ao regimento da Saude que fez o senado da Camara.* Já porém dissemos que a data d'este documento está errada, motivo pelo qual fica sem base a asserção do illustre professor.

Em 1723 manifestava-se em Lisboa a primeira epidemia de febre amarella que entre nós se desenvolveu. Começou durante o outomno, que foi extraordinariamente quente e secco. Simão Felix da Cunha descreve assim a symptomatologia da doença: «Acometião com febre continua, dores de cabeça e laxidoens de corpo, huns tendo horripilações, outros sem ellas, huns com vomitos, outros ou quasi todos com nauseas, sem vomitarem nada, alguns tendo anxiedades e outros a região superior do ventriculo dolorosa de sorte, que não consentião lha tocassem, e eram doenças tão agudas que se lhes não acodião, os mais d'elles vomitavão negro, com dejecções da mesma sorte, e morrião no terceiro, quarto ou quinto dia; outros se lhes

---

[1] Desde 1649 se nomeou em Lisboa guarda-mór de saude por causa da peste que reinava em Lagos, Silves e Faro. (Decreto de 11 de junho de 1649, em Freire de Oliveira, v, pag. 160). A providencia principal que elle adoptou foi fiscalisar a entrada dos navios por meio d'um barco que andava na barra. (Carta de Pedro Vieira da Silva ao presidente do senado, de 22 de junho de 1649, e resposta a ella, de 26 do mesmo mez e anno. Id., pag. 162 e seguintes). Considerava-se a doença de todo extincta e de ha muito em 24 de janeiro de 1651. (Consulta da camara d'esta data. Id., pag. 266).

dissolvia o sangue, que morrião inanidos por sizuras das sangrias, de bichas e de sarjas, e alguns por fontes antigas, morrendo hum grande numero».

Desconhecida a doença, foi denominada por differentes fórmas. Uns chamavam-lhe colera, outros vomito preto; para o povo era o mal da moda.

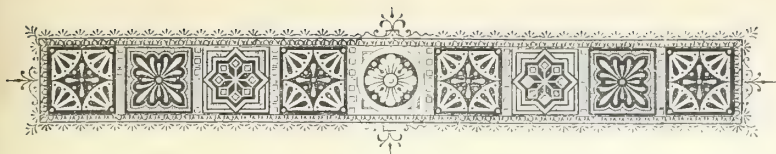
Passados os primeiros dias de outubro, amiudaram-se as mortes. Providenciou então o governo e mandou a differentes medicos oito quesitos, ordenando-lhes que respondessem em curto praso. Certamente porque os pareceres se não accordaram, e como antes se desenvolvesse a peste em Marselha, foi consultado o celebre dr. Bertrand, sobre se a epidemia de Lisboa era analoga á d'aquella cidade. Foi negativa a resposta, porque lá faltavam os vomitos negros que caracterisavam a doença em Lisboa.

Por mais de tres mezes padeceu a capital do reino, durante os quaes é de notar a grandeza de animo de D. João V permanecendo na cidade e assistindo a todos os enfermos com facultativos e medicamentos, e toda a casta de soccorros. Diz-se que morreram n'esta epidemia mais de seis mil pessoas, sendo principalmente dizimadas as ruas e bairros menos asseiados.

Foi esta epidemia de febre amarella, provavelmente importada do Brazil. Não pensa assim Simão Felix da Cunha, que attribue a doença ao grande calor que reinava por esta época em Lisboa.

QUARTO PERIODO

DA REFORMA DA UNIVERSIDADE Á CREAÇÃO DAS ESCÓLAS MEDICO-CIRURGICAS

(1772 — 1825)

CAPITULO I

A reforma pombalina e os estudos medicos: Verney, Ribeiro Sanches e Pombal. —Doutrinas correntes na medicina da época: sua influencia no ensino universitario.

A reforma executada em 1772 pelo marquez de Pombal marca talvez a pagina mais brilhante da nossa historia litteraria. A decadencia a que tinha chegado o ensino universitario, onde ainda eram lei os estatutos modificados no reinado de D. João IV, tornava indispensavel que se olhasse seriamente para a instrucção medica, e de longe começaram a sentir-se os primeiros indicios de reformação.

Appareceu em 1746 o *Verdadeiro methodo de estudar,* do sabio Verney, que por uma parte condemnava os methodos de ensino dos jesuitas como incapazes de resultados beneficos, e por outro lado mostrava quaes os novos adiantamentos realisados nas sciencias, propondo os meios de se levarem a effeito entre nós. Travou-se então uma renhida pugna nos arraiaes da nossa litteratura, e d'ella resultaram os maiores beneficios para a instrucção, chegando alguem a affirmar que sem ella talvez os estatutos da Universidade e a sua reforma não tivessem grangeado os elogios que ainda hoje lhes são dispensados [1].

---

[1] Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, *Memoria historica e commemorativa da faculdade de medicina.* Coimbra, 1875.

Repetidas e severas accusações faz Verney ao estado da instrucção medica entre nós, o qual seria devido, na sua opinião, á persistencia da philosophia aristotelica nas escólas, á ignorancia das sciencias accessorias e ainda á extrema decadencia a que tinham chegado os estudos anatomicos, acontecendo que na Universidade, onde havia, como se sabe, uma cadeira de anatomia, apenas se faziam annualmente duas dissecções em carneiros cujas partes eram demonstradas na aula [1].

No exercicio da medicina, a ignorancia manifestava-se ainda e do modo mais completo. Um dos medicos mais distinctos phantasiava communicações imaginarias entre pontos extremos do corpo humano. Os cirurgiões eram na maior parte meros sangradores, desconheciam a anatomia e raras vezes praticavam operações importantes.

Se taes censuras nos parecem exageradas, era todavia verdadeiro que raros medicos de verdadeiro merecimento havia entre nós, recahindo sobretudo as culpas d'este facto sobre a Universidade cujo plano de ensino e cujos methodos eram ainda os aconselhados pelos estatutos antigos.

A falta de methodo e de ordem no ensino parece-nos uma das accusações mais graves e mais justas que se fizeram a esses velhos estatutos. Os professores tinham de ensinar differentes disciplinas na mesma cadeira e acontecia que os estudantes não começavam o seu curso pelos mesmos tratados, mas por aquelles que o professor explicava no anno em que entravam. «Por este modo, diz um testemunho contemporaneo, cortava-se o fio das materias, destruia-se a uniformidade do ensino, estabelecia-se uma confusão de estudos tumultuaria e perplexa: e privavam-se os estudantes da utilidade de poderem conferir entre si pela diversidade das materias que aprendiam» [2].

Para remediar este estado de coisas propõe Verney uma

---

[1] *Verdadeiro methodo de estudar para ser util á Republica e á Egreja.* Valença, officina de Antonio Balle, 1747.

[2] *Compendio Historico,* parte II, cap. III, §. 72, pag. 329.

reforma dos estudos medicos que vamos expôr, e em que ha como factores principaes o maior desenvolvimento dado ao estudo das sciencias que prestam á medicina subsidios importantes, e a applicação demorada aos estudos anatomicos.

Para se entrar na Universidade a estudar medicina seria necessario conhecer bem a philosophia, a physica, a mechanica e a historia natural, cuja importancia para o medico releva tanto que a medicina não passa d'uma consequencia da physica.

Entrado que fosse, estudaria no primeiro anno a anatomia, praticando dissecções repetidas nos cadaveres, de modo que o seu conhecimento fosse serio e profundo.

No segundo anno teria o estudo das Instituições medicas, designação generica que abrangia cinco materias differentes: 1.ª a utilidade das partes (physiologia); 2.ª a pathologia; 3.ª a semeiotica; 4.ª a hygiene; 5.ª a therapeutica. No terceiro anno, que seria o ultimo do curso, entregar-se-ia á pratica da medicina, para o que frequentaria os hospitaes sob a direcção do seu professor.

Terminado que fosse este estudo, o alumno faria os actos, ficando desde então legalmente habilitado a exercer a clinica.

Isto pelo que respeita ao estudo da medicina; mas para o exercicio da cirurgia os estudos differiam sensivelmente.

Depois de saber latim e soffrivelmente philosophia, o individuo que desejava praticar a cirurgia entraria n'um hospital onde aprenderia a anatomia e physiologia, estudando depois as Instituições da cirurgia e applicando-se sobretudo á pratica que, se fosse sufficientemente demorada, cinco ou seis annos, podia dar esplendidos resultados.

Tal o programma da reforma que Verney apresentava. Se mirava a fazer desapparecer os principaes vicios introduzidos na instrucção e a dar maior desenvolvimento a estudos então quasi completamente descurados, é certo que defeitos importantes e do maximo alcance se encontravam n'ella. Em primeiro logar sobresaía a distincção entre medicos e cirurgiões, completamente inadmissivel nos nossos tempos, e contra a qual

havia já quem se revoltasse [1]; mas, além d'isso, a pequena duração do curso medico comparada com o tirocinio exigido aos cirurgiões, no que diz respeito á pratica, que para estes seria de cinco ou seis annos e para os medicos apenas de um; a viciosa disposição das disciplinas, collocadas de modo que não se podiam aproveitar os conhecimentos de umas em proveito do estudo das outras — são defeitos que facilmente se percebem e sobre os quaes julgamos desnecessario insistir.

Ao governo central sobravam desejos de acertar n'uma reforma talvez já projectada nos ultimos annos do reinado de D. João V. D'entre os medicos portuguezes que pelos seus conhecimentos haviam grangeado a admiração e o respeito de todos, sobresaía Ribeiro Sanches, o famoso discipulo de Boerhaave; foi a esse que o governo encarregou de apresentar as bases em que a reforma havia de ser executada, e Sanches não se eximiu ao trabalho que lhe era imposto, dando á luz em 1763 o seu *Methodo de aprender e estudar a medicina,* cujos principaes resultados vamos apreciar.

Como Verney, Sanches dá grande importancia ao estudo das sciencias accessorias da medicina, mas ainda estende mais o numero das disciplinas a estudar; a geographia, a chronologia, as mathematicas, a philosophia, taes são os conhecimentos preparatorios, que, além das linguas grega e latina, seria indispensavel que possuisse o estudante medico.

Preparado com estes conhecimentos, o estudante entraria na Universidade, onde haveria um collegio destinado apenas ás sciencias medicas, e adjuntos ao qual se construiriam: um hospital de vinte a trinta camas, um theatro anatomico, um jardim botanico, um laboratorio chimico e uma botica.

Os professores seriam quatro e ensinariam nas respectivas

---

[1] Esta distincção, em Verney, é talvez menos absoluta do que no geral dos auctores. Elle quer que o medico saiba a cirurgia theorica e que o cirurgião conheça alguma coisa de medicina; todavia permanece a differença: o medico seria a vontade que manda, e o cirurgião o braço que executa. Pag. 94.

cadeiras toda a obra de Boerhaave, como até alli se havia feito com a de Galeno e Hippocrates.

O estudo pratico da medicina e da cirurgia é um dos preceitos mais efficazes e importantes que Sanches aconselha, mas n'este ponto avantaja-se a quasi todos os seus contemporaneos em reconhecer uma verdade que levou quasi um seculo a tornar-se doutrina corrente: a intima relação que prende a cirurgia e a medicina. «Todos os medicos, diz elle, deviam aprender a cirurgia pratica na Universidade e sabel-a tão bem que a praticassem, de tal modo que se extinguisse esta classe de homens com nome de cirurgiões» [1].

Os pontos capitaes da reforma proposta por Ribeiro Sanches são: o maior desenvolvimento dado ao estudo das sciencias accessorias; a feição pratica do ensino pela creação de hospitaes, de laboratorios e de jardins botanicos; a introducção do systema de Boerhaave; e por ultimo, como acabamos de dizer, o reconhecimento de que a medicina e a cirurgia, tão distanciadas pelos estudos que reclamavam e pelas leis que prohibiam aos medicos o exercicio da cirurgia e reciprocamente, deviam ser estudadas e exercidas conjuntamente [2].

A maior parte d'estas bases foram seguidas nos estatutos de 1772, comquanto o *Compendio Historico* não se refira uma unica vez ao livro de Sanches.

Parece que a redacção dos estatutos medicos se deve a João Mendes Sachetti Barbosa, amigo do illustre sabio portuguez, que na sua obra se inspirou a cada passo, sendo o seu trabalho discutido com Ciera, Franzini, Daly, professor de grego, e o ex-jesuita Monteiro [3].

---

[1] *Methodo para aprender e estudar a medicina, illustrado com os apontamentos para restabelecer-se uma Universidade Real, na qual se deviam aprender as sciencias humanas de que necessita o estado civil e politico.* 1763.

[2] As mesmas doutrinas são expostas n'um officio datado de Belleville 26 de junho de 1758 que foi publicado, com o titulo de *Plano de reforma do ensino medico portuguez no seculo XVIII*, nos *Archivos de historia da medicina portugueza*, VI.

[3] *Diario* de fr. Manuel do Cenaculo, no *Conimbricense* de 1869.

Estes primeiros passos para a organisação do ensino universitario tiveram por complemento a nomeação de uma Junta de Providencia Litteraria, a qual, sob a immediata direcção do cardeal Cunha e do marquez de Pombal, conferenciaria sobre o estado desastroso em que se encontrava o estudo das sciencias, apontando quaes os melhores meios a seguir para que de novo se levantasse [1].

O resultado d'estas conferencias foi o *Compendio Historico* [2], livro em que brilham qualidades eminentes, mas em que a verdade por vezes é deturpada no sentido de tornar responsaveis os jesuitas de toda a decadencia e ruina em que se achavam as sciencias. Pombal, que os havia expulsado do nosso territorio, desejava igualmente que a sua memoria fosse sempre odiada e temida.

O trabalho de exposição dos defeitos importantes que se haviam introduzido na instrucção é feito com mão de mestre, mas na apreciação das causas resalta o proposito com que foi escripto todo o livro, não se attendendo a outras influencias deleterias, de tanta ou mais importancia do que a apontada.

A conclusão a que a Junta chegou foi que nada havia nos estatutos antigos que pudesse ser objecto de reforma [3], e por isso já em 1771 o governo providenciava para que não se procedesse ás matriculas, considerando sem vigor as suas disposições [4].

Foi em 28 de agosto de 1772 que os novos estatutos da Universidade foram approvados; d'elles extrahimos o que diz respeito ao objecto do nosso estudo.

Para ser matriculado em medicina, seria necessario que o

---

[1] Carta de 23 de dezembro de 1770 *in Compendio Historico.*

[2] *Compendio Historico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados.* Lisboa, na regia officina typografica. Anno MDCCLXXI.

[3] *Compendio Historico,* parte I, §. 63, pag. 95.

[4] *Mirabeau,* op. cit., pag. 46.

candidato conhecesse bem a lingua latina, e da grega o sufficiente para que a pudesse entender facilmente [1]. Seria conveniente ter conhecimento das linguas vivas da Europa e nomeadamente da franceza e ingleza, mas isso não era obrigatorio [2]. Além do estudo d'essas linguas, o estudante deveria tambem aprender a philosophia racional e moral, depois do que cursaria por tres annos a physica e a mathematica [3].

Estes tres annos de preparatorios para a aprendizagem da medicina eram assim distribuidos: no 1.º anno estudava-se a geometria e a historia natural, no 2.º o calculo infinitesimal e physica experimental; finalmente no 3.º a phoronomia, ou sciencia geral do movimento, e a chimica [4]. Tendo obtido approvação nos exames de todas estas disciplinas, e tendo idade não inferior a dezoito annos, o estudante entraria nas aulas de medicina onde cursaria as respectivas disciplinas.

As cadeiras eram seis, distribuidas pelos cinco annos que durava o curso medico, da maneira que passamos a expôr. No 1.º anno estudar-se-ia a materia medica, ao mesmo tempo que a pratica pharmaceutica [5]. Antes de entrar propriamente no objecto d'esta cadeira, o professor exporia aos alumnos uns prolegomenos geraes de medicina e seguidamente uma rapida exposição da historia da medicina pelas suas épocas mais notaveis: 1) desde a origem da medicina até Hippocrates; 2) d'este até Galeno; 3) d'este até ás escólas arabes; 4) d'estas até Harvey; 5) d'este até Boerhaave e 6) de Boerhaave até á época presente.

Nos primeiros quatro mezes o professor explicava as propriedades das differentes substancias para o que haveria exemplares que por essa occasião seriam mostrados aos alumnos, os quaes iriam semanalmente ao laboratorio chimico para se-

[1] Liv. III, pag. I, tit. I, cap. II, §. 2.º
[2] Liv. III, pag. I, tit. I, cap. II, §. 4.º
[3] Liv. III, pag. I, tit. I, cap. II, §. 5.º
[4] Liv. III, pag. I, tit. I, cap. II, §. 7.º
[5] Liv. III, parte I, tit. II, cap. III, §. 3.º

rem ensinados nas diversas preparações chimicas que de taes substancias se costumam fazer.

Nos cinco mezes seguintes occupar-se-ia em dar conta das differentes plantas medicinaes, para o que haveria igualmente collecções de herbarios convenientemente preparados, e no jardim botanico exemplares vivos que seriam mostrados uma vez por semana aos alumnos. Além d'estes estudos, os alumnos seriam educados, como já dissemos, na arte pharmaceutica [1].

No segundo anno seria estudada a anatomia, as operações cirurgicas e a obstetricia que formavam o objecto da 2.ª cadeira [2]. Começar-se-ia por uns prolegomenos proprios da anatomia, ao que succederia o estudo historico das suas differentes épocas que os estatutos marcam em quatro: 1) desde a origem da anatomia até Hippocrates; 2) d'este até Galeno; 3) de Galeno até Vesalio e 4) finalmente d'este até á época presente. Explicado isto, passar-se-ia immediatamente ao estudo do corpo humano, para o que o professor se serviria de estampas, mas sobretudo de dissecções numerosas feitas em cadaveres provenientes dos hospitaes de Coimbra, nos dos justiçados e, se necessario fosse, até nos de outras pessoas que houvessem fallecido na cidade. Para estas dissecções que se faziam tambem em animaes, com o fim de ajuizarem os estudantes das differenças existentes entre o organismo humano e o dos outros mammiferos, os estatutos ordenavam que se edificasse um theatro anatomico provido de todos os meios indispensaveis para que ellas se podessem executar com toda a perfeição.

Terminados os cinco mezes que durava o estudo da anatomia, o professor continuaria ensinando um curso de ataduras, partos e operações cirurgicas que teria a mesma feição pratica do estudo da anatomia, sendo os alumnos obrigados a exercitar

---

[1] Liv. III, parte I, tit. III, cap. I, §§. 1.º a 32.º

[2] Liv. III, parte I, tit. II, cap. III, §. 3.º

todas as operações no cadaver, executando-as tambem no vivo sob a direcção do respectivo professor [1].

No terceiro anno era obrigatorio o estudo das Instituições medicas, bem como o frequentar a clinica hospitalar.

Já dissemos o que vinham a ser as *Instituições medicas.* N'esta cadeira começar-se-ia por estudar a historia da medicina, sem entrar em minuciosos pormenores, mas dando-se todavia uma ideia dos differentes systemas que haviam reinado na sciencia.

Passaria o professor a expôr uns principios geraes de medicina theorica, estudados os quaes, se entraria propriamente nas disciplinas que compunham esta cadeira: a physiologia, a pathologia, a semeiotica, a hygiene e a therapeutica.

A frequencia das aulas de pratica teria apenas em vista, segundo a letra expressa dos estatutos, fazer ganhar aos estudantes o habito de discorrer com acerto á cabeceira dos doentes e observar o que apenas theoricamente haviam estudado [2].

O quarto anno era empregado no estudo dos *Aphorismos,* continuando a pratica da clinica hospitalar [3]. N'esta cadeira, que os estatutos consideram uma das mais importantes do curso medico, seriam estudados de cór os aphorismos de Boerhaave, precedendo-os uma exposição geral do methodo e artificio com que estão escriptos.

O quinto anno era consagrado unicamente á pratica da cirurgia e da medicina no hospital. São tão minuciosas e importantes as recommendações que n'esta parte fazem os estatutos, que ainda hoje são dignas de applausos incondicionaes [4].

Eram os estudantes obrigados a fazer actos ou exames das disciplinas que estudavam e sem elles não podiam matricular-se nos annos seguintes. Cada um dos exames começava pela leitura de uma dissertação que o alumno era obrigado a

---

[1] Liv. III, parte I, tit. III, cap. II, §§. 1.º a 31.º

[2] Liv. III, parte I, tit. III, cap. III, §§. 1.º a 27.º

[3] Liv. III, parte I, tit. II, cap. III, §. 3.º

[4] Liv. III, parte I, tit. I, §§. 1.º a 36.º

compôr nos ultimos mezes do anno, e n'ella seria argumentado por um dos quatro professores que constituiam o jury. Nos dois primeiros annos era-se obrigado, além d'estes actos, a fazer exames praticos que versariam n'um dos annos sobre as operações pharmaceuticas, e no outro sobre cirurgia e anatomia.

A approvação nas disciplinas do quarto anno trazia comsigo o gráu de bacharel.

O exame do quinto anno versaria apenas sobre assumptos praticos e seria feito á cabeceira do doente. Duraria vinte dias, durante os quaes os alumnos seriam obrigados a observar um certo numero de doentes sobre cujo diagnostico, marcha e tratamento tinham de escrever um circumstanciado relatorio. Assistiriam a este acto todos os professores do quinto anno, e no dia em que terminasse votariam todos sobre o merito do alumno, bastando dois votos de exclusão para que fosse reprovado. A approvação trazia comsigo o gráu de bacharel formado e com elle o direito de exercer a clinica livre de todo e qualquer impedimento [1].

Além d'estes cinco annos os individuos que se propuzessem ao professorado teriam de frequentar por mais um anno a Universidade, estudando as disciplinas do terceiro e quarto annos do curso. No fim d'este ultimo seriam obrigados a apresentar e defender uma dissertação inaugural, bem como theses sobre todos os ramos da medicina. A este acto, chamado de conclusões magnas, seguir-se-ia o exame privado que versaria sobre as disciplinas estudadas no sexto anno e a que só poderiam assistir os lentes da faculdade. Sahindo approvados, receberiam o gráu de licenciado, ficando habilitados para receber o de doutor [2].

Taes são as disposições organicas mais importantes no que diz respeito ao ensino medico, mas para que melhor se possa ajuizar da importancia da reforma daremos uma rapida

---

[1] Liv. III, parte I, tit. V, cap. I a V.
[2] Liv. III, parte I, tit. V, cap. VI a IX.

ideia do que os estatutos prescrevem sobre alguns estabelecimentos annexos á Universidade.

Deveria ser construido em Coimbra um novo hospital cuja direcção e administração ficavam a cargo da Universidade para d'este modo ser mais commodo e proveitoso o estudo [1].

Depois do hospital, o estabelecimento mais indispensavel é o theatro anatomico. Os estatutos ordenavam, pois, que se edificasse um, e que fosse munido de todos os apparelhos e instrumentos necessarios para se fazerem as dissecções cadavericas [2].

No hospital, era conveniente que houvesse uma botica. Sendo além d'isso indispensavel que os alumnos do curso medico se exercitassem na arte pharmaceutica, foi estabelecido igualmente um dispensatorio pharmaceutico, munido de todos os objectos necessarios, para satisfazer o fim para que foi creado [3].

A legislação em vigor sobre partidos aos estudantes pobres foi revogada, sendo substituida por outra que creava vinte e quatro, seis em cada anno, á excepção do primeiro. A escolha dos individuos seria devida, não á pureza de sangue, como o tinha estabelecido D. Sebastião, mas ao merecimento scientifico dos alumnos [4].

Finalmente, á congregação da faculdade de medicina foi commettido o encargo de vigiar a observancia d'estes estatutos [5].

Tal a reforma executada pelo marquez de Pombal. Se, como dissemos, houve passo agigantado na nossa historia litteraria, foi esse. A comparação com os antigos estatutos de tal fórma faz resaltar as vantagens dos recentes, de tal sorte torna evidentes as suas bellezas, que nos abstemos de insistir n'este ponto.

---

[1] Liv. III, parte I, tit. VI, cap. I.

[2] Liv. III, parte I, tit. VI, cap. II.

[3] Liv. III, parte I, tit. VI, cap. III.

[4] Liv. III, parte I, tit. VI, cap. IV.

[5] Liv. III, parte I, tit. VII, cap. I.

Considerada, porém, em absoluto, não é isenta de defeitos, e dois, sobre todos, concorrem na organisação recente da Universidade: a falta de um bom methodo na distribuição das materias e o pequeno numero de cadeiras. Accumulação de disciplinas e pouco escrupulo na sua distribuição.

Uma ordem razoavel era a que no *Compendio Historico* a Junta de Providencia Litteraria havia aconselhado; a anatomia precedia os outros estudos, porque o estudo do corpo humano integro devia necessariamente preceder todos os outros. Além d'isso, um bom methodo pedagogico mandaria que ao conhecimento do organismo são (anatomia e physiologia) se seguisse o do organismo doente (pathologia) e a este o estudo dos meios que temos á nossa disposição para combater as enfermidades e para as prevenir. É n'isto que consiste a medicina.

E que mandam fazer os estatutos? Que se comece pela materia medica. O segundo anno é consagrado á anatomia; mas já ahi ha de extraordinario que lhe seja addicionado o estudo das operações cirurgicas. Como ha de o alumno ajuizar da sua importancia e valor se desconhece a pathologia e portanto não póde estabelecer indicações? Estuda no terceiro anno as *Instituições medicas;* mas porventura é possivel estudar n'um anno e na mesma aula todas as disciplinas que se abrangiam sob aquella generica designação? E se estudava n'este anno as *Instituições* e n'ellas a pathologia, para que era necessario repetir no quarto anno a mesma materia ainda que ministrada sob uma fórma nova, a de *Aphorismos?*

Se estes defeitos nos não consentem prestar aos estatutos de 1772 uma admiração incondicional, repetimos ainda uma vez que no restante vai muito motivo para elogios. A quem elles pertencem de direito não nos é possivel ajuizal-o. Ao marquez de Pombal, á Junta de Providencia, a Verney, a Ribeiro Sanches?

Cada um teve a sua parte, mas a mais importante no que diz respeito ao ensino medico, quer em defeitos quer em bellezas, talvez pertença ao ultimo, que seduzido pelo que viu nas Universidades estrangeiras, e sobretudo na de Leyde, havia

proposto no seu *Methodo* a maior parte dos pontos fundamentaes da reforma [1].

Os effeitos que ella produziu foram a muitos titulos notaveis. Prohibido, como ficava pelos estatutos [2] o exercicio da medicina a quem não tivesse estudado na Universidade, dando maior desenvolvimento ao ensino, como vimos ha pouco, acabava-se completamente com essa classe de medicos ignorantes que o povo havia denominado, e não sem razão, *idiotas*. E sanado esse que era o principal defeito na organisação do ensino, a medicina começou a ser cultivada, começou a florescer como até alli nunca entre nós succedera.

A reforma não attraíu á Universidade grande numero de alumnos: muito pelo contrario, afastou-os. Julgava-se excessivo o praso de oito annos para a obtenção do diploma que dava direito ao exercicio d'uma profissão que não trazia garantias nem tinha consideração correspondente. Argumentava-se com a pobreza dos alumnos para que o curso fosse reduzido. D. Francisco de Lemos, o reformador e reitor que implantou a reforma, aconselhava ao governo que não modificasse os estatutos, mas levantasse os creditos da profissão medica creando dois tribunaes de saude, um em Lisboa, outro em Coimbra, com commissarios em todo o reino, aos quaes fosse confiada a policia medica, transferindo-se para elles os poderes que as leis concediam ao physico-mór e cirurgião-mór do reino [3].

Por outro lado, os principaes inconvenientes da reforma universitaria aggravaram-se notavelmente pela insufficiencia do professorado que foi possivel recrutar. Não satisfazia ás necessidades do ensino, não só porque os meritos pessoaes, ao que parece, o não recommendavam, mas pela nenhuma preparação

---

[1] Vid. sobre a importancia da reforma e sobre tudo o mais que diz respeito á Universidade, o notavel trabalho do snr. Mirabeau já citado.

[2] Liv. III, parte I, tit. VII, cap. I, §. 13.º

[3] *Relação geral do estado da Universidade de Coimbra desde o principio da sua reforma até o mez de setembro de 1777... pelo bispo de Zenopole*, publicada por Theophilo Braga.

que tinha. De um d'aquelles de quem mais se esperava, o italiano Luiz Cichi, reza a chronica que fôra em extremo desleixado no exercicio das suas funcções e tanto que, apesar das instancias repetidas de Pombal, verdadeiramente interessado em que a reforma se manifestasse por notaveis progressos, o ensino da anatomia nunca se elevou á verdadeira altura [1].

Deve confessar-se, e nós já o fizemos sentir, que a accumulação de disciplinas na cadeira que estava a seu cargo difficultava muito o regel-a bem. A necessidade de separar os differentes ramos de medicina, reunidos na cadeira de anatomia, impunha-se como uma verdadeira necessidade; e apenas passados onze annos depois que a reforma tinha sido promulgada era creada por tal motivo uma nova cadeira, a de therapeutica cirurgica, para a qual era nomeado um professor distincto, Caetano José Pinto de Almeida [2].

Parecia indicar isto que os defeitos de organisação seriam remediados consoante as circumstancias o permittissem, mas o governo de então, nem mais nem menos illustrado do que os actuaes que em materia de instrucção não têm ideias definidas, mandava, pouco tempo depois, que aquella cadeira fosse supprimida, e que as coisas voltassem a ser reguladas pelas disposições do estatuto de 1772, que ordenavam que tal disciplina fosse estudada conjunctamente com a anatomia [3].

Persistiram, pois, no curto periodo de que nos occupamos, os defeitos essenciaes da reforma, e esses tornavam-se tanto mais salientes quanto mais se accentuavam os progressos da medicina. Debalde o corpo docente, conhecedor da má direcção que levavam os destinos da instrucção medica no nosso paiz, pedia que se applicasse o remedio a tantos males; o governo não prestava attenção aos seus clamores, tanto mais que as circumstancias manifestamente prejudiciaes ao desenvolvimento dos estudos em que se encontrou o nosso paiz nos

---

[1] Carta de 25 de fevereiro de 1774.

[2] Carta regia de 4 de junho de 1783.

[3] Carta regia de 4 de abril de 1795.

primeiros annos do seculo, as agitações politicas que depois se deram, tudo desastrosamente influiu para trazer ao ensino universitario, que tanto se tinha elevado com a reforma, apesar da sua insufficiencia, a decadencia a que fatalmente estão condemnados os estabelecimentos scientificos que não acompanham os progressos da época e que não satisfazem ás necessidades do tempo.

As doutrinas medicas que vogaram no ensino não foram mais do que o reflexo das que lá fóra se reputavam mais adiantadas. Ao tempo da reforma o iatro-mecanismo e o iatro-chimismo a que Boerhaave tinha dado tamanho impulso eram professados em toda a Europa, e da leitura dos estatutos vê-se bem a importancia que taes doutrinas tomaram no ensino universitario.

Mas ao mesmo tempo que Boerhaave proclamava o iatro-mecanismo, Stahl estabelecia o animismo que não é mais que o protesto contra os exaggeros em que o amor pelas sciencias physicas e pelas consequencias que d'ellas se tiravam, havia lançado os medicos. N'este systema, a alma era o principio que regulava todas as funcções, e actuava por intermedio de uma força, a força motriz que ia determinar os movimentos mais intimos pelos quaes as funcções se executam. Os phenomenos nutritivos eram explicados pela supposta existencia de faculdades inferiores na alma, ás quaes servia uma especie de intuição occulta, sciencia sem raciocinio.

Vinha depois Barthez que distinguia nos organismos vivos operações physicas, chimicas e actos vitaes; exigiam estes para a sua explicação a existencia de uma força especial, mas sobre a natureza d'ella não se decidiu por nenhuma das hypotheses que se podem suggerir e ficou no mais completo scepticismo.

Bordeu inspirava-se visivelmente das doutrinas do seu contemporaneo, pronunciando-se por um eclectismo no qual se esforçava em conciliar o animo-vitalismo e o dynamismo organico representado pela sensibilidade, pela motilidade e pela plasticidade inherentes aos orgãos e aos tecidos.

Mas uma doutrina nova de ha muito começava a surgir.

Desde o meio do seculo XVII, Glisson lançava no mundo scientifico a ideia de que as partes vivas, sob a influencia dos differentes estimulos, alternativamente se contrahem e dilatam. A aptidão para estes movimentos constituia a irritabilidade.

Sustentada depois por Gorter, foi sobretudo a Haller (1708 a 1777) que se deveu a determinação das leis da irritabilidade e da sua correlação com as outras forças do organismo. Multiplicou elle as experiencias para resolver os problemas relativos á sensibilidade e irritabilidade, e classificou os tecidos segundo os gráus em que se manifestam estas propriedades, das quaes a primeira se localisaria aos nervos, ao passo que a outra seria espalhada por todo o organismo, sendo distincta da elasticidade que só pertenceria ao musculo.

Veio depois Cullen cujo systema é um mixto do nervoso-dynamismo de Hoffman e das doutrinas proclamadas por Haller. O systema nervoso tudo dominava, pois que a vitalidade está sob a sua dependencia, mas apesar d'isso attribuia influencia importante ás modificações dos humores. De resto teve por criterio a observação e os seus preceitos são a maior parte das vezes judiciosos e exactos.

Brown, disipulo do precedente, separou-se notavelmente da doutrina do mestre de que foi durante algum tempo zeloso proselyto. Para elle a propriedade vital e universal era a *incitabilidade*, sobre cuja natureza nada adiantou, mas que considerava como tendo a sua séde nos systemas nervoso e muscular e como caracterisando-se pela sensibilidade e contractabilidade. As doenças eram locaes ou geraes. As geraes ou eram *sthenicas* ou *asthenicas*, segundo a estimulação que as produz é intensa ou fraca. O tratamento era deduzido d'este principio; e resumia-se em augmentar ou diminuir a incitabilidade.

Comquanto na clinica tivesse resultados desastrosos, o systema de Brown espalhou-se, especialmente na Italia onde soffreu importantes modificações, sobretudo na escóla de Rasori que propôz a doutrina de *contra-stimulismo*. Para elle a maior parte das doenças eram sthenicas e em vez de estimular a incitabilidade era pelo contrario necessario provocar o effeito contrario. Na therapeutica descobriu as propriedades de muitas

das substancias hoje mais geralmente empregadas: para não fallar de outras, o tartaro emetico foi por elle reconhecido como um dos mais poderosos contra-estimulantes.

Naturalmente segue fallar-se de Broussais, espirito eminente, que marca na medicina moderna uma época extremamente notavel. Deixamos a pessoa mais competente a exposição do seu systema: « Broussais adopta a dichotomia Browniana e proclama com Rasori a predominancia quasi exclusiva das affecções sthenicas. As doenças são quasi todas irritações, inflammações agudas ou chronicas que occupam habitualmente, pelo menos ao começo, o apparelho gastro-intestinal. Separa-se completamente de Brown no que diz respeito á séde das doenças, porque as considera todas ou quasi todas locaes em principio e apenas se generalisam depois de reacções diversas». « A acção dos estimulantes não é uniforme; uma mesma causa póde produzir estados sthenicos ou asthenicos: muitas vezes o augmento da excitabilidade coincide com a fraqueza indirecta. A opportunidade morbida não existe ou não é mais do que o começo da doença » [1].

Percebem-se bem quaes seriam no tratamento as consequencias do systema. Debilitar, reduzir a excitabilidade ao seu minimo, eis a sua base. As sangrias foram prodigamente empregadas, mesmo quando a adynamia profunda deveria contra-indical-as absolutamente.

Broussais preparava o advento da escóla anatomo-pathologica de que Bichat havia de lançar os sólidos alicerces. Este, partidario do vitalismo a que imprimiu um cunho proprio, encareceu as differenças que existem entre os corpos brutos e os sêres vivos. N'estes distinguiu duas ordens de funcções: umas que põem o individuo em relação com o mundo externo, funcções de relação, outras que asseguram a sua conservação, funcções da vida organica. As primeiras pertencem apenas

---

[1] L. Boyer, *Histoire de la Médecine* in *Dictionnaire Encyclopédique* de Dechambre.

aos animaes: as segundas são communs a todos os sêres vivos.

A parte porém mais importante dos seus estudos é a que diz respeito á anatomia geral. Analysando as diversas partes do nosso organismo, Bichat reconheceu na sua constituição uma serie de tecidos elementares e demonstrou que a cada um d'elles andam ligadas propriedades vitaes differentes. Creava assim a anatomia e a physiologia dos tecidos, e sobre esta base a pathologia revolucionava-se completamente.

A doença passava a ser uma modificação das propriedades vitaes; a ellas se referiam todos os estados pathologicos. Estudou, pois, as lesões dos differentes tecidos e n'este trabalho gastou a maior parte da sua vida.

Transportada para a pratica, a theoria de Bichat trouxe difficuldades que elle mesmo havia previsto; lançou todavia os espiritos n'uma via fecunda.

Ora ao tempo que este movimento se dava lá fóra, a Universidade tentava acompanhal-o quanto lhe era possivel. Substituia a Boerhaave Cullen, a Cullen preferia Brown, e as doutrinas de Broussais, os estudos anatomicos de Bichat já haviam penetrado no ensino, ao fim do periodo cuja historia nos occupa. O movimento scientifico da Reforma continuava, mas affrouxára. Influencia complexa, derivada das difficuldades de nos reconstruirmos após a invasão franceza, das agitações politicas do nosso territorio e das leis que não provocavam adiantamentos, mas restringiam o numero de cadeiras!

LISTA DOS PROFESSORES DE MEDICINA NA UNIVERSIDADE

2.ª cadeira de pratica

1772-1773 — Simão Goold.
1773-1776 — Antonio José Francisco d'Aguiar (*substituto*).
1776-1791 — Antonio José Francisco d'Aguiar.
1791-1795 — Francisco Tavares.
1795-1798 — Caetano José Pinto d'Almeida.
1798-1806 — Bento Joaquim de Lemos.

1806-1811 — João Joaquim Gramacho da Fonseca.
1822- — José Feliciano de Castilho.

1.ª cadeira de pratica

1772-1776 — Antonio José Francisco d'Aguiar.
1776- — Antonio José Pereira.
1776-1791 — Antonio José Francisco d'Aguiar.
1791-1804 — José Pinto da Silva.
1806-1812 — João de Campos Navarro.
1813-1822 — José Feliciano de Castilho.
1822- — Francisco José de Sousa Loureiro.
1822-1825 — Angelo Ferreira Diniz.

Instituições medico-cirurgicas

1772-1776 — Antonio José Pereira.
1776-1786 — José Francisco Leal.
1787-1791 — Francisco Tavares.
1791-1801 — Joaquim Navarro d'Andrade.
1806-1813 — José Feliciano de Castilho.
1813-1822 — Francisco José de Sousa Loureiro.
1825- — João Alberto Pereira d'Azevedo.

Materia medica e Pharmacia

1772-1783 — José Francisco Leal.
1783-1787 — Francisco Tavares.
1787-1806 — Joaquim d'Azevedo.
1806-1813 — Francisco José de Sousa Loureiro.
1813-1818 — Pedro Joaquim da Costa Franco.
1822-1825 — Joaquim José de Figueiredo.

Anatomia, operações cirurgicas e Arte obstetricia

1772-1777 — Luiz Cichi.
1777-1779 — José Correia Picanço (*substituto*).
1779-1790 — José Correia Picanço.
1791-1806 — João de Campos Navarro.
1806-1823 — Francisco Soares Franco.

*

Aphorismos

1772-1776 — Manuel Antonio Sobral (*substituto*).
1776-1790 — Manuel Antonio Sobral.
1791-1801 — João Joaquim Gramacho da Fonseca.
1801-1812 — Joaquim Navarro d'Andrade.
1822- — Antonio Joaquim de Campos.

Therapeutica cirurgica

1783-1795 — Caetano José Pinto d'Almeida.

Substitutos

1772 — Dr. Manuel Antonio Sobral (*Instituições*).
1772 — Antonio José Francisco d'Aguiar (*Pratica*).
1783 — Joaquim d'Azevedo.
» — José Pinto da Silva.
1787 — Luiz José de Figueiredo e Sousa.
» — João Francisco d'Oliveira Alves.
» — João Joaquim Gramacho da Fonseca.
1791 — Bento Joaquim de Lemos.
» — Ricardo Teixeira Maconelli.
1800 — José Feliciano de Castilho.
» — Francisco José de Sousa Loureiro.
1806 — Pedro Joaquim da Costa Franco.
» — Joaquim José de Figueiredo.
» — Angelo Ferreira Diniz.
1822 — João Alberto Pereira d'Azevedo.
» — José Ignacio Monteiro Lopo.
» — João Baptista de Barros.

Demonstradores de Anatomia

1772 — José Correia Picanço.
1779 — Caetano José Pinto d'Almeida.
1787 — José Bento Lopes.
1788 — João de Campos Navarro.
1795 — Antonio Gomes da Silva Pinheiro.
1795 — José Diogo da Rocha.

1798 — Antonio Joaquim Nogueira da Gama.
1800 — Francisco Soares Franco.
1806 — Antonio da Cruz Guerreiro.
1822 — Carlos José Pinheiro.
1825 — Sebastião d'Almeida e Silva.

Demonstradores de Materia medica

1779 — Francisco Tavares.
1783 — Joaquim Freire.
1795 — Antonio José de Miranda e Almeida.
1800 — Pedro Joaquim da Costa Franco.
1806 — Luiz Antonio da Silva Maldonado.
1822 — Aureliano Pereira Frazão d'Aguiar.
1825 — João Lopes de Moraes.

CAPITULO II

O ensino da cirurgia: sua organisação.—Hospital de Todos os Santos: Manuel Constancio.—Hospital da Misericordia.—Material de ensino.—Abusos introduzidos.—Estudos cirurgicos do Brazil.

O regimento de 1631 estabelecia como condição indispensavel para o exercicio da cirurgia o estudal-a n'um hospital, e fazer exame perante um jury composto de tres cirurgiões, presidido pelo cirurgião-mór do reino; e, comquanto o decreto de 4 de fevereiro exigisse que o aspirante apresentasse certidão de haver estudado a anatomia com Bernardo Santucci, o modo de habilitação continuava sendo o mesmo.

Foi na provisão de 12 de agosto de 1740 que se manifestou pela primeira vez a tendencia para a descentralisação do ensino, e, em conformidade com a sua doutrina, o cirurgião-mór podia nomear commissarios, perante os quaes o candidato se apresentaria a fazer exame, consoante o antigo regimento.

Os abusos foram, porém, numerosos; facilmente se obtinha um diploma que auctorisava o exercicio da cirurgia, e assim enxameavam os individuos ignorantes que, com grave prejuizo da humanidade, se intromettiam a tratar de padecimentos cirurgicos.

Para remediar este estado de coisas, foi creada em 17 de junho de 1782 a Junta do Proto-Medicato, a qual se compunha de sete deputados, eleitos de tres em tres annos, aos quaes

competia « obviar aos inconvenientes e funestos acontecimentos com que até então tinha sido perturbada a ordem com que se deveria proceder em assumptos tão serios ».

Perante a Junta do Proto-Medicato ou seus delegados tinham de referendar os diplomas todos os que já exerciam a medicina e cirurgia; mas, pelo edital de 22 de dezembro de 1798 eram suspensas essas funcções aos delegados, ficando apenas a Junta investida n'ellas.

A sua propria organisação soffreu, em 1799, alterações importantes, devendo ficar constituida de cinco deputados ordinarios, além do presidente, que seria o mordomo-mór da casa real, e de dois deputados extraordinarios de nomeação regia.

Durante a curta vida que teve, a Junta providenciou no que dizia respeito aos medicos e cirurgiões extrangeiros que quizessem entregar-se á pratica no nosso paiz, os quaes seriam sujeitos a exames differentes consoante se destinavam á pratica da medicina ou cirurgia. Estes ultimos podiam ser feitos em Lisboa, Porto ou Coimbra, conforme fosse mais commodo para os requerentes [1]. Prohibiu que a bordo dos navios fossem cirurgiões sem titulo passado pela Junta que mostrasse consideral-os ella aptos para exercerem a medicina e a cirurgia [2]. Exigia finalmente a apresentação de um documento que provasse o conhecimento da lingua latina, a quem desejasse submetter-se aos exames, quer de cirurgia quer de pharmacia, desejando tornar effectivas as leis que regulavam este objecto.

Mas a Junta do Proto-Medicato devia desapparecer em breve. A proposito de contestações suscitadas no Brazil, foram reguladas as attribuições do physico-mór e do cirurgião-mór do reino, fazendo-se-lhes executar os antigos regimentos de 1521 e 1631. Tornava-se assim inutil a Junta; e o legislador assim o entendeu, abolindo-a pelo alvará de 7 de janeiro de 1809.

Iam voltar as coisas ao antigo tempo; renascer os abusos

---

[1] Aviso de 23 de maio de 1800.

[2] Edital de 16 de dezembro de 1803.

a que a propria Junta não tinha conseguido pôr termo. Os praticantes de cirurgia continuariam a fazer exames perante o cirurgião-mór e seus delegados, mas poderiam depois tambem tratar doenças internas, se nas localidades para que fossem exercer a clinica não houvesse medicos. Para isso, todavia, eram obrigados a fazer novo exame perante o physico-mór, e esse versaria sobre o conhecimento e cura das enfermidades, prognostico, etc., *attendendo-se sempre nas perguntas aos poucos conhecimentos que os cirurgiões podem ter.*

O mesmo se exigia para os cirurgiões de embarque, classe de facultativos subalternos que só podiam exercer a clinica sobre as aguas do mar, sendo-lhes cassada a licença logo que desembarcassem [1].

Estas disposições legaes, ruinosas para os interesses da sciencia, iam ser derogadas dentro em breve: em 1825 já as Reaes Escólas de Cirurgia estavam creadas.

A habilitação legal para o exercicio da cirurgia continuou, pois, sendo n'esta época a mesma que nos tempos anteriores; mas, apesar d'isso, o ensino tinha melhorado, e, se os abusos se davam, se havia ainda pessoas ignorantes que tratavam as enfermidades cirurgicas, deviam ser em muito menor numero que no periodo immediatamente anterior.

Em Lisboa, no Hospital de Todos os Santos, comprehendia o ensino da cirurgia, no ultimo quartel do seculo passado, tres cadeiras: anatomia, cirurgia e operações. Com o tempo, as coisas foram-se modificando e melhoraram; nos ultimos annos que precederam a creação das escólas de cirurgia, já o curso durava quatro annos e tinha outras tantas cadeiras: anatomia e physiologia; hygiene e pathologia geral; therapeutica; e operações e obstetricia. Um professorado escolhido ministrava o ensino.

Em 1815 era elle composto de Manuel José Teixeira, que ensinava a anatomia e physiologia; de Francisco Luiz de Assis Leite que leccionava a hygiene e a pathologia geral; de

---

[1] Alvará de 22 de janeiro de 1810.

Jacinto José Vieira que tinha a seu cargo a therapeutica e a pathologia cirurgica, e finalmente de Antonio d'Almeida, o mais distincto de todos, que elevava o ensino das operações e da arte obstetricia a uma altura que raras vezes foi igualado depois [1].

Nos progressos do ensino da cirurgia n'este estabelecimento, importante papel representou o celebre Manuel Constancio, que vive e viverá na historia da cirurgia portugueza pelo facto de a haver impulsionado vivamente com o seu ensino.

Quando, em 1764, foi encarregado de substituir Dufau, os estudos anatomicos começavam a melhorar, graças á aptidão do professor francez, que reputava Constancio como o melhor dos seus discipulos. Seguir as pisadas do mestre fôi obrigação que a si mesmo se impôz, e de tal sorte a cumpriu que, se, como diz um seu illustre biographo, pelo primor dos fructos se conhece o prestante da arvore, a simples menção do nome dos seus discipulos: Picanço, Almeida, Teixeira, Norberto, etc., é o elogio mais eloquente aos merecimentos do cirurgião portuguez.

Não ficaram n'isto os seus serviços; reconhecendo que nos paizes extrangeiros muito havia que aprender, esforçou-se por que fossem mandados ao extrangeiro, a aperfeiçoar-se na pratica cirurgica, os melhores dos seus discipulos. Foram, e logo que houve professorado convenientemente habilitado, a reforma dos estudos cirurgicos devia naturalmente fazer-se e assim aconteceu [2].

---

[1] *Do estado em que se acha a cirurgia portugueza, tão perfeita como a das outras nações,* no *Jornal de Bellas-Artes ou Mnemósine Luzitana.* Lisboa, na Impressão Régia, 1816, I, pag. 296 e seg.

[2] Vide sobre Manuel Constancio a *Oração pronunciada na sessão solemne de abertura da Escóla Medico-Cirurgica do Porto em 5 de outubro de 1848,* por José Gregorio Lopes da Camara Sinval, no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas,* III, da 2.ª serie; a *Biographia,* escripta por seu filho Francisco Solano Constancio nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Lettras,* III, 1819; Rodrigues de Gusmão, *Memorias biographicas dos medicos e cirurgiões portuguezes* cit. Innocencio, *Diccionario Bibliographico:* A. Balbi, *Essai statistique;* José Silvestre Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos Litterarios e scientificos.*

No Porto o Hospital da Misericordia tinha tambem o seu curso de cirurgia, que durava como em Lisboa quatro annos, mas cujas disciplinas não estavam distribuidas da mesma maneira. Assim, no primeiro anno os praticantes estudavam a anatomia, no segundo a physiologia, no terceiro e quarto a clinica cirurgica e operações. Um unico professor estava encarregado do ensino e constituia todo o pessoal docente [1].

Os hospitaes militares forneciam tambem meios de instrucção na pratica cirurgica, e alguns d'elles tinham cursos bem montados e servidos por um pessoal zeloso e distincto. Em Tavira, Elvas, Porto e Chaves, sabemos que numerosos alumnos seguiam os estudos cirurgicos com notavel aproveitamento e boa vontade. N'elles tambem a distribuição das disciplinas era variavel para cada professor que, da mesma maneira que no Hospital da Misericordia do Porto, constituia todo o corpo docente.

É assim que José Fradesso Bello, em Elvas, organisava o curso, ensinando no primeiro anno apparelhos cirurgicos, ataduras, osteologia e noções geraes de myologia, angeologia, nevrologia, splanchnologia (apenas com o fim de tornar intelligiveis as restantes disciplinas), physiologia e hygiene; no segundo anno, myologia, pathologia e therapeutica geral; no terceiro anno, angeologia e pathologia cirurgica especial; no quarto anno, finalmente, splanchnologia, nevrologia e operações cirurgicas em particular.

Antonio José de Sousa, no Porto, não seguia a distribuição da anatomia pelos differentes annos de aprendizagem e dividia d'outro modo as materias do curso, ensinando: no primeiro anno, anatomia e physiologia; no segundo, pathologia externa, hygiene e therapeutica cirurgica; no terceiro, medicina operatoria e arte obstetricia, acompanhadas da respectiva pratica; no quarto, finalmente, clinica cirurgica.

Para terminarmos, em Chaves, cujo hospital era inquestio-

---

[1] José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, *Noticia biographica do Conselheiro Francisco de Assis Sousa Vaz*. Porto, 1873, pag. 15.

navelmente aquelle em que o ensino se achava mais desenvolvidamente montado, fr. Antonio de S. Fructuoso, desde o principio do seculo actual, ensinava a cirurgia pelo modo seguinte: no primeiro anno leccionava a anatomia; no segundo, a physiologia e a pathologia cirurgica; no terceiro, partos, materia medica, preceitos de formular e doenças venereas; no quarto, principios de cirurgia e operações; e no quinto, a cirurgia pratica [1].

A distribuição das disciplinas era feita por modo tão caprichoso, que não é possivel apresentar juizo seguro sobre tal materia. Temos todavia como certo que o ensino melhorára. A antiga instrucção cirurgica limitava-se, como é geralmente sabido, a um conhecimento imperfeitissimo da anatomia e pathologia cirurgica; a parte operatoria era completamente descurada e os cirurgiões apenas sabiam alguma coisa de apparelhos e ataduras. Operações de importancia não se faziam, ou era algum extrangeiro que se atrevia a pratical-as.

Ora, tendo em attenção este estado de coisas, evidentes se tornam os melhoramentos introduzidos no ensino. A organisação actual não era boa, tinha até inconvenientes de importancia: fragmentava-se o estudo da anatomia e procedia-se á aprendizagem das outras partes do curso sem ter conhecimento completo d'aquella em que assentavam, em Elvas; adoptava-se uma ordem inconveniente em outras escólas; prejudicava-se o ensino encarregando um unico individuo de leccionar disciplinas tão differentes.

O nivel da instrucção, todavia, elevára-se e como adiante se verá os cirurgiões portuguezes já manejavam com perfeição o bisturi [2].

Se os defeitos existiam ainda, era porque não se havia comprehendido a importancia do preceito de Ribeiro Sanches:

---

[1] *Jornal de Coimbra*, VII, pag. 28 da 1.ª parte.

[2] Veja-se A. P. Cardoso, *Do estado actual da cirurgia em Portugal* no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas*, I; Maximiano Lemos, *O jornalismo medico em Portugal* na *Revista Scientifica*, n.os 8 e 9.

«todos os medicos deviam aprender a cirurgia pratica... e sabel-a tão bem que a praticassem».

Isto pelo que diz respeito á organisação do ensino; no que diz respeito á maneira como era fornecido, um curioso subsidio nos põe ao facto do que acontecia no Porto ao tempo da creação das escólas.

O material de ensino compunha-se d'uma especie de mumia a que chamavam esqueleto natural, no qual os ossos estavam presos pelos poucos ligamentos que ao escalpello havia sido possivel respeitar. Os ligamentos interosseos dos antebraços e pernas, os sacro-sciaticos e os obturadores haviam desapparecido. Uma ordinaria tinta amarella tinha sido abundantemente estendida por toda a peça, que era mostrada como a melhor que existia na aula. Craneos velhos e quebrados, cobertos de lixo e teias de aranha completavam o material de ensino.

Na aprendizagem da anatomia havia singularidades notaveis: em osteologia apenas se estudavam alguns ossos da cabeça; os mais delicados (vomer, ethmoide, lacrimal, etc.) não se descreviam; quando o sacro se achava reunido ao coccyx, por motivo da ossificação da cartilagem inter-articular, dizia-se que era de judeu.

Musculos dissecavam-se apenas dois: o costureiro e o trapezio: este era conhecido pelo nome de capuchinho.

Nada se estudava de vasos e nervos; para o estudo dos centros nervosos e origem dos nervos era necessario mandar vir de Coimbra um cerebro dentro d'um barril de aguardente [1].

E para que se possa fazer ideia dos abusos que então reinavam, copiamos da mesma testemunha contemporanea a maneira como então se procedia aos exames:

«Para fazer o exame de cirurgia o primeiro passo que o

---

[1] *A anatomia e a cirurgia no Porto em 1825* na *Gazeta Medica do Porto*, de J. Ferreira, VI, pag. 22.

alumno tinha a dar era ir ter com o secretario do juizo, a quem dava 4$800 reis de propina, afim de lhe escolher um ponto que fosse facil e á vontade do offerente, o qual logo recebia para d'ahi a dois ou tres mezes ir fazer exame d'elle, não se faltando na vespera do exame á ceremonia de tirar da urna o dito ponto na presença do juiz delegado e secretario que lavrava o competente auto».

Era esta a primeira despeza que o alumno tinha a fazer; a segunda era a de offerecer 6$400 reis a um dos examinadores para este lhe explicar o ponto. Facilmente se comprehende o resto.

A ultima despeza era a de dar, se o alumno era generoso, um jantar opiparo aos seus arguentes, «no qual o novo Esculapio era honrado pelo grande talento que tinha mostrado, e era brindado e abraçado como um novo collega que muita honra vinha dar á profissão».

Não ficavam, porém, aqui os vicios introduzidos no modo de habilitação cirurgica; havia cirurgiões que por um preço convencionado iam fazer os exames por aquelles que se não atreviam a sujeitar-se á prova exigida. Em Braga, Guimarães e Chaves era isso extremamente frequente.

Nos exames de sangria, as coisas passavam-se d'um modo mais espantoso ainda.

Ouçamos ainda o historiador contemporaneo: «O primeiro encargo que se impunha ao candidato era comprar vara e meia de fita larga de setim lavrado, da mais lisa que pudesse encontrar, para a apresentar na occasião em que os examinadores, depois de terem feito algumas perguntas sobre as generalidades da sangria, mandassem ao meirinho do juizo despir a casaca, afim de o examinando mostrar no robusto braço as salientes veias em que se costumava sangrar.

«O candidato desenrolava logo o magico talisman; os examinadores admiravam as matizadas côres, e o presidente, limpando os oculos, mudava o ar severo em meiga docilidade; ponderava aos examinadores que o senhor examinando, *pelo que mostrava,* era muito entendido na materia, e por isso o dispensava da prova pratica, que era pena amarrotar uma tão

linda fita, costumada propina da sua creada Rosa: tocava immediatamente a campainha, a dama apparecia, e o cavalheiro, com uma airosa cortezia, lhe entregava a votada offerenda que ella recebia fazendo uma reverente mezura. O meirinho vestia a casaca e o acto (da farça) se concluia, ficando o alumno approvado *nemine discrepante*».

E estas coisas passavam-se tão naturalmente, de tal sorte se havia o espirito publico habituado a ellas, que pessoa alguma, no dizer do critico referido, ousava extranhar prejuizos tão consideraveis.

Assim corriam os destinos da cirurgia, uma parte artificialmente destacada do conjuncto das sciencias medicas, mal estudada e mal comprehendida. As proprias leis não percebiam que a intelligencia dos cirurgiões fosse capaz de attingir um certo numero de problemas: *attenda-se sempre aos poucos conhecimentos que os cirurgiões podem ter!*

Passava-se isto no continente. No Brazil, a chegada de D. João VI introduzira grandes progressos na instrucção. Iam com elle grande numero dos nossos melhores cirurgiões; alguns que tinham sido professores como Picanço, outros que se haviam distinguido estudando no estrangeiro como Alves Barreto. O que seria a instrucção cirurgica além do Atlantico facil será calculal-o pelo que era na metropole. Devia o seu estado impressionar quem, durante largos annos, como João Corrêa Picanço, se devotára ao ensino cirurgico. Transportado agora ao seu paiz natal, impulsional-o-iam desejos de concorrer para o seu engrandecimento, n'um ramo de conhecimentos em que o atrazo era manifesto. Exercendo sobre o animo de D. João VI influencia profunda, que aliás quasi todos os seus medicos parecia exercerem, aproveitou-a em beneficio dos estudos cirurgicos no Brazil.

Em 18 de fevereiro de 1808 creava-se no Hospital Real da Bahia uma escóla de cirurgia, onde se professava igualmente a anatomia, entregando-se a Picanço a nomeação dos professores que a deveriam constituir. Escolheu elle para lente de anatomia o cirurgião José Soares de Castro, de quem adiante nos occuparemos, e para professor de cirurgia Manuel José Es-

trella [1]. Nenhuma outra noticia d'este curso chegou ao nosso conhecimento. Facil é vêr quão acanhada era a recente creação, mas com o tempo a modesta escóla transformar-se-ia na florescente Faculdade de medicina da Bahia.

Pouco depois era creada a Escóla Anatomica, Cirurgica e Medica do Rio de Janeiro, erigida por decreto de 5 de novembro de 1808 no Hospital Real Militar e da Marinha, e destinada particularmente para instrucção dos cirurgiões que ignoravam a anatomia, a physiologia e a medicina pratica, e para ensino dos alumnos que se destinavam á cirurgia militar e nautica.

Na mesma data era nomeado professor de anatomia Joaquim José Marques, cirurgião-mór do reino de Angola, seguindo-se José de Lemos Magalhães, para ensinar therapeutica cirurgica e particular. Instituia-se depois a cadeira de medicina operatoria e de arte obstetricia, e em 12 de abril de 1809 era nomeado lente de medicina, chimica, elementos de materia medica e pharmacia o dr. José Maria Bomtempo, de quem em logar opportuno nos occuparemos [2].

O dr. Vicente Navarro d'Andrade, irmão de outros Navarros, João e Joaquim, que deram grande lustre ao ensino universitario, havia sido encarregado em 1804 de ir a Paris instruir-se nos estudos praticos proprios da sua profissão. Quando se esperava que entrasse para a Universidade, embarcou para o Brazil, e em 1811 apresentou ao soberano um plano para a organisação d'uma escóla medico-cirurgica.

Projectava elle que o curso medico fosse completado em cinco annos, distribuindo-se por elles as disciplinas do modo seguinte:

1.º anno — Anatomia e physiologia.

2.º anno — Pathologia geral, therapeutica, semeiotica e hygiene.

---

[1] Dr. Moreira d'Azevedo, *A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, citado por José Silvestre Ribeiro, *Historia dos estudos litterarios e scientificos*, IV, pag. 292.

[2] Moreira d'Azevedo, op. cit. por Silvestre Ribeiro, IV, pag. 394.

3.º anno — Explicação dos systemas de historia natural, botanica medica, materia medica e pharmacia.

4.º anno — Pathologia medica especial.

5.º anno — Clinica, medicina legal e historia da medicina.

Além d'estas aulas especiaes, deviam os estudantes medicos frequentar, como ouvintes: no 3.º anno, operações cirurgicas, arte obstetricia e clinica interna; no 4.º anno, pathologia especial cirurgica e clinica interna, e no 5.º, clinica externa.

O curso cirurgico era organisado pelo modo seguinte: os tres primeiros annos eram communs ao curso medico; d'ahi em diante differiam os estudos. No 4.º anno, os alumnos frequentavam a cadeira de pathologia especial cirurgica, operações cirurgicas e arte obstetricia; no 5.º, a de clinica cirurgica.

Os estudantes de cirurgia tinham de assistir como ouvintes: no 1.º anno, ás aulas de physica; no 2.º, á de chimica; no 3.º e 4.º, ás de pathologia interna especial e de clinica externa; e no 5.º anno, á de clinica interna.

Para a primeira matricula no curso medico apresentariam os estudantes: 1.º, certidão de que haviam sido approvados em latim e em philosophia racional e moral; 2.º, certidão de haverem sido approvados em geometria, elementos de algebra e physica pelos professores da Academia Militar, onde estas disciplinas seriam frequentadas. No 3.º anno medico, seriam igualmente obrigados a apresentar certidão de exame de chimica, na mesma Academia Militar.

Para a primeira matricula no curso cirurgico, teriam os alumnos que juntar certidão de approvação em latim e philosophia racional e moral. Nos restantes annos do curso, tinham que produzir certidão da frequencia das disciplinas a que eram obrigados a assistir.

Não logrou este plano obter a approvação do monarcha, que lhe preferiu outro que lhe fôra offerecido por Manuel Luiz Alvares de Carvalho, medico honorario da real camara e director dos Estudos de Medicina e Cirurgia no Estado do Brazil.

Limitava-se a reforma aos estudos cirurgicos e facilitava-

se a matricula dos alumnos, exigindo-se-lhes apenas que soubessem lêr e escrever no 1.º anno, tivessem exame da lingua franceza no 2.º anno, e da lingua ingleza no 3.º

No 1.º anno estudava-se a anatomia em geral, a chimica pharmaceutica e obtinha-se «o conhecimento dos generos necessarios á materia medica e cirurgica sem applicação», o que seria repetido nos annos seguintes. Os alumnos, n'este primeiro anno, assistiam ao curativo nas enfermarias e ás lições de anatomia.

No 2.º anno repetia-se este estudo com a explicação das entranhas e das mais partes necessarias á vida humana; era isto apenas o que da physiologia se reclamava. Se o alumno, por occasião da matricula, já sabia latim ou geometria, era dispensado da frequencia do 1.º anno.

No terceiro anno, frequentava-se n'uma só aula a hygiene, a etiologia, a pathologia e a therapeutica. D'este anno em diante, não haveria feriados nas enfermarias, mas apenas nas aulas, se não occorresse operação de importancia a que todos os estudantes devessem assistir.

No quarto anno estudavam-se as instituições cirurgicas e as operações de manhã, e de tarde a pratica da arte obstetricia.

No quinto anno tinham os estudantes de cursar a pratica de medicina de manhã, repetindo de tarde as lições do quarto anno.

Obtida a approvação n'estas disciplinas, podiam os alumnos tirar carta de *approvados em cirurgia;* se de novo frequentassem o quarto e quinto annos e fizessem os exames com distincção, teriam a graduação de *formados em cirurgia.*

A estes cirurgiões formados davam-se as seguintes prerogativas: «1.º Preferirão em todos os partidos aos que não têm esta condecoração; 2.º Poderão, por virtude das suas cartas, curar todas as enfermidades aonde não houver medicos; 3.º Serão desde logo membros do collegio cirurgico e oppositores ás cadeiras d'estas escólas, e das que se hão de estabelecer nas cidades da Bahia e Maranhão e em Portugal; 4.º Poderão todos aquelles que se enriquecerem de principios e pratica, a

ponto de fazerem os exames, que aos medicos se determinam, chegar a ter a formatura e o grau de doutor em medicina» [1].

Este novo curso cirurgico, creado por decreto de 1 de abril de 1813, teve que luctar desde o principio com a opposição que lhe fizeram Picanço e outros cirurgiões portuguezes, seus apaniguados. Nomeado Manuel Luiz Alvares de Carvalho director dos estudos medicos e cirurgicos da côrte e estado do Brazil, com honras de physico-mór do reino, conselheiro e medico da real camara, José Corrêa Picanço sentiu-se ferido no seu orgulho e nos seus interesses. Debalde Carvalho lhe offereceu o logar de chanceller da Escóla; Picanço não transigiu; embaraçou por todos os modos o novo estabelecimento, e não permittiu que funccionassem as aulas do quarto e quinto annos, estorvando a concessão de diplomas de habilitação que elle passava na sua qualidade de cirurgião-mór do reino.

Apesar d'esta opposição, a escóla conseguiu resistir e a nomeação de Vicente Navarro d'Andrade para a cadeira de hygiene pathologica em 1813, a de Manuel Alvares da Costa Barreto para a de operações e arte obstetricia no mesmo anno, além de outras, demonstram sufficientemente que, quaesquer que fossem os embaraços do principio, a nova escóla progrediu e affirmou-se.

Taes foram os primeiros passos, vacillantes e incertos, do ensino cirurgico do Brazil. Como querer, porém, que elle alli se apresentasse triumphante quando na metropole encontrava ao seu desenvolvimento os obstaculos que acabamos de apontar-lhe?

---

[1] José Feliciano de Castilho, *Memoria sobre a repartição medico-militar portugueza* no *Jornal de Coimbra*, n.º XXIX, parte II, pag. 286 e seg.

CAPITULO III

Exame das doutrinas reinantes na medicina portugueza em seguida á reforma universitaria: Anatomia; Physiologia; Pathologia cirurgica e Medicina operatoria; Obstetricia; Pathologia medica; Therapeutica; Hygiene; Medicina legal.

Ao apreciarmos a reforma universitaria dissemos das doutrinas que se foram succedendo no ensino. A medicina portugueza reflecte o mesmo movimento, nem outra coisa poderia ser, visto que a influencia d'aquelle estabelecimento era dominadora. Boerhaave abandonado por Cullen, Cullen cedendo o logar a Brown, este renegado perante Broussais, tal é a curva descripta. Bichat, fóra da Universidade, era quasi desconhecido.

Dito isto, está dito tudo. A medicina tende a desnacionalisar-se, e na crescente sufficiencia que os nossos medicos vão adquirindo esbatem-se os traços individuaes, e poucos medicos se affirmam por meritos excepcionaes. Qualquer que fosse a valia dos professores da Universidade, e alguns foram distinctissimos, força é confessar que raros apresentavam uma physionomia original, e no movimento de renovação que se operava e a cada momento crescia, não era pouco que tentassem e conseguissem encurtar a distancia que nos separava dos paizes em que as sciencias medicas mais floresciam. Se o seu ensino reflectia o estado contemporaneo dos conhecimentos medicos, já não era pequeno o serviço prestado. A grande im-

portancia dos esforços feitos pelo professorado universitario affirma-se pela elevação do nivel geral do exercicio profissional. Ensinavam, pouco produziam de original. De alguns, dos mais distinctos talvez, nenhum documento nos resta dos seus talentos e aptidões; apenas as saudosas recordações dos seus discipulos attestam a sua passagem sobre a terra.

O mesmo se póde dizer da obra de Manuel Constancio em Lisboa. O que hoje nos falla dos seus meritos não é o valor da sua *Postilha* que Balbi deplorava se não houvesse publicado, mas não foi destruída pelo tempo, como vimos. Falla-nos d'elle Picanço, ensinando em Coimbra a anatomia, como nunca até ahi fôra ensinada, os cirurgiões seus discipulos aventurando-se á execução de operações até então nunca praticadas, substituindo-o no ensino em Lisboa, e creando successores para o virem inaugurar no Porto. E d'esses discipulos que resta a mais da noticia de alguns dos seus triumphos operatorios? Publicações em que registrassem o seu fundo de experiencia, uma só existe, a obra de Antonio d'Almeida, certamente o mais illustre cirurgião portuguez, e um dos primeiros do seu tempo.

Por isso, parecerá fatigante a exposição dos trabalhos produzidos, como nol-o foi a nós o seu estudo. Procuraremos furtar-nos a esse escolho, aligeirando a menção que d'elles fizermos, supprimindo até a dos menos valiosos, sem deixarmos de salientar o que de mais importante encontrarmos. Melhor é, porém, que o façamos nos differentes paragraphos em que este estudo se divide.

ANATOMIA

Ao encerrarmos o periodo anterior, deixamos Manuel Constancio occupando a cadeira de anatomia em Lisboa. Agora, que a experiencia lhe tem augmentado o cabedal de conhecimentos, o seu ensino attinge o maximo brilho. Os alumnos affeiçoam-se ao mestre, cujo trabalho e cuja dedicação é inegualavel, e procuram imital-o com devoção. Os progressos da idade não lhe diminuem a veneração dos discipulos. Alguns, como Francisco José de Paula, offerecem-lhe os seus

livros e na dedicatoria envolvem o seu muito respeito *pela obrigação de discipulo;* outros lembram com saudade o tempo em que lhe ouviam as lições, ininterruptamente professadas durante quarenta e um annos.

Rude foi a tarefa. A cubiça do cirurgião-mór do reino levava-o a liberalisar as cartas de cirurgia, o que naturalmente devia afugentar discipulos d'um curso bastante laborioso como era o de Lisboa. Constancio procurava attrahir discipulos, dispensava-lhes livros e recursos, interessava-se pelos seus progressos e adiantamentos, e só assim pôde triumphar das difficuldades creadas ao desenvolvimento da instrucção cirurgica.

Quando se afastou do professorado, a consagração do seu nome era completa. Os mais illustres cirurgiões portuguezes eram seus discipulos, e, comquanto muitos d'elles tivessem ido aperfeiçoar-se em paizes estranhos, relembravam sempre o que deviam ao mestre.

No ensino da anatomia em Lisboa substituiu-o um homem de quem raras noticias nos foram conservadas, Manuel José Teixeira. O snr. Alfredo Luiz Lopes menciona as datas das nomeações successivas que sobre elle incidiram. Era ajudante das enfermarias desde 1792 e obteve a carta de cirurgião em 1803. Em 1806 passou a lente de anatomia e em 1810 a professor de operações, exercendo então simultaneamente os dois logares. Foi aposentado em 1823 e falleceu em 2 de janeiro de 1826 [1].

Mas, se poucas noticias pessoaes nos são conhecidas, alguma coisa se sabe do seu ensino. Uma testemunha contemporanea considera-o um dos primeiros cirurgiões de Lisboa e affirma que acompanhava os muitos talentos e instrucção de que gozava com um bellissimo methodo de ensinar. Terminava affirmando que era o curso de anatomia em Lisboa muito completo e rigoroso, sendo todos os estudantes obrigados a demonstrar as lições theorica e praticamente.

---

[1] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 53.

No seu tempo, o theatro anatomico, certamente acanhado, passára por notavel transformação, o que sobretudo fôra devido ao enfermeiro-mór D. Antonio da Camara. Era elle constituido por uma espaçosa sala, a meio da qual existia uma mesa de demonstrações construida de tal sorte que se podia voltar para todos os pontos, elevar-se e abaixar-se sobre as extremidades ou sobre os lados, «invenção tão nova que alguns estrangeiros que a têm examinado dizem não ter visto outra tão bem e idoneamente construida». Luz ampla era dada ao amphitheatro por janellas e uma claraboia. Além d'esta grande sala, havia um quarto para dissecções particulares, com um fogão para as preparações anatomicas e outro aposento com armarios, dentro dos quaes estavam guardadas as caixas dos ferros, que serviam para as operações cirurgicas. Tudo isto, junto a uma grande abundancia de cadaveres, e ao infatigavel zelo do lente d'este curso, concorria para que em tudo fosse completo [1].

No seu tempo se praticaram as primeiras injecções de lymphaticos que entre nós se fizeram. Cedamos a palavra a quem soubera o facto do discipulo de Constancio A. J. Farto, que veio a ser director da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa:

«Um dos pensionarios mandados a Edimburgo, Clemente dos Santos Monteiro, a preço de perseverança e insinuantes maneiras, pôde conseguir se dispensasse alguma vez com elle no rigor com que o dr. Alexandre Monro, lente de anatomia em a Universidade da predita capital, e Mr. Fyffe, ajudante do mesmo, vedavam o presenciar os seus trabalhos de injecções de vasos; administração anatomica esta, já descripta sim em differentes obras, mas que, para bem e promptamente se alcançar, havia de mister, como tudo que é pratico, ser vista. Regressando a Lisboa, travou Monteiro amizade com o habilissimo anatomico, e excellente cirurgião, Manuel José Henri-

[1] *Do estado em que se acha a cirurgia portugueza, tão perfeito como o das outras nações*, no *Jornal de Bellas Artes ou Mnemosine Lusitana*, I, pag. 298.

ques Teixeira, então porteiro das aulas, e encarregado pelo nosso Constancio da direcção dos trabalhos anatomicos (nem sempre a inveja consegue privar a humanidade da boa e jucunda convivencia dos irmãos) e começaram ambos debaixo de certo recondito a ensaiar-se em exercicios de injecções, ministrando-lhes alguns estudantes dos mais benemeritos, entre os quaes se contou o meu respeitavel e prezado mestre, o snr. Antonio Joaquim Farto, actual cirurgião-mór do reino, e director da Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa. Depois de longo e assiduo trabalho conseguiram desempenhar o que ainda hoje se póde dizer primor da arte n'aquelle genero — injecções de mercurio nos lymphaticos das extremidades, acompanhadas pelas de substancias de côres differentes nas arterias, até ás capillares e veias concominantes; injecção dos lymphaticos externos e internos de todo um hemispherio, descarregando-a o ducto terminal na subclavia respectiva, etc., etc. Um d'estes injectos, peça valiosa e bella, é por fim exposto na aula. Eil-o chega, o illustre Constancio, respirando aquella gravidade melancholica, que fez sempre o fundamento do seu genio, e já agora em maior relevo pelo respeito das cans: divisa a preparação, aproxima-se, observa, examina com mais e mais attenção, descobre uma e outra, e outra, e mil difficuldades vencidas, admira, exulta, e lagrimas de prazer inundam as faces do venerando ancião; volta-se para os dignos anatomicos, seus discipulos, enche-os de elogios, de bençãos, e até de agradecimentos » [1].

Se o ensino anatomico de Lisboa era brilhante, em Coimbra ainda se reflectia, logo em seguida á reforma, o seu esplendor. Já, nos ultimos tempos que a precederam, havia sido preciso doutorar um discipulo de Monravá e Roca, o dr. José dos Santos Gato, para que houvesse professor idoneo de anatomia na Universidade. Antes pensára-se em fazer o mesmo a outro

---

[1] *Oração pronunciada na sessão solemne da abertura da escóla medico-cirurgica do Porto em 5 de outubro de 1848,* por Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval. Porto, na typographia de Faria Guimarães, 1848.

discipulo do mesmo professor, o cirurgião Caetano Alberto [1]. Não tendo correspondido á espectativa o primeiro lente de anatomia, nomeado posteriormente á reforma, o italiano Luiz Cichi, foi substituido desde 1779 por José Corrêa Picanço, que fôra nomeado demonstrador de anatomia em 3 de outubro de 1772. Picanço era brazileiro, nascera no Recife de Pernambuco, a 10 de novembro de 1745. Filho da escóla cirurgica de Lisboa e discipulo de Manuel Constancio [2], Picanço foi completar a sua educação em Paris, em 1767, onde ouviu Sabatier, Morand e outros. No regresso occupou, como acima fica dito, o logar de demonstrador de anatomia e mais tarde, á 16 de fevereiro de 1779, era graduado e incorporado na faculdade de medicina. Por onze annos regeu a cadeira de anatomia, jubilando-se em 28 de junho de 1790. Devia ser ainda homem vigoroso ao abandonar o ensino aos quarenta e cinco annos. Nomeado cirurgião-mór do reino e primeiro cirurgião da real camara, a sua influencia junto do soberano vai sempre crescendo e póde dizer-se que não passa um anno sem que uma nova mercê deixe de vir accentuar o seu valimento. Embarcou em 1807 com a familia real portugueza para o Brazil, e não mais regressou ao reino. Já vimos que actuou poderosamente no animo do monarcha para a creação das escólas cirurgicas da Bahia e Rio de Janeiro. Era então cavalleiro professo e commendador da ordem de Christo, cavalleiro e commendador honorario da Torre e Espada, fidalgo da casa real e do conselho do principe regente. A estes titulos vinha juntar-se dentro em pouco o de 1.º barão de Goiana, reunindo em si honrarias que raras vezes terão incidido sobre um cirurgião portuguez. Affirma Innocencio que a sua morte se deve ter dado em 1825 a 1826; o snr. Mirabeau marca-a em

---

[1] Leitão, *Cirurgia,* I, pag. 354.

[2] Affirmam-n'o Leitão, *Cirurgia,* I, pag. 360; Balbi, *Essai statistique,* II, appendix, pag. LXXI; Manuel Pereira Malheiro, *Memorias medico-cirurgicas,* tambem o dá como discipulo da escóla de Lisboa, sem nomear o mestre, comquanto deixe entrever o seu nome.

fins de 1824, data que averiguou pelas folhas dos ordenados [1].

São unanimes os testemunhos de que foi proficuo e notavel o ensino anatomico de Picanço. (Sá Mattos, Leitão, etc.). Succedeu-lhe um dos famosos irmãos Navarros, naturaes de Guimarães, cujos meritos são extraordinariamente encarecidos pelos contemporaneos. João de Campos Navarro doutorou-se em 20 de julho de 1788. Frequentava o ultimo anno de repetição, preciso para o doutorado, quando foi nomeado interinamente demonstrador de anatomia pela faculdade de medicina, sendo a nomeação confirmada pelo governo em 3 de abril de 1788. Em 6 de fevereiro de 1791 era promovido a lente cathedratico, e em 19 de outubro de 1801 concedia-se-lhe uma gratificação de 200$000 reis mensaes, que venceriam d'ahi em diante os professores de anatomia. Em 20 de junho de 1806 era elevado a 2.º lente com exercicio na primeira cadeira de pratica e em 29 de julho de 1812 a lente de prima. Em igual dia do anno immediato, era-lhe concedido accumular com o ordenado a gratificação de 200$000 reis que percebia como lente de anatomia, e mandava-se-lhe contar esta pensão desde que tomára conta da cadeira de pratica. « Nunca antes, nem depois, diz o snr. Mirabeau, houve outro lente de medicina que auferisse da Universidade tantos proventos ».

Quando teve logar a acclamação de D. João VI foi ao Rio de Janeiro felicitar o monarcha por incumbencia do conselho e lá se demorou desempenhando as funcções de medico do Paço. Renunciou em 1818 o cargo de director da Faculdade em seu irmão Joaquim Navarro, e de regresso ao reino obteve a jubilação em 15 de junho de 1822. Aos seus titulos accrescentára o de barão de Sande. A ser verdade o que Martins Bastos affirma, que morreu em 1858, devia ser mais de nonagenario á data do fallecimento [2].

---

[1] Mirabeau, op. cit.; Innocencio, op. cit.; José Soares da Silva, *Elementos de osteologia pratica,* dedicatoria.

[2] Mirabeau, op. cit., pag. 271.

Deixou Navarro boa reputação como medico e como operador; uma testemunha contemporanea affirma que os seus conhecimentos anatomicos e medico-cirurgicos eram superiores a todo o elogio [1]. Soares Franco, dedicando-lhe os seus *Elementos de anatomia,* chama-lhe profundo e versadissimo em todos os ramos das sciencias medicas, e ornado das mais relevantes qualidades e virtudes.

Ao deixar a cadeira de anatomia, substituia-o Francisco Soares Franco, natural de Loures e filho de Francisco Soares. Doutorado em 13 de fevereiro de 1797, foi em 4 de maio de 1800 nomeado demonstrador de anatomia, e em 20 de junho de 1806 lente d'esta cadeira. Regeu-a por espaço de dezesete annos, e com notavel brilho, sendo em 1813 nomeado cavalleiro da ordem de Christo, naturalmente pelos serviços prestados. Em 1821 era eleito deputado ás côrtes geraes e constituintes, voltando á camara em 1826. Em 1822, a 15 de junho, passava a exercer, como terceiro lente da Faculdade, o logar de seu director, mas logo no anno seguinte foi arbitrariamente jubilado com metade do ordenado e dispensado da directoria *por não convir que continuasse na Universidade.* A injustiça de que fôra alvo foi reparada em 13 de outubro de 1825, data em que obteve a jubilação de 3.º lente com o ordenado por inteiro.

Depois de jubilado, retirou-se para Lisboa, onde exerceu differentes commissões e recebeu numerosas mercês. Agraciado com o titulo de cavalleiro da ordem da Conceição e nomeado medico effectivo da real camara em 1835, no anno seguinte recebeu a carta de conselho e em 1840 era elevado a commendador da ordem de Christo.

Occupou os cargos de director do hospital regimental do Castello, de examinador de medicina na physicatura-mór do reino, de secretario do conselho geral de beneficencia e de vogal da commissão administrativa do asylo de mendicidade. Em 1837 era nomeado presidente do conselho de saude do exerci-

---

[1] *Investigador portuguez,* II, pag. 226.

to, com a graduação de tenente-coronel, e em 1841 promovido á de coronel. Quando em 1822 se constituiu a Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa foi Francisco Soares Franco o seu primeiro presidente; era igualmente socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Conservatorio Real da mesma cidade. Uma vida tão laboriosa extinguiu-se em 28 de fevereiro de 1844 [1].

Soares Franco affirmou-se brilhantemente como jornalista e como politico: a nós apenas nos cumpre avalial-o como professor. Ora, não ha duvida de que os seus serviços como tal foram reaes e os annos em que regeu a cadeira de anatomia na Universidade devem contar-se como d'aquelles em que o ensino anatomico mais floresceu. São prova d'isto as suas obras, a que já nos vamos referir.

Terminam as notas que podémos colher do ensino anatomico na Universidade, que a contar de Soares Franco foi decahindo.

As circumstancias materiaes em que se realisava o ensino merecem todavia menção. Desde a reforma, se preoccupou o marquez de Pombal com dotar a Universidade de um theatro anatomico e de o fornecer de cadaveres. Mas esta installação foi no começo acanhada; o espaço mal chegava, desde que os cursos fossem algum tanto numerosos. A falta de luz e de ventilação embaraçava o serviço e tornava o amphitheatro mau visinho do museu e do hospital contiguos. Cumpria, portanto, providenciar, e nas salas onde estivera o dispensario pharmaceutico, se estabeleceu ao diante o theatro anatomico. N'uma d'ellas, que recebe luz do norte e nascente, formou-se o amphitheatro, a meio do qual estava uma mesa para dissecções cadavericas, e, como sobrava ainda muito espaço, encostou-se a uma das paredes um grande armario de madeira do Brazil. Na outra collocou-se o deposito de agua,

---

[1] J. J. Vidigal Salgado, *Necrologia* no *Jornal dos facultativos militares* e no *Diario do Governo* de 4 de junho de 1844; Innocencio, op. cit.; Rodrigues de Gusmão, op. cit.; Mirabeau, op. cit.

armarios com gavetas e mesa para dissecções e exercicios operatorios. Ficou proxima a sala de anatomia, onde se collocaram livros, estampas e preparados necessarios para o ensino. Não se conhece noticia das peças e instrumentos que o gabinete possuiu na sua instituição, mas tinha instrumentos anatomicos e cirurgicos e uma boa collecção de estampas [1].

No Porto... mas aqui não havia precisamente ensino anatomico e foi preciso que viessem Vicente José de Carvalho e Bernardo Joaquim Pinto, por occasião da creação da Real Escóla de Cirurgia, para o inaugurarem.

É tempo agora de vêrmos até que altura haviam chegado os estudos anatomicos, aferindo-o pelos documentos que restam.

Já fallamos da *Postilha* de Manuel Constancio que em Lisboa constituia o texto das lições. Em Coimbra, o ensino fornecia-se, effectuada a reforma, pelo *Compendium anatomicum* de Lorenz Heister, discipulo de Ruysch e professor em Altdorf. Teve este livro grande voga no seu tempo, mas ao ser adoptado na Universidade força é confessar que já não traduzia o estado contemporaneo dos conhecimentos anatomicos. Nos fins do seculo passado, servia de texto um livro de Plenck [2] que, comquanto mais recente, lhe não levava grande vantagem, tão elementares são as noções que fornece.

Mais acertada escolha nos parece a *Anatomia* de Sabatier, que foi com certeza adoptada geralmente nas nossas escólas desde o principio do seculo, e de que se publicou anonyma uma traducção portugueza [3]. O livro do illustre cirurgião levava grande vantagem aos precedentes e resumia bem o estado da sciencia anatomica á data da publicação (1775). Livros

---

[1] Mirabeau, op. cit., pag. 81 e 82.

[2] Idem, pag. 152.

[3] *Tratado completo de anatomia ou descripção de todas as partes do corpo humano; escrito em francez por M. Sabatier e trasladado em vulgar.* Lisboa, na typographia Rollandiana, 4 volumes; os dois primeiros de 1801 e os seguintes de 1802.

l'estes, porém, rapidamente se atrazam e Soares Franco, ao)ublicar a sua *Anatomia* (1818), reputava-o muito insufficiente)ara o estado actual, além de que a traducção lhe não pare- :ia muito fiel.

Nos tratados de cirurgia em voga forneciam-se conhecimen- os anatomicos, mas sempre muito resumidos e insufficientes, : os unicos trabalhos de verdadeiro merito que entre nós se)ublicaram n'esta época devem-se a Francisco Soares Franco.

Dois são elles: a *Memoria sobre a identidade do systema nuscular* e os *Elementos de anatomia.*

O primeiro d'estes trabalhos dá clara demonstração de |ue as doutrinas de Bichat sobre anatomia geral eram versa- las perfeitamente pelo professor de Coimbra. Mas não é o seu ivro uma simples exposição da doutrina do medico francez; nuito pelo contrario as differenças de fórma e estructura, que :lle tomou para base da distincção dos musculos, não pare- :em a Soares Franco justificar esta divisão [1].

Os *Elementos de anatomia,* que dentro em pouco seguiam . publicação precedente, são um excellente resumo dos co- ıhecimentos anatomicos da época. Soares Franco expõe suc- inta e claramente as noções de anatomia dos tecidos, con- oante o ensino de Bichat. Conhece os trabalhos mais recentes le Serres, de Blumenbach, de Havers, de Cloquet, de Bèclard, : de tantos outros.

As differentes partes do seu livro acham-se conveniente- nente distribuidas de modo que elle constitue um tratado ele- nentar de anatomia facilmente apprehensivel durante o anno ectivo. Na myologia, acha racional a nomenclatura de Chaus- ıer, embora não a adopte. No estudo dos centros nervosos, a nostrar bem o empenho de que o livro retrate o estado da ciencia contemporanea, expõe as doutrinas de Gall, de Spur- heim e de Tiedmann e emitte a opinião pessoal de que n'esta

[1] *Memoria sobre a identidade do systema muscular na economia animal* |a *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias,* tom. v, parte I. .isboa, na typographia da mesma academia, 1817.

doutrina ha muito de exaggerado, duvidoso e até falso, mas «o seu fundo parece verdadeiro e merece toda a contemplação e exame da parte dos homens instruidos» [1].

Foi este livro excellentemente acolhido, e por elle se effectuou a educação anatomica dos nossos medicos, não só em Coimbra, mas em Lisboa e Porto. E real serviço foi este prestado á instrucção, visto que não seria facil escolher no estrangeiro livro que melhor fosse adaptado ao fim a que se destinava, além de que, escripto em portuguez, fixava a terminologia, acabando com barbarismos que a cada passo se encontram nos livros contemporaneos.

Referimo-nos em occasião opportuna á creação das escólas cirurgicas do Brazil. Podemos dizer alguma coisa do ensino anatomico d'uma d'ellas. Contamos que para a escóla cirurgica da Bahia fôra nomeado professor José Soares de Castro, cavalleiro professo da ordem de Christo, cirurgião do Real Hospital Militar e cirurgião-mór dos exercitos na cidade e capitania da Bahia. Soares de Castro foi publicando em successivos fasciculos um tratado de anatomia, de que apenas conseguimos vêr uma parte. A ajuizar por ella, não eram profundos os conhecimentos anatomicos do cirurgião bahiano. Os seus *Elementos de osteologia* são extrahidos de Boyer, de Sabatier e de um anonymo que com toda a probabilidade era Manuel Constancio [2].

PHYSIOLOGIA

A physiologia, tal como hoje a comprehendemos, é de introducção recente entre nós. O que n'este periodo se ensina-

---

[1] *Elementos de anatomia*, 2 tomos. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 1818 — 2.ª edição. Lisboa, na Impressão Régia, 1825.

[2] *Elementos de osteologia pratica, offerecidos ao senhor doutor José Correia Picanço*... Bahia, anno MDCCCXII, na typographia de Manuel Antonio da Silva Serva.

Os titulos das restantes partes d'esta obra podem vêr-se em Innocencio, op. cit., XII, pag. 220.

va nas nossas escólas como tal, não tinha a experiencia a demonstral-o: sobre algumas das conquistas mais recentes bordavam-se especulações mais ou menos brilhantes e era tudo. Deve notar-se que, ainda que assim não fosse, nenhum trabalho original de valor haveria que registar.

A physiologia era estudada sobre o livro de Haller, cuja doutrina da irritabilidade marcava progresso real na confusão dos systemas que haviam luctado entre si durante o seculo XVIII. Substituia-o outro de Cullen, cujas doutrinas se ligam ás de Hoffmann pela importancia que dá ao systema nervoso e ás de Haller pelo enthusiasmo com que defende a irritabilidade. Os *Elementos de physiologia* de Cullen eram traduzidos por um discipulo de Manuel Constancio, Francisco José de Paula, natural de Lisboa, que depois de ter cursado as aulas do curso cirurgico do Hospital de S. José foi aperfeiçoar-se em seus estudos em Edimburgo. De volta, seguiu a carreira medico-militar e como tal foi primeiro cirurgião do hospital militar da côrte, membro da junta de saude militar, etc. Suppõe Innocencio que fallecesse pouco depois de 1820 [1].

D'entre os medicos portuguezes d'este periodo, tem uma certa importancia, sobretudo como vulgarisador dos trabalhos estranhos, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, nascido em Castello Branco a 23 de dezembro de 1752, de Antonio Ribeiro de Paiva, de Penamacôr, irmão do celebre Ribeiro Sanches, e de Izabel Ayres Henriques.

Estudou a medicina em Coimbra como porcionista, pouco tempo depois da reforma universitaria, quando a cathedra era occupada por Antonio José Pereira e Francisco Tavares. Exerceu as funcções de demonstrador no laboratorio chimico da Universidade e já em 1785 clinicava em Almada, tendo igualmente estado no Brazil por esta época. Durante o seu curso organisára em Cellas, de companhia com alguns amigos, uma

[1] *Elementos de physiologia do dr. Guilherme Cullen... traduzidos em portuguez pelo doutor Bosquillon... e em vulgar por Francisco José de Paula.* Lisboa, na typographia Nunesiana, MDCCXC.

especie de aggremiação scientifica, em que eram estudados e discutidos os problemas que mais interessavam aos estudos que cursavam. Para os seus companheiros, compôz em latim uns *Elementos de chimica* que outro collega traduziu em portuguez. Foi tambem um dos membros mais activos da Sociedade de Historia Natural do Rio de Janeiro, instituida sob os auspicios do conde de Lavradio, vice-rei do Brazil, no reinado de D. José.

Clinicando em Lisboa e entregue por completo á traducção e vulgarisação de todas as obras de algum valor que se publicavam no estrangeiro, alcançou grande numero de distincções e foi por vezes encarregado de commissões importantes. Era fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo, medico da real camara, deputado da real junta do Proto-medicato, censor regio da Mesa do Desembargo do Paço, e membro de varias sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras. Chegou até a ser considerado como professor da Faculdade de philosophia, com exercicio na cadeira de pharmacia em Lisboa. Succedeu, porém, que, mostrando-se affeiçoado ao governo francez durante à invasão de Junot, foi depois perseguido, preso, e por sentença do Juizo da Inconfidencia de 24 de março de 1809 demittido de todos os cargos que exercia e condemnado a degredo para o ultramar.

Elle proprio, referindo-se a este acontecimento, diz na dedicatoria *á nação portugueza* da traducção do *Manual de medicina e cirurgia pratica* de Weikard: «Mas quando a ponto de dar mostras de animo agradecido, suffocaram meus ardentes desejos, e suspenderam os effeitos da minha vontade as adversidades notorias a vós todos, as quaes inopinadamente me encarceraram e me arrancaram do seio da minha consternada familia, arremessando-me para longe d'ella.»

Esta catastrophe levou-o á Bahia, onde terminou a sua vida em 10 de março de 1829, tendo sido onze annos antes reintegrado nas funcções dos cargos de que fôra desapossado. Fôra mesmo em 1824 nomeado professor de pharmacia, materia medica e therapeutica do collegio medico-cirurgico da Bahia.

D'entre os numerosissimos livros que M. Henriques de Paiva escreveu ou traduziu, importa dizer que foi um dos vulgarisadores das obras de Plenck e que nas *Instituições de cirurgia theorica e pratica* se comprehende a physiologia do illustre cirurgião de Vienna. Plenck segue a mesma orientação de Cullen, e é nos trabalhos de ambos que Paiva colhe os elementos para o seu *Bosquejo de physiologia* [1].

Por ultimo, a notavel memoria de Bichat, *Indagações physiologicas sobre a vida e a morte,* em que as novas doutrinas do grande medico francez, baseadas sobre as propriedades elementares dos tecidos, começavam a ser expostas, era tambem traduzida por Joaquim da Rocha Mazarem [2].

Joaquim da Rocha Mazarem nasceu em Chaves a 12 de dezembro de 1775. Entregando-se desde muito novo ao estudo da cirurgia, obtinha a sua carta, passada pela Junta do Protomedicato, em 27 de outubro de 1806 e logo n'esse anno era nomeado cirurgião do Hospital Militar da Estrella, sendo encarregado da conservação do gabinete anatomico que ahi se estabeleceu.

Em setembro de 1807, acompanhava a familia real portugueza ao Brazil a bordo do navio *Principe Real.* Residiu durante quatorze annos no Rio de Janeiro, sendo encarregado, por decreto de 13 de outubro de 1808, da regencia da cadeira de medicina operatoria e arte obstetricia no Hospital Real do Exercito e Armada, e mais tarde, por outro de 3 de setembro de 1813, da cadeira de physiologia. Os serviços que prestou

---

[1] *Instituições de cirurgia theorica e pratica que comprehendem a fysiologia, e a pathologia geral e particular, extrahidas do Compendio das Instituições cirurgicas, dos Elementos de cirurgia e de outras obras do Doutor José Jacob Plenck.* Lisboa, na officina de Filippe da Silva e Azevedo, anno MDCCLXXXVI. 2 tomos. — Segunda impressão, Lisboa, na officina de Antonio Rodrigues Galhardo. Anno MDCCCIV. 2 tomos.

Bosquejo de physiologia, ou sciencia dos phenomenos do corpo humano no estado de saude. Lisboa, 1803.

[2] *Indagações physiologicas sobre a vida e a morte por Xavier Bichat.* Primeira parte, Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1812. — Segunda parte, mesma typographia e anno.

mereceram-lhe a nomeação de inspector da Instituição vaccinica e de cirurgião-mór da armada. Regressando a Portugal em 1822, foi a 23 de setembro nomeado lente de obstetricia no hospital de S. José. Quando, em 1825, se creou a Real Escóla de Cirurgia de Lisboa, para ella passava na mesma qualidade, regendo esta cadeira até á sua morte.

Em 1826 era nomeado cirurgião do hospital de S. José, em 1848 membro da commissão medica do mesmo hospital. Ao fallecer, em 21 de abril de 1849, era commendador da ordem de Christo e socio de varias academias nacionaes e estrangeiras [1].

A isto se limita o que pudémos averiguar sobre o estado da physiologia entre nós. Não queremos, porém, terminar sem lembrar o nome d'um homem que, se não deixou vinculado o seu nome a trabalhos originaes de valia, se tornou notabilissimo no ensino universitario. Era Joaquim Navarro d'Andrade, irmão de João de Campos Navarro, de quem fallamos anteriormente. Encontram-se na *Memoria* do snr. Mirabeau apontamentos relativos á sua vida, quasi toda passada em Coimbra. Natural de Guimarães, doutorou-se em medicina em 1788. Desde logo começou a servir na Universidade como substituto extraordinario, e em 6 de fevereiro de 1791 foi despachado lente cathedratico com exercicio na cadeira de Instituições. A 19 de outubro de 1801, era igualado a 4.º lente com exercicio na cadeira de Aphorismos. Em 29 de julho de 1812 coube-lhe o logar de lente de Vespera, e a 11 de outubro de 1817 era igualado em honras e proventos a lente de Prima. Ao cabo de trinta e um annos de serviço era jubilado em 15 de junho de 1822. Ainda, segundo o snr. Mirabeau, viveu nove annos no descanço das lides academicas, e veio a fallecer em 18 de junho de 1831.

Ha aqui alguma inexactidão. Depois de jubilado, Joaquim de Campos Navarro não ficou retirado das lides acade-

---

[1] *Diario do Governo* de 25 de abril de 1849; Rodrigues de Gusmão, *Gazeta medica de Lisboa* de 1859; Alfredo Luiz Lopes, op. cit.

micas. Já antes se havia afastado do ensino universitario, sendo em 1817 nomeado director litterario da Academia Real da Marinha e Commercio do Porto, logar que pelo menos exerceu até 1824 [1].

Joaquim Navarro foi com certeza um dos mais distinctos professores da Universidade. Diz d'elle o snr. Mirabeau: «Considerado como theorico e eloquente, sobresae entre os principaes professores que se têm sentado nas cadeiras universitarias. Os contemporaneos distinguiram-n'o chamando-lhe por antonomasia *Lingua de Prata*. Pena é que de tão abalisado engenho pouco mais ficasse para lhe perpetuar a memoria do que a tradição que ainda hoje permanece viva na Universidade.»

A este auctorisado juizo, accrescentaremos a opinião que de Navarro formavam os contemporaneos. No *Investigador Portuguez*, de dezembro de 1811, era elle considerado «talvez o mais habil physiologista da Europa e um dos mais eruditos litteratos de Portugal». E quem isto escrevia tinha para termo de comparação os professores mais illustres da Inglaterra. Bem diz o snr. Mirabeau que pena é que d'elle pouco mais ficasse do que a memoria dos seus talentos [2].

PATHOLOGIA CIRURGICA — MEDICINA OPERATORIA

O grande movimento renovador da cirurgia que se deu por toda a parte no seculo XVIII, na França, na Inglaterra, na Italia e na Allemanha não podia deixar de ter repercussão no nosso paiz. É mister dizer-se todavia que a cirurgia portugueza, no fim do seculo passado e no principio do actual, descende em linha recta da cirurgia ingleza. Já vimos que alguns dos discipulos de Manuel Constancio tinham ido completar a

---

[1] *Jornal de Coimbra* n.º LX, parte II. Silvestre Ribeiro, op. cit., II, pag. 395 e 405 e seguintes.

[2] Joaquim Navarro d'Andrade publicou duas obras cujos titulos se encontram no *Dicc. Bibl.* de Innocencio.

*

sua educação a Londres e Edimburgo, e a elles se deve, e aos seus discipulos, o grande progresso que a cirurgia tomou entre nós.

O aprendizado da cirurgia, que entre nós se fazia por livros bastante distanciados do movimento contemporaneo, passa a fazer-se pelos mais acreditados tratados estrangeiros que foram vulgarisados na nossa lingua.

Tinhamos os *Principios de cirurgia* de Jorge Lafaye que um critico moderno, Boyer, capitula como uma introducção util aos alumnos, comquanto pouco desenvolvida [1]; os *Elementos de cirurgia* de João José Sue, ou Sue o moço, livro resumido mas claro [2]; o *Tratado das doenças cirurgicas e das operações que lhes convem* de Chopart e Desault, os dois grandes cirurgiões francezes [3]; e quasi toda a obra do eminente discipulo de Monro, Benjamin Bell [4]. Além d'estes, eram vulgares entre os

---

[1] *Principios de cirurgia; por Mr. Jorge de La Faye. Nova edição, traduzida por Silvestre José de Carvalho.* Lisboa, na off. de Simão Thaddeo Ferreira, anno MDCCLXXXVI. 2 tomos.

[2] *Elementos de cirurgia, compostos em francez pelo Doutor Sue o moço... traduzidos por Manuel da Cunha.* Lisboa, na Typographia Nunesiana. Anno 1790. 2 tomos.

[3] *Tratado das doenças cirurgicas e das operações que lhes convêm por Chopart e Desault, traduzido em portuguez pelo traductor do Tratado de anatomia de Sabatier.* Lisboa, na Typographia Rollandiana, 1803. 3 tomos.

[4] Das quatro obras de Benjamin Bell foram tres vertidas em portuguez.

1.ª *Tratado theorico e pratico das chagas por Benjamin Bell... traduzido em portuguez por Manuel Joaquim Henriques de Paiva.* Lisboa, na Off. Pat. de João Procopio Corrêa da Silva, 1802.

2.ª *Systema de cirurgia por Benjamin Bell, traduzido em vulgar por Francisco José de Paula e Manuel Alvares da Costa Barreto.*

Tom. I, parte I, na R. typ. de João Antonio da Silva, anno MDCCXCIV.

Tom. I, parte II, traduzido por Manuel Alvares da Costa Barreto. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, MDCCCI.

Tom. II, traduzido em vulgar. Lisboa, na nova officina de João Rodrigues Neves, MDCCCIV.

Tom. III, traduzido em vulgar por Francisco Solano Constancio. Lisboa, mesma typographia e anno.

Tom. IV e V, traduzidos em vulgar, Lisboa, mesma typographia, MDCCCVI.

cirurgiões os livros de Plenck, alguns dos quaes eram adoptados na Universidade como livros de texto [1].

Se da vulgarisação d'estes livros se collige que o nivel dos estudos cirurgicos se elevára notavelmente, a mesma conclusão se póde tirar do exame dos trabalhos que nos ficaram dos nossos cirurgiões.

Poucos foram os que abraçaram em trabalhos de conjuncto toda a cirurgia. Fizeram-n'o Manuel José Leitão, Antonio d'Almeida e Jacintho da Costa, embora não tivessem sempre o mesmo ponto de vista.

Pouco se sabe ácerca de Manuel José Leitão além dos titulos que accrescenta ao seu nome no *Tratado completo de anatomia e cirurgia*. Fôra nomeado facultativo da real camara, examinador de cirurgia pela Junta do Proto-Medicato e socio da Academia de Nossa Senhora da Esperança, de Madrid. Annos depois era cirurgião militar em Chaves. Persuadimo-nos de que estudára em Lisboa e fôra discipulo de Manuel Constancio.

Tom. VI, traduzido em vulgar. Lisboa, mesma typographia, MDCCCVII.

3.ª *Tratado das doenças venereas por Benjamin Bell, traduzido em vulgar com varias notas de D. Santiago Garcia...* Lisboa, MDCCCIV, na officina de Simão Thaddeo Ferreira. 2 tomos.

[1] *Novo systhema dos tumores no qual estas chagas se reduzem em seus generos e especies, por José Jacob Plenck, traduzido do latim por Antonio Rodrigues Portugal.* Porto, na officina de Antonio Alvares Ribeiro. Anno de 1786.

Methodo novo e facil de applicar o mercurio nas enfermidades venereas, com uma hypothese nova da acção do mesmo mercurio nas vias salivares, pelo dr. José Jacob Plenck, traduzido do latim, illustrado e accrescentado por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, na Officina Patriarchal, 1785.

Doutrina das enfermidades venereas, do dr. José Jacob Plenck, traduzida do latim em portuguez, illustrada e accrescentada com notas, e a relação dos principaes methodos de tratar as doenças venereas, recopilada das observações feitas e publicadas por ordem do ministerio da França, ácerca dos varios methodos de administrar o mercurio, por Mr. de Horne, e com as cautelas que se devem usar na administração do mercurio, pelo dr. Duncan, traduzidos do francez e do inglez por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, na officina de Filippe da Silva e Azevedo, 1786. — Ibi 1805.

Veja-se a nota a pag. 293.

Não valeria a pena perder tempo em indagações ácerca de Manuel José Leitão, visto que o seu *Tratado* não tem grande valor. O seu primeiro volume é uma historia succinta da cirurgia, em que o mais aproveitavel são as referencias — e essas realmente interessantes — que faz ao ensino d'esta parte da medicina entre nós. Igualmente resumida e incompleta é a parte consagrada á exposição da anatomia, que é um mau resumo de Winslow.

No que se refere a physiologia, menos é credor de elogio, e o que diz respeito ao arsenal pharmacologico empregado na cirurgia, é d'uma pobreza medonha. Na exposição das differentes doenças cirurgicas, nada se encontra de original, e os recursos operatorios de que lança mão estão em parallelo com a pobreza da therapeutica medica [1].

Muito diverso é o *Tratado completo de medicina operatoria* de Antonio d'Almeida, o maior cirurgião portuguez do seu tempo.

Não possuimos grande cópia de noticias biographicas a seu respeito, e não temos a pretenção de lhes accrescentar grande coisa. Affirma Innocencio que Antonio d'Almeida nasceu na provincia da Beira, sendo filho do dr. José Diogo e de sua mulher D. Anna de Almeida. Estudou a cirurgia em Lisboa no hospital de S. José, devendo ter-se matriculado em 1777, segundo se collige d'uma passagem d'um dos seus livros [2]. Em 1 de janeiro de 1780 era nomeado fiscal do banco; em 18 de novembro de 1785 cirurgião do banco, e em 14 de dezembro de 1788 promovido a cirurgião effectivo do hospital e lente de operações [3]. Em 1791, por diligencias de Manuel Constancio e mandado por D. Maria I, ia para Londres para se aperfeiçoar nos seus estudos, voltando pouco de-

---

[1] *Tratado completo de anatomia e cirurgia com um resumo da historia da anatomia e cirurgia, seus progressos e estado d'ella em Portugal.* Lisboa, na officina de Antonio Gomes, MDCCLXXXVIII. 4 tomos. Innocencio diz serem cinco tomos; apenas vimos quatro, com os quaes nos parece estar a obra completa.

[2] *Tratado da inflammação,* II, pag. 173.

[3] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 49.

pois a Portugal. Em 1810, suspeito de adhesão ao partido dos francezes, foi mandado sahir do reino por medida preventiva, e dirigiu-se novamente a Londres, onde se demorou quatro annos, e onde os seus meritos lhe grangearam a admissão como membro effectivo do Real Collegio dos Cirurgiões de Londres.

Regressando a Portugal em 1814, foi em 1817 acompanhar a archiduqueza Leopoldina á côrte do Rio de Janeiro. Regressando a Portugal, morreu no Campo Grande em 30 de julho de 1822 [1]. Posteriormente a 1800 havia sido nomeado cavalleiro da ordem de Christo e cirurgião da real camara.

Das differentes obras de Antonio d'Almeida [2], importa-nos examinar por agora o seu *Tratado de medicina operatoria*. Livro verdadeiramente notavel, podemos dizer que elle traduz os mais adiantados conhecimentos cirurgicos do seu tempo, ao mesmo tempo que na sua maior parte é fructo da experiencia pessoal do auctor. Nos primeiros capitulos, em que trata das operações em geral e das que se praticam nas feridas, Almeida aconselha o opio em seguida ás operações sangrentas, para promover a quietação e tranquillidade dos pacientes; procura reunir as feridas por primeira intenção; promove a hemostase

---

[1] Innocencio, op. cit.; Alfredo Luiz Lopes, op. cit.

[2] 1.º *Dissertação sobre o methodo mais simples e seguro de curar as feridas das armas de fogo*. Lisboa, na Régia Officina Typographica. Anno MDCCXCVII.

2.º *Tratado completo de medicina operatoria*. Lisboa, na Régia Officina Typographica, 1800. 4 tomos. — 2.ª edição correcta e accrescentada pelo auctor, 1825. 4 tomos.

3.º *Tratado da inflammação precedido da physiologia e pathologia necessarias para intelligencia da theoria d'esta molestia*. Londres, impresso por H. Bryer, Bridge Street, Blackfriars. 4 tomos; I, 1812; II e III, 1813; IV, 1814.

4.º *Memoria sobre o methodo de limpar e conservar limpa a cidade de Lisboa*, no *Investigador Portuguez em Londres*, VI, março de 1813.

5.º *Discurso sobre a arte de curar, recitado na abertura das aulas de cirurgia do Hospital de S. José, em o anno de 1815*. Lisboa, 1815.

Antonio d'Almeida ainda escreveu outras obras que por não serem de medicina não mencionamos. Vejam-se os titulos no *Dicc. Bibl.* de Innocencio.

por meio da applicação do torniquete de Petit, da compressão digital dos vasos e da laqueação; e pensa as feridas simples com fios seccos, reservando para as feridas contusas o uso do alcool e dos estypticos.

Nas feridas da cabeça, nota que ellas cicatrizam frequentes vezes por primeira intenção, mesmo quando o osso se acha a descoberto. Quando haja fractura, aconselha a trepanação que praticou por varias vezes, reconhecendo que era seguida de bons resultados quando havia retalho cutaneo para cobrir a solução de continuidade. Nas feridas do peito, procede quasi sempre á contra-abertura, mas não recorre a injecções, limitando-se a praticar largas incisões quando haja necessidade de dar sahida a liquidos purulentos. Refere-se n'esta parte a um caso da sua observação, em que um soldado com uma ferida penetrante do ventriculo direito viveu durante quatro dias, graças a um coagulo obturador que se havia formado. Nas feridas do ventre, não se arreceia de alargal-as, sempre que haja difficuldade em reduzir os intestinos que sutura. Viu que algumas vezes estas feridas eram seguidas de hemorrhagias e tetanismo, combatendo as primeiras com o uso da digital, e o segundo com ajudas narcoticas, e com a secção dos ultimos filetes nervosos da região. Rejeita em taes casos o ferro em braza, o almiscar e os antispasmodicos, mostrando-se reservado no juizo a formar da applicação do mercurio sobre o dorso. Nas hernias, procura a sua reducção pela taxis coberta, applica o gelo e não recua perante a taxis descoberta, que parece ter praticado. Casos ha em que recorre ao anus artificial. Nas hernias umbilicaes congenitas, aconselha a reducção e contenção, visto que ellas curam as mais das vezes espontaneamente. No capitulo em que estuda os prolapsos, contém o prolapso uterino por meio de pessarios; e nos casos de inversão do utero procura reduzir este orgão, excisando-o quando haja alguma parte atacada de gangrena, e mostrando-se contrario á extirpação total d'este orgão.

Ao tratar das falsas hernias, recommenda, no hydrocele, a puncção e injecção irritante, methodo que vira seguido de bons resultados em mais de duzentos casos. No varicocele e cirso-

cele, acompanhados de scirros do testiculo, procede á extirpação.

Na imperfuração do anus, recorre á dissecção da região para dar sahida ás fezes, e se ha grande espessura de partes molles faz o anus artificial; na imperfuração da vagina, do mesmo modo procura abrir passagem com o bisturi; cauterisa, liga, ou excisa as vegetações das margens do anus, e nas hemorrhoides, esgotados os meios brandos, emprega a laqueação e a extirpação.

Ao tratar das operações que se praticam para extrahir os calculos vesicaes, dá preferencia á talha lateral pelo processo de Haukins. « O methodo de Haukins, diz elle, é exactamente o methodo de que se servem os cirurgiões inglezes e o mesmo que eu tenho adoptado como melhor e mais seguro não só por observar seus bons effeitos em Londres, mas porque, tendo-o praticado dezenove vezes n'esta capital, tive a satisfação de me escaparem todos os doentes que operei. » (Tom. II, pag. 148, nota). Quando haja calculos na urethra, procura desobstruil-a pelas injecções e pela incisão.

Na phymose prefere o corte circular; na paraphymose recorre á reducção ou á incisão do estreitamento conforme os casos; em certas doenças do penis procede á amputação; e corrige a imperfuração da urethra por meio de um trocater.

Nas hydropesias procura combater-lhes a causa, e recorre ás incisões, fontes e sedenhos; na ascite ppunnciona á esquerda, e não recua perante a puncção do hydrocephalo quando volumoso.

Nos abcessos do figado, e em certos casos de lithiase biliar, abre o abcesso e pratica a cholecystotomia, sempre que haja motivo para suppôr que a vesicula está adherente. No scirro e no cancro procede á sua extirpação, excepto em certas regiões, como no utero, em que se abstem de intervir.

Ao occupar-se da bronchotomia, julga a laryngotomia e a tracheotomia de facil execução, comquanto pareça que nunca praticou estas operações. Os corpos estranhos da pharynge e do esophago tenta extrahil-os e quando o não consegue

procura fazel-os passar ao estomago, achando-se a esophagotomia raras vezes indicada.

Saltemos alguns capitulos menos interessantes, para darmos noticia do que aconselha no que diz respeito ás doenças oculares. Nas obstrucções do sacco e ductos lacrymaes emprega a sonda e a seringa de Anel. «D'este modo, diz elle, tenho curado algumas obstrucções e seus effeitos e julgo que a suavidade em taes casos é o meio mais seguro de se conseguir a sua cura. (Tom. III, pag. 151).

Na operação da catarata, prefere a extracção á depressão, empregando na sua pratica o canivete de Wenzel e a haste de Pamard. Nas doenças dos ouvidos, refere-se a numerosos casos de extracção de corpos extranhos, que lhe haviam passado pelas mãos. Aponta grande numero de aneurismas, comquanto apenas tivesse visto dois varicosos. Os meios de tratamento que põe em pratica são a compressão por meio do torniquete de Morel, a abertura do sacco e a laqueação.

No ultimo volume, depois de algumas considerações sobre a inflammação, baseadas nos trabalhos de Hunter e Louis, occupa-se de differentes amputações, descrevendo o methodo circular e o de retalho. Occupa-se de algumas operações de pequena cirurgia, sangria e sedenhos, falla na inoculação das bexigas, que reputa um bom meio prophylatico, e termina com o estudo das deslocações e fracturas e das differentes fórmas de ataduras que lhes são applicaveis.

A exposição que acabamos de fazer deve ter determinado nos leitores a convicção de que Antonio d'Almeida era com certeza um dos mais illustres cirurgiões do seu tempo. Bernardino Gomes, seu contemporaneo, chama-lhe habilissimo [1]. Jacintho da Costa classifica-o de respeitavel mestre [2]. Um anonymo, referindo-se ao curso de operações do hospital de S. José, falla d'elle nos seguintes termos: «Para se poder julgar da perfeição d'este curso bastará dizer-se que elle é diri-

---

[1] *Investigador Portuguez*, vol. XVII, pag. 265.

[2] *Elementos geraes de cirurgia*, I, pag. 200.

gido pelo snr. Antonio d'Almeida, que tão distincto se tem feito, não só n'este reino, mas até fóra d'elle. Todos sabem o grande acolhimento que este cirurgião teve em Londres, e os creditos que alcançou entre esta nação, naturalmente altiva, e que se gaba de ser a primeira em dar leis ás outras n'este ramo da medicina, admittindo-o em sua Sociedade, de que é membro. Os seus talentos não são unicamente conhecidos pela pratica das operações cirurgicas, em que elle e alguns dos seus nacionaes disputam a igualdade com os mais celebres da Europa; mas o são tambem pelas obras que tem dado á luz, bem diversas em tudo de algumas que ha pouco têm apparecido em Portugal... » [1].

Havemos de encontrar ainda por varias vezes o illustre cirurgião n'este trabalho. Fique, porém, desde já affirmado que os juizos que acabamos de extractar nos parecem ainda corresponder imperfeitamente ao merecimento de tão illustre professor, e que da leitura da sua obra nos fica a convicção de que a cirurgia, com todos os seus modernos progressos, não adiantou grande coisa em relação ao estado em que a apresenta Antonio d'Almeida no principio do seculo.

A obra de Jacintho da Costa nenhuma vantagem leva á do seu eminente mestre, a quem nos acabamos de referir [2]. Os seus meritos como cirurgião parece mesmo não terem sido notaveis, visto que todas as vezes que falla da sua pratica é para relatar operações de pequena importancia. Jacintho da Costa era provavelmente natural de Thomar, cavalleiro da ordem de Christo, cirurgião do Hospital da Marinha, e ultimamente cirurgião-mór da armada. Falleceu, pelos annos de 1850, com mais de oitenta annos [3].

Se dos tratados geraes de cirurgia passamos ao exame

---

[1] *Do estado em que se acha a cirurgia portugueza, tão perfeita como a das outras nações,* no *Jornal de Bellas-Artes ou Mnemosine Lusitana,* I, pag. 299.

[2] *Elementos geraes de cirurgia medica, clinica e legal.* Lisboa, na Impressão Régia. Anno 1813. 4 tomos.

[3] Innocencio, op. cit., III, pag. 238, e X, pag. 105.

das monographias sobre assumptos restrictos, mais se avigora a convicção de que a cirurgia progredira notavelmente.

O estudo das feridas e ulceras, baseado nas doutrinas correntes sobre inflammação, inspirava-se na obra de Richerand, que Mazarem traduzira [1]. Sobre o mesmo assumpto escrevia Antonio d'Almeida uma obra importantissima, crédora do mais detido exame.

O *Tratado da inflammação* é dividido em quatro volumes. O primeiro é um resumo de physiologia, em que as mais recentes acquisições são claramente expostas e em que os phenomenos da circulação e innervação são sobretudo estudados.

Abre o segundo volume por uma nosographia, em que Almeida adopta para a classificação bases differentes das geralmente adoptadas no seu tempo. As acções morbidas são divididas em similares, dissimilares, mixtas e transpostas. As similares provêm do augmento das propriedades vitaes; as dissimilares da sua suspensão, diminuição ou total extincção; as mixtas dependem do excesso de actividade d'um dos systemas organicos, com diminuição da actividade d'outro; finalmente, as transpostas são acções naturaes ou preternaturaes que se dão em systemas differentes d'aquelles em que ordinariamente se manifestam.

Entra a inflammação na primeira categoria e define-a Almeida symptomaticamente, como Galeno. A sua causa é a acção dos excitantes ou estimulantes e a sua pathogenia baseia-se na exaltação da sensibilidade organica que a seu turno exerce influencia sobre a circulação. As terminações da inflammação são: a resolução, a suppuração, a induração e a gangrena. Demora-se na enumeração dos medicamentos empregados no tratamento da inflammação, que são em ultima analyse os adstringentes, os emolientes, os sudorificos e por vezes os vesicantes.

Entra em seguida, já no terceiro volume, na descripção

---

[1] *Tratado da inflammação, extrahido da Nosographia cirurgica de Anthelmo Richerand.* Rio de Janeiro, 1810. Na Impressão Régia.

de algumas doenças em que ha phenomenos inflammatorios manifestos, taes como a gotta e o rheumatismo, que combate por meio da digital, opio, calomelanos e quina, além de se dirigir aos phenomenos locaes. Onde, porém, se demora mais é no estudo das ulceras e chagas em geral, descrevendo-as com rara exactidão e aconselhando no seu tratamento meios ainda hoje aconselhados como proveitosos. A immobilisação, a compressão, a cauterisação são largamente empregadas.

Entram no quadro do seu trabalho as inflammações especificas e uma das partes mais bem trabalhadas do livro é a que se refere ás manifestações syphiliticas. Almeida não é identista como Hunter; pelo contrario, admitte como causas da blennorrhagia, do cancro molle e da syphilis tres virus especiaes. A blennorrhagia não dá o cancro molle nem este aquella; ambos podem, porém, dar logar á syphilis, quando o pus provenha d'um syphilitico. No tratamento emprega meios locaes e geraes para a syphilis; apenas locaes para a blennorrhagia e cancro molle. Aquelles consistem em differentes preparados mercuriaes, e sobretudo no uso do sublimado que aliás julga perigoso; estes consistem, para a blennorrhagia, nas injecções adstringentes, e, para o cancro molle, nos escharoticos.

Demora-se no estudo das complicações d'estas doenças, descreve a largos traços a physiologia da syphilis visceral, e em todos estes capitulos se mostra o mesmo pratico consummado que apreciamos ao estudar a sua *Medicina operatoria.*

Os ultimos capitulos tratam da chaga escorbutica, da chaga escrophulosa e do cancro. Trata a primeira pelos tonicos e pelos acidos; combate a segunda com os resolutivos e algumas vezes com a extirpação dos ganglios invadidos. Quanto ao cancro, não modifica as ideias que já expendemos ao tratar da *Medicina operatoria.*

As feridas por armas de fogo mereceram sempre pela sua variedade e gravidade grande attenção aos cirurgiões. D. Paulo Antonio Ibarrola publicára recentemente uma memoria sobre estas soluções de continuidade, em que não extremava o seu tratamento das feridas ordinarias. Foi ella tra-

duzida por Manuel Joaquim Henriques de Paiva [1]. Ao ter conhecimento d'esta memoria, e anteriormente á sua vulgarisação em portuguez, Antonio d'Almeida, n'um interessantissimo trabalho, demonstrou que o tratamento das feridas por armas de fogo por meios brandos estava na tradição da cirurgia portugueza, verificando nos textos dos antigos mestres esta pratica incessante. Almeida, porém, tivera occasião de aferir pela sua a pratica alheia, na cura de vinte e tres marinheiros da fragata de guerra *Artois,* aprisionada pelos inglezes que a trouxeram para Lisboa. Apesar de terem mediado sete ou oito dias entre o combate e a entrada dos feridos no hospital, o penso raro por meio de fios seccos e de algum digestivo suave deu magnificos resultados, morrendo apenas dois d'elles [2].

O estudo das fracturas tinha feito notaveis progressos. Manuel Alves da Costa Barreto, discipulo de Manuel Constancio, completou em Londres a sua educação cirurgica, e de regresso ao reino foi nomeado cirurgião da real camara, indo ao depois occupar no Brazil o mesmo cargo. Em 1813 foi escolhido para lente de operações e arte obstetricia na Escóla Anatomica, Cirurgica e Medica do Rio de Janeiro. Voltando em 1821 a Portugal, chegou a ser primeiro cirurgião da real camara e cirurgião-mór do reino honorario.

Costa Barreto, que foi um dos traductores do *Systema de cirurgia* de Bell, publicou um *Ensaio sobre as fracturas,* em que as doutrinas do eminente cirurgião inglez são expostas fiel e methodicamente [3].

A cirurgia ocular igualmente progredira muito entre nós.

---

[1] *Memoria em que se prova que as feridas de pelouro são por si innocentes e simples a sua cura. Tirada do castelhano em linguagem e augmentada com algumas notas por Manuel Joaquim Henriques de Paiva.* Lisboa, 1800. (Innocencio). — 2.ª edição. Lisboa, na Typographia Rollandiana, 1819.

[2] *Dissertação sobre o methodo mais simples e seguro de curar as feridas das armas de fogo.* Lisboa, na Régia Officina Typographica. Anno MDCCXCVII. Ha tambem de Jacintho da Costa um *Tratado das feridas de armas de fogo.* Lisboa, 1810, que não pudémos examinar.

[3] *Ensaio sobre as fracturas.* Lisboa, MDCCXCVII. Na officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Ha noticia de dois medicos, Ortigão e Carvalho, que no principio do seculo XVIII se haviam entregado á pratica da oculistica e que vulgarisaram entre nós os trabalhos de Taylor. Nenhuma informação nos resta, porém, nem do seu valor nem dos seus trabalhos. Em 1752, era nomeado Filippe David Schwartz, que adquiriu grande nomeada e tratava de todos os casos graves de doenças de olhos que appareciam não só em Lisboa, mas em todo o paiz. Nada, porém, deixou que revelasse o estado da cirurgia ocular em Portugal no seu tempo.

Em 1783 succedeu-lhe o seu discipulo Joaquim José de Sant'Anna. Pouco se sabe a respeito d'este illustre cirurgião. Desconhece-se a sua naturalidade, mas conhece-se o seu despacho de cirurgião oculista do hospital de S. José, datado de 13 de fevereiro de 1783. A sua nomeação despertou invejas e rivalidades que lhe acarretaram grandes desgostos, sendo o principal a suppressão do curso e enfermaria de doenças de olhos, por uma portaria do enfermeiro-mór de 29 de outubro de 1810, conservando-se todavia o vencimento respectivo ao professor. Aposentado em 1813, falleceu em avançada idade a 17 de setembro de 1814 [1].

Deve-se a Sant'Anna o primeiro tratado de ophtalmologia que entre nós se publicou. Baseando-se sobretudo nos trabalhos de Plenck e Desbois-Gendron, conseguiu formar um livro methodico e actual, em que não raro se encontram notas pessoaes de observação. Abre com a exposição da anatomia e physiologia ocular, sendo digno de admiração o capitulo que consagra ao estudo das leis de optica e dioptrica como elementos necessarios para entrar na descripção de um grande numero das molestias oculares.

Trata das differentes doenças dos olhos «de maneira tal, diz o snr. Candido Loureiro, que não fica inferior aos melhores tratados da especialidade que appareceram n'aquella épo-

---

[1] Innocencio, op. cit.; Alfredo Luiz Lopes, op. cit.; J. Candido Loureiro, *Relatorio sobre o congresso periodico internacional de ophtalmologia, reunido em Paris em agosto de 1867*, transcripto no *Archivo ophtalmotherapico de Lisboa*, VI, 1885, pag. 65 e seguintes.

ca». Demora-se na descripção das mais importantes, demonstrando que, se estava a par dos conhecimentos theoricos mais recentemente adquiridos na sua especialidade, era um operador habil. Na catarata, por exemplo, seguia o processo da keratotomia inferior, que era praticado por quasi todos os oculistas celebres do tempo. Insiste nos caracteres differenciaes das ophtalmias purulentas e das blennorrhagicas. Aconselha o uso da electricidade no tratamento dos amauróses, e não é dos capitulos menos interessantes aquelle em que se occupa da trachoma das palpebras, que Sant'Anna expõe «como certamente não era conhecida, entre nós, em 1844, diz ainda o snr. Loureiro, quando chegamos de França».

Em resumo, por esta producção e pelo testemunho de contemporaneos insuspeitos, deve considerar-se Sant'Anna um dos primeiros oculistas da sua época [1].

Bernardino Antonio Gomes, de quem dentro em pouco nos occuparemos com alguma extensão, publicava a noticia d'uma ophtalmia observada a bordo d'um navio hospital, onde eram tratados typhosos. Gomes attribuia a doença á infecção proveniente de colchões velhos accumulados n'esse navio. De facto, a sua remoção fez cessar rapidamente a epidemia [2].

Não ha que mencionar trabalhos originaes sobre syphiligraphia, além do livro de Antonio d'Almeida, de que anteriormente nos occupamos. A educação dos nossos cirurgiões n'este ramo da pathologia cirurgica fazia-se pelos trabalhos já citados de Bell e de Plenck, pelos de Bourru [3] e Gardane [4], de Sa-

---

[1] *Elementos de cirurgia ocular.* Lisboa, MDCCLXXXXIII. Na officina de Simão Thaddeo Ferreira.

[2] *Historia de huma ophtalmia observada a bordo de hum navio hospital*, no *Jornal de Coimbra*, I, 1812, num. II.

[3] *Arte de se tratar a si mesmo nas enfermidades venereas e de curar de seus differentes symptomas. Traduzida do francez de Mr. Bourru.* Coimbra, na Real Officina da Universidade. Anno de MDCCLXXVII.

[4] *Methodo seguro e facil de curar o gallico, composto por J. J. Gardane: traduzido em vulgar para servir de supplemento ao Aviso ao povo do dr. Tissot e á Doutrina das enfermidades venereas do dr. Plenck.* Lisboa, na offic. de Antonio Gomes, 1791.

muel Foart Simons [1] e de Fritze [2]. Nos apertos da urethra, consecutivos ás blennorrhagias, um cirurgião de Guimarães, João Rodrigo Borges da Cunha Gaivoto, empregava ainda os causticos levados até á séde da estrictura por meio de velinhas molhadas em clara de ovo [3].

O estudo das doenças cutaneas era objecto dos primeiros, e talvez dos unicos trabalhos de valor que sobre o assumpto possuimos, da parte d'um dos nossos mais notaveis medicos n'este tempo, Bernardino Antonio Gomes. Nasceu elle a 29 de outubro de 1768, na freguezia de Santa Maria de Paredes, da villa dos Arcos, na provincia do Minho. Foram seus paes o dr. José Manuel Gomes e D. Josephina Clara de Sousa, de modesta mas honrada posição. Destinando-se á profissão medica, frequentou a Universidade de Coimbra, onde teve entre outros mestres o illustre Francisco Tavares [4], terminando o curso em 1793.

Logo n'esse anno começou a exercer clinica em Aveiro [5], onde alcançou creditos de bom clinico; apesar d'isso, pouco tempo se demorou n'esta cidade, e em 1797 transportava-se para Lisboa, sendo a 9 de janeiro d'esse anno nomeado medico da armada, com a graduação de capitão de fragata. Pouco depois, a 16 do mesmo mez e anno, embarcava na *Conde D. Henrique,* capitania d'uma esquadra commandada por Antonio Januario do Valle, que se dirigia ao Rio de Janeiro. Durou esta commissão cinco annos, regressando Gomes ao reino em 21 de outubro de 1801. No anno immediato cruzava no

---

[1] *Observações sobre a cura da gonorrhea virulenta, escritas em inglez por Samuel Foart Simons. Traduzidas e acrescentadas por José Bento Lopes, medico no Porto.* Porto, na offic. da Viuva Mallen, Filhos e Companhia. Anno de 1794.

[2] *Compendio das enfermidades venereas do doutor João Frederico Fritze. Traduzido com varias notas e acrescentado por João Henriques de Paiva.* Lisboa, na officina de Antonio Rodrigues Galhardo. Anno 1802.

[3] *Aos seus compatriotas.* Porto, na typ. da Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos. Anno de 1816.

[4] *Ensaio dermosographico,* pag. 127.

[5] *Jornal de Coimbra,* n.º XXXV, parte I, pag. 236.

estreito de Gibraltar uma esquadra portugueza. Desenvolveu-se n'ella uma epidemia de typhos. Gomes foi consultado sobre as medidas a adoptar e entre ellas lembrou a de mandar um navio hospital, onde fossem recebidos e tratados os doentes. Para a execução das medidas que propunha, partiu em 2 de abril de 1802 a bordo da fragata *Thetis,* e com tanta felicidade se houve, que em dois mezes e meio se achava completamente debellada a epidemia que acommettera duzentos e vinte individuos, além d'outros duzentos que haviam sido mandados para Lisboa [1].

Apesar de extincta a doença, Gomes demorou-se na esquadra de Gibraltar até 31 de março de 1803. Em attenção aos serviços prestados e ao seu mau estado de saude, pôde isentar-se de andar embarcado e por aviso de 6 de abril de 1804 era mandado fazer serviço no hospital da marinha. Em outubro do anno seguinte, recebia a nomeação de primeiro medico do hospital militar da côrte; mas, em 1810, resentido por desconsiderações que recebera, pedia a demissão do logar que exercia na marinha, demissão que lhe era concedida.

Desde então entregou-se á clinica civil, na qual adquiriu grandes creditos. Como socio da Academia Real das Sciencias que era desde o anno da sua demissão, empenhou-se muito no desenvolvimento da vaccina, e a creação do Instituto vaccinico, effectuada no seio da Academia, em 1812, é obra sua. Em agosto de 1813 era nomeado membro da Junta de saude, cargo em que desenvolveu o mesmo zêlo que mostrára nas outras commissões que desempenhou. Em 1817, acompanhava ao Rio de Janeiro, desde Leorne, onde uma esquadra a fôra buscar, a princeza D. Leopoldina, designada para mulher do principe D. Pedro [2]. Demorou-se no Rio de Janeiro seis mezes, acompanhou de novo a Leorne as damas da princeza e por fim regressou a Lisboa. Desde então entregou-se como até ahi á sua

---

[1] *Methodo de curar o typho, prefação.* — *Investigador Portuguez*, II, dezembro de 1811, pag. 237.

[2] *Ensaio dermosographico,* dedicatoria.

clinica e ao estudo. Questões domesticas [1] tinham vindo aggravar-lhe padecimentos adquiridos na sua trabalhosa existencia. Em 13 de janeiro de 1823 fallecia em Lisboa, com cincoenta e quatro annos de idade [2].

Os estudos do dr. Bernardino Antonio Gomes sobre as doenças cutaneas referem-se a duas épocas distinctas. A *Memoria sobre as boubas* é fructo da sua primeira viagem ao Brazil; os materiaes para as outras memorias, muito posteriores, foram colligidos em Lisboa.

As boubas, conhecidas tambem pelos nomes de yaws, pian e framboesia, haviam sido observadas por Hume na Jamaica em 1744 e no Brazil, onde a doença reveste physionomia propria, por Pison. Gomes, que estudára a doença nos engenhos de assucar, nos depositos de escravos e na propria tripulação dos navios da esquadra em que fôra como medico, traçou desenvolvidamente a sua descripção. Suppõe a doença originaria da Africa, levada á America pela escravatura e quasi exclusiva da raça negra. Admitte duas variedades: as boubas seccas e as boubas propriamente ditas e distingue esta doença da infecção syphilitica com que outros medicos a confundiam. A doença para elle tem uma natureza especial e transmitte-se por contagio e menos vezes por herança [3].

Interrompidos durante alguns annos os seus estudos sobre

---

[1] *Carta aos medicos portuguezes sobre a elephantiase*, pag. 4. — *Historia justificativa da reclusão de D. Leonor Violante Rosa Mourão no convento de Sant'Anna*. Lisboa, na Imprensa Nacional. Anno 1821. — *Decisão juridica proferida pelo Corregedor do Civel da cidade Luiz Pinto Caldeira de Mendanha na época da nossa Regeneração* (janeiro de 1822). Lisboa, 1822. — *Analyse das sentenças proferidas na Legacia sobre a causa de divorcio que D. Leonor Violante Rosa Mourão moveu a B. A. G.* Lisboa, 1822.

[2] Seguimos n'estes apontamentos biographicos a *Noticia da vida e trabalhos scientificos do medico Bernardino Antonio Gomes*, escripta por seu filho do mesmo nome. Procuramos verificar, porém, todas as passagens, não só nos textos indicados em nota, mas em outros documentos.

[3] *Memoria sobre as boubas*, na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, IV, parte I. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1815.

as doenças cutaneas, voltava a elles pouco antes de 1820. Publicava n'este anno o *Ensaio dermosographico*, compendio das melhores doutrinas que então haviam curso na sciencia, sobre este ramo de pathologia — as de Willan e Beteman. Coordenou o seu livro segundo a classificação estabelecida por estes illustres dermatologistas, mas consignou largamente o que na sua pratica recolhera. Refere-se ao modo como no Alemtejo se curam os anthrazes e carbunculos; descreve a gota rosada á face dos exemplares observados em Lisboa, etc. Além d'isto, regula n'esta parte toda a nomenclatura medica portugueza e, como diz seu filho, «não é esse um dos menores merecimentos de similhante escripto, até hoje o unico d'este genero publicado na nossa linguagem, e livro indispensavel na bibliotheca de qualquer medico portuguez» [1].

Os ultimos trabalhos de Bernardino Antonio Gomes sobre as doenças cutaneas tiveram por objecto a lepra. Durante cinco annos andou recolhendo materiaes para o seu estudo e por ultimo offereceu-se ao governo para fazer gratuitamente e por um anno o serviço do hospital de S. Lazaro. Acceite o offerecimento, colligiu grande numero de observações, desenhou algumas das variedades e fez autopsias de alguns casos.

N'uma primeira memoria, affirma que, tendo ensaiado sem resultado o mercurio e o licôr de Fowler, colheu melhoras accentuadas em quatro doentes com o uso interno do chloreto de calcio [2].

Na segunda apresenta uma noticia historica da elephantiase e das gafarias e hospitaes de lazaros em Portugal, comparando o seu estado com o de outros paizes. Propõe que se convertam esses estabelecimentos, espalhados por todo

---

[1] *Ensaio dermosographico ou succinta e systematica descripção das doenças cutaneas, conforme os principios e observações dos doutores Willan e Beteman, com indicação dos respectivos remedios aconselhados por estes celebres authores e alguns outros.* Lisboa, na typographia da Academia, 1820.

[2] *Carta aos medicos portuguezes sobre a elephantiase, noticiando-lhes hum novo remedio para a cura d'esta enfermidade.* Lisboa, na Imprensa Nacional. Anno 1821.

o reino, em tres hospitaes para o tratamento das doenças de pelle em Lisboa, Porto e Coimbra, onde se estabeleceria o ensino da dermatologia. Lembra até os recursos de que se póde lançar mão para que a creação d'estes hospitaes não traga comsigo aggravamento de despeza. O auctor depois trata de differentes questões relativas á etiologia, pathologia e therapeutica da lepra, parecendo-lhe confirmados os primeiros resultados obtidos com o chloreto de calcio [1].

E pois que fallamos em lepra devemos dizer que era oscillante a opinião sobre a questão, ainda hoje tão debatida, de contagio e herança. Ao passo que João Nunes Gago affirmava que a doença não se communicava entre casados, mas passava á descendencia [2], José Francisco de Carvalho dizia conhecer elephantiacos confirmados, cujos paes nunca haviam tido lepra, e não a haviam adquirido das pessoas com quem mais intimamente tratavam [3], e José Joaquim Durão (?) admittia que a doença era geralmente hereditaria, podendo algumas vezes adquirir poder contagioso [4].

Além dos tratados e memorias de que demos conta, os periodicos scientificos da época publicam por vezes observações, sobre as quaes não será sem interesse lançar os olhos. Este exame prova-nos que os nossos cirurgiões, na pratica diaria, andavam algum tanto distanciados dos conhecimentos que lhes eram fornecidos nas aulas. No tratamento das feridas procurava-se frequentes vezes a reunião por primeira intenção, ainda quando havia separação de fragmentos osseos (Leonardo José Diniz) [5]. Em casos de feridas da cabeça, com fractura ossea, procedia-se á trepanação com bom exito, ou, se era possivel, limitava-se o cirurgião ao desencrava-

---

[1] *Memoria sobre os meios de diminuir a elephantiase em Portugal e de aperfeiçoar o conhecimento e cura das doenças cutaneas. Offerecida ás côrtes de Portugal.* Lisboa, na off. de J. F. Monteiro de Campos, 1821.

[2] *Jornal de Coimbra,* n.º XXI, parte I, setembro de 1813.

[3] Idem, n.º XLI, parte I, 1815.

[4] Idem, n.º LXXII, parte I, 1818.

[5] Idem, n.º XXIX.

mento dos fragmentos (Manuel José Leitão e Cypriano José d'Oliveira e Costa) [1]. Nas feridas combustas, recorria-se aos emollientes e ao opio (Joaquim José Marques) [2]. As feridas abdominaes eram quasi sempre seguidas de morte (João Victorino Pereira da Costa) [3].

Perante as complicações das feridas não eram muito ousados os nossos cirurgiões. Quando se manifestava gangrena, esperavam que ella se limitasse por si e em seguida separavam as partes mortificadas (Fr. Antonio de S. Fructuoso) [4].

Jacintho José Vieira, um dos discipulos de Manuel Constancio, que fôra a Inglaterra completar a sua educação cirurgica, foi no regresso, em 1804, nomeado cirurgião do hospital de S. José, cirurgião do hospital militar do Beato Antonio, lente de therapeutica geral em 1813 e em 24 de abril de 1826 lente de clinica cirurgica na Real Escóla de Cirurgia de Lisboa, de que mais tarde havia de ser director. Muito considerado pela sua illustração, foi cirurgião-mór do reino, membro da junta dos exames para cirurgiões militares, commendador da ordem de Christo, medico honorario da real camara, etc. [5] Falleceu em 3 de novembro de 1829. Jacintho José Vieira, que um seu contemporaneo diz « bem conhecido n'esta côrte pelos seus grandes talentos », n'um caso de gangrena do pé, esperava que o processo morbido se limitasse e em seguida procedia á amputação da coxa, laqueando a arteria principal do membro [6]. No tetano empregavam-se os opiados em alta dóse e os revulsivos. (Joaquim José Marques) [7].

Os abcessos eram tratados pelos emollientes e pela abertura, qualquer que fosse a região em que se produzissem

---

[1] *Jornal Encyclopedico*, outubro de 1789. *Jornal de Coimbra*, n.os XXII e XXI, parte I.

[2] *Jornal de Coimbra*, n.º LXII, parte I.

[3] Idem, n.º LXVIII, parte I.

[4] Idem, n.º XV, parte I.

[5] Alfredo Luiz Lopes, op. cit.,, pag. 54.

[6] *Jornal de Coimbra*, n.º I, janeiro de 1812.

[7] Idem, n.º LXII, parte I.

(Joaquim da Silva Baptista) [1]. No carbunculo recorria-se aos emollientes, ás escarificações, mas sobretudo á cauterisação com sulfato de cobre ou agua forte (João José do Couto, Francisco da Costa Pereira) [2].

Nas ulceras aconselhava-se o repouso, os cosimentos detersivos, a cataplasma americana. Se eram atonicas, recorria-se á ligadura (Joaquim Pereira de Sousa) [3].

No tratamento das fracturas e luxações seguiam-se os preceitos estabelecidos por Desault. Joaquim Pinto da Silva relata um caso interessante de fractura do ethmoide, terminado pela morte [4]. Nos tumores brancos, procedia-se ao desbridamento dos trajectos fistulosos e recorria-se a injecções levemente adstringentes (João Victorino Pereira da Costa) [5].

Praticava-se a extirpação de alguns tumores, mais ou menos volumosos (Cypriano José d'Oliveira e Costa, João Victorino Pereira da Costa) [6]. No hydrocele, punccionava-se e fazia-se seguir a puncção de injecções de nitrato de prata, conforme se praticava, sempre com bom resultado, no hospital de S. José (Joaquim Pereira de Sousa) [7].

No tratamento dos aneurismas e feridas arteriaes, empregavam os nossos cirurgiões a laqueação e já se não receavam de intervir, ainda quando estivessem lesados os troncos arteriaes mais importantes. D'este modo, Cypriano José d'Oliveira e Costa laqueava a humeral por motivo de aneurisma, procedendo depois á abertura e extirpação do sacco [8].

Antonio José de Sousa e Francisco d'Assis Sousa Vaz, dois cirurgiões portuenses que mais tarde haviam de ser professores da Real Escóla de Cirurgia, praticavam a laqueação

---

[1] *Jornal de Coimbra*, n.º XIII, janeiro de 1813.
[2] Idem, n.ºs XIII, XV, XIX, parte I.
[3] Idem, n.º XIX, parte I.
[4] Idem, n.º XLIV, parte I.
[5] Idem, n.º LXXXV, parte I.
[6] Idem, n.ºs XXII e LXVIII, parte I.
[7] Idem, n.º XXV, parte I.
[8] Idem, n.º XXII, parte I, outubro de 1813.

da brachial e da femural, por causa de aneurismas [1] e José Lourenço da Luz, ainda então em começo de carreira, o grande cirurgião que operando, Manuel Bento comparou a Herculano escrevendo, fazia em 1824 a primeira laqueação da iliaca externa que entre nós se praticou, seguida dentro em breve pela da carotida primitiva [2].

Nos calculos dos rins e da bexiga, empregavam-se medicamentos internos a que se attribuia a propriedade de os expulsar, serralha branca, etc.; mas um cirurgião portuense, José Ernesto da Cunha, que em Londres estudára, praticava a extracção dos calculos pelo *alto apparato,* processo que tinha aperfeiçoado [3].

Nas hernias empregavam-se as fundas para a sua contenção, recorria-se á taxis coberta quando se estrangulavam, e só nos grandes hospitaes se praticava a taxis descoberta (Joaquim Pereira de Sousa) [4].

Já então se exercia uma tal ou qual cirurgia visceral. N'um caso de abcesso do figado, um cirurgião anonymo procedia á sua abertura e extrahia sete calculos [5].

As doenças internas eram tratadas principalmente por meios medicos. Na bretoeja, recorria-se á sangria, aos banhos, aos laxantes, limitando-se as applicações locaes a cataplasmas emollientes [6]. No herpes, empregavam-se os depurativos [7].

A nosographia, a classificação das doenças, foi objecto, em todo o seculo XVIII e ainda no principio d'este seculo, de grandes lucubrações. Não admira que isso succedesse entre

---

[1] *Relatorio de duas operações de aneurismas, recentemente praticadas no Hospital da Misericordia do Porto.* Porto, 1822. Na typ. da Viuva Alvares Ribeiro & Filhos.

[2] A. P. Cardoso, *Do estado actual da medicina e da cirurgia em Portugal,* no *Jornal das sciencias medicas de Lisboa,* I, 1835, pag. 11.

[3] Balbi, *Essai statistique,* pag. LXV e seg.

[4] *Jornal de Coimbra,* n.º XIX, parte I, julho de 1813.

[5] *Observação sobre calculos biliares,* por Francisco Xavier d'Almeida Pimenta. *Jornal de Coimbra,* n.º XXXIX, parte I, 1815.

[6] *Jornal de Coimbra,* n.º XIII, janeiro de 1813.

[7] Idem, n.º XXI, setembro do mesmo anno.

nós igualmente. Já vimos que Antonio d'Almeida se occupou d'este assumpto. Tambem elle mereceu attenção, na parte que se refere ás doenças cirurgicas, a Caetano José Pinto d'Almeida.

Nasceu Pinto d'Almeida em Paços de Brandão a 20 de agosto de 1738, sendo filho de Manuel Pinto d'Almeida. Parece que estudou a cirurgia no Porto, occupando ao depois o logar de cirurgião das fragatas reaes. Ancioso por completar a sua educação, foi em 1767 estudar para Montpellier, d'onde cedo regressou para se estabelecer no Porto, e n'esta cidade creou o primeiro theatro anatomico que n'ella houve. Em 1769 matriculava-se em Coimbra no primeiro anno de medicina, e, em seguida á reforma, seguiu sem interrupção o curso medico que terminou em 14 de julho de 1781.

Ainda era estudante quando foi nomeado interinamente demonstrador de anatomia e cirurgião do hospital. Em 15 de dezembro de 1781 obtinha a nomeação definitiva para estes logares.

Creando-se em 1783 a cadeira de therapeutica cirurgica, foi nomeado, por carta régia de 4 de junho, para lente d'esta cadeira, expedindo-se ordens para que fosse graduado e considerado como lente de medicina, á similhança do que se havia praticado com José Corrêa Picanço. Foi-lhe conferido o gráu de doutor em 27 de outubro d'aquelle anno e d'ahi em diante gozou as prerogativas dos lentes da faculdade. Em 4 de abril de 1795 foi igualado em proventos a lente de prima, e como n'essa occasião foi supprimida a cadeira de que era proprietario, passou para a primeira de pratica que regeu até ao seu fallecimento, occorrido no ultimo quartel de 1798 [1].

Escreveu Pinto d'Almeida, para uso dos seus discipulos, os *Prima cirurgiæ therapeutices elementa* de que se publicaram apenas duas partes. Este livro foi traduzido para portuguez

---

[1] Mirabeau, op. cit.; Sá Mattos, *Bibliotheca cirurgico-anatomica.* Benevides, na *Bibliotheca medico-portugueza,* publicada no *Jornal da Sociedade de Sciencias medicas,* diz que falleceu em 1802. Preferimos, porém, a versão do snr. Mirabeau, conforme ao que se lê no texto.

pelo cirurgião portuense José Bento Lopes. Occupa-se na primeira parte da historia da cirurgia, summariamente exposta, em que alguma coisa se contém relativamente a Portugal. A segunda parte trata da nosographia cirurgica. As enfermidades externas são divididas em seis grupos principaes: soluções de continuidade, soluções de contiguidade, tumores, concreções, exanthemas e deformidades. Comquanto o livro merecesse na occasião encomios e fosse approvado para o ensino na Faculdade de medicina, não nos parece credor de mais extensa menção [1].

Para terminar, a historia da cirurgia começa n'esta época a ser estudada com algum cuidado por Manuel Gomes de Lima e Manuel de Sá Mattos.

Já nos occupamos com desenvolvimento de Manuel Gomes de Lima. As suas *Memorias para a historia da cirurgia* [2] são baseadas sobretudo nos trabalhos analogos de Portal. Fornecem todavia alguns elementos aproveitaveis para a historia da cirurgia portugueza nos fins do seculo XVIII, e para a da vida das sociedades scientificas que o seu auctor fundou.

Manuel de Sá Mattos estudou a cirurgia no Porto, sendo praticante em 1761 e obtendo a sua carta de approvação em 1763. Frequentou ulteriormente o curso cirurgico em Lisboa, onde ouviu as lições de Dufau e Manuel Constancio, e fez um exame de opposição na Universidade de Coimbra, tendo por examinadores José Corrêa Picanço e Caetano José Pinto

---

1 *Prima chirurgiæ therapeutices elementa jussu augustissimæ reginæ Mariæ I in usus academicos digessit, atque lucubravit Caietanus Josephus Pintus de Almeida, Chirurgiæ et Medicinæ Doctor, & in Universitate Conimbricensi P. P. O.* Parte I & II. Conimbricæ: typis academiæ, MDCCXC.

Primeiros elementos de cirurgia therapeutica que para uso da Universidade, por ordem da muito augusta rainha Maria I compoz Caetano José Pinto d'Almeida... Traduzidos do latim em vulgar por José Bento Lopes, medico no Porto. Accrescentados de muitas notas do traductor, revistas pelo proprio auctor. Parte I. Porto, na officina de Antonio Alvarez Ribeiro. Anno MDCCXCIV. Parte II, mesma typographia, MDCCXCV.

2 São os n.os 8 e 11 das suas obras, apontadas a pag. 124 d'este volume.

d'Almeida [1]. Posteriormente foi cirurgião-mór do segundo regimento da guarnição do Porto, e do partido da mesma cidade, além de familiar do Santo Officio.

A sua *Bibliotheca elementar* é sobretudo baseada, como as *Memorias* de Manuel Gomes de Lima, nos estudos de Portal. Accrescenta-lhe noticias dos medicos e cirurgiões portuguezes, recolhidas principalmente na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, além de algumas informações proprias sobre a cirurgia portugueza no seculo XVIII. Comquanto nem sempre a sua critica seja de bom quilate, é certo que se encontram n'este livro algumas indicações proveitosas; pelo menos, é o primeiro trabalho de conjuncto que sobre a cirurgia portugueza se publicou entre nós.

OBSTETRICIA

Não nos enthusiasma o estado da obstetricia no seculo XVIII e principios d'este seculo, apesar de reconhecermos os progressos que fez. Ainda quando podessemos acreditar que na parte theorica nos não distanciavamos grandemente do que era a obstetricia nos paizes em que mais progredira, e principalmente em Inglaterra, nada nos prova que a pratica andasse em relação com esses conhecimentos, e nenhuma noticia encontramos de operações notaveis que n'este ramo da cirurgia se praticassem em Portugal. E todavia condições favoraveis se haviam creado ao desenvolvimento d'este ramo da cirurgia. No fim do seculo XVIII partia para o estrangeiro a estudar a obstetricia José Antonio do Couto. Praticava-a em Copenhague com Saxtorph, cujo profundo saber era igualado pela amenidade do trato, e vinha depois para Edimburgo, onde tinha por mestres Alexandre e James Hamilton, pae e filho, o primeiro dos quaes é conhecido como um dos primeiros praticos inglezes. Terminado o seu curso, veiu estabele-

---

[1] *Jornal Encyclopedico,* numero de junho de 1791; *Bibliotheca elementar cirurgico-anatomica,* 3.º discurso, pag. 157.

cer residencia em Lisboa, onde adquiriu grandes creditos e onde vivia ainda em 1809 [1].

A dissertação que apresentou para terminar a formatura em Edimburgo, versa sobre o parto. Depois de ter estudado a concepção e effeitos da gravidez, occupa-se Couto do parto natural, dos phenomenos que o acompanham, e das aberrações que n'elle se podem dar, dependentes da força propulsora, das secundinas, do proprio feto e das vias que tem de percorrer. Apesar de resumido, este livro distingue-se pelo rigor de exposição e é um resumo fiel das doutrinas dos cirurgiões inglezes sobre a obstetricia [2].

Pelo mesmo tempo, partia para Edimburgo outro Couto, Antonio Maria, ou como lhe chamava Jacintho da Costa, Antonio Patricio do Couto. D'este nenhuma noticia existe, a não ser que foi o primeiro que explicou as doutrinas obstetricas em Portugal.

Jacintho da Costa, seu discipulo, como o foi de Antonio d'Almeida em cirurgia, deixou dois trabalhos sobre partos: o *Compendio da arte de partos* e o *Tratado completo de cirurgia obstetricia.*

O primeiro é muito succinto e incompleto. Muito mais desenvolvido, o segundo, não nos parece crédor de muita consideração. É sobretudo construido com materiaes tirados de Capuron, e dos cirurgiões hespanhoes Pastor e D. João de Navas. Comquanto Jacintho da Costa nos falle na applicação do forceps, na embryotomia, na versão, na symphyseotomia e na operação cesariana, nada indica que houvesse praticado qualquer d'estas operações [3].

Mais digno de apreço se nos afigura o *Compendio de obs-*

---

[1] *Jornal de Coimbra,* n.º IV, de abril de 1812.

[2] *Dissertatio medica inauguralis, de partu humano quaedam complectens,* etc. Edinburgi. Typis Gulielmi Creech, MDCCXCIV.

[3] *Compendio da arte de partos para uso dos praticantes de cirurgia e parteiras.* Lisboa, na Impressão Régia, 1810.

Tratado completo de cirurgia obstetricia ou sciencia e arte de partos. Lisboa, na Impressão Régia. Anno 1815. 2 tomos.

tetricia de Joaquim da Rocha Mazarem. Muito mais conciso, leva-lhe vantagem na exactidão das noções fornecidas, e no rigor com que estabelece as indicações das operações cirurgicas que se praticam nos partos [1].

Dois cirurgiões portuenses, Antonio Ferreira Braga e Manuel Rodrigues, o primeiro dos quaes havia de ser mais tarde lente da Real Escóla de Cirurgia, traduziam a *Arte de partos* de Baudelocque, certamente o mais completo trabalho que n'este genero ao tempo se conhecia [2].

Se estes trabalhos abraçavam mais ou menos todo o conjuncto dos conhecimentos obstetricos da época, outros apenas se referiam a uma parte restricta da arte de partos.

Manuel Antonio Lopes, que no seu livro se intitula cirurgião-mór das armadas interino e primeiro cirurgião da armada e do arsenal da marinha, occupava-se das differentes posições da cabeça do feto durante o parto [3] e Antonio Lopes d'Abreu traduzia a *Anat. Description of the Human Gravid Uterus* de Guilherme Hunter, cuja primeira edição é de 1774 [4].

Bastante tempo antes, Manuel Alvares da Costa Barreto, de quem já nos occupamos, publicava tambem a traducção dos *Aphorisms on the application and use of the forceps and vectis in præternatural labours,* de Thomaz Denman, um dos pri-

---

[1] *Compendio de obstetricia.* Lisboa, em a nova impressão da Viuva Neves & Filhos. Anno de 1823.

[2] *Principios da arte obstetricia esplanados em fórma dialogica e dados á luz por João Luiz Baudelocque. Agora traduzidos por Antonio Ferreira Braga e Manuel Rodrigues, cirurgiões no Porto; e addicionados com differentes observações extractadas do Diccionario das Sciencias Medicas de Maygrie, de Smellie,* etc. Porto, 1824, na typ. da Viuva Alvares Ribeiro & Filhos. 2 tomos.

Ha exemplares sem o nome dos traductores, com o seguinte titulo: *Manual de parteiros: traducção da 4.ª edição de Baudelocque.* Porto, mesma typographia e anno. 2 volumes.

[3] *Dissertação medico-obstetricia sobre as differentes situações da cabeça do feto no tempo do parto.* Lisboa, na Impressão Régia, 1811.

[4] *Exposição anatomica do utero humano gravido, e dos seus contentos, pelo doutor Hunter, vertido do inglez.* Lisboa, na officina da Viuva Neves & Filhos, 1813.

meiros parteiros inglezes, que nos seus escriptos visava mais a instruir e formar bons parteiros do que a discutir as theorias da arte obstetrica [1].

Justiniano de Mello Franco, que por quatro annos estudára a obstetricia em Gottinga com Frederico Benjamin Osiander, e exercia a clinica respectiva em Lisboa, publicava a descripção d'uma cadeira especial que tornava o parto mais commodo e facil, de que era auctor Stein, mas que o seu mestre e elle proprio haviam modificado [2].

Acham-se registadas algumas observações que em geral apenas demonstram que não eram muito versados os nossos cirurgiões na pratica da arte de partos. Pertencem ellas a José Manuel Chaves, Manuel Antonio Mendonça Moraes, Manuel Joaquim de Sousa Ferraz, Francisco Xavier d'Almeida Pimenta e João Victorino Pereira da Costa.

José Manuel Chaves era natural de Val de Telhas, concelho de Mirandella. Nasceu pelos annos de 1716, formou-se em medicina na Universidade de Coimbra, em seguida á reforma, e exerceu a clinica em Condeixa e Grandola. Morreu, segundo Innocencio, em 1821 ou 1822. Em carta dirigida ao redactor do *Jornal Encyclopedico* dá conta d'um caso apenas notavel por haver um espaço de trinta e cinco dias entre a ruptura das aguas e o parto [3]. Manuel Antonio de Mendonça Moraes, de quem apenas sabemos que era medico do hospital militar de Chaves, relata a observação d'uma mulher em quem se formou um abcesso do ventre por onde saíram parte dos ossos d'um

---

[1] *Aforismos sobre a applicação e uso do forceps e vectis e sobre partos preternaturaes, partos acompanhados de hemorrhagias e de convulsões, por Thomaz Denman M. D. e traduzidos em vulgar por Manuel Alvares da Costa Barreto C.* Lisboa, na Régia Officina Typographica. Anno MDCCXCIII.

[2] *Memoria sobre a descripção e vantagens de huma cadeira de obstetricia da invenção do professor Stein, e emendada principalmente pelo professor Osiander,* na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisbôa,* IV, parte II. Lisboa, na typ. da mesma Academia, 1816.

[3] *Jornal Encyclopedico,* abril de 1789.

feto, saíndo a outra parte pela vagina. Profundamente infectada, a mulher morreu [1].

Manuel Joaquim de Sousa Ferraz, de quem nada mais sabemos a não ser que era doutor em medicina e artes pela Universidade de Montpellier, onde terminou o curso pelos annos de 1792 e teve por mestre Fouquet, e socio da Academia Real das Sciencias, refere um caso que não mais abona a sua pericia. Em seguida a um parto começado e não terminado, formou-se uma fistula vesico-vaginal tão extensa que por ella passou o feto á bexiga, onde, pela autopsia, se foi encontrar, seis mezes depois [2].

Francisco Xavier d'Almeida Pimenta nasceu na Certã em 2 de dezembro de 1775. Frequentou a faculdade de medicina, onde terminou o curso em 1799. Assignalou-se pelo seu zêlo na propagação da vaccina e por isso foi premiado pela Academia Real das Sciencias em 1816. Em 1813 foi nomeado socio da Academia Real das Sciencias e em 1820 foi deputado ás côrtes. Foi medico do hospital militar de Abrantes e exerceu a clinica no Sardoal, onde morreu em 21 de abril de 1839 [3]. Pratico mui habil e extremamente curioso não só em objectos da sua profissão, mas em muitos outros, como d'elle diz José Feliciano de Castilho, deixou registados muitos casos da sua observação. Um d'elles é muito semelhante ao de Mendonça Moraes. Gravída uma mulher; aos treze mezes ainda se não tem effectuado o parto; fórma-se um abcesso no umbigo e por elle saem os ossos d'um feto [4].

Finalmente, João Victorino Pereira da Costa, cirurgião em

---

[1] *Jornal Encyclopedico,* fevereiro de 1790.

[2] *Observação anatomica de hum feto humano que em consequencia de hum parto laborioso, passou á bexiga urinaria,* nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* tom. II. Lisboa, na typographia da Academia, 1799.

[3] Rodrigues de Gusmão, *Memorias biographicas,* pag. 57.

[4] *Observação sobre huma prenhez terminada pela putrefacção do feto,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XIX, parte I, julho de 1813.

Torres Vedras, publíca um caso de apresentação de vertice, com procidencia de braço, em que tentou a versão podalica sem resultado, conseguindo fazer o parto depois da amputação do braço [1].

Para concluir, mencionaremos uma curiosa observação de Francisco Tavares, o illustre professor da Universidade, a quem teremos de nos referir largamente, ao tratar da pharmacologia. Em 1891 observou elle um feto monstruoso que foi dissecado pelo lente de anatomia em Coimbra, o dr. João de Campos Navarro, em presença de outros collegas. O feto apresentava um grande exomphalo, e uma espina-bifida; mas o que o tornava mais interessante era a ausencia de anus e de orgãos genitaes internos e externos [2].

PATHOLOGIA MEDICA

A pathologia medica, apesar da multiplicidade dos trabalhos publicados, não nos apresenta n'este periodo trabalhos de conjuncto, em que se descubra uma nota original bastantemente accentuada. O que de mais importante se encontra são pequenas monographias, sobretudo sobre as febres, em que por vezes se accusa observação minuciosa e attenta da parte dos seus auctores.

O estudo da pathologia medica fazia-se pela *Medicina domestica* de Buchan (1729-1805), um d'estes medicos que, em vez de trabalharem seriamente, procuram apenas os applausos da turba. Esta obra tivera vinte e uma edições em Inglaterra; quarenta ou mais em França; entre nós contou apenas cin-

---

[1] Conta de agosto, setembro e outubro de 1818, no *Jornal de Coimbra*, n.º LXXXV, parte I.

[2] *Descripção de hum feto monstruoso, nascido em Coimbra no dia 28 de novembro de 1791*, nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. III. Lisboa, na typographia da Academia, 1799.

co, o que proporcionalmente não deve considerar-se menor exito [1].

Succediam-lhe os *Elementos de medicina pratica*, de Cullen (1712-1790), um dos maiores clinicos que a Inglaterra produziu, mas cuja doutrina não teve entre nós grande reinado. Vulgarisou-os na nossa lingua o medico de Mirandella, José Manuel Chaves, de quem já demos alguns traços biographicos [2].

Mais larga acceitação encontrava, certamente pela sua simplicidade, o systema de Brown, do qual se fizeram vulgarisadores Manuel Joaquim Henriques de Paiva, que todavia o não seguia exclusivamente, e seu filho João Henriques de Paiva. A maior parte dos trabalhos do mestre e dos seus discipulos eram traduzidos em portuguez [3].

---

[1] *Medicina domestica, ou tratado completo dos meios de conservar a saude, e de curar e prevenir as enfermidades por via do regime e remedios simples. Trasladada em vulgar... pelo doutor Francisco Pujol de Padrell. Com os additamentos e notas do traductor francez o doutor J. D. Duplanil.* Lisboa, na Typographia Rolandiana. Tom. I e II, 1788; III, 1790; IV e V, 1791; VI, 1793; VII e VIII, 1794.

Medicina domestica, ou tratado de prevenir e curar as enfermidades com o regimento e medicamentos simples: escripto em inglez pelo dr. Guilherme Buchan, traduzido em portuguez com varias notas e observações concernentes ao clima de Portugal e do Brazil, com o receituario correspondente, e um appendice sobre os hospitaes navaes, etc., por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, na Offic. Morazziana, 1788. 4 tomos — Ibi, 1802. 4 tomos. Segundo Innocencio, ha mais duas edições, sendo a ultima de 1841.

[2] *Elementos de medicina pratica do dr. Guilherme Cullen. Traduzidos da quarta e ultima edição ingleza em francez, com notas pelo dr. Bosquillon... e do francez em vulgar com algumas notas por José Manuel Chaves.* Lisboa, na Typographia Nunesiana. I e II tom., 1790; III, IV, V e VI, 1791.

[3] *Chave da pratica medico-browniana, ou conhecimento do estado estenico e astenico predominante nas enfermidades, pelo dr. Weikard, traduzida em italiano pelo doutor Luiz Frank, em hespanhol com hum compendio da theoria browniana, pelo doutor D. Vicente Mitjavila e Fisonel, e em linguagem com algumas notas por Manuel Joaquim Henriques de Paiva.* Lisboa, 1800. Na officina de Simão Thaddeo Ferreira. Apenas um volume e não quatro, como diz Innocencio.

Igualmente se declarava em seu favor, e tentava concilial-o com as doutrinas de Darwin, Manuel Pereira da Graça [1], de quem restam escassas noticias. Nascido pelos annos de 1770 em Macinhata do Vouga, e filho de José Pereira da Graça, doutorou-se em medicina na Universidade de Coimbra em 6 de maio de 1798. Aspirando ao professorado, foi nomeado ajudante de clinica em 23 de junho de 1804. Desde então, nenhum vestigio se encontra da sua passagem no professorado. Parece ter exercido a clinica em Lisboa, e morreu, ao que diz Innocencio, na Madeira, no primeiro quartel d'este seculo [2].

Trabalhos originaes sobre a pathologia medica considerada no seu conjuncto, apenas temos a considerar os *Compendios*

Divisão das enfermidades feita segundo os principios do systema de Brown ou nosologia browniana pelo dr. Valeriano Luiz Brera: trasladada em hespanhol com hum discurso preliminar sobre as nosologias pelo dr. Vicente Mitjavila e Fisonel, e em portuguez com algumas notas por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, mesma typographia e anno.

Reflexões ácerca da doutrina de Brown, ou prefação do doutor João Pedro Frank, á obra de seu filho o doutor José Frank... e que servem de continuação da Chave da pratica medica browniana, etc. Tirados do latim e accrescentados com algumas notas por João Henriques de Paiva. Lisboa, MDCCCIII. Na offic. de Antonio Rodrigues Galhardo.

Ensaio sobre a nova doutrina medica de Brown, em fórma de carta por Manuel Rizo, de Constantinopla, vertido em linguagem por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, MDCCCVII. Na nova offic. de João Rodrigues Neves.

Prospecto de hum systema simplicissimo de medicina, ou illustração e confirmação da nova doutrina medica de Brown pelo dr. Belchior Adão Weikard. Traduzido do allemão em italiano pelo dr. José Frank. Vertido em linguagem e ampliado com outras annotações por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Bahia: na typ. de Manuel Antonio da Silva Serva. Anno de 1816. 2 tomos.

Manual de medicina e de cirurgia pratica fundada sobre o systema de Brown pelo dr. Belchior Adão Weikard. Traducção livre da segunda edição allemã em italiano pelo dr. Valeriano Luiz Brera. Tirado em linguagem e ampliado por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Bahia, na typ. de Manuel Antonio da Silva Serva. Anno de 1818.

[1] *Supplementum in Brunonis theoriam.* Conimbricæ, typis academicis: A. D. MDCCCIII.

[2] Mirabeau, op. cit.; Innocencio, op. cit.

de medicina pratica de José Maria Bomtempo. Affirma Innocencio, baseado em informações fornecidas por um proximo parente de Bomtempo, que elle nasceu em 15 de agosto de 1774. É isto comprovado por uma passagem do seu *Compendio de medicina pratica*. Depois de estudar a medicina em Coimbra [1], foi em 1798 nomeado physico-mór de Angola [2], medico da real camara e juiz commissario do Proto-Medicato. Em Africa se demorou até 1808 em que foi para o Rio de Janeiro [3], sendo, logo em seguida á chegada, nomeado professor de materia medica e medicina pratica da Academia Medico-Cirurgica. Depois de jubilado, passou alguns annos completamente retirado, até fallecer em 2 de janeiro de 1843. Era fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo e da Imperial da Rosa do Brazil, membro titular da Academia Imperial de Medicina, socio correspondente da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, da Academia Medica da Bahia, da Sociedade de Emulação Medica de Barcelona e ainda de outras sociedades scientificas.

Os *Compendios de medicina pratica* não têm importancia de maior. São uma compilação dos trabalhos de Pinel, ordenada segundo a nosologia d'este illustre medico. Obra elementar, é justo confessar que se acha methodicamente disposta e que devia satisfazer por completo ao fim para que foi escripta [4].

No seu *Esboço d'um systema de medicina pratica*, apresenta Bomtempo uma nosographia sua. As doenças são divididas em cinco classes: molestias de irritação em augmento; molestias de sensação em augmento; molestias irritativas e sensitivas combinadas; molestias irritativas e insensitivas, ou isoladas ou

---

[1] *Esboço de hum systema de medicina pratica*, pag. 59.

[2] Idem, pag. 61.

[3] Prefação da *Memoria sobre algumas enfermidades do Rio de Janeiro.*

[4] *Compendios de medicina pratica feitos por ordem de Sua Alteza Real e organisados por José Maria Bomtempo.* Rio de Janeiro, 1815, na Régia Officina Typographica.

*

combinadas; e finalmente, lesões organicas. Combate as tres primeiras classes de doenças com os torpentes ou sedativos; a quarta com os torpentes ou com os incitantes, segundo os casos; as lesões organicas são tratadas com os especificos proprios de cada uma das lesões.

Mas se os tratados geraes de pathologia eram em pequeno numero e quasi todos traduzidos, muitos medicos se occupavam das febres, e sobre esta designação abrangia-se, em harmonia com algumas nosographias, quasi toda a pathologia medica. Occupavam-se da pyretologia em geral, segundo pontos de vista differentes, José Manuel Chaves, Henrique Xavier Baeta e Francisco de Mello Franco.

A *Febriologia* de José Manuel Chaves não tem outro merecimento além de compilar alguns dos conhecimentos mais em voga na época. N'ella, adopta o medico de Mirandella uma classificação um pouco modificada de Sauvages. As febres são divididas em tres grupos principaes: *intermittentes, malignas* e *inflammatorias.* As primeiras, que observou nas proximidades de Coimbra, e sobretudo em Condeixa, aonde então residia, são tratadas sobretudo pela quina.

As febres malignas são divididas em sanguineas, biliosas, lymphaticas e nervosas. Para que se possa fazer juizo mais approximado do arbitrario d'esta classificação, bastará dizer que as febres sanguineas são: a variolica, a pleuretica e a sudatoria; as febres biliosas são: a estomachica e a dysenterica; as lymphaticas são: a rheumatica, a catarrhal, a comatosa, a epiala e a phricodes; e, finalmente, as nervosas são: a comatosa e a pestilencial.

O methodo curativo d'estas febres malignas consistia nas limonadas, na quina, causticos e sarjas, e no uso interno e abundante da agua.

As febres inflammatorias são divididas conforme as regiões do corpo: em inflammações da cabeça, do peito, do abdomen e externas. É tão reduzido o numero de especies, que as inflammações do peito apenas comprehendem: o pleuriz e a peripneumonia. O tratamento de tão variadas doenças consiste na sangria repetida mas pouco abundante, nas limonadas aci-

das, nos diluentes, como o nitro, e algumas vezes nos causticos [1].

Henrique Xavier Baeta nasceu em Salvaterra, tendo por paes José Dias Baeta e Anna Rosa Joaquina. Matriculou-se na Universidade de Coimbra pelos ultimos annos do seculo XVIII e terminára o seu curso de philosophia em que fôra discipulo do grande naturalista Brotero, quando em 1797, receoso das perseguições de que eram alvo os alumnos suspeitos de parciaes em favor da revolução franceza, emigrou para Inglaterra, onde fez os seus estudos medicos em Edimburgo, terminando o seu curso em 24 de junho de 1800. Ahi contrahiu amizade intima com alguns dos mais notaveis medicos inglezes, taes como Currie, Beddoes, Strut e Darwin. Havendo-se dissipado os receios que o haviam obrigado a emigrar, veio em setembro de 1800 para Lisboa, onde se entregou á clinica, adquirindo creditos que levaram Balbi a designal-o como *muito bom medico*. Em 1820 foi eleito deputado ás côrtes, nas quaes se fez notar pelo seu espirito eminentemente liberal. Em 1827, abandonou de todo a clinica e foi viver nos Olivaes, onde, apesar da sua tolerancia, foi preso e encarcerado em 1831, recuperando a liberdade em 24 de julho de 1833. Eleito novamente deputado no anno seguinte, obteve por essa época um logar de recebedor da fazenda, de que foi exonerado em 1836. Desde então, viveu completamente retirado nos Olivaes, onde falleceu em 21 de novembro de 1854 [2].

Deixou Henrique Xavier Baeta numerosos trabalhos, alguns dos quaes, os publicados em Inglaterra, são muito difficeis de encontrar. D'entre elles notamos o *Estudo comparativo sobre a theoria e pratica do dr. Cullen, Brown e Darwin no tratamento da febre e rheumatismo agudo.* Baeta é decidido parti-

---

[1] *Febriologia accomodada tambem para as pessoas curiosas; onde se descrevem o caracter, as causas e as especies de Febres Intermittentes, Malignas e Inflammatorias, conforme a fiel e attenta observação que na pratica de vinte annos tem feito.* Coimbra: na Real Officina da Universidade, MDCCXC.

[2] Innocencio, op. cit.; Rodrigues de Gusmão, op. cit.

dario das doutrinas de Darwin, comquanto por vezes lhes faça reparos respeitosos [1].

Francisco de Mello Franco era brazileiro. Nascera em Piracatu, na provincia de Minas-Geraes, em 17 de setembro de 1757. Foram seus paes João de Mello Franco e D. Anna Caldeira.

Tendo feito os seus primeiros estudos no seminario de S. Joaquim no Rio de Janeiro, veio para Portugal, onde, completados os preparatorios, se matriculou na Universidade de Coimbra, para frequentar medicina. Era ainda estudante quando, accusado de irreligiosidade, foi preso e processado pela Inquisição, saíndo no auto de fé celebrado em Coimbra a 26 de agosto de 1781 com Francisco José de Almeida, a quem tambem nos havemos de referir. Foi sentenciado como hereje materialista, dogmatista e por negar o sacramento do matrimonio. Condemnado a reclusão na casa de Rilhafolles por tempo arbitrario, alli permaneceu por algum tempo, voltando para Coimbra a completar a sua formatura. Concluidos os seus estudos, exerceu a clinica em Lisboa com grandes proventos e creditos. Em 1787 era nomeado socio da Academia Real das Sciencias e a curto espaço era feito commendador da ordem de Christo, medico da real camara, deputado extraordinario da Junta do Proto-Medicato, membro da Junta de saude publica e da Instituição vaccinica. Em 1817 acompanhou ao Brazil, de companhia com Bernardino Antonio Gomes, a princeza Maria Leopoldina, destinada para esposa do principe real D. Pedro [2]. Não encontrou ahi o acolhimento que esperava. Os recentes acontecimentos de Pernambuco traziam os animos exaltados, e Mello Franco viu-se accusado de ser um dos conspiradores que em Lisboa haviam tentado desthronar D. João VI por demente. Novos desgostos em breve o vinham

---

[1] *Comparative View of the Theory and Pratice of dr. Cullen, Brown and Darwin, in the treatment of Fever, and acute Rheomatism.* London, 1800.

[2] Mello Franco, *Ensaio sobre as febres*, pag. 2.

vexar. Realisados avultados bens que pelo seu trabalho adquirira, viu-se d'um momento para o outro arruinado pela quebra fraudulenta d'um negociante a quem os confiára. A sua saude, que nunca fôra muita [1], resentiu-se com estes revezes, e Mello Franco viu-se accommettido por uma febre consumptiva que resistiu ao tratamento. Ao voltar d'uma digressão que fizera a S. Paulo em busca de melhoras, chegando á altura de Ubatuba, falleceu aos 22 de julho de 1823 [2].

Mello Franco foi sobretudo um hygienista e como tal o havemos de estudar. Depois que estabeleceu residencia no Brazil, começou a estudar as febres que alli grassam, e em 1821 escrevia o seu *Ensaio sobre as febres*, que sahiu posthumo.

Divide-as em duas ordens: intermittentes e contínuas. No estudo das intermittentes, estabelece tres divisões: terçãs, quartãs e quotidianas; e no seu tratamento lança mão da sangria no auge da febre, e na apyrexia dá a quina, o arsenio e os calomelanos. As febres contínuas formam, para Mello Franco, dois generos: as continentes e as remittentes. Nas continentes, inclue tres especies: synocha, typho e synocho. As remittentes tambem abrangem tres especies: biliosas, mucosas e saburrosas. O tratamento d'estas febres consiste na sangria, nos purgantes, nos diaphoreticos, na quina e no vinho. Mello Franco mostra-se no seu livro bom observador e nada inclinado a theorias modernas, pendendo mais para o naturismo de Cullen, do que para os systemas dos *innovadores* [3].

Taes foram os trabalhos que se occuparam da pyretolo-

---

[1] Mello Franco, *Elementos de hygiene*, 3.ª edição, 1823, pag. 201.

[2] Rodrigues de Gusmão, op. cit.; Innocencio, op. cit. Muitos dados biographicos são confirmados por differentes passagens do *Ensaio sobre as febres*.

[3] *Ensaio sobre as febres com observações analyticas ácerca da topogra-* [illegible] *particularidades que influem no caracter das febres do Rio de Janeiro*. Lisboa, na typographia da Academia, 1829.

gia em geral. De passagem apenas notaremos duas traducções de Belfor e Reich, que por este tempo se publicaram [1].

Se agora procedermos ao exame das memorias que tiveram por objecto alguma ou algumas das variedades de febres, vemos que das febres typhoides, febres malignas ou febres pôdres se occuparam Antonio d'Almeida (de Penafiel), Bernardino Antonio Gomes, Henrique Xavier Baeta e Francisco Xavier d'Almeida Pimenta.

A pouco se reduz a biographia de Antonio d'Almeida. Nasceu em Coimbra a 26 de junho de 1767. Matriculou-se em 1787 no curso medico da Universidade, que concluiu em 1791, indo em seguida tomar conta do partido da camara de Penafiel, onde morreu em novembro de 1839. Almeida é um typo singular de medico provinciano. Os seus ocios empregava-os em escrever numerosissimos trabalhos sobre medicina, mas ainda mais sobre historia, archeologia e philologia. Enthusiasticamente devotado á propagação da vaccina, foi membro da Instituição vaccinica e socio da Academia Real das Sciencias [2].

A primeira das suas obras é a noticia de uma epidemia de febres typhoides que em 1791 e 1792 se ateou em Penafiel. A epidemia apresentou tres variedades symptomaticas que Almeida descreve succinta, mas completamente. O tratamento

---

[1] *Tratado da influencia da lua nas febres por Francisco Belfor M. D., com hum tratado da febre pôdre, pantanosa e remittente que assolou Bengala no anno de 1762. Trasladada do latim de huma disserta[illegible] Diogo Lind. M. D. Traduzido tudo dos originaes inglezes em vulgar por Antonio Felis Xavier de Paula.* Lisboa, na Régia Off[illegible] Anno MDCCXC.

Da febre e sua curação em geral, ou novo e se[illegible] de c[illegible]cilmente, por meio dos acidos mineraes, todas as especies de febre; pel[illegible] Gotofredo Christiano Reich, traduzido do allemão em francez pelo doutor Marc. Tirado em linguagem e ampliado com annotações po[illegible] de P. Ba[illegible], na typ. de Manuel Antonio da Silva Serva. Anno 1813.

[2] Innocencio, op. cit. As informações por elle fornecidas são co[illegible]das e ampliadas por muitas passagens das obras de [illegible]

consistiu nos vomitivos, nos purgantes brandos e na quina, quando os casos eram mais graves [1].

Henrique Xavier Baeta terminava o seu curso medico em Edimburgo no anno de 1800. Enthusiasta pela *Zoonomia* de Darwin, escolhera para assumpto da sua dissertação as febres intermittentes, ás quaes applicava as doutrinas que seguia. Negou a faculdade a approvação á dissertação, por julgar inconveniente ao decoro da corporação que os seus alumnos sustentassem doutrinas differentes das de Cullen. Escreveu então Baeta uma nova dissertação sobre as febres typhoides, em que as vistas de Cullen são fielmente expostas. Rematava-as, porém, por estas palavras que deixavam claramente transparecer o seu sentir: *Como póde explicar similhante theoria os symptomas do typho?* [2]

Bernardino Antonio Gomes, já o dissemos, foi em 1802 tratar d'uma epidemia de febres typhoides que se desenvolvera na esquadra portugueza de Gibraltar. Publicára Currie em 1797 um valioso trabalho sobre a applicação das affusões frias no tratamento da febre. Gomes, que tinha conhecimento d'esse trabalho, aproveitou a occasião unica que se lhe deparava para ajuizar do valor d'este methodo therapeutico. Nada menos de duzentos e vinte doentes havia na esquadra, comquanto não fossem todos submettidos ao tratamento pela affusão de agua fria ou melhor pelas abluções. Os resultados foram excellentes [3].

---

[1] *Historia da febre que grassou na cidade de Penafiel em 1791 e 1792.* Coimbra, na Real Imprensa da Universidade. CIↃ IↃCC LXXXXII (1792).

[2] *Dissertatio medica inauguralis de typho, quam annuente summo numine, ex autoritate reverendi admodum viri, D. Georgii Baird, S. S. T. P. Academiæ Edimburgenæ Præfecti; necnon Amplissimi Senatus Academiæ Consensu et Nobilissimæ Facultatis Medicæ Decreto: pro Gradu Doctoris, summisque in medicina honoribus ac priviligiis rite et legitime consequendis; eruditorum examine subjicit Henricus Xavier Baeta Lusitanus. Ad diem 24 junii, hora locoque solitis.* Edinburgi: Excudebat C. Stewart et Socii. Academiæ Typographi, 1800.

[3] *Methodo de curar o typho ou febres malignas contagiosas pela effusão de agua fria, a que se ajunta a theoria do typho segundo os preceitos da zoono-*

Henrique Xavier Baeta, de regresso a Portugal, observou em Lisboa uma nova epidemia de febres typhoides em 1810 e 1811. Attribue-a á accumulação que existia n'esta cidade em seguida á batalha do Bussaco, devida a que muita gente buscára Lisboa para refugio, além de que para ahi se haviam dirigido grandes forças militares. Baeta mostra-se bom observador na descripção symptomatica que apresenta. Devotado ao systema de Darwin, expõe o de Bichat, em quem vê um continuador do illustre medico inglez. O tratamento consiste principalmente nos vomitivos, nos purgantes, na quina, no ether, a que por vezes se juntam os acidos mineraes, a sangria e os vesicatorios [1].

Deu este opusculo logar a accesa polemica entre José Feliciano de Castilho e o auctor, no *Jornal de Coimbra* e no *Investigador Portuguez*, mas nada nos aproveita d'essa pugna esteril.

No *Jornal de Coimbra*, onde por lei deviam todos os medicos de partido, militares, etc., publicar as relações das enfermidades que observavam, encontramos noticia de algumas epidemias analogas. D'uma só damos conta.

Francisco Xavier d'Almeida Pimenta foi mandado em 1811 estabelecer em Villa Velha um hospital para o tratamento d'uma epidemia que se desenvolvera no exercito. Era uma febre contínua, acompanhada de petechias, cuja symptomatologia quadra com o que chamamos hoje febre typhoide. Pimenta applaude-se do tratamento que instituiu: sinapismos, fricções com vinagre camphorado, quina, limonada sulfurica e vesicatorios [2].

Sobre as febres intermittentes, apenas encontramos a dis-

---

mia, a explicação do modo de obrar da effusão fria, e huma carta ao dr. James Currie com observações e reflexões sobre aquelle methodo. Lisboa, na typographia da Academia Real das Sciencias. Anno 1806.

[1] *Memoria sobre a febre epidemica contagiosa, que grassou em Lisboa desde outubro de 1810 até agosto de 1811.* Lisboa, na Impressão Regia, 1812.

[2] *Descripção d'uma febre, que grassou em Villa Velha, comarca de Castello Branco, no verão de 1811,* no *Jornal de Coimbra*, VI, 1814, pag. 237.

sertação, recusada pela faculdade de Edimburgo, de Henrique Xavier Baeta, na qual nada a mais se encontra do que a exposição das doutrinas de Darwin applicadas á descripção d'estas febres [1]. Mas no registro clinico das enfermidades reinantes, que espantosa profusão de noticias se encontram sobre as sezões! Ou havemos de crêr, lançando os olhos para o *Jornal de Coimbra,* que se commettiam grosseiros erros de diagnostico, ou tinham estas febres uma área de distribuição muito superior á que hoje têm no nosso paiz.

Valentim Sedano Bento de Mello nas Caldas da Rainha, Luiz Soares Barbosa em Leiria, Luiz Gonzaga de Sousa em Santarem, José Maria Soares em Lisboa, Luiz Antonio Travassos na Vacariça, Antonio Anastacio de Sousa em Pombal, Emygdio Manuel Victorio da Costa em Soure, e muitissimos outros fallam d'ellas como de endemicas nas regiões em que faziam clinica. A therapeutica era uniforme. Emetico e purgantes brandos, decoctos amargos e sobretudo a quina, taes eram os meios empregados para as debellar. Alguns apresentam como succedaneo da quina o salgueiro branco, o fructo do castanheiro da India e o arsenio.

Occupa-se igualmente das febres que se observam no continente africano José Pinto d'Azeredo. Este illustre medico nasceu no Rio de Janeiro em 1763. Doutorou-se em medicina em Leyde e occupou o cargo de physico-mór em Angola, encarregando-se ao mesmo tempo de reger alli uma aula de medicina. Transferiu depois a sua residencia para o Brazil, sendo nomeado medico da real camara. Era cavalleiro da ordem de Christo, socio da Academia Real das Sciencias e de varias sociedades scientificas. Veiu morrer em Lisboa em 1807.

José Pinto d'Azeredo recolheu durante a sua residencia em Africa os elementos da obra que escreveu sobre as enfermidades de Angola, que não differiam das que depois foi

---

[1] *Dissertatio de febribus intermittentibus præcipus medendis.* Edinburgi, apud Jacobum Pillans et Filius, 1800.

observar no Brazil. Eram ellas as febres remittentes, as febres intermittentes, as dysenterias e os tetanos. Fructo de experiencia propria, este livro merece attenção, porque a descripção das enfermidades é feita com cuidado e porque o auctor se emancipou dos systemas medicos dominantes, para apenas mencionar o que viu. Nas febres remittentes, julga perniciosa a sangria, e appella para o tartaro emetico, para o opio e para a quina. Nas febres intermittentes, aconselha a quina, a noz vomica e o arsenio branco. Igualmente lhe parece ter colhido bons resultados da applicação da casca interna do coco. As dysenterias são tratadas pelos vomitivos, pelos purgantes e pelo opio. No tetano, diz ter colhido excellente fructo da applicação do opio em dóses elevadas e das fricções mercuriaes. Na declinação da doença, applicava os purgantes [1].

Antonio José Vieira de Carvalho, cirurgião-mór do regimento de cavallaria regular da capitania de Minas-Geraes, traduziu as *Observações sobre as doenças dos negros* de Dazille, cujas obras, no dizer de Chereau, occupam um logar distincto entre as que melhor fizeram conhecer as doenças dos paizes quentes [2].

Marcára a Academia Real das Sciencias como ponto para concurso: determinar em todos os seus symptomas as doenças agudas e chronicas que mais frequentemente acommettem os pretos recemchegados de Africa. Luiz Antonio d'Oliveira Mendes apresentou-se a este concurso. Mendes nasceu na Bahia em 1750. Era bacharel formado em leis, philosophia e medicina. Foi advogado da Casa da supplicação e regressou ao Brazil em época que não se acha determinada. Vivia

---

[1] *Ensaios sobre algumas enfermidades de Angola.* Lisboa, na Régia Officina Typographica, MDCCXCIX.

Pinto d'Azeredo publicou no *Jornal Encyclopedico,* numero de março de 1890: *Exame quimico da atmosphera do Rio de Janeiro.*

[2] *Observações sobre as enfermidades dos negros, suas causas, seus tratamentos e os meios de as prevenir por Mr. Dazille. Traduzidas em lingua portugueza.* Lisboa, na Typographia Chalcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco do Cego, MDCCCI.

ainda na Bahia no anno de 1814, mas d'ahi em diante ignora-se o seu destino, e até a data da sua morte.

Começa Oliveira Mendes descrevendo a vida e costumes dos negros em Africa, e prosegue na descripção da sua captura e transporte. No trajecto estão elles sujeitos ás seguintes doenças agudas: ás carneiradas, ao mal de Loanda, a constipações e tosses, ás sezões, ás bexigas e sarampo, á filaria e aos carbunculos e anthrazes. Mendes descreve summariamente estas doenças, sem se preoccupar com o seu tratamento.

Vêm sommar-se-lhes as seguintes doenças chronicas: umas derivadas das agudas, outras das condições hygienicas em que os negros se encontravam: o banzo, — uma especie de nostalgia — a sarna, as boubas, o escorbuto, a pulga penetrante, hydropesias e a phtisica pulmonar.

Preoccupa-se depois Oliveira Mendes com os meios de evitar estas doenças. Tudo se limita a aconselhar que sejam os pretos remettidos em pequena quantidade de cada vez, que sejam bem tratados, e que se vele pela sua alimentação e alojamento [1].

Tambem se occupa de algumas doenças proprias do Brazil José Maria Bomtempo.

As de que se trata são umas proprias das estações quentes, outras da estação invernosa. As primeiras constituem febres malignas, complicadas de hepatite; as segundas, affecções catarrhaes. Bomtempo recommenda toda a prudencia na applicação da quina, quer n'uma quer n'outra d'estas duas classes de doenças [2].

---

[1] *Discurso academico ao programma: Determinar em todos os seus symptomas as doenças agudas e chronicas que mais frequentemente accommettem os pretos recemchegados da Africa, examinando as causas da sua mortandade depois da sua chegada ao Brazil, etc.*, nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias*, IV, 1812.

[2] *Trabalhos medicos offerecidos á magestade do senhor D. Pedro I, imperador do Brazil.* Rio de Janeiro, na Typographia Nacional.

Comprehendem:

1.º *Memoria sobre algumas enfermidades do Rio de Janeiro e mais par-*

E para terminarmos o estudo das febres, um medico da real camara, Antonio Soares de Macedo Lobo, que clinicava havia vinte e seis para vinte e sete annos, aconselhava o uso dos purgantes nas febres erysipelatosas (!) e typhoides, precedendo o seu emprego n'estas ultimas dos vomitorios [1].

Agora que passamos em revista os trabalhos sobre febres, lancemos os olhos sobre outros capitulos da pathologia. Vejamos em primeiro logar as doenças do apparelho digestivo. Apenas Manuel Pereira Malheiro se occupou das estomatites.

Manuel Pereira Malheiro estudou a cirurgia no hospital de S. José de Lisboa, tendo por mestres Manuel Constancio, José Gonçalves Corrêa, Antonio Gomes Lourenço e Filippe José de Gouveia. Em 1791 era nomeado cirurgião do mesmo hospital e da casa dos expostos, e lente de cirurgia em 29 de novembro de 1792. Cegando em 1807, foi aposentado e veiu a fallecer em 5 de junho de 1831 [2].

Descreve Malheiro uma *epidemia de aphtas* que se desenvolveu na casa dos expostos. Parece que se tratava do farfalho ou de alguma estomatite ulcerosa, que é attribuida ao mau leite que servia para a alimentação das creanças alli recolhidas. Malheiro combateu a doença com um vinho de sua composição, tendo por base o azebre, e com este tratamento conseguiu extinguil-a por completo.

Sobre anginas, apenas se encontram registradas observa-

---

ticularmente sobre o abuso geral e pernicioso effeito da applicação da preciosa casca peruviana, a quina. Rio de Janeiro, na Typographia Nacional, 1825.

2.º *Plano ou regulamento interino para os exercicios da Academia Medico-Cirurgica do Rio de Janeiro.*

3.º *Regulamento interino para a fisicatura mór do imperio do Brazil.*

4.º *Esboço de hum systema de medicina pratica, pelo qual em qualquer parte do globo se podem curar todas as molestias irritativas com hum só e simples remedio.*

[1] *Carta apologetica sobre a necessidade de praticar os remedios purgantes em toda a sorte de febres eryzipelantosas; e nas que são biliosas pôdres, ou malignas...* Lisboa, na officina de José de Aquino Bulhoens. Anno MDCCLXXXI. (Sem nome do auctor).

[2] Alfredo Luiz Lopes, op. cit., pag. 51.

ções de Luiz Gonzaga da Silva, João José da Costa, José Antonio Morão, Jorge Gaspar d'Oliveira Rollão, etc. Eram combatidas pelos vomitorios, pela sangria e sanguesugas, e pelos gargarejos emollientes, adstringentes, ou detersivos. Algumas vezes empregavam-se igualmente vapores resolutivos [1].

Não encontramos sobre doenças do estomago mais do que algumas observações de febres gastricas e dispepsias. Combatiam-se as primeiras com a sangria, com os vomitorios, purgantes, e ás vezes com o almiscar e a camphora. (Jacintho Franco Leitão) [2].

As segundas eram tratadas pelos estimulantes diffusivos, pelos amargos, pelos sorventes e pelos purgantes brandos (José Antonio Morão) [3].

Manuel Joaquim de Sousa Ferraz publicava uma observação que para elle demonstrava a sympathia entre o estomago e o cerebro, e para nós é apenas prova de nimia credulidade. Tendo sido dado a uma mulher um bolo em que iam misturados cabellos, manifestou-se delirio durante dois dias. A cura foi operada pela applicação d'um vomitorio [4].

As doenças intestinaes não davam logar a maior somma de trabalhos. Observações sobre diarrheias encontram-se com frequencia (José Antonio Morão, etc.) [5]. Combatiam-se estas doenças com o cozimento branco, com o opio, com os adstringentes. Ignacio Antonio da Fonseca Benevides publicava todavia uma memoria extensa sobre as *dysenterias chronicas*. Nasceu Benevides na villa do Ervedal da Beira em 15 de janeiro de 1788, sendo filho de Manuel Lourenço Martins da Fonseca e de D. Maria Fernandes Peres. Estudou medicina em Coimbra, terminando o seu curso em julho de 1813, e indo em seguida

---

[1] *Jornal de Coimbra*, n.os XIV, XXI, XXIII, XXVI, XXXVII e LVI.

[2] Idem, VI, 1814, pag. 40.

[3] Idem, n.º XXVII, março de 1814.

[4] *Singular observação que confirma a sympathia do estomago com a cabeça*, nas *Memorias de Mathematica e physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, II, na typographia da mesma Academia, 1799.

[5] *Jornal de Coimbra*, VI, 1814, pag. 225; VIII, 1815, pag. 45.

estabelecer residencia em Lisboa. Nomeado socio da Academia Real das Sciencias em 1816, teve grande parte nos trabalhos da Instituição vaccinica. Desempenhou grande numero de commissões, e exerceu cargos importantes. Era cavalleiro professo na ordem de Christo desde 1821 e foi feito commendador da mesma ordem em 1840, cavalleiro da Conceição desde 1844 e recebeu a carta de conselho em 1853. Desempenhou as funcções de presidente do conselho de saude naval, de medico effectivo da real camara, de medico director do hospital militar de S. Francisco, de physico-mór da armada em 1832 e de vogal adjunto do conselho de saude publica desde 1844. Além de socio da Academia Real das Sciencias e de director da classe de sciencias naturaes, foi um dos fundadores da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana e da Academia Medica de Madrid. Falleceu de febre amarella em Lisboa a 29 de dezembro de 1857 [1].

O *Methodo de curar as dysenterias chronicas* não honra em extremo o seu auctor, que aliás não produziu nenhum trabalho de valia. Diz d'elle o snr. Rodrigues de Gusmão: «Não é maravilha que não attingisse completamente o fim do programma, porque, além de muito abstracto, são tão variadas as causas das dysenterias, tanto sobre ellas se tem escripto, que difficillimo é, senão impossivel, offerecer um systema therapeutico, racional e efficaz, fundado em observações proprias.» O tratamento que Benevides prescreve consiste na dieta, nas bebidas mucilaginosas, nos adstringentes, nos tonicos brandos, nos opiados e nas aguas do Gerez [2].

Encontram-se algumas observações de colicas intestinaes (José Antonio Morão, etc.). N'uma colica espasmodica, fazia

---

[1] Rodrigues de Gusmão, op. cit.; Innocencio, op. cit.

[2] *Memoria que obteve o Accessit em sessão publica de 24 de junho de 1819 ao programma: Qual he o methodo de curar radicalmente as dysenterias chronicas, de qualquer causa que procedão; fundado em principios e confirmado por observações praticas,* na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, VII. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1821.

este medico applicações de leite quente sobre o ventre, praticava fricções sobre as extremidades, e empregava os purgantes e clysteres. N'uma colica saturnina colhia bom exito dos purgantes catharticos e do opio. Em casos de volvo, davam-se clysteres de tartaro emetico, com excellente resultado [1].

Pouco se regista sobre doenças do figado. Limitavam-se as observações a casos de ictericia combatidos pelos purgantes, pelo ether, por cozimentos calmantes (Guilherme Newton); ás vezes pela cicuta (José Manuel Chaves) [2]; e de colicas hepaticas tratadas pelos purgantes, e depois pelos tonicos amargos (Jacintho Franco Leitão).

Os vermes intestinaes combatiam-se pelo azebre, pela tasneira, pelo mercurio triturado com assucar (Francisco Bento Pedreira de Brito) [3], pela casca de romã (Bernardino Antonio Gomes); empregava-se contra a tenia o feto macho (José dos Santos Dias) [4].

As doenças do apparelho respiratorio são objecto de muitas observações, não de trabalhos de conjuncto. A unica memoria que poderia ser considerada como tal é a traducção das *Observações sobre as affecções catarrhaes* de Cabanis, traducção devida a José Lino dos Santos Coutinho [5]. José Lino nasceu na Bahia a 31 de março de 1784, frequentou o curso de medicina em Coimbra, concluindo-o em 1813 e teve uma carreira politica brilhante, como apostolo dedicado da liberdade e da independencia do seu paiz. Ministro do imperio, em 1831, deixou o seu nome ligado a reformas importantes, sendo uma d'ellas a reorganisação das escólas de medicina do Brazil. Foi

---

[1] *Jornal de Coimbra,* n.os XXII, XXVII e XXVI.

[2] Idem, n.os XIX e XXXVI.

[3] Idem, n.o XX.

[4] Idem, n.o LIX.

[5] *Observações sobre as affecções catarrhaes em geral e particularmente sobre as que são conhecidas com o nome de defluxos do cerebro e defluxos do peito, por P. J. G. Cabanis. Traduzidas e annotadas por J. Lino.* Bahia, na typographia de Manuel Antonio da Silva Serva. Anno de 1816.

professor de pathologia interna na Escóla de Medicina da Bahia, membro honorario da camara imperial, do conselho de sua magestade, etc. Falleceu na Bahia a 21 de julho de 1836 [1].

A asthma era tratada pelo ammoniaco e pelo castoreo (Guilherme Newton) [2]. A coqueluche, a tosse convulsa ou *capuchinha,* como alguem lhe chama, era combatida pelos vomitivos, pelo laudano, pela camphora e pelo almiscar [3]. Alguns (José Antonio Morão, etc.) accrescentam ao tratamento as ventosas e a quina.

As bronchites agudas, comprehendidas com outras doenças *à frigore* no capitulo dos catarrhos, são tratadas pelas bebidas quentes e mucilaginosas, pelos vomitorios, por applicações de agua quente. A estes remedios juntam alguns (Antonio da Silva Ferreira) os emeticos brandos e o opio.

As fluxões pulmonares activas e a pneumonia eram tratadas pela sangria abundante, pelos clysteres revulsivos, pelos calmantes (José dos Santos Dias). Accrescentam-lhe alguns os vomitorios, no periodo de declinação, os expectorantes e a quina (Antonio Nogueira Leitão); outros preferem applicar o tartaro emetico e os diaphoreticos (Antonio Anastacio de Sousa) [4]. A base do tratamento é, porém, a sangria, segundo o methodo physiologico.

A tuberculose pulmonar passou a ser melhor conhecida entre nós desde que Francisco José de Paula traduziu as *Observações sobre a phtysica pulmonar* de Samuel Foart Simmons [5]. Procuravam-se as suas alterações anatomicas, e Manuel Joaquim de Sousa Ferraz descrevia os tuberculos pulmonares

---

[1] Innocencio, op. cit.

[2] *Jornal de Coimbra*, n.º XXXVII.

[3] Idem, n.º XXI.

[4] Idem, n.os XXI, XXII e XLIII.

[5] *Observações praticas sobre a tisica pulmonar, escritas em inglez pelo dr. Samuel Foart Simmons, traduzidas em latim pelo dr. F. A. Van Zandyche e em portuguez por Francisco José de Paula; accrescentadas com algumas notas e observações por Manuel Joaquim Henriques de Paiva.* Lisboa, na Offic. dos Herdeiros de Domingos Gonçalves. Anno MDCCLXXXIX.

que encontrára no cadaver d'uma mulher que dissecára, e em cujo utero existia uma concreção calcarea [1]. Variado era o tratamento que se instituia para combater esta doença. José Maria Soares empregava os mucilaginosos e a dedaleira associada ao opio. Luiz Antonio Travassos recorria ao musgo islandico, á quina, ao balsamo de S. Thomé, mas sobretudo dizia ter obtido casos de cura pela respiração do acido carbonico desenvolvido do mosto em fermentação. João José da Costa preferia a ipecacuanha e o elixir anti-asthmatico de Alibert [2].

Nas doenças da pleura, no pleuriz, era de rigor a sangria. Associavam-se-lhe os peitoraes (Antonio Nogueira Leitão), os causticos, as sanguesugas sobre a séde da dôr (José Antonio Morão); outros davam internamente preparados de antimonio (José Francisco de Carvalho) [3].

Mal conhecidas eram as doenças do coração e dos vasos. N'um caso verosimilmente de lesão valvular, a unica therapeutica que encontramos indicada é a dos purgantes [4]. É frequente, porém, depararem-se referencias a casos de hydropesias, cuja causa nem sempre é entrevista, quanto mais mencionada. Empregavam-se no seu tratamento os diureticos, os purgantes, os tonicos amargos, o ferro e o mercurio (Antonio Anastacio de Sousa). Havendo ascite, praticava-se a paracentese, extrahindo-se todo o liquido contido na cavidade peritoneal, e instituindo-se em seguida um tratamento tonico por meio da quina. N'uma ascite de causa hepatica, recorria-se ás fricções mercuriaes e ao uso interno dos calomelanos e da quina (Guilherme Newton) [5].

No que respeita ás doenças que hoje chamamos infeccio-

---

[1] *Observações de huma thisica tuberculosa, e de huma concreção calcarea achada no utero*, nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. II. Lisboa, na typographia da Academia, 1799.

[2] *Jornal de Coimbra*, n.os XIV, XV e XXI.

[3] Idem, n.os XXII, XXVIII e XXX.

[4] Idem, n.o XXV.

[5] Idem, n.os XIII, XVI, XXI e XXXVII.

sas, nenhum trabalho encontramos além de algumas observações. Filippe José de Andrade traduziu uma *Memoria sobre a peste,* de Paris [1], e já ao fallarmos das febres nos referimos a muitas doenças, hoje consideradas como de origem bacteriana. Na variola empregava-se o methodo evacuante e antiphlogistico, a que se associava a quina (José Antonio Morão) [2]. No sarampo, salvo em casos graves, limitava-se a therapeutica aos emeticos e laxantes. A sangria recuperava a sua importancia no tratamento da erysipela. Associavam-se-lhe os purgantes salinos ou os calomelanos e resguardava-se a região affectada do contacto do ar, polvilhando-a com farinha de trigo (João Pedro Alexandrino Caminha) [3].

Relativamente ás doenças bradytrophicas de Landousy, temos que mencionar em primeiro logar os trabalhos de Francisco Tavares sobre a gotta.

Francisco Tavares nasceu em Coimbra pelo meiado do seculo XVIII, sendo filho d'um pharmaceutico que gozava de bons creditos n'aquella cidade. Matriculando-se na faculdade de medicina, concluiu o seu curso em 20 de julho de 1771. No anno seguinte frequentou o sexto anno, mas só em novembro de 1778 se doutorou. Em 12 de abril do anno seguinte, era nomeado interinamente demonstrador de materia medica e em 4 de junho de 1783 lente proprietario da mesma cadeira. Passou em 1787 para a de Instituições e em fevereiro de 1791 era elevado a lente de prima com exercicio na segunda cadeira de pratica. Adoecendo em 1793 a rainha D. Maria I, foi Francisco Tavares chamado a Lisboa para a tratar, e durante quinze annos desempenhou o logar de medico da real camara. Na sua permanencia na capital, recebeu grande numero de mercês honorificas e desempenhou importantes commissões. Era do conselho do principe regente, caval-

---

[1] *Memoria a respeito da peste, escripta por Mr. Paris. Traduzida do francez por Filippe José d'Andrade.* Lisboa, na Régia Officina Typographica, MDCCLXXXVIII.

[2] *Jornal de Coimbra,* n.os XXVI e XXVIII.

[3] Idem, n.o XXX e LV.

leiro da ordem de Christo, deputado da Junta do Proto-medicato, physico-mór do reino, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e da Academia de Medicina de Barcelona. Tinha-se jubilado como professor da Universidade em 1795, mas ainda em 1808, a convite do conselho da faculdade a que pertencera, se occupava no trabalho de rever e actualisar os compendios que, na qualidade de lente de materia medica, escrevera para o ensino. Morreu em Lisboa em 20 de maio de 1812 [1].

Deixou Francisco Tavares grande numero de livros a attestar a sua competencia e laboriosidade [2]. Apenas nos referiremos por agora aos seus trabalhos sobre a gotta.

Gottoso como Boerhaave, Darwin, Hoffmann, Linneu e Sydenham, Francisco Tavares foi levado pelo seu collega no

---

[1] Rodrigues de Gusmão, Innocencio, Mirabeau, op. cit.

[2] A lista completa é a seguinte:

1.º *Pharmacologia libellus.* Conimbricæ, 1786. (Innocencio).

2.º *Medicamentorum sylloge propriæ pharmacologiæ exempla sistens in usum academicorum prælectionum.* Conimbricæ, Ex Typographia Academico-Régia. A. C. CIƆ IƆCCLXXXVII (1787).

3.º *Avertencias sobre os abusos e legitimo uso das aguas mineraes das Caldas da Rainha.* Lisboa, na officina da Academia Real, MDCCXCI.

4.º *Pharmacologia geral para o reino e dominios de Portugal, publicada por ordem de Sua Magestade.* Lisboa, na Régia Offic. Typ., 1794. Nova edição: ibi na Impr. Régia, 1824. 2 tomos.

5.º *Resultado das observações feitas no hospital real da inoculação das bexigas, nos annos de 1796, 1797 e 1798, pelos medicos do mesmo hospital Antonio Mendes Franco e Fortunato Raphael Amado, publicado por ordem de Sua Magestade por Francisco Tavares.* Lisboa, na Régia Officina Typographica, MDCCXCIX.

6.º *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gotta.* Lisboa, na Régia Officina Typographica, 1802.

7.º *Pharmacologia novis recognita curis, aucta, emendata, et hodierno sæculo accommodata in usum prælectionum academicorum conimbricensium.* Conimbricæ: Typis Academicis, 1809.

8.º *Manual de gottosos e de rheumaticos para uso dos proprios enfermos.* Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 1810.

9.º *Instrucções e cautelas praticas sobre a natureza, differentes especies, virtudes em geral e uso legitimo das aguas mineraes, principalmente de Caldas;*

magisterio universitario Bento Joaquim de Lemos a ensaiar a quina nos seus proprios padecimentos, e taes foram os resultados colhidos que se entregou a mais larga experimentação, concluindo que era muito util o seu emprego. D'isto dá conta nas suas *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gotta* que, escriptas em latim e portuguez, tiveram excellente acolhimento em Inglaterra e em França, sendo este opusculo traduzido em inglez por Joseph Adams, analysado por Duncan, e inserido por Le Roy no seu *Manual des goutteux et des rhumatisans.*

Mais tarde, proseguindo nos seus estudos, escreveu o *Manual de gottosos e de rheumaticos,* muito superior ao livro precedente, visto que n'elle estabelece com escrupulo as indicações e contra-indicações da casca peruviana no tratamento da gotta, baseado nas proprias observações. Este livro não logrou dos estrangeiros a mesma acceitação que o precedente obteve, certamente por ter sido escripto em portuguez.

As observações de Francisco Tavares foram confirmadas por alguns medicos nacionaes que associavam no tratamento da gotta os tonicos amargos, quassia e calumba á casca peruviana [1].

Manuel Pereira da Graça, de quem já demos anteriormente alguns apontamentos biographicos, estudava a diabetes. Sobre esta doença publicou uma memoria que se assignala por qualidades notaveis. Define a doença pela sua symptomatologia que descreve com fidelidade, notando pela primeira vez algumas das complicações que a acompanham. Como causas, admitte o uso das bebidas fermentadas, a dentição e os exercicios prolongados, traduzindo-se a doença por um augmento de irritabilidade, como admittia Darwin. Julga reservado o prognostico, e no tratamento aconselha os emeticos, os purgantes,

---

com a noticia d'aquellas que são conhecidas em cada huma das provincias do reino de Portugal, e o methodo de preparar as aguas artificiaes. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 1810. 2 tomos.

10.º Veja-se pag. 324.

[1] *Jornal de Coimbra,* n.º XXI, setembro de 1813.

a sangria, os opiados, o soro de leite, mas principalmente os sulfuretos alcalinos e as aguas sulfurosas, e nomeadamente as das Caldas da Rainha, de S. Pedro do Sul, de S. Gemil e de Alcafache. O livro de Pereira da Graça é certamente um trabalho apreciavel, crédor ainda hoje de exame, como o foi da parte de Abel Jordão nos seus estudos sobre a diabetes [1].

Raras observações se encontram registadas d'esta doença. Apenas Paulo de Moraes Leite Velho, medico do hospital militar de Chaves, relata um caso que tratou pela quina e pela agua de cal, com o auxilio de uma dieta exclusivamente animal [2].

O rheumatismo não foi objecto de trabalhos originaes, mas são numerosos os casos que se encontram archivados. Nenhum interesse apresentam. A therapeutica empregada consistia nos resolutivos, revulsivos e derivativos, na quina e nos pós de Dower. Nas fórmas chronicas recorria-se ás aguas sulfurosas [3].

As doenças nervosas eram muito pouco conhecidas, e não inspiraram trabalho algum de valia. As observações publicadas referem-se tambem a um pequeno numero de especies morbidas: apoplexias e paralysias, convulsões e hysteria. Combatiam-se as paralysias com fricções estimulantes e com a valeriana; n'outros casos recorria-se á sangria e aos purgantes (Manuel Tavares de Macedo [4] e José Antonio Morão) [5]. Nas apoplexias empregavam-se principalmente os causticos e activos estimulantes (Caetano da Cunha Coutinho) [6]. Nas convul-

---

[1] *Tratado da diabetes a que se juntão observações do beneficio das aguas enxofradas naturaes n'esta doença: e dois processos faceis, um para obter estas aguas artificialmente, e outro para fabricar as ferreas, com a vantagem de se poder graduar a sua energia de sorte que se proporcionem ás diversas circumstancias dos enfermos.* Lisboa, na typographia Lacerdina.

[2] *Jornal de Coimbra,* n.º XXV, janeiro de 1814.

[3] Idem, n.os XIV, XXVIII e XXXVII.

[4] Idem, n.º XIX, julho de 1813.

[5] Idem, n.º XXVII, março de 1814.

[6] Idem, n.º XXVI, fevereiro de 1814.

sões, ensaiados os antihelminthicos, recorria-se aos antispasmodicos, aos banhos quentes e ás fricções estimulantes (José Antonio Morão) [1]. Na hysteria, lançava-se mão dos antispasmodicos, e da cerveja para debellar o soluço (José Antonio Morão) [2].

THERAPEUTICA

Condições favoraveis haviam sido creadas ao estudo da therapeutica nos fins do seculo XVIII. Os conhecimentos historico-naturaes haviam-se vulgarisado e sobretudo a botanica contava cultores dedicados e distinctos no nosso paiz. Domingos Vandelli, o padre João do Loureiro, fr. José Mariano da Conceição Velloso, José Corrêa da Serra, e, dominando-os a todos, Felix d'Avellar Brotero, entregavam-se com verdadeira devoção ao estudo das producções naturaes do nosso paiz. A chimica póde dizer-se que só passou a ser cultivada pela mesma época. Anteriormente á reforma da Universidade era desconhecida entre nós.

D'aqui resultou que tivemos dois pharmacologistas dignos de verdadeiro apreço, Francisco Tavares e Bernardino Antonio Gomes. Não compilaram apenas o que a sciencia do seu tempo lhes offerecia de mais adiantado. Fizeram sciencia nova. O primeiro será sempre venerado, sobretudo pelos seus trabalhos sobre hydrologia. O segundo tem o seu nome ligado á descoberta dos alcaloides da quina e ao conhecimento das plantas medicinaes do Brazil.

No estudo, a que vamos proceder, dos trabalhos sobre a therapeutica, seguiremos a mesma ordem que temos seguido no estudo dos seculos anteriores. Analysaremos em primeiro logar os tratados geraes; em segundo as monographias, e por ultimo estudaremos a hydrologia medica. Um rapido exame

---

[1] *Jornal de Coimbra*, n.º XXVI, fevereiro de 1814, e n.º XXVIII, abril do mesmo anno.

[2] Idem, n.os XXVIII e XXXVII.

sobre as pharmacopeas e sobre a pharmacia completará a nossa exposição.

Os tratados geraes sobre a pharmacologia foram publicados por Francisco Tavares, Henrique Xavier Baeta e José Maria Bomtempo, cujas biographias já traçamos anteriormente.

Francisco Tavares era, como dissemos, lente de materia medica. A sua *Pharmacologia* foi o livro de texto das suas lições, e n'elle reuniu e ampliou dois trabalhos anteriores, o *Pharmacologiæ Libellus* e o *Medicamentorum Sylloge*.

Divide-se esta obra em quatro partes. Occupa-se Tavares na primeira dos pesos e medidas e da colheita dos simplices medicamentosos; trata na segunda das preparações pharmaceuticas e na terceira da composição e mistura dos medicamentos; e a ultima é consagrada á descripção minuciosa e exacta, tanto quanto os conhecimentos da época o permittiam, das differentes substancias empregadas em therapeutica. Em todo o seu livro se mostra Francisco Tavares completamente conhecedor do estado da therapeutica no seu tempo, versado nos conhecimentos chimicos e historico-naturaes indispensaveis, conseguindo fazer obra duradoura e apropriadissima ao fim a que o destinou. Como tal foi considerada não só em Portugal, mas ainda no estrangeiro [1].

Henrique Xavier Baeta traduziu a *Materia medica* de Erasmo Darwin, precedendo-a d'uma exposição dos principios da *Zoonomia* do grande medico inglez [2].

José Maria Bomtempo escreveu para uso dos seus discipulos uns *Compendios de materia medica*, em que tomou por modelo «o trabalho do incansavel doutor Tavares, de eterna memoria para todos os portuguezes». O seu livro divide-se em quatro secções. Na primeira trata da divisão dos medicamentos, distribuindo-os por sete classes: nutrientes, incitantes, secernentes, sorventes, invertentes, revertentes e torpentes. Na segunda secção, descreve as differentes substancias vege-

---

[1] Veja se pag. 345.

[2] *Resumo do systema de medicina do dr. Erasmo Darwin, com varias notas.* Lisboa, anno 1806, na nova officina de José Rodrigues Neves.

taes, sem nada accrescentar ao que Tavares escreveu. Nem mesmo se encontra n'esta parte, senão a titulo excepcional, a descripção das plantas brazileiras que já então se haviam estudado na Europa. As duas ultimas secções são destinadas á exposição de algumas generalidades de pharmacia e á arte de formular. Bomtempo apresenta-se n'esta obra como um simples compilador, embora methodico e em geral exacto [1].

Passando ao estudo das differentes monographias, grande numero d'ellas tiveram por objecto as plantas medicinaes do Brazil. As relações sempre crescentes da metropole com aquelle florescente paiz explicavam esta tendencia dos nossos pharmacologistas. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, a quem mais d'uma vez nos temos referido, já, em 1790, dava conta de algumas d'estas plantas, procurando classifical-as e determinar as suas applicações. A jalapa, ou batata de purga, o mucuná, a drostenia entraram n'este grupo [2].

Consagrou-se, porém, á missão de tornar conhecidos os productos da flora americana o nosso illustre Bernardino Antonio Gomes, que a desempenhou de modo a ficar o seu nome ligado indissoluvelmente ao conhecimento das riquezas botanicas do Brazil.

A primeira das memorias de Bernardino Gomes sobre as plantas do Brazil tem por objecto a ipecacuanha fusca ou cinzenta. Já na Europa eram conhecidas as duas variedades, branca e cinzenta, sobretudo depois das viagens de Pison; mas nada ao certo se conhecia a respeito das plantas que as fornecem. Gomes examinou no Brazil as duas variedades, reduziu a variedade branca ao genero *Richardsonia,* ficando a ser conhecida pelo nome de *Richardsonia braziliensis,* Gomes; a outra não foi possivel incluil-a em genero algum conhecido.

---

[1] *Compendios de materia medica feitos por ordem de Sua Alteza Real.* Rio de Janeiro, 1814, na Régia Officina Typographica.

[2] *Memorias de historia natural, de quimica, de agricultura, artes e medicina, lidas na Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Tom. I. Lisboa, na Typographia Nunesiana, MDCCXC.

Soccorreu-se, portanto, dos conhecimentos de Brotero, a quem foi consultar a Coimbra. Este considerou-a uma Calicocca, a *Calicocca ipecacuanha,* Brot., e fez d'ella objecto d'uma memoria especial, aproveitando-se da descripção e das estampas que Bernardino Gomes lhe forneceu. No estrangeiro attribuiu-se a principio a Brotero a gloria exclusiva de ter sido o primeiro a conhecer esta planta e a descrevel-a. Hoje, porém, justiça foi feita e a cada um dos dois illustres sabios se deu o quinhão que lhes pertence na honra d'esta descoberta [1].

O senado do Rio de Janeiro encarregou Bernardino Gomes de estudar a canelleira do Brazil. O nosso compatriota consignou o resultado das suas observações n'uma memoria em que historía a introducção d'esta planta no Brazil, e trata das suas condições de acclimação e cultura [2].

A este trabalho seguiam-se as *Observações medico-botanicas sobre algumas plantas do Brazil,* em que o nosso illustre compatriota descreve e classifica quinze especies vegetaes, mal conhecidas ou naturalmente desconhecidas até então. Entre ellas encontrou dois generos novos, *Guapeba* e *Hancornia,* o ultimo dos quaes foi acceite por todos os botanicos. O nome de *Haucornia formosa,* dado á mangabeira, recorda o nome d'um chefe de divisão, Filippe Haucorne, com o qual Gomes viajára e a quem devera animações e interesse pelos seus estudos de botanica medica [3].

---

[1] *Memoria sobre a ipecacuanha fusca do Brazil ou cipó das nossas boticas.* Lisboa, na typographia chalcographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego, MDCCCI.

[2] *Memoria sobre a canella do Rio de Janeiro offerecida ao principe do Brazil nosso senhor pelo senado da camara da mesma cidade no anno de 1798.* Rio de Janeiro, 1809, na Impressão Régia.

Depois d'uma dedicatoria ao principe tem outro frontispicio: *Observações sobre a canella do Rio de Janeiro escritas a rogo do senado da camara da mesma cidade em 8 de maio de 1798 e ulteriormente ratificadas, addicionadas e offerecidas ao mesmo senado por Bernardino Antonio Gomes, medico da armada de S. Magestade Fidelissima, e Capitão de Fragata graduado.*

[3] *Observações botanico-medicas sobre algumas plantas do Brazil,* nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias.* Tom. III, parte I. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1812.

Era a quina empregada largamente na therapeutica diaria. Antonio Felix Xavier de Paula traduziu de Ralph Irving uma memoria sobre a sua acção therapeutica [1]. José Ferreira da Silva, natural de Santa Maria do Sabará, traduziu tambem um opusculo de André Comparetti sobre a quina do Brazil [2] e Manuel Joaquim Henriques de Paiva encarecia as virtudes da agua de Inglaterra, preparada segundo a fórmula deixada por Jacob de Castro Sarmento aos seus herdeiros [3].

A generalisação do seu emprego fazia, porém, buscar nas possessões portuguezas plantas que a substituissem. Em 1804, haviam sido remettidas do Brazil differentes cascas que se dizia possuirem propriedades febrifugas notaveis e que tinham a pretenção de substituir a casca peruviana. Remetteu-as o governo para os hospitaes de Lisboa e Coimbra, e desde logo começaram a fazer-se ensaios chimicos e clinicos. Á historia chimica das quinas do Brazil andam ligados os nomes de Thomé Rodrigues Sobral, de José Bonifacio d'Andrade e Silva, de João Croft, de Mendes Trigoso, de Alexandre Antonio Vandelli, mas sobretudo o de Bernardino Gomes; á sua historia botanica principalmente o de José Marianno da Conceição Velloso, e á sua historia clinica os de José Feliciano de Castilho, Antonio d'Almeida (de Penafiel), etc.

Eram as cascas remettidas do Brazil de tres proveniencias: de Pernambuco e Piauhy; do Rio de Janeiro; e d'uma povoação ao sul da Bahia. Das recolhidas no Rio de Ja-

---

[1] *Experimentos feitos na quina vermelha e amarella, com observações sobre a sua historia, modo de obrar e uso, expondo os phenomenos e doutrinas d'este vegetal adstringente: por Ralph Irving M. D. Trasladado em vulgar por Antonio Felis Xavier de Paula.* Lisboa, na Régia Officina Typographica. Anno MDCCXCI.

[2] *Observações sobre a propriedade da quina do Brazil, traduzidas do italiano.* Lisboa, na typographia chalcographica e litteraria do Arco do Cego, MDCCCI.

[3] *Memoria sobre a excellencia, virtudes e uso-medicinal da verdadeira agua de Inglaterra da invenção do Dr. Jacob de Castro Sarmento.* Bahia, typ. de Manuel Antonio da Silva Serva, 1815. — Lisboa, na Impressão Régia, 1816.

neiro se occupou uma commissão composta de José Bonifacio d'Andrade e Silva, de João Croft, de Sebastião Francisco Mendes Trigoso e Bernardino Gomes [1].

Os ensaios chimicos tinham por base os trabalhos de Vauquelin que classificou as cascas anti-periodicas em tres grupos: as que precipitam pela gelatina, e não pelo tannino e pelo emetico; as que precipitam pelo tannino e não pela gelatina; e as que precipitam pela gelatina, tannino e emetico.

Bernardino Gomes não se limitou a ensaiar estes processos; no decurso dos seus estudos foi levado a reconhecer que o distinctivo das quinas era a existencia de certos principios immediatos, e separou um d'esses principios, a cinchonina. O processo de que lançou mão foi o seguinte: dissolveu o extracto alcoolico da quina cinzenta em agua, e tratou a dissolução pela potassa, e assim obteve uma cinchonina impura. Dissolvendo-a novamente em alcool e tratando-a pela agua, conseguiu purifical-a e determinar a sua crystallisação [2].

Esta importante descoberta, que immortalisou o nome de Bernardino Gomes, teve desde logo grande acolhimento no estrangeiro. Em Portugal, foi fortemente contestada por um dos professores que então gozava dos melhores creditos na Universidade, o dr. José Feliciano de Castilho.

José Feliciano de Castilho nasceu em Aguim, pelos annos de 1770, sendo filho de José Barreto de Castilho. Doutorou-se em 14 de junho de 1795, e era ainda oppositor quando, em 5 de fevereiro de 1797, foi nomeado inspector dos hospitaes militares do Alemtejo e Beira, sem prejuizo da antiguidade que

---

[1] *Experiencias chymicas sobre a Quina do Rio de Janeiro comparada com outras,* nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Tom. III, parte II. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1814.

[2] *Ensaio sobre o cinchonino e sobre a sua influencia na virtude da quina e d'outras cascas,* nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias.* Tom. III, parte I. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1812.

lhe competisse para os despachos universitarios. Desempenhou esta commissão por longos annos, estabelecendo em 1797 a 1798 os hospitaes militares de Castello de Vide, Portalegre, Campo Maior e o de Xabregas em Lisboa, creando os hospitaes de transito em Gafete e Gavião; os hospitaes de sangue em Portalegre, Castello de Vide e Arronches, e reformando os de Abrantes e Santarem. Inspeccionou depois os hospitaes das provincias da Beira, Traz-os-Montes, Minho e Alemtejo, e por ultimo reformou radicalmente o hospital militar de Elvas. Entretanto, ia sendo promovido na Universidade. Em 4 de maio era substituto ordinario; em 20 de junho de 1806 via-se elevado a lente de Instituições. Nomeado delegado do physico-mór em 15 de julho de 1809, pediu a sua exoneração no anno seguinte e desde então vinha occupar-se no serviço universitario. Em 29 de janeiro de 1813 passou a terceiro lente, regendo a primeira cadeira de clinica. Tendo-se espalhado em Coimbra *papeis incendiarios,* Castilho, accusado de seu auctor, foi suspenso e mandado julgar por aviso régio datado do Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1818. Para alli partiu em 20 de agosto d'este anno e saíndo absolvido era reintegrado no seu logar de professor e acompanhava como medico da real camara D. João VI no seu regresso do Brazil. Em 15 de junho de 1822 era promovido a lente de prima, e como tal prestou serviços não só ao ensino, mas como administrador dos hospitaes. Falleceu em 3 de março de 1827. Á data do seu fallecimento era medico da real camara, membro da Instituição Vaccinica, censor regio e socio da Academia Real das Sciencias. Os seus merecimentos foram, porém, affirmados sobretudo na redacção do *Jornal de Coimbra,* de que adiante nos occuparemos [1].

Recusou-se José Feliciano de Castilho a admittir a descoberta de Bernardino Antonio Gomes, e sobre o assumpto se travou rija polemica, que dentro em pouco degenerou em questão pessoal. Os argumentos de Castilho parecem-nos

---

[1] Innocencio, op. cit.; Mirabeau, op. cit.; *Jornal de Coimbra,* n.os XXII e LXXXI.

extremamente fracos; e a gloria de Gomes nada soffreu com as contestações apresentadas aos seus trabalhos [1].

Emquanto esta polemica se travava, eram experimentadas clinicamente as differentes cascas brazileiras e em todas ellas se encontravam propriedades antithermicas notaveis. (J. F. de Castilho, Antonio d'Almeida, etc.).

Na mesma corrente de estudos sobre as plantas e producções naturaes exoticas, encontramos a memoria de José Hen-

---

[1] A bibliographia d'esta polemica é a seguinte:

1.º *Noticia sobre as quinas em geral, e ensaio em particular de algumas mais usadas, comparando a Braziliense por * * *, analysado em notas pelos redactores,* no *Jornal de Coimbra,* n.º VIII, agosto de 1812.

2.º *Carta de Bernardino Antonio Gomes, dirigida aos redactores do jornal,* no *Jornal de Coimbra,* n.º X, outubro de 1812.

3.º *Resposta dos redactores ás reflexões do snr. Bernardino Antonio Gomes sobre o cinchonino publicadas no numero antecedente,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XI, novembro de 1812.

4.º *Segunda e ultima replica aos snrs. redactores do Jornal de Coimbra por Bernardino Antonio Gomes,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XII, dezembro de 1812.

5.º *Resposta á replica segunda e ultima do snr. B. A. Gomes,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XII, dezembro de 1812.

6.º *Carta aos redactores do Investigador Portuguez, seguida de um artigo em resposta ao que a seu respeito dissera o Jornal de Coimbra n.º XII,* no *Investigador Portuguez,* n.º XXII de 1813.

7.º *Reflexões dos redactores sobre um escripto de Bernardino Antonio Gomes, publicado no Investigador Portuguez em Inglaterra, n.º XXII,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XV, março de 1813.

8.º *Reflexões de José Feliciano de Castilho sobre um escripto de Bernardino Antonio Gomes, publicado no Investigador Portuguez n.º XXII,* no *Jornal de Coimbra,* maio de 1814.

9.º *Reflexões de José Feliciano de Castilho sobre um escripto de Bernardino Antonio Gomes,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XXXIV, novembro de 1814.

10.º *Carta de Bernardino Antonio Gomes de 15 de dezembro de 1814,* no *Investigador Portuguez,* fevereiro de 1815.

11.º *Carta de Bernardino Antonio Gomes de 28 de fevereiro de 1815,* no *Investigador Portuguez,* abril de 1815.

12.º *Reflexões sobre uma carta de Bernardino Antonio Gomes,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XXXVI, dezembro de 1814.

riques Ferreira sobre a guaxima [1]; as investigações sobre o fructo do castanheiro da India de Francisco Xavier d'Almeida Pimenta que d'elle tirára bons resultados nas intermittentes [2], e as do mesmo Pimenta sobre o oleo de mandobi [3]. Thomé Rodrigues Sobral analysava chimicamente o milhomens, encontrando n'elle varios principios [4].

Se o exame das producções do Brazil era a caracteristica dominante da pharmacologia n'esta época, tambem se não descurava o das plantas indigenas, melhor conhecidas em seguida aos trabalhos de Vandelli e sobretudo de Brotero. Um carmelita descalço, pharmaceutico administrador da botica do Carmo em Braga, fr. Christovam dos Reis, peregrinára durante muitos annos pelo Minho, Traz-os-Montes e Beira, e recolhera algumas noticias relativas ás producções naturaes d'estas provincias. As plantas mereceram-lhe particular attenção; mas, a despeito do que de Christovam dos Reis escreve Pedro José da Silva, manda a justiça dizer que eram muito acanhados os seus conhecimentos e que dá curso nas suas *Reflexões experimentaes* a grande numero de abusões e crendices. E havemos de vêr que, tratando o livro igualmente de hydro-

---

13.º *Resposta ao papel de José Feliciano de Castilho, intitulado Reflexoens,* no *Investigador Portuguez,* janeiro de 1816.

14.º *Reflexões de José Feliciano de Castilho sobre o plano para as observações da Quina do Rio de Janeiro e outros objectos de um escrito de Bernardino Antonio Gomes, publicado no Investigador Portuguez em Inglaterra,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XLI.

15.º *Resposta ás denominadas Reflexoens de José Feliciano de Castilho, por Bernardino Antonio Gomes,* no *Investigador Portuguez,* janeiro de 1817.

16.º *Memoria sobre o principio febrifugo das quinas pelo dr. Thomé Rodrigues Sobral,* no *Jornal de Coimbra,* n.º LXXXII.

[1] *Memoria sobre a guaxima,* nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias,* I. Lisboa, na typographia da Academia, 1789.

[2] *Observações sobre o uso do fructo do castanheiro da India, Æsculus hippo-castanum L.,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XIX, julho de 1813.

[3] *Noticia sobre o oleo de mandobi Arachis hypogea L.,* no *Jornal de Coimbra,* n.º LXXXIII.

[4] *Ensaio chimico da planta chamada no Brazil Milhomens, Aristolochia grandiflora,* no *Jornal de Coimbra,* n.º XXXIV.

logia medica, não são de maior valor as noticias que fornece sobre as nossas aguas mineraes [1].

O conhecimento da nossa flora medica, em bases verdadeiramente scientificas, deve-se a um professor da Universidade de Coimbra, o dr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo. Este notavel medico nasceu na Muxagata, comarca de Linhares, pelos annos de 1772. Frequentou com distincção os estudos medicos em Coimbra, recebendo o gráu de doutor em 7 de julho de 1799. Em 20 de junho de 1806 era nomeado segundo substituto ordinario da faculdade de medicina, e durante dezeseis annos desempenhou este cargo, assignalando-se por relevantes serviços, dos quaes o principal foi a assistencia com todo o zêlo aos doentes d'uma epidemia de febre typhoide que em 1809 se desenvolveu em Coimbra e durante a qual elle e Thomé Rodrigues Sobral empregaram pela primeira vez o chloro como desinfectante. Quando se espalharam em Coimbra os pasquins, a que nos referimos, fallando de José Feliciano de Castilho, viu-se o dr. Figueiredo envolvido no mesmo processo, e como o seu collega foi absolvido. A 15 de junho de 1822 era promovido a quarto lente com exercicio na cadeira de materia medica, e em 26 de agosto de 1825 elevado a segundo lente. Tendo sido escolhido em 1828 para ir, com outros collegas, a Lisboa felicitar o infante D. Miguel no seu regresso de Vienna d'Austria, foi assassinado proximo de Condeixa na noite de 18 de março [2].

É obra realmente notavel a que Jeronymo Joaquim de Figueiredo publicou sob o nome de *Flora pharmaceutica e alimentar*. N'ella descreve as plantas indigenas ou cultivadas no nosso paiz que têm applicações pharmaceuticas e fal-o com todo o rigor scientifico [3]. É esta obra, na opinião do dr. Agos-

---

[1] *Reflexões experimentaes methodico-botanicas, muito uteis e necessarias para os professores de medicina, e enfermos, divididas em duas partes.* Lisboa, na Régia Officina Typographica. Anno MDCCLXXXIX.

[2] Rodrigues de Gusmão, op. cit.; Mirabeau, op. cit.; Innocencio, op. cit.

[3] *Flora pharmaceutica e alimentar portugueza, ou tractado daquelles vegetaes indigenas de Portugal e outros nelle cultivados, cujos productos são usa-*

tinho Albano, um documento irrefragavel do saber do seu esclarecido auctor, assim como o monumento perpetuo de gloria para a Universidade de Coimbra, e para a nação portugueza; e, de mais a mais, uma prova sem réplica de que, se entre nós as sciencias houvessem sido competentemente animadas, protegendo, distinguindo e favorecendo os seus cultores, tambem teriamos, na lista dos sabios do mundo, grande numero de nomes portuguezes [1].

Algumas plantas eram tambem objecto de estudos especiaes. Sem fallarmos n'aquellas cujas applicações á therapeutica eram transcriptas dos periodicos estrangeiros pelo *Jornal Encyclopedico* e pelo *Jornal de Coimbra,* foram as plantas indigenas objecto de indagações proprias por parte de José Joaquim Soares de Barros, José Manuel Chaves, Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, Francisco Elias Rodrigues da Silveira e Bernardino Antonio Gomes.

José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos era natural de Setubal, e filho de João Soares de Brito e D. Isabel Apolonia Thereza de Seixas, ambos de familias muito distinctas, e nasceu em 19 de março de 1721. Seguiu primeiro a vida militar, abandonando-a para buscar instrucção nos paizes mais adiantados da Europa, saíndo em 1748 de Portugal para Londres, e passando, algum tempo depois, para Paris. Ahi permaneceu por algum tempo, entregando-se ao estudo das sciencias physicas e mathematicas e sobretudo da astronomia. Ligou-se muito com Ribeiro Sanches que o amparou e protegeu, serviços que Barros pagou com repugnante ingratidão. Tendo voltado a Portugal em 1761, foi n'esse mesmo anno nomeado secretario de embaixada em Paris. Para alli partiu, mas tendo-se desavindo com monsenhor Salema, que nos representava na capital da França, voltou á patria, es-

---

dos, ou susceptiveis de se usar como remedios e alimentos, distribuidos segundo o systema linneano em classes, ordens, generos e especies com os seus caracteres genericos e especificos. Lisboa, na typographia da Academia Real das Sciencias, 1825.

[1] *Pharmacographia do Codigo Pharmaceutico Lusitano, prologo,* pag. XII.

tabelecendo residencia em Cezimbra, onde morreu a 2 de novembro de 1793. Era socio das Academias Reaes das Sciencias de Lisboa e de Berlim e correspondente da de Paris [1].

Dos numerosos trabalhos de Soares de Barros, um nos importa considerar: é a *Memoria sobre os kermes*. N'ella nos dá algumas noticias sobre a *cochonilha* que fornece o kermes animal, baseando-se em indagações e experiencias a que procedeu [2].

José Manuel Chaves occupava-se da cicuta que julgava indicada no rheumatismo chronico, na gotta, na lepra, nas doenças cutaneas, nas obstrucções do baixo ventre, na ictericia, nas dôres osteocopas, nas inflammações chronicas das palpebras, nos corrimentos brancos, nas escrofulas, no cancro e ainda em toda a ordem de inflammações [3]. Francisco Xavier d'Almeida Pimenta ensaiava o phelandrio aquatico com bons resultados na febre amarella (!) e no escorbuto [4].

Francisco Elias Rodrigues da Silveira nasceu na Bahia em 20 de julho de 1778, sendo filho de Francisco Manuel d'Oliveira. Depois de ter professado como religioso Agostinho descalço, com o nome de fr. Francisco de Santo Elias, matriculou-se no curso philosophico da Universidade de Coimbra em 1795 e no de 1798 na faculdade de medicina, estando já secularisado. Obtida a carta de bacharel em medicina, exerceu a clinica em Lisboa, e no decurso da sua vida obteve grande numero de mercês. Era do conselho de sua magestade, 1.º barão da Silveira, commendador da ordem de Christo e da de Carlos III de Hespanha, cavalleiro da da

---

[1] Innocencio, op. cit.; J. H. Magellan, *Notas manuscriptas á Biographia de Ribeiro Sanches por Andry*, no exemplar da Bibliotheca municipal do Porto.

[2] *Memoria sobre os kermes*, nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias*. Tom. III, parte I. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1812.

[3] *Extracto da conta de José Manuel Chaves, medico do partido de Grandola*, no *Jornal de Coimbra*, n.º XVIII, junho de 1813.

[4] *Noticias sobre o phelandrio aquatico*, no *Jornal de Coimbra*, n.º XXXII, agosto de 1814.

Rosa do Brazil e primeiro medico da real camara. Morreu a 10 de janeiro de 1864 [1].

Entre outras obras, Francisco Elias publicou uma memoria sobre a digital. Julga a sua acção estimulante e diffusiva sobre o systema sanguineo e sobre os movimentos irritativos das arterias e principalmente do coração. Nociva nas inflammações activas, julga-a util nas inflammações chronicas, nas hydropesias, na tuberculose, na asthma, nas hemorrhagias passivas e nas palpitações do coração [2].

D'estes trabalhos, os mais interessantes e os que foram conduzidos com mais rigor scientifico foram os de Bernardino Antonio Gomes sobre a casca da romeira.

De todo estavam esquecidas as virtudes d'esta planta, quando os drs. Breton e Buchanan a deram a conhecer, indo colher a sua noticia á medicina indiana. Bernardino Gomes tratou immediatamente de verificar os seus effeitos, e recolheu quatorze observações de tenias expulsas com facilidade pela casca da romeira. Expõe o modo de tratamento que adoptou na sua pratica, e refere algumas experiencias que fez para explicar a acção do medicamento sobre estes vermes [3]. Esta memoria foi traduzida em francez por Mérat, e só depois da sua publicação se generalisou em França o emprego d'este medicamento.

A hydrologia medica portugueza fez rapidos progressos no periodo cuja historia traçamos. Não só a litteratura medica nos offerece um primeiro tratado em que se depuram, em grande parte, os erros e inexactidões de Fonseca Henriques, mas encontra-se grande numero de monographias sobre algumas das nossas aguas mineraes.

---

[1] Innocencio, op. cit.

[2] *Da dedaleira e suas propriedades medicas*, na *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tom. IV, parte I. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1815.

[3] *Memoria sobre a virtude tænifuga da romeira, com observações zoologicas e zoonomicas relativas á tænia*. Lisboa, na typographia da Academia Real das Sciencias, 1822.

O estudo geral das nossas riquezas hydrologicas deve-se a Francisco Tavares e é certamente este o maior serviço que prestou á medicina portugueza. Começa elle procurando classificar as aguas mineraes e divide-as em aguas simplesmente quentes nativas, gazosas, salinas, sulfurosas e ferreas. Em seguida enumera as diversas nascentes portuguezas, segundo as provincias em que se encontram. Termina o primeiro volume da sua obra com algumas noções de analyse chimica applicadas ao estudo das nascentes medicinaes. O segundo volume é destinado ás direcções para uso das aguas mineraes. São ellas empregadas internamente em bebida, e externamente em banhos, illutações, clysteres e vapores. Tavares entra em particularidades sobre o seu emprego, regula as dóses, marca a dieta, e formúla as condições de que se devem rodear os doentes para colherem o maximo beneficio da sua applicação [1].

Da maneira como Tavares realisou a sua obra, de que traçamos resumido schema, diz um severo critico, o nosso amigo Ricardo Jorge: «... No commettimento, Tavares mostra pulso de homem do seu tempo, conhecedor da boa sciencia e pratico consciencioso. A hydrologia de Tavares póde dignamente por honra nossa vir após a melhoria das obras publicadas no principio do seculo nos principaes centros medicos da Europa.

« Mercê da sua habil diligencia e intelligencia lucida, pôde e soube compendiar muito bem sobre aguas mineraes portuguezas; o quadro hydrologico é talhado em moldes modernos, e tão copioso quanto possivel. Mas com que penuria e com que miseria se não via a braços! Analyses, temperaturas e observações, *carent* para a maxima parte, e Tavares lá vai supprindo com as escassas noticias e exames todas as lacu-

---

[1] *Instrucções e cautelas praticas sobre a natureza, differentes especies em geral, e uso legitimo das aguas mineraes, principalmente de caldas; com a noticia d'aquellas que são conhecidas em cada huma das Provincias do Reino de Portugal, e o methodo de preparar as aguas artificiaes.* Parte I, Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 1810. — Parte II, mesma typographia e anno.

nas vergonhosas e em geral com algum acerto e discernimento » [1].

Algum tempo antes, fr. Christovam dos Reis, de quem antecedentemente nos occupamos, fornecia algumas noticias sobre algumas das aguas mineraes portuguezas. Caldellas, Vizella, Monsão, Canavezes, Moledo, Chaves, Covilhã, S. Gemil, Alcafache, Aregos, S. Pedro do Sul, etc., são resumidamente tratadas; mas occupa-se mais desenvolvidamente das Caldas do Gerez que tinha frequentado. Traça primeiro a descripção e historia d'aquellas thermas; determina as qualidades das aguas, e dicta preceitos que a pratica lhe aconselhára sobre a preparação que os doentes deviam ter antes de fazerem uso d'ellas, numero de banhos e meios de combater algumas doenças que se desenvolviam durante o seu uso.

Pouco versado em conhecimentos chimicos, Christovam dos Reis apenas tem como hydrologista o valor de ter fornecido algumas informações suggestivas sobre as applicações á clinica das aguas mineraes. E ahi mesmo, que somma de inexactidões haveria que notar, a demonstrarem que o carmelita não se norteára nas suas indagações pelos trabalhos mais perfeitos que já então contava a hydrologia medica entre nós [2].

Das aguas mineraes portuguezas, as que deram margem a maior quantidade de memorias foram as das Caldas da Rainha. Não admira que assim succedesse, visto serem aquellas que a fortuna mais bafejára de ha muito tempo. D'ellas se occuparam, por ordem chronologica, José Martins da Cunha Pessoa, João Nunes Gago, Joaquim Ignacio de Seixas Brandão, Francisco Tavares, Guilherme Withering e Valentim de Mello.

José Martins da Cunha Pessoa nasceu em Alcanena, termo de Torres Novas, sendo filho de Antonio Martins da Cunha. Formou-se em medicina em Coimbra, e residiu durante muito tempo em Lisboa, tendo exercido differentes commissões im-

---

[1] Ricardo Jorge, *As caldas do Gerez*. Porto, 1888, pag. 47.

[2] *Reflexões experimentaes methodico-botanicas*, já cit.

portantes, e havendo sido nomeado medico da real camara e socio da Academia Real das Sciencias. Obteve Innocencio a informação de que falleceu em 1822 [1].

A sua *Analyse das aguas das Caldas da Rainha* é um trabalho imperfeito, em harmonia com o estudo da chimica em Portugal na época em que foi escripta. Os componentes da agua são, em sua opinião: a agua, o phlogisto, o acido sulfureo, o ar fixo, as terras calcarea e argillosa, a selenite, o sal fontano, e saes de base alcalina e terrea [2].

Poucas noticias existem sobre João Nunes Gago. Medico em Lisboa, onde ainda exercia a clinica em 1785, como facultativo da Santa Casa da Misericordia, retirou-se para Tavira, onde ainda vivia em 1813 [3]. Era socio correspondente da Academia Real das Sciencias. João Nunes Gago, entregou-se a estudos de hydrologia medica sobre algumas das nascentes portuguezas e procedeu por tres vezes á analyse das aguas das Caldas. Encontrou n'ellas os mesmos principios que Pessoa, e além d'elles o ferro. São numerosas as doenças para que julga indicadas estas aguas sulfurosas e nomeadamente as cachexias, as hydropesias, as paralysias e os rheumatismos. Apenas se usavam as caldas em bebida e em banhos, mas Nunes Gago refere-se aos banhos de lodo, que julga sem vantagem, e ás emborcações (*douches*) que considera muito uteis. Estuda tambem o regimen preparatorio para o uso das aguas, que consiste essencialmente na sangria e nos purgantes [4].

Não possuimos igualmente grande cópia de informações a respeito de Joaquim Ignacio de Seixas Brandão. Nasceu em Minas Geraes, no Brazil, estudou a medicina em Montpellier,

---

[1] Innocencio, op. cit.

[2] *Analyse das aguas thermaes das Caldas da Raynha.* Coimbra, na Real Officina da Universidade. Anno MDCCLXXIII.

[3] Innocencio, op. cit.; *Jornal de Coimbra*, n.º XXI, setembro de 1813.

[4] *Tratado physico-chymico-medico das aguas das Caldas da Rainha, no qual se incorporou a relação da epidemia que pelos fins do anno de 1775 e todo o de 1776 se padeceo no sitio do Seixal.* Lisboa, na Typographia Rolandiana, MDCCLXXIX.

onde teve como professor, entre outros, Leroy, e foi medico do hospital das Caldas. Publicou elle uma *Memoria sobre as aguas mineraes das Caldas da Rainha,* fructo das suas observações de tres annos. Começa por uma descripção summaria da região em que brotam as aguas, entra na exposição da analyse chimica, concorde com as anteriores, e segue apresentando uma série de observações por elle recolhidas de doentes curados nas caldas. São sobretudo paralysias, rheumatismos e sciaticas. Conclue o livro com um catalogo das plantas colhidas nas immediações das nascentes. Este livro foi escripto com verdadeiro escrupulo e constitue uma memoria muito apreciavel para o tempo em que foi publicada [1].

Não é crédora de grandes elogios a memoria que Francisco Tavares escreveu sobre o mesmo objecto. Pelo contrario, tendo em pouco os dados fornecidos pela analyse chimica, o douto professor da Universidade mereceu os reparos um pouco vivos de Link, que julgou pouco digno de occupar uma cathedra quem se atrevia a fazer essa affirmação. O livro apenas fornece alguns dados aproveitaveis sobre o modo de administração d'estas aguas [2]. É justo dizer que Tavares mais tarde reconheceu o seu erro, dando logar, no trabalho primacial que da sua penna saíu e a que dedicamos precedentemente algumas palavras, o logar que de direito cabe á analyse chimica, e deduzindo d'ella as applicações medicinaes.

A lista das monographias sobre as Caldas da Rainha, n'este periodo, ainda comprehende a analyse de Guilherme Withering, medico inglez que exerceu a clinica em Lisboa e era membro da Sociedade Real de Londres e da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Mais completa que todas as ou-

---

[1] *Memorias dos annos de 1775 a 1780 para servirem de historia á analysi e virtudes das agoas thermaes da villa das Caldas da Rainha.* Lisboa, na Régia Officina Typografica. Anno MDCCLXXXI.

[2] *Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das aguas mineraes das Caldas da Rainha, para servir de regulamento aos enfermos que d'ellas têm precisão real.* Lisboa, na Officina da Academia Real, MDCCXCI.

tras, esta analyse demonstra que não escasseavam no seu auctor conhecimentos de chimica bastante profundos [1].

Por ultimo, Valentim Sedano Bento de Mello publicava algumas observações que demonstravam a efficacia das Caldas da Rainha nas affecções syphiliticas [2].

Umas aguas que hoje não têm grandes applicações, embora o snr. Alfredo Luiz Lopes affirme gozarem da fama de produzirem verdadeiros beneficios na chlorose, na diabetes, etc., as de Falla, no concelho e districto de Coimbra, eram objecto de um valioso trabalho de D. Francisco de Almeida Beja e Noronha, de quem nada mais se sabe a não ser que foi discipulo de Domingos Vandelli. Depois d'uma descripção do logar em que brotam as aguas, e d'um catalogo das plantas que nascem nas immediações, entra na enumeração das propriedades physicas e em seguida dos seus caracteres chimicos [3]. Diz d'este opusculo, Ricardo Jorge: «É um trabalho methodico e bem conduzido; determina a natureza geo-chimica dos leitos da nascente, ensaia variados reagentes e segrega emfim os seus contextos, sujeitando-os a pesagens. E não contente com esta tarefa chimica, muito desembaraçadamente procura basear as indicações medicas das aguas na acção dos compostos mineralisantes. Não surprehende esta comprehensão nitida de racionalisação biochimica, como elemento basico da hydro-medicina?» [4]

Dão os bibliographos noticia de um opusculo de Candido

---

[1] *Analyse chimica da agua das Caldas da Rainha.* Lisboa, na officina da Academia, 1795. (Em portuguez e inglez).

[2] *Carta sobre a utilidade das Caldas da Rainha nas molestias venereas,* no *Jornal de Coimbra,* IV, n.º XVII, maio de 1813.

[3] *Analyse das aguas hepathizadas marciaes do logar de Falla.* Coimbra, na Real Officina da Universidade. Anno MDCCLXXXIX.

Ha exemplares com differente frontispicio. Dentro d'uma portada gravada, o titulo é como segue:

Analyse das aguas hepathizadas mineraes do lugar de Falla, feita debaixo da direcção e auspicios do Dr. Domingos Vandelli. Sem designação de typographia e anno.

[4] *As Caldas do Gerez.* Porto, 1888, pag. 46.

Antonio d'Oliveira e Silva, natural de Constança e n'ella professor da lingua latina, sobre as aguas ferreas que brotam n'aquella villa. Não pudémos, porém, examinar esse opusculo [1].

José dos Santos Dias, medico do partido de Montalegre e das Caldas do Gerez e membro correspondente da Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias, publicava algumas observações thermometricas sobre as aguas do Gerez, feitas com escrupulo e exactidão [2].

Manuel Gascon dava noticia, simplesmente noticia, da existencia das aguas das Caldas de Monchique, que diz serem ferreas e sulfureas [3].

Francisco Xavier d'Almeida Pimenta encarecia as vantagens das aguas sulfurosas nas doenças de pelle [4] e dava conta das melhoras experimentadas por tres doentes affectados de lepra que haviam feito uso das nascentes da Fedegosa de Belver [5].

Antonio d'Almeida (de Penafiel) tornava conhecidas as aguas de Entre-os-Rios, que applicava sobretudo nas bronchites, nos padecimentos das vias digestivas, e na amenorrhea e dismenorrhea [6].

As aguas ferreas do Bomjardim, da Cabeça, da Venda Secca, e dos banhos das Alcaçarias eram analysadas por Antonio José de Sousa Pinto, pharmaceutico em Lisboa. Em todas ellas se revelam conhecimentos chimicos bastante profundos, não se limitando Sousa Pinto á pesquiza dos componentes das aguas, mas determinando as suas proporções relati-

---

[1] *Noticia analytica das aguas ferreas da villa de Punhete: seu modo de obrar, no estado em que são proprias, e direcção para o seu uso.* Lisboa, na Offic. Nunesiana, 1799. (Innocencio).

[2] *Jornal de Coimbra,* III, n.º XIII, janeiro de 1813.

[3] Idem, IV, n.º de julho de 1813.

[4] Idem, VIII, n.º XLI.

[5] Idem, VIII, n.º XLII.

[6] Idem, VIII, n.ºs XLII e IX, n.º XLIV.

vas [1]. Antonio José de Sousa Pinto foi certamente um dos pharmaceuticos mais illustrados do seu tempo. Nasceu no logar da Trafaria em 27 de agosto de 1777. Dedicando-se aos estudos pharmaceuticos, obtinha a sua carta em 1798. Cedo adquiriu grandes creditos e tanto que, no periodo de 1820 a 1823, foi eleito vereador da camara municipal de Lisboa, exercendo como tal as funcções de provedor-mór da saude e de director do hospital de S. Lazaro. Depois de 1833, foi nomeado pharmaceutico da casa real e vogal do conselho de saude publica. Propenso ao estudo, publicou grande numero de obras, e desempenhou algumas commissões importantes, sendo uma d'ellas a de collaborar n'uma *Pharmacopea* que afinal não foi adoptada officialmente. Em 1853, a 29 de maio, ao receber a noticia que um seu amigo fôra accommettido de apoplexia cerebral, foi victimado pela mesma doença [2].

Jacintho da Costa, na sua *Pharmacopea naval e castrense* (1819) publicava algumas informações sobre as aguas do Estoril, e dava uma idéa da sua composição chimica, baseado em trabalhos de Domingos Vandelli.

José dos Santos Dias dava noticia d'uma agua mineral que descobrira nas visinhanças de Montalegre e com a qual praticára alguns ensaios analyticos [3].

Um dos mais distinctos cultores da hydrologia medica portugueza foi José Pinto Rebello de Carvalho, a quem se deve uma memoria primorosa sobre as aguas do Gerez. Nasceu elle em Barcos, comarca de Taboaço, a tres leguas de Lamego, em 14 de fevereiro de 1792, sendo filho de José Pinto de Sousa Rebello. Estudou medicina em Coimbra, tendo concluido o seu curso em 1823. Exerceu durante algum tempo a medicina na sua terra natal, como medico de partido, mas

---

[1] *Analyse chymica das aguas ferreas do Bomjardim, da Cabeça, da Venda Secca, e dos banhos de Alcaçarias pertencentes á excellentissima casa de Cadaval.* Lisboa, na Impressão Régia. Anno de 1818.

[2] Innocencio, op. cit.; Pedro José da Silva, *Historia da pharmacia portugueza,* 3.ª memoria, pag. 201.

[3] *Jornal de Coimbra,* n.º LXXX.

tendo tomado parte no movimento liberal de 1828, emigrava para a Galliza, depois da Belfastada. Durante o exilio, obteve o gráu de doutor em medicina na Universidade de Lovaina. Regressando a Portugal, depois de 1833, exerceu a clinica no Porto, mas em 1849 embarcava para o Brazil, onde a vida lhe não correu prospera. Morreu na cidade de Campos no estado de maior miseria, pelos annos de 1860 ou 1861 [1]. «Poeta e escriptor, botanico e geologista, publicista e politico, diz d'elle Ricardo Jorge, Rebello de Carvalho pertencia áquella forte stirpe de medicos illustradissimos que não comprimem a sua capacidade scientifica dentro dos estreitos limites profissionaes.» No periodo da historia da medicina que escrevemos, Rebello de Carvalho ainda dava os seus primeiros passos como hydrologista. Na sua *Descripção da villa de Longroiva,* onde já se evidenciam os conhecimentos do geologo, apenas menciona a existencia de umas aguas ferreas e outras sulfureas n'aquella estancia, mas nada nos diz da composição das aguas, nem das suas applicações therapeuticas [2]. Tomava-as depois por objecto d'um *poema philosophico,* a que não falta por vezes inspiração.

Ignacio Antonio da Fonseca Benevides estudava as caldas de S. Gemil, a respeito das quaes escreveu duas memorias que não conseguimos vêr. Diz, porém, d'ellas Rodrigues de Gusmão: «Comprehende uma d'estas memorias a descripção topographica do sitio d'estas caldas e seus contornos; a classificação linneana das producções que alli se encontram, pertencentes aos tres reinos da natureza; e remata com a exposição das propriedades physicas e algumas observações medicas sobre o uso interno e externo d'estas aguas.

«A segunda memoria trata exclusivamente das proprie-

---

[1] Innocencio, op. cit.; o *Conimbricense* n.º 253, de 24 de outubro de 1891.

[2] *Extracto da descripção da villa de Longroiva e suas aguas mineraes,* na *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias.* Tom. VII. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1821.

dades chimicas; versa sobre a analyse qualitativa indicada pela acção dos reagentes que empregou de um modo muito variado: sobre os contextos, assim gazosos como fixos, que obteve pela evaporação, e sobre o modo de compôr artificialmente as aguas hepatisadas de S. Gemil.

«É este, em geral, o plano que o dr. Benevides seguiu no seu trabalho. E, não sendo possivel descer a um exame circumstanciado, sómente accrescentaremos que quasi sempre lhe serviram de guia os celebres Fourcroy e De la Porte no bem conhecido tratado sobre as aguas mineraes de Enghien, sendo os principios de umas e outras aguas quasi os mesmos, variando apenas na sua proporção» [1].

As aguas de Castello de Vide eram analysadas por Francisco Xavier d'Almeida Pimenta, por ordem da Academia Real das Sciencias. Reputa-as sulfuradas sodicas, entrando igualmente a magnesia na sua composição. Como, porém, Pimenta entenda que os componentes chimicos d'uma agua pouca importancia têm para determinar as suas applicações therapeuticas, procedeu a indagações sobre os resultados do seu uso e considera-as uteis nas sciaticas, nos rheumatismos, nas contracturas dos membros, nas doenças de pelle, nas obstrucções abdominaes, nas dispepsias e nos calculos urinarios [2].

O estudo das aguas mineraes não se limitava ás do continente, estendia-se ás das ilhas, e as celebres Furnas da ilha de S. Miguel eram objecto d'uma curta noticia da parte de Felix de Valois e Silva. Era este Felix de Valois um escrofuloso que, desenganado da medicina, foi para a ilha da Madeira e depois para a de S. Miguel, onde colheu admiraveis resultados do uso das aguas das Furnas. No tempo em que as frequentou viu que ellas curavam a amenorrhea, a icteri-

---

[1] Rodrigues de Gusmão, op. cit., pag. 111.

[2] *Investigações sobre a natureza e antiguidade das aguas mineraes de Cabeço de Vide*, na *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias*. Tom. VIII, parte II. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1823.

Fez-se d'esta memoria uma tiragem em separado.

cia, as paralysias e os rheumatismos [1]. A sua analyse era feita por G. Courlay em 1791 e transcripta mais tarde por Tavares na sua obra sobre a hydrologia medica portugueza.

O exame das pharmacopeas fornece importante subsidio para se ajuizar do estudo da therapeutica nos fins do seculo passado e no principio do actual. São auctores d'ellas Manuel Joaquim Henriques de Paiva [2], Antonio José de Sousa Pinto [3], Francisco Tavares [4] e Jacintho da Costa [5]; mas as dos dois ultimos levam grande vantagem ás dos primeiros.

A *Pharmacopea geral* de Tavares recommenda-se pela exactidão das noticias que fornece a proposito das substancias empregadas em medicina e pela excellente disposição que apresenta, mais ou menos a da actual Pharmacopea. Examinando-a reconhecemos que a materia medica era constituida por grande numero de plantas indigenas, por poucas plantas estranhas, entre as quaes têm menção algumas do Brazil, e ainda por menor numero de substancias chimicas definidas, como o sal amargo, o sal de Epson, o sal de Sedlitz, o nitro, etc.

A *Pharmacopea naval e castrense,* de Jacintho da Costa, se

---

[1] *Descripção das aguas mineraes das Furnas na Ilha de S. Miguel.* Anno de 1791. Transcripta no *Jornal Encyclopedico,* maio de 1793, e no *Archivo dos Açores,* tom. VIII.

[2] *Farmacopea Lisbonense ou collecção dos simplices, preparações e composições mais efficazes e de mais uso.* Lisboa, na officina de Filippe da Silva e Azevedo, MDCCLXXXV. Affirma Innocencio haver outra edição, *mais accrescentada,* na mesma typographia, 1802.

Pharmacopeia Collegii Regalis Medicorum Londinensis, additamentis et animadversionibus aucta. Olisipone, ex Typ. Reg. Acad. Scientiarum Olisiponensis, 1791.

Pharmacopea naval ou collecção dos medicamentos simples e compostos, que cumpre haver nas boticas dos navios, etc. Lisboa, 1807.

[3] *Pharmacopea chymica, medica e cirvrgica, em qve se expoem os remedios simples, e compostos, svas virtvdes, preparações, doses e molestias a que são applicaveis.* Lisboa, na Impressão Régia, Anno CIƆ IƆCCCV.

[4] Vide pag. 345, nota 2.ª, n.º 4.

[5] *Pharmacopea naval e castrense.* Lisboa, na Impressão Régia, 1819. 2 tomos.

---

não se avantaja no rigor das descripções, comprehende grande numero de productos chimicos que Tavares não incluira. Cita alguns gazes, acidos mineraes, e muitos saes neutros; e dá cabimento a uma resenha das aguas mineraes portuguezas, baseada nos trabalhos publicados por aquelle illustre professor.

Seria interessante examinar demoradamente o estado da pharmacia entre nós, mas veda-o o empenho que temos de não avolumar muito este trabalho. Devemos todavia dizer que muito progredira, e que em Caetano José de Carvalho e em Antonio José de Sousa Pinto tinha a pharmacia portugueza dois cultores distinctos que procuravam levantar o nivel da sua profissão. O primeiro traduzia o *Conhecimento pratico dos medicamentos* de Lewis, além d'outros trabalhos de menor valia; o segundo deixou grande numero de memorias, em que se demonstra por igual versado na chimica, na pharmacia e até na medicina.

As *Instituições de pharmacia* de Baumé, divulgadas e commentadas por medicos e pharmaceuticos portuguezes, constituiam a base da educação technica; conhecimentos chimicos hauriam-n'os em Fourcroy, em Guyton de Morveau, em Berzelio. Tanto basta para que se reconheça que n'este ramo de conhecimentos medicos nos não distanciavamos do movimento scientifico estrangeiro.

HYGIENE

A hygiene, como todos os ramos dos conhecimentos medicos, desenvolveu-se muito depois da reforma universitaria. Não só alguns dos nossos medicos produziam tratados de hygiene justamente apreciados no seu tempo e ainda hoje, mas é muito grande a quantidade de publicações de vulgarisação, tendentes a prevenir o desenvolvimento das doenças.

Abalançaram-se a considerar a hygiene no seu conjuncto Francisco de Mello Franco, José Pinheiro de Freitas Soares e Joaquim Xavier da Silva.

Francisco de Mello Franco escrevia em 1813 os seus *Elementos de hygiene*. Depois de algumas considerações sobre a vida e saude em geral, e sobre a influencia que sobre esta exercem o sexo, os habitos e os temperamentos, em que Mello Franco procura emancipar-se de toda a influencia de systemas medicos, entra na apreciação da acção que exercem sobre o organismo os modificadores physicos, ar, electricidade, galvanismo, os ventos e os vestidos, fricções e banhos. N'esta parte do seu livro, insiste nas vantagens que os banhos frios e sobretudo os do mar têm em robustecer a constituição.

Trata em seguida da hygiene alimentar, enumerando detalhadamente as condições a que devem satisfazer os alimentos solidos mais geralmente empregados. O mesmo faz em seguida para os liquidos, demorando-se nas propriedades do chá e do café, e reputando nocivo o uso immoderado do primeiro, e encarecendo as vantagens do segundo, embora tambem lhe reconheça alguns inconvenientes.

O exercicio e repouso, o somno e a vigilia constituem o objecto d'uma parte do livro de Mello Franco. Aqui proclama as vantagens do exercicio physico, determinando as condições em que deve exercer-se para que d'elle se possa tirar todo o proveito.

Depois d'uma curta exposição relativa ás secreções, termina o livro com uma apreciação das relações que existem entre o physico e o moral, e reciprocamente entre o moral e o physico.

Não é muito amplo o quadro d'esta obra, e ainda se resente dos moldes galenicos; mas o livro é bem actual e os preceitos que aconselha norteiam-se pelos melhores trabalhos estrangeiros. Vinha satisfazer uma necessidade instante, o que ficará provado, sabendo-se que no curto espaço de dez annos se consumiram tres edições [1].

---

[1] *Elementos de hygiene, ou dictames theoreticos para conservar a saude, e prolongar a vida. Publicados por ordem da Academia Real das Sciencias.* Lisboa, na typographia da Academia, 1813. 2.ª edição. Ibi. (?) 3.ª edição. Ibi, 1823.

É pela primeira vez que temos de occupar-nos de José Pinheiro de Freitas Soares. Nasceu este erudito medico em Agueda, a 2 de maio de 1769, sendo filho de Antonio Pinheiro e D. Josepha de Freitas Soares. Frequentou na Universidade as faculdades de philosophia e medicina, formando-se na primeira a 17 de maio de 1793 e na segunda a 31 de julho de 1797. Em 12 de agosto de 1800, foi nomeado medico do partido de Aveiro, logar que exerceu durante algum tempo; mas, reconhecendo que os conhecimentos que possuia em chimica e botanica eram mais theoricos que praticos, voltou á Universidade, para estudar novamente estas cadeiras com Thomé Rodrigues Sobral e Felix d'Avellar Brotero. Regressando a Aveiro, desenvolveu-se em 1805 n'aquella cidade uma epidemia extremamente mortifera, durante a qual Freitas Soares prestou notaveis e assignalados serviços. A invasão franceza, em 1809, levou-o a Lisboa, onde rapidamente adquiriu reputação de excellente clinico. Constituida a Instituição vaccinica em 1812, Freitas Soares prestou-lhe desvelados serviços, e por isso foi feito socio da Academia Real das Sciencias. Em 1813, creando o governo a Junta de saude, foi elle nomeado membro d'este tribunal e n'elle serviu até que foi extincto em 10 de novembro de 1820. Em 29 de outubro de 1815 foi escolhido para delegado geral do physico-mór do reino, e como tal substituiu o barão d'Alvaiazere, ausente no Brazil. Pela morte d'elle, resignou o cargo no seu amigo o dr. João de Campos Navarro, mas foram-lhe concedidas em 19 de junho de 1828 honras de physico-mór e em 4 de setembro do mesmo anno foi tambem nomeado censor régio. Divergem os nossos bibliographos sobre a data da sua morte. Innocencio diz que ella teve logar em março de 1831 ou no anno seguinte. Rodrigues de Gusmão affirma ter-se ella dado em 9 de dezembro de 1831 [1].

De entre as obras que Freitas Soares escreveu [2] uma está

---

[1] Innocencio, Rodrigues de Gusmão, op. cit.

[2] 1.° *Memoria sobre a preferencia do leite de vaccas ao leite de cabras para o sustento das creanças, principalmente nas grandes casas de expostos, e sobre algumas outras materias, que dizem respeito á creação d'ellas.* Lisboa,

chamando a nossa attenção, o *Tratado de policia medica*. Occupa-se n'ella, em primeiro logar, da organisação dos serviços sanitarios, formando votos por que em cada comarca haja um provedor-mór de saude, um escrivão e um fiscal que deve ser medico; em cada camara um provedor menor, que será o presidente da camara; e em cada freguezia um juiz de saude.

Estes funccionarios forneceriam dados para a organisação do movimento geral da população, e para uma estatistica sanitaria; fiscalisariam os enterramentos, que se não effectuariam sem a passagem da certidão de obito; providenciariam sobre os meios de manter a saude publica, evitando a entrada nas casas onde havia doenças contagiosas e desinfectando-as com acido chlorhydrico, acido sulfuroso ou vinagre. Em tempo de peste, teriam a iniciativa das providencias a adoptar, que, em ultima analyse, consistiriam em se estabelecer um forte cordão sanitario na fronteira, lazaretos nas principaes vias de communicação, e casas de isolamento para os individuos que houvessem forçado o cordão. As mercadorias, cuja entrada fosse permittida, seriam submettidas á desinfecção e igualmente o dinheiro e as cartas.

Velariam os mesmos funccionarios pela policia sanitaria das cadeias, hospitaes, casas de expostos, matadouros e açougues, e Freitas Soares aponta os preceitos hygienicos a ado-

---

na Typographia da Academia, 1812. Saíu tambem no tom. v das *Memorias Economicas da Academia.*

2.º *Memorias ácerca do estado em que se acha o mercurio nos unguentos e outras preparações mercuriaes feitas por meio da trituração ao ar livre.* Lisboa, na Impressão Régia, 1814.

3.º *Tratado de policia medica, no qual se comprehendem todas as materias, que podem servir para organisar hum regimento de policia de saude para o interior do reino de Portugal.* Lisboa, na typographia da Academia, 1818.

4.º *Memoria na qual se trata da utilidade, nobreza da medicina e consideração dos medicos.* Lisboa, na typographia da Academia Real das Sciencias, 1831. No tom. xi das *Memorias da Academia.*

5.º *Memoria ácerca das qualidades e deveres do medico.* Lisboa, na typographia da Academia Real das Sciencias, 1831, no tom. xi das *Memorias da Academia.*

ptar. Preoccupa-o muito a fiscalisação dos alimentos, inserindo no seu livro os dados necessarios para se reconhecerem as suas falsificações e alterações. Completam o *Tratado de policia medica* algumas providencias relativas á salubridade das habitações e das fabricas, e ainda alguns preceitos relativos á hygiene individual. Em appendice, extrae de Remer os meios de se reconhecerem chimicamente as adulterações de muitas substancias alimentares. Com verdadeiro escrupulo e cuidado foram escriptas as diversas partes d'este livro que foi apreciado pelo dr. Francisco Ignacio dos Santos Cruz nos termos seguintes: «Não podemos deixar de dar uma prova de patriotismo e de imparcialidade, louvando muito o zêlo e grande merito d'aquelle mui digno e erudito medico portuguez pela publicação de uma obra de plano bem imaginado, da qual devia infallivelmente resultar utilidade ao nosso paiz, se se pozesse em execução, e tanto basta para merecer nossos elogios.»

Joaquim Xavier da Silva nasceu em Cezimbra a 17 de maio de 1778, sendo filho de André Xavier da Silva. Estudou a medicina em Coimbra, doutorando-se em 31 de julho de 1804. Foi nomeado ajudante de clinica para o hospital de Lazaros em 20 de julho de 1806. Deixou Coimbra em 1807, servindo como primeiro medico da divisão que n'este anno se formára ao sul do Tejo, voltando a exercer o serviço clinico nos hospitaes da Universidade em 1810. De 1813 em diante residiu em Lisboa, exercendo em 1814 o logar de medico do hospital militar da Cordoaria, e outras commissões importantes. Era medico honorario da real camara, vogal da Junta de saude publica, membro da Instituição vaccinica, socio da Academia Real das Sciencias, etc. Morreu em Lisboa em 9 de março de 1835 [1].

Ao tempo que fazia serviço nos hospitaes militares, publicou Xavier da Silva um tratado de hygiene militar que, se não se assignala por outras qualidades, tem a vantagem de

---

[1] Mirabeau, op. cit.; Innocencio, op. cit. Os apontamentos que n'elles se não encontram foram colhidos nas obras de J. Xavier da Silva.

*

expôr em resumido quadro os preceitos de hygiene applicaveis ao exercito em tempo de paz e em tempo de guerra, e ainda ás tropas embarcadas. Occupa-se da escolha dos soldados, do seu fardamento, dos aquartelamentos e prisões, e da influencia que a disciplina exerce sobre a vida e saude do militar; trata da sua alimentação; estabelece as precauções sanitarias a adoptar nos navios que conduzam tropas; consagra algumas paginas aos preceitos de hygiene em occasião de batalha e termina com algumas considerações sobre a policia dos hospitaes militares. Joaquim Xavier da Silva mostra-se conhecedor dos melhores trabalhos que a hygiene possuia no seu tempo, e conseguiu condensal-os com methodo e exactidão [1].

Vulgarisava a hygiene e popularisava a pathologia o *Aviso ao povo* de Tissot, de que em pouco tempo se consumiam quatro edições [2]. Como esta fórma de *Avisos ao povo* parece ter agradado, assim se ministraram conhecimentos sobre as mortes apparentes, sobre os envenenamentos, sobre os cuidados a dar ás creanças, etc. Estes opusculos eram na maior parte obra de Manuel Joaquim Henriques de Paiva, e apesar da sua utilidade não merecem mais detalhada menção [3].

---

[1] *Breve tratado de hygiene militar e naval.* Lisboa, na typographia da Academia, 1819.

[2] *Aviso ao povo sobre a sua saude, por Mr. Tissot, traduzido do francez.* Lisboa, na Officina Patriarchal, MDCCLXXIII. 2 tomos. — 2.ª impressão. Lisboa, na Régia Officina Typographica, Anno MDCCLXXVII. 2 tomos.

Aviso ao povo ácerca da sua saude por Mr. Tissot, traduzido em portuguez e accrescentado com notas e illustrações, etc., por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Tom. I e II. Lisboa, na officina de Filippe da Silva e Azevedo. Anno MDCCLXXXVI. Tom. III, mesmo anno, mas na officina Morazziana.

2.ª edição. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, MDCCLXXXXVI. 3 tomos.

[3] 1.º *Aviso ao povo sobre as asfyxias ou mortes apparentes e sobre os soccorros que convem aos afogados, ás creanças recemnascidas com apparencias de mortas, aos suffocados por huma paixão vehemente de alma, pelo frio ou calor excessivos, pelo fumo do carvão, ou pelos vapores corruptos dos cemiterios, poços, cloacas, canos, prisões, hospitaes, etc.* Lisboa, na officina de Filippe da

A hygiene da primeira infancia era objecto de estudo por parte de Francisco de Mello Franco, Francisco José d'Almeida, José Pinheiro de Freitas Soares, José Feliciano de Castilho e Francisco Xavier d'Almeida Pimenta.

Francisco de Mello Franco, depois de expôr rapidamente os cuidados a dar ás mulheres gravidas, trata dos que exige a creança desde o nascimento. Insiste sobretudo nas vantagens que têm os banhos frios, aos quaes attribue a robustez dos filhos do Norte, e nas da amamentação materna que recommenda vivamente. Mello Franco, por ultimo, mostra-se decidido partidario da inoculação variolica, manifestando desejos de que essa pratica se generalisasse entre nós [1].

Igual assumpto é o tratado por Francisco José d'Almeida no seu *Tratado de educação fysica*. Francisco José d'Almeida nasceu em Lisboa a 15 de junho de 1755. Frequentou a faculdade de mathematica, mas, tornando-se suspeito por se en-

---

Silva e Azevedo. Anno MDCCLXXXVI. É de Manuel Joaquim Henriques de Paiva.

2.º *Aviso ao povo, ou summario dos signaes e symptomas das pessoas envenenadas com venenos corrosivos, como séneca, solimão, verdete, cobre, chumbo, etc., e dos meios de os soccorrer, feito por Manuel Joaquim Henriques de Paiva.* Lisboa, na officina Morazziana. Anno de 1787.

3.º *Aviso ao povo ou summario dos preceitos mais importantes, concernentes á creação das creanças, ás differentes profissões e officios, aos alimentos e bebidas, ao ar, ao exercicio, ao somno, aos vestidos, á intemperança, á limpeza, ao contagio, ás paixões, ás evacuações regulares, etc., que se devem observar para prevenir as enfermidades, conservar a saude e prolongar a vida, feito por Manuel Joaquim Henriques de Paiva.* Lisboa, na officina Morazziana. Anno de 1787.

4.º *Avisos interessantes á humanidade ou collecção de alguns artigos concernentes á restauração da vida dos afogados, e outros casos de morte apparente ou animação suspensa. Traduzidos do original inglez por Francisco Manuel de Oliveira.* Lisboa, na officina de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXXXVIII.

5.º *Avisos interessantes sobre as mortes apparentes: recopilados da collecção da Sociedade humana de M. Pia e M. Gardane.* Lisboa, na officina da Academia Real das Sciencias. Anno MDCCXC.

[1] *Tratado da educação fysica dos meninos, para uso da nação portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Lisboa, na officina da Academia Real das Sciencias. Anno MDCCXC.

tregar á leitura de livros prohibidos, foi preso pelo Santo Officio e durante vinte e cinco mezes esteve encarcerado, saíndo no auto de fé que em Coimbra se realisou em 26 de agosto de 1781, em companhia do seu contemporaneo Mello Franco. Transferido ao depois para o convento de Rilhafolles, ao cabo de oito mezes foi restituido á liberdade ou conseguiu evadir-se. Dirigiu-se a Paris, d'onde, por motivo de doença, se transferiu á Hollanda, onde concluiu o curso de medicina em 1785. Regressou então a Lisboa, e desde logo foi nomeado socio da Academia Real das Sciencias, incidindo ao depois sobre elle grande numero de mercês. Primeiro medico da real camara, commendador das ordens de Christo e da Conceição, 1.º barão de Almeida, socio da Sociedade real de medicina de Paris, taes eram os titulos que juntára ao seu nome, quando morreu a 4 de dezembro de 1844 [1].

O *Tratado da educação fysica dos meninos* tem o mesmo plano do livro de Mello Franco. Em primeiro logar vêm algumas considerações sobre a hygiene da mulher gravida, que servem de introducção. Depois occupa-se dos cuidados a dar á creança, entrando em pormenores sobre os cuidados de limpeza a ter com ella, sobre o córte do cordão umbilical, sobre a lavagem, sobre a alimentação materna que a todas prefere, sobre o desmame, sobre o descanço e vigilia, etc. Conclue o trabalho uma dissertação sobre a inoculação variolica, em que Almeida, depois de apresentar os argumentos a favor e contra esta pratica, então generalisada no estrangeiro, se pronuncía contra ella [2].

---

[1] Rodrigues de Gusmão, Innocencio, op. cit.

[2] *Tratado da educação fysica dos meninos, para uso da nação portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias.* Lisboa, na officina da Academia Real das Sciencias, MDCCXCI.

Além d'esta, Francisco José d'Almeida publicou as seguintes obras de medicina:

Specimen academiam inaugural de rachitide. Lugduni Batavorum, 1785 (Innocencio).

Exposição fiel da molestia da Excellentissima marqueza de Minas, com

José Pinheiro de Freitas Soares, tratando dos meios de alimentação artificial das creanças, prefere o leite de vacca ao leite de cabra. Os argumentos são sobretudo tirados da analyse chimica, e dos resultados colhidos. Por isso o aconselha nas casas dos expostos, e recommenda como medida complementar que se entreguem as creanças a amas do campo que as criem [1].

Esta questão da alimentação artificial preoccupava a opinião. José Feliciano de Castilho, mostrava as suas vantagens, quando não era possivel a alimentação materna, e Francisco Xavier d'Almeida Pimenta citava o testemunho do *honrado velho* Manuel Constancio, que assim alimentára seus filhos [2].

Approximamos d'estes dois trabalhos sobre educação, de que tivemos conhecimento. O primeiro, traduzido de Joly de Saint-Vallier, dá grande importancia na educação aos exercicios physicos [3]. O segundo, anonymo, apenas encerra preceitos sobre a educação moral e religiosa [4].

A hygiene hospitalar não mereceu muita attenção. Apenas encontramos duas memorias sobre este assumpto, devidas a Jorge Henrique Langsdorf e José Joaquim Soares de Barros.

Jorge Henrique Langsdorf, que se intitula doutor em medicina e cirurgia, membro activo da Sociedade dos Amigos da Arte Obstetricia em Göttinga, e medico assistente do principe

---

hum discurso sobre a utilidade dos fructos. Lisboa, na officina patr. de Francisco Luiz Ameno, MDCCLXXXVII.

[1] *Memoria sobre a preferencia do leite de vaccas ao leite de cabras para o sustento das creanças, principalmente nas grandes casas dos expostos, e sobre algumas outras materias que dizem respeito á creação d'ellas*. Lisboa, na typographia da Academia, 1812.

[2] *Jornal de Coimbra*, n.os XXXIX e XLIV.

[3] *Tratado da educação fysica e moral dos meninos de ambos os sexos, traduzido do francez em linguagem pelo bacharel Luiz Carlos Moniz Barreto*. Lisboa, na officina da Academia Real das Sciencias, MDCCLXXXVII.

[4] *Tratado de educação, offerecido á mocidade portugueza, obra interessantissima, na qual se ensina o methodo de se formarem bons vassallos, fieis ao rei e amigos da santa religião*. Lisboa, na Impressão Régia. Anno de 1824.

Christiano de Waldeck, occupava em Lisboa o logar de medico d'um hospital especial da colonia allemã.

Deu elle á luz um trabalho sobre o melhoramento dos hospitaes, preoccupado com a mortalidade do hospital de S. José, que era então de $^1/_9$. Recommenda muito a ventilação das salas hospitalares, a limpeza dos doentes; encarece a vantagem da desinfecção das enfermarias por meio do chloro e do acido sulfuroso e recommenda que os generos consumidos sejam de excellente qualidade. Não se esquece do pessoal medico, formulando o desejo de que seja menos numeroso e mais largamente remunerado [1].

Outro é o ponto de vista de José Joaquim Soares de Barros. Depois de ter procedido a um inquerito sobre o numero de hospitaes do reino e dos doentes n'elles albergados, emitte o parecer de que devem ser reduzidos, e construidos com menos magnificencia, ficando sujeitos a uma inspecção central [2].

Dos damnos causados pelos enterramentos nas egrejas, occupava-se Vicente Coelho de Seabra Silva e Telles, medico natural de Minas Geraes, no Brazil, onde nasceu em 1764, sendo filho de Manuel Coelho Rodrigues. Veio para Portugal cursar a faculdade de philosophia, formando-se gratuitamente em 13 de março de 1791. Em 1789 foi eleito socio correspondente da Academia Real das Sciencias; passou a socio livre dois annos depois e em 1798 era promovido a socio effectivo. Pouco tempo depois de se graduar, era nomeado lente substituto da faculdade de philosophia, mas, sendo de fraca compleição e entregando-se aturadamente ao estudo, morreu em março de 1804 [3].

Silva Telles põe em relevo os prejuizos causados á saude pelas emanações das sepulturas nas egrejas. Parece-lhe que

---

[1] *Observações sobre o melhoramento dos hospitaes em geral.* Lisboa, na typographia da Academia Real das Sciencias, MDCCC.

[2] *Memoria sobre os hospitaes do reino,* nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias,* IV, 1812.

[3] Simões de Carvalho, *Memoria historica da faculdade de philosophia.* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, pag. 298. Innocencio, op. cit.

estes inconvenientes são menores nos templos situados em logares elevados do que nos que ficam em logares baixos e reclama, como meio de os prevenir, que as egrejas sejam arejadas e as sepulturas profundas. Melhor seria, porém, que se construissem cemiterios, onde se fizessem os enterramentos [1].

A prophylaxia das doenças contagiosas, e sobretudo das de importação exotica, occupava alguns dos medicos portuguezes. Quer, porém, nos opusculos de Manuel Joaquim Henriques de Paiva [2], quer nas *Advertencias* que um socio da Academia das Sciencias publicava [3], não se encontra coisa alguma que represente novidade, e leve alguma vantagem a publicações anteriores. Com o mesmo fim de evitar a propagação das doenças contagiosas, José Ferreira da Silva traduzia de John Howard a *Historia dos principaes lazaretos da Europa* [4]. Bernardino Antonio Gomes estudava o problema da possivel transmissão dos germens infectuosos por meio das cartas; e, tendo o governo mandado adoptar o processo de Guyton-Morveau, para evitar essa transmissão, procedia a experiencias que lhe demonstravam a superior efficacia do acido sulfuroso [5].

Alguns dos nossos medicos encarregavam-se do estudo climaterico das regiões em que exerciam clinica, escrevendo

---

[1] *Memoria sobre os prejuizos causados pelas sepulturas dos cadaveres nos templos.* Lisboa, na officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, MDCCC.

[2] *Exposição dos meios chimicos de purificar o ar das embarcações, isto é, de destruir as particulas malignas que resistem aos meios mechanicos, e de conhecer a existencia das mesmas particulas malignas na atmosphera, etc.* Lisboa, 1798.

Reflexões sobre a communicação das enfermidades contagiosas por mar e sobre as quarentenas que se fazem observar em alguns paizes, etc. Lisboa, 1803.

[3] *Advertencias dos meios que os particulares podem usar para preservar-se da peste, compiladas por hum socio da Academia Real das Sciencias.* 2.ª edição. Lisboa, na typographia da Academia. Anno de 1801.

[4] *Historia dos principaes lazaretos da Europa, acompanhada de differentes memorias sobre a peste, etc., por João Howard, traduzida por José Ferreira da Silva.* Lisboa, na typographia chalcographica e litteraria do Arco do Cego. Anno MDCCC.

[5] *Memoria sobre a desinfecção das cartas,* nas *Memorias da Academia,* IV, 1815.

topographias medicas. Eram elles Jorge Gaspar d'Oliveira Rollão e Francisco Ignacio dos Santos Cruz, e o seu exemplo havia de ser largamente seguido depois.

Jorge Gaspar d'Oliveira Rollão era natural de Alpedrinha, onde nasceu a 23 de abril de 1783, sendo filho de Antonio Gaspar d'Oliveira e Isabel Joaquina d'Oliveira Rollão. Estudou a medicina em Coimbra com distincção, recebendo o gráu de bacharel em 10 de junho de 1808, e formando-se no anno seguinte. Desde então estabeleceu-se como medico na sua terra natal e ahi morreu em 3 de novembro de 1833 [1].

Oliveira Rollão estudou Alpedrinha debaixo do ponto de vista medico. Depois de dar noticia d'esta villa e das suas producções, enumera as doenças mais frequentes n'aquella região que eram sobretudo as dependentes da infecção palustre [2].

A contrastar com a vida modesta de Oliveira Rollão, a de Francisco Ignacio dos Santos Cruz passou-se no desempenho das mais altas funcções.

Filho de Manuel dos Santos Cruz e D. Anna Joaquina, Francisco Ignacio dos Santos Cruz nasceu em Santarem a 10 de outubro de 1787. Destinado primeiro á carreira ecclesiastica, matriculava-se em 1804 no curso philosophico e no 1.º anno de mathematica na Universidade de Coimbra, como preparatorios para o curso medico que terminou em 1 de julho de 1814. Regressando á terra natal, ahi exerceu clinica até 1815, indo em seguida estabelecer residencia em Constança, antigamente Punhete. A morte d'uma filha levou-o a abandonar aquella villa, e foi para Lisboa, onde, como vice-presidente e depois como presidente do conselho de saude publica do reino, prestou os mais levantados serviços. Morreu, depois de prolongada doença, em 30 de março de 1859. Era socio effe-

---

[1] Rodrigues de Gusmão, op. cit.; Innocencio, op. cit.

[2] *Breve descripção topographica da villa de Alpedrinha, na comarca de Castello Branco,* no *Jornal de Coimbra,* VI, n.º XXV.

ctivo da Academia Real das Sciencias, logar a que renunciára depois da reorganisação d'aquelle estabelecimento [1].

Pouco tempo depois de ter assentado em Constança, escrevia elle a sua *Descripção topographica* e pouco depois a *Descripção economica d'uma parte do territorio da comarca de Thomar.* Estas duas memorias têm mais interesse debaixo do ponto de vista administrativo e economico do que debaixo do ponto de vista medico; contém, porém, esclarecimentos de algum valor sobre o movimento da população e sobre as causas que n'aquellas regiões influiam sobre a sua variação [2].

Approximamos d'estes trabalhos o *Anno medico* de José Bento Lopes. Lopes nascera provavelmente no Porto, e estudára a medicina em Coimbra, tendo concluido o seu curso em 1787. Em 7 de novembro d'este anno foi nomeado demonstrador de anatomia, mas tres mezes depois demittia-se do logar e vinha exercer a medicina no Porto, onde morreu em 1800 [3].

Versado na physica, e attribuindo grande influencia na producção das doenças ás variações atmosphericas, Lopes já em 1792 publicava umas *Observações meteorologicas,* as primeiras que na cidade do Porto se fizeram. Mais tarde, dava á publicidade o *Anno medico,* em que insere dia a dia os dados fornecidos pelo barometro, thermometro, hygrometro e anemometro, além d'um registo mensal das doenças reinantes. Obra valiosa e feita com escrupulo, o *Anno medico* honra certamente a memoria do modesto medico portuense [4].

---

[1] Rodrigues de Gusmão, op. cit.; Innocencio, op. cit.

[2] *Descripção topographico-medica da villa de Punhete,* no *Jornal de Coimbra,* XVI, n.º LXXXV. Parte I.

Descripção economica de certa porção de territorio da comarca de Thomar, e proxima á margem do Tejo, nas *Memorias da Academia,* VIII, 1823.

[3] Innocencio, op. cit.; Mirabeau, op. cit.

[4] *Observações meteorologicas, feitas na cidade do Porto, precedidas d'uma descripção da mesma cidade,* no *Jornal Encyclopedico,* fevereiro e março de 1792.

Anno medico, que contém as observações meteorologicas e medicas, feitas na cidade do Porto em 1792. Tom. I. Porto: na offic. da Viuva Mallen, Filhos e Companhia, impressores da Relação. Anno de 1796.

Antonio d'Almeida, o illustre cirurgião a quem nos temos desenvolvidamente referido por mais d'uma vez, publicava tambem uma memoria sobre a limpeza de Lisboa, na qual se recommenda sobretudo a remoção das immundicies para os campos circumvisinhos [1].

A prophylaxia da variola inspirou grande numero de trabalhos n'este periodo. No meiado do seculo XVIII introduzira-se entre nós a inoculação variolica, muito acreditada em Inglaterra e França. Já vimos que sobre o assumpto se travou discussão acalorada, que proseguiu ainda nos primeiros annos que se seguiram á reforma da Universidade. Manuel Joaquim da Silva Ferraz traduziu de Thomaz Dimsdade o *Methodo actual de inocular as bexigas*, que resumia a pratica mais geralmente adoptada [2], e um obscuro cirurgião lisbonense, Eusebio Antonio Rodrigues, tambem se occupava do novo processo [3]. Como, porém, se não pudesse ajuizar das vantagens que elle trouxesse sem larga experimentação, organisou-se em Lisboa um hospital especial destinado á inoculação da variola, sob a direcção de Francisco Tavares, tendo por companheiros dois medicos lisbonenses, Antonio Mendes Franco e Fortunato Raphael Amado. Duraram as experiencias tres annos (1796-1798) e consistiram na inoculação de creanças que já haviam sido affectadas de variola e d'outras que nunca haviam contrahido essa doença. Nas primeiras reconheceu-se que estavam verdadeiramente immunes: a inoculação apenas produzia n'ellas accidentes locaes sem importancia. Nas segundas, o virus determi-

---

[1] *Memoria sobre o methodo de limpar e conservar limpa a cidade de Lisboa*, no *Investigador Portuguez*, março de 1813.

[2] *Methodo actual de inocular as bexigas, com experiencias que provão a utilidade da sua applicação no tratamento das bexigas naturaes, e algumas observações que attestam as suas vantagens pelo auctor Thomaz Dimsdale. Traduzido em idioma portuguez.* Porto, na officina de Antonio Alvarez Ribeiro. Anno MDCCXCIII.

[3] *Reflexões sobre a inoculação das bexigas*. Lisboa, 1797. Não pudemos vêr este livro.

nava uma erupção attenuada, uma variola muito discreta, mas que conferia solida immunidade [1].

De crêr era que, em face d'estes resultados, a inoculação variolica se acreditasse e se tornasse pratica diaria. Assim succederia decerto se, um anno antes da publicação dos resultados referidos por Francisco Tavares, Eduardo Jenner não tivesse dado a primeira noticia da sua extraordinaria descoberta da vaccina, a que se seguia uma outra memoria relatando as suas ulteriores observações sobre o mesmo assumpto. Ora, mal foram conhecidos em Portugal os trabalhos de Jenner, e foram-n'o em 1799, immediatamente se começou a ensaiar a vaccina e foi precisamente no hospital de inoculação de Lisboa que se fizeram esses primeiros ensaios [2]. Muitos medicos de Lisboa começaram tambem desde logo a propagar a vaccina, e entre elles Francisco Tavares, Manuel Luiz Alvares de Carvalho, Manuel Vieira da Silva, Norberto Antonio, Antonio d'Almeida, fr. Custodio de Campos, Theodoro Ferreira d'Aguiar e Francisco José d'Almeida [3].

A primeira publicação que entre nós se fez a respeito da vaccina deve-se, porém, ao medico allemão Domeier, que exercia a clinica em Lisboa [4]. Já, porém, a este tempo haviam sido encarregados de a estudar o medico lisbonense Manuel Joaquim Henriques de Paiva e o dr. João Antonio Monteiro, lente da faculdade de philosophia na Universidade. Este ultimo trouxera de Cadix, por ordem de D. Rodrigo de Sousa Cou-

---

[1] *Resultado das observações feitas no hospital real da inoculação das bexigas nos annos de 1796, 1797 e 1798 pelos medicos do mesmo hospital, Antonio Mendes Franco e Fortunato Rafael Amado, publicado por ordem de Sua Magestade por Francisco Tavares.* Lisboa, na Régia Officina Typographica, MDCCXCIX.

[2] *Bibliographia Universal,* artigo 4.º, pag. 120.

[3] *Investigador Portuguez,* vol. II, pag. 352, e III, pag. 59.

[4] *Memoria sobre a utilidade da inoculação das bexigas vaccinas, traduzida do allemão e offerecida a todos os professores de medicina e cirurgia, paes de familia e chefes de corporações por um amigo da humanidade; com hum additamento de varias noticias tiradas dos papeis publicos de Paris e uma exposição dos signaes da verdadeira vaccina.* Lisboa, 1801.

tinho, algumas laminas com vaccina, começando a fazer em Coimbra, de companhia com o dr. Angelo Ferreira Diniz, lente da faculdade de medicina, ensaios que não deram resultado algum, porque o liquido vaccinico perdera a sua virulencia. Poucos dias depois da publicação do dr. Domeier, Henriques de Paiva, comquanto ainda não tivesse começado a estudar praticamente os resultados da vaccina, entendia dever publicar uma noticia sobre a sua descoberta, sobre os processos de a praticar, e sobre os seus effeitos [1].

Occorreu, porém, um caso que muito impressionou os espiritos, prevenindo-os contra a nova descoberta. Adoecêra com variola uma filha do duque de Lafões; vaccinou-se immediatamente e por duas vezes o duque de Miranda, filho d'aquelle illustre fidalgo, mas cinco dias depois a creança morria com convulsões.

Apesar d'isso, a vaccina ia-se propagando e não concorreu pouco para isso a publicação feita pelo dr. João Antonio Monteiro d'uma traducção das memorias de Jenner sobre o novo meio prophylatico [2]. Por todo o paiz se ia vaccinando, comquanto as condições em que elle se achava, talado e invadido, não fossem de molde a permittir grandes investigações scientificas.

Se a descoberta de Jenner por todo o mundo se ia generalisando, não faltavam tambem contradictores. Entre elles tomou logar o medico portuguez Heliodoro Jacintho d'Araujo Carneiro. Nascera elle em Coimbra em 1776 e na faculdade de medicina concluiu o seu curso em 21 de julho de 1799. Em 1803 foi encarregado de fazer uma viagem de estudo den-

---

[1] *Preservativo das bexigas e dos seus terriveis estragos, ou historia da origem e descobrimento da vaccina, dos seus effeitos ou symptomas e do methodo de fazer a vaccinação, etc.* Lisboa, MDCCCI, na officina patr. de João Procopio Corrêa da Silva.

[2] *Indagação sobre as causas e effeitos das bexigas de vacca, molestia descoberta em alguns condados occidentaes da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vaccina por Eduardo Jenner... traduzida do original inglez por J. A. M.* Lisboa, na Régia Officina Typographica, 1803.

tro do paiz, e em 1805 partia para Londres e Paris n'uma viagem analoga. Depois, continuando no estrangeiro, desempenhou commissões diplomaticas de importancia, motivo pelo qual foi agraciado com o titulo de visconde da Carreira, mercê que não foi reconhecida pelos liberaes. Morreu em 1849.

Em 1808 publicava Heliodoro Carneiro as suas *Reflexões e observações sobre a pratica da inoculação da vaccina,* em que se não encontra um unico argumento serio contra a vaccina, e que nenhuma impressão causaram ao serem publicadas [1].

O novo processo prophylatico generalisou-se muito a contar de 1812, graças aos esforços de Bernardino Antonio Gomes, que promovia a creação da Instituição vaccinica, á sombra da Academia Real das Sciencias. Convocou elle uma reunião de academicos medicos, a que estiveram presentes Francisco Soares Franco, Francisco Mello Franco e José Martins da Cunha Pessoa, e n'essa reunião se approvou o projecto de organisação da Instituição vaccinica, destinada a estabelecer a vaccinação gratuita em Lisboa e a generalisar a sua pratica em todo o reino. Resolveu a Academia aggregar a estes seus prestimosos membros mais alguns medicos, e foram elles José Maria Soares, José Pinheiro de Freitas Soares, José Feliciano de Castilho, Francisco Elias Rodrigues da Silveira, e mais tarde Wenceslau Anselmo Soares. A 7 de junho de 1812 começava Francisco de Mello Franco a série de vaccinações, com materia secca fornecida por uma senhora, D. Angelica Tamagnini, que se tornára propagandista da vaccina em Thomar, assim como no Porto D. Maria Isabel Wanzeller se tornára em sua dedicada promotora [2]. Começou-se a vaccinação pelos orphãos da Casa pia, e seguidamente, duas vezes por semana, se inoculavam as creanças ou adultos que appareciam.

---

[1] *Reflexoens e observaçoens sobre a pratica da inoculação da vaccina e as suas funestas consequencias, feitas em Inglaterra.* Londres, na impressão de Mr. Cox, Filho e Baylis, 1808.

[2] Esta senhora, desde 15 de agosto de 1809 até fins de abril de 1812, vaccinára 5:030 creanças.

Não limitava, porém, a isto a sua acção a Instituição vaccinica; remettia para toda a parte do reino laminas com vaccina e publicava grande numero de trabalhos destinados á vulgarisação do seu emprego [1].

Annualmente, em sessão publica da Academia, um dos membros da Instituição vaccinica dava conta dos seus traba-

---

[1] *Collecção de opusculos sobre a vaccina, feitos pelos socios da Academia Real das Sciencias e publicados de ordem da mesma Academia.* Num. I e II. Lisboa, na typographia da Academia, 1812.

Os opusculos reunidos são: 1.º *Regulamento da Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias;* 2.º *Conta dada na congregação dos membros da Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias pelo director Bernardino Antonio Gomes em 15 de outubro de 1812.*

Collecção de opusculos, etc., n.ºs III a IX. Lisboa, na typographia da Academia, 1813.

Os opusculos reunidos n'esta 2.ª série são: 3.º *Breve instrucção do que ha de mais essencial a respeito da vaccina;* 4.º *Do que houve digno de observação no mez de outubro, dada á Instituição vaccinica pelo director do dito mez;* são ambos de Francisco de Mello Franco; 5.º *Conta dada na congregação dos membros da Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias pelo director José Pinheiro de Freitas Soares, em 15 de outubro de 1812;* 6.º *Conta dada na congregação dos membros da Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias em 15 de janeiro de 1813,* de José Maria Soares; 7.º *Conta dada á Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias aos 15 de janeiro de 1813,* de Francisco Elias Rodrigues da Silveira; 8.º *Conta dada na congregação dos membros da Instituição vaccinica aos 15 de março de 1813,* de Wenceslau Anselmo Soares; 9.º *Conta dada á Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias pelo secretario da Instituição o dr. José Feliciano de Castilho, em sessão de 19 de dezembro de 1812.*

Collecção de opusculos, etc., n.ºs X até XIV. Lisboa, na typographia da Academia, 1814.

Comprehende: 10.º *Conta dada á Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias, em sessão de 15 de janeiro de 1813, pelo secretario da Instituição o dr. José Feliciano de Castilho;* 11.º *Conta dada á Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias, em congregação de 15 de fevereiro de 1813, do mez que decorre desde 15 de janeiro passado, pelo secretario da mesma Instituição, o dr. José Feliciano de Castilho;* 12.º *Observações e reflexões sobre a vaccina,* de José Francisco de Carvalho; 13.º *Conta da Instituição vaccinica á Academia Real das Sciencias, respectiva ao trimestre de março, abril e maio,* de Bernardino Antonio Gomes.

lhos. Pelos discursos proferidos podemos ajuizar da extensão que ia tomando a inoculação [1].

Em	1812-1813	foram	vaccinados	3:323	individuos
»	1813-1814	»	»	8:527	»
»	1814-1815	»	»	12:305	»
»	1815-1816	»	»	18:111	»
»	1816-1817	»	»	19:993	»
»	1817-1818	»	»	10:541	»
»	1818-1819	»	»	9:320	»
»	1819-1820	»	»	5:630	»
»	1820-1821	»	»	3:215	»
»	1821-1822	»	»	2:697	»

Vê-se d'estes algarismos que, a contar de 1816 a 1817, a Instituição vaccinica começou a decaír e rapidamente se extinguiu. Em 1831 tinha ella um unico medico vaccinador. Mas, no periodo de maior actividade, a sua acção não se limitava á capital, antes promovia a sua propagação nas provincias e no Brazil. Em fevereiro de 1813 já tinha quarenta e nove correspondentes nas provincias e em 1815 dez camaras do paiz haviam estabelecido institutos analogos, sujeitos á inspecção da commissão da Academia Real das Sciencias.

---

[1] *Recopilação historica dos trabalhos da Instituição vaccinica durante o seu primeiro anno, por Bernardino Antonio Gomes,* nas *Memorias da Academia,* III, parte II, 1814.

Discurso historico pronunciado em sessão publica da Academia Real das Sciencias, em 24 de junho de 1812, por João Guilherme Christiano Muller, no mesmo volume.

Conta dos trabalhos vaccinicos, lida na sessão publica da Academia Real das Sciencias aos 24 de junho de 1814 por Francisco Elias Rodrigues da Silveira, nas *Memorias da Academia,* IV, parte I, 1815.

Conta annual da Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pronunciada em sessão publica de 1815 por Bernardino Antonio Gomes, nas *Memorias da Academia,* IV, parte II, 1816.

Annaes vaccinicos de Portugal ou memoria chronologica da vaccinação em Portugal, desde a sua introducção até o estabelecimento da Instituição vaccinica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Antonio d'Almeida, no mesmo volume das *Memorias da Academia.*

MEDICINA LEGAL

Não temos noticia de qualquer trabalho de valor sobre medicina legal. Apenas em 1821, Felix da Gama, doutor em medicina pela Universidade de Paris e medico do partido de Alcochete, apresentava ao *soberano congresso* uma memoria, em que tratava, embora summariamente, d'algumas questões que se relacionam com este ramo das sciencias medicas. A primeira diz respeito á organisação do ensino medico-cirurgico. Felix da Gama deseja que se formem quatro collegios em Lisboa, Porto, Coimbra e Evora para o ensino das sciencias medicas. O curso cirurgico compôr-se-ia de cinco annos, terminado o qual se obtinha o gráu de bacharel em cirurgia. O curso medico compunha-se de mais dois annos, que seriam

---

Discurso recitado em sessão publica de 24 de junho de 1816 pelo vice-secretario Francisco de Mello Franco, nas *Memorias da Academia,* v, parte I, 1817.

Conta dos trabalhos vaccinicos, lida em sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa aos 24 de junho de 1816 pelo dr. Justiniano de Mello Franco, no mesmo volume das *Memorias da Academia.*

Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição vaccinica, lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias em 24 de junho de 1817 pelo dr. Wenceslau Anselmo Soares, nas *Memorias da Academia,* v, parte II, 1818.

Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição vaccinica, recitado em sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 24 de junho de 1818 por Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, nas *Memorias da Academia,* VI, parte I, 1819.

Discurso historico ácerca da vaccinação em Portugal, recitado em sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 24 de junho de 1819 pelo dr. Joaquim Xavier da Silva, no mesmo volume das *Memorias da Academia.*

Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição vaccinica, lido em sessão publica de 24 de junho de 1820 por José Maria Soares, nas *Memorias da Academia,* VII, 1821.

Discurso historico ácerca dos trabalhos da Instituição vaccinica, recitado em sessão publica de 24 de junho de 1821 por Francisco Elias Rodrigues da Silveira, nas *Memorias da Academia,* VIII, 1823.

Discurso historico recitado em sessão publica de 27 de junho de 1823 pelo secretario José Maria Dantas Pereira, nas *Memorias da Academia,* IX, 1825.

frequentados na Universidade, onde se não admittiria quem não fosse bacharel em cirurgia. Outra questão, a que Felix da Gama se refere é a conveniencia de se instituir uma academia privativa para promover os progressos da medicina. E, por ultimo, Felix da Gama, insiste na conveniencia de submetter as pharmacias a uma inspecção medica rigorosa [1].

---

[1] *Reflexões medico-juridicas sobre a necessidade e utilidade do estudo da medicina legal e projecto do estabelecimento de collegios para o ensino da medicina e da cirurgia e de uma academia privativa que promova os progressos d'estas sciencias em Portugal.* Lisboa, na Typographia Rolandiana, 1822.

CAPITULO IV

Legislação sanitaria. — Sociedades scientificas. — O jornalismo medico. Conclusão.

Enumeramos precedentemente os principaes diplomas legislativos que se referiam á saude publica. Apesar do nosso paiz não ser visitado, durante este periodo da historia da medicina, por doenças de importação exotica, não afrouxava por parte dos nossos governantes o zêlo pela saude publica. Em 28 de agosto de 1813, «antes que a Belgica tivesse as suas commissões medicas provinciaes (1818) e a França o seu conselho superior de saude (1822)», creava-se entre nós a *Junta de saude*. Era composta do provedor-mór de saude da côrte e reino, do secretario dos negocios estrangeiros, guerra e marinha, e de seis medicos, e cumpria-lhe sobretudo adoptar as precauções indispensaveis para preservar o reino da peste.

A junta devia reunir-se tres vezes por semana, ou mais, se as circumstancias a isso obrigassem. A ella seriam presentes informações sobre o estado sanitario dos differentes portos de mar, e á face d'essas informações tomaria a junta deliberações sobre a quarentena que devia ser imposta ás embarcações que d'esses portos viessem. Ao mesmo tempo, proporia as medidas que julgasse convenientes para a defeza sanitaria por via terrestre; velaria pela execução dos regimentos

de saude e promoveria as modificações que julgasse conveniente que n'elles fossem introduzidas; apresentaria um projecto de lazareto provisional, emquanto não havia recursos para o estabelecimento d'um lazareto permanente, e procederia a instantes informações sobre o estado sanitario do nosso paiz.

Os medicos que fizeram parte da junta de saude foram: Xavier da Silva, Bernardino Antonio Gomes, Francisco José d'Almeida, Francisco de Mello Franco, Henrique Xavier Baeta e João Pinheiro de Freitas Soares.

Não nos parece justa a censura que faz Ricardo Jorge á junta de saude quando escreve: «A commissão, porém, não deu signaes de vida, durante dezesete annos de existencia, senão o projecto apresentado ás celebres constituintes em sessão de 13 de outubro de 1821».

Já em 9 de outubro de 1813 organisava as instrucções para o guarda de saude residente na Trafaria e para o guarda-mór de Paço d'Arcos; organisava o registo obituario, vedando que os enterramentos se realisassem sem certidões de obito, e mandando organisar estatisticas obituarias de hospitaes e prisões, muitas das quaes foram publicadas. Organisava instrucções sobre a desinfecção das cartas, em harmonia com o que a Academia Real das Sciencias resolvêra; o regulamento do lazareto estabelecido em Caparica; instrucções para o serviço da casa de saude, estabelecida em Belem; mandava um seu delegado ao Algarve, para evitar que se propagasse ao nosso paiz a peste que grassava em Argel, etc., etc. [1]

Se isto demonstra que a junta de saude não descurou as obrigações que lhe competiam, já no capitulo precedente expuzemos os trabalhos de muitos dos membros da junta de saude, que se empenhavam em generalisar conhecimentos hygienicos, e além d'esses outros, e talvez de não menor valia, deixaram de ser publicados.

O enthusiasmo que Ricardo Jorge manifesta, e com sobe-

---

[1] *Collecção de regimentos por que se governa a repartição de saude do reino.* Lisboa, na Impressão Régia. Anno de 1819.

ja razão, pelo Conselho de Saude Publica, creado por Passos Manuel, cegou-o a ponto de negar o devido apreço pela junta de saude publica que em grande parte preparou aquella reforma.

A ephemera vida das sociedades scientificas que no Porto se tinham creado cessára. No periodo cuja historia escrevemos, outra aggremiação se formára, incomparavelmente mais fructuosa e prospera, a *Academia Real das Sciencias.*

Em 1720 havia sido creada a *Academia Real da Historia Portugueza,* á qual competia escrever a «historia ecclesiastica d'estes reinos e depois tudo o que pertencesse á historia d'elles e de suas conquistas». Da maneira como ella cumpriu as obrigações que lhe haviam sido impostas, a troco da protecção que os governos lhe dispensaram, não temos que occupar-nos aqui. Bastará dizer que grande numero dos trabalhos historicos que publicou só á sombra d'uma sociedade constituida como aquella, e grandemente protegida, se teriam podido realisar. Essa academia, posteriormente ao terremoto, terminou tambem.

Em 1779, regressando ao reino o duque de Lafões D. João de Bragança, tio da rainha D. Maria I, que se relacionára com o grande naturalista o padre José Corrêa da Serra, empenhou-se em formar em Lisboa uma aggremiação scientifica que recebeu o nome de Academia Real das Sciencias e que tinha sobretudo como fins o adiantamento da instrucção nacional, a perfeição das sciencias e das artes e o augmento da instrucção popular. Constituiam os academicos tres classes. Uma d'ellas tinha como funcção indagar «a qualidade, leis e propriedades dos corpos por meio da observação e da analyse, os effeitos e novas propriedades que resultam da combinação de uns com outros, e o *como* e *porque* dos phenomenos naturaes». Faziam objecto dos seus estudos a meteorologia, a chimica, a botanica e a historia natural, etc. Eram oito os membros de cada classe, mas podiam pertencer á Academia como supra-numerarios *mais alguns sujeitos* habeis, a quem apenas se exigia que apresentassem todos os annos uma memoria como

documento da sua applicação. O quadro dos academicos ficava completo com os socios correspondentes, em numero indeterminado.

Desde o seu principio deu a Academia grande incremento aos estudos de historia natural, estabelecendo um gabinete de physica, um laboratorio chimico e um museu. Procurou desenvolver a agricultura, publicando grande numero de memorias que davam noticia das propriedades de muitos productos naturaes e da cultura de muitas plantas uteis. Começava a publicação d'um diccionario da lingua portugueza que infelizmente não foi continuado; vulgarisava as obras dos classicos portuguezes; publicava as suas memorias, dividindo-as em tres collecções: *Memorias de litteratura portugueza, Memorias economicas e Memorias de mathematica e physica;* promovia o estudo das aguas mineraes portuguezas, etc. A medicina deveu-lhe tambem grandes adiantamentos e ficaram registadas n'esta historia, com o louvor que merecem, grande numero de memorias, devidas a Francisco Tavares, Bernardino Gomes, Xavier da Silva, Mello Franco, Francisco José d'Almeida, Soares Franco, etc. Póde dizer-se que a Academia Real das Sciencias, no principio d'este seculo, centralisou toda a actividade scientifica do paiz. A creação da Instituição vaccinica, a que já nos referimos, foi mais um serviço, e assignalado foi elle, á hygiene nacional.

A Academia Real das Sciencias, attenta a sua constituição, não permittia que á sua sombra se reunissem n'um esforço commum todos os que na capital do reino se entregavam á cultura e á pratica das sciencias medicas. Os progressos que a medicina fizera reclamavam a creação d'uma associação, onde dia a dia se fossem discutindo os numerosos problemas que a clinica offerece, onde se fossem archivando novas observações, onde se promovesse o adiantamento de conhecimentos que de tão perto interessam ao homem. Tal a origem da creação da Sociedade das Sciencias Medicas que se levou a cabo em Lisboa no principio d'este seculo.

Em 1822 combinaram alguns medicos, cirurgiões e phar-

maceuticos de Lisboa constituir-se em sociedade. Convocaram uma reunião em 1 de dezembro, e ahi assentaram nas bases da nova instituição e procederam á eleição dos cargos. A sociedade, além da mesa da assembléa geral, dividia-se em cinco commissões, cada uma das quaes tinha um director e um vice-director. Eram as commissões de physiologia; de hygiene; de pathologia e therapeutica; de pharmacia, chimica e botanica; e, finalmente, de medicina legal e historia da medicina. No dia 11 do mesmo mez dirigiram-se alguns dos socios a D. João VI para lhe participarem a constituição da sociedade.

Desde logo começou a inscripção dos socios. Exigiam-se como condições de admissão: 1.º offerecer uma memoria á sociedade; 2.º acompanhar a memoria com uma carta dirigida ao presidente, na qual o candidato declarasse ser socio; contribuir com uma quota mensal para as despezas da sociedade e fazer-lhe o offerecimento de qualquer donativo em livros ou instrumentos.

Começaram desde logo os trabalhos, organisaram-se programmas, abriram-se concursos, e começaram a recolher-se memorias sobre differentes assumptos de medicina, cirurgia e pharmacia, noticias relativas a aguas mineraes e observações meteorologicas. Esperava-se mais abundante colheita até á terminação do anno. Antes, porém, a sociedade extinguira-se, em virtude das agitações politicas que se deram então no nosso paiz. Devia renascer mais tarde, em 1835, quando a liberdade, a cuja sombra se organisára a sociedade, se achava de novo implantada [1].

No periodo cuja historia temos descripto, não ha noticia de periodicos exclusivamente medicos que entre nós se publicassem. Ha, porém, que registar um certo numero de jornaes

---

[1] José Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos litterarios e scientificos*, tom. I e V.

scientificos que incluiam nas suas columnas trabalhos sobre a medicina. É o primeiro d'elles o *Jornal Encyclopedico*.

Publicado a principio pelas diligencias de Felix Antonio Castrioto, logo em seguida ao primeiro numero passou a ser redigido por Manuel Joaquim Henriques de Paiva, e dizem tambem que pelo medico de Penafiel Antonio d'Almeida.

Tendo um plano extremamente vasto, abraçando quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, deu cabimento nas suas paginas a muitas memorias originaes sobre medicina, devidas ás pennas dos seus redactores, e ainda ás de José Manuel Chaves, Manuel Gomes de Lima, Manuel José Leitão, Mendonça Moraes, Sá Mattos, etc.

Dava, além d'isso, conta do que se publicava de mais importante no estrangeiro, tornando-se por isso um valioso subsidio para a instrucção medica n'aquelle tempo e é para nós demonstração de que as sciencias medicas eram então cultivadas em Portugal por espiritos esclarecidos [1].

O principio do seculo foi de tal agitação no nosso paiz que de modo algum permittia que se cuidasse de assumptos litterarios.

Passada a invasão franceza, o paiz procurava restabelecer-se da desordem em que caíra, e em todos os ramos da actividade scientifica se trabalhava denodadamente. Era indispensavel um archivo para recolher os productos d'essa elaboração e tal foi a origem do *Jornal de Coimbra*.

Este periodico é certamente uma das publicações mais interessantes que viu o principio do seculo. Destinado a dar conta de todas as descobertas e progressos nas sciencias, deu logar nas suas columnas a importantes trabalhos de medicina, devidos ás pennas dos seus redactores e collaboradores, d'en-

---

[1] *Jornal encyclopedico dedicado á rainha n. senhora, e destinado para instrucção geral, com a noticia dos novos descobrimentos em todas as artes e sciencias*. Caderno I, de julho de 1779. Lisboa, officina de Antonio Rodrigues Galhardo. Anno de 1779. — Caderno II, de julho de 1788 e seguintes. Lisboa, Typographia Morazziana e em differentes typographias, de janeiro de 1789 em diante.

tre os quaes alguns como José Feliciano de Castilho, Bernardino Antonio Gomes e o medico de Penafiel Antonio d'Almeida deixaram de si excellente memoria.

Este ultimo, entre os variados artigos que publicou, reuniu uma collecção de documentos para a historia da medicina em Portugal, concorrendo para tornar realisavel uma obra analoga á que publicamos.

A importancia do *Jornal de Coimbra* redobrou quando, pelo decreto de 4 de outubro de 1812, os governadores do reino ordenaram que todos os medicos e cirurgiões providos nos partidos das camaras, hospitaes civis, casas de expostos, cadeias, etc., remettessem mensalmente aos provedores das comarcas uma relação das doenças que n'ellas haviam grassado, com indicação das causas a que as attribuiam e dos meios therapeuticos a que mais promptamente haviam cedido.

Estas contas mensaes passaram, pelo que ordenava o mesmo decreto, a ser publicadas no periodico de que nos occupamos, e d'ahi se vê o incremento que devia tomar. Tornou-se indispensavel dividir o jornal em duas partes: uma dedicada a assumptos de sciencias naturaes e preenchida quasi na totalidade por memorias de medicina e outra em que eram tratados objectos estranhos a estas sciencias. Foi a partir do n.º 16, de fevereiro de 1814, que esta modificação do plano primitivo se deu e assim continuou até que em 1820 deixou de se publicar.

Como subsidio para a historia da medicina portugueza difficilmente se encontrará collecção mais valiosa. Foram ahi tratadas as questões mais palpitantes, sobrelevando a todas aquella a que deu logar a analyse das quinas por Bernardino Gomes, quando este confirmou a existencia da cinchonina que Duncan apenas havia entrevisto [1].

Publicação analoga na sua natureza e fins ao *Jornal de Coimbra* foi a dada á luz, em 1818, por uma sociedade de por-

---

[1] *Jornal de Coimbra*. Lisboa, na Impressão Régia. Anno de 1812. Terminou com o vol. XVI, correspondente a 1820.

tuguezes residentes em Paris, com o titulo de *Annaes das Sciencias das Artes e Letras* e que se publicou regularmente em fasciculos trimensaes até abril de 1822.

Tendo em vista dar conta dos progressos que diariamente se faziam nas sciencias, deu cabimento nas suas paginas, além de noticias relativas á medicina, a grande numero de memorias que na maior parte são subscriptas com o nome de Francisco Solano Constancio, que, de companhia com José Diogo Mascárenhas Neto e Candido Xavier, foi o creador dos *Annaes,* associando-se mais tarde á redacção Mousinho de Albuquerque.

Se tal publicação não póde servir para attestar os nossos progressos nas sciencias, por isso que era o influxo das doutrinas que vogavam na capital do mundo civilisado, devia pelo menos exercer uma certa influencia como vehiculo de ideias quasi totalmente desconhecidas no nosso paiz. Esse alevantado serviço será tomado em conta ao apurar-se do patriotismo do seu redactor principal que se vira obrigado a abandonar a patria, por muito amor aos seus inimigos [1].

CONCLUSÃO

Encerramos aqui o nosso trabalho. A creação das escólas medico-cirurgicas em 1825 marca o inicio do periodo contemporaneo da historia da medicina e é prematuro, ao que se nos afigura, escrevel-o hoje. Em occasião opportuna, e se tivermos ensejo, o faremos.

Do que fica escripto parece-nos poder concluir o seguinte:

A medicina portugueza acompanhou sempre o movimento scientifico estrangeiro, orientando-se por elle, quer em materia de doutrina, quer na pratica.

---

[1] *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras: por uma sociedade de portuguezes residentes em Paris.* Paris, impresso por A. Bobée, 1818 e seguintes, comprehendendo 16 volumes.

Contribuiu algumas vezes para o seu progresso, como se viu no seculo XVI com Garcia da Horta, estudando as plantas indianas, com Henrique Cuellar commentando os textos hypocraticos, e com Amato Lusitano, estudando a flora medica portugueza, entregando-se devotadamente aos estudos anatomicos, abraçando com igual competencia a medicina e a cirurgia.

É sobretudo aos medicos judeus, peregrinos todos, que a medicina portugueza deve o seu maximo esplendor. São no seculo XVI Amato e Rodrigo de Castro, Zacuto no seculo XVII, Ribeiro Sanches no seculo XVIII.

A intolerancia religiosa foi o principal estorvo que encontrou, entre nós, o desenvolvimento da medicina, como de resto o de todas as outras sciencias.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

INDICE

QUARTO PERIODO

Da reforma da Universidade á creação das escólas medico-cirurgicas

(1772 — 1825)

MANOEL GOMES — Livreiro-Editor

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

RUA GARRETT (CHIADO), 70 E 72 — LISBOA

Extracto do Catalogo:

Revista portugueza de medicina e cirurgia praticas

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRIGIDA POR

ALFREDO LUIZ LOPES

Medico-cirurgião pela Escóla de Lisboa,
facultativo do Hospital de S. José e da Santa Casa da Misericordia de Lisboa,
membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra

Acaba de sahir o n.º 56 (Fevereiro 1899) do terceiro anno d'esta REVISTA quinzenal collaborada pelos principaes medicos do paiz.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Portugal e Hespanha		Para os estudantes das escólas medicas do paiz	
3 mezes	1$200 reis	3 mezes	750 reis
6 »	2$200 »	6 »	1$500 »
12 »	4$000 »	12 »	3$000 »

Dr. Alfredo Luiz Lopes

Aguas minero-medicinaes de Portugal. 1 vol. in-4.º de 480 pag. . . . . . . 1$200 reis

Estudo o mais completo publicado em portuguez sobre a situação, classificação, historia e emprego therapeutico das nascentes portuguezas.

Dr. Manoel Bento de Sousa

Discurso em homenagem ao Dr. A. Maria Barbosa. 1 vol. . . . . 200 reis

O Doutor Minerva. 2.ª edição augmentada com a resposta aos criticos da 1.ª edição. 1 vol. . . . . 700 reis

A Parvonia. Nova edição augmentada com uma carta-prefacio. 1 vol. . . . . . 700 reis

O valor das tres obras do grande mestre da medicina portugueza está no acolhimento que o publico lhes dispensou esgotando rapidamente as primeiras edições.

José de Lacerda

Os Neurasthenicos, prefaciado pelo professor Sousa Martins. 1 vol. . . . . . 500 reis

O intenso interesse que este livro tem produzido ainda se não apagou, já devido a tão importante estudo medico e philosophico, já ao valioso trabalho que o antecede, em que o Dr. Sousa Martins pôz nas 44 paginas que escreveu todo o seu alto saber e fino espirito.

Porto — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, rua da Cancella Velha, 70